UNIFORMES
DO
EXERCITO BRASILEIRO

MDCCCXXII
MCMXXII

OBRA COMMEMORATIVA
DO
CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL
EDIÇÃO ESPECIAL DO MINISTERIO DA GUERRA

Desenhos, aquarellas e documentos de J. Washt Rodrigues
Direcção geral e organisação do texto por Gustavo Barroso (João do Norte)

RIO DE JANEIRO E PARIS
1922

UNIFORMES
DO
EXERCITO BRASILEIRO

MDCCCXXII
MCMXXII

BIBLIOTHECA NACIONAL
1923
D. 712
do Rio de Janeiro

OBRA COMMEMORATIVA
DO
CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

EDIÇÃO ESPECIAL DO MINISTERIO DA GUERRA

Desenhos, aquarellas e documentos de J. Washt Rodrigues
Direcção geral e organisação do texto por Gustavo Barroso (João do Norte)

RIO DE JANEIRO E PARIS
1922

AS
9.V.60
Dupl.

A S. Ex.ª o Snr. Ministro da Guerra
do Brasil no Centenario da Independencia

Dr. Pandiá Calogeras

Homenagem de

J. Washt Rodrigues
e
Gustavo Barroso

I PARTE

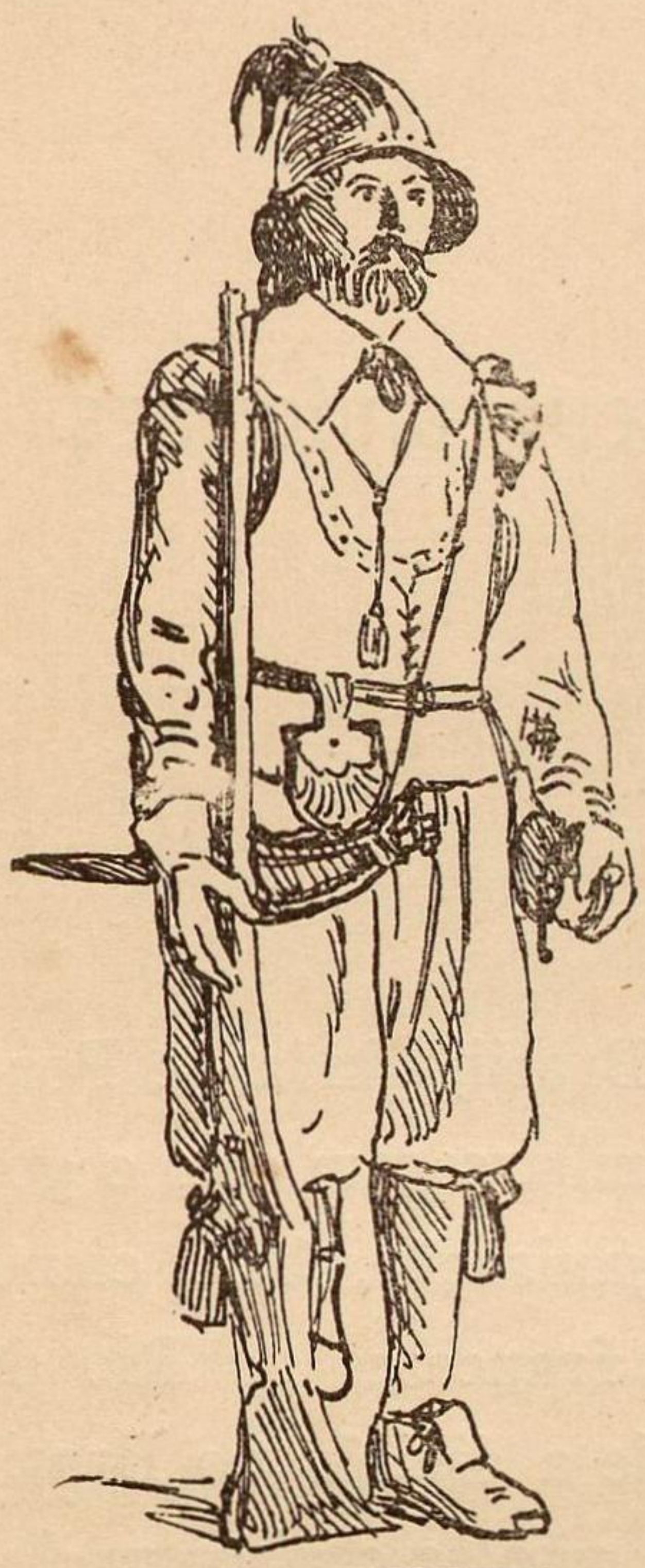
Historia da organisação do Exercito e de seus uniformes

CAPITULO I

Seculos XVI, XVII e XVIII — Brasil Colonia

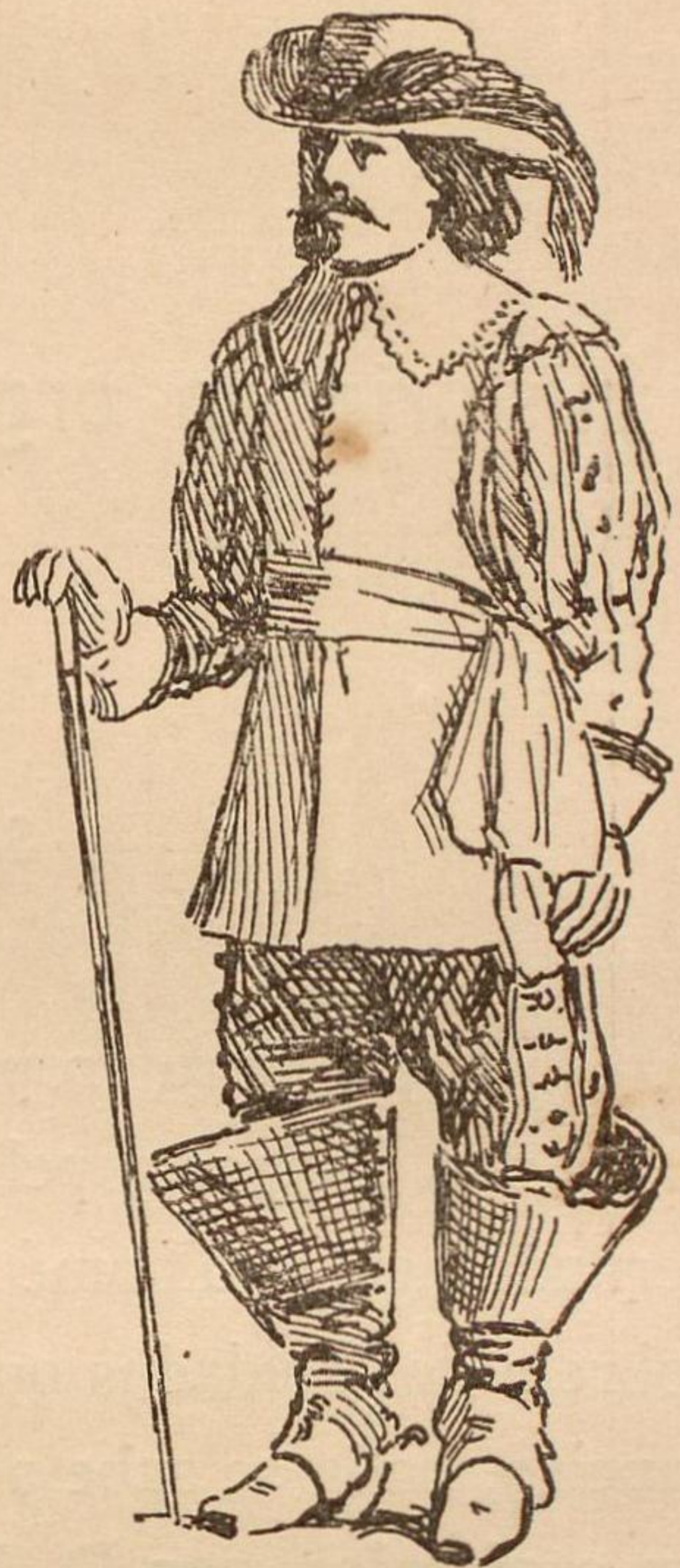
A primeira tropa mais ou menos regular que teve o Brasil, vinda de Portugal, foi composta pelos 600 voluntarios que, em 1549, desembarcaram com o governador geral Thomé de Souza, na Bahia. Sobre sua organisação, bem como sobre a dos soldados que, ás ordens dos Sás, combateram os francezes no Rio de Janeiro, nada se sabe ao certo. Assim, no seculo XVI, desde a divisão do Brasil em capitanias, por D. João III, até as invasões estrangeiras, não se conhecem documentos seguros da nossa vida militar.

No seculo XVII, a situação já é outra. Torna-se maior o interesse da metropole pelo paiz e a ambição de outras nações colonisadoras faz com que se pense mais na defesa do Brasil. Travam-se grandes lutas. As forças que nellas tomam parte são formadas no nosso proprio territorio, de accordo com os preceitos militares da época. Apparecem os terços de brancos, de pretos e de indios. O terço era a unidade tactica, que succedera, no occidente europeu, á variavel e confusa hoste ou mesnada medieval, como essa fôra successora da formidavel legião romana e essa da admiravel phalange greco-macedonica. O terço tinha dez companhias de cem homens cada uma, commandadas por capitães, que, em parada, como os das companhias actuaes, iam, em fileira, á frente, seguidos de dez pagens, levando, sobre almofadas de velludo, os seus capacetes emplumados. Era uma formação militar eminentemente peninsular, pois a creara o grande capitão espanhol Gonçalo de Cordova. Governava o terço um mestre de campo, auxiliado por um sargento-mór e por um ajudante. As primeiras companhias eram armadas de chuço e chilfarote; seus officiaes inferiores tinham espadas. As ultimas carregavam mosquetes e seus sargentos e cabos de esquadra, piques ou alabardas. Todos os officiaes subalternos e superiores andavam com bastões de commando *(figs. 1 e 2)*.



Sec. XVII
Mosqueteiro

FIG. 1



Sec. XVII
Official

FIG. 2

Em 1629, quando Mathias de Albuquerque chegou ao Recife, encontrou, para defender a capitania ameaçada pelos hollandezes, sómente 130 homens. Imagine-se que valor foi preciso tivessem os chefes dessa época, afim de organisar tropas capazes de escrever aquella epopéa coroada pelas victorias dos Guararapes. Nellas se distinguiram as celebres "companhias de assalto". Como nessa campanha Henrique Dias se tivesse coberto de gloria á frente de seu terço de pretos, durante mais ou menos dois seculos, existio no Exercito do Brasil uma formosa tradição: terços e, depois, regimentos, em Pernambuco, na Bahia e no Rio, de caçadores a pé, das milicias, com fardas brancas paramentadas de vermelho, compostos exclusivamente de negros e intitulados Henriques. Essa tradição infelizmente desappareceu.

Após a guerra hollandeza, o governador Britto Freire, restaurando a capitania de Pernambuco, deu-lhe uma de nossas mais antigas organisações militares conhecidas. Determinou que cada comarca fornecesse um terço de soldados locaes, dando uma companhia cada freguezia e sendo seus capitães e mestres de campo os homens de melhor posição entre seus habitantes. Desta sorte preparou uma como reserva de 6.500 infantes e 800 cavallos. Entretanto, deve-se notar que semelhantes organisações eram mais theoricas do que praticas, não correspondendo seus effectivos e formações irregulares, sob o commando de officiaes, que se armavam e fardavam á sua custa, ao que a lei preceituava. A tradição desses fazendeiros militares veio até nossos dias com os postos da Guarda Nacional.

Durante o seculo XVII, a organisação militar verdadeiramente digna de interesse no Brasil é a pernambucana, visto como aquella região sahia de uma terrivel luta. Após Britto Freire, em 1663, em plena paz, o conde de Obidos reformou o que aquelle fizera, reduzindo toda a tropa a dois unicos terços completos. Mais tarde, o governador Henrique Luiz Freire creou o regimento de dragões auxiliares, a pé, dividido em dois batalhões de dez companhias cada um, com 1.200 bayonetas, tambores e officiaes, repartido pelos districtos de Olinda, Recife, Beberibe, Cabo e Iguarassú. Havia mais, então, dois regimentos de cavallaria ligeira de ordenanças, um com 600 cavallos nos districtos de Itamaracá e Goyana, outro com 500, nos de Alagôas, Porto Calvo e Serinhaem.

Em Olinda e Recife estacionavam dois regimentos de infantaria paga, tropa activa, não territorial como as outras, cada qual com dez companhias, sendo uma dellas de granadeiros, e mais 150 soldados de artilharia. Eis o effectivo de cada companhia: 44 soldados, quatro cabos, dois sargentos, um alferes, um tenente, um capitão e um tambor; as de granadeiros eram maiores: 55 soldados, os mesmos inferiores e superiores e, além do tambor, um pifano ou pifaro.

Conservava-se, religiosamente, o terço preto de Henrique Dias, por patente do conde da Torre, de 4 de setembro de 1639, nomeado Primeiro Governador e Cabo dos Negros e Mulatos do Brasil.

Completava essa organisação militar uma força de 13 companhias de ordenanças (cavallaria) e quatro terços de infantaria, distribuidos por freguezias e comarcas. No meiado do seculo XVII, toda essa tropa era regularmente fardada e armada.

Com a mesma formação de reserva territorial, havia no Ceará e Rio Grande do Norte dois terços de infantaria e um regimento de ordenanças, cuja efficiencia era em extremo precaria. Ademais, umas duas companhias de infantaria, para guarnição dos fortes, chamadas "companhias fixas" ou "pés de castello". A mesma organisação, *mutatis mutandis*, nas outras capitanias.

No começo do seculo XVIII, de 1718 a 1720, assume a de Minas Geraes importancia maior, devido ás suas grupiaras auriferas e garimpos diamantiferos. O governo portuguez manda para alli, como guarnição e policia, as duas famosas companhias dos dragões reaes das Minas, com 60 homens cada uma.

Mais ou menos nesse tempo, a maior força armada do Brasil estava na Bahia. Existiam alli oito regimentos de ordenanças, supprimidos em 1739, creando-se, na mesma occasião, nas suas quatro ricas e populosas villas, quatro terços auxiliares com seus respectivos capitães-móres. Além de têrem participado da guerra hollandeza, as tropas bahianas fôram, em grande parte, mandadas para a restauração de Mombaça, e fizeram a campanha da colonia do Sacramento. Note-se mais que já a maioria da soldadesca e officialidade das forças auxiliares e mais de um terço dos effectivos das de linha eram de brasileiros natos. A guarnição da Bahia contava ainda um batalhão de artilharia com seis companhias, commandado por um tenente-general, tendo como officiaes um condestavel, um sargento-mór, um ajudante, cinco capitães e tenentes; e dois regimentos de infantaria, com um total de 1.500 homens.

A unidade tactica vencedora, então, na tropa de linha, era o regimento de typo francez. O terço ficára sómente para a reserva. Havia quatro terços auxiliares: o da cidade, o da Torre, o de Pirajá e o de Itaparica. O da cidade, maior que os outros, 12 companhias. Mais um "aggregado" ou terço de ordenanças, com 23 companhias formadas pelos estudantes, lettrados, moedeiros, gente de justiça e de negocios, calafates, familiares e empregados das arrecadações. Um total de 1.742 homens. Emfim, o terço tradicional dos Henriques e as companhias de infantaria ou ordenanças de cada cidade e de cada villa.

Os mais antigos documentos sobre uniformes de soldados do Brasil existem no Archivo de Bello Horizonte (V. Documentação Geral). Referem-se ás duas companhias de dragões reaes das Minas, conforme estão na nossa estampa 1, a primeira com canhões, véstias e fórros amarellos, a segunda com elles vermelhos.

No Archivo Publico de S. Paulo, ha figurinos mandados pintar, em 1765, pelo capitão-general Souza Botelho (V. Doc. Gal.), dos quaes se verifica que a capitania estava dividida em duas jurisdicções militares: S. Paulo e Villas do Norte, Curityba e Villas do Sul. As guarnições do littoral denominam-se tropas de Marinha (estampa 2). No interior, havia dragões a pé e a cavallo, bem como cavallaria auxiliar (estampa 3). Os dragões, creados pelo rei Gustavo Adolfo e pelo marechal de Brissac, adoptando uma designação que vinha dos dragonarios romanos, sempre fôram infantaria montada. Napoleão ainda teve regimentos de dragões a pé. Das estampas citadas, se vê que os tópes dos chapéos não têm as côres da nação e sim as do regimento. O tópe portuguez era azul e vermelho — côres nacionaes na época. As azul e branco eram privativas da casa de Bragança e só posteriormente se tornaram nacionaes.

Um manuscripto grande, sem data, com illustrações, do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.) forneceu as bases das estampas 4 a 12, datadas de 1767, porque taes uniformes correspondem pelo córte, côres e ornatos aos desse tempo. Os officiaes de infantaria usam o gorjal ("hausse-col" dos francezes), ultima reminiscencia da couraça do nobre. A cavallaria calça caracteristicas botas de canhão. Toda a officialidade tem bastão e tricornio. A farda dos tambores é geralmente da côr da gola ou do canhão do regimento, uso geral na Europa, que durou até os pomposos regimentos da guarda imperial de Napoleão III. Conservavam-se as bandas carmins dos officiaes do seculo XVII e as faixas brancas dos coroneis e mestres de campo antigos. Ainda os sargentos carregavam terçado, chuça, lança curta, pique ou alabarda, tradição que levou seculos a morrer. Em Portugal e no Brasil, sobretudo. Os inferiores da celebre Legião Portugueza de Napoleão tiveram alabardas de prata. Os sargentos brasileiros trouxeram a lança curta até o segundo reinado.

Na estampa 4, apparece o regimento lusitano de Moura e, na 5, o de Bragança, que, provavelmente, o governo portuguez mandou para o Brasil ahi por 1763, afim de combater os castelhanos do sul. Da mesma documentação se origina a estampa 6, onde estão as duas companhias de cavallaria da guarda dos vice-reis, o primeiro corpo de escól no nosso paiz. Nasceu com a transferencia da séde do vice-reinado da Bahia para o Rio, no governo do conde da Cunha, 1763-1767. Esse organisou a 1ª companhia e seu successor, o conde de Azambuja, a segunda. Essa época, a da mais importante organisação militar do Brasil Colonia, devido aos poderes mais latos conferidos aos vice-reis e ás necessidades decorrentes das guerras sulinas. A referida guarda usava o capacete caracteristico dos dragões contemporaneos, creado para os de Luiz XIV, que da França se espalhára pelo mundo. Cimeira e cauda lembrando as do casco dos legionarios romanos e cataphractarios gregos. Em derredor, uma cinta de panno; outras vezes, de pelle mosqueada, de onça, entre nós, que ainda os dragões de Napoleão e de Luiz Philippe tiveram. Botas de canhão, semelhantes ás dos jockeys e cocheiros actuaes, mas muito proprias da elegancia militar e civil até a Revolução Franceza.

O conde da Cunha reorganisou os tres regimentos da guarnição do Rio de Janeiro: o de artilharia (estampa 7), com golas e canhões pretos; o 1° de infantaria, o Velho, e o 2° da mesma arma, aquelle com enfeites e metaes brancos, este com amarellos (estampas 8 e 9). Pela regra geral a que nos referimos, deveriam ser negros os tambores da artilharia, mas são todos vermelhos, porque de negro se confundiriam com os soldados. A côr preta ficou uma tradição da arma, e tão forte, que até hoje seu pennacho é preto ou preto e vermelho. Os botões e metaes brancos duraram no Exercito até D. João VI, quando passaram para as milicias, menos para os Henriques, cujo uniforme branco exigia botões e metaes dourados.

Existiam na capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul as seguintes forças: companhias avulsas de infantaria e artilharia (estampa 10), regimento de dragões, creado em 1737, e cavallaria auxiliar (estampa 11), cavallaria ligeira de Viamam, regimentos da praça da Colonia e da ilha de Santa Catharina (estampa 12). Nesse tempo essas cidades eram centros militares importantes, como, em São Paulo, Taubaté, Guarulhos e Guaratinguetá.

No seculo XVIII, o typo geral dos uniformes para officiaes é este: tricornio agaloado, com laço á esquerda e presilha; casaca com fórros e canhões das côres regimentaes; ao principio, canhões amplos, cheios de casas e botões, depois, menores, até se tornarem da largura das mangas; camisas com bófes e punhos de rendas, que sómente desappareceram no começo do seculo XIX, menos em França, onde logo a Revolução os matou; bandas da côr dos fórros, enchendo a frente das casacas, do pescoço á cintura; estas tinham abas longas e eram abertas, tendo-se fechado, a pouco e pouco, com o tempo. A véstia — antepassado do collete — tinha os mesmos galões que a casaca e, sobre ella, se abotoava o talim. Os calções, com botões, galão e fivella logo abaixo do joelho, aberto na frente, em alçapão, foi, mais tarde, substituido pela pantalona de presilha e, emfim, pela calça commum. *(Figura 3.)* Quando o militar estava de botas, as meias cobriam os joelhos. Sapatos e polainas curtos, caracteristicos das tropas portuguezas e brasileiras, pois as allemãs, inglezas, hespanholas e francezas sempre os tiveram altos, muitas vezes as polainas até o meio da côxa. Gravata, em geral, negra, com o gorjal dourado por baixo. Cabellos empoados, rabicho e laço, o que ainda a guarda imperial de Napoleão I usou em grande uniforme. Faixa carmim, boldrié ou talabarte de velludo agaloado, bastão de castão de ouro lavrado para os coroneis, de ouro simples para os tenentes-coroneis, de prata lavrada para os sargentos-móres (majores), de prata singela para os capitães, de marfim para os tenentes e alferes. Os soldados tinham mais ou menos o mesmo uniforme, mas com cadarços de lã branca ou amarella, em logar de galões de prata e de ouro. Correame encruzado: á direita, patrona; á esquerda, sabre, terçado ou chilfarote, e bayoneta triangular, para os granadeiros; bayoneta unicamente, para os fuzileiros. As mochilas, simples, apparecem ao apagar das luzes do seculo XVIII.

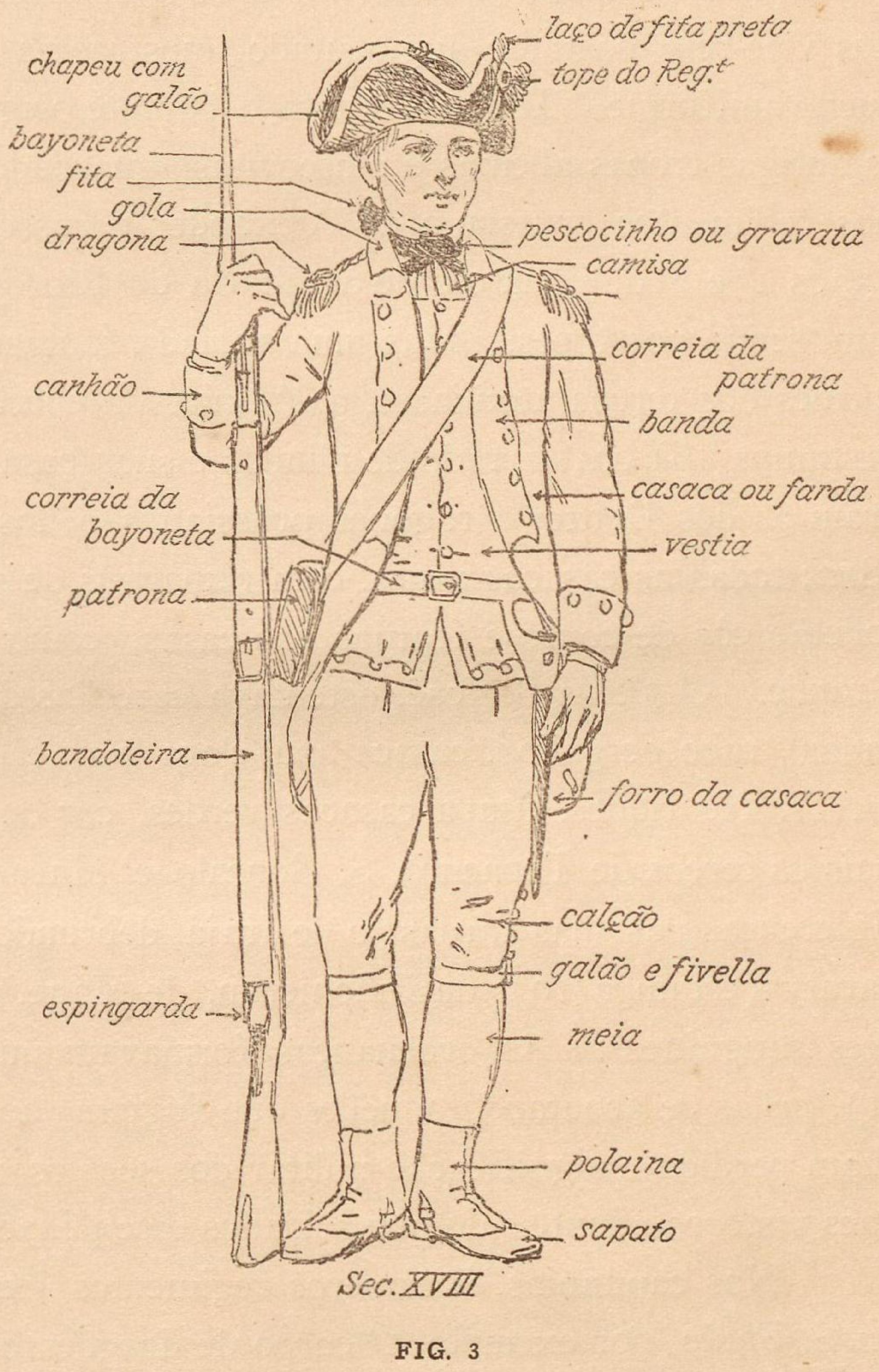

laço de fita preta
tope do Regᵗᵉ
chapeu com galão
bayoneta
fita
gola
dragona
pescocinho ou gravata
camisa
correia da patrona
canhão
banda
casaca ou farda
correia da bayoneta
vestia
patrona
bandoleira
forro da casaca
calção
galão e fivella
espingarda
meia
polaina
sapato
Sec. XVIII

FIG. 3

De 1769 a 1779, o vice-rei marquez do Lavradio, reorganisou os quatro terços, a cavallaria auxiliar e o esquadrão da guarda dos vice-reis com as suas duas companhias. Em 1776, todas as tropas do Rio estavam nas fronteiras do sul, menos a 1ª companhia do citado esquadrão, o 2º regimento de infantaria e o de artilharia. Chegavam á capital do Brasil, vindo da metropole, o 1º regimento de infantaria do Porto, e, vindos da Bahia, o 1º e o 2º de infantaria d'alli. Promptos para qualquer serviço se achavam quatro terços auxiliares, do 1º dos quaes era mestre de campo o proprio vice-rei, o que se tornou tradicional. Em Minas estavam em pé de guerra seis regimentos de cavallaria, sendo mestre de campo do 1º o capitão-general governador, varios terços e 40 companhias de pretos e de pardos. Todas as tropas do sul entravam em campanha. Havia, em S. Paulo, preparadas, a infantaria local e a legião dos voluntarios reaes. Levas de recrutas açorianos preenchiam os claros dos regimentos portuguezes. Organisavam-se para a luta os celebres "aventureiros paulistas". As ordenanças eram irregulares e pessimamente armadas.

Dos figurinos de Rangél, de 1786 (V. Doc. Gal.), se compuzeram as estampas numeradas de 13 a 21. Surge o regimento luso de Extremós, levado, em 1802, para o Pará, e lá dissolvido após a Independencia. O esquadrão da guarda dos vice-reis, bastante augmentado, mostra, na estampa 14, seu grande e seu pequeno uniforme. Digno de nota o barrete original, em fórma de mitra, commum ás antigas tropas allemãs e moscovitas, guardado, até nossos dias, por tradição, nos regimentos prussiano de Alexander e russo de Preobadjensky. Na estampa 15, os 1° e 2° de linha e o de artilharia do Rio quasi nenhuma differença apresentam, senão nos tópes. Mas uma variada fantasia de côres e ornatos cobre os uniformes dos terços auxiliares, a 2ª linha da época. O chapéo do 1° da Candelaria (estampa 16) era forrado de plumas e suas casas bordadas, em fórma de S, lembram as dos Dritter Dragoner prussianos e dos generaes de brigada russos, em 1812; todas as casacas azues, com ramagens de prata. O 2°, de Santa Rita, tinha colletão côr de couro e franjas nas casas, como os granadeiros de Frederico o Grande. O 3°, de S. José, ostentava carcellas douradas. O 4°, dos pardos, de espadas "rabo de gallo", casaca azul-clara e calção gemma de ovo. O dos pretos forros, Henriques, usava casacas verdes, côr de periquito. Fóra da cidade havia mais os terços de Tapacurá, S. Gonçalo e Marapiá (estampa 17), com pequenas differenças nas suas fardas; o de Irajá, debruado de azul; os da Ilha Grande, de Paraty (estampa 19), de Inhomerim, de Magé, de Macacú e de Campos, com colletes sanguineos. As ordenanças formavam uma como 3ª linha (estampas 20 e 21), nellas se acoutando aquelles que fugiam ao recrutamento dos terços. Tinham perdido a significação militar dos seculos anteriores e possuiam mais officiaes vistosos e inuteis do que soldados disciplinados e capazes.

Nas capitanias, innumeros regimentos locaes de linha e terços auxiliares: em S. Paulo, por exemplo, 1° corpo de dragões de S. Paulo e Villas do Sul, 2° de cavallaria ligeira de Guaratinguetá e Villas do Norte (estampas 2 e 3), 1° de infantaria da Serra Acima de S. Paulo e Villas do Sul, 2° de Guaratinguetá e Villas do Norte e corpos de infantaria de Santos e de Curityba.

Em 1779, ha tres regimentos de infantaria no Rio de Janeiro, cada um com a formação tactica da época: uma companhia de granadeiros, uma de caçadores, correspondendo á de "voltigeurs" nos regimentos francezes, e oito de fusileiros, sendo a 1ª chamada do coronel, a 2ª do tenente-coronel e a 3ª do major. Velha tradição portugueza, identica áquella que fazia, no antigo exercito francez, ser o 1º regimento de qualquer arma do rei, o 2º da rainha, o 3º do delphim, o 4º do coronel-general, se de cavallaria, do mestre de campo general, se de artilharia, do marechal, se de infantaria. O regimento de artilharia do Rio tinha uma companhia de bombeiros, uma de mineiros e uma de artifices, sendo as sete restantes iguaes ás de infantaria. O regimento de Extremós seguia para as operações no sul, de onde iria para o Pará. Os effectivos dos de Moura e de Bragança, reunidos aos dos dois do Rio, serviram para se formarem tres regimentos de infantes: o 1º, ora chamado de Bragança, ora o Velho; o 2º, o Novo, e o 3º, o de Moura. Os terços auxiliares transformaram-se em regimentos de milicias, numerados pelas mesmas freguezias anteriores, organisados com o mesmo numero de companhias que os de linha. O corpo de ordenanças, commandado por um capitão-mór, tinha 15 companhias espalhadas pelas freguezias dos arredores. Tinham, nas provincias, desapparecido os dragões do Rio Grande do Sul e os regimentos da Colonia e de Santa Catharina.

Os figurinos de Santos Vilhena (V. Doc. Gal.) dão idéa exacta dos fardamentos no fim do seculo XVIII. Sente-se na grande alteração das linhas a influencia franceza. Ha soldados que lembram os da Revolução. Desapparece o tricornio. Surge o bicornio a tres pancadas, com pennacho. A casaca dos officiaes tem traspasse e bandas pontudas, as abas são longas, as espadas largas e curvas, e as faixas de cachos compridos. Da estampa 22 vê-se bem que as fardas dos soldados começam a ficar curtas. Os tarugos são de frócos de algodão, em fórma de chamma, objecto tradicional. Os officiaes usam um bico do chapéo para a frente *(fig. 4)* e dragonas metallicas, com ou sem escamas; as dos soldados são de panno. Ainda ha a fita no cabello, que só desapparece em 1806.

Guardam-se as tradições das côres regimentaes. O 1º regimento de infantaria da Bahia mantem o branco, que lhe foi dado quando o crearam terço, desde 1642, até ser transformado em regimento, por ordem régia de D. João V, em 1750. O 2º tinha o amarello, e seus officiaes cobriam-se com um chapéo redondo, emplumado, ao gosto inglez, que lutava contra o francez. A artilharia conservava a côr preta, da sua tradição, em todo o Brasil. E officiaes pacholas levavam na lapella ramilhetes de flôres.

Chamava-se ao 1º de milicias o de Uteis (estampa 23), creado pelo general Manoel da C. Menezes, cujos commandantes eram sempre os governadores e que se compunha da gente do alto commercio. Seu uniforme era encarnado, paramentado de branco. No 2º de milicias, entrava gente mais modesta — taverneiros e operarios. A farda era azul e amarella. Havia mais o regimento de pardos, para os mestiços, com galões e botões brancos, pluma azul-clara, de ponta rubra, fardamento azul-ferrete com gola, canhões, fórros e bandas vermelhas e o correame branco; o de Henriques, para os negros, de branco, enfeitado de vermelho; a companhia de familiares, de encarnado e verde; dois corpos de capitães de assalto — lembrança da guerra hollandeza — de capacetes guarnecidos de fitas rubras e fardas azues ornadas de verde. Em cada um desses corpos, a 1ª companhia usava dragonas verdes com franjas brancas, e a 2ª, azues, com as mesmas franjas. Fa-

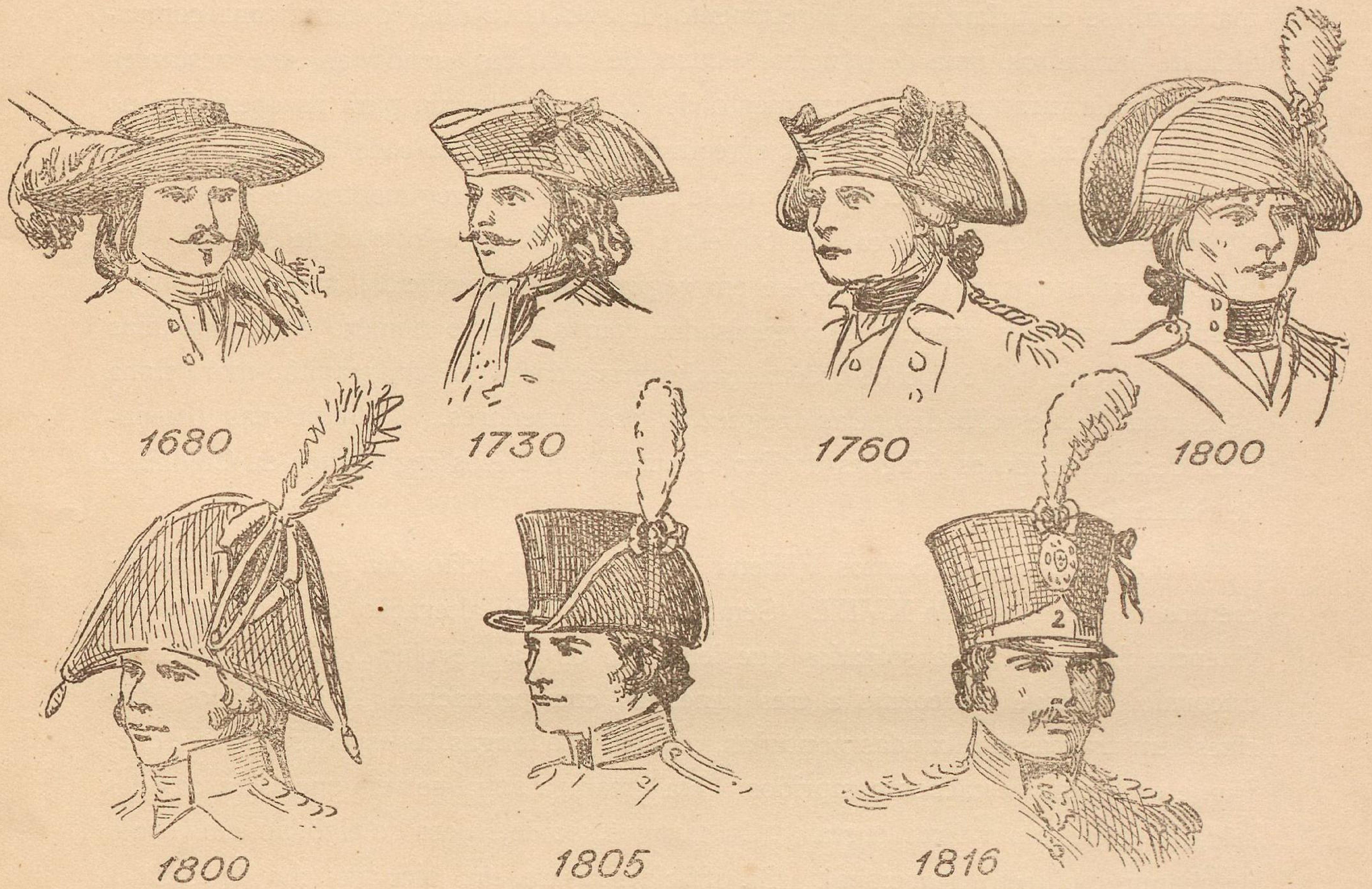


FIG. 4

ziam os serviços de correios, vigilancia e perseguição de escravos fugidos. Eram uma especie de policia.

Mais ainda: dois terços de ordenanças, o do norte, fardado de azul, sem gola e com metaes prateados, e o do sul, com a mesma farda e metaes dourados, e um corpo de cavallaria auxiliar, dissolvido, em 1800, por ter quatro soldados e 40 officiaes!

Nesse tempo, o gosto inglez quasi predomina no nosso fardamento, com o uso dos chapéos altos para a tropa. A barretina dos machadeiros é de linha ingleza. Conserva-se o gorjal.

Violento e curioso, o systema de recrutamento. A certa hora, prendiam-se todos os homens que se encontravam na cidade. Depois, entre elles, as autoridades escolhiam os que deviam assentar praça.

CAPITULO II

Seculo XIX — Brasil Reino

A expansão do imperialismo napoleonico e a resistencia que lhe oppôz o poderio inglez determinaram, na Europa, uma série de acontecimentos, cuja repercussão na peninsula Iberica forçou a côrte de Lisbôa a refugiar-se no Brasil. Installado no Rio de Janeiro, vio o principe regente a necessidade de dar melhor organisação ás forças da colonia elevada a reino. Na capital brasileira, existiam os antigos regimentos, com os uniformes bastante modificados. O granadeiro do 1° regimento de linha da estampa 24 mostra bem essa mudança. Traz a cartola guarnecida, na cópa, por uma tira de pelle, desde a parte anterior até a posterior, conforme usaram as milicias portuguezas do fim do seculo XVIII a 1806. Documentam as fardas dessa época figurinos contidos num manuscripto datado de 1800, na Bibliotheca Nacional (V. Doc. Gal.). Verifica-se por elles que, então, as companhias de granadeiros, fusileiros e caçadores de cada regimento de infantaria distinguiam-se pelo correame, fardamento e armamento. Dentro em pouco, cada qual dessas especialidades da mesma arma formou unidades tacticas á parte.

A 13 de maio de 1808, o principe creou o 1° regimento de cavallaria do Exercito, ainda hoje existente, o nosso corpo mais antigo, para cuja formação servio de base o velho esquadrão da guarda dos vice-reis. Deu-lhe o mesmo quadro das unidades portuguezas dessa arma: oito companhias. No mesmo dia, creou a guarda real do principe ou archeiros da guarda real, para serviço do paço e pessoal do monarcha, incumbindo o marquez das Bellas, que tinha vindo, como capitão, com alguns archeiros de Portugal, de commandar os seus 25 homens. Regularisou o corpo da brigada real de marinha, tornando-o num regimento de artilharia de marinha, com tres batalhões de oito companhias cada um. Desse corpo se originou o actual batalhão de fusileiros navaes, que conserva no seu fardamento o estylo inglez da sua origem.

Um parenthesis, para seguir a vida dessa unidade tradicional na nossa historia militar. Em 24 de outubro de 1822, D. Pedro fêl-o batalhão de artilharia a pé do Rio de Janeiro. Em janeiro de 1826, mudou-o em imperial brigada de artilharia de marinha, com 1.753 praças, ao principio, e, mais tarde, 3.000. Em 1847, deram-lhe o titulo de fusileiros navaes. Na Republica, tem sido batalhão naval e infantaria de marinha.

D. João VI desdobrou mais a brigada de cavallaria de milicias em dois regimentos e augmentou o batalhão de caçadores Henriques, tornando-o regimento. Em Pernambuco, creou o corpo de voluntarios reaes, com o effectivo de 1.000 homens. Em S. Paulo, havia a legião fundada pelo capitão-general Martins Lopes, em virtude de uma carta régia de 1775 (V. Doc. Gal.), que esteve sempre no sul, tendo, alli, ainda em 1814, 2.500 homens, composta desta maneira: dois batalhões de infantaria, tres esquadrões de cavallaria e tres companhias de artilharia. Existia, independente, um regimento de infantaria. D. João deu nova organisação a essas tropas. A legião passou a ter tres batalhões de infantaria, quatro esquadrões de cavallaria, duas baterias de artilharia a cavallo e uma companhia de artilheiros-cavalleiros. O regimento independente foi dividido em 1° e 2° batalhões de caçadores. Instituio-se um regimento de cavallaria de milicias, com estado-maior e quatro esquadrões formados por destacamentos dos tres regimentos de cavallaria de milicias da capitania. Manteve-se na praça de Santos o regimento de caçadores, que datava de 1766.

As milicias paulistas constavam, então, de 11 regimentos, distribuidos pelas cidades e villas, sendo seis de infantaria, tres de cavallaria e dois de artilharia. Os de cavallaria tinham sido organisados pelo capitão-general Manoel de Mello. Delles, D. João VI tirou as praças que compuzeram o regimento de voluntarios de milicias a cavallo.

De accordo com os figurinos acima citados, verifica-se que raros pormenores dos uniformes lembram o seculo XVIII. As fardas são fechadas, as bandas, reunidas, formam o peitilho, as calças, collantes e compridas, terminam dentro das polainas. Na estampa 24, o fusileiro e o caçador trazem já o correame amarello, que começa a ser usado; o caçador tem os distinctivos que, durante muitos annos, guardaria — o pennacho verde e a trompa. Esta foi recentemente restaurada pela Republica e é o emblema classico da arma em toda a parte.

Encontram-se as fardas da Bahia num caderno de figurinos, ingenuamente pintados, datado de 1800, na Bibliotheca Nacional (V. Doc. Gal.). Temos, na estampa 25, o 1° regimento de infantaria d'alli, com chapéo redondo, de aba esquerda levantada, muito commum nas primeiras decadas do seculo XIX. Parece que nasceu na marinha ingleza, da qual passou para Portugal e para o Brasil. Os uruguayos o usaram na guerra da Independencia e os carabineiros belgas ainda o usam, afim de recordar as milicias patrioticas de 1830. A farda é curta, presa na frente por colchetes. Pantalonas de pala sobre as botas, formando polainas. Equipamento antigo. O barrete de pêlo dos porta-machados identico ao tradicional dos granadeiros, isto é, ao que sempre assignalou as tropas pesadas. O tambor, por excepção, todo de amarello e não de branco, côr da gola da tropa. A casaca do musico, á antiga, tem casas de ouro, mais tarde transformadas em alamares.

A estampa 25 mostra os caçadores com pennacho verde e os officiaes de banda enrolada. A faixa envolve-lhes a cintura. Outróra, fôra branca, larga e comprida, porque era a mortalha do militar. Dessa serventia, as reminiscencias, ás vezes, do seu tamanho. Nos soldados, os cinturões, que, atravez de decadas, seriam privativos dos caçadores. Segundo o "Brasil Historico" (V. Doc. Gal.), no seculo XVIII, os uniformes dos caçadores e da artilharia da Bahia eram quasi identicos a estes, sendo que os primeiros tinham dois pennachos brancos. Infelizmente, não é colorida a gravura da obra citada.

D. João VI, logo em 1809, voltou sua attenção para o desenvolvimento da artilharia, fundando um corpo de artilharia a cavallo e o dos artifices do arsenal, no Rio. Com soldados escolhidos na infantaria e cavallaria da côrte, formou a guarda real de policia, armada e fardada como a sua congenere de Lisbôa. Della nasceu a actual brigada policial ou policia militar da Capital Federal.

O governo real separou a capitania do Rio Grande do Sul de Santa Catharina, reorganisando alli a tropa existente. Obteve, assim, um regimento de dragões, com 956 homens e um batalhão de caçadores, com 610. Na Bahia, do 2° regimento de infantaria levantou uma legião de caçadores com tres batalhões a pé e dois esquadrões a cavallo, perfazendo o total de 2.296 homens.

Nessa época, o recrutamento era feito de tres maneiras: o recruta á força, que servia 16 annos; o voluntario, que servia oito, e o semestreiro, filho do lavrador ou do ricaço, que servia seis mezes no primeiro anno de praça e tres em cada anno dos sete seguintes. Os milicianos, terminado seu tempo de serviço, deviam conservar o uniforme e o armamento reiunos por tempo igual ao que tivessem passado nas fileiras, estando promptos para qualquer chamado. Ao cabo de 25 annos, pertencia-lhes tudo o que lhes fornecera o governo. Os regulamentos militares contemporaneos davam os preços por que pagava o governo os trophéos tomados ao inimigo: 4$800, uma espingarda com bayoneta, 48$000, um canhão ou uma bandeira! Tempos bons, em que, no Rio de Janeiro, Santo Antonio era promovido a major de infantaria, percebendo o respectivo soldo!

Não ficou nisso sómente o interesse de D. João VI pela organisação militar do Brasil. Datam de seu governo a instituição da real academia militar, a inauguração de novas officinas na fabrica de armas da fortaleza de Santa Cruz, creada, em 1765, pelo conde da Cunha; a installação de varias fabricas de espingardas em Minas e a organisação das divisões dessa provincia; a creação de pedestres, dragões, pretos, pardos, policias e milicias na Bahia, no Rio Grande do Sul, no Ceará, em Goyaz, Marianna e Ouro Preto, e a fundação do regimento dos guaranys, composto de indios, nas Missões. Em 1813, ainda se preparam tropas no Rio Pardo e no Ceará. Em 1815, crêam-se a artilharia do Maranhão e o corpo dos veteranos, para invalidos.

Nos Annaes do Archivo Publico, as informações completas sobre as forças de Pernambuco deram em resultado a estampa 27: linha, milicias, pardos, nobres, cavallaria da guarda, familiares, Henriques do regimento velho e do novo, forasteiros brancos, ordenanças, corpos da conquista e de entradas e sahidas. Os uniformes parahybanos contemporaneos, da estampa 28, foram copiados da torre do Tombo (V. Doc. Gal.), sendo nelles digno de relevo o chapéo-claque do official, diverso do do soldado.

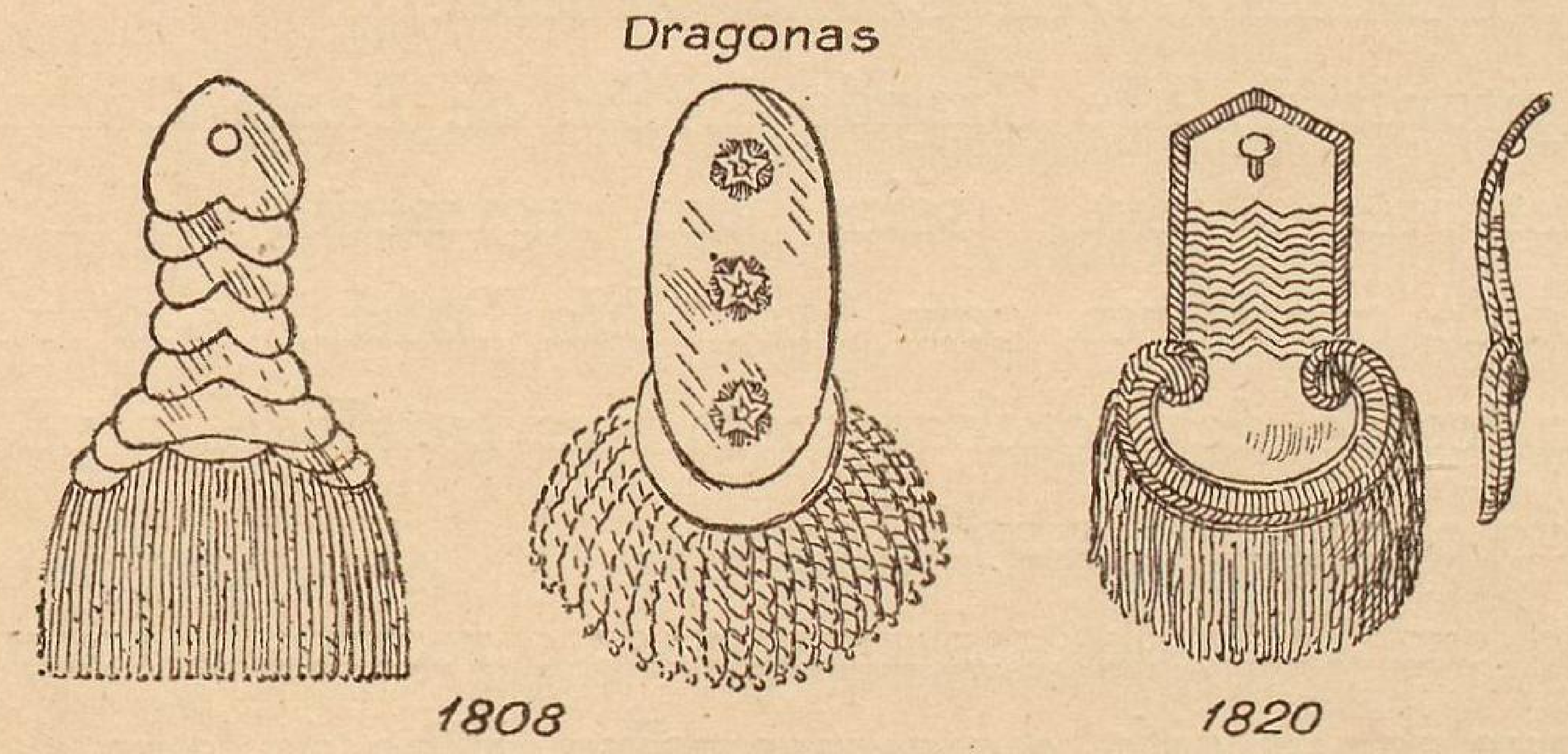


FIG. 5

Em 1808, o governo portuguez publicou um plano de fardamentos especiaes para seus generaes e estado-maior, contidos na estampa 29. Approxima-se dos modelos francezes da Revolução e do Imperio: casacas chamarradas de ouro, exaggerado chapéo claque de dois bicos. A lei de 19 de maio de 1806, que approvou o plano geral de uniformes do exercito portuguez, grandemente influio sobre os do Brasil. Ella confessa as influencias estranhas, dizendo, litteralmente, que o modelo da barretina é o inglez. Della vieram as pantalonas e as elegantes casacas fechadas. Conheciam-se os postos pelas dragonas, o que durou bastante no Brasil *(fig. 5)*. Os generaes continuam com os fardões do seculo XVIII, á franceza. Têm vivos brancos e distinguem-se pelas estrellas e bordados *(fig. 6)*.

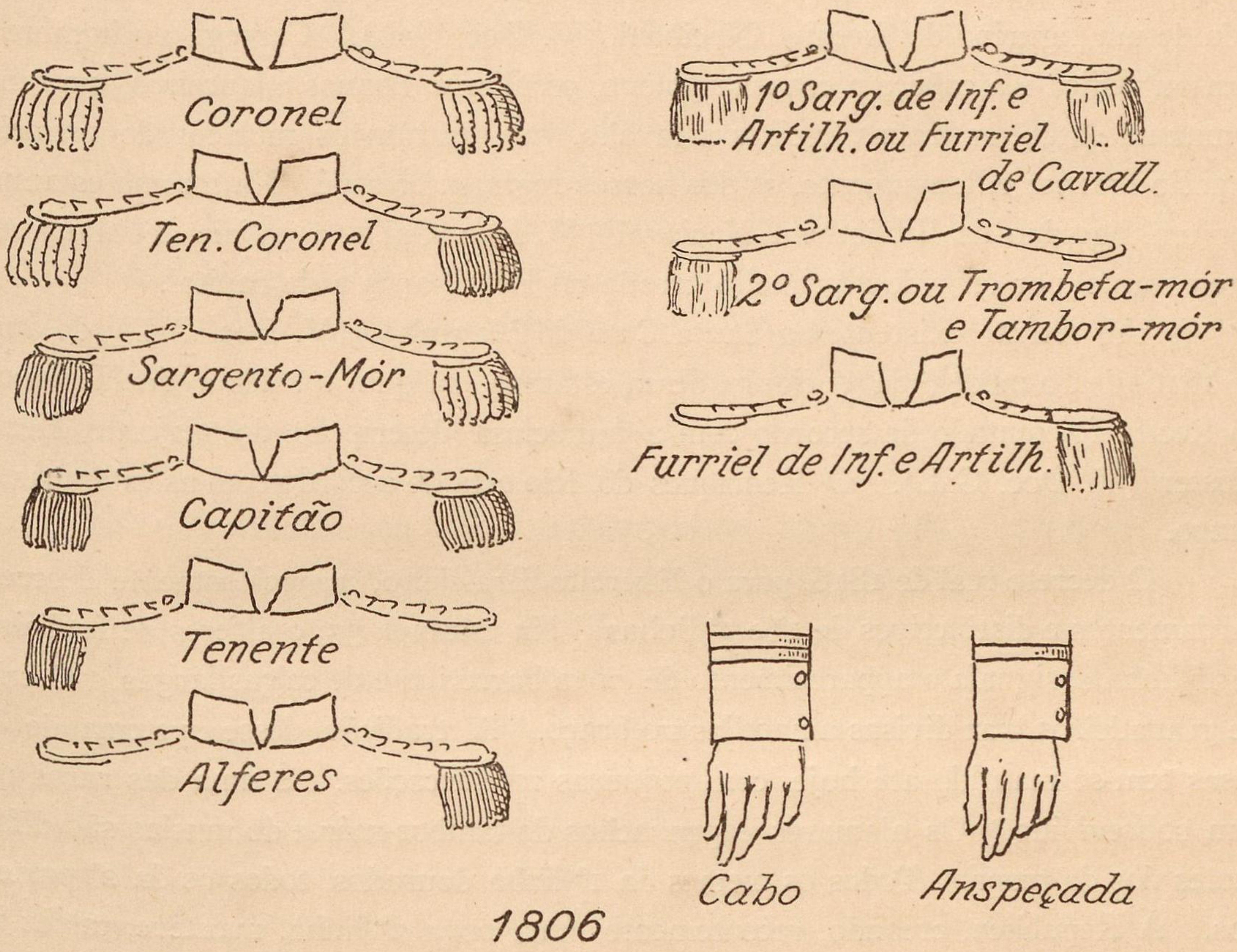

Coronel
Ten. Coronel
Sargento-Mór
Capitão
Tenente
Alferes
1º Sarg. de Inf. e Artilh. ou Furriel de Cavall.
2º Sarg. ou Trombeta-mór e Tambor-mór
Furriel de Inf. e Artilh.
Cabo
Anspeçada
1806

FIG. 6

Um facto muito notavel na vida militar do reinado de D. João VI foi a vinda para aqui de uma divisão portugueza, a divisão auxiliadora, devido ás guerras no Prata. Compunha-se de dois batalhões de caçadores, intitulados voluntarios reaes do principe e, depois, d'el-rei; tres esquadrões de cavallaria e uma companhia de artilharia, num total de 4.831 homens. Repousaram dias e tomaram parte na parada que Debret reproduz num desenho, onde se vêm os officiaes com crepe no braço por luto da rainha D. Maria I. D'ahi a pouco tempo, essa força partia para as fronteiras.

Nossa estampa 31 dá os regimentos do Rio de Janeiro com barretinas do typo portuguez e as divisas da campanha de Cayena, no braço dos soldados de artilharia. Apparecem, na cavallaria, as calças largas de brim e as véstias de lavar. A estampa 32 contem o clarim de cavallaria do districto de Sacra Familia, com farda de hussár, caracteristica da cavallaria ligeira do tempo, á hungara, reproduzida de um figurino do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.). Carrega ao hombro a niza ou pelliça e á cabeça o czapska polono, peculiar a ulhanos e lanceiros, um tanto commum, então, ás tropas ligeiras a cavallo, que usaram os musicos do primeiro imperio françez e, longamente, os dos nossos regimentos a pé. Na mesma estampa, por um figurino da Bibliotheca Nacional (V. Doc. Gal.), a policia de Marianna, interessante, por ter sido a primeira creada no Brasil após a da capital.

Um retrato existente na Santa Casa do Maranhão (V. Doc. Gal.), do anno de 1816, deu o modelo da 3ª figura dessa estampa, na qual o soldado de Henriques do Recife foi pintado de accordo com a minuciosa descripção do viajante Henry Koster (V. Doc. Gal.). O Henriques do Rio está de accordo com as estampas do tempo.

O decreto real de 1816, para o Exercito Brasileiro, minuciosamente descreve fardamentos e distinctivos de 1ª e 2ª linhas. Na estampa 33, o alferes de fusileiros de 1ª linha assignala o apparecimento de nova barretina e de calças largas. O cabo de granadeiros traz divisas amarellas no braço. A tradição desse systema de divisas tem-se mantido até hoje, com pequenas modificações. É uma das raras que têm sobrevivido. Os alamares e pennachos do tambor-mór e do musico são differentes dos da tropa. Todos os metaes da 1ª linha dourados, todos os da 2ª prateados. A Republica, creando, recentemente, uma nova 2ª linha, manteve, talvez inconscientemente, a distincção tradicional (estampa 34). Nella, uma minucia, que tráe a influencia dos exercitos europeus: os enfeites de duas côres nos braços dos tambores. Outróra, tambores e corneteiros acompanhavam os arautos senhoriaes nas suas mensagens. Todos tinham as mangas, o estarcão e as meias das côres heraldicas do senhor ou do rei. Por isso, em muitos exercitos estrangeiros, têm nas costuras das tunicas as côres nacionaes.

Sempre dourados, por causa da farda branca, os metaes dos caçadores Henriques (estampa 35). Os fusileiros, armados de florete, e os caçadores, de sabre curvo. Na barretina dos granadeiros, a granada de mão e a chapa de numero; na dos fusileiros, duas chapas — uma com o numero, outra com as armas reaes; na dos caçadores, a trompa e o numero. Os officiaes superiores, com capotes de modelo da época. Os milicianos, com as côres de seus corpos nos paramentos das casacas.

A revolução de 1817, no nordeste brasileiro, fez com que para lá se enviassem varios corpos do Rio: o 1° de cavallaria, o parque de artilharia, os voluntarios d'el-rei e quatro batalhões de infantaria. Da Bahia partio para o Recife uma unidade, creada naquelle difficil momento, o regimento chamado da 2ª restauração de Pernambuco. Ficou a capital entregue á policia e a guarda do soberano confiada a um esquadrão de cavallaria, vindo de Minas. Como as tropas enviadas não fôssem sufficientes para vencer a rebeldia, que alastrava, sua magestade mandou buscar mais soldados em Portugal, pelo marquez de Angeja. Esse reforço chegou de Lisbôa em agosto de 1817, deixou no Recife o 2° regimento de fusileiros, na Bahia o 12° da mesma arma, desembarcando, no Rio, em S. Christovão, no mez de outubro, composto pelo 3° de caçadores, 15° de fusileiros, uma companhia de artifices-engenheiros e uma brigada de artilheiros-conductores.

Foi essa a tropa que, em 1821, passou, sob o commando de Avilez, do Rio para a Praia Grande, de onde, após a Independencia, seguio para Portugal. O 12° de fusileiros resistio, na Bahia, com o general Madeira, ao cerco de Labatut. Caçadores e um pouco de artilharia resistiram algum tempo no Maranhão e no Piauhy. Em 1821, 600 homens da divisão naval, que veio buscar o principe, ficavam, espontaneamente, no nosso paiz. A divisão auxiliadora, que estava no sul, embarcou, em 1823, para a Europa.

Paineis de azulejos de velha casa do Maranhão (V. Doc. Gal.) representam dois sargentos portuguezes do 19° e do 22° de fusileiros. Por elles se reconstituiram os uniformes do porta-bandeira e do cabo de infantaria da estampa 36, conservando as mesmas côres e minucias. A bandeira é a que se usava naquelle tempo: as côres nacionaes ou as do regimento, dispostas em triangulos e losangos, em torno de um centro circular. Da mesma maneira, a maioria das bandeiras das meias brigadas da revolução franceza e de varios regimentos modernos europeus, dos paizes monarchicos. O official superior do 1° de milicias da Bahia foi copiado do retrato do coronel Silva Paranhos (V. Doc. Gal.), com uma curiosa guia de corrente, prendendo a espada, calções e meias de sêda.

No correr dos annos, os uniformes dos generaes portuguezes se alteram. Retratos, gravuras e estampas nos apresentam o chapéo armado de bico para a frente, dragonas grandes, de cachos annelados, bordados nas costuras das costas e agulhetas para os de cavallaria. As fardas começam a ser abotoadas, mal se vendo o bófe de rendas. Ás vezes, a banda de tranquetas.

Na estampa 37, temos os caçadores, official e soldado, com o uniforme côr de pinhão registado na gravura de Debret, que representa a partida dessa tropa para Montevidéo. O alferes está de luto por D. Maria I. Tem canana a tiracollo e o soldado, chouriças verdes aos hombros. O equipamento é de fabrica ingleza e a barretina de novo typo. A farda, côr de pinhão, com chouriças verdes, durou ainda perto dum seculo em Portugal.

Em 1818, voltou ao Rio a força que se achava em Pernambuco. D. João logo lhe fez dar organisação mais regular e efficaz. Existiam os seguintes regimentos: 1° de granadeiros, 2° de caçadores e 3° e 4° de fusileiros. Pela nova reforma, passaram a ser, respectivamente, 1° de granadeiros e 1° de caçadores, sendo os dois de fusileiros divididos em 1°, 2° e 3°. Crearam-se mais a legião de Matto Grosso e o 9° de artilharia de Montevidéo.

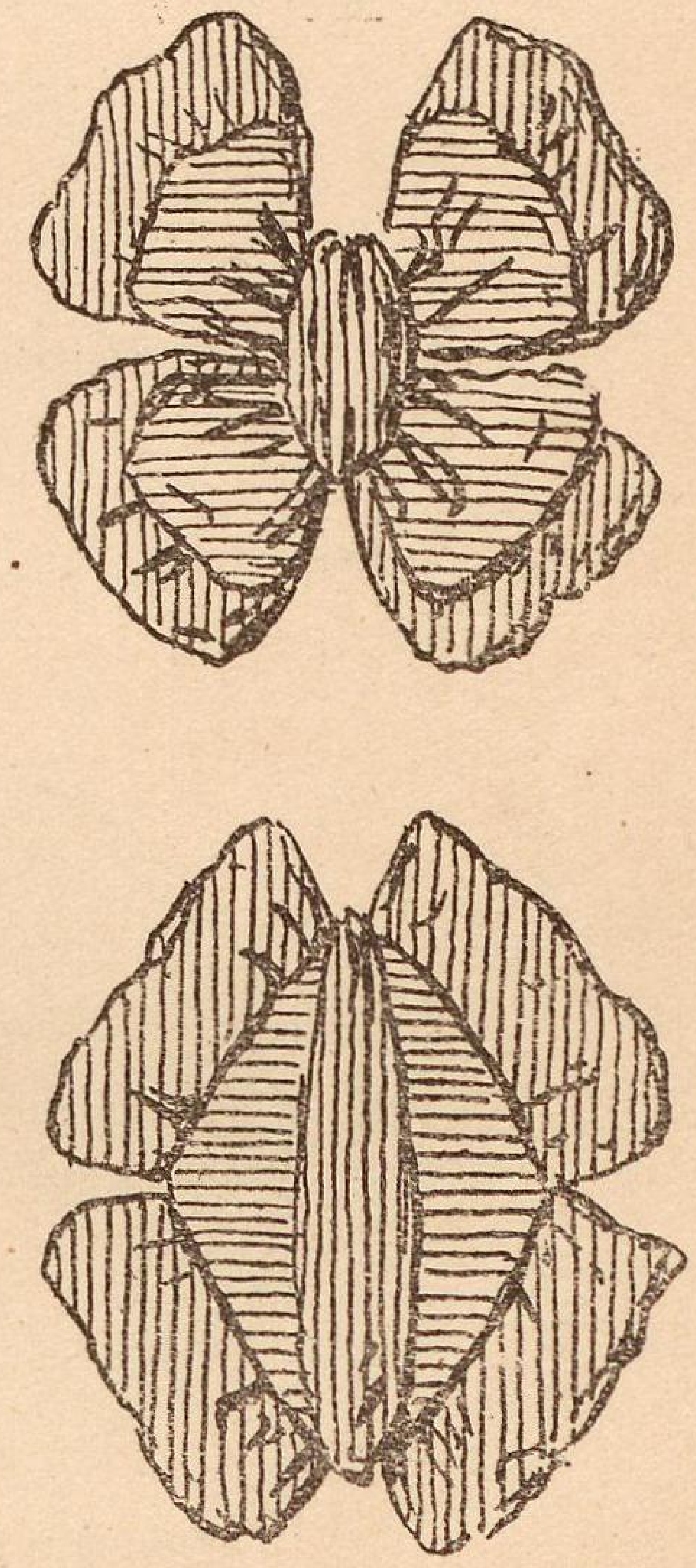
Em 1820, el-rei manda crear tropas no norte — Piauhy, Rio Grande do Norte, Rio Negro, Maranhão e Sergipe; depois, outras no Espirito Santo, em Minas a divisão do Rio Dôce e um esquadrão de cavallaria em S. Paulo.

Na estampa 38, apparece um caçador do 1° batalhão, em 1821, com as dragonas arrebitadas, creadas em 1819, os canhões e golas verdes, autorizados em 1820. Pela primeira vez, officialmente, as côres da casa de Bragança, azul e branco, substituem as da nação portugueza. Esse tópe foi distribuido, no Brasil, antes de Portugal, a 31 de outubro de 1821. O soldado de cavallaria de milicias de Curityba foi tirado da afamada estampa de Debret "A caça da onça". Seu capacete é do typo do dos caçadores a pé de Luiz XVI, do dos caçadores a cavallo da revolução franceza e dos das tropas bavaras, em 1870.

Figurinos militares do Archivo do Pará (V. Doc. Gal.) mostram o official e o soldado do regimento de cavallaria de linha, creado, alli, por decreto de 1817 (V. Doc. Gal.), que não foi aproveitado na reforma geral da 1ª linha, em 1824. Elles têm grande valor, porque já trazem alguns caracteristicos da futura cavallaria brasileira.

Ao tempo de D. João VI e de D. Pedro I, quasi sempre os decretos sobre uniformes eram acompanhados de figurinos desenhados á mão, gravados em cobre ou aquarellados. Deveriam estar nos archivos, mas, infelizmente, quasi todos desappareceram. Nos Archivos do Rio e S. Paulo, na Bibliotheca Nacional, restam os raros que se não perderam e muito serviram na confecção desta obra (V. Doc. Gal.).

Na estampa 39, o clarim de artilharia a cavallo apresenta o fardamento textualmente descripto nas leis de 1820: ursa ou barrete de pêlo (o "ourson" francez) e peliça. Os clarins, como os tambores, sempre tiveram uniformes especiaes. Entretanto, os uniformes desse genero, dos hussares, da cavallaria ligeira, eram muito usados na artilharia a cavallo. A de Napoleão vestia assim e assim veste, nas paradas, a "royal field artillery" da guarda real ingleza.



Laço portuguez

FIG. 7

O uniforme dos generaes está documentado com um retrato do brigadeiro Montenegro (V. Doc. Gal.). A fardeta azul do official negro, em pequeno uniforme, está perpetuada na estampa contemporanea, que representa o capitão Bonaparte, dos Henriques (V. Doc. Gal.). Ella foi inventada em 1812. A estampa 39 ainda regista a ultima creação de indumentaria para os caçadores, em 1820 *(figura 7)*.

D. João VI voltou a Portugal e precipitaram-se os acontecimentos de que resultaria a independencia do Brasil. Após sua partida, o principe D. Pedro, precisando de soldados, decreta que os voluntarios que se apresentarem sómente servirão tres annos. Organisa-se a guarda civica, para defesa da Côrte, com quatro batalhões de infantaria e dois esquadrões de cavallaria. Em S. Paulo, arma-se uma corporação semelhante, appellidada "sustentaculo da independencia brasileira".

BIBLIOTECA NACIONAL
D.
do Rio de Janeiro

CAPITULO III

Seculo XIX — Brasil Imperio — Primeiro Reinado

Após a proclamação da independencia, o primeiro cuidado de D. Pedro foi tornar, pelos seus uniformes e distinctivos, os soldados brasileiros differentes por completo dos portuguezes. Creou, a 18 de setembro de 1822, o emblema, que, até 1825, se usou no alto da manga esquerda e se chamava tópe, composto por um circulo verde, isolado acima de uma fita amarella, em que se lia "Independencia ou Morte !" *(fig. 8)*. Modificaram-se golas, canhões e pennachos, as primeiras par-

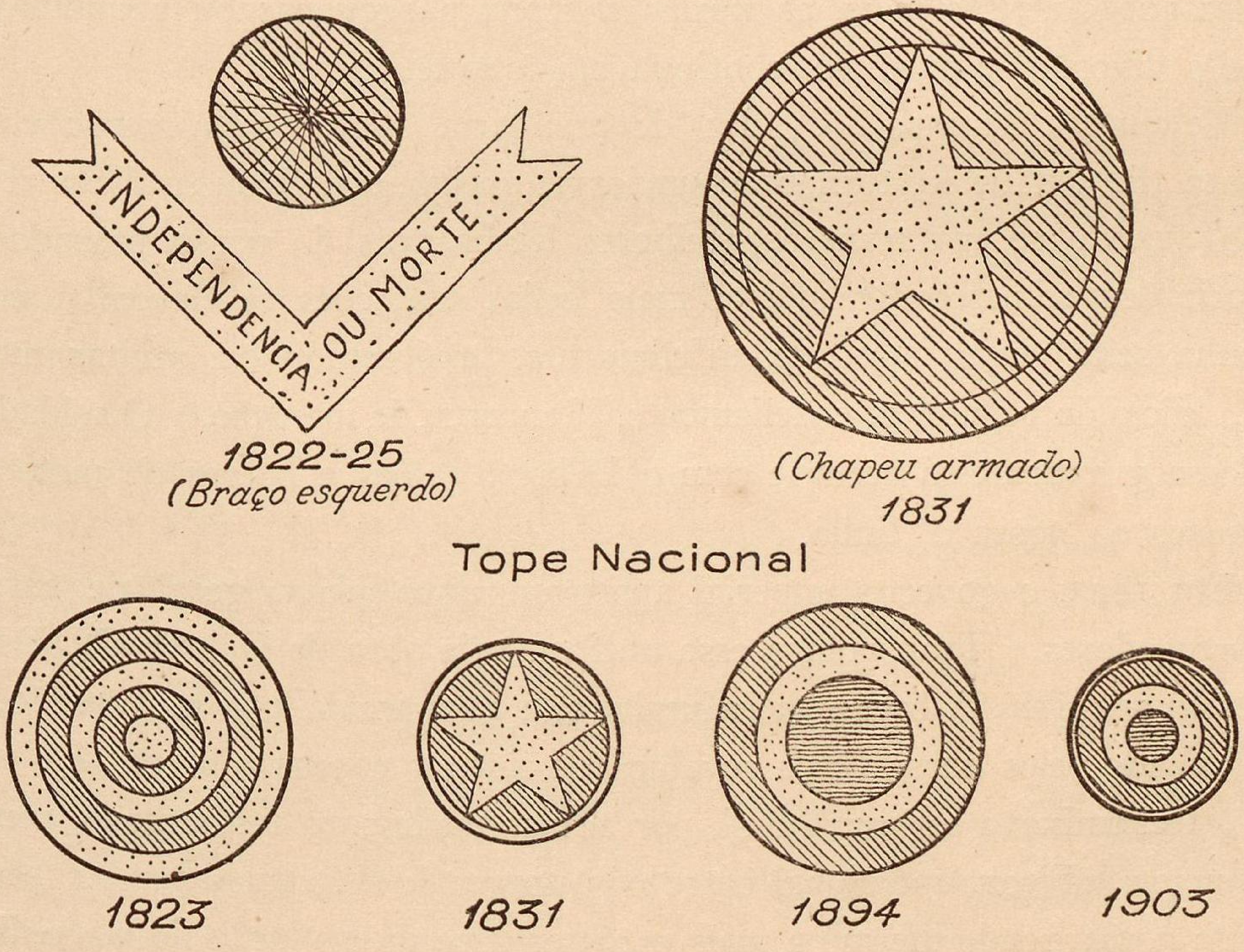

INDEPENDENCIA OU MORTE
1822-25
(Braço esquerdo)
(Chapeu armado)
1831
Tope Nacional
1823
1831
1894
1903

FIG. 8

tes do fardamento que se tornaram caracteristicamente nacionaes. A primeira estampa do Brasil livre é a 40, em que figura um official de caçadores fardado no estylo da época, segundo Debret. O soldado da mesma arma pertence ao 1° batalhão, creado pela reorganisação de 1818 e mantido com o mesmo numero pelo imperador. A barretina é a que durou de 1816 a 1823. Della desappareceu o laço com as côres lusitanas, substituido por um circulo verde e amarello, sobre o qual não ha nenhum documento official, porém consta de todos os figurinos contemporaneos. No braço esquerdo, o emblema já citado. Canhões e golas verdes. Esta côr seria a caracteristica de nossos caçadores durante longo tempo. Foi sempre a côr dessa arma, na Europa. Nos corpos de 1ª linha, um galão amarello nesses canhões e golas, e pennachos verdes com ólhos amarellos. Tal exaggero de côres nacionaes no uniforme exprimia o desejo de mostrar a todos que o dominio de além-mar fôra abolido. No mais, as fardas soffreram pequenas ou nenhumas alterações. Os vivos, por exemplo, continuavam os anteriores.

Vejamos a estampa 46. O 1° de cavallaria adopta gola verde e canhões azues, até 1823. Então, tornou ao uniforme antigo, que ficou tradicional e só foi alterado quando se mataram as melhores lembranças do nosso passado militar. A maioria dos crimes contra nossas mais bellas tradições se devem á estreita e mesquinha seita positivista, que, infelizmente, predominou em muitas manifestações, no inicio da republica, e, felizmente, já morreu de inanição. O soldado de milicias dessa gravura está accorde com o Debret, galões e botões de metal branco, tradicionaes na nossa 2ª linha.

Em 1823, o governo imperial approvou novo plano geral de fardamento para os caçadores. Transpomos esse uniforme da obra de Debret (V. Doc. Gal.) para a estampa 41. A barretina, afunilada, é guarnecida por um cordão, em espiral, já usado pelos hussares da revolução franceza e seus alumnos da escola de Marte. Denominava-se "mirliton", por se assemelhar ao instrumento musical do mesmo nome. Ficou tradicional entre nós, tornando-se, com o tempo, peça absolutamente nossa, sendo mesmo a mais caracteristica da evolução de nossa indumentaria militar. A artilharia a pé usou-a mais tarde, a infantaria em 1866 e a guarda nacional por varias vezes. A farda era curta e sem vivos, com alamares, dragonas e correame negros, o que durou até 1834. O coronel de caçadores da estampa, uniformisado de accordo com esse plano, não tem dragonas. D. Pedro ordenára que, provisoriamente, não as usassem os officiaes dessa arma. No Brasil, todos os provisorios ficam definitivos. Desde então, os referidos officiaes passaram a trazer galões no punho e a não ter dragonas até o fim da monarchia. Documenta essa figura o retrato do conde de Escragnolle (V. Doc. Gal.). O coronel de milicias foi tirado do retrato do coronel Ignacio de Queiroz (idem) e o major de ordenanças do do barão de Tieté (idem). Os pennachos desses dois ultimos fardamentos são os vulgarmente chamados "periquitos", verdes e amarellos, indicadores da 2ª linha. Os tufos de rendas das camisas de ambos fôram prohibidos pelo imperador.

O primeiro plano de uniformes para o estado-maior general, estado-maior do exercito e engenheiros baixou com o decreto de 7 de outubro de 1823. Veja-se a estampa 42. Regularisou emblemas, bordados e distinctivos. A folhagem de carvalho, estylisada, dos bordados dos generaes portuguezes, continuará nos dos brasileiros. Os marechaes não têm vivos nem presilhas nas abas da casaca. Os brigadeiros e outros officiaes generaes têm a mesma farda, com differenças nos bordados. A sua disposição e os vivos brancos são identicos aos dos portuguezes. Os postos continuam os mesmos tambem. A monarchia manteve-os e a republica alterou-os: marechal do Exercito, que corresponde ao marechal de hoje; tenente-general, abolido; marechal de campo, que é o nosso general de divisão, e brigadeiro, agora general de brigada. Estabelece-se a banda rigida, de dar volta, com

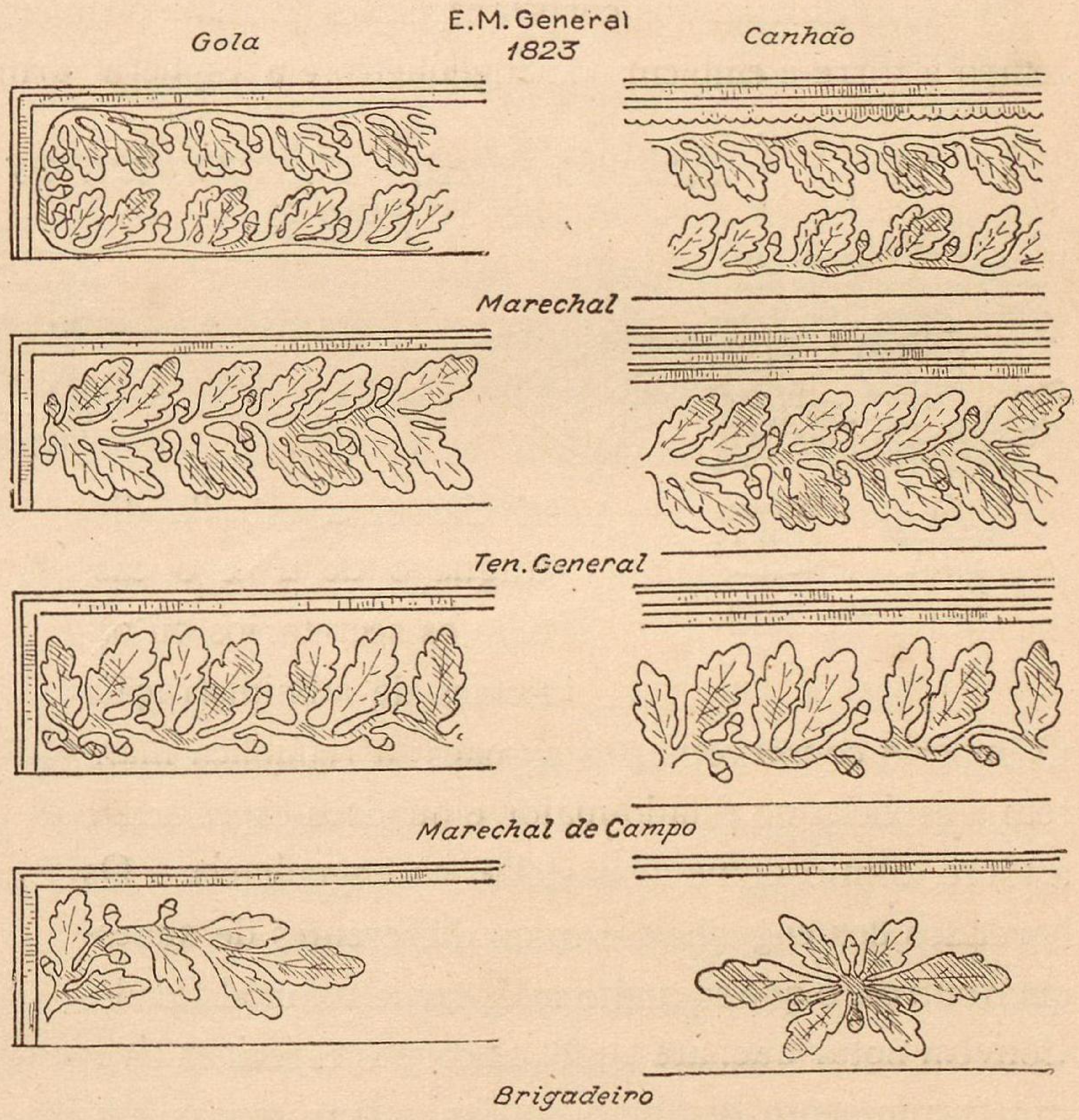
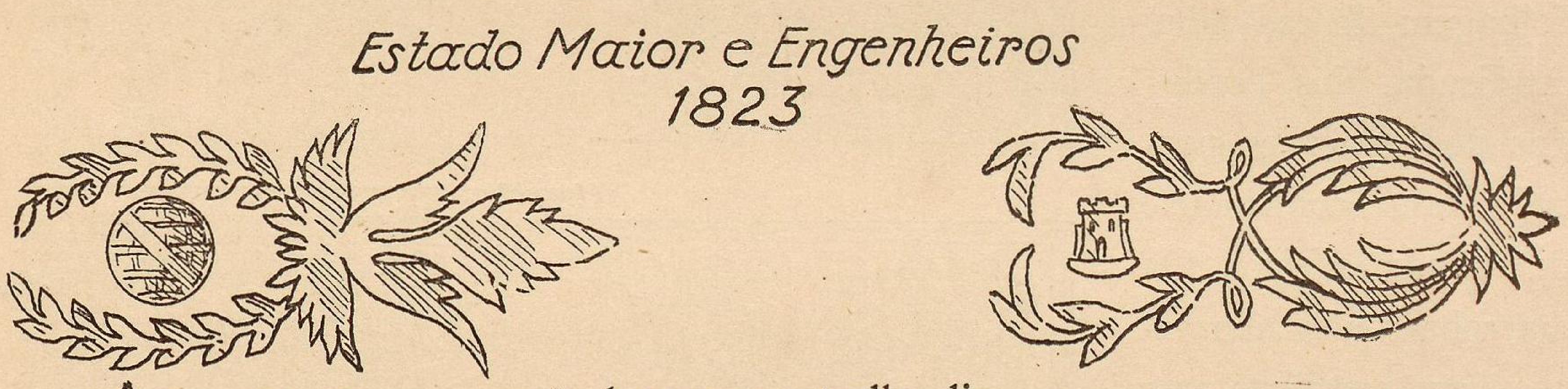
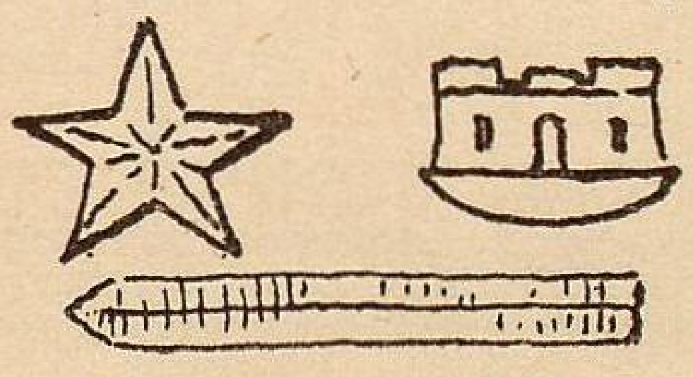
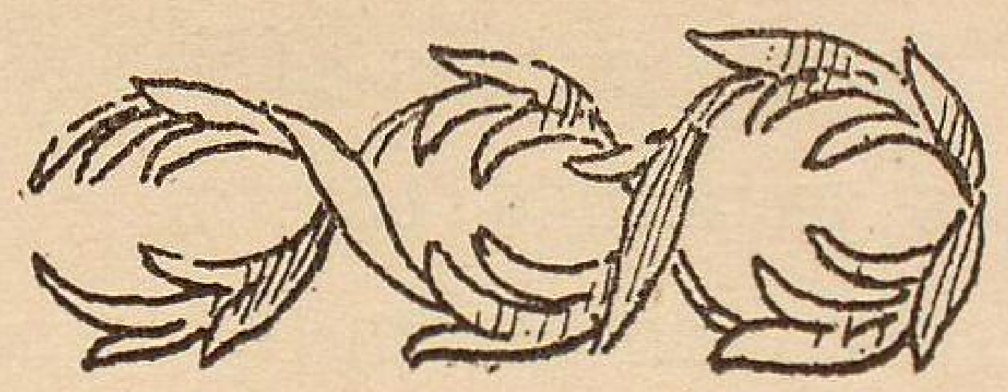


FIG. 9

borlas á frente ou dos lados, ou com tranquetas, peça que vive e morre com o primeiro imperio, para sargentos, officiaes e generaes. As pantalonas brancas têm bordados nas costuras externas e no alçapão. Os bordados variam um pouco com as funcções. Na estampa 42, a primeira figura é um brigadeiro, que faz parte do conselho de guerra, como a seguinte, conforme as insignias, é um vogal de conselho, em pequena gala *(fig. 9)*. Esse plano de fardas de generaes durou bastante tempo e sómente em 1835 começou a modificar-se, quando as golas abertas mostram as gravatas e as dragonas são outras. Em 1852 confirmou-se ainda esse plano. É um dos que mais têm durado no Brasil. Em 30 annos manteve-se quasi immutavel. E, agora, no fardamento de nossos generaes ha qualquer coisa delle.







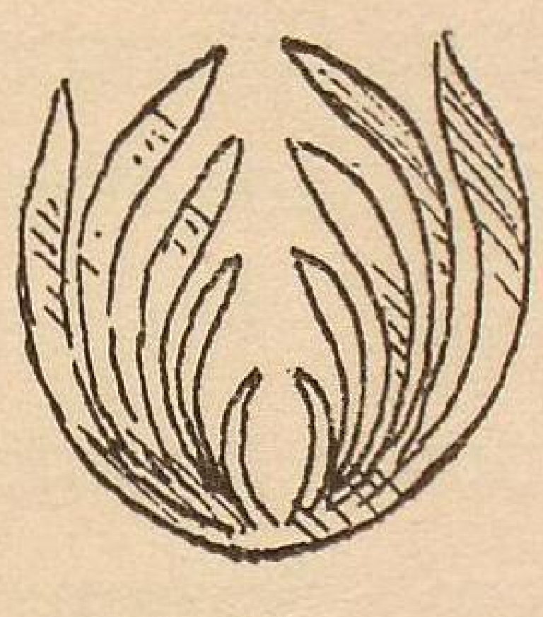


FIG. 10

O uniforme dos corpos especiaes é, mais ou menos, o portuguez. Já nesse tempo a torre é emblema de engenheiro e a esphera armillar do estado-maior de 1ª classe; a estrella distingue o de 2ª e o castello os secretarios ou officiaes de administração. O imperio conservou estes signaes; a republica mantem a esphera no estado-maior e quadros especiaes, e a torre, com o nome de castello, na engenharia. Os bordados dos engenheiros eram differentes de quaesquer outros, o que só muito mais tarde foi modificado. Convem notar que, até 1908, os corpos especiaes tiveram fardamento distincto do das outras tropas *(figura 10)*. Todos os officiaes tinham dragonas volumosas, com anneis nos canutões as dos superiores, espadas ligeiramente curvas em bainhas de couro, com guarnições de metal dourado, os fiadores tecidos de ouro e vermelho, menos os dos caçadores, que eram de couro preto. As espadas dos generaes todas douradas e lavradas, com copos singelos, tradição até hoje conservada. As espadas dos officiaes semelhantes ás de hoje, com bainhas de metal, datam de 1840. Quando ministros ou senadores, alguns generaes usavam espadins, como se vê nas lithographias de Sisson (V. Doc. Gal.). No traje de campanha, o chapéo armado não tinha plumas. Os talins do 1° uniforme variavam (*figuras 11 e 12*).

O unico figurino sobre a artilharia desse tempo está no Archivo Nacional. Por elle se restaurou o artilheiro a cavallo da estampa 44. O alferes dessa arma, contido na mesma, está na gravura de Debret, do panno de bôcca do theatro, pintado no Rio, e numa aquarella do Instituto Historico de Pernambuco (V. Doc. Gal.). Em maio de 1824, a farda da artilharia foi alterada no pennacho, na barretina e na côr das calças. Os granadeiros da estampa citada sahiram do Debret. O official traz um galho verde na barretina, usado na acclamação de Pedro I, o mesmo que as tropas austriacas, especialmente as da Hungria, usaram desde Maria Thereza até os nossos dias.

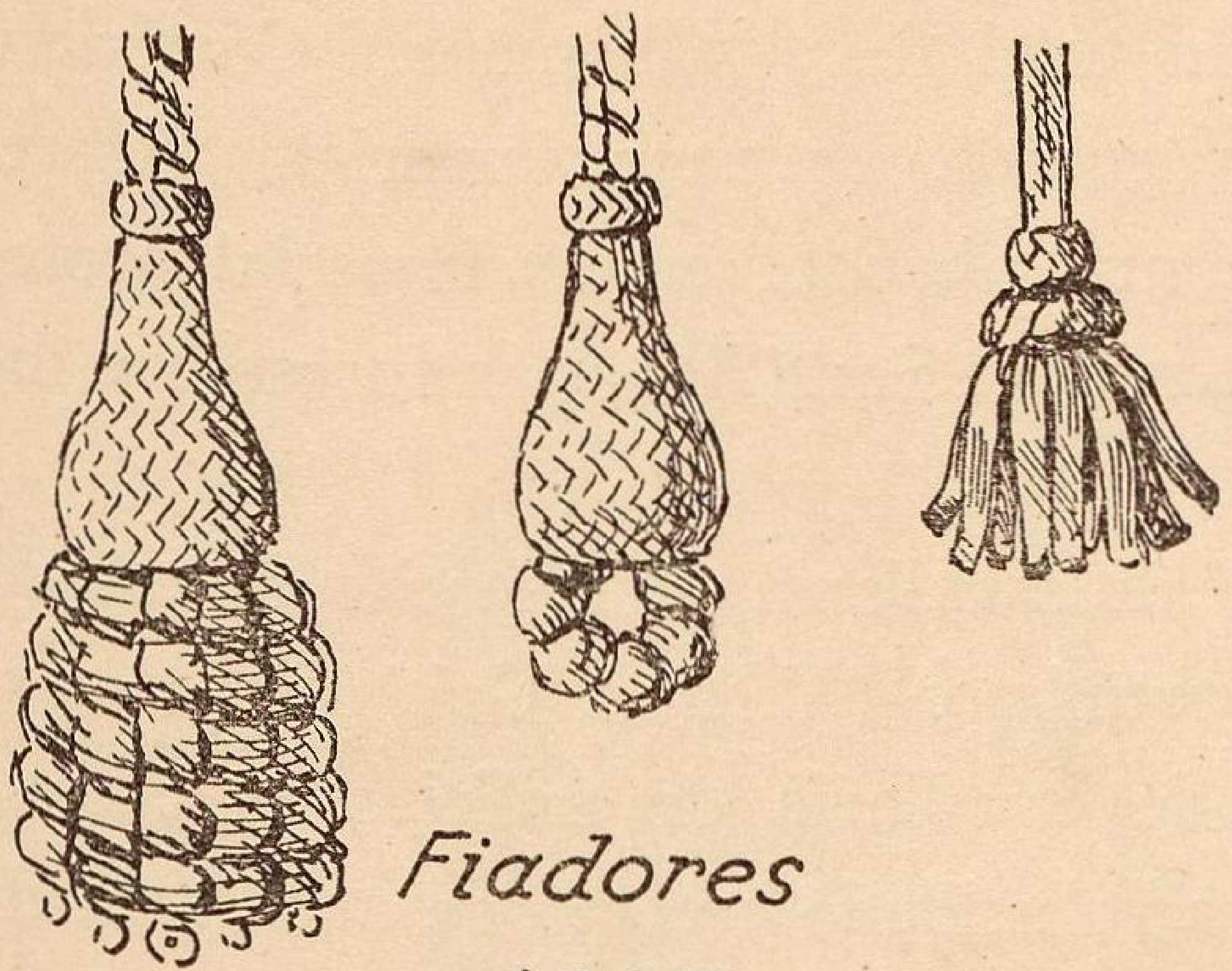


FIG. 11

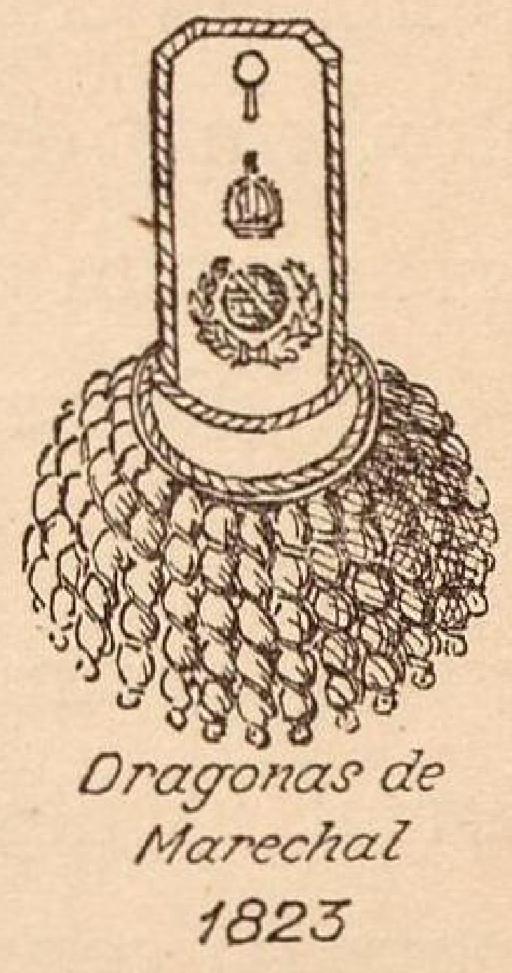


FIG. 12

Na estampa 45, está um major do 1° regimento de cavallaria de milicias, segundo descripções de documentos officiaes. As milicias, então, tinham mesmo artilharia. Em 2 de outubro de 1822 organisou-se, no Rio, o batalhão de Henriques da Côrte e um corpo de artilharia, todo de negros forros, pagos mensalmente, que deveria seguir para o norte, na esquadra do almirante Cochrane, com o effectivo de 398 homens. D. Pedro reformou os caçadores, dando a cada batalhão 717 homens, repartidos em seis companhias, conservando, com o mesmo numero, o 1° de caçadores e mudando os 1°, 2° e 3° de fusileiros, respectivamente, em 2°, 3° e 4° de caçadores. O pifano de granadeiros da mesma estampa, em uniforme de quartel, mostra bem os usos militares do momento. O soldado de cavallaria da guarda civica de Diamantina traz a farda descripta nos documentos de 1824. O outro representa a ephemera corporação patriotica do Rio, tambem intitulada guarda civica, extrahido de um figurino anonymo do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.).

Infelizmente, foi impossivel obter a menor documentação para restaurar a farda do celebre batalhão do imperador, creado por decreto de 13 de janeiro de 1823, quando se fazia mister arranjar bastante tropa, afim de expulsar da Bahia o general portuguez Madeira. Concederam-lhe regalias attrahidoras de voluntarios. Tinha estado-maior e seis companhias, com um total de 735 homens. Combateu na Bahia, voltou ao Rio e teve a honra de dar guarda ao paço imperial. Entretanto, em companhia da imperial guarda de honra, abandonou seu imperial protector, em 7 de abril de 1831, reunindo-se, no campo de Sant'Anna, ás forças que lhe arrancaram a abdicação.

Na referida estampa, ha um cabo do 1° de cavallaria do Exercito extrahido de uma gravura do Instituto Historico de Pernambuco (V. Doc. Gal.).

Examinemos a estampa 46: o soldado de cavallaria de milicias está conforme ás descripções militares contemporaneas; o soldado creoulo de artilharia de marinha consta do Debret. Na 47, os archeiros de D. João VI e de D. Pedro I, os primeiros com as côres lusas, os segundos com as brasileiras, documentados pelo mesmo Debret e por uma de suas casacas, que ainda existe (V. Doc. Gal.).

Proclamada a independencia, recebeu o imperador auxilios de algumas provincias. Em primeiro logar, o esquadrão de voluntarios milicianos de S. Paulo, que servio de base para a formação da celebre, brilhante e aristocratica imperial guarda de honra, creada por decreto de 1° de dezembro de 1822. D. Pedro recompensou com essa honra aquelles voluntarios, ao mesmo tempo que constituia para si uma guarda de gente escolhida, composta de um estado-maior e tres esquadrões de 158 homens cada um, o 1° parando em S. Paulo, na villa de Taubaté; o 2° na Côrte, e o 3° em S. João d'El-Rey. Cada esquadrão tinha no escudo do talabarte as iniciaes da provincia, de cujas milicias se originára e onde estava de guarnição, sendo obrigado a apresentar-se no Rio pelo menos quatro vezes por anno. A imperial guarda de honra foi dissolvida em 1832, porém seus officiaes ficaram com o direito de continuar a usar seu uniforme. Sobre ella existem muitos documentos, mas nenhum definitivo. Sabe-se que, em abril de 1822, por occasião de se organisarem os primeiros soccorros a sêrem enviados ao principe D. Pedro, foi adoptado, em S. Paulo, o uniforme branco, paramentado de vermelho, que a guarda sempre vestio. Entretanto, não se conhece nenhum capacete usado antes da independencia. Talvez fôsse o da cavallaria de milicias, de modelo bavaro. Todos os capacetes que lograram chegar até hoje são posteriores ao grito do Ypiranga, tendo as

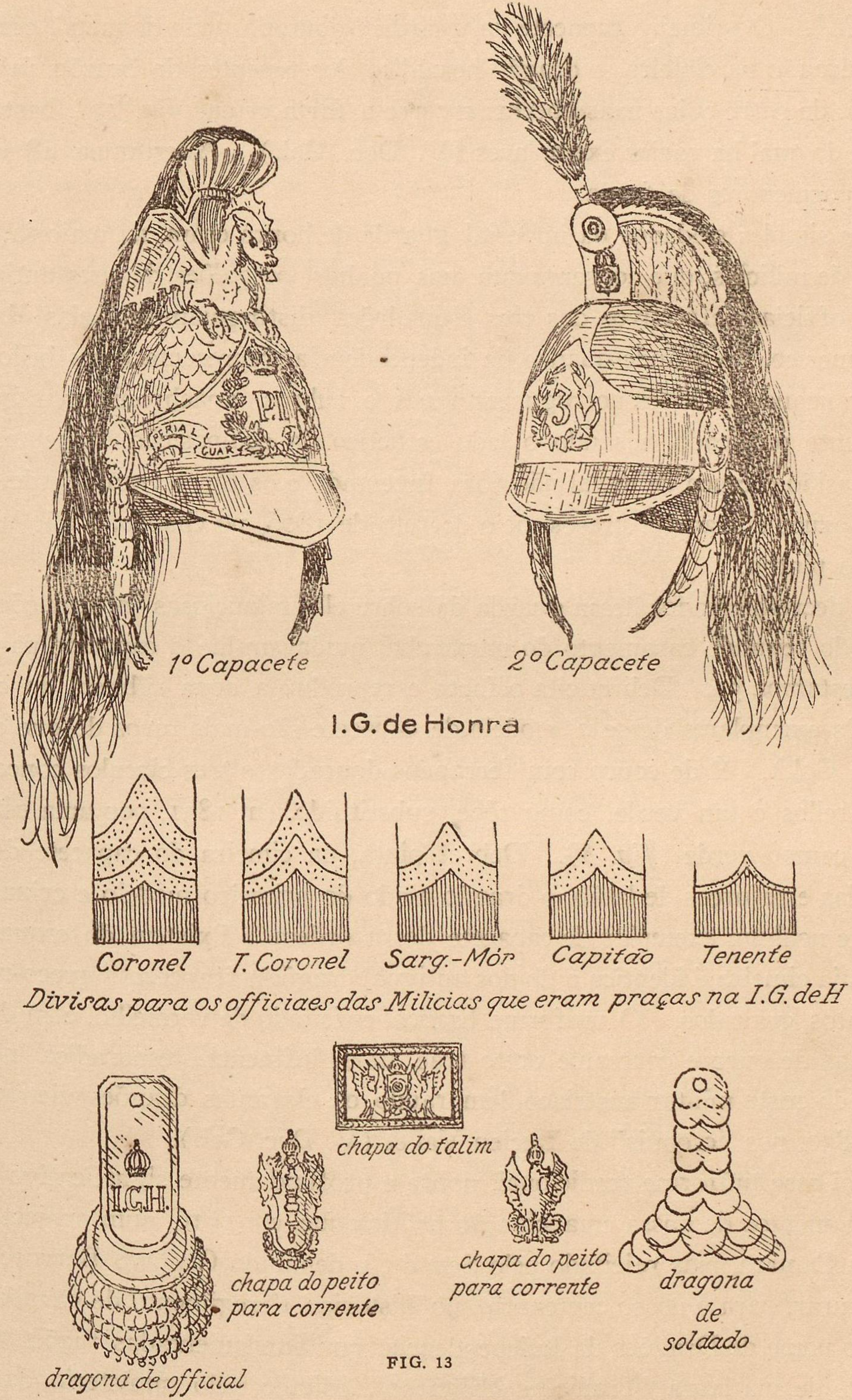

1º Capacete
2º Capacete
I.G. de Honra
Coronel
T. Coronel
Sarg.-Mór
Capitão
Tenente
Divisas para os officiaes das Milicias que eram praças na I.G. de H
I.G.H.
chapa do talim
chapa do peito para corrente
chapa do peito para corrente
dragona de soldado
dragona de official

FIG. 13

33/157 a.a.
1948

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

iniciaes P. I. O primeiro capacete da guarda é dourado, todo de metal, escamento, com um dragão na cimeira, o dragão heraldico dos tenentes do brazão da casa de Bragança, de entre cujas azas abertas escorre a farta crina *(fig. 13)*, bastante conhecido e do qual ha varios exemplares (V. Doc. Gal.). A estampa 48 esclarece todos os pormenores da farda.

Os simples soldados da imperial guarda de honra eram, na maioria, antigos officiaes de milicias, que conservavam, nos punhos, os galões de seus antigos postos. Os officiaes effectivos dos tres esquadrões distinguiam-se pelas dragonas. Pedro Americo, no grande quadro da independencia, representa esses bellos cavalleiros arrancando os tópes portuguezes azues e rubros, anachronismo talvez conscientemente praticado, visando o lado esthetico da composição, sómente, porque nessa occasião o casco de metal não fôra inventado e os tópes eram, desde outubro de 1821, azues e brancos, presos, pelo decreto de 1806, no chapéo, e não nas mangas, como pintou.

O decreto creador dessa guarda dá sobre ella minuciosas informações. Por occasião do segundo casamento do monarcha, mudaram-lhe o capacete para o que se vê na estampa 53. Debret cita o facto e reproduz a nova silhueta do corpo de escól. Os exemplares desse 2° modelo de capacete são mais raros do que os do 1°. (V. Doc. Gal.). É de couro com ferragens douradas e tres circulos concentricos, dois amarellos e um verde, como tópe, substituido, em 1831, por uma estrella de ouro em campo verde *(fig. 8)*. Debret pinta, na cimeira do capacete de couro, com virolas e reforços de latão, o dragão alado do primeiro modelo e crinas. Não se conhece nenhum exemplar de capacete dessa ordem. Existem do esquadrão de Minas, cuja cimeira é identica á do dos antigos dragões francezes, greco-romanos, com ornatos gravados. O uniforme branco, enfeitado de vermelho, com dragonas de escamas de ouro e correame preto tráe uma influencia esporadica no nosso Exercito do gosto militar austriaco, lembrando os elegantes dragões viennenses de 1820 a 1830, nos "croquis" de Lucien Vallet (V. Doc. Gal.).

Foi esse uniforme tradicional, nobre e profundamente significativo dos primeiros momentos de nossa emancipação politica que, em 1916, num projecto approvado pela Camara, mas rejeitado pelo Senado, o deputado Gustavo Barroso pretendeu restaurar, para o nosso centenario, no historico 1° regimento de cavallaria, que tomaria o nome de Dragões da Independencia, por fundamentadas razões expostas no folheto de sua lavra "Tradições Militares", editado pelo ministerio da guerra.

Baseamos as figuras da estampa 49 nas pormenorisadas informações da obra do coronel Schlichthorst (V. Doc. Gal.) sobre o fardamento dos regimentos de mercenarios estrangeiros que possuimos. Carecendo de tropas, D. Pedro creou, em 8 de janeiro de 1823, o primeiro regimento dessa especie, então em voga em muitos paizes. Compunha-se do estado-maior e tres batalhões, com 834 homens cada um, numerados desta sorte: 1° de granadeiros e 1° e 2° de caçadores. Não achando bastante essas forças, creou mais, a 13 de novembro de 1824, outro batalhão, o 2° de granadeiros, que, com o 2° de caçadores, sómente se organisaram de verdade em 1825. No plano geral da 1ª linha, em dezembro de 1824, receberam esta numeração: o 1° de granadeiros estrangeiros ficou sendo 2° de granadeiros de 1ª linha; o 2° de granadeiros estrangeiros, 3° de granadeiros de 1ª linha; o 1° de caçadores estrangeiros, 26° de caçadores de 1ª linha, e o 2°, 27°. A 30 de junho de 1825, nova mudança: o corpo de 1ª linha de Sergipe passa a ser 26° de caçadores e os estrangeiros são, então, em logar de 26° e 27°, 27° e 28°.

A soldadesca estrangeira mercenaria, na maioria recrutada por Schäffer, na Allemanha, entre nobres decahidos e criminosos, era profundamente ignobil, provocando sempre a animosidade da população e do Exercito. Havia, por isso, continuas rixas e conflictos pavorosos. Quando estalou a guerra com a Argentina, em 1827, o commandante Crotter foi á Irlanda e de lá trouxe 2.000 mercenarios, uns enganados, outros em lastimavel estado. Então, os dois corpos de granadeiros eram considerados batalhões modelos e davam guarda ao paço imperial. Em junho de 1828, o 2° de granadeiros revoltou-se. A sedição aterrorisou a cidade, mas a reacção foi violenta. Em S. Christovão, os allemães combateram uns contra os outros. As tropas nacionaes cercaram-lhes os quarteis, obrigando-os a renderem-se. Foram todos os sediciosos levados, presos, para bordo dos navios de guerra. Enviaram-se os irlandezes para o Canadá. Reorganisaram-se os batalhões em melhores condições. O 28° de caçadores não se revoltou e o 27° fez a campanha de Buenos Aires. Quando o governo dissolveu esses mercenarios, em 1830, o 2° de granadeiros de 1ª linha estava na Praia Vermelha, o 3° e o 27° de caçadores na ilha de Santa Catharina e o 28° em Porto Alegre, onde tambem existia um esquadrão de lanceiros allemães.

Analysemos a estampa 45. O primeiro personagem é um sargento quartel-mestre, com a corôa e as divisas adoptadas no Brasil desde 1819, banda de dar volta e bengala reiuna, propria dos inferiores de todos os paizes, nesse tempo.

O segundo é um granadeiro e o terceiro um caçador estrangeiro. Finalmente, um official de 2ª linha, mostrando os bordados das costuras dorsaes da fardeta, conforme o exemplar em poder do Sr. J. Washt Rodrigues, e o mesmo boné molle que figura no retrato do coronel Paes de Andrade (V. Doc. Gal.) *(fig. 14)*.

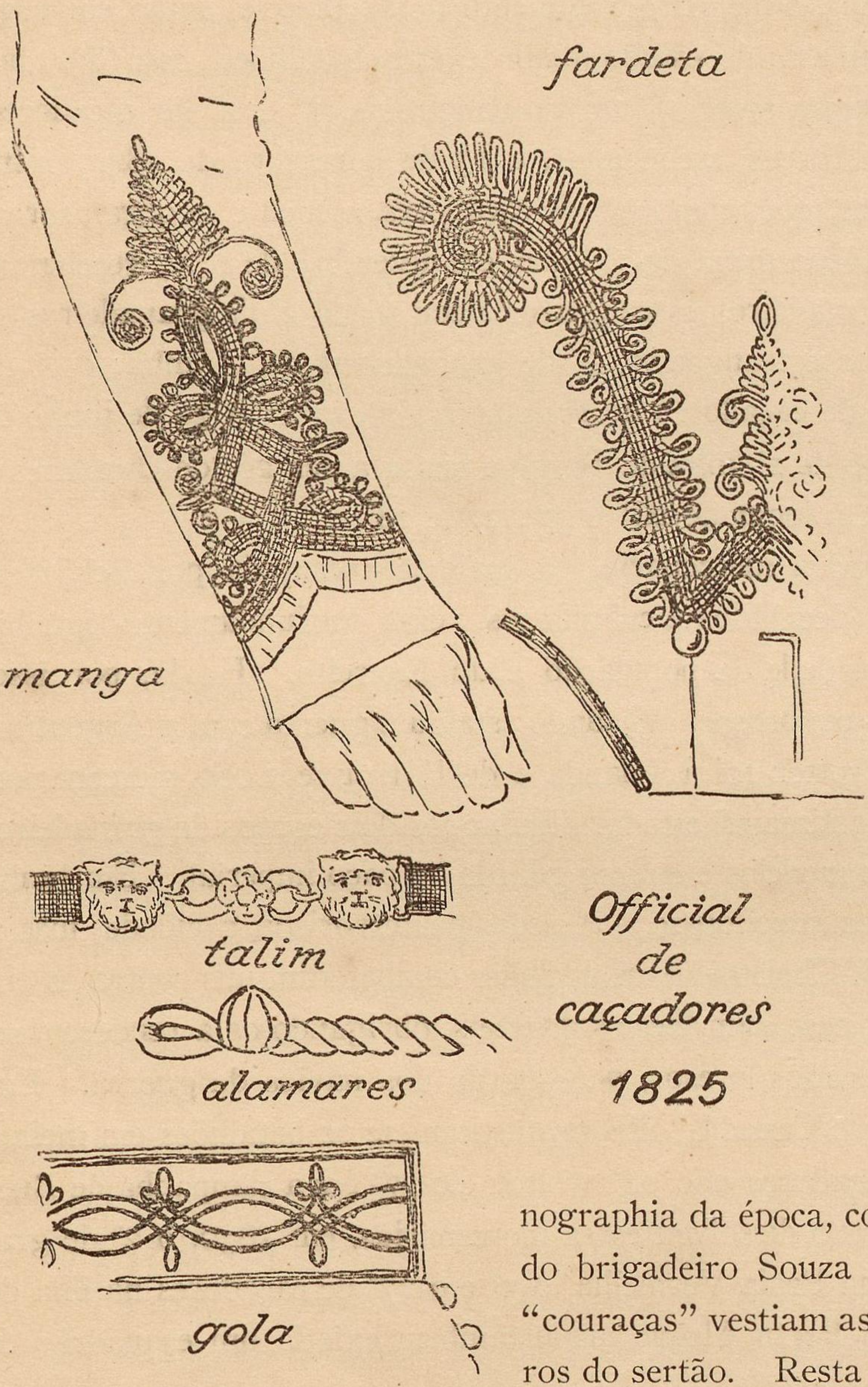


FIG. 14

A estampa 50 foi arranjada com a documentação referente á guerra da independencia na Bahia. Os "jagunços" e "couraças", de roupas exoticas e armamento incompleto, tropas irregulares, de patriotas, surgidas de um momento para outro do proprio solo, como os foiceiros polonos, os haiduques e honveds hungaros, os miqueletes espanhóes, os palikaros albanezes, os bachi-buzuks turcos, os klephtas e evzones gregos. Estes ultimos formam hoje corpos tradicionaes do exercito hellenico. Estão os irregulares bahianos na iconographia da época, como, por exemplo, no retrato do brigadeiro Souza Lima (V. Doc. Gal.). Os "couraças" vestiam as roupas de couro dos vaqueiros do sertão. Resta uma de suas vestes no Instituto Historico da Bahia (idem). Foi de todas as tropas a que se tornou mais tradicional alli. A ella se refere o historiador Guerino Santos (idem), bem como aos indios armados de arcos e flechas, os primeiros a atacar os lusos, commandados pelo visconde de Pirajá. Os "couraças" resurgiram na guerra do Paraguay. Completa a estampa um caçador regular e um brigadeiro fardado como o do retrato a que nos referimos. Nos canhões, os bordados verticaes tráem o costume portuguez ou são uma fantasia, porque, em 1823, se estabeleceu com rigor que seriam horizontaes. Interessante pormenor a antiquada banda de tranquetas.

Segue-se a estampa 51, com um soldado de cavallaria de milicias, e caçadores. Em S. Paulo, existiam dois batalhões dessa arma, que, na organisação geral de 1824, receberam os numeros 6° e 7°. Um veio dar guarnição no Rio, com a alcunha pouco lisonjeira de guarda da marqueza. O outro ficou na sua guarnição. Differençavam-se dos outros corpos de caçadores pelas golas e canhões azues-claros, côr tradicional das forças paulistas, conservada, depois, nos caçadores do corpo fixo local. Os dois soldados da estampa são desses batalhões e o de costas mostra o equipamento então usado. A estampa 52 baseia-se numa fardeta do brigadeiro Tobias (V. Doc. Gal.), canhões em ponta e de cada lado uma fita preta para sustentar a banda.

O mais importante documento militar do primeiro reinado é o decreto de 1° de dezembro de 1824, pelo qual se organisou, do melhor modo possivel, o exercito, em 1ª e 2ª linhas, acabando-se com as formações irregulares, fragmentarias e deficientes que havia. Deram-se numeros e attribuições novos a todos os corpos, menos ao batalhão do imperador e á imperial guarda de honra. Resultou que o 1° batalhão de granadeiros da côrte se tornou 1° de granadeiros de 1ª linha; o 1° de granadeiros estrangeiros, 2° de 1ª linha, aquartelados no Rio, ficando na mesma guarnição os 1°, 2°, 3° e 4° de caçadores; o 1° de caçadores de S. Paulo passa para o Rio, como 5°, e o 2° fica lá, como 6°; a infantaria da legião de S. Paulo constitue o 7°; o batalhão de caçadores de Santa Catharina, o 8°; o batalhão de infantaria e artilharia de Curityba, o 9°; o 1° batalhão de libertos de Montevidéo, o 10°, e o 2°, o 11°; a companhia de infantaria e o corpo de pedestres do Espirito Santo, o 12°; na Bahia, os 1°, 2° e 3° de caçadores da provincia mudam-se em 13°, 14° e 15°; o de Alagôas recebe o numero 16°; os 1°, 2° e 3° de Pernambuco são reduzidos ao 17° e 18°; o da Parahyba toma o numero 19° e os de infantaria do Piauhy, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão, respectivamente, as designações 20°, 21°, 22° e 23°; os do Pará ficam sendo 24° e 25°, e os caçadores estrangeiros, 26° e 27°, até 1825, quando se creou, em Sergipe, o 26° de caçadores e aquelles passaram a chamar-se 27° e 28°.

A cavallaria constituio-se assim: 1° regimento de cavallaria, na Côrte, fundado por D. João VI; 2°, formado pelo ex-regimento de Minas; 3°, pela cavallaria da legião de S. Paulo e esquadrão da mesma cidade; 4°, pelo esquadrão da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; 5°, pelo regimento de dragões do Rio Pardo; 6°, pelo regimento de dragões de Montevidéo, e 7°, pelo regimento de dragões da União.

A constituição dá-se, na artilharia, da mesma maneira, por synthese: o regimento de artilharia do Rio passa a ser 1° corpo de artilharia de posição; o batalhão de posição do Rio, 2° corpo de artilharia de posição; o de Santos, 3° corpo; o de Santa Catharina, 4°; o de Montevidéo, 5°; a artilharia do Espirito Santo, 6°; o corpo de artilharia da Bahia, 7°; o de Pernambuco, 8°, e as artilharias do Piauhy, Ceará, Maranhão e Pará, na mesma ordem, 9°, 10°, 11° e 12°. Formam-se cinco corpos de artilharia montada: o 1°, com a brigada de artilharia montada da Côrte; o 2°, com a artilharia da legião de S. Paulo; o 3°, com a artilharia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; o 4°, com a artilharia montada de Alagôas, e o 5°, com a da Parahyba do Norte.

A 2ª linha se compõe de quatro regimentos de infantaria, 89 batalhões de caçadores, 38 de cavallaria e muito poucos de artilharia, alguns com appellidos bizarros: libertos de ouro, libertos de Paracatú, pardos do Icó, artilharia de Henriques da Côrte, sertanejos do Itú, guaranys das Missões, infantaria de marinha do Ceará e infantaria de marinha do Camocim.

Foi a primeira organisação militar de valor no Brasil, da qual data a cohesão do nosso Exercito.

CAPITULO IV

Seculo XIX — Brasil Imperio — Regencia

A regencia foi obrigada a dar nova feição ao Exercito, porque já não mais existiam varios corpos, como a imperial guarda de honra, o batalhão do imperador, o 2° e 3° de granadeiros, o 10°, 11°, 27° e 28° de caçadores, e outros não possuiam effectivo sufficiente. O decreto de 4 de maio de 1831 conservou sómente o estado-maior general, os estados-maiores de 1ª e 2ª classes, os engenheiros, os officiaes burocraticos, 16 batalhões de caçadores, com 572 homens cada um, divididos em oito companhias, cinco corpos de artilharia de posição, com 492 homens cada um, e um de artilharia a cavallo, com 354. Os cinco primeiros batalhões de caçadores passaram a ser 1°, 2°, 3°, 4° e 5° da Côrte; o 6° e 7° formaram o 6° de São Paulo; o 8° tornou-se o 7° de Santa Catharina, e o 9°, o 8° do Rio Grande do Sul; o 10°, 11° e 12° desappareceram; o 13° e o 14° mudaram-se em 9° e 10° da Bahia; o 15° e o 16° fundiram-se no 11° de Alagôas; o 17° e o 18° desdobraram-se nos 12°, 13° e 14° de Pernambuco; foram abolidos os de 19° a 22°; o 23° ficou sendo o 15° do Maranhão, e o 24°, o 16° do Pará; acabaram-se os de 25° a 28°. Desta sorte, distribuiram-se os regimentos de cavallaria: 1°, no Rio; 2°, em Santa Catharina; 3°, na Bahia; 4°, em Pernambuco, e 5°, no Pará. A artilharia a cavallo continuou no Rio Grande do Sul, e os corpos de posição ficaram: os 1° e 2°, na Côrte; o 3°, na Bahia; o 4°, em Pernambuco, e o 5°, no Pará.

Tendo sido dissolvidas muitas unidades, houve, naturalmente, abundancia de officiaes avulsos, que não tinham onde ser arregimentados. Compuzeram, com uniforme especial, o afamado batalhão de officiaes-soldados (estampa 54), que, com os permanentes, deu assalto á ilha das Cobras, quando alli houve uma sedição.

Para a vida militar do Brasil, o acto mais notavel da regencia foi a creação da guarda nacional, em substituição das milicias, ordenanças e guardas municipaes, instituição que prestou os maiores serviços ao paiz, durante a monarchia, sobretudo na guerra do Paraguay, e durante a republica, especialmente na revolta da Armada, tendo, ultimamente, cahido em grande decadencia, o que motivou sua transformação em segunda linha do Exercito, dentro de moldes mais rigorosos. A guarda nacional nasceu da lei de 18 de agosto de 1831, que lhe deu as tres armas. Seus batalhões de infantaria podiam ter duas companhias de caçadores, mas nunca possuio corpos especiaes dessa arma.

Em 1834, a regencia diminuio de novo a quantidade de unidades do Exercito, reformando-o. Reduziram-se á metade os 16 batalhões de caçadores, que ficaram numerados e distribuidos assim: 1° e 2°, no Rio, correspondentes aos antigos 3° e 4°; 3°, na Bahia, antes 9°; 4°, no Maranhão, ex-15°; 5°, no Pará, outróra 16°, e os 6°, 7° e 8° conservaram os mesmos numeros, respectivamente, em S. Paulo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Supprimiram-se os 1°, 2°, 5°, 10°, 11°, 12°, 13° e 14°. Nas demais armas, houve uma unica alteração: a dissolução do 5° de cavallaria.

Em 1836, devido á rebeldia dos Farrapos, os corpos fôram concentrados no Rio Grande do Sul. Os que tomaram parte no movimento estiveram para ser dissolvidos. Em 1838, reorganisaram-se, com melhores elementos, na Bahia, o 3° de caçadores e o 3° de artilharia de posição. Em 1839, ha, no sul, um corpo de voluntarios allemães, cujo uniforme é impossivel reconstituir, por absoluta falta de documentos.

O decreto de 22 de fevereiro de 1839 reorganisou, mais uma vez, o Exercito, augmentando para 12 os batalhões de caçadores, determinados como se segue: o batalhão provisorio da provincia de Santa Catharina formou o 1°; na Côrte, o 1° e 2° viraram 2° e 3°; creou-se no Pará o 4°; o antigo 1° foi restabelecido como 5°; os 7°, 4° e 5° da organisação anterior tornaram-se 6°, 7° e 8°; organisou-se tambem no Pará o 9°; os velhos 6° e 8° fôram numerados 10° e 11°, e em Santa Catharina compoz-se mais o 12°. Em compensação, a cavallaria foi diminuida. Supprimio-se o 4° regimento, organisando-se quatro esquadrões avulsos. Os tres regimentos restantes continuaram inalteraveis, sob a rubrica de cavallaria ligeira. Na artilharia a pé, uma simples troca de numeros: o 3° passou a ser 2°; o 4°, 3°; o 5°, 4°, e o 2°, 5°. Creou-se um corpo de pontoneiros, mineiros e sapadores, logo abolido por falta de gente competente para preencher-lhe os claros.

Na historia das nossas forças armadas, a regencia caracterisou-se pela abolição de granadeiros e fusileiros, dando toda importancia aos caçadores, para os quaes adoptou o fardamento verde, que ficou tradicional, botões pretos e barretina de novo modelo, desapparecida sómente na guerra do Paraguay (estampa 54).

Nenhum documento esclarece qualquer coisa a respeito dos uniformes da cavallaria nesse tempo. Entretanto, é bem provavel datar d'ahi o emblema da referida arma durante longos annos: dois dragões cruzados, com o numero do regimento entre ambos. São os mesmos dragões heraldicos da casa de Bragança que serviam de cimeiras aos capacetes da guarda de honra, que se bordavam nas mangas dos fardões dos senadores do imperio, que ornavam o throno imperial e rematavam o alto sceptro do imperador.

Tambem não existe mais nenhum figurino dos novos uniformes da artilharia, parecendo, entretanto, que de então vem o emprego do carmim como sua côr distinctiva, pois anteriormente era o simples encarnado.

Na estampa 54 damos o uniforme dos caçadores, de conformidade com figurinos avulsos do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.). Nota-se o azul-claro dos paramentos dos corpos de S. Paulo. A barretina cintada, de feitio extravagante, lembra um pouco os czapskas dos lanceiros polonos de Napoleão I, dos modernos lanceiros inglezes e dos uhlanos austriacos e allemães. Nenhuma informação official e nenhum outro documento, a não ser os figurinos citados, do uso desse typo de cobertura pelo Exercito. De accordo com o costume instituido pelo grande exercito napoleonico, era commum nos fardamentos de fantasia dos tambores-móres e musicos. Por certo, usou-a a guarda nacional, recentemente creada. O figurino de onde a fômos arrancar corresponde ao periodo da regencia, de 1835 a 1840.

CAPITULO V

Seculo XIX — Brasil Imperio — Segundo Reinado até a Guerra do Paraguay

Nos primeiros annos de governo de D. Pedro II, a maioria dos corpos do Exercito estacionava no Rio Grande do Sul. Havendo necessidade politica de augmentar as guarnições de S. Paulo e Rio, novamente foi o Exercito reorganisado pelo decreto de 25 de abril de 1842, ficando assim constituido: estados-maiores general, de 1ª e 2ª classes, e imperial corpo de engenheiros, tudo com o effectivo global de 407 officiaes; oito batalhões de fusileiros de oito companhias e 882 homens cada um; oito batalhões de caçadores de seis companhias e 552 homens cada um; um corpo de artilharia a cavallo de quatro companhias e 557 homens; quatro batalhões de artilharia a pé de oito companhias e 690 homens cada um, e tres regimentos de cavallaria de oito companhias e 618 homens cada um. Organisaram-se os fusileiros desta maneira: creou-se o 1° na Côrte; transformou-se o 5° de artilharia a pé em 2° de fusileiros; os batalhões provisorios de Santa Catharina e Pernambuco formaram o 3° e o 4°, e os 9°, 10°, 11° e 12° de caçadores converteram-se em 5°, 6°, 7° e 8° de fusileiros. Os oito primeiros batalhões de caçadores continuaram com sua antiga numeração.

A ultima figura da estampa 54 é um fusileiro, em pequeno uniforme, dessa época ou pouco posterior. Não tem data o figurino antigo que a forneceu; mas, como a creação dos fusileiros é de 1842 e se conhecem as fardas das reformas subsequentes, logicamente essa só póde ser desse tempo. De desenhos do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.) sahiram os caçadores das estampas 55 e 56. A côr distinctiva de seus paramentos é o preto e do uniforme a verde. Os botões são escuros, de bronze ou massa preta, em duas ordens, o que se conservou até 1852. Na barretina, como emblema da arma, a cruz de Malta. Um traço da influencia ingleza sobre nossos fardamentos. Parece que na Inglaterra a cruz citada era signal das tropas ligeiras. Segundo os "croquis" de Lucien Vallet (V. Doc. Gal.), usaram-na os "light dragoons", dragões ligeiros, justamente entre 1840 e 1845. Talvez fôsse alli insignia sómente de cavallaria, porque é a cruz de uma ordem celebre de cavalleiros, ou tivesse ido parar ao shako dos dragões britannicos, por ser o seu commandante um cavalleiro de Malta. Certo é, porém, que durante muitos annos distinguio nossos caçadores a pé. Já é velho, no Brasil, o habito de dar aos soldados côres, linhas e emblemas alheios, inteiramente desvirtuados, o que mostra a profunda ignorancia dos copistas...

Notar-se-á, nas estampas referentes aos caçadores, que o boné de serviço, "bonet de police" dos francezes, nuns batalhões é quadrado, com borlas, noutros redondo, sem pala. Mais tarde sómente este ultimo prevaleceu até 1857, quando todos fôram substituidos pelo boné conico ou kepi.

A estampa 57 traz os fusileiros com vivos brancos e chapa em losango na barretina, como a infantaria de linha de Napoleão. Quasi uma década após, em 1852, todos esses pormenores, que variavam de batalhão a batalhão, devido á anarchia reinante na indumentaria, em consequencia das lutas intestinas, especialmente no sul, fôram unificados de modo coherente. Para conhecer bem a historia da nossa farda nessa occasião, seria necessario estudar a vida de cada unidade do Exercito de per si, o que é materialmente impossivel, porque seus archivos não existem mais. No Brasil, á excepção do 1° regimento de cavallaria, não se póde saber mais a historia de nenhum outro corpo, de tal maneira as reformas alteraram os seus quadros, numeros e attribuições. Os caçadores fôram, ás vezes, fusileiros e vice-versa; outras, a artilharia vio-se mudada em infantaria e esta em cavallaria!

Apresentamos, na estampa 57, os musicos, cujos uniformes eram, segundo o costume do tempo, de pura fantasia. Tradição vinda da pompa dos exercitos napoleonicos. Até mais ou menos 1855, cada batalhão fardava sua musica de accordo com o plano que o commandante arranjava e submettia á approvação do ministro da guerra, e, sobretudo, de accordo com os recursos da caixa militar.

Paineis de azulejos existentes no Maranhão (V. Doc. Gal.) documentam a estampa 58: um porta-machado e um granadeiro de 1845, mais ou menos. Os officiaes da mesma estampa têm as côres da gola e canhão do 5° de fusileiros, conforme o plano de 1852. O boné chato e a fardeta eram peças de uso diario e de campanha (V. Doc. Gal. — Batalha dos Santos Logares). O ultimo personagem é um official desenhado segundo o retrato do coronel Feliciano Falcão (V. Doc. Gal.), commandante do 5° de fusileiros, no Maranhão: pennacho verde e amarello, cordões da barretina presos na dragona esquerda. Esses cordões tiveram uso duradouro. Andavam com elles, na mesma occasião, as tropas européas de cavallaria sómente, sendo que, da dragona onde os prendiam para os botões da farda, partia uma forrageira com borlas. Outro erro de cópia, por ignorancia. O official brasileiro, quando tirava a barretina, collocava-os á vontade, em volta do pescoço ou atravessados no peito, como alamares. Raros os deixavam na barretina. Assim fazia sempre os europeus, que sómente guardavam no peito a forrageira com borlas, privativa, então, das tropas montadas.

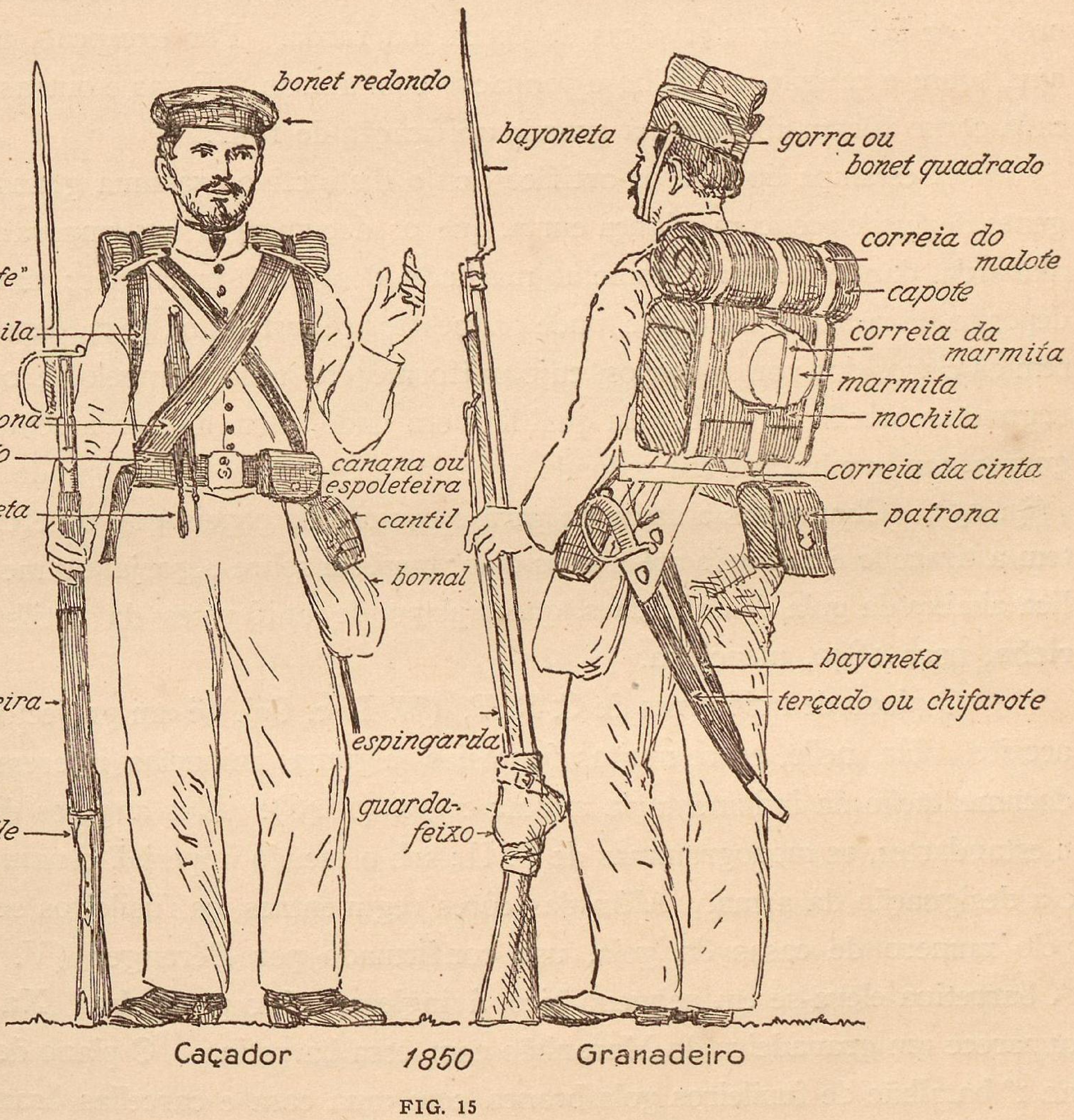
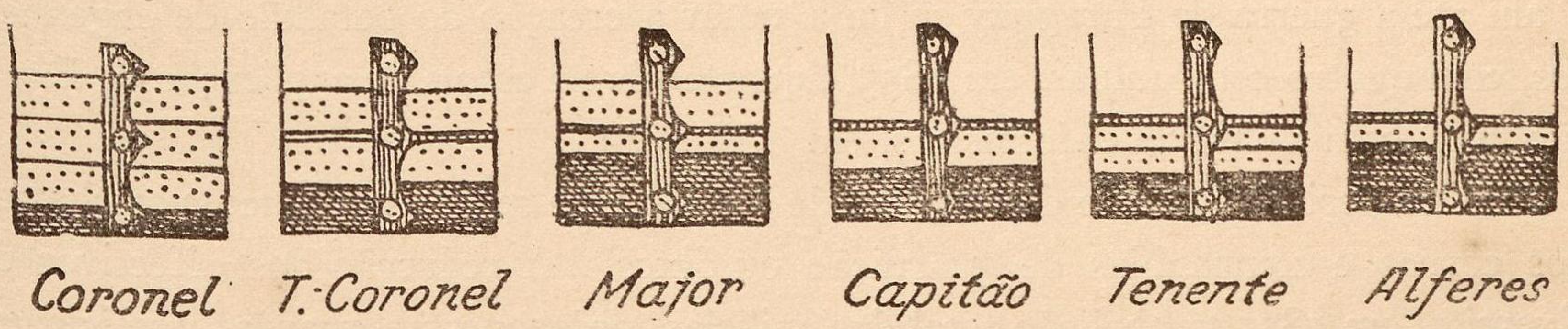

bonet redondo
bayoneta
gorra ou bonet quadrado
terçado ou "réfe"
correia da mochila
correia da patrona
cinturão
escovinha e agulheta
canana ou espoleteira
cantil
bornal
correia do malote
capote
correia da marmita
marmita
mochila
correia da cinta
patrona
bayoneta
terçado ou chifarote
bandoleira
espingarda
guarda-feixo
rifle
Caçador
1850
Granadeiro

FIG. 15

Uniformes de varias armas enchem a estampa 59. Um soldado de artilharia em grande gala, de accordo com a tabella descriptiva de 1848. Um do 2° regimento de cavallaria, uniformisado de maneira regulamentar, por mais estranho que isso pareça. Todas as peças de seu vestuario e equipamento são officialmente adoptadas. A bandeirola da lança é do feitio das da Batalha dos Santos Logares (V. Doc. Gal.), o que prova sua antiguidade. Ainda hoje a usamos. Uma das rarissimas tradições militares nossas escapas ás destruições systematicas. Como o 1° de cavallaria dava guarda ao imperador, ahi está, em 1° uniforme, com as duas ordens de botões caracteristicas da época, na farda. Por excepção, tinha carcella azul sobre o canhão vermelho e pennacho com anneis. Essas e outras fantasias de cada corpo fôram abolidas na grande unificação de 1852.

A estampa 60 traz os artifices, cujo distinctivo era uma granada; um sargento de fusileiros, com a lança curta, que os documentos contemporaneos chamam alabarda, dando o mesmo nome ao machado dos porta-machados; um soldado do deposito de recrutas da Côrte, onde os mesmos se instruiam, para, depois, preencherem os claros dos varios corpos, cujo uniforme era muito singelo, e os caçadores, segundo a tabella de 1848, pela qual lhes era dado, além do fardamento verde, dois gorros, um quadrado e um redondo, este mais moderno, e um par de calças azues *(fig. 15)*. Chamamos a attenção para o canudo de papeis que o referido inferior tem a tiracollo e que veio até nossos dias; tambem sobre o gorjal ou meia lua metallica abaixo da gola dos officiaes, que o plano de uniformes da artilharia de marinha, para 1840, menciona.

O plano de uniformes de C. R. P. (V. Doc. Gal.) é um projecto que não foi acceito. Ha, nelle, entre muitas fantasias, algumas minucias interessantes, como documentação da indumentaria militar coéva (1846). Nos angulos das bandeiras e estandartes, os monogrammas de P. II; sob o escudo imperial, o numero do corpo e a designação da arma. Além das côres regimentaes, os fusileiros se distinguem pelo numero de casas da gola, uso confirmado por Béranger (V. Doc. Gal.). A barretina eleva-se em pequeno bico, á ingleza, sob o pennacho. Na estampa 58 apparece um granadeiro do Maranhão com essa barretina. O plano de C. R. P. dá ao 1° batalhão de fusileiros gola branca com uma casa e carcellas brancas sobre o canhão; ao 2°, a mesma gola, com duas casas; ao 3° e 4°, golas azues-claras; ao 5° e 6°, amarellas, e ao 7° e 8°, vermelhas, com identicas disposições e divisas do 1° e 2°. Os caçadores distinguem-se pelas côres dos canhões: verdes, 1° e 2° batalhões; vermelhos, 3° e 4°; verdes-cinza, 5° e 6°, azues-claros, 7° e 8°. A cavallaria consta de 1° e 2° regimentos de dragões ligeiros, 3° e 4° de lanceiros, com uniformes fantasiosos, á ingleza; os primeiros de barretina de couro e casaca curta e os segundos de kurtkas polonezas de peitilho, czapskas chamarrados e acorrentados de ouro. O 3º de lanceiros seria todo vermelho e o 4º todo azul-claro. Os fardamentos da artilharia e sapadores, mais discretos. Os officiaes montados têm pennachos grandes, chorões, torçáes ou cordões de ouro, talim com pasta; os a pé, pennacho recto e talabarte com correia para espadas; os de caçadores, cordões pretos e cinturão simples, em logar de talabarte ou talim. Os galões para os officiaes de qualquer corpo, em pequena gala, e para os de caçadores, tanto em pequena como em grande, são: um de cinco linhas de largura para o alferes; dois das mesmas dimensões para o tenente; um de sete linhas para o capitão; um de sete e um de cinco para o major, dois de sete para o tenente-coronel e tres para o coronel. Este systema de galões durou todo o segundo reinado *(fig. 16)*.



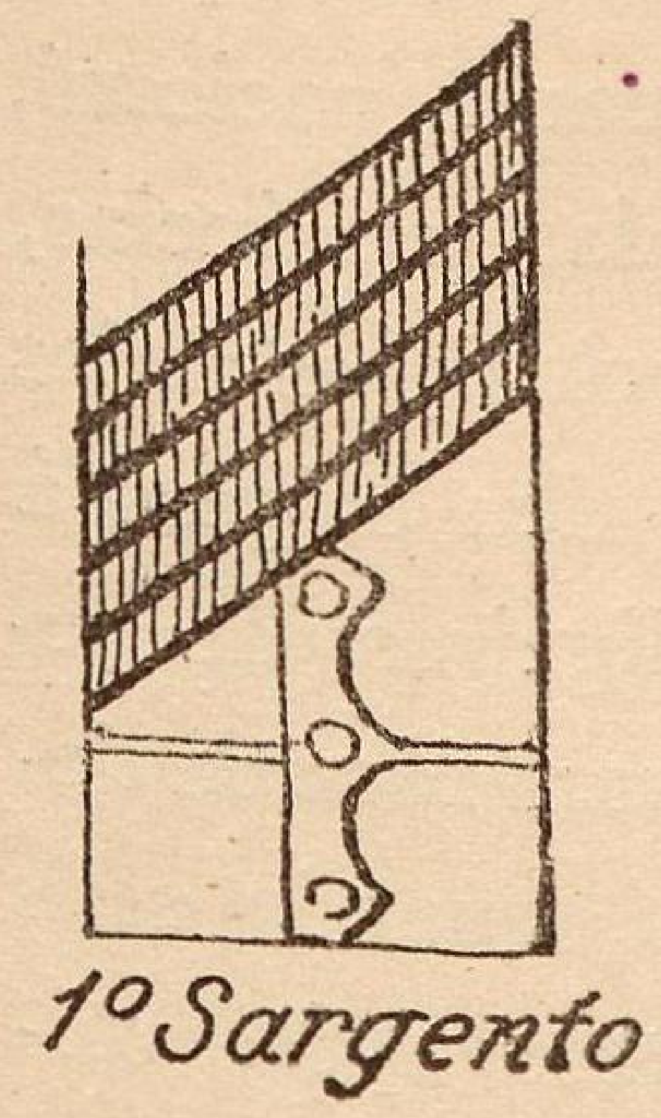


FIG. 16

As estampas 61, 62, 63 e 64 dão musicos copiados de figurinos do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.), de fantasia, como ficou explicado. Entretanto, nelles se notam os bordados e galões prateados, que se tornaram tradicionaes nas nossas bandas militares. Segundo o costume, as fardas dos musicos eram sempre mais vistosas que as das tropas (V. estampas 62 e 81). Na mesma fonte das citadas, se baseiam as estampas 81 e 84.

Depois da reorganisação de 1842, a unica medida militar digna de nota, até 1851, foi, em 1846, a creação de mais um regimento de cavallaria ligeira, no Rio Grande do Sul, com o numero 4º. Continuando, até 1845, a guerra dos Farrapos, antes desse anno o governo contractára, na Europa, mil mercenarios allemães, que, na reorganisação geral de 1851, formaram um batalhão de infantaria e um de artilharia.

Por essa reorganisação, a infantaria passou a contar 15 batalhões, numerados de 1º a 15º, sendo os de 1º a 8º de fusileiros e os de 9º a 15º de caçadores. O 15º era o de allemães. As numerações dos oito corpos de fusileiros continuaram as mesmas. As dos caçadores fôram alteradas: o 1° passou a ser 9°; o 2°, 10°; o 5°, 11°; o 4°, 12°, os 3°, 6° e 7° formaram o 13° e o 14°. O corpo de artilharia dos allemães tomou o titulo de 2° regimento de artilharia a cavallo. Tanto elle, como o de caçadores fôram dissolvidos annos depois e não figuram, officialmente, nos decretos do ministerio da guerra, como allemães.

Em 1852, dissolveu-se o 7° de fusileiros e formou-se, no Rio Grande do Sul, o 5° de cavallaria. Nesse tempo, houve as seguintes mudanças nas designações dos corpos de infantaria: o 8° de fusileiros passou a ser 7° e os batalhões de caçadores subiram, cada um, um numero, devido á suppressão do 7°, a que alludimos. D'ahi até a guerra do Paraguay só ha a notar a creação do batalhão de engenheiros, com quatro companhias, em 1855, aquartelado na escola de applicação do Exercito, e da companhia de enfermeiros, em 1857.

No periodo que vae da maioridade a 1865, não se devem esquecer os chamados corpos e companhias de guarnição ou fixos. A reducção dos effectivos do Exercito, em 1831, a abolição total das milicias, ordenanças e guardas municipaes, embora a creação destas ultimas datasse sómente de 1830, que a guarda nacional, recemnascida ainda, não podia substituir, fez sentir-se, na maioria das provincias, falta de tropa. Outróra, cada uma tinha a sua, independente. As principaes dellas fôram até incluidas na numeração geral de 1824. Tal necessidade deu origem á organisação, por toda a parte, dos corpos denominados pedestres e ligeiros, de pequeno effectivo, que, apesar de pertencerem ao Exercito activo, estavam fóra da dependencia directa do mesmo. Essa força irregular viveu até 1840, quando seus pequenos nucleos tomaram o nome de caçadores de montanha. Annos após, voltaram a ser novamente pedestres. Fôram os embryões dos futuros batalhões de caçadores formados nas provincias, a pouco e pouco, que chegaram ao seu apogêo em 1860. Os corpos de guarnição ou fixos desappareceram com a guerra do Paraguay, supprimidos pelo governo, que incorporou seus homens ás tropas de linha. Sua historia, em cada provincia, é sobremaneira curiosa. Em Matto Grosso, os dragões e leaes-cuyabanos coloniaes tiveram como substitutos a legião de Matto Grosso, creada por D. João VI, unidade tactica que se compunha das tres armas e se originára nos exercitos convencionaes e napoleonicos, lembrando um pouco a dos romanos. A de Matto Grosso tinha 788 homens, aquartelada em Cuyabá. Tomou, depois, o nome de ligeiros. Em 1832, desdobrou-se em cinco companhias de caçadores, uma de marinheiros-artilheiros e duas de artilharia. Em 1840, a provincia teve mais uma companhia de cavallaria, e a artilharia foi unificada num batalhão, com 465 homens. Essas tropas uniram-se, em 1842, sob o titulo de corpo fixo, ao qual se aggregou uma companhia de pedestres. O batalhão de artilharia foi substituido pelo 4°, a pé, de linha. Em 1843, creavam, de novo, a artilharia local e fundavam dois corpos fixos: o 1°, com quatro companhias de caçadores, duas de artilheiros, uma de cavallaria e uma de artifices, ao todo 768 homens, o 2°, com duas companhias de caçadores, duas de artilheiros e um total de 438 homens. Mais tarde, tudo isso formou dois corpos fixos só de caçadores, com seis companhias cada um; um corpo de artilharia, com quatro companhias, sendo uma de artifices, e um esquadrão de cavallaria.

No anno de 1851, houve a reforma geral dos corpos fixos. Supprimio-se um dos batalhões de caçadores de Matto Grosso; a cavallaria, augmentada, formou meio regimento; continuaram, no mesmo pé, artilharia e pedestres. Em 1860 extinguiram-se todos os pedestres do imperio, e os corpos fixos de cavallaria tornaram-se independentes dos de guarnição. Ao começar a campanha do Paraguay, segundo documentos officiaes, havia, em Matto Grosso, no papel, 1.327 homens, porém só se reuniram, difficilmente, 600, que estavam disseminados. O corpo de artilharia, auxiliado por indios e paisanos, defendeu, heroicamente, o forte de Coimbra. Afim de vigiar a fronteira do rio Apa, os poucos soldados do batalhão de caçadores seguiram, com os guardas nacionaes, para Miranda. As 130 praças da cavallaria, commandadas pelo bravo tenente-coronel Antonio Dias, acampadas em Nioac, combateram, contra os paraguayos, no rio Feio. Fôram elles o nucleo em torno do qual se congregaram as tropas esparsas e as gentes fugitivas na formidavel epopéa da retirada da Laguna.

Em 1870, reorganisaram-se os corpos de guarnição: Matto Grosso teve o 2° de cavallaria, que desappareceu com a republica.

A provincia de Goyaz, pessimamente servida de tropas nos tempos coloniaes, teve suas milicias formadas, de 1824 a 1825, e um inutil corpo de ordenanças em Rio Claro. Em 1836, alli existio uma companhia de 100 ligeiros, que, dois annos depois, estavam reduzidos a 39. Em 1841, teve uma companhia fixa de caçadores, transformada, no anno seguinte, em um corpo fixo de duas companhias, ao qual se reunio uma companhia de cavallaria. Em 1850, como essa tropa houvesse desapparecido, o governo creou uma nova companhia de caçadores. Na grande reforma militar de 1860, extinctos os pedestres, Goyaz possuio um batalhão de caçadores e uma companhia de cavallaria. Ao tempo da guerra com o Paraguay, essa guarnição incorporou-se, em Coxim, á expedição partida de S. Paulo para invadir o paiz inimigo. Então, por falta de cavallos, a companhia de cavallaria, com a de S. Paulo e a de Minas, constituiram um batalhão de caçadores a pé, que tomou a designação de 20° de infantaria de linha, fazendo, assim, a campanha. Após a guerra, coube a Goyaz o 1° corpo de cavallaria fixo.

A reorganisação militar da regencia deixou a Bahia quasi desprovida de soldados. Seu primeiro corpo fixo foi o deposito de recrutas, creado em 1837. Em 1842, deram-lhe um corpo de artifices, considerado fóra da 1ª linha, que durou até 1860. Crearam, lá, em 1843, um corpo de cavallaria, mais tarde denominado companhia fixa de cavallaria ligeira. Em 1840, as chamadas forças de guarnição bahianas elevaram-se, no papel, a quatro companhias de caçadores, duas de cavallaria e uma de pedestres. As de cavallaria sómente fôram organisadas de verdade dez annos depois, em 1860! Então, os caçadores constituiram um batalhão, o mesmo que se tornou num brilhante corpo de voluntarios, quando da luta contra o Paraguay. A reforma final de 1870 só lhe concedeu um corpo isolado de cavallaria, extincto em 1889.

Minas Geraes, devido á sua riqueza, teve sempre algumas tropas. Em 1832, ainda alli existiam as celebres divisões do rio Dôce, fundadas por D. João VI, em 1820, afim de defender a população dos ataques dos indios, com o effectivo de 268 homens. Em 1840, passaram a chamar-se caçadores de montanha e, depois, a formar duas companhias de pedestres, ás quaes se juntaram uma fixa de cavallaria e duas de caçadores, em 1851 estas ultimas. Em 1860, acabados os pedestres, havia quatro companhias de caçadores, que partiram, ao começar a guerra do Paraguay, para Uberaba, com o 17° de voluntarios, afim de incorporar-se á expedição de Matto Grosso. Terminada a campanha, a provincia recebeu uma companhia fixa de cavallaria, que, reunida á de S. Paulo, deu a base para o 9° regimento de cavallaria de linha, em 1889.

No Maranhão, fôram creados, em 1832, dois corpos de ligeiros ou pedestres, para defender dos indios as populações do interior. Houve mais um deposito de recrutas, de existencia precaria. No anno de 1840, essas companhias tiveram o nome de caçadores de montanha, voltando, em 1847, a ser de novo de pedestres. A sua força era tão mesquinha, que o corpo fixo do Piauhy emprestava guarnições ao Maranhão. Em 1850, existiram tres companhias, que, seis annos após, formavam o corpo de guarnição, cujas quatro companhias seguiram para o Paraguay.

No Amazonas, a organisação de 1820 estabeleceu um corpo de linha, sem existencia real, que não foi computado na reforma militar de D. Pedro I. Seu primeiro corpo fixo data de 1856, com quatro companhias de caçadores e duas de artilheiros. Em 1860, a artilharia teve mais duas companhias. Convém notar que unicamente o Amazonas, o Pará e Matto Grosso tiveram artilharia fixa. Os artilheiros amazonenses tomaram parte, no tempo da guerra do Paraguay, na expedição de Matto Grosso. Finda a campanha, a provincia não teve mais corpos fixos.

Durante largo tempo, o Piauhy possuio uma companhia provisoria de linha, que, provavelmente, servio de casco á formação das quatro companhias do seu corpo fixo de caçadores, que, em 1847, dava destacamentos para o Maranhão. Em 1865, partio para a guerra. Posteriormente, houve uma companhia isolada na provincia, que durou muito pouco.

Desde 1840, existia de guarnição no Ceará um batalhão provisorio do Exercito. Foi transformado, em 1847, num corpo fixo de caçadores, com quatro companhias, que partio para a guerra do Paraguay e, terminada esta, nunca mais foi reorganisado.

Na Parahyba, a companhia provisoria de tropa de linha, alli aquartelada desde 1840, tornou-se, em 1847, a companhia fixa de caçadores, que, em 1854, se transmudou em corpo fixo de quatro companhias e, 11 annos mais tarde, ia para o Paraguay. Em 1870, o governo deu á Parahyba uma companhia isolada, que viveu até 1889.

O primeiro corpo local de S. Paulo foi o deposito de recrutas de 1837; o segundo, os caçadores de montanha de 1840, 124 homens. Dois annos mais, e havia um batalhão provisorio de infantaria, dissolvido com os caçadores de montanha em 1847. Nessa data, S. Paulo passou a ter um corpo fixo, composto de uma companhia de cavallaria e duas de caçadores. Estas ultimas não chegaram a ser organisadas. Em 1865, essa força marchava para a campanha, em Matto Grosso, e participava da retirada da Laguna. Em 1870, S. Paulo teve uma companhia de infantaria e uma de cavallaria, esta ultima transferida para Minas em 1889.

No anno de 1832, creou-se, no Espirito Santo, contra os indios bravos, uma divisão de pedestres, que, em 1838, contava sómente 38 homens; em 1840 passava a ser divisão de caçadores de montanha e, em 1847, desapparecia, quando se formava a companhia fixa de caçadores, desdobrada, em 1860, num corpo de duas companhias, absorvidas pelo Paraguay. Em 1870, a provincia foi contemplada com uma companhia isolada, abolida pela republica, em 1889.

Data de 1853 o primeiro corpo fixo do Paraná, com duas companhias de caçadores, que se incorporaram, em 1865, á expedição de Matto Grosso, e uma de cavallaria, que partio directamente para o sul. Após a luta, o Paraná possuio um esquadrão de cavallaria, que já não existia mais em 1887.

Posteriormente á reforma geral de 1831, o primeiro corpo creado em Pernambuco foi, em 1837, o deposito de recrutas. Dez annos mais tarde, formavam-se o corpo fixo de cavallaria e a companhia de artifices. Em 1850, existia um corpo de indios engajados. A reorganisação de 1860 deu á provincia um corpo de guarnição, composto de duas companhias de caçadores e uma de cavallaria, que, em 1865, embarcava para a guerra. Depois de 1870, alli houve uma companhia isolada de cavallaria, extincta em 1889.

Sergipe teve, em 1841, uma companhia provisoria de caçadores, em 1847 transformada em companhia fixa, dissolvida em 1865, restabelecida em 1870 e definitivamente abolida em 1889. A do Rio Grande do Norte experimentou o mesmo destino.

No Pará, organisaram-se, em 1839, uma companhia de cavallaria e uma de artilharia. No anno seguinte, a artilharia contava já tres companhias, com 216 homens, e a cavallaria duas, com 207. Em 1842, a cavallaria tinha, de novo uma unica companhia. Pouco depois, as duas armas eram dissolvidas, nunca mais tendo a provincia corpo local nenhum.

As provincias do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina estiveram muito tempo unidas, formando uma só. Na segunda, houve, em 1837, um deposito de recrutas; em 1840, uma companhia de caçadores de montanha, dissolvida em 1860, e, em 1870, uma companhia isolada de infantaria, que se acabou com a republica.

Como o Rio Grande do Sul, a provincia do Rio de Janeiro e a Côrte fôram sempre os logares do Brasil, durante o imperio, mais favorecidos com a parada de tropas, nelles nunca existiram corpos fixos. Os uniformes desses corpos estão representados nas estampas 78, 79, 80, 89, 103, 104, 105, 106 e 107. Os dos pedestres e outros corpos fixos das provincias eram mais simples que os do Exercito. Não usavam casaca nem sobrecasaca. Nas barretinas, as iniciaes das provincias respectivas; nos hombros, os caçadores, chouriças, e pennachos verdes. Differençavam-se pelas côres dos paramentos. Os caçadores de Matto Grosso tinham gola verde, vivos e canhões vermelhos; os da Bahia, vivos verdes, gola vermelha e canhões azues; os do Piauhy, mesmos vivos, gola azul e canhões amarellos; os do Ceará, mesmos vivos, gola amarella e canhões azues; os de S. Paulo, vivos vermelhos, gola e canhões azues-claros; os de Minas, mesmos vivos, gola e canhões azues; os de Goyaz, vivos, gola e canhões vermelhos; os do Rio Grande do Norte, vivos e gola azues e canhões verdes; os do Espirito Santo, vivos e gola verdes e canhões azues; os da Parahyba, vivos e canhões azues e gola verde; os de Sergipe, vivos e canhões verdes e gola azul, e os de Pernambuco, vivos azues, gola e canhões vermelhos. A cavallaria fixa andava com pennachos encarnados. A de Matto Grosso usava vivos, gola e canhões dessa côr; a da Bahia, vivos e gola verdes e canhões azues; as de Minas e S. Paulo, vivos vermelhos, golas azues-claras e canhões azues; a de Goyaz, vivos e canhões das mesmas côres, mas a gola encarnada, e a de Pernambuco, vivos e golas azues e canhões vermelhos. O pennacho da artilharia fixa era rubro e negro.

O decreto minucioso de 7 de agosto de 1852 pôz fim ás irregularidades e confusões de nossos uniformes e é a melhor fonte official de informações acerca das fardas do segundo imperio. Vê-se, por elle, que se aproveitaram, quanto possivel, os fardamentos existentes, tanto por economia como por tradição. D'ahi até 1860, nossa indumentaria militar attingio o maximo de seu esplendor, o que não deixava de ser resultado da influencia que exerciam sobre o mundo as pomposas paradas e os soberbos "carrousels" da França de Napoleão III.

A estampa 65, accorde com esse decreto, dá as fardas do estado-maior general quasi nada mudadas e simplesmente evoluidas. Apparece, em segunda gala, a sobrecasaca comprida, de uma só ordem de botões e bordados unicamente na gola. Em passeio, permitte-se o chapéo armado, coberto de oleado, e mesmo o chapéo redondo civil. A espada, de punho de marfim e guarda simples em s é, mais ou menos, a actual. Conservaram-se os bordados de 1823 na mesma disposição. O vogal de conselho de guerra usa, na manga, bordados de fôlhas de carvalho semelhantes aos da aba da sobrecasaca. Os ajudantes de campo do imperador têm alamares e agulhetas do lado direito, o que, ainda hoje, se mantém no estado-maior da presidencia da republica. As dragonas dos generaes são de canutões simples. A banda tem borlas achatadas como a do fiador.

Na estampa seguinte, 66, figuram os corpos especiaes, que tambem pouco mudaram. Vêm-se as dragonas escamentas, com presilha de galão, cuja fórma até hoje se guarda. Já existiam antes, mas não officialmente, por abuso. As borlas da banda e do fiador são do mesmo typo que ainda possuimos. Os bordados, emblemas e vivos, os mesmos de 1823. Prohibidas as dragonas de canutões exaggerados, as pastas enfeitadas e as espadas de fantasia. No pequeno uniforme, se faculta o chapéo armado ou o boné redondo, chato, com vivos brancos e galão.

O 1° regimento de artilharia a cavallo apparece, na estampa 67, com charlateiras, canana e listas das calças identicas ás da cavallaria. A artilharia a pé, nas estampas 68 e 69, com vivos côr de carmim para todos os batalhões, sendo que o 1° tinha gola carmim e canhões pretos; o 2°, o contrario; o 3°, tudo preto, e o 4°, tudo carmim. A barretina do 1° era carmim, com cordões pretos, a dos outros, pretas, com cordões amarellos.

Distinguiam-se os quatro regimentos de cavallaria pelos canhões: o 1°, vermelho, com carcella azul; o 2°, vermelho, sem carcella o 3° e o 4°, azues, com carcella e sem carcella, na mesma ordem. De todos, os vivos eram brancos, tradição que, felizmente, ainda se conserva! As golas eram vermelhas, as calças de duas listas e charlateiras de corrente no hombro, o que veio até nossos dias. Além do boné de panno, o 1° tinha um de couro, com escamas (estampa 70), e o 4°, um gorro vermelho, com sacco redondo, como os dos colbacks e talpacks dos hussares europeus, á direita (estampa 71).

As distincções dos oito batalhões de fusileiros eram estas: 1°, gola branca e canhões vermelhos; 2°, gola amarella e canhões azues-claros; 3°, gola vermelha e canhões amarellos; 4°, gola azul-clara e canhões vermelhos; 5°, gola vermelha e canhões azues-claros; 6°, gola amarella e canhões vermelhos; 7°, gola azul-clara e canhões amarellos, e 8°, gola amarella e canhões brancos. Os vivos de todos eram encarnados. Rasto de longinqua influencia allemã no nosso Exercito esse das distincções, pela côr, da gola e dos canhões, variando, emquanto se mantem o mesmo vivo geral da arma. Por esse systema, ainda hoje se distinguem todos os regimentos germanicos. As calças do 1° de fusileiros tinham a côr mescla; as dos outros corpos, azues ferrete (V. estampas 72 e 73.) *(fig. 17)*.

O mesmo systema na differenciação dos seis batalhões de caçadores: 9°, gola e canhões encarnados; 10°, verdes; 11°, gola verde e canhões vermelhos; 12°,

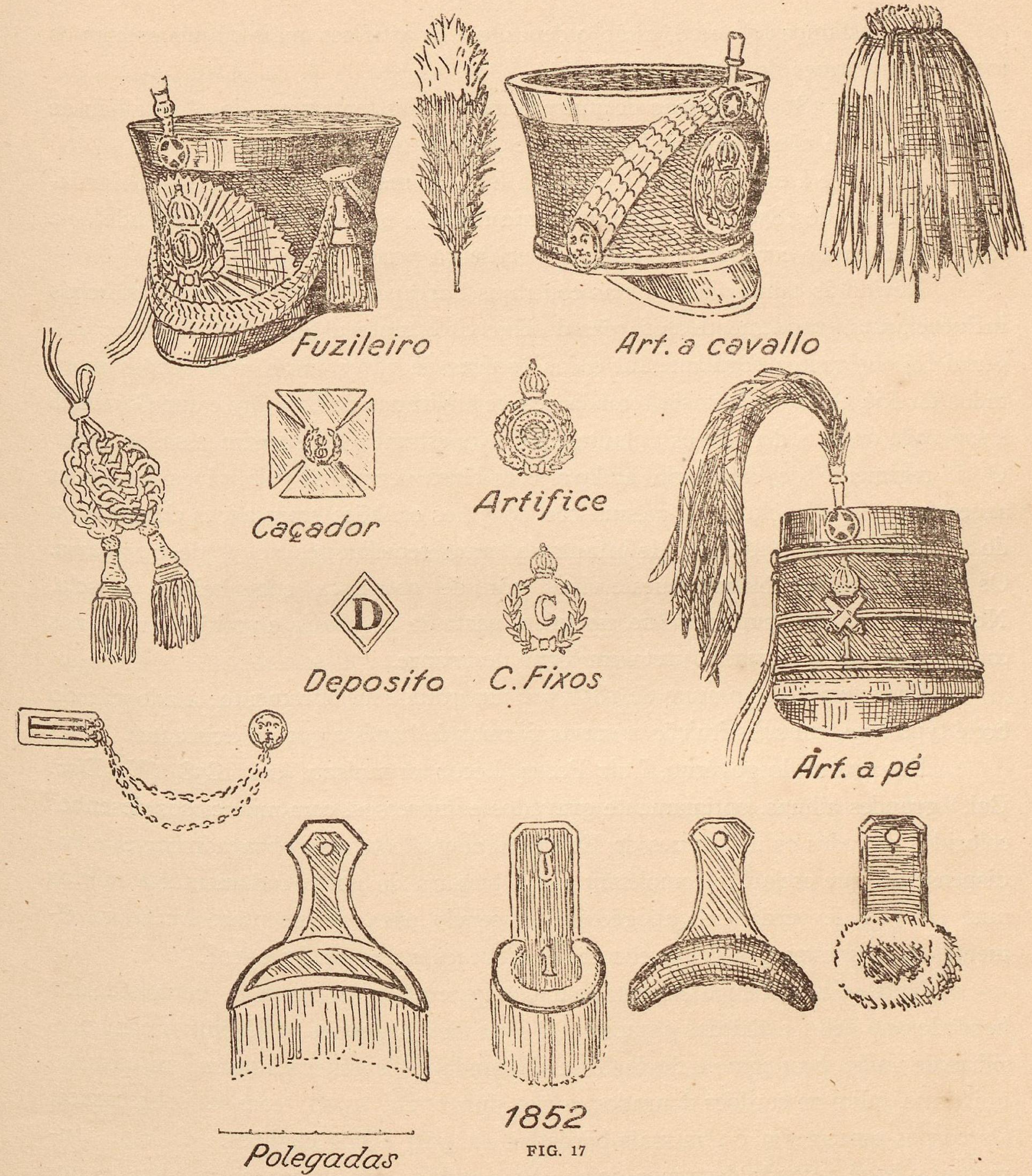

Fuzileiro
Art. a cavallo
Caçador
Artifice
Deposito
C. Fixos
Årf. a pé
1852
Polegadas

FIG. 17

tudo amarello; 13°, gola amarella e canhões verdes, e o 14°, o contrario. Os vivos e listas pretos e os botões e metaes de bronze (estampa 75).

Nas estampas 76 e 78, estão o deposito e os artifices, mais ou menos com os mesmos uniformes do plano anterior.

Data de 1855 a creação definitiva, após varios tentamens, do 1° batalhão de engenharia, que não teve grande uniforme (estampa 83).

Refere-se á escola militar a estampa 85. A mesma sómente possuio fardamento a partir de 1856. Antes, usava unicamente o tópe e as estrellas de cadete na farda commum do corpo onde o alumno verificára praça.

Devido ás campanhas sulinas contra os Farrapos e platinos, os usos gauchos influenciaram grandemente as fardas do Exercito, tanto assim que o governo imperial foi obrigado a regulamentar o das tunicas de côres vivas, nos corpos montados do Rio Grande, fantasia tomada aos republicanos de Piratiny e que Garibaldi levou para os seus denodados voluntarios. Na estampa 86 surgem essas tunicas. O 2° regimento de cavallaria andava com blusa vermelha, gola, vivos e canhões azues-ferrete. Na blusa, da mesma côr do 3°, os canhões eram azues-claros, e na do 4°, amarellos. O 4° e o 6° de infantaria eram semelhantes ao 3° de cavallaria. Os invalidos tinham blusas azues e vivos côr de rosa; os engenheiros, mescla. Nesse mesmo anno, supprimio-se, no sul, a pasta da cavallaria e prohibiram-se, nos caçadores, botões de massa preta em logar de bronze.

Caracterisou-se o anno de 1856 por um grande melhoramento: a adopção do boné typo kepi, em substituição a varias fórmas de bonés e gorros existentes.

Por ordem do governo, Luiz Pedro Lecor organisou, em 1858 (V. Doc. Gal.) grandes albuns, optimamente gravados e impressos, com minuciosos desenhos coloridos de todos os uniformes do Exercito, naquelle tempo, obra admiravel e indispensavel, que esclarece completamente a historia da nossa indumentaria militar num periodo de verdadeiro apogêo. Ella servio para documentar, irrefragavelmente, nossas estampas comprehendidas entre os numeros 87 e 108.

Nota-se na estampa 81, estado-maior-general, a suppressão completa dos bordados no peito e aba das casacas. O typo das dragonas já é outro, com presilhas de galão, bem como o do fiador e da banda. Os generaes usam, em pequeno uniforme, talim de cordões dourados, o que durou até 1908, com a sobrecasaca. Os corpos especiaes não têm mais bordados na gola e nos canhões. O kepi afugentou o boné redondo (estampa 92). As presilhas das calças se mantêm e durarão muito ainda. Os pennachos não são mais unicamente verdes; suas côres variam.

O corpo de saude está na estampa 93. Os medicos têm espadim e uma canana com instrumentos cirurgicos de urgencia. Em 1825, o imperador regularisára os distinctivos dos capellães. Em 1858, deram-lhes fardamento preto, com vivos e banda rôxos, de borlas de ouro para os capitães, de prata para os tenentes e de retroz preto para os alferes (estampa 93).

Ha alterações nos corpos moveis. O regimento de artilharia a cavallo, na estampa 96, tem uma barretina com cinta, diversa da antiga, e novo uniforme para os clarins.

A artilharia a pé consta da estampa 95. O uniforme official de seus musicos, tambores e tambor-mór obedece já a um plano geral e coherente, não sendo mais producto unico da fantasia dos sirgueiros. Os tambores têm galões nas costuras, em 2° uniforme, e peitilho, em grande gala (estampa 99). Nos canhões e na gola, o tambor-mór traz as côres caracteristicas da sua unidade. De accordo com o alludido plano geral, a farda dos musicos será côr de pinhão para os de fusileiros e mescla para os de caçadores (estampa 100). Estes possuem peitilhos especiaes para os corneteiros (estampa 101).

Na estampa 97, vê-se que, agora, só ha uma lista nas calças da cavallaria, que, desde 1815, deixou de usar botas. O peitilho dos clarins é branco e do mesmo formato que os da artilharia a cavallo. O 5° regimento de cavallaria, creado em 1854, tem o mesmo gorro do 4°, com vivos, gola e canhões vermelhos. O 1° regimento não traz mais carcellas em 1° uniforme. Os canhões do 2° são azues-ferretes e os vivos encarnados. A virola superior da barretina roliça, que Lecor desenhou, parece ter sido usada só por alguns corpos.

Da estampa 88 consta o deposito da Côrte, que já possue grande gala. Seus corneteiros e corneta-mór estão na estampa 103.

Nos fusileiros, varía, em primeiro logar, o boné (estampa 98). Os porta-machados ou machadeiros conservam o avental de couro mosqueado (estampa 99) e a barretina de pêlo, a ursa, o "ourson" napoleonico, que durou até após a campanha do Paraguay. Começa o talabarte dos officiaes a pé a ser substituido pelo talim sem pasta.

CAPITULO VI

Seculo XIX — Brasil Imperio — Segundo Reinado da Guerra do Paraguay á Republica

Declarada a guerra, o governo, immediatamente, augmentou o Exercito, ao mesmo tempo que abolia os corpos fixos ou de guarnição, incorporando seus effectivos á tropa de linha. Fôram chamados ás armas os guardas nacionaes e, ao appello dos poderes publicos á nação, responderam milhares e milhares de voluntarios da patria. A infantaria passou a contar 22 batalhões, numerados de 1° a 22°, sendo os sete primeiros de infantaria pesada, fusileiros, e os restantes de infantaria ligeira, caçadores. Differençavam-se nos traços geraes da indumentaria e do armamento, desta sorte: os fusileiros usavam correames brancos, paramentos vermelhos, carabina longa, bayoneta triangular e terçado, tocando tambores; os caçadores traziam correames pretos, paramentos verdes ou amarellos, fusil curto e réfle, tocando cornetas.

Devido á campanha anterior, do Uruguay, quasi toda a infantaria já se achava no sul: os 1°, 2°, 3°, 4°, 5°, 6°, 7°, 10°, 11°, 12° e 13° batalhões. Relembremos alguns dos appellidos que a soldadesca dava a esses corpos, todos gloriosos, menos o do 5°, que se portára mal em combate e tivera a alcunha de o Corredor; mas o 2° era o Dois de Ouro; o 12°, o Treme-Terra; o 13°, o Arranca-Tôco, e o 16°, embora chegado mais tarde ao sul, o Glorioso. Afim de juntarem-se aos referidos batalhões, logo partiram o 8° e o 9°. Depois, organisaram-se o 14° e o 15° de atiradores, com fusis allemães de repetição, que acabaram incorporados ao 11°. Ainda accorreram á luta os 17°, 18°, 19° e 22°. O 20° e o 21° seguiram na expedição da Laguna.

O 1° regimento de cavallaria permaneceu na Côrte, de guarda ao imperador. O 2° e o 3° combateram. O 4° e o 5° serviram de bases, para a formação, durante a guerra, de cinco corpos de caçadores a cavallo de quatro companhias e 638 homens cada um.

O 1° de artilharia a cavallo, intitulado Boi de Botas, velha tropa gaucha, sempre de guarnição no sul, teve a secundal-o um corpo provisorio da mesma arma.

Augmentou-se de um batalhão, com o numero 5°, a artilharia a pé. Quando rebentou a guerra, o 1° estava no sul e o 2° em Corumbá. O 3° e o 4° partiram para as operações, em 1865. Seguiram, após, em varias datas, a escola militar, o batalhão de engenharia e pontoneiros, e o esquadrão de transporte, formado em 1865, que deveria existir no sul, pela ultima lei de organisação do Exercito, desde 1860.

Os voluntarios da patria tomaram a mais brilhante parte na campanha, já combatendo nos seus corpos, organisados ao primeiro chamamento do paiz em perigo, já preenchendo os claros abertos pelo inimigo nas fileiras do Exercito. A maioria desses assombrosos batalhões foi fornecida pelo norte. Sómente a gloriosissima Bahia deu treze, com estes numeros: 3°, 10°, 14°, 15°, 23°, 24°, 29°, 40°, 41°, 43°, 46°, 53° e 54°, além dos corpos independentes e bizarros, não menos heroicos, no emtanto, como os Zuavos e os Couraças ou Couraceiros. Seguio-se-lhe Pernambuco, com sete batalhões: 11°, 21°, 30°, 44°, 51°, 52° e 56°. Depois, a Côrte, com sete tambem, compostos, na sua maioria, de brasileiros de toda a procedencia: 1°, 2°, 4°, 9°, 31°, 32° e 38°. O quarto logar coube á provincia do Rio de Janeiro, cujos corpos fôram os 5°, 6°, 8° e 12°, e á do Rio Grande do Sul, com os 33°, 35°, 48° e 49°. O quinto, ao Maranhão, com os 22°, 36° e 37°; a Minas Geraes, com os 17°, 18° e 27°, e a S. Paulo, com os 7°, 42° e 45°. No sexto logar, Pará e Piauhy, o primeiro, organisando o 13° e o 34°, e o segundo, o 39° e o 55°. Logo abaixo, o Ceará, com o 26°; Matto Grosso, com o 50°; Parahyba, com o 25°; Rio Grande do Norte, com o 28°, e Amazonas, Goyaz, Sergipe, Paraná, Santa Catharina e Espirito Santo, com os 14°, 16°, 19°, 20°, 29° e 47°.

Muitos desses corpos fôram, no correr dos acontecimentos, devido á falta de effectivos, absorvidos por outros, por exemplo: o 6°, pelo 33°; o 3° provisorio de infantaria da guarda nacional de Uruguayana, pelo 40° de voluntarios, e o 4° da mesma guarda, pelo 41°. Em 1870, sómente tornaram á patria estes batalhões: 17°, 23°, 26°, 27°, 30°, 33°, 35°, 36°, 37°, 39°, 40°, 41°, 42°, 44°, 46°, 50°, 53° e 54°. Aproveitaram-se, na regularisação dos effectivos dos voluntarios, varios corpos avulsos, como o batalhão da imperatriz, a brigada ligeira do general Netto, os voluntarios allemães e os paraguayos.

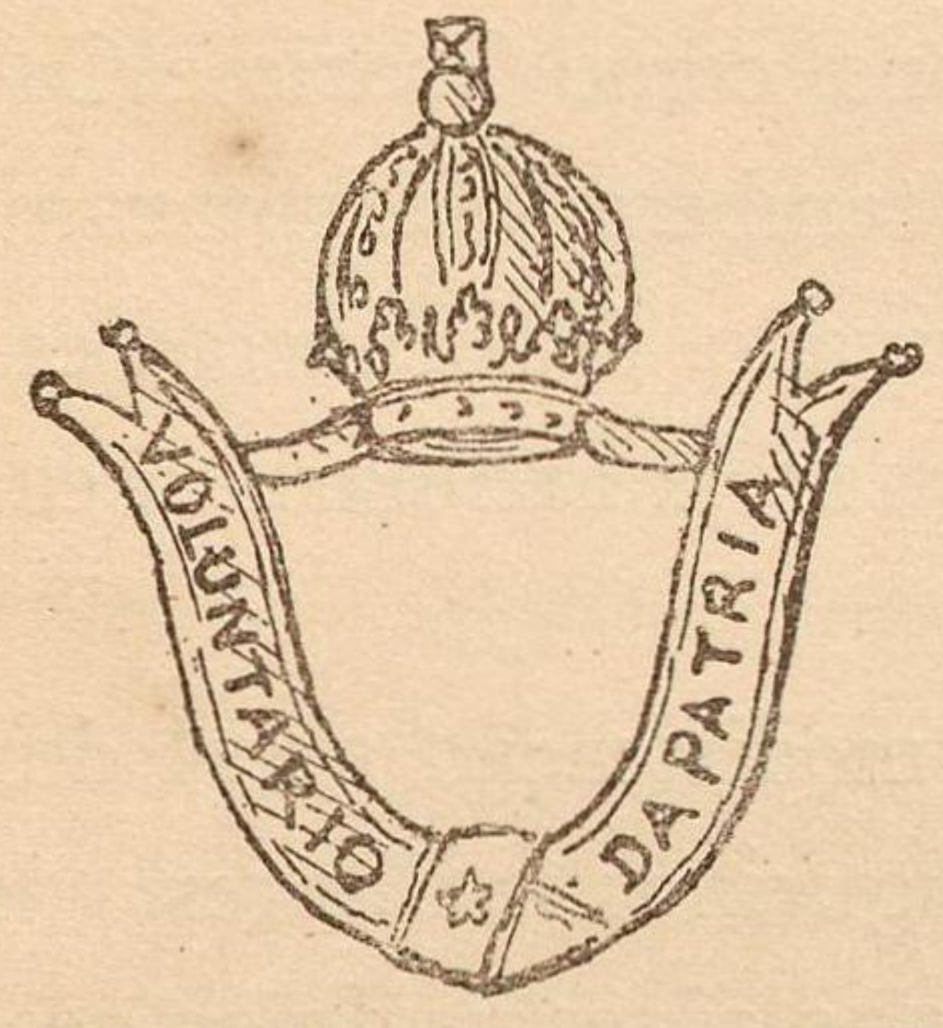
A guerra obrigou o governo a fazer completa modificação na organisação das tropas e, talvez, maior ainda nos seus uniformes. Nella se sentio, de modo definitivo, a influencia franceza, que já se accentuava na pomposa indumentaria de 1850 a 1860. Deu-se aos generaes o boné francez, o kepi de pequeno uniforme, chamado á Cavaignac, talvez por ter sido o general desse nome o primeiro a usal-o. Elle e a barbica em ponta, cavaignac tambem, fôram caracteristicas da época.

Conservou-se a sobrecasaca de 1852. As condições climaticas e de luta da zona de operações obrigavam os generaes a andarem de poncho, de pala, de botas fortes, de espadas proprias para os entreveros e mesmo alguns, como Osorio e Camara, de lança. Muitos officiaes superiores e subalternos tambem a adoptaram. O boné do estado-maior e dos engenheiros passou a ser avivado de branco (estampa 108). A estampa 109 dá officiaes de artilharia; na 110, a artilharia a cavallo mostra-se uniformisada á gaucha.

O decreto n. 3.620, de 28 de fevereiro de 1866, fez a modificação geral dos uniformes. Ha, na Bibliotheca Nacional, um album de figurinos militares, de accordo com elle. (V. Doc. Gal.). Aboliram-se as casacas, as côres regimentaes, a farda verde dos caçadores e as polainas. Adoptaram-se barretinas afuniladas, com cordões, em 1° uniforme, e gorros de dois bicos, de serviço, para a tropa, que duraram até nossos dias. Os caçadores a cavallo, recentemente creados, receberam o mesmo fardamento dos caçadores a pé, segundo se vê da estampa 113. Fôram supprimidos, finda a campanha. Segundo a estampa 111, a artilharia a pé usou granadas na gola, boné e gorro carmim. A sobrecasaca de brim substituio a fardeta do mesmo tecido. Os regimentos de cavallaria em campanha adaptaram-se ás condições do ambiente, o que se verifica na estampa 112. O 1°, que ficou na Côrte, figura na 120; a infantaria pesada, na 114, e a ligeira, na 115.

Por causa da confusão de armamentos, equipamentos e fardamentos, natural, nessa occasião, ás difficuldades de fornecimentos regulares e á duração da luta, os soldados andavam descalços, de alpercatas ou de cothurnos, de chapéo de feltro ou de panno, de gorro, de kepi, com capa branca ou sem ella. Parece, no emtanto, segundo o depoimento de veteranos, pois não ha, a esse respeito, documentos de outra ordem, que o chapéo distinguia o 2° corpo de exercito, do commando do tenente-general conde de Porto Alegre, e o kepi, o 1°, commandado por Osorio. Parece, tambem, conforme identicas informações, que o fundo das capas brancas do kepi tinha côres diversas, em variadas disposições, servindo para differençar uns dos outros os batalhões de voluntarios e de linha.

Em vista do diminuto effectivo do Exercito, o grosso das tropas que participaram da pugna era composto de cavallaria provisoria, guarda nacional e voluntarios da patria. Para estes, não houve plano definitivo de fardamento. Os primeiros batalhões apresentaram-se como os do Exercito ou aproveitando fardas das unidades de policia e guarda nacional de que se originaram. Mas todos traziam, no alto do braço esquerdo, um emblema, com o distico: Voluntario da Patria *(figura 18)*. Usaram bastante chapéo redondo, preto, com numero e tópe; tambem kepi-cavaignac, com vivos verdes e vermelhos. A estampa 117 está accorde com o retrato do commandante do 47° de voluntarios, existente na Bahia (V. Doc. Gal.). Convem notar que apparecem ahi os galões dos postos no boné, pois antes havia sómente, na cinta do mesmo, um galão largo. No alferes do 7° de voluntarios, constante dessa estampa, vê-se a gandola tradicional, ampla camisola, pregueada ou não, ainda agora levada pelos alumnos do collegio militar, que tanto tem durado no nosso Exercito.



Emblema dos V. P

FIG. 18

Os zuavos da Bahia surgem na estampa 118. Farda quasi igual á dos zuavos francezes da Argelia, então em voga. De vida ephemera, bateram-se, como leões, e figuram nos "croquis" de guerra dos numeros contemporaneos da "Illustration Française" (V. Doc. Gal.). Segundo o general Dionysio (op. cit.), compunha-se de voluntarios negros. Da companhia de couraças ou couraceiros que a Bahia formou para o Paraguay, como em 1824 formára uma para a guerra da independencia, não ficou memoria nem documento do vestuario.

Terminada a luta, o governo desmobilisou a guarda nacional e acabou com os corpos de voluntarios. O Exercito permanente continuou com a organisação anterior, sendo o 5° de infantaria, o Corredor, que fôra dissolvido após a falta de 1868, recomposto com o deposito da Côrte. O 18°, que se incorporára a outro, por falta de effectivo, foi substituido pelo 22°. Ficou, assim, a infantaria sómente com 21 batalhões. Com os effectivos dos corpos de caçadores a cavallo supprimidos, refizeram-se o 4° e o 5° de cavallaria. Não houve mais alterações na infantaria nem na artilharia. Em 1871, ainda occupavam territorio inimigo o 4° de artilharia a pé, o 2° de cavallaria e os 7°, 8°, 10°, 15°, 16° e 17° de infantaria.

Os outros corpos distribuiam-se desta fórma: na Côrte e na provincia do Rio de Janeiro, o batalhão de engenharia, o 1° de artilharia a pé, o 1° de cavallaria e o 1° e o 5° de infantaria; no Rio Grande do Sul, o 1° de artilharia a cavallo, o 3°, 4° e o 5° de cavallaria e o 3°, o 4°, o 12° e o 13° de infantaria; em Matto Grosso, o

2° e o 5° de artilharia a pé e o 19°, o 20° e o 21° de infantaria; no Amazonas, o 3° de artilharia a pé; em Pernambuco, o 2° e o 9° de infantaria; na Bahia, o 14° da mesma arma; no Pará, o 11°, e em Santa Catharina, o 18°. Havia companhias de invalidos em Porto Alegre, Bahia, Santa Catharina e no asylo da Côrte, depositos de recrutas em Santa Catharina, Pernambuco e Rio, e operarios militares nos arsenaes carioca, do Rio Grande do Sul, de Matto Grosso, do Recife e na fabrica da Estrella.

No anno de 1874, toda a artilharia foi reorganisada, passando a constar dos seguintes corpos: 1° regimento de artilharia a cavallo, no sul; 2° idem, formado sobre meio batalhão do 1° de artilharia a pé, na Côrte, e 3°, constituido pelo 4° a pé, no Paraná e S. Paulo. A artilharia a pé ficou reduzida a quatro batalhões, sendo o 4° formado pelo antigo 5°. Segundo a ordem natural de sua numeração, guarneceram as fortalzeas do Rio, Matto Grosso e Amazonas, sendo o ultimo repartido pelas guarnições do Pará, Bahia e Pernambuco.

Até 1878, não se fez mais nenhuma mudança no plano de organisação das forças de terra. Mas, nessa data, ellas fôram grandemente augmentadas. A infantaria teve 27 batalhões; a cavallaria, 10 regimentos; a artilharia a cavallo, quatro; a a pé ficou na mesma situação, e a engenharia ganhou mais um batalhão. Em 1889, pouco antes da republica, novo augmento. Contam-se 30 batalhões de infantaria nestas guarnições: na Côrte, 1°. 7°, 10°, 21°, 22°, 23° e 24°; em S. Gabriel, o 4°; em S. Luiz, o 5°; em Uruguyana, o 6°; em Cuyabá, o 8°; em S. Salvador, o 9° e o 16°; em Fortaleza, o 11°; na cidade do Rio Grande, o 12°; em Porto Alegre, o 13° e o 30°; em Belem, o 15°; em Curityba, o 17°; em Alegrete, o 18°; em S. Luiz dos Cáceres, o 19°; em Goyaz, o 20°; em Desterro, o 25°; em Maceió, o 26°; na Parahyba, o 27°; em Rio Pardo, o 28°, e em Pelotas, o 29°. O corpo de transporte ficava em Saycan, onde longamente permaneceu. Os 10 regimentos de cavallaria tinham estas paradas, por ordem natural de numeração: Côrte, Jaguarão, S. Borja, Sant'Anna do Livramento, Bagé, Santa Victoria do Palmar, Nioac, Curityba, Ouro Preto e S. Paulo. A artilharia de campanha ficava, na mesma ordem, em S. Gabriel, Côrte, Curityba e Bagé; a a pé, idem, na Côrte, em Corumbá, na cidade do Rio Grande e em Belém. Os dois de engenharia, no Rio e Cachoeira.

Desde a guerra do Paraguay até 1883, não fôram profundamente modificados os nossos uniformes, que, após essa data, começaram a decahir de seu antigo esplendor e a perder, dia a dia, suas mais bellas tradições, que ainda o plano de 1889-1890 manteve em certas minucias, mas que quasi totalmente se acabaram, posteriormente á transformação de 1894.

Pelas estampas 123 e 124, vê-se que, em 1872, a artilharia soffreu pequenas alterações no seu fardamento, que fôram logo adoptadas nas outras armas: galões finos, indicando os postos, no boné, e perneiras para os soldados montados. Tudo isto se verifica nas estampas 125 e 126. Na primeira, ha a farda, parecida com a do Exercito, dos corpos fixos ou de guarnição, então restabelecidos, que passaram a usar correame preto. Na 127, estão uniformes de 1873, conforme as tabellas officiaes de fardas e equipamentos para esse anno.

A evolução do armamento obriga o uniforme a soffrer novas mudanças. Apparecem as carabinas Spenser na cavallaria e os fusis Comblain na infantaria. A cinta amarella do boné dos caçadores torna-se azul, para que os galões sobresaiam. Restabelece-se a banda dos sargentos, abolida pela guerra, dando-se-lhes mais a espada, o que regista a estampa 126. Na figura 127, figuram o porta-machado e o tambor-mór, então exclusivamente conservados no 1° batalhão de infantaria, na Côrte, e supprimidos em todos os outros. Tradicionalmente, os machadeiros eram barbados e, quando não tinham barbas naturaes, usavam-nas postiças. Após a campanha paraguaya, esse "ornato" diminuio de tamanho, como consta da estampa 129.

Em 1874, o boné de couro substitue todos os outros e a blusa de brim, a sobrecasaca do mesmo panno (estampa 129). Os soldados dão a esse boné de couro o curioso nome de "guritão" ou "buritão". Os officiaes do 1° de cavallaria conservam, por tradição, o pequeno boné de oleado, definitivamente morto em 1878. As pastas, listas de calças e perneiras, de quando em vez soffriam modificações, de outras eram supprimidas e de outras restabelecidas.

Segundo a estampa 130, em 1880, os caçadores recebem uniforme semelhante ao da infantaria pesada. O soldado dessa época tinha, em grande gala, barretina, sobrecasaca com dragonas, calças azues ou brancas e botinas; em pequeno uniforme, boné de couro, blusa de flanella ou de brim pardo, calças brancas ou pardas. A estampa 133 mostra a infantaria pesada com correame preto. A cavallaria tambem o usou por pouco tempo. Os officiaes (menos os de caçadores), cujos postos outróra se distinguiam sómente pelas dragonas, em grande gala, começam, nesta occasião, a ter tambem galões no punho. A charlateira de panno do pequeno uniforme é substituida por outra de metal, semelhante á que, actualmente, têm as praças de pret em grande gala (estampas 133 e 135). Os officiaes andam, habitualmente, de sobrecasaca desabotoada. D'ahi ser peça de uniforme o collete branco ou azul.

Em 1883, os cordões encarnados das barretinas dos officiaes são trocados por torçáes de ouro e o pennacho tem a fórma de coqueiro, como o apresenta a estampa 135. Os vivos da engenharia são carmins; as golas e platinas, pretas. A tabella de uniformes de 1883 modificou o plano geral de 1866, estabelecendo novo boné de formatura, segundo figurinos lithographados do Archivo Nacional (V. Doc. Gal.). Delles tiramos a estampa 136. Desappareceram as carcellas e vivos que distinguiam corpos e armas. Agora só existem distinctivos de metal. Surgem, em certos corpos, as passadeiras largas, para prender as dragonas, e, para todas as unidades, a sobrecasaca de traspasse, com mangas e punhos apertados.

Vemos, na estampa 137, os recrutas, de gorro redondo, do typo até hoje usado nos exercitos inglez, espanhol, belga e portuguez. Ainda se avista, na estampa 138, a "arvore de campainhas", filha directa do "chapeau chinois" das pomposas e faúlhantes bandas de musica do segundo imperio francez. O fardamento dos musicos é mescla. Nas tropas a cavallo, os barbicaixos de torçal negro, com borla de fio na ponta, de origem gaucha, pendem dos kepis. Vieram até a republica.

Em 1874, conforme nos diz a estampa 128, estabeleceu-se novo plano de uniformes para o estado-maior. Em grande gala, plumas variadas, casas de galão na gola alta e nos canhões. É o bello fardamento do retrato do visconde de Taunay (V. Doc. Gal.). Esteve em uso, durante muitos annos, a sobrecasaca de traspasse e gola deitada, com platinas de trança, em segundo uniforme, do retrato do major Lassance (V. Doc. Gal.). Em 1881, este plano foi substituido por outro e publicou-se um novo para os generaes. Nelles predominava a grande sobrecasaca em todos os uniformes, com dragonas e canhões postiços, podendo ser usada com chapéo civil (estampas 131 e 132). A estampa 139 nos mostra a adopção, em 1888, por parte dos officiaes generaes, da sobrecasaca de traspasse e gola deitada, na qual se ajustam os bordados, no 1° uniforme, em logar da casaca, e a 134, a farda da escola militar, em 1881.

Pouco antes da proclamação da republica, decretou-se novo plano geral de uniforme, que, segundo as descripções dos documentos officiaes, era simplesmente pavoroso. Felizmente, não chegou a ser usado.

CAPITULO VII

Seculos XIX e XX — Brasil Republica

Proclamada a republica, o quadro do Exercito foi alterado. Accrescentaram-se mais seis batalhões de infantaria aos 30 existentes: o 31°, em Minas; o 32°, em Victoria; o 33°, em Aracajú; o 34°, em Natal; o 35°, no Piauhy, e o 36° em Manáos. Mais dois regimentos de cavallaria: o 11°, em Uruguayana, e o 12°, em São João da Barra do Quarahim. Mais um de artilharia a cavallo: o 5°, no Rio, e um de artilharia a pé: o 5°, na Bahia, com uma companhia destacada em Pernambuco. Transferiram-se para a Capital Federal o 22° de infantaria e o 9° de cavallaria. Em 1894, devido á revolta, crearam-se mais corpos: quatro batalhões de infantaria, dois regimentos de cavallaria, um de artilharia de campanha e um a pé. Essa organisação durou até 1908.

A republica fez grandes alterações nos uniformes. Nossas estampas, da 140 a 148, registam-nas de accordo com o decreto de novembro de 1889 (V. Doc. Gal.). Vieram capacetes, alamares postiços e meias botas. Restauraram-se vivos, carcellas, listas e golas de côr. Os uniformes do começo da republica fôram melhores que os do fim da monarchia. Voltou o antigo aspecto dos generaes e do estado-maior. Sómente se usavam listas douradas nas calças e chapéo armado, a pé. As côres dos pennachos servem de distinctivos: azul, para o estado-maior de 1ª classe; azul e encarnado, para o de 2ª; preto e branco, para a engenharia, branco, para o corpo de saude. Ainda ha capellães de farda negra e banda rôxa, com uma estrella, os alferes; duas, os tenentes, e tres, os capitães, como na estampa 142.

As côres dos pennachos differenciam as armas. É carmim e preto o da artilharia, branco e vermelho o da cavallaria, vermelho o da infantaria. Os alamares dos soldados são de lã amarella. Em pequeno uniforme, continúa em uso o gorro de 1866.

O segundo plano de uniformes da republica foi o de 1890 (V. Doc. Gal.), pelo qual se fizeram as estampas de 149 a 158 *(fig. 19)*. Desde então, começa nosso Exercito a sahir da rota natural da evolução das tradições de sua indumentaria. Datam d'ahi os erros contra os nossos usos militares, cujo resultado tem sido a perda quasi completa das linhas, côres, traços, symbolos e emblemas que eram fundamentalmente nossos, exclusivamente nossos!

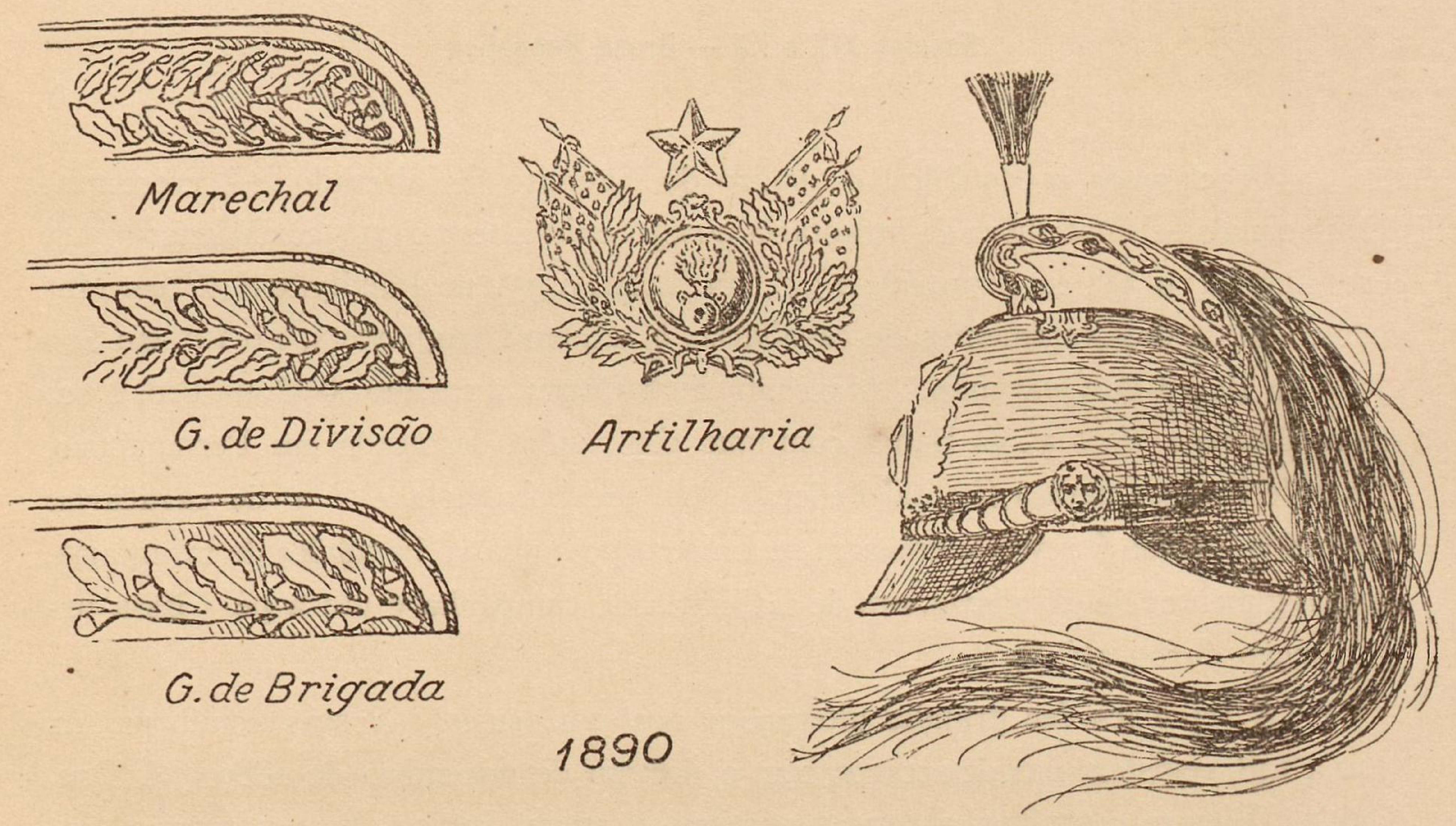


FIG. 19

Na estampa 159, vêm-se os primeiros fardamentos do imperial collegio militar, baseados nas descripções officiaes, assim como o dos batalhões academicos (V. Doc. Gal.). Na 160, já se apresenta a côr tradicional do referido collegio, a de pinhão, o castanho da velha infantaria portugueza, que ainda hoje o collegio militar portuguez usa, o castanho dos caçadores do Brasil Reino e dos musicos da infantaria pesada do Brasil Imperio. O collegio guardou essa côr longos annos; mas, no do centenario de nossa independencia, seu commandante, criminosamente, a trocou pela azul celeste, impropria, berrante, anti-economica, sem tradições na historia militar do paiz, que, ha tempos, a escola militar copiára dos modernos hussares francezes, sem razão, por mera ignorancia de nossas coisas!

A estampa 161 aponta as ligeiras modificações nas fardas do corpo de saude, em 1893 *(fig. 20)*.

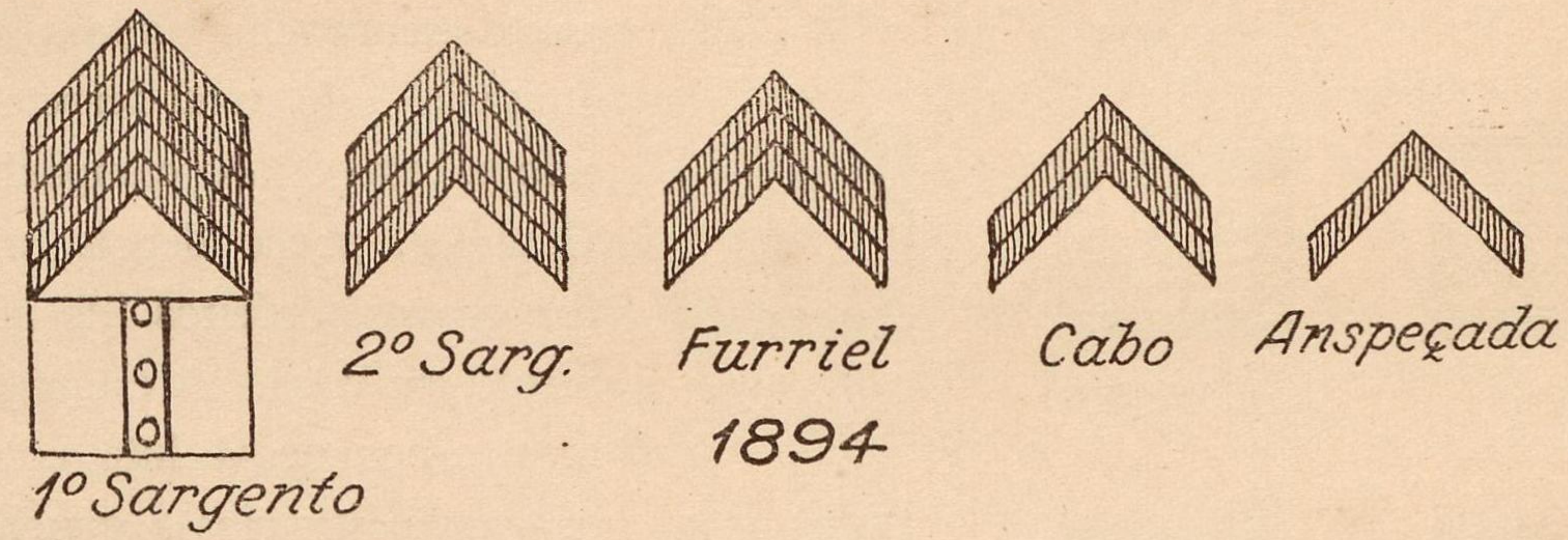


FIG. 20

O decreto n. 1.729, de 11 de junho de 1894, cortou ao meio a evolução natural do fardamento brasileiro, revolucionando toda a indumentaria nacional e estragando todas as nossas tradições. Com elle, nasceu a horrivel calça garance e o dolman da cavallaria ligeira européa, imposto a todos os nossos militares a pé ou a cavallo, com a aggravante de haverem copiado o modelo portuguez, derivado do inglez e o mais feio de todos! Acompanhou o decreto um album de figurinos coloridos pelo desenhista e aquarellista tchéque Mucha (V. Doc. Gal.), no qual ha uns dois pormenores errados. Com essa base, constituiram-se as estampas entre os numeros 162 e 172. Os officiaes generaes adoptam, de novo, bordados no peito e nas mangas, como os de 1823. Os officiaes têm, no kepi, pequena pêra de metal, erradamente denominada tópe, horrivel erro de cópia das bolas de lã com as côres nacionaes nos shakos francezes; em pequeno uniforme, espada curta e leve, ligeiramente curva, de punho sem copo, guarda em S e bainha de couro, hoje dada aos sargentos.

Pela estampa 173 se nota que, no mesmo anno, o plano foi alterado pelos decretos ns. 1.834 e 1.903 (V. Doc. Gal.). Um pennacho tomou o logar da tal pêra metallica. Era verde e amarello para os generaes. Trocaram-se por botinas as meias botas. A estampa 174 affirma-nos que, em 1895, as polainas são da côr da sobrecasaca, o que lembra os bombeiros do Pará, que tinham polainas da côr do dolman, vermelhas!!! Os generaes abandonam os pennachos de côres nacionaes. Supprimem-se as calças bombachas, que o habito, no emtanto, manteve ainda por uns dez annos. Os galões da officialidade são outros, diversos dos da monarchia *(fig. 21)*.

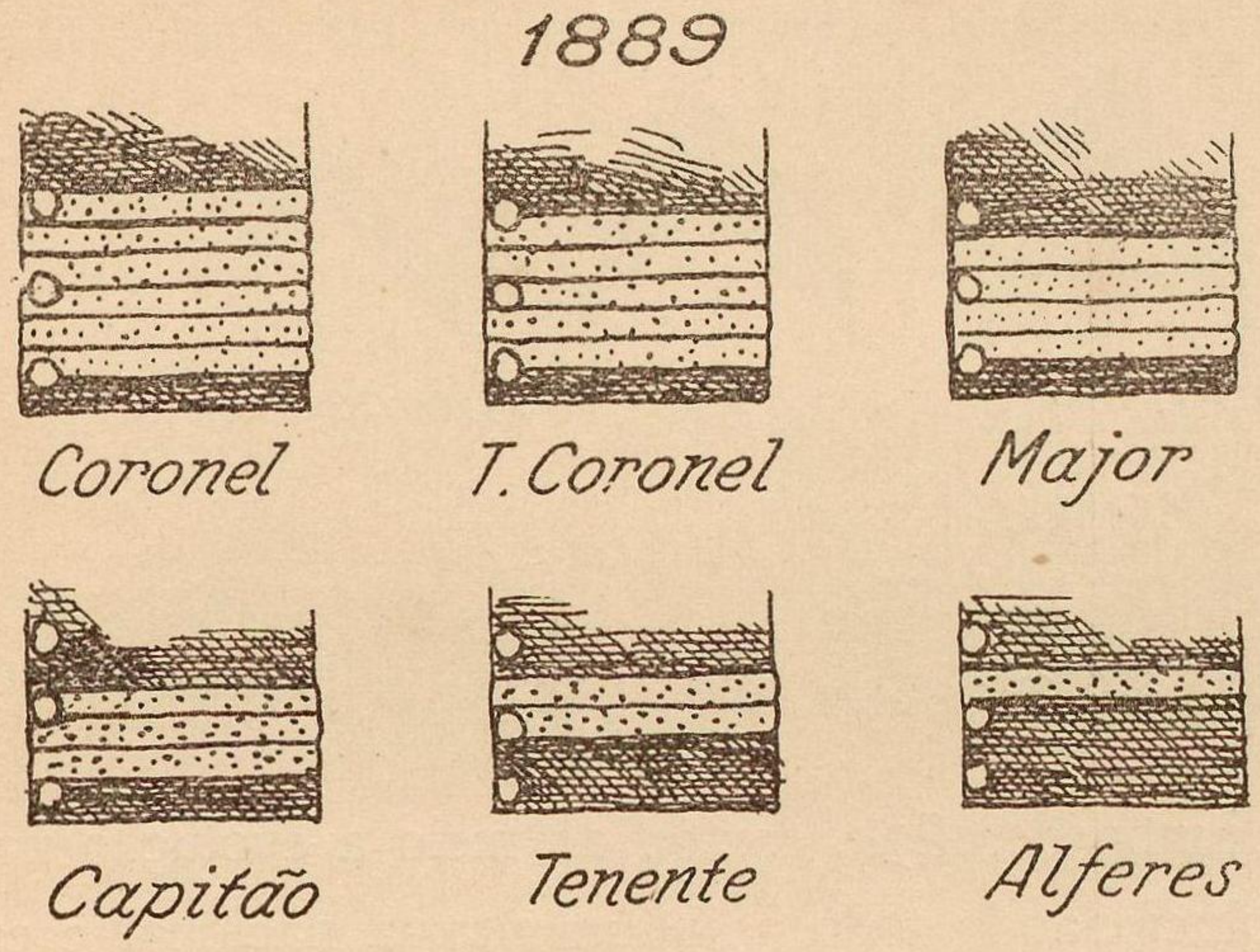


FIG. 21

Em 1896, troca-se o cinzento-escuro das tunicas da infantaria pelo azul-ferrete (estampa 176). A campanha de Canudos, pouco depois, aponta os graves defeitos do fardamento em voga. A estampa 176 mostra-nos nessa luta como se usavam vestuarios á gaucha e á sertaneja, aspectos flagrantes do soldado brasileiro naquelles asperos sertões.

Datam de 1903 os capacetes coloniaes brancos empennachados e o dolman para todas as armas, de modo geral. As estampas de 177 a 185 offerecem á vista as fardas desse periodo. Desappareceram os bordados no peito dos generaes. Experimenta-se, pela primeira vez, o brim kaki. As polainas são brancas. Em 1907, as grandes manobras repercutem favoravelmente em todo o paiz. A mocidade enverga, com grande enthusiasmo, a farda de voluntario especial. Na estampa 187, damos os uniformes então adoptados. Pelo decreto n. 6.971, de 1908, soffre o Exercito uma remodelação completa, da qual data o inicio da grande evolução que o trouxe á sua efficiencia actual. Foi esse decreto fonte de nova transformação, para melhor, de nossa indumentaria, parando a decadencia que se accentuava desde o fim da guerra do Paraguay cada vez mais. Estabeleceu outra vez as grandes unidades, acabando com os exiguos batalhões que vinham da regencia, dando-nos os regimentos de tres batalhões ou de tres grupos, que lembram, de alguma fórma, os do Brasil Reino. Extinguio os chamados corpos especiaes, que datavam de 1823, compostos dos estados-maiores de artilharia, de 1ª e 2ª classes, e dos engenheiros. Restabeleceu a arma de caçadores, supprimida em 1880 e tradicional no paiz. Por essa reforma, o Exercito passou a possuir 45 batalhões de infantaria, numerados de 1º a 45º, grupados aos ternos, seguindo, naturalmente, a numeração, em 15 regimentos; 12 batalhões, de tres companhias, numerados de 46° a 57°; 13 companhias isoladas de caçadores, cinco de metralhadoras, com tres secções cada uma, e 12 secções de metralhadoras a mais; nove regimentos de cavallaria divisionarios, com quatro esquadrões cada um, numerados de 1° a 9°; tres independentes, com os mesmos esquadrões, de 10° a 12°, e cinco independentes, de dois esquadrões, de 13° a 17°; 12 pelotões de estafetas e cinco esquadrões de trem; a artilharia com cinco regimentos montados de tres grupos de tres baterias cada um, cinco baterias de obuseiros de quatro peças, tres grupos a cavallo de tres baterias cada qual, dois montados da mesma força, tres batalhões de posição de seis baterias, seis de duas baterias, seis independentes, cinco parques e 18 columnas de munição; emfim, a engenharia com cinco batalhões e mais 17 pelotões de especialistas.

Do plano de uniformes que acompanhou essa reforma fundamental (decreto n. 7.201, de 1908) se originam os que hoje o Exercito usa. É curioso notar que, na nossa tropa, ha duas evoluções de fardamento, perfeitamente distinctas. A historica, coherente, logica, inconfundivelmente nacional, tradicionalista, nascida no reinado de D. João VI e morta pelo reinado da calça encarnada, mal copiada da França, em 1894. A outra, moderna, absolutamente sem base no espirito nacional, mais ou menos esdruxula, feita de cópias do estrangeiro — calças francezas, laços das mangas hungaros de origem e italianos de estylisação, boné americano, capote allemão, capacetes prussianos ou coloniaes inglezes, dolmans de alamares de cadarço portuguezes, etc., que veio á luz depois de 1896. Da invenção de 1894, sómente se conservou a peior — a calça garance. Da velha tradição militar brasileira muito pouco resta — o pennacho negro em certos corpos de artilharia, os vivos brancos da cavallaria, as dragonas de escamas em relevo, as borlas dos fiadores de grande gala, alguns distinctivos de metal como o castello e a esphera armillar, quasi nada!

Das estampas numeradas de 188 a 198, representamos as fardas desse periodo, tanto do Exercito activo, como dos voluntarios de manobras e das linhas de tiro, que enxamearam por todo o Brasil. Na estampa 199, temos um soldado, com o equipamento moderno, e o laço hungaro como distinctivo especial dos officiaes combatentes; na 200, o uniforme de algodão mescla, para serviço interno; os novos grandes uniformes do collegio e da escola militar, bem como a farda de ceremonia dos officiaes generaes. Na 201, surge o capote tudesco esverdeado; na 202, o traje de campanha. Na 203, vê-se como se fez a do Contestado e que das calças de gala a lista dourada desappareceu. Na 204, amostra-se, pela primeira vez, o boné americano, hoje de uso geral; na 205, o equipamento inglez, de lona, systema

Mills. A 207 regista uma tristissima nota: em grande gala, na parada de 7 de setembro de 1917, o boné americano de capa branca e pennacho, o que sómente a mais profunda e lamentavel ignorancia da indumentaria militar poderia permittir, pois vae de encontro a todas as regras e tradições, ao mais corriqueiro sentimento de esthetica e á propria fórma da cobertura em questão. No mesmo dia, em São Paulo, o 43° de caçadores formava de calças encarnadas e perneiras de couro da farda kaki, em logar das polainas brancas regulamentares.

Durante a guerra européa, nossos officiaes, em commissão no estrangeiro, usaram, por tolerancia, calções e blusa de flanella kaki, tendo esta a gola deitada, á ingleza, com gravata. A influencia da guerra sobre o nosso fardamento não ficou sómente nisso. Della decorreu o uniforme dos nossos aviadores e soldados dos tanks, assim como os suspensorios para os officiaes em campanha e o talabarte em serviço ou passeio, segundo a estampa 207.

O decreto n. 12.739, de 1917, alterou o plano de organisação de 1908, supprimindo os 13°, 14° e 15° regimentos de infantaria, cujos batalhões passaram a ser de caçadores. Estes formaram, assim, 21 unidades, numeradas de 37° a 57°. Aboliram-se as secções independentes de metralhadoras, augmentando-se com ellas o numero de companhias para 10. Crearam-se duas companhias de estabelecimento. A cavallaria ficou com 15 regimentos e cinco corpos de trem; a artilharia com 10 regimentos montados, de 1° a 10°, de dois grupos de tres baterias cada um, com tres grupos a cavallo de duas baterias, dois de montanha da mesma força e cinco identicos de obuseiros. Os batalhões de artilharia de posição formaram cinco districtos de artilharia de costa. A engenharia dividio-se em cinco batalhões de engenheiros, um batalhão e uma companhia de ferroviarios.

Em 1919, pelo decreto n. 3.916, novas modificações. A melhor é a distribuição de tropa por todo o territorio da nação. Restabelece-se uma das mais arraigadas tradições da vida militar brasileira — batalhões de caçadores com numeração independente. A cavallaria independente toma numeração especial tambem, lembrando os antigos caçadores a cavallo. A divisionaria continúa com seus numeros proprios. Os batalhões componentes dos regimentos de infantaria deixam a numeração seguida e são numerados dentro de cada regimento. Cada uma dessas unidades tem seus I, II e III batalhões. Se isto fez perderem-se os numeros dos antigos corpos da arma, trouxe indiscutivel vantagem pratica. Esses regimentos passam a ser 12, com esta discriminação: 1° e 2°, na Villa Militar; 3°, em Nictheroy e depois na Praia Vermelha; 4°, dois batalhões em Araraquara e um em S. Carlos; 5°, dividido do mesmo modo entre Pirassununga e Araras; 6°, em Caçapava; 7°, em Santa Maria; 8°, em Cruz Alta; 9°, na cidade do Rio Grande; 10°, repartido, como o 5°, entre Juiz de Fóra e Cataguazes; 11°, idem, entre S. João d'El-Rey e Queluz, e 12°, entre Bello Horizonte e Pará (Minas). Eis a parada dos caçadores: 1°, 2° e 3°, Rio de Janeiro; 4°, S. Paulo; 5°, Lorena; 6°, Ipamery; 7°, Porto Alegre; 8°, S. Leopoldo; 9°, Pelotas; 10°, Ponte Nova; 11°, Diamantina; 12°, Curvello; 13°, Joinville; 14°, Florianopolis; 15°, Curityba; 16°, Cuyabá; 17°, Corumbá; 18°, Campo Grande; 19°, Bahia; 20°, Maceió; 21°, Recife; 22°, Parahyba; 23°, Fortaleza; 24°, S. Luiz; 25°, Therezina; 26°, Belém, e 27°, Manáos. As 22 companhias de metralhadoras fôram espalhadas, na ordem natural dos seus numeros, por estas localidades: Deodoro, Villa Militar, S. Christovão, Nictheroy, Pirassununga, Rio Claro, Jacarehy, S. Paulo, Santa Cruz, Cruz Alta, Porto Alegre, Caxias, Juiz de Fóra, Barbacena, Ouro Preto, Bello Horizonte, Ponta Grossa, Blumenau, Aracajú, Natal, Campo Grande e Corumbá. Os cinco regimentos de cavallaria são escalonados, na mesma ordem, no Rio, Pirassununga, Rosario, Rio Verde e Guarapuava (depois, em Castro); os 11 independentes em Santo Angelo, S. Borja, S. Luiz, Itaqui, Uruguayana, Quarahim, Sant'Anna, Bagé, Jaguarão, Bella Vista e Ponta Poran. Os corpos de trem ficam, seguindo seus numeros, na Villa Militar, em Pindamonhangaba, Margem, Juiz de Fóra e Guarapuava. Os de artilharia a cavallo em S. Luiz, Alegrete e Bagé. Os regimentos de artilharia na Villa Militar, em Santa Cruz, Campinas, Itú, S. Gabriel, Cruz Alta, Oliveira, Pouso Alegre, Curityba, Ponta Grossa e Campo Grande. Os grupos de obuseiros em S. Christovão (Rio), Jundiahy, Rio Pardo, Uberaba e Castro. Os grupos montados em Cascadura (Campinho), Jundiahy, S. Gabriel, Pouso Alto e Valença. A artilharia de costa convenientemente repartida por estas guarnições e fortes: os grupos, em Santa Cruz, S. João, Itaipús, Obidos e Coimbra; as baterias isoladas, em Copacabana, Vigia, Leme, Lage, S. Luiz, Imbuhy, Marechal Hermes, Paranaguá, Marechal Luz, Marechal Moura, S. Salvador e Recife. Os batalhões de engenharia, tambem por ordem, na Villa Militar, em S. Paulo, Alegrete, Itajubá, União da Victoria e Aquidauana; o batalhão ferroviario em Cacequi e a companhia ferroviaria em Deodoro, no Rio de Janeiro. Muitos desses corpos ficaram por organisar. O referido decreto alterou a divisão territorial militar e a organisação das divisões do Exercito, creando muitos serviços novos. Após essa remodelação, veio a do decreto n. 15.235, de 31 de dezembro de 1921.

Por elle, houve as seguintes alterações: na infantaria, o 5º regimento passou para Piracicaba, o 1º batalhão de caçadores ficou em Nictheroy, o 2º em Petropolis, o 3º na Villa Militar, o 7º em Pouso Alegre, o 9º em Caxias, o 10º em Ouro Preto e os demais mantiveram-se nas paradas anteriores; organisaram-se mais o 28º em Aracajú e o 29º em Natal. Continuaram como dantes as companhias de metralhadoras. Crearam-se tres batalhões de infantaria montada, o 1º em Itaqui, o 2º em S. Borja e o 3º em S. Gabriel; duas companhias de estabelecimento, a 1ª em S. Christovam e a 2ª em Porto Alegre. Na cavallaria, passou-se o 3º regimento divisionario para Jaguarão, collocou-se definitivamente o 5º em Castro; abolindo os esquadrões de trem, augmentou-se o numero dos regimentos de cavallaria independente de 11 para 15; mudaram-se as paradas dos seguintes: 1º para Santiago do Boqueirão, 4º para Santo Angelo, 6º para Alegrete, 8º para Quarahim, 9º para São Gabriel; deram-se aos novos estas guarnições: 12º, Bagé; 14º, D. Pedrito; 15º, Villa Militar; o 13º ficou por organisar. A engenharia soffreu pouca alteração: o 3º batalhão passou para Cacequi, o 5º para Curityba e o ferroviario para S. Pedro. A reforma da artilharia foi muito mais importante. Esta arma ficou assim organisada: 10 regimentos de artilharia montada, o 1º na Villa Militar, o 2º em Santa Cruz, o 3º em Campinas, o 4º em Itú, o 5º em Santa Maria, o 6º em Cruz Alta, o 7º em Juiz de Fóra, o 8º em Pouso Alegre, o 9º em Curityba e o 10º em Rio Negro; oito regimentos de artilharia pesada, o 1º em S. Christovam, o 2º em S. Paulo, o 3º em Cachoeira, o 4º em Uberaba, o 5º em Ponta Grossa, o 6º em Anchieta, o 7º em Ipanema e o 8º na Margem do Taquary; um regimento de artilharia mixta em Campo Grande; cinco grupos de montanha, o 1º no Campinho, o 2º em Jundiahy, o 3º em Montenegro, o 4º em Oliveira e o 5º em Guarapuava; seis grupos a cavallo, o 1º em S. Borja, o 2º em Uruguayana, o 3º em Bagé, o 4º em Santo Angelo, o 5º em Sant'Anna do Livramento e o 6º em S. Gabriel. A artilharia de costa continuou na mesma situação. Ficou sendo esta a distribuição das tropas especiaes: uma companhia de carros de assalto na Villa Militar, uma companhia de aviação no Campo dos Affonsos; cinco esquadrilhas de observação, a 1ª nesse ultimo local, a 2ª em S. Paulo, a 3ª em Santa Maria, a 4ª em Juiz de Fóra e a 5ª no Porto da União; tres esquadrilhas de caça e tres de bombardeio, as primeiras em Alegrete, as segundas em S. Paulo e as terceiras na margem do Taquary.

Nossa estampa 208 tem a mesma data do decreto anterior. Por ella, se vê o novo equipamento dos officiaes e da cavallaria, o uniforme branco, com divisas douradas, para os sargentos, em passeio, e o fardamento e equipamento especiaes da artilharia. A 209 representa o anno de 1920: o 1° uniforme dos generaes foi substituido pelo 2°; fim da sobrecasaca e do chapéo armado, nas formaturas; capacete allemão na grande gala da escola militar, envernizado de branco, com um ferro de machado dourado para os infantes e pennacho cahido, de crinas, todo alvo, para os cavalleiros. Em 1921, escoltando o rei dos Belgas, a cavallaria da escola formou de luvas brancas, de canhão, como as cavallarias pesadas ou de linha da Europa, de talins e talabartes brancos, sem canana. Nos braços dos alumnos, pequenos angulos de galão dourado, indicando os annos do curso sob a antiga estrella de cadete (estampa 210). Na mesma, os aviadores, com uniformes e emblemas especiaes. Na 211, figuram as modificações vistas na parada de 7 de setembro de 1921. A 211-A regista as novidades oriundas da guerra européa: carros de assalto, cuja guarnição tem capacete protector e perneiras de panno, tiras de enrolar nas pernas, as "puttees" inglezas, vindas da India. Um alumno do collegio militar do Ceará traz o uniforme branco de passeio, com platinas castanhas, e um soldado do 26° de caçadores do Pará, a bandeirola, flammula ou guião de companhia, de outra maneira que a regulamentar. Um desses idiotismos militares que ha em todos os exercitos. Ainda como derradeiras innovações nos nossos costumes militares, trahindo a crescente influencia yankee, apparecem os chapéos de campanha, de feltro, uns esverdeados, outros acastanhados; apparecem mais as "pelérines" azues, com tiras de cruzar sobre o peito, em uso na guarnição de S. Paulo e em outras, esporadicamente. Por fim, devemos registar a tunica azul celeste do collegio militar e a fôlha prateada de acantho, em meia gola preta, dos intendentes, obra esta ultima da influencia da missão franceza, ambas adoptadas após a feitura destes desenhos.

CAPITULO VIII

Seculos XIX e XX — Da Regencia á Republica — A Guarda Nacional

A guarda nacional, creada pela Regencia e ultimamente abolida pela republica, foi uma instituição que, exceptuando seus derradeiros annos de decadencia, prestou relevantissimos serviços ao paiz como reserva do Exercito. Tomou parte em todas as guerras internas e externas do imperio e nas primeiras lutas intestinas da republica. Quando rebentou a guerra do Paraguay, o governo mobilisou, pelo decreto n. 3.383, 14.796 guardas nacionaes, que seguiram para o campo de operações, policiaram os sertões ou substituiram os corpos de policia e de guarnição nas capitaes das provincias, assegurando a manutenção da ordem. Nessa occasião, só o Rio Grande do Sul levantou 43.500 homens, dos quaes 29.200 tomaram parte na luta, a maioria compondo os quadros dos celebres corpos provisorios de cavallaria da guarda nacional e da divisão do general Andrade Neves! Para a mesma campanha, partiram, directamente, guardas nacionaes do Amazonas, Bahia, Ceará, Minas, Alagôas, Parahyba, Rio de Janeiro e S. Paulo.

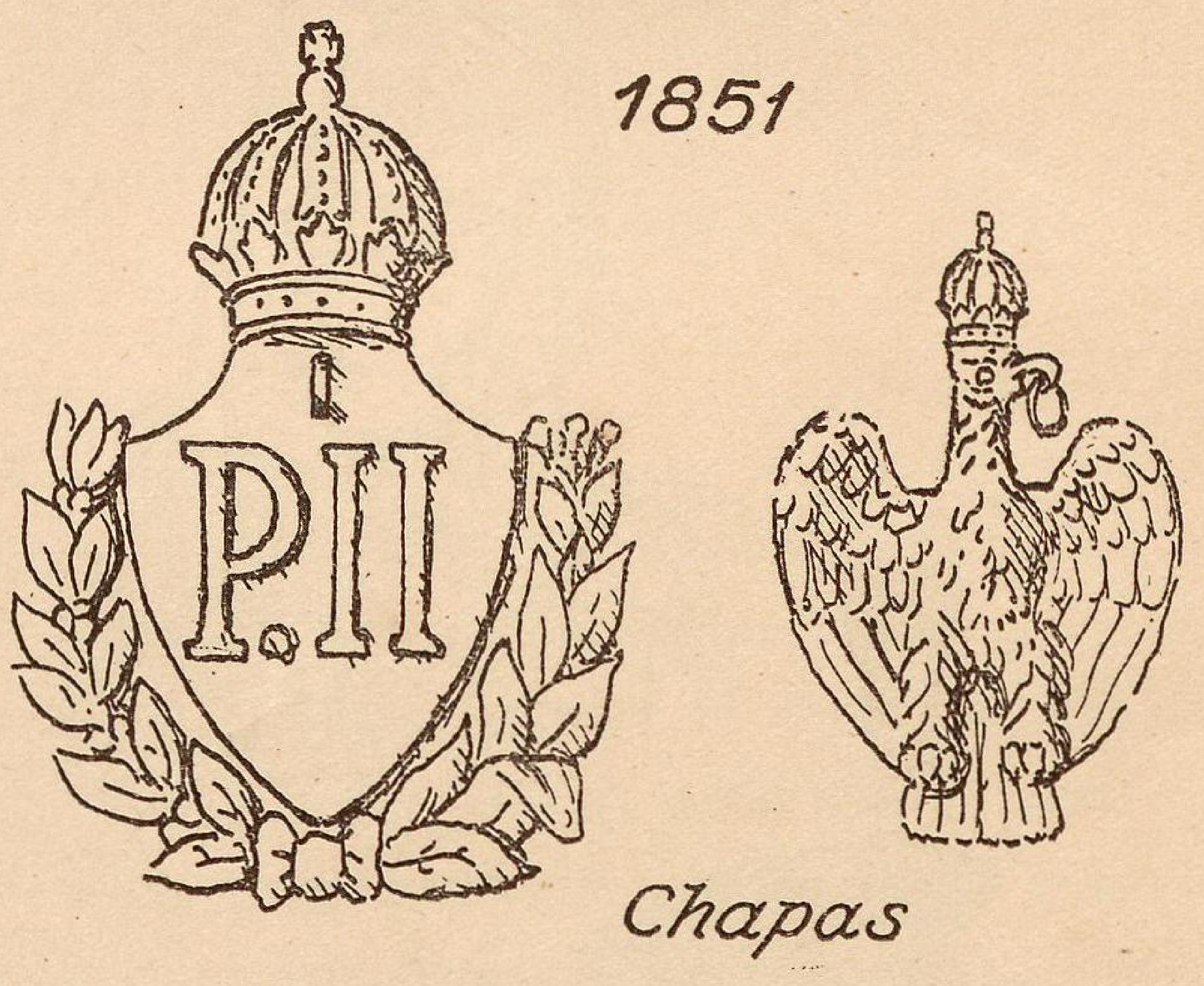
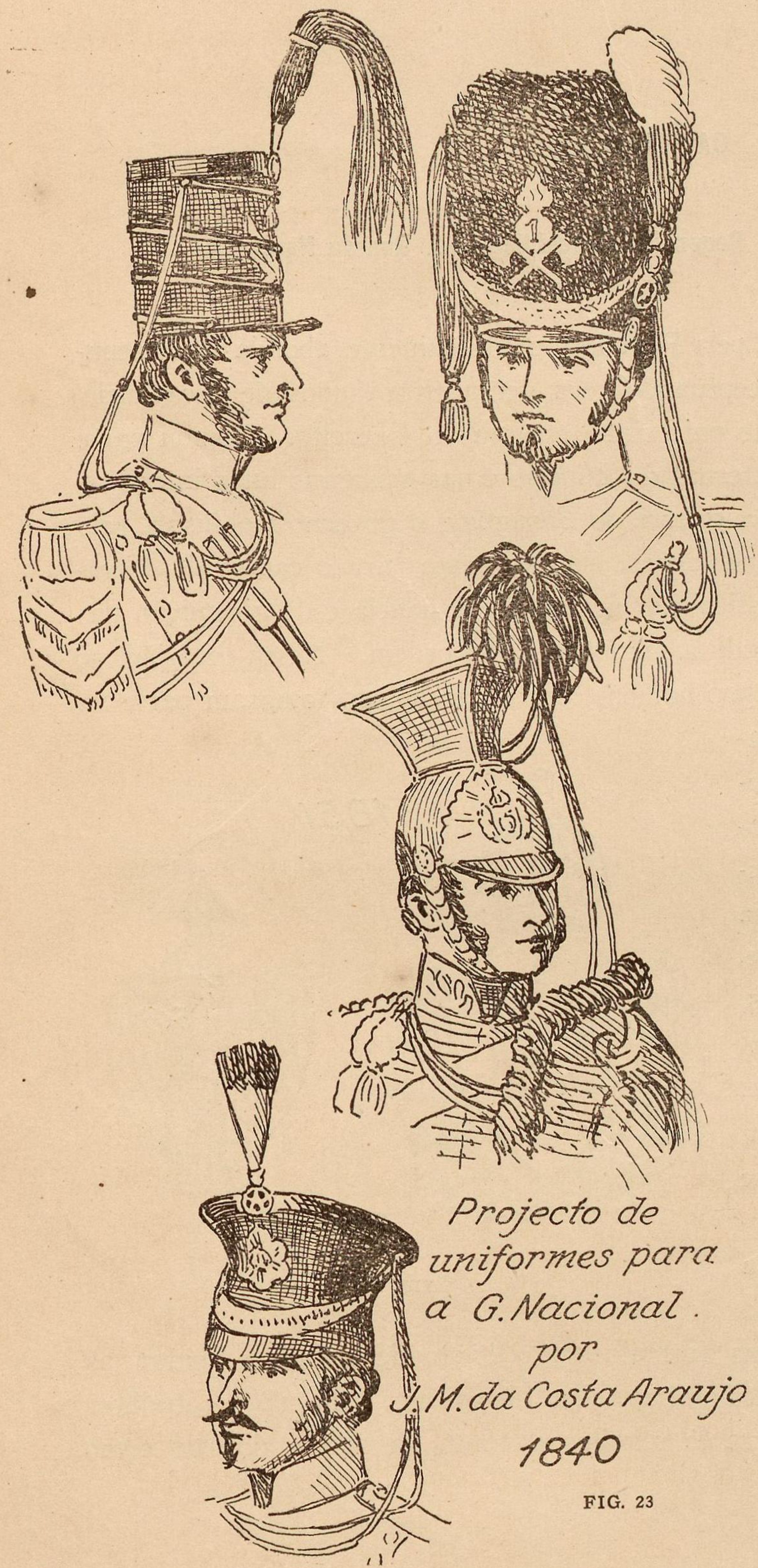


FIG. 22

Após sua creação, em 1831, a guarda nacional fortemente se bateu no sul, em 1842, sob as ordens de Caxias, e foi reorganisada em 1851. Sempre se collocou ao lado do Exercito, cabendo-lhe, nas formaturas, o logar de honra. Ajudou as tropas de linha em todas as grandes emergencias historicas. Em 1893, auxiliou, valentemente, o governo legal contra os revoltosos, tanto na defesa do Rio como nos pampas sulinos *(fig. 22)*.



Projecto de uniformes para a G. Nacional. por J. M. da Costa Araujo 1840

FIG. 23

Ultimamente, a politicalha governava suas nomeações de officiaes, campeava a desmoralisação na concessão de suas patentes —fonte de renda para o governo, e outras causas mais apressaram sua lamentavel decadencia. Foi transformada em 2ª linha, e a nação espera que, assim, mantenha as gloriosas tradições de sua longa vida.

As ultimas estampas desta obra são exclusivamente dedicadas aos seus uniformes. Na 212, os primeiros que usaram, em 1831, na Côrte, os seus primeiros corpos, tirados de uma gravura do Archivo Publico de S. Paulo (V. Doc. Gal.). Em 1840, o tenente Costa Araujo offereceu ao imperador um album contendo magnifica collecção de uniformes para essa milicia, que está na Bibliotheca Nacional (V. Doc. Gal.). Nelle existem, ao lado de fardamentos verdadeiros, algumas vistosas fantasias, denunciadoras do opulento gosto contemporaneo *(fig. 23)*. Na estampa 213, aproveitamos algumas figuras exactas desse documento: o sargento e o tambor-mór.

Em 1831, os distinctivos dos officiaes da guarda nacional

— nota curiosa — na gola, lembram o systema allemão para sargentos e austriaco para officiaes: alferes, uma estrella, e tenente, duas; capitão, uma esphera; sargento-mór (major), uma esphera e uma estrella; tenente-coronel, duas espheras; coronel chefe de legião, tres estrellas, e coronel commandante superior, duas estrellas e uma esphera *(fig. 24)*.

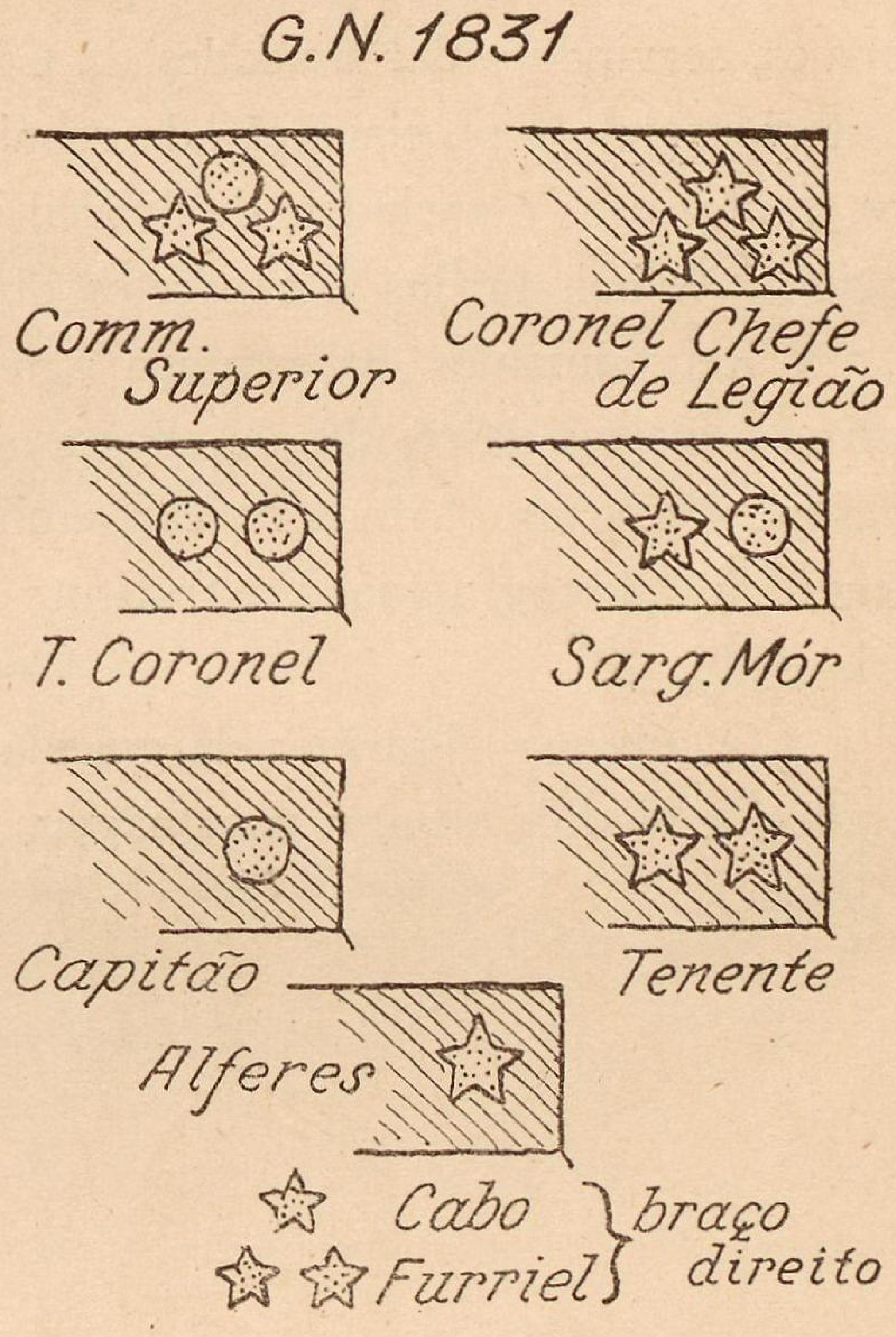


FIG. 24

Copiou-se a farda de coronel, constante da estampa 213, do retrato do barão de Sabará (V. Doc. Gal.).

A citada organisação de 1851 deu novos uniformes á guarda nacional. O decreto respectivo sahio a lume acompanhado de lithographias explicativas, que se encontram no Archivo Nacional (V. Doc. Gal.), as quaes serviram para a composição das estampas 214 a 217. Esses brilhantes fardamentos fôram usados muito tempo e delles não são raros os vestigios. Muitos colleccionadores de velhas coisas possuem peças dos mesmos, como barretinas e armas (V. Doc. Gal.).

De 1858 a 1865, fizeram-se varias alterações em alguns corpos, segundo se sabe pelos decretos da época. Deu-se ao 1º regimento de cavallaria da Côrte o uniforme que se vê na estampa 218. Nella tambem se notam as armas imperiaes no avental dos machadeiros, o que era peculiar á guarda nacional. Uma caricatura contemporanea de Biard (V. Doc. Gal.) confirma a linha geral dessa imponente indumentaria *(fig. 25)*.

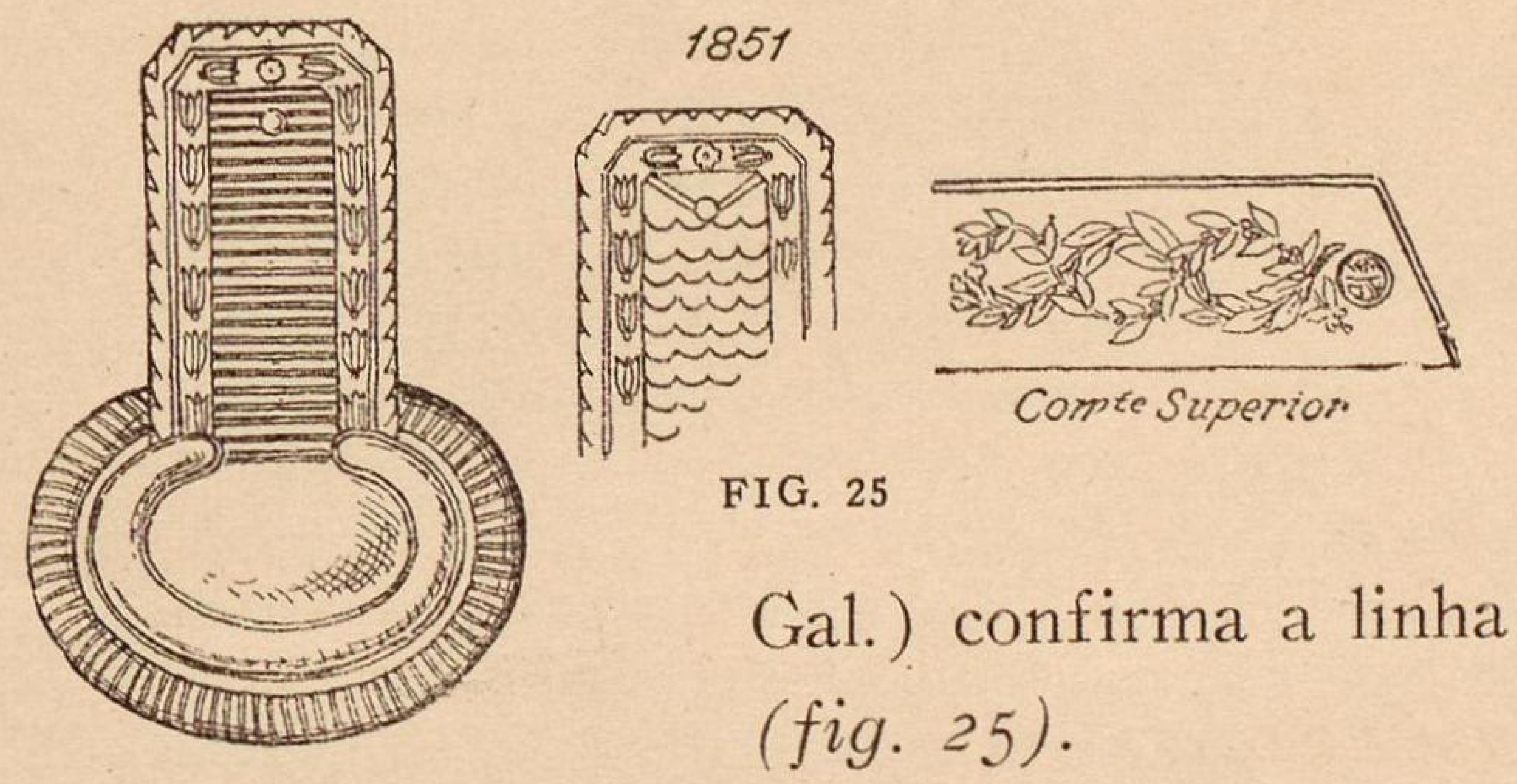


FIG. 25

Na estampa 218, acha-se um soldado equipado de accordo com uma lithographia sobre o 1º de infantaria da guarda nacional, existente no Instituto Historico (V.

Doc. Gal.). As descripções dos corpos de cavallaria da mesma guarda, feitas pelo general Dionysio de Cerqueira (V. Doc. Gal.), documentam a estampa 219. Sómente após a campanha do Paraguay, fôram geralmente modificados esses uniformes, servindo o das unidades da Côrte, de modelo para os dos das provincias. Posteriormente á proclamação da republica, usaram-se diversos planos dispendiosos, fantasiosos e variados, de difficil identificação, quando não se davam á guarda nacional velhas fardas e capacetes do Exercito, já abolidos.

Reproduzimos, na estampa 220, alguns fardamentos em uso de 1890 a 1897, entre os quaes o da revolta de 1893 e o dos cavalleiros, no sul. As calças bombachas predominam. Ainda na campanha de Canudos andou com ellas, segundo testemunham photographias do Instituto Historico do Pará (V. Doc. Gal.), a cavallaria d'alli.

Os ultimos figurinos da guarda nacional estão nas estampas 221 a 223, sendo que os dois ultimos personagens da derradeira vestem a farda actual da 2ª linha.

◆

II PARTE

Documentação geral da obra

BIBLIOGRAPHIA

Padre Luiz Gonsalves dos Santos — *Memorias do Reino do Brasil.*
Christovam Ayres de Magalhães Sepulveda — *Historia do Exercito Portuguez.*
Armitage — *Historia do Brasil.*
Southey — *History of Brazil.*
Henry Koster — *Voyage dans la partie septentrionale du Brésil.*
Frei Raphael de Jesus — *Castrioto Lusitano.*
Rocha Pombo — *Historia do Brasil.*
A. Rangel — *D. Pedro e a Marqueza de Santos.*
Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil.*
D. José Mirales — *Historia Militar do Brasil.*
Bosche — *Quadros Alternados.*
C. Schilichthorst — *Rio de Janeiro wie es ist.*
Abdias Neves — *A Guerra do Fidié.*
Taunay — *A Retirada da Laguna.*
Braga Ribeiro — *Ephemerides Paraenses* (inédito).
B. de Mendonça — *Datas.*
Mello Moraes — *O Brasil Historico.*
Mello Moraes — *Festas e Tradições.*
Gustavo Barroso — *Tradições Militares.*
Gustavo Barroso — *Idéas e Palavras.*
General Dionysio de Cerqueira — *Reminiscencias da Campanha do Paraguay.*
Eduardo Moraes — *Soldados Portuguezes.*
F. Biard — *Deux Années au Brésil.*
J. Baptista Debret — Obra completa existente na Bibliotheca Nacional.
Folheto publicado no Centenario do 1° regimento de cavallaria.
Annaes do Archivo Publico.
Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, volumes ns. 21 e 36.
Vérillon — *Les Trophées de la France.*
P. Lacroix — *Vie Militaire.*
Lucien Vallet — *Croquis de Cavalerie.*
Henri Bouchot — *L'Epopée du Costume Militaire.*

Frederic Masson — *Les Cavaliers de Napoléon.*
A. Dally — *La France Militaire.*
Julian de Charras — *Los Granaderos a Caballo.*

DOCUMENTOS

Livro Mestre do 2º regimento de milicias de S. Paulo — Archivo Publico d'alli.
Uma carta de Manoel Guerino dos Santos — Idem.
Duas cartas — Archivo Publico de Bello Horizonte: Liv. XXXII, 1729-1732, fl. 96, e Liv. XVI, 1715-1747, fl. 165.

Leis do governo portuguez:

Carta Régia de 14 de Janeiro de 1775.
Carta Régia de 30 de Outubro de 1810.
Lei de 28 de Maio de 1806.
Decreto de 29 de Março de 1810.

Leis do governo brasileiro:

Decreto de 1 de Dezembro de 1822.
Decreto de 8 de Janeiro de 1823.
Decreto de 18 de Janeiro de 1823.
Decreto de 7 de Outubro de 1823.
Decreto de 1 de Dezembro de 1824.
Decreto de 30 de Junho de 1825.
Decreto de 14 de Maio de 1826.
Decreto de 4 de Maio de 1831.
Decreto de 18 de Agosto de 1831.
Decreto de 22 de Fevereiro de 1839.
Decreto de 25 de Abril de 1842.
Decreto de 7 de Agosto de 1852.
Aviso de 8 de Abril de 1858.
Decreto de 28 de Fevereiro de 1866.
Decreto de 28 de Novembro de 1889.
Decreto de 28 de Agosto de 1890.
Decreto de 11 de Junho de 1894.
Decreto de 17 de Setembro de 1917.
Decreto de 11 de Dezembro de 1919.
Decreto de 31 de Dezembro de 1921.

ICONOGRAPHIA

O Grito do Ypiranga — Quadro de Pedro Americo no Museu de S. Paulo.
A Batalha de Campo Grande — Idem no Ministerio da Guerra.
A Batalha de Avahy — Idem na Escola Nacional de Bellas Artes.

No Archivo Nacional:

a) Collecção de figurinos militares de Santos Vilhena;
b) Manuscripto sem data e sem titulo com uniformes do Brasil no seculo XVIII, em côres.

c) Varios figurinos avulsos sem data e sem titulos;
d) Lithographias de figurinos militares para 1883;
e) Album dos uniformes do Exercito em 1894, por Mucha.

Na Bibliotheca Nacional:

a) *Guarnição do Rio de Janeiro — 1786,* figurinos coloridos por J. Corrêa Rangel;
b) Estampas de uniformes copiadas na Torre do Tombo por A. Parreiras;
c) *Collecção de Desenhos* de Luiz Pedro Lecôr.
d) *Plano de uniformes da Guarda Nacional* por José Maria da Costa Araujo;
e) Manuscripto com instrucções, ordens e figurinos sobre as tropas do Rio de Janeiro em 1800;
f) Desenhos e photographias das operações no Paraguay, contidos nos volumes da *Illustration Française* de 1866 a 1870;
g) *Padrões de Uniformes — 1846,* por C. R. P. (1 — 9 — 1—30);
h) Estampas de Rugendas;
i) Lithographias de Sisson;
j) Estampas de Debret, coloridas e em negro;
k) Album de figurinos militares de 1866.

No Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

a) Lithographia da batalha dos Santos Logares, 1852;
b) Idem da partida do 1° batalhão de infantaria da Guarda Nacional para a guerra do Paraguay;
c) Collecção de "croquis" de Béranger.

No Instituto Historico de Pernambuco:

a) Estampa de 1824;
b) Aquarella da passagem da ponte dos Afogados em 1824.

No Archivo Publico de S. Paulo:

Figurinos militares de 1765, mandados pintar pelo Capitão General D. Luiz Antonio de Souza Botelho, morgado de Matheus.

No Archivo Publico do Pará:

Collecção de figurinos militares.

No Instituto Historico do Pará:

Collecção de photographias de assumptos militares.

Retratos:

a) do brigadeiro Montenegro, estampa da Bibliotheca Nacional;
b) de Manoel de Carvalho Paes de Andrade;
c) do marechal J. Christovam Sisson, ambos no Instituto Historico de Pernambuco;
d) do coronel Feliciano Falcão, na collecção do professor Amaral, no Maranhão;
e) do coronel Antonio da Silva Paranhos, na Santa Casa da Bahia (1817);
f) do Visconde de Taunay;
g) do Conde de Escragnolle, ambos pertencentes ao illustre director do Museu do Ypiranga, em S. Paulo, Dr. Escragnolle Taunay;
h) do general S. P. Pinto da Fonseca, propriedade particular;
i) do general Argollo, no Ministerio da Guerra;
j) do tenente-coronel José de Carvalho, na Santa Casa do Maranhão;
k) do commandante do antigo 42° de caçadores, no Instituto Historico da Bahia;
l) do coronel F. Ignacio de Queiroz, no Museu Paulista;
m) do Barão de Tieté, major de ordenanças da cidade de S. Paulo, pertencente ao Sr. Manoel Dias da Silva;

n) do Barão de Sabará, pertencente á Exma. Sra. D. Ida Lessa, em Sabará;

o) do major Guilherme C. Lassance (photographia), propriedade particular;

p) do coronel A. A. de Frias Villar, em poder da familia Gustavo Barroso, no Ceará;

q) do brigadeiro Souza Lima, fardado de coronel do Estado Maior, no Lyceu de Artes e Officios da Bahia;

r) do general Osorio;

s) do Duque de Caxias, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Album de l'Armée et de la Marine — edição de J. Leroy — Paris.

Paineis de azulejos com uniformes portuguezes e brasileiros em algumas casas antigas de S. Luiz do Maranhão.

PEÇAS DE INDUMENTARIA

Fardetas da Guarda Nacional, no Museu Rocha de Fortaleza.

Fardeta do Brigadeiro Tobias de Aguiar, no Museu do Ypiranga.

Idem de caçadores a cavallo, pertencente a J. Washt Rodrigues, em S. Paulo.

Idem dos celebres "couraças", no Instituto Historico da Bahia.

Casaca de archeiro do paço, da collecção do Dr. Simoens da Silva, no Rio.

Barretina da Guarda Nacional, no Museu Paulista.

Idem da collecção do coronel Kingelhofer, em S. Paulo.

Idem da collecção do pintor Pedro Alexandrino.

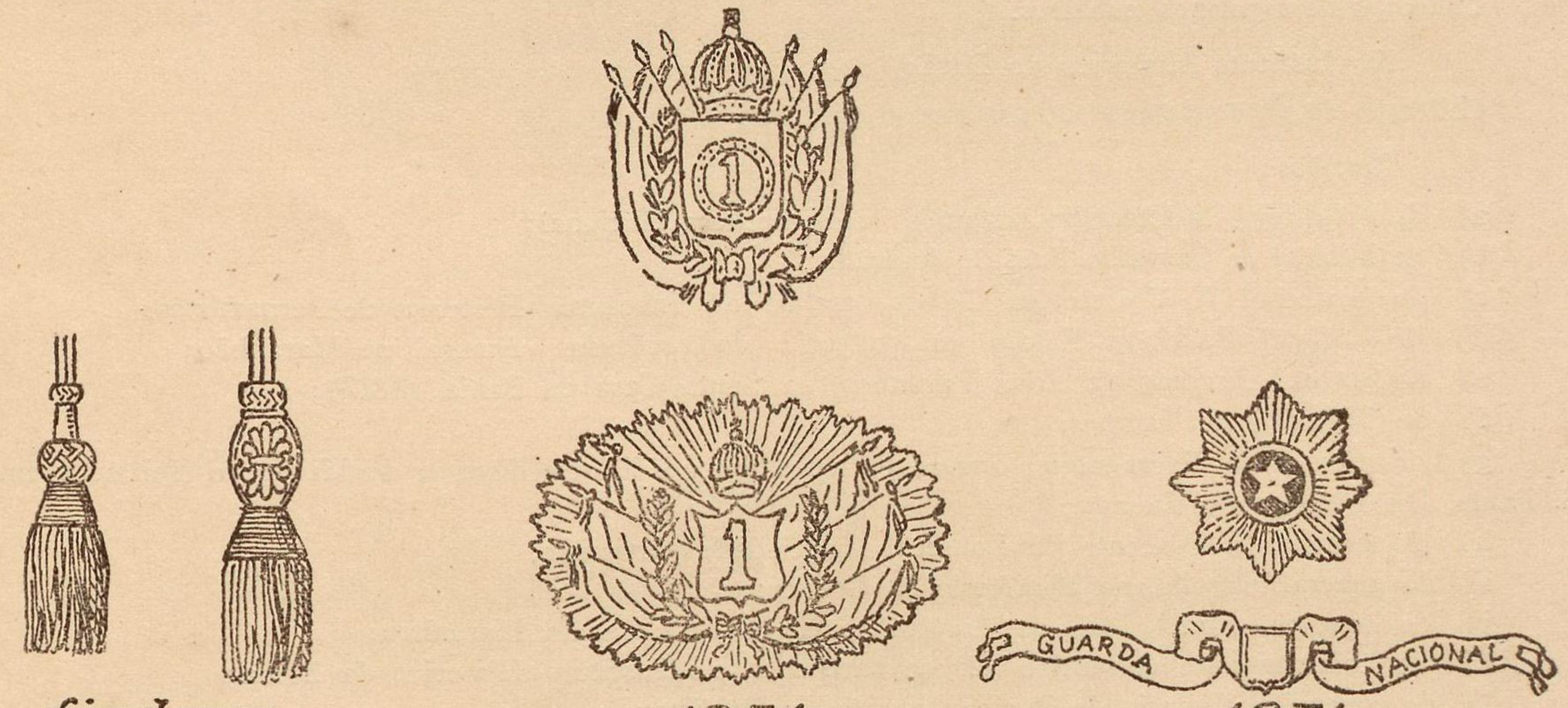
Capacete da Imperial Guarda de Honra, 1° modelo, no Archivo Nacional.

Idem da collecção do Sr. J. J. Raposo, em S. Paulo.

Idem e espada, objectos que pertenceram ao Barão de Sabará, 2° modelo, em poder do Dr. Guilherme Guinle.

Idem e espada, que pertenceram ao coronel João Hilario de Menezes Drummond, 1° modelo, em mãos da familia Salvador de Mendonça.

Espada da referida guarda, na collecção do Dr. Simoens da Silva.



fiadores 1851 1831

FIG. 26

III PARTE

Indice geral das estampas

I — TEMPOS COLONIAES

ESTAMPA N. 1 — Minas, 1730:

a) Soldado da 1ª Companhia dos Dragões Reaes das Minas;
b) Official da 2ª Companhia dos Dragões Reaes das Minas.

ESTAMPA N. 2 — S. Paulo, 1765:

a) Soldado do 1º Corpo de Infantaria de S. Paulo e Villas do Sul;
b) Soldado do 2º Corpo de Infantaria de Guaratinguetá e Villas do Norte;
c) Official do 1º Corpo de Dragões de S. Paulo e Villas do Sul;
d) Official do 2º Corpo de Dragões de Guaratinguetá e Villas do Norte;

ESTAMPA N. 3 — S. Paulo, 1765:

a) Soldado do Regimento de Infantaria de Santos;
b) Soldado do 1º Corpo de Marinha de Santos e Villas do Norte;
c) Soldado do 2º Corpo de Marinha de Curityba e Villas do Sul;
d) Soldado da Companhia de Cavallaria Auxiliar de Curityba;

ESTAMPA N. 4 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official do Regimento de Infantaria de Moura;
b) Soldado do mesmo regimento;
c) Tambor do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 5 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official do 1º Regimento de Infantaria de Bragança;
b) Soldado do mesmo regimento;
c) Tambor do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 6 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official das Companhias de Cavallaria da Guarda dos Vice-Reis (Dragões);
b) Official das mesmas companhias;
c) Guarda ou soldado das mesmas.

ESTAMPA N. 7 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official do Regimento de Artilharia do Rio;
b) Praça de pret do mesmo regimento;
c) Tambor do mesmo.

ESTAMPA N. 8 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official do 1° Regimento de Infantaria do Rio;
b) Sargento do mesmo regimento;
c) Praça de pret do mesmo;
d) Tambor do mesmo.

ESTAMPA N. 9 — Rio de Janeiro, 1767:

a) Official do 2° Regimento de Infantaria do Rio;
b) Praça de pret do mesmo regimento;
c) Tambor do mesmo.

ESTAMPA N. 10 — Rio Grande do Sul, 1767:

a) Infantaria;
b) Artilharia;
c) Tambor de Artilharia.

ESTAMPA N. 11 — Rio Grande do Sul, 1767:

a) Regimento de Dragões: Soldado de Cavallaria;
b) Regimento de Dragões: Soldado de Infantaria;
c) Regimento de Dragões: Tambor;
d) Official de Cavallaria Auxiliar.

ESTAMPA N. 12 — Capitanias, 1767:

a) Soldado de Cavallaria Ligeira de Vianna;
b) Soldado do Regimento da Ilha de Santa Catharina;
c) Tambor do mesmo regimento;
d) Soldado do Regimento de Praça da Colonia;
e) Tambor do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 13 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official do Regimento de Infantaria de Moura;
b) Official do Regimento de Infantaria de Bragança;
c) Soldado do mesmo regimento;
d) Official do Regimento de Infantaria de Estremós;
e) Soldado do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 14 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Esquadrão da Guarda dos Vice-Reis: Soldado em pequeno uniforme;
b) Idem: Soldado em grande uniforme;
c) Idem: Official em pequeno uniforme;
d) Idem: Official em grande uniforme.

ESTAMPA N. 15 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official do 1° Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro;
b) Official do 2° Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro;
c) Official do Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro;
d) Soldado do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 16 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official do Terço Auxiliar da Candelaria;
b) Praça de pret do mesmo terço;
c) Official do Terço Auxiliar de Santa Rita;
d) Praça de pret do mesmo terço;
e) Official do Terço Auxiliar de S. José.

ESTAMPA N. 17 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Soldado do Terço Auxiliar de S. José;
b) Official do Terço Auxiliar de Tapacurá;
c) Soldado do Terço Auxiliar de S. Gonçalo.

ESTAMPA N. 18 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official do Terço Auxiliar dos Pardos;
b) Official do Terço Auxiliar dos Pretos Fôrros;
c) Soldado do Terço Auxiliar de Cavallaria;
d) Official do Terço Auxiliar de Irajá;
e) Official do Terço Auxiliar de Marapiá.

ESTAMPA N. 19 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official do Terço Auxiliar da Ilha Grande;
b) Official do Terço Auxiliar de Paraty;
c) Official do Terço Auxiliar de Inhomerim;
d) Official do Terço Auxiliar de Macacú;
e) Official do Terço Auxiliar de Cabo Frio.

ESTAMPA N. 20 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official de Ordenanças da Ilha Grande;
b) Idem de Campos;
c) Idem de Magé;
d) Idem de Macacú.

ESTAMPA N. 21 — Rio de Janeiro, 1786:

a) Official de Ordenanças da Cidade;
b) Idem de Cabo Frio;
c) Idem de Paraty.

ESTAMPA N. 22 — Bahia, 1798:

a) Soldado do 1° Regimento de Linha;
b) Official do mesmo regimento;
c) Soldado do 2° Regimento de Linha;
d) Official do mesmo regimento;
e) Soldado do Regimento de Artilharia da Bahia.

ESTAMPA N. 23 — Bahia, 1798:

a) Official do 1° Regimento de Milicias, chamado de Uteis;
b) Soldado do 2° Regimento de Milicias, tambem chamado de Uteis;
c) Soldado do 5° Regimento de Milicias, chamado de Henriques;
d) Official da Companhia de Familiares;
e) Official da Companhia de Assalto.

ESTAMPA N. 24 — Rio de Janeiro, 1800:

a) Soldado da Companhia de Granadeiros do 1° Regimento de Linha;
b) Soldado das Companhias de Fusileiros do 2° Regimento de Linha;
c) Soldado da Companhia de Caçadores do 3° Regimento de Linha.

ESTAMPA N. 25 — Bahia, 1800:

a) Official de Caçadores;
b) Soldado de Caçadores.

ESTAMPA N. 26 — Bahia, 1800:

a) 1° Regimento de Linha: Official;
b) Idem: Soldado;
c) Idem: Porta Machado;
d) Idem: Tambor;
e) Idem: Musico.

ESTAMPA N. 27 — Pernambuco, 1800:

a) Soldado do 1° Regimento de Olinda;
b) Official do Regimento dos Nobres;
c) Soldado da Companhia de Familiares.

ESTAMPA N. 28 — Parahyba, 1804:

a) Tambor de Infantaria;
b) Praças de Infantaria;
d) Official de Infantaria.

ESTAMPA N. 29 — Capitania de S. Paulo, 1808:

a) Capitão de Estado Maior;
b) Alferes de Estado Maior;
c) Brigadeiro;
d) Marechal de Campo;
e) Tenente General.

ESTAMPA N. 30 — Exercito Portuguez no Brasil, 1806:

a) Marechal em grande uniforme;
b) Brigadeiro em pequeno uniforme;
c) Tenente General, 2° uniforme, para Conselho de Guerra;
d) Tenente de Infantaria (Fusileiros);
e) Cabo de esquadra de Infantaria (Caçadores).

ESTAMPA N. 31 — Rio de Janeiro, 1810:

a) Soldado de Cavallaria, grande uniforme;
b) Idem, pequeno uniforme;
c) Soldado de Infantaria, grande uniforme;
d) Soldado de Artilharia, grande uniforme;
e) Clarim de Artilharia a cavallo, grande gala.

ESTAMPA N. 32 — Brasil, 1810 a 1815:

a) Clarim do Esquadrão de Milicias de Sacra Familia;
b) Soldado de Policia de Marianna, Minas, 1813;
c) Official superior das Milicias do Maranhão;
d) Soldado do Regimento de Pretos Fôrros do Recife, denominado dos Henriques;
e) Official do Regimento de Henriques ou de Pretos Fôrros do Rio de Janeiro.

ESTAMPA N. 33 — 1ª Linha, 1816:

a) Alferes de Fusileiros em grande uniforme;
b) Cabo de Granadeiros em grande uniforme;
c) Tambor mór de Infantaria em grande uniforme;
d) Musico de Infantaria em grande uniforme.

ESTAMPA N. 34 — Milicias, 1816:

a) Tenente de Caçadores em grande gala;
b) Soldado de Fusileiros em grande gala;
c) Porta Machado de Infantaria em grande gala;
d) Tambor de Infantaria em grande gala.

ESTAMPA N. 35 — Milicias, 1816:

a) Coronel do Regimento de Caçadores Henriques em grande uniforme;
b) Soldado do mesmo regimento;
c) Official Superior de Milicias em pequeno uniforme;
d) Cabo do 2° Regimento de Cavallaria de Milicias em grande uniforme.

ESTAMPA N. 36 — Brasil, 1815:

a) Alferes Porta-Bandeira da Infantaria Portugueza no Brasil;
b) Official inferior da mesma;
c) Official superior do 1° Regimento de Milicias da Bahia.

ESTAMPA N. 37 — Exercito Portuguez no Brasil, 1816:

a) Marechal em grande uniforme;
b) General, idem;
c) General, pequeno uniforme;
d) Soldado de Caçadores em grande uniforme;
e) Alferes de Caçadores, idem.

ESTAMPA N. 38 — Brasil, 1817 a 1821:

a) Soldado dos Batalhões de Caçadores;
b) Official de Cavallaria de Milicias de Curityba;
c) Soldado do Regimento de Cavallaria de 1ª Linha do Pará;
d) Official do mesmo regimento.

ESTAMPA N. 39 — Brasil, 1821:

a) Clarim de Artilharia a Cavallo, grande uniforme;
b) Brigadeiro em pequeno uniforme;
c) Official de Caçadores em pequeno uniforme;
d) Official dos Caçadores Henriques em pequeno uniforme.

II — PRIMEIRO IMPERIO E SEGUNDO

ESTAMPA N. 40 — 1822:

a) Official de Caçadores em grande gala;
b) Praça de pret, idem;
c) Soldado do 1° Regimento de Cavallaria;
d) Soldado do 1° Regimento de Milicias.

ESTAMPA N. 41 — 1823:

a) Tenente Coronel de Caçadores em grande gala;
b) Soldado do 1° Batalhão de Caçadores em grande gala;
c) Coronel de Milicias de S. Paulo, idem;
d) Major de Ordenanças, idem.

ESTAMPA N. 42 — 1823:

a) Marechal do Exercito, grande uniforme;
b) Marechal de Campo, idem;
c) Tenente General, idem;
d) Brigadeiro, idem;
e) Marechal de Campo, pequeno uniforme;
f) Marechal do Exercito, idem.

ESTAMPA N. 43 — 1823:

a) Capitão do Estado Maior de 1ª Classe, grande gala;
b) Capitão de Engenheiros, grande gala;
c) Capitão do Estado Maior de 1ª Classe, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 44 — 1823:

a) Soldado de Artilharia a Cavallo em grande uniforme;
b) Alferes de Artilharia a Pé em grande uniforme;
c) Soldado de Granadeiros em grande gala;
d) Alferes de Granadeiros, idem.

ESTAMPA N. 45 — 1824:

a) Major do 1° Regimento de Cavallaria de Milicias, grande gala;
b) Pifano de Granadeiros, de fardeta;
c) Praça de Cavallaria da Guarda Civica de Diamantina;
d) Praça de Infantaria da Guarda Civica do Rio de Janeiro.

ESTAMPA N. 46 — 1824:

a) Cabo do 1° Regimento de Cavallaria do Exercito, 2° uniforme;
b) Alferes do mesmo regimento, idem;
c) Praça do 2° Regimento de Cavallaria de Milicias;
d) Soldado de Artilharia de Marinha.

ESTAMPA N. 47 — Paço Imperial da Côrte:

a) Official de Archeiros de 1815 a 1825;
b) Guarda de Archeiros, idem;
c) Guarda de Archeiros, de 1825 em deante;
d) Official de Archeiros, idem.

ESTAMPA N. 48 — IMPERIAL GUARDA DE HONRA — 1825:

a) Guarda a cavallo, grande gala;
b) Capitão (ex-Tenente-Coronel de Milicias), grande gala.

ESTAMPA N. 49 — 1825:

a) Sargento Quartel-Mestre de Granadeiros Estrangeiros;
b) Soldado de Caçadores Estrangeiros;
c) Soldado de Granadeiros Estrangeiros;
d) Official de Caçadores de 2ª Linha em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 50 — Bahia, 1824:

a) Jagunço da Guerra da Independencia;
b) "Couraça" da mesma guerra;
c) Coronel do Estado Maior do Exercito;
d) Soldado de Caçadores em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 51 — 1825:

a) Soldado do 2° Regimento de Cavallaria de Milicias do Rio;
b) Soldado do 7° Batalhão de Caçadores de S. Paulo;
c) Soldado do mesmo batalhão em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 52 — 1830:

a) Marechal de Campo, segundo uniforme;
b) Brigadeiro, idem.

ESTAMPA N. 53 — IMPERIAL GUARDA DE HONRA — 1831:

a) Alferes em grande gala;
b) Guarda em grande gala.

ESTAMPA N. 54 — 1831 a 1834:

a) Soldado de Caçadores em 1834;
b) Soldado do Batalhão de Officiaes — Soldados em 1831;
c) Official de Caçadores;
d) Soldado de Fusileiros, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 55 — CAÇADORES — 1845:

a) Capitão em grande gala;
b) Tenente, idem;
c) Alferes em segundo uniforme.

ESTAMPA N. 56 — CAÇADORES — 1845:

a) Praça de pret em grande uniforme;
b) Idem em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 57 — GRANDE GALA DO 8° BATALHÃO DE FUSILEIROS — 1845:

a) Capitão;
b) Alferes;
c) Praças de pret;
d) Musico.

ESTAMPA N. 58 — 1845:

a) Soldado de Artilharia a Pé, primeiro uniforme;
b) Porta-Machado de Fusileiros, idem;
c) Granadeiro em grande gala;
d) Capitão do 5° de Fusileiros, segundo uniforme;
e) Tenente-Coronel do mesmo corpo, grande uniforme.

ESTAMPA N. 59 — 1845 a 1851:

a) Soldado de Artilharia a Cavallo, primeiro uniforme;
b) Praça do 2° Regimento de Cavallaria do Rio Grande do Sul, segundo uniforme;
c) Capitão do 1° Regimento de Cavallaria, grande gala;
d) Soldado do mesmo regimento, idem.

ESTAMPA N. 60 — 1845 a 1851:

a) Tenente de Artifices, primeiro uniforme;
b) Sargento de Fusileiros, segundo uniforme;
c) Soldado do Deposito de Recrutas, idem;
d) Soldado de Caçadores, idem.

ESTAMPA N. 61 — ARTILHARIA A PÉ de 1845 a 1850:

a) Musico do 2° Batalhão (1845);
b) Musico do 4° Batalhão (1850).

ESTAMPA N. 62 — 1850:

a) Musico do 2° Batalhão de Fusileiros, grande gala;
b) Musico do mesmo corpo, idem;
c) Musico da banda de pancadaria do mesmo, idem.

ESTAMPA N. 63 — 1850:

a) Musico do 11° Batalhão de Infantaria, primeiro uniforme;
b) Musico do mesmo batalhão, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 64 — MUSICOS — 1851:

a) Do 9° Batalhão de Infantaria, grande uniforme;
b) Idem, pequeno uniforme;
c) Do 12° Batalhão de Infantaria, grande uniforme;
d) Idem, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 65 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1852:

a) Marechal em grande gala;
b) Brigadeiro, idem;
c) Marechal de Campo, vogal de Conselho de Guerra, 2ª fala;
d) Marechal de Campo, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 66 — CORPOS ESPECIAES — 1852:

a) Capitão de Engenheiros, grande gala;
b) Major do Estado Maior de 1ª Classe, grande gala;
c) Tenente do mesmo corpo, segundo uniforme;
d) Tenente-Coronel de Engenheiros, idem.

ESTAMPA N. 67 — 1° REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO — 1852:

a) Tenente, grande gala;
b) Alferes, segundo uniforme;
c) Soldado, grande gala;
d) Forriel, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 68 — 1° BATALHÃO DE ARTILHARIA A PÉ — 1852:

a) Capitão, grande uniforme;
b) Alferes, idem;
c) Alferes, pequeno uniforme;
d) Soldado, grande uniforme;
e) Soldado, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 69 — 2° BATALHÃO DE ARTILHARIA A PÉ — 1852:

a) Tenente, grande gala;
b) Praça de pret, idem;
c) Praça, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 70 — 1° REGIMENTO DE CAVALLARIA — 1852:

a) Tenente-Coronel, grande gala;
b) Tenente, segundo uniforme;
c) Praça de pret, grande gala;
d) Cabo de Esquadra, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 71 — 4° REGIMENTO DE CAVALLARIA — 1852:

a) Capitão em grande uniforme a cavallo;
b) Soldado em pequeno uniforme;
c) Tenente-Coronel, idem;
d) Cabo, idem.

ESTAMPA N. 72 — 1° BATALHÃO DE FUSILEIROS — 1852:

a) Capitão, grande uniforme;
b) Alferes, idem;
c) Alferes, pequeno uniforme;
d) Anspessada, grande uniforme;
e) Soldado, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 73 — 2° BATALHÃO DE FUSILEIROS — 1852:

a) Alferes em primeiro uniforme;
b) Alferes em segundo;
c) Porta-Machado em grande gala;
d) Soldado de fardeta;
e) Soldado de sobrecasaca.

ESTAMPA N. 74 — 3° BATALHÃO DE INFANTARIA — 1852:

a) Musico em grande gala;
b) Musico em segundo uniforme.

ESTAMPA N. 75 — 9° BATALHÃO DE CAÇADORES — 1852:

a) Capitão, grande uniforme;
b) Alferes, pequeno uniforme;
c) Alferes, grande uniforme;
d) Soldado, idem;
e) Soldado, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 76 — DEPOSITO DA CÔRTE — 1852:

a) Capitão, primeiro uniforme;
b) Alferes, idem;
c) Alferes, segundo uniforme;
d) Praça, primeiro;
e) Praça, segundo.

ESTAMPA N. 77 — ARTIFICES — 1852:

a) Capitão, grande gala;
b) Alferes, idem;
c) Alferes, pequeno uniforme;
d) Soldado, grande uniforme;
e) Soldado, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 78 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Artilharia de Matto Grosso — 1852:

a) Capitão, grande gala;
b) Tenente, idem;
c) Capitão, segundo uniforme;
d) Soldado, grande gala;
e) Soldado, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 79 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Cavallaria — 1852:

a) Capitão em grande uniforme (Corpo de Minas Geraes);
b) Alferes em grande uniforme (Corpo de Minas Geraes;
c) Soldado em grande uniforme (Corpo da Bahia);
d) Sargento em pequeno uniforme (Corpo da Bahia).

ESTAMPA N. 80 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Caçadores — 1852:

a) Alferes, pequeno uniforme (S. Paulo);
b) Tenente-Coronel, grande uniforme (Idem);
c) Soldado, grande uniforme (Idem);
d) Soldado, pequeno uniforme (Ceará);
e) Soldado, grande uniforme (Idem).

ESTAMPA N. 81 — 6° BATALHÃO DE INFANTARIA — 1854:

Tambores e Musicos.

ESTAMPA N. 82 — 10° BATALHÃO DE INFANTARIA — 1854:

a) Musico, primeiro uniforme;
b) Musico, segundo.

ESTAMPA N. 83 — BATALHÕES DE ENGENHARIA — 1855:

a) Praça de pret, pequeno uniforme;
b) Cabo de Esquadra, idem.

ESTAMPA N. 84 — 1° BATALHÃO DE ARTILHARIA A PÉ — 1854:

a) Musico, grande gala;
b) Musico, uniforme commum.

ESTAMPA N. 85 — ESCOLA MILITAR:

a) Alumno em 1834;
b) Alumno em 1856.

ESTAMPA N. 86 — RIO GRANDE DO SUL — 1857:

a) Praça do Regimento de Artilharia a Cavallo, pequeno uniforme;
b) Idem do 3° Batalhão de Fusileiros, segundo uniforme;
c) Idem do Piquete do Presidente, mesmo uniforme;
d) Idem do 4° Regimento de Cavallaria, mesmo uniforme;
e) Idem do 5° Regimento de Cavallaria, mesmo uniforme.

ESTAMPA N. 87 — ARTILHARIA A PÉ — 1856:

a) Capitão do 1° Batalhão em grande gala;
b) Alferes do 2°, idem;
c) Praça de pret do 1°, segundo uniforme;
d) Musico do mesmo, idem;
e) Musico do mesmo em grande gala.

ESTAMPA N. 88 — DEPOSITO DA CÔRTE — 1856:

a) Alferes em pequeno uniforme;
b) Soldado em grande uniforme;
c) Soldado em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 89 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Artilharia e Cavallaria — 1856:

a) Tenente em grande uniforme (Artilharia do Amazonas);
b) Alferes em pequeno uniforme (Idem);
c) Praça, mesmo uniforme (Idem);
d) Alferes em grande uniforme (Cavallaria do Paraná);
e) Praça, mesmo uniforme (Idem).

ESTAMPA N. 90 — 8° BATALHÃO DE CAÇADORES — 1856:

a) Alferes em grande uniforme;
b) Alferes em pequeno uniforme;
c) Soldado em grande uniforme;
d) Soldado em pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 91 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1858:

a) Marechal do Exercito em grande gala;
b) Marechal de Campo em grande gala;
c) Brigadeiro em segundo uniforme;
d) Official General de capote.

ESTAMPA N. 92 — ENGENHEIROS E ESTADO MAIOR — 1858:

a) Capitão de Engenheiros, grande gala;
b) Coronel do Estado Maior de 1ª Classe, idem;
c) Capitão do Estado Maior de 2ª Classe, idem;
d) Capitão do Estado Maior de 1ª Classe, segundo uniforme;
e) Major de Engenheiros, idem.

ESTAMPA N. 93 — CORPO DE SAUDE — 1858:

a) Capitão Medico em grande uniforme;
b) Major Medico em pequeno uniforme;
c) Pharmaceutico, idem.

ESTAMPA N. 94 — CAPELLÃES:

a) Capellão Mór do Exercito em 1825;
b) Idem em grande uniforme, em 1858;
c) Idem em pequeno uniforme, na mesma data.

ESTAMPA N. 95 — ARTILHARIA A PÉ — 1858:

a) Tambor, segundo uniforme;
b) Tambor, primeiro uniforme;
c) Tambor Mór, idem.

ESTAMPA N. 96 — ARTILHARIA A CAVALLO — 1858:

a) Alferes, grande gala;
b) Sargento, segundo uniforme;
c) Clarim, grande gala;
d) Idem, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 97 — 1° REGIMENTO DE CAVALLARIA — 1858:

a) Capitão, primeiro uniforme;
b) Soldado, idem;
c) Cabo, segundo uniforme;
d) Clarim, primeiro uniforme.

ESTAMPA N. 98 — 1° BATALHÃO DE FUSILEIROS — 1858:

a) Alferes, grande uniforme;
b) Tenente, pequeno uniforme;
c) Praça, grande uniforme;
d) Idem, pequeno.

ESTAMPA N. 99 — 1° BATALHÃO DE FUSILEIROS — 1858:

a) Porta-Machado, grande uniforme;
b) Tambor, pequeno uniforme;
c) Idem, grande uniforme;
d) Tambor Mór, idem.

ESTAMPA N. 100 — MUSICOS — 1858:

a) Musico de Caçadores em primeiro uniforme;
b) Idem em segundo;
c) Musico de Fusileiros em primeiro;
d) Idem em segundo.

ESTAMPA N. 101 — CAÇADORES — 1858:

a) Corneteiro, grande gala;
b) Idem, segundo uniforme;
c) Corneta Mór, grande gala.

ESTAMPA N. 102 — ARTIFICES — 1858:

a) Alferes, grande gala;
b) Capitão, segundo uniforme;
c) Praça, idem.

ESTAMPA N. 103 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS — 1858:

a) Corneta Mór do Deposito de Recrutas da Côrte em grande uniforme;
b) Corneteiro do mesmo corpo, identico uniforme;
c) Tambor do mesmo corpo em pequeno uniforme;
d) Pifano, idem.

ESTAMPA N. 104 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Artilharia — 1858:

a) Tambor, segundo uniforme;
b) Idem, primeiro uniforme;
c) Tambor Mór, idem.

ESTAMPA N. 105 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Cavallaria e Caçadores — 1858:

a) Clarim em grande uniforme da Cavallaria de Matto Grosso;
b) Corneteiro em grande uniforme dos Caçadores de Matto Grosso;
c) Corneta Mór, mesmo uniforme e mesmo corpo.

ESTAMPA N. 106 — CORPOS E COMPANHIAS FIXOS: Caçadores — 1858:

a) Corneteiro em pequeno uniforme (Pernambuco);
b) Soldado, idem (Sergipe);
c) Soldado, idem (Rio Grande do Norte);
d) Soldado, idem (Parahyba);
e) Soldado, idem (Espirito Santo).

ESTAMPA N. 107 — PEDESTRES — 1842 a 1860:

a) Soldado em 1842;
b) Official em 1852 (Bahia);
c) Soldado, mesma data (Santa Catharina).

ESTAMPA N. 108 — CORPOS ESPECIAES E ESTADO MAIOR GENERAL — 1865 a 1870:

a) Official General em pequeno uniforme;
b) Idem;
c) Idem;
d) Capitão de Engenheiros, mesmo uniforme;
e) Coronel do Estado Maior de 1ª Classe, idem.

ESTAMPA N. 109 — ESTADO MAIOR DE ARTILHARIA — 1865:

a) Major, grande uniforme;
b) Capitão, pequeno.

ESTAMPA N. 110 — 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO — 1865 a 1872:

a) Cabo-Clarim, pequeno uniforme;
b) Capitão, idem;
c) Sargento, uniforme de meia marcha;
d) Soldado, uniforme á gaúcha.

ESTAMPA N. 111 — ARTILHARIA A PÉ — 1866 a 1870:

a) Tenente, pequeno uniforme;
b) Capitão, idem;
c) Official de capote;
d) Praça de pret, pequeno uniforme;
e) Idem com o equipamento.

ESTAMPA N. 112 — CAVALLARIA — 1866 a 1870:

a) Alferes, segundo uniforme;
b) Capitão, idem;
c) Official, idem;
d) Clarim, idem;
e) Soldado, idem;
f) Soldado, idem.

ESTAMPA N. 113 — CAÇADORES A CAVALLO — 1866:

a) Coronel, segundo uniforme;
b) Capitão, primeiro;
c) Praça de pret, segundo;
d) Idem, primeiro.

ESTAMPA N. 114 — INFANTARIA — 1866 a 1871:

a) Coronel, pequeno uniforme;
b) Capitão, idem;
c) Alferes, idem;
d) Tambor, idem;
e) Anspessada, idem.

ESTAMPA N. 115 — CAÇADORES A PÉ — 1866 a 1870:

a) Alferes, uniforme de meia marcha;
b) Coronel, pequeno uniforme;
c) Soldado, idem;
d) Idem.

ESTAMPA N. 116 — ENGENHARIA — 1865 a 1871:

a) Alferes, pequeno uniforme (1866);
b) Soldado, idem, mesma data;
c) Sargento, idem, mesma data;
d) Soldado, idem (1871);
e) Soldado, idem, mesma data.

ESTAMPA N. 117 — VOLUNTARIOS DA PATRIA — 1865 a 1870:

a) Coronel do 41° Batalhão da Bahia, em segundo uniforme;
b) Alferes do 7° de S. Paulo, idem;
c) Voluntario da Patria em segundo uniforme.

ESTAMPA N. 118 — VOLUNTARIOS DA PATRIA — 1865 a 1870:

a) Capitão, segundo uniforme;
b) Sargento, idem;
c) Zuavo da Bahia;
d) Voluntario, segundo uniforme;
e) Idem.

ESTAMPA N. 119 — ARTILHARIA A PÉ — 1871:

a) Capitão, grande gala;
b) Idem, segundo uniforme;
c) Soldado, grande gala;
d) Idem, segundo uniforme;
e) Idem.

ESTAMPA N. 120 — 1° REGIMENTO DE CAVALLARIA — 1866:

a) Alferes, grande uniforme;
b) Tenente, pequeno;
c) Soldado, uniforme de meia marcha;
d) Idem, grande uniforme;
e) Idem, pequeno.

ESTAMPA N. 121 — INFANTARIA PESADA — 1871:

a) Alferes, grande uniforme;
b) Idem, pequeno;
c) Soldado, grande;
d) Idem, pequeno.

ESTAMPA N. 122 — INFANTARIA LIGEIRA: Caçadores — 1871:

a) Tenente em grande gala;
b) Tenente-Coronel, farda de verão;
c) Soldado, grande gala;

ESTAMPA N. 123 — ARTILHARIA — 1872:

a) Capitão do Estado Maior de Artilharia, segundo uniforme;
b) Capitão de Artilharia a Cavallo, segundo uniforme;
c) Soldado do mesmo corpo, idem.

ESTAMPA N. 124 — ARTILHARIA A PÉ — 1872:

a) Soldado, pequeno uniforme;
b) Capitão, idem.

ESTAMPA N. 125 — 1873 a 1878:

a) Corneteiro do 2° Regimento de Cavallaria (Lanceiros do Rio Grande do Sul) em segundo uniforme;
b) Soldado de Cavallaria de Guarnição (Goyaz), idem;
c) Soldado do 1° Regimento de Cavallaria, uniforme interno.

ESTAMPA N. 126 — 1873:

a) Coronel de Caçadores, pequeno uniforme;
b) Capitão de Infantaria de Linha, idem;
c) 1° Sargento da mesma arma, idem.

ESTAMPA N. 127 — 1873:

a) Tambor de Caçadores, pequeno uniforme;
b) Tambor Mór de Infantaria, grande gala;
c) Tambor de Infantaria, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 128 — 1874:

a) Capitão do Estado Maior de 1ª Classe, grande uniforme;
b) Idem do Estado Maior de Artilharia, mesmo uniforme;
c) Idem de Engenheiros, mesmo uniforme;
d) Idem do Estado Maior de 2ª Classe, mesmo uniforme;
e) Idem do Corpo de Saude (Medico), mesmo uniforme;
f) Tenente-Coronel do Estado Maior de 1ª Classe, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 129 — 1876:

a) Soldado de Infantaria pesada em segundo uniforme;
b) Porta-Machado da mesma arma em primeiro uniforme;
c) Soldado de Infantaria ligeira em segundo uniforme.

ESTAMPA N. 130 — UNIFICAÇÃO DA INFANTARIA — 1880 a 1881:

a) Tenente, segundo uniforme;
b) Capitão, primeiro;
c) Soldado, idem.

ESTAMPA N. 131 — ESTADO MAIOR E CORPOS ESPECIAES — 1881:

a) Marechal, grande gala;
b) Idem, segunda gala;
c) Capitão de Engenharia, grande gala;
d) Major do Estado Maior, segunda gala.

ESTAMPA N. 132 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1881:

a) Tenente-General, segunda gala;
b) Idem;
c) Idem, uniforme de campanha;
d) Idem, uniforme de passeio.

ESTAMPA N. 133 — 1881:

a) Soldado de Infantaria, segundo uniforme e equipamento;
b) Alferes Porta-Estandarte de Cavallaria, pequena gala;
c) Soldado de Cavallaria, idem.

ESTAMPA N. 134 — ESCOLA MILITAR — 1881:

a) Alumno, primeiro uniforme;
b) Idem, uniforme de exercicio;
c) Musico, primeiro uniforme.

ESTAMPA N. 135 — 1883:

a) Coronel de Infantaria, primeiro uniforme;
b) Tenente da mesma arma, segundo uniforme;
c) Enfermeiro.

ESTAMPA N. 136 — 1884:

a) Tenente de Infantaria, grande uniforme;
b) Capitão da mesma arma, pequeno uniforme;
c) Soldado, idem, mesmo uniforme;
d) Corneta de Artilharia, de capote.

ESTAMPA N. 137 — 1884:

a) Praça de Engenharia, segundo uniforme;
b) Praça de Cavallaria, grande uniforme;
c) Recruta de Artilharia a Pé, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 138 — 1887:

a) Official de Infantaria, uniforme interno;
b) Musico da mesma arma, uniforme de parada;
c) Major de Artilharia a Cavallo, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 139 — OFFICIAES HONORARIOS E ESTADO MAIOR GENERAL — 1883 a 1888:

a) Major honorario em grande uniforme (1883);
b) Tenente-Coronel honorario em pequeno uniforme (1883);
c) Marechal em grande gala (1888);
d) Tenente-General em pequena gala (1888).

III — REPUBLICA

ESTAMPA N. 140 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1889:

a) Official General em segundo uniforme;
b) Idem.

ESTAMPA N. 141 — CORPOS ESPECIAES — 1889:

a) Tenente do Estado Maior de 1ª Classe, grande gala, official a pé;
b) Capitão do Estado Maior de 1ª Classe, grande gala, official a cavallo;
c) Idem do Estado Maior de 2ª Classe, mesmo uniforme;
d) Tenente de Engenharia, idem;
e) Capitão do Estado Maior, pequena gala.

ESTAMPA N. 142 — CORPO DE SAUDE E CAPELLÃES — 1889:

a) Major Medico, primeiro uniforme;
b) Tenente Medico, segundo;
c) Tenente Capellão.

ESTAMPA N. 143 — CAVALLARIA E ARTILHARIA — 1889:

a) Capitão de Cavallaria, grande gala;
b) Official de Artilharia, idem;
c) Capitão de Cavallaria, pequena gala;
d) Capitão de Artilharia, segundo uniforme;
e) Tenente da mesma arma, idem.

ESTAMPA N. 144 — CAVALLARIA E ARTILHARIA — 1889:

a) Cabo de Cavallaria, grande gala;
b) Praça de Artilharia, idem;
c) Cabo de Artilharia, segundo uniforme;
d) Cabo de Cavallaria, idem.

ESTAMPA N. 145 — INFANTARIA — 1889:

a) Capitão, grande gala (calças facultativas);
b) Tenente, pequena gala;
c) Idem, grande gala;
d) Idem.

ESTAMPA N. 146 — ENGENHARIA — 1889:

a) Official, grande uniforme;
b) Porta-Bandeira, idem;
c) Capitão, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 147 — INFANTARIA, ARTILHARIA E ENGENHARIA — 1889:

a) Cabo de Infantaria em primeiro uniforme;
b) Soldado de Artilharia, idem;
c) Soldado de Infantaria, segundo uniforme;
d) Soldado de Engenharia, idem;
e) Anspessada de Infantaria, idem.

ESTAMPA N. 148 — INFANTARIA E ESCOLA MILITAR — 1889:

a) Corneta de Infantaria, primeiro uniforme;
b) Musico da mesma arma, idem;
c) Alumno da Escola Militar, idem;
d) Alumno em segundo uniforme.

ESTAMPA N. 149 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1890:

a) Marechal, grande gala;
b) General de Divisão, segundo uniforme;
c) Idem, terceiro uniforme;
d) Idem, quarto.

ESTAMPA N. 150 — CORPOS ESPECIAES — 1890:

a) Major do Estado Maior, grande gala, a pé;
b) Idem a cavallo;
c) Capitão do Estado Maior, segunda gala;
d) Tenente Medico, idem.

ESTAMPA N. 151 — ARTILHARIA — 1890:

a) Capitão de Artilharia a Pé, primeiro uniforme;
b) Tenente de Artilharia a Cavallo, idem;
c) Idem, segundo uniforme;
d) Idem.

ESTAMPA N. 152 — INFANTARIA, ENGENHARIA E CAVALLARIA — 1890:

a) Capitão de Infantaria, grande uniforme;
b) Tenente da mesma arma, pequeno uniforme;
c) Idem de Engenharia, grande uniforme;
d) Capitão de Cavallaria, idem;
e) Official subalterno da mesma arma, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 153 — ARTILHARIA — 1890:

a) Soldado de Artilharia a Cavallo, grande gala;
b) Tambor de Artilharia a Pé, idem;
c) Soldado da mesma arma, idem;
d) Idem, segundo uniforme;
e) Soldado de Artilharia a Cavallo, idem.

ESTAMPA N. 154 — CAVALLARIA — 1890:

a) Soldado (Lanceiro), grande uniforme;
b) Clarim, idem;
c) Soldado equipado, segundo uniforme;
d) Idem com uniforme interno.

ESTAMPA N. 155 — INFANTARIA — 1890:

a) Soldado em grande gala;
b) Tambor, idem;
c) Sargento, segunda gala;
d) Praça de pret com fardamento de serviço interno;
e) Idem com equipamento.

ESTAMPA N. 156 — ENGENHARIA — 1890:

a) Tambor, grande uniforme;
b) Anspessada, idem;
c) Soldado, pequeno uniforme;
d) Idem com fardamento mescla.

ESTAMPA N. 157 — MUSICOS — 1890:

a) Musico de Infantaria, grande gala;
b) De Cavallaria, idem;
c) De Artilharia, idem.

ESTAMPA N. 158 — ESCOLA MILITAR — 1890:

a) Alumno em primeiro uniforme;
b) Idem em segundo;
c) Alferes-Alumno em primeiro.

ESTAMPA N. 159 — COLLEGIO MILITAR E BATALHÃO ACADEMICO — 1889 a 1892:

a) Corneta do Collegio Militar, primeiro uniforme, 1889;
b) Alumno, segundo uniforme, mesma data;
c) Soldado do Batalhão Academico, grande gala, 1890;
d) Idem, segundo uniforme, 1890;
e) Cabo, idem, 1892.

ESTAMPA N. 160 — COLLEGIO MILITAR — 1893:

a) Alumno-Tenente;
b) Alumno-Cabo;
c) Inspector.

ESTAMPA N. 161 — CORPO DE SAUDE — 1893:

a) Alferes Pharmaceutico em segundo uniforme;
b) Major Medico, idem;
c) Alferes Pharmaceutico, idem.

ESTAMPA N. 162 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1894:

a) Marechal, primeiro uniforme;
b) General de Brigada, segundo;
c) Idem, terceiro;
d) Idem, Inspector de Saude, quarto.

ESTAMPA N. 163 — CORPOS ESPECIAES E DE SAUDE — 1894:

a) Capitão de Engenheiros, primeiro uniforme;
b) Major do Estado Maior de 1ª Classe, idem;
c) Tenente do de 2ª Classe, segundo uniforme;
d) Capitão do Estado Maior, uniforme branco;
e) Capitão Medico, segundo uniforme;
f) Idem de sobrecasaca.

ESTAMPA N. 164 — ARTILHARIA DE CAMPANHA — 1894:

a) Tenente, grande uniforme;
b) Major, quarto uniforme;
c) Clarim, grande uniforme;
d) Soldado, idem;
e) Idem, fardamento de serviço.

ESTAMPA N. 165 — ARTILHARIA DE POSIÇÃO — 1894:

a) Alferes, primeiro uniforme;
b) Tenente, segundo;
c) Soldado, primeiro;
d) Corneta, segundo.

ESTAMPA N. 166 — ENGENHARIA — 1894:

a) Tenente, primeiro uniforme;
b) Idem, segundo;
c) Tambor, primeiro;
d) Soldado, idem;
e) Idem, uniforme de serviço em campanha.

ESTAMPA N. 167 — CAVALLARIA — 1894:

a) Capitão, primeiro uniforme;
b) Idem, terceiro;
c) Soldado, primeiro;
d) Clarim, idem;
e) Soldado, segundo;
f) Idem.

ESTAMPA N. 168 — INFANTARIA — 1894:

a) Capitão Ajudante em primeiro uniforme;
b) Tenente em segundo;
c) Alferes em quarto;
d) Tenente, idem;
e) Tenente de capote.

ESTAMPA N. 169 — INFANTARIA — 1894:

a) Praça de pret, grande uniforme;
b) Musico, idem;
c) Tambor, idem;
d) Cabo, pequeno uniforme;
e) Praça de pret com equipamento.

ESTAMPA N. 170 — ESCOLAS — 1894:

a) Alumno da Escola Militar, grande gala;
b) Idem, segunda gala;
c) Alferes-Alumno, grande gala;
d) Lente da mesma escola, segunda gala;
e) Escola de Sargentos, grande gala;
f) Idem, segunda.

ESTAMPA N. 171 — COLLEGIO MILITAR — 1894:

a) Alumno, primeiro uniforme;
b) Alumno-Official, idem;
c) Alumno, segundo uniforme.

ESTAMPA N. 172 — REFORMADOS E HONORARIOS — 1894:

a) Marechal reformado, primeiro uniforme;
b) General de Divisão, idem, segundo;
c) Idem honorario, primeiro;
d) Major honorario, segundo.

ESTAMPA N. 173—ESTADO MAIOR GENERAL, CORPOS ESPECIAES E ARREGIMENTADOS—1894:

a) General de Brigada, segundo uniforme;
b) General de Divisão, idem;
c) Capitão do Estado Maior, idem;
d) Capitão de Infantaria, idem;
e) Capitão do Estado Maior, idem.

ESTAMPA N. 174 — INFANTARIA — 1895:

a) Tenente, primeiro uniforme;
b) Capitão, fardamento branco;
c) Idem, fardamento de serviço interno;
d) Soldado, uniforme commum.

ESTAMPA N. 175 — CORPOS ESPECIAES, INFANTARIA E ARTILHARIA — 1896:

a) Tenente do Estado Maior, pequeno uniforme;
b) Idem, grande uniforme;
c) Tenente de Artilharia a Pé, idem;
d) Tenente de Infantaria, idem;
e) Idem da mesma arma, terceiro uniforme.

ESTAMPA N. 176 — CAMPANHA DE CANUDOS — 1897:

a) Capitão, farda de campanha á gaúcha;
b) Tenente, farda de campanha;
c) Soldado do 21° Batalhão de Infantaria;
d) Idem, fardado á sertaneja;
e) Idem da Policia da Bahia.

ESTAMPA N. 177 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1903:

a) Marechal, primeiro uniforme;
b) General de Brigada, segundo;
c) Marechal, idem.

ESTAMPA N. 178 — CORPOS ESPECIAES — 1903:

a) Capitão de Estado Maior, primeiro uniforme;
b) Major de Engenheiros, idem;
c) Capitão de Estado Maior, segundo.

ESTAMPA N. 179 — CAVALLARIA E ARTILHARIA DE CAMPANHA — 1903:

a) Capitão de Cavallaria, primeiro uniforme;
b) Tenente de Artilharia, idem;
c) Idem de Cavallaria, terceiro uniforme;
d) Official de Artilharia, segundo.

ESTAMPA N. 180 — CAVALLARIA E ARTILHARIA — 1903:

a) Soldado de Cavallaria, grande gala;
b) Cabo de Artilharia, idem;
c) Soldado de Cavallaria, segundo uniforme;
d) Anspessada de Artilharia, idem.

ESTAMPA N. 181 — ENGENHARIA E ARTILHARIA DE POSIÇÃO — 1903:

a) Tenente de Engenharia, primeiro uniforme;
b) Capitão de Artilharia, idem;
c) Tenente de Engenharia, segundo;
d) Idem de Artilharia em segundo, com capote.

ESTAMPA N. 182 — INFANTARIA — 1903:

a) Tenente, primeiro uniforme;
b) Idem, segundo;
c) Idem, terceiro;
d) Capitão com fardamento de brim kaki.

ESTAMPA N. 183 — INFANTARIA — 1903:

a) Soldado, primeiro uniforme;
b) Idem, segundo;
c) Idem;
d) Tambor, primeiro.

ESTAMPA N. 184 — 1904:

a) Corneta de Infantaria, grande gala;
b) Clarim de Cavallaria, idem;
c) Musico de Infantaria, idem.

ESTAMPA N. 185 — 1903:

a) Tambor do Collegio Militar, grande gala;
b) Alumno da Escola Militar, idem;
c) Alferes-Alumno, idem.

ESTAMPA N. 186 — 1906:

a) Capitão de Infantaria em uniforme de ceremonia;
b) Alumno da Escola de Applicação;
c) Idem.

ESTAMPA N. 187 — MANOBRAS DE 1907:

a) Soldado de Infantaria com o equipamento em experiencia;
b) Cabo de Cavallaria;
c) Tenente de Infantaria;
d) Soldado de Infantaria, equipado.

ESTAMPA N. 188 — ESTADO MAIOR GENERAL — 1908:

a) Marechal, uniforme de revista;
b) General de Brigada, segundo uniforme;
c) General de Divisão, uniforme branco;
d) General de Brigada, farda de flanella kaki;
e) General de Divisão, farda de brim kaki, de campanha.

ESTAMPA N. 189 — CORPOS ARREGIMENTADOS — 1908:

a) Alferes de Infantaria, grande gala;
b) Major de Cavallaria, idem;
c) Capitão de Artilharia, idem;
d) Tenente de Engenharia, idem.

ESTAMPA N. 190 — QUATRO ARMAS — 1908:

a) Capitão de Infantaria, segundo uniforme;
b) Idem de Cavallaria, terceiro;
c) Tenente de Artilharia, quarto;
d) Idem de Infantaria, quinto;
e) Official de Engenharia, sexto.

ESTAMPA N. 191 — INFANTARIA E ARTILHARIA — 1908:

a) Soldado de Infantaria, grande gala;
b) Tambor de Artilharia de Posição, idem;
c) Soldado de Infantaria com equipamento antigo;
d) Idem com uniforme de serviço interno (brim mescla).

ESTAMPA N. 192 — CAVALLARIA, ENGENHARIA E ARTILHARIA — 1908:

a) Soldado de Cavallaria, grande gala;
b) Forriel de Engenharia, idem;
c) Soldado de Artilharia de Campanha, idem;
d) Idem de uniforme de brim kaki;
e) Idem de Cavallaria com o mesmo uniforme.

ESTAMPA N. 193 — 1908:

a) Capitão Medico, grande gala;
b) Tenente Intendente, idem;
c) Tambor do Collegio Militar, idem;
d) Alferes-Alumno (Escola Militar), idem;
e) Sargento de Infantaria, idem.

ESTAMPA N. 194 — VOLUNTARIOS E TIROS DE GUERRA — 1908:

a) Voluntarios de Manobras, uniforme de exercicio;
b) Idem, uniforme de passeio;
c) Tiro n. 15;
d) Tiro do Leme (N. 5);
e) Tiro Brasileiro de S. Paulo (N. 2).

ESTAMPA N. 195 — TIROS DE GUERRA — 1910:

a) Tiro da Tijuca;
b) Forriel do Tiro de Juiz de Fóra;
c) Tiro do Maranhão;
d) Tambor do Tiro de Santos;
e) Tiro de Friburgo.

ESTAMPA N. 196 — TIROS DE GUERRA — 1910:

a) Tiro N. 9 de Uruguayana;
b) Tiro de Campos;
c) Idem da Parahyba;
d) Idem de Bagé;
e) Idem N. 3 de S. Paulo.

ESTAMPA N. 197 — TIROS DE GUERRA — 1910:

a) Tiro de Pernambuco;
b) Batalhão de Caçadores do Club União dos Atiradores do Rio;
c) Tenente do Tiro Brasileiro em primeiro uniforme;
d) Cabo do 1° Batalhão da Linha de Tiro do Amazonas;
e) Tiro Federal de Petropolis.

ESTAMPA N. 198 — TIROS DE GUERRA — 1915 a 1916:

a) Cyclista do Tiro da Tijuca, N. 7, em 1915;
b) Tiro do Paraná, 1916;
c) Tiro de S. Paulo, N. 35, 1916;
d) Atirador (Unificação geral dos uniformes), 1917;
e) Capitão do Tiro Rio Branco (Paraná), 1917.

ESTAMPA N. 199 — 1910 a 1911:

a) Capitão de Infantaria em uniforme de ceremonia;
b) Tenente da mesma arma em primeiro uniforme;
c) Idem em quarto uniforme;
d) Soldado de Infantaria, de farda de brim kaki e equipamento;
e) Alumno do Collegio Militar, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 200 — 1913:

a) Tenente de Engenharia, uniforme interno de brim;
b) Tenente Intendente, pequeno uniforme;
c) Alumno da Escola Militar, primeiro uniforme;
d) Alumno do Collegio Militar, idem;
e) General de Brigada, grande fardamento de ceremonia.

ESTAMPA N. 201 — 1914:

a) Alumno-Capitão do Collegio Militar, grande gala;
b) Musico de Infantaria, idem;
c) Soldado de Cavallaria, pequeno uniforme e capote;
d) Idem de Infantaria, pequeno uniforme;
e) Alumno da Escola Militar, fardamento kaki.

ESTAMPA N. 202 — 1914:

a) Soldado de Cavallaria, uniforme de campanha;
b) Porta-Bandeira de Infantaria, idem;
c) Cabo da mesma arma, idem.

ESTAMPA N. 203 — 1915:

a) Official de Infantaria em fardamento de parada;
b) Idem em fardamento de campanha, no Contestado;
c) Corneteiro, idem;
d) Sargento de Obuzeiros, pequeno uniforme.

ESTAMPA N. 204 — 1916:

a) General de Divisão, uniforme de brim;
b) General de Brigada, uniforme de flanella;
c) Capitão Ajudante de Infantaria, de capote;
d) Tenente de Cavallaria;
e) Tambor de Infantaria, uniforme de brim kaki;
f) Soldado de Cavallaria, idem.

ESTAMPA N. 205 — 1917:

a) Tenente de Infantaria, uniforme de campanha;
b) Sargento da mesma arma, idem;
c) Soldado, idem;
d) Idem.

ESTAMPA N. 206 — 1917:

a) Soldado do 43° Batalhão de Caçadores de S. Paulo, farda de parada;
b) Clarim de Cavallaria, primeiro uniforme, parada de 1917;
c) Tenente de Infantaria, idem;
d) Soldado da mesma arma, idem.

ESTAMPA N. **207** — 1918:

a) Soldado de Cavallaria, uniforme de campanha;
b) Cabo de Metralhadoras, idem;
c) Official em commissão na Europa, uniforme permittido no estrangeiro, durante a Guerra Européa;
d) Capitão de Engenheiros, fardamento de flanella kaki.

ESTAMPA N. **208** — 1919:

a) Soldado de Cavallaria, uniforme de campanha;
b) Idem de Infantaria, uniforme de uso interno;
c) Sargento de Caçadores, uniforme de passeio;
d) Tenente de Infantaria, uniforme de campanha;
e) Soldado de Artilharia de Montanha, idem.

ESTAMPA N. **209** — 1920:

a) General em primeiro uniforme (anteriormente segundo uniforme);
b) Tenente de Caçadores em uniforme de formatura;
c) Major de Cavallaria Divisionaria em grande gala;
d) Capitão de Infantaria, farda de ceremonia;
e) General de Brigada, fardamento de flanella kaki.

ESTAMPA N. **210** — 1921:

a) Alumno do 3° anno da Escola Militar, de Cavallaria, grande uniforme;
b) Alumno do 2° anno da mesma escola, de Infantaria, idem;
c) Alumno do 3° anno da mesma escola, de Infantaria, uniforme kaki;
d) Sargento Aviador em farda de passeio;
e) Alumno do Collegio Militar, uniforme kaki.

ESTAMPA N. **211** — 1921:

a) Soldado de Metralhadoras, grande gala;
b) Anspessada de Caçadores, idem;
c) Clarim do Esquadrão do Trem, idem;
d) Alumno do Collegio Militar, idem.

ESTAMPA N. **211 A** — 1921 a 1922:

a) Alumno do Collegio Militar do Ceará, uniforme de passeio;
b) Official de Infantaria com pelérine e chapéo de campanha;
c) Soldado do 26° Batalhão de Caçadores do Pará, farda de campanha;
d) Idem dos Tanks, Companhia de Carros de Assalto.

IV — GUARDA NACIONAL E RESERVA DE SEGUNDA LINHA

ESTAMPA N. **212** — 1832:

a) Guarda de Infantaria;
b) Idem;
c) Tenente de Cavallaria;
d) Guarda da mesma arma.

ESTAMPA N. **213** — 1840 a 1850:

a) Coronel Commandante Superior em grande gala;
b) Sargento de Infantaria, idem;
c) Tambor Mór de Infantaria, idem.

ESTAMPA N. 214 — 1851:

a) Coronel Commandante Superior, grande gala;
b) Coronel do 1° Regimento de Cavallaria, idem;
c) Alferes do mesmo corpo, pequena gala;
d) Guarda do 2° Regimento de Cavallaria, grande gala.

ESTAMPA N. 215 — 1851:

a) Capitão de Caçadores, grande uniforme;
b) Guarda da mesma arma, idem;
c) Alferes da mesma arma, pequeno uniforme;
d) Guarda, idem.

ESTAMPA N. 216 — 1851:

a) Alferes de Artilharia, primeiro uniforme;
b) Tenente-Coronel de Fusileiros, idem;
c) Fusileiro, idem.

ESTAMPA N. 217 — 1851:

a) Tenente da Reserva, grande gala;
b) Guarda da Reserva, idem;
c) Idem, segunda gala.

ESTAMPA N. 218 — 1858 a 1865:

a) Guarda do 1° Regimento de Cavallaria da Côrte, grande uniforme, 1858;
b) Porta-Machado de Infantaria da Côrte, idem, 1858;
c) Guarda de Infantaria da Côrte, farda de Campanha, 1865.

ESTAMPA N. 219 — CORPOS PROVISORIOS DE CAVALLARIA — 1865 a 1870:

a) Guarda, Rio Grande do Sul;
b) Idem;
c) Idem.

ESTAMPA N. 220 — 1890 a 1897:

a) Coronel Commandante Superior, grande gala, 1890;
b) Tenente de Cavallaria, segundo uniforme, idem;
c) Tenente de Infantaria, grande gala, idem;
d) Capitão da mesma arma, segundo uniforme, 1893;
e) Alferes de Cavallaria, fardado á gaúcha, idem;
f) Guarda de Infantaria, mesma data (Revolta do Rio).

ESTAMPA N. 221 — 1897 a 1906:

a) Coronel Commandante de Infantaria, grande gala, 1897;
b) Capitão da mesma arma, pequena gala, idem;
c) Capitão Ajudante de Infantaria, grande gala, 1906;
d) Tenente da mesma arma, pequena gala, idem.

ESTAMPA N. 222 — 1916:

a) Tenente de Infantaria, primeiro uniforme;
b) Capitão, idem, segundo uniforme;
c) Tenente, idem.

ESTAMPA N. 223 — 1917 a 1919:

a) Major de Infantaria, pequeno uniforme, 1917;
b) Alferes da mesma arma, idem, 1918;
c) Tenente-Coronel da 2ª Linha, uniforme kaki, 1919;
d) Tenente de Infantaria da 2ª Linha, grande uniforme, mesma dáta.

INDICE

I PARTE

HISTORIA DA ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO E DE SEUS UNIFORMES

CAPITULO I

PAGS.

Seculos XVI, XVII e XVIII — Brasil Colonia........ 5

CAPITULO II

Seculo XIX — Brasil Reino........ 17

CAPITULO III

Seculo XIX — Brasil Imperio — Primeiro Reinado........ 27

CAPITULO IV

Seculo XIX — Brasil Imperio — Regencia........ 39

CAPITULO V

Seculo XIX — Brasil Imperio — Segundo Reinado até a Guerra do Paraguay........ 43

CAPITULO VI

Seculo XIX — Brasil Imperio — Segundo Reinado da Guerra do Paraguay á Republica........ 59

CAPITULO VII

Seculos XIX e XX — Brasil Republica........ 67

CAPITULO VIII

Seculos XIX e XX — Da Regencia á Republica — A Guarda Nacional........ 77

II PARTE

DOCUMENTAÇÃO GERAL DA OBRA

a) Bibliographia........ 81
b) Documentos........ 82
c) Iconographia........ 82
d) Peças de indumentaria........ 84

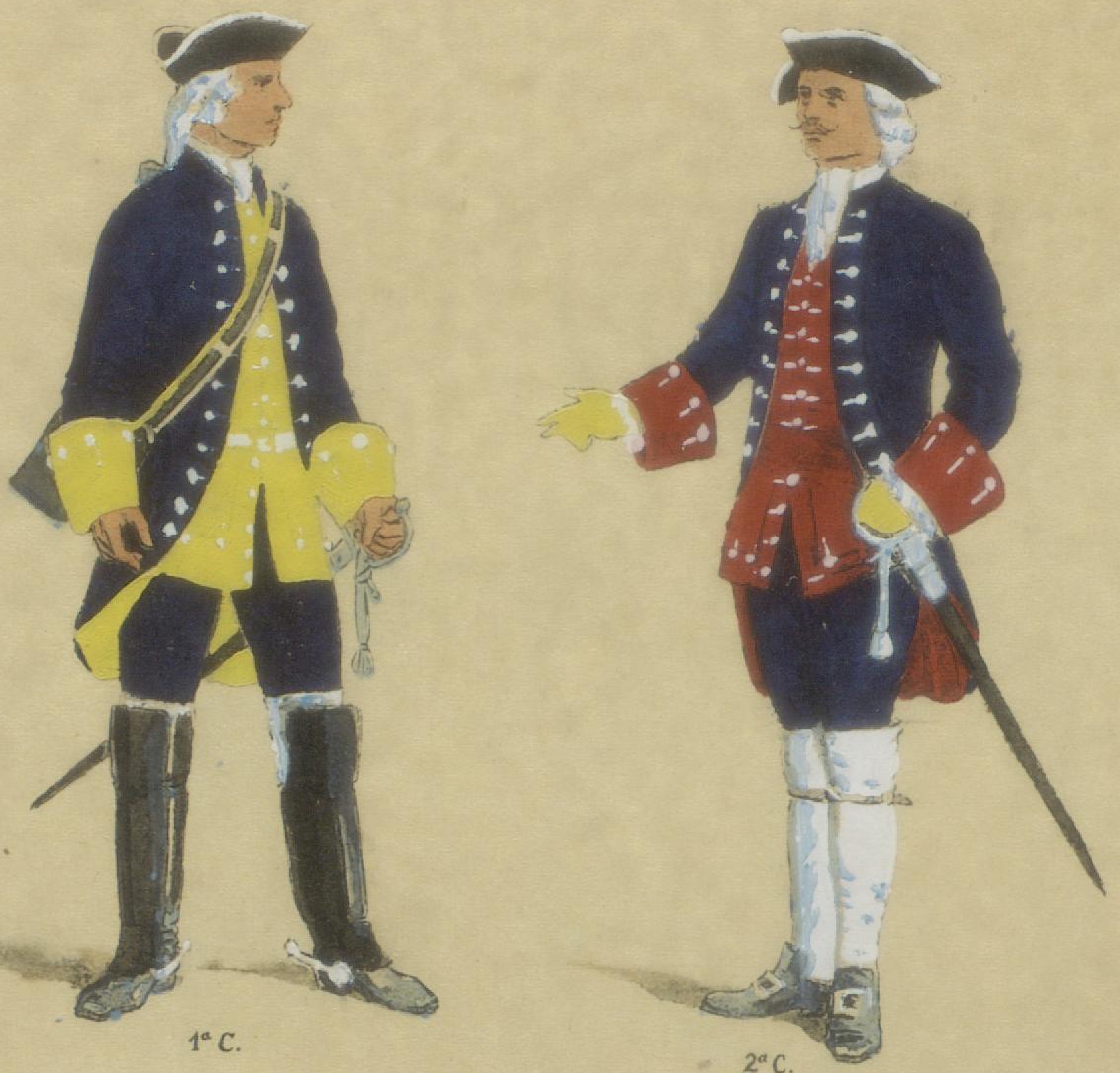
III PARTE

INDICE GERAL DAS ESTAMPAS

I) Tempos coloniaes........ 85
II) Primeiro Imperio e segundo........ 89
III) Republica........ 99
IV) Guarda Nacional e Reserva de segunda linha........ 107

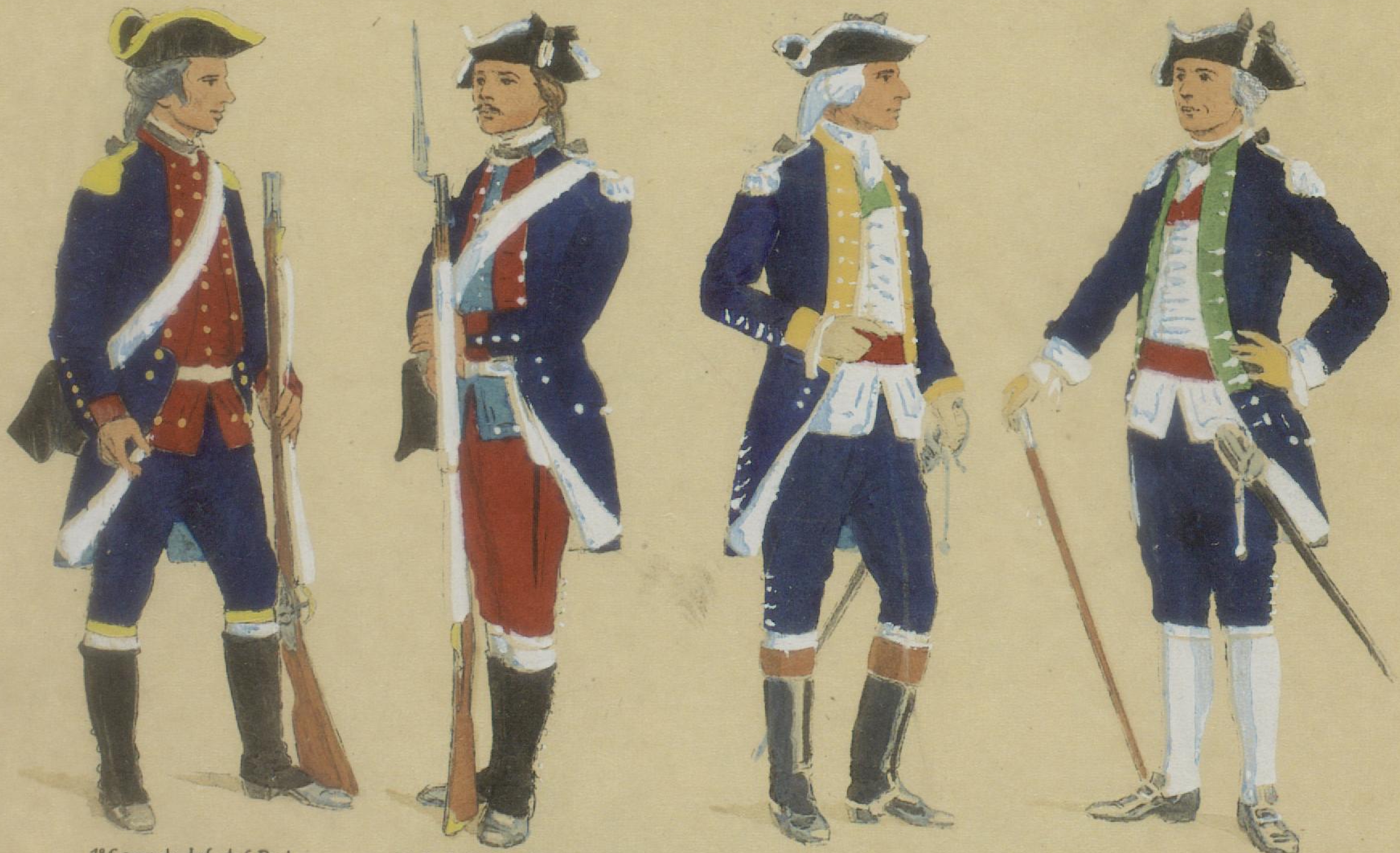
Imprensa Militar - Rio de Janeiro - 1922

2 Companhias de Dragões Reaes das Minas
1730 1



1ª C. 2ª C.

1765 2



1º Corpo de Inf. de S. Paulo e Villas do Sul

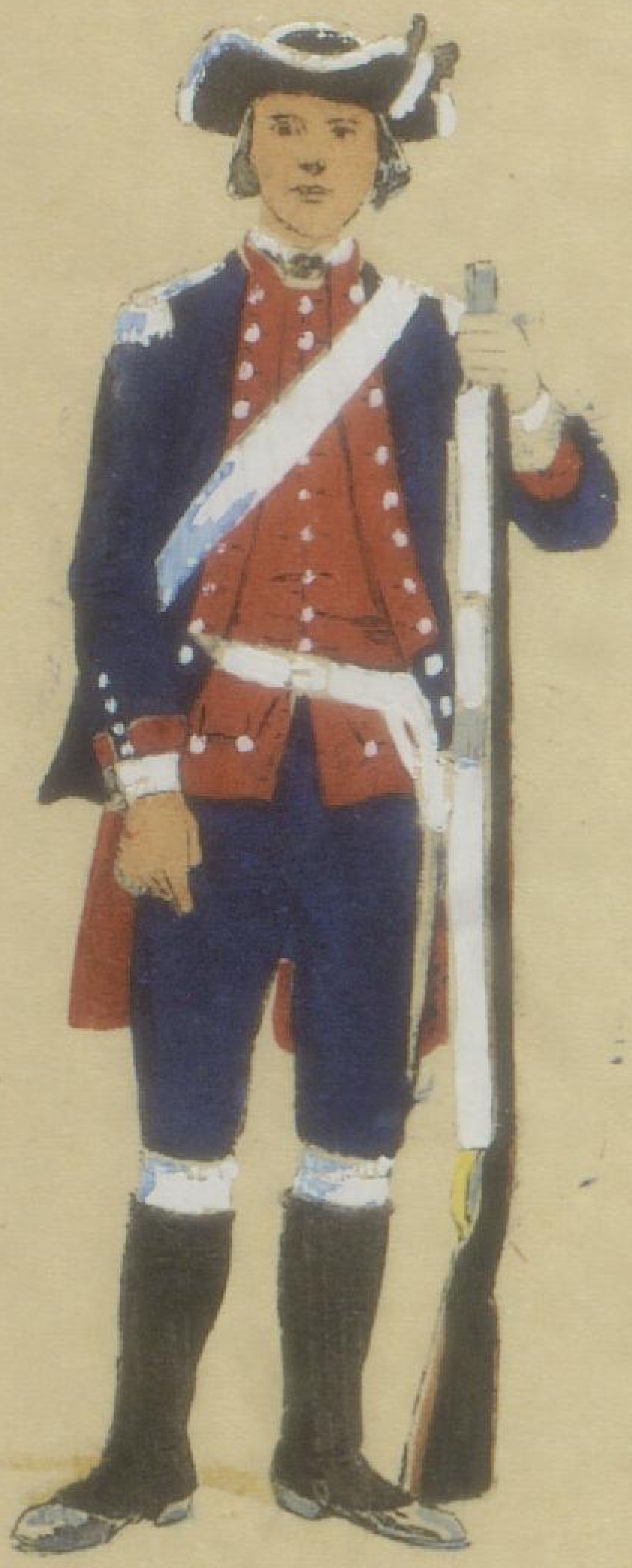
2º C. de Inf. de Guaratinguetá e V. do Norte

1º C. de Dragões de S. Paulo e V. do Sul

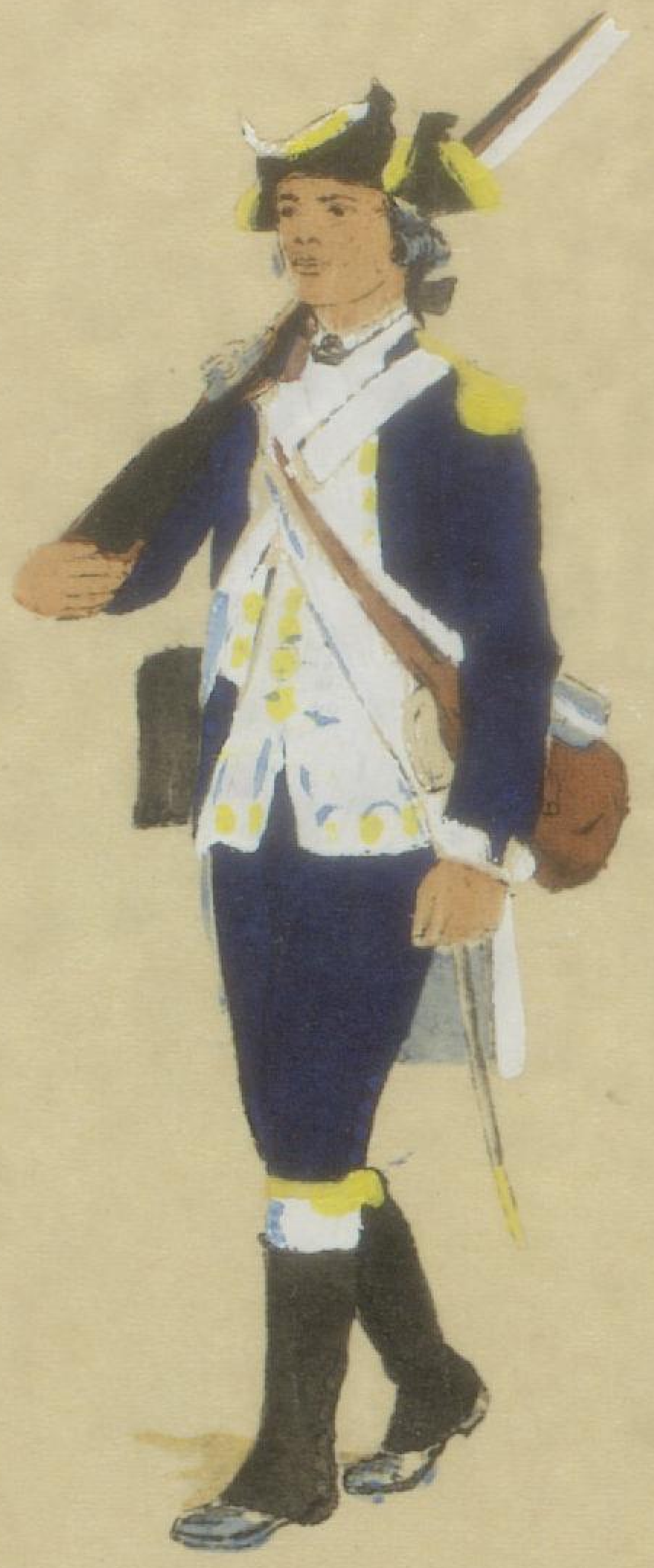
2º C. de Cavall. Ligeira de Guaratinguetá e V. do N.

1765

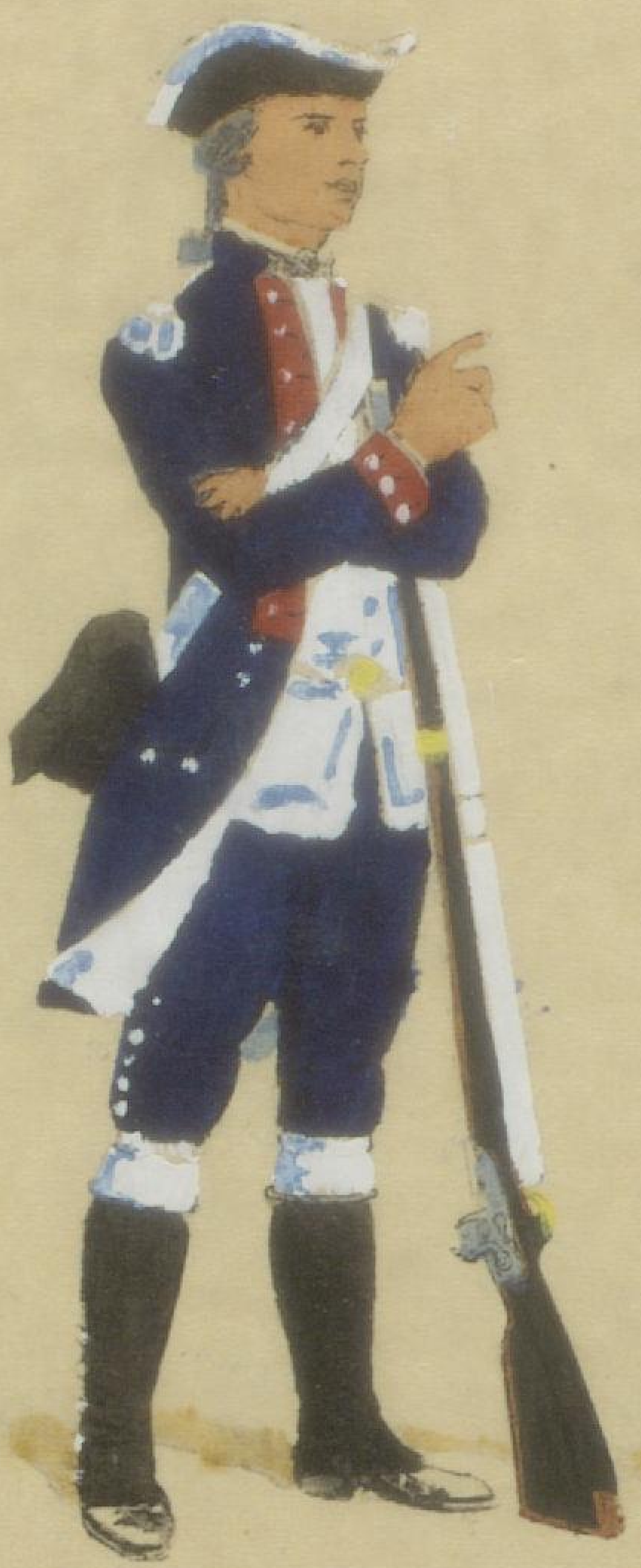
3



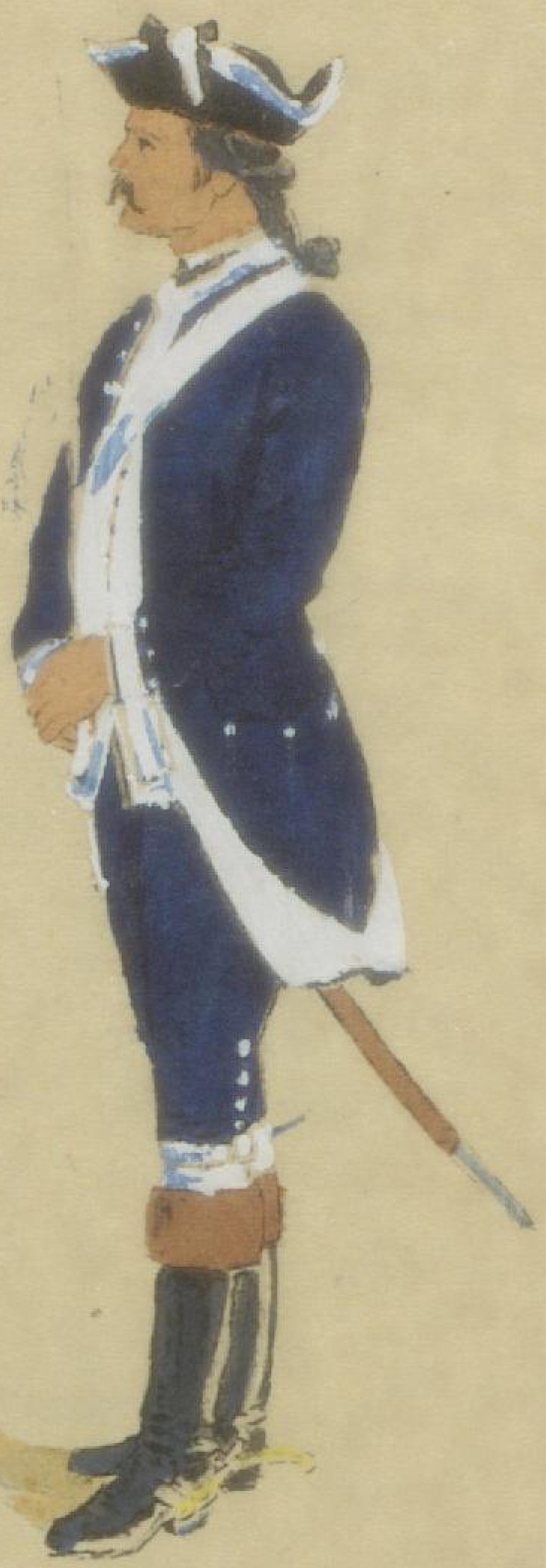
Reg. de Inf. de Santos



1° C. de Inf. da Marinha de Santos e V. do Norte



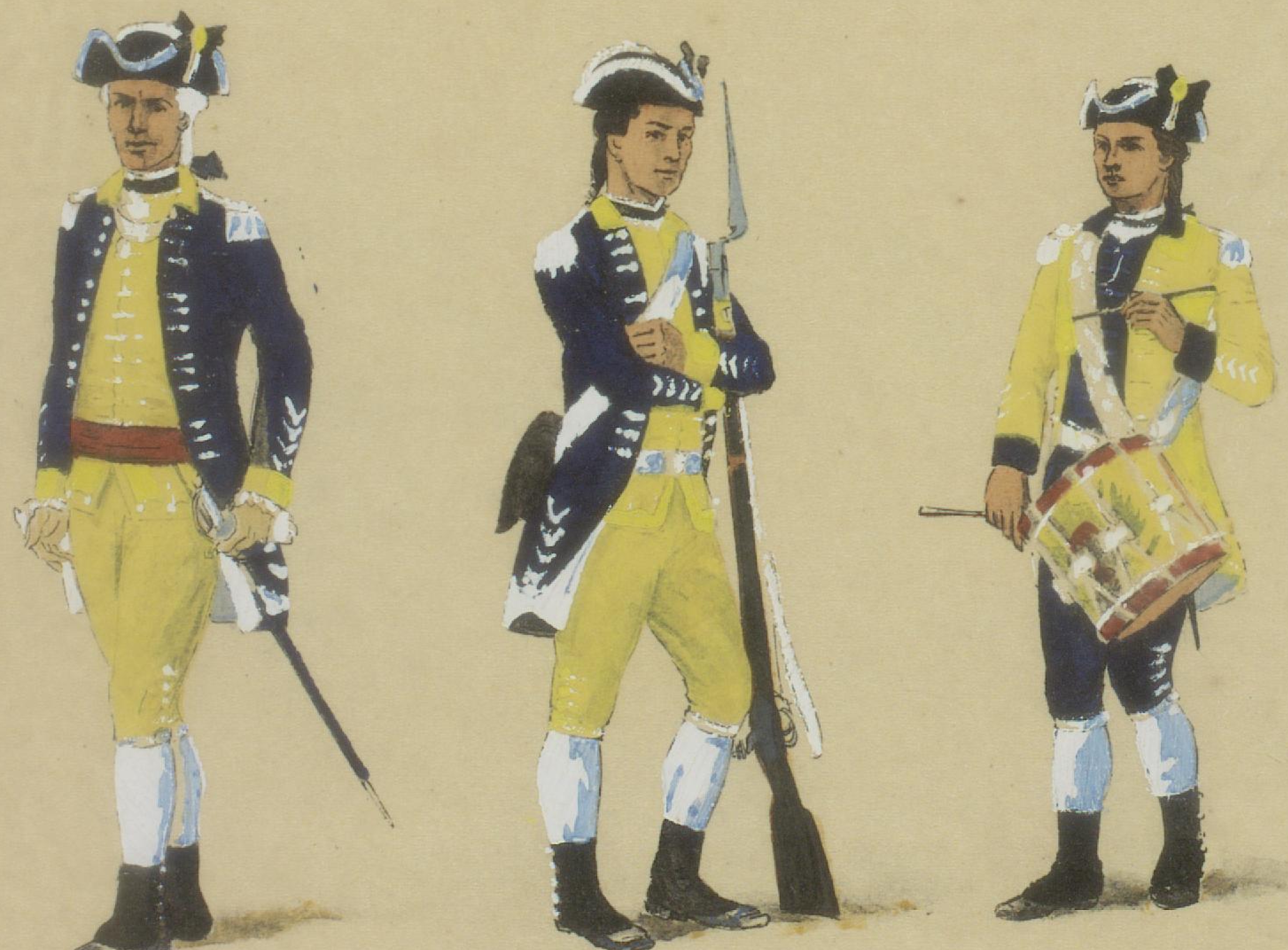
2° C. de Inf. de Curitiba e Villas do Sul



Companhias de Auxiliares de Cavall. de Curitiba

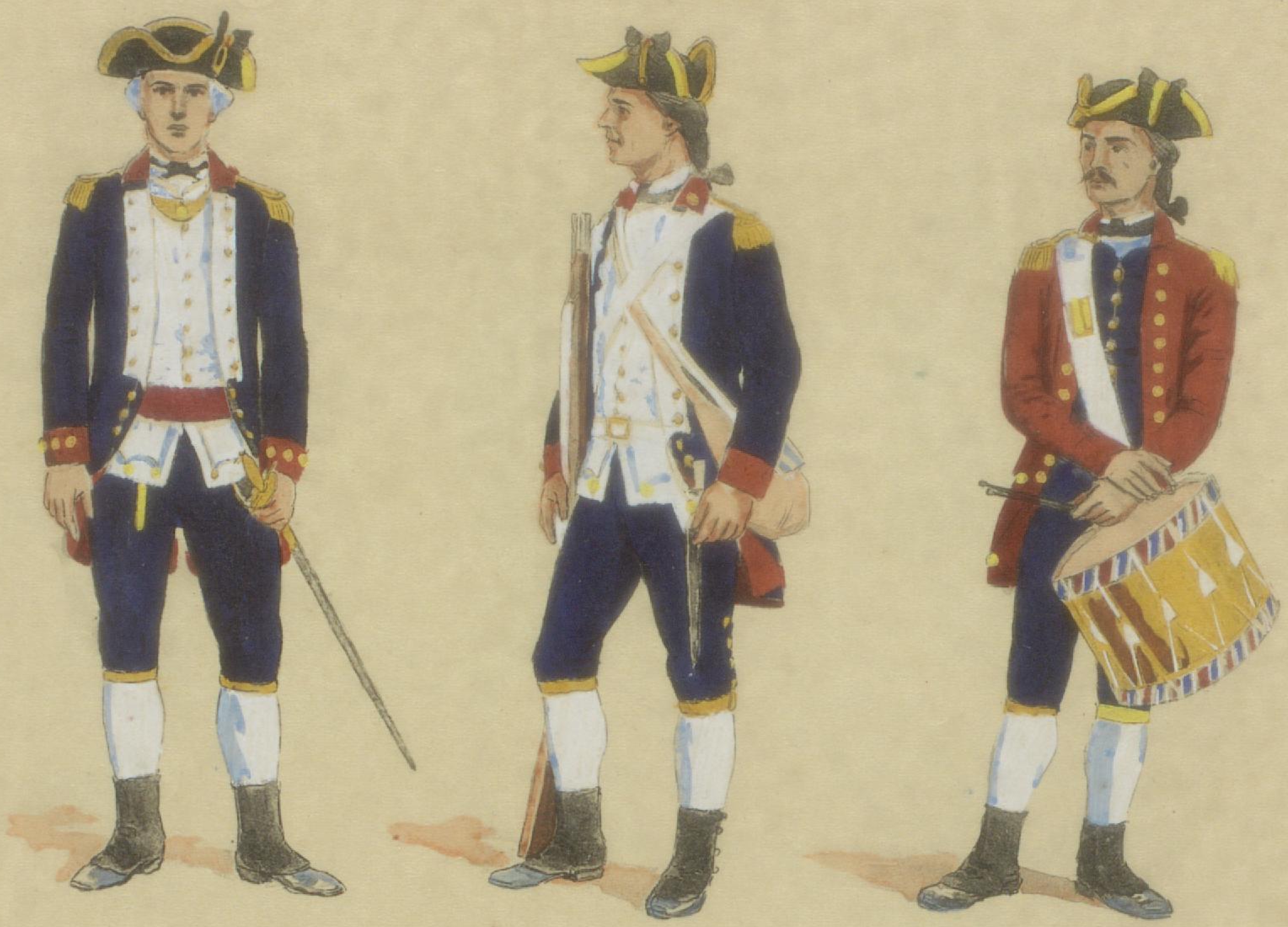
Reg. de Inf. de Moura
Rio de Janeiro
1767

4



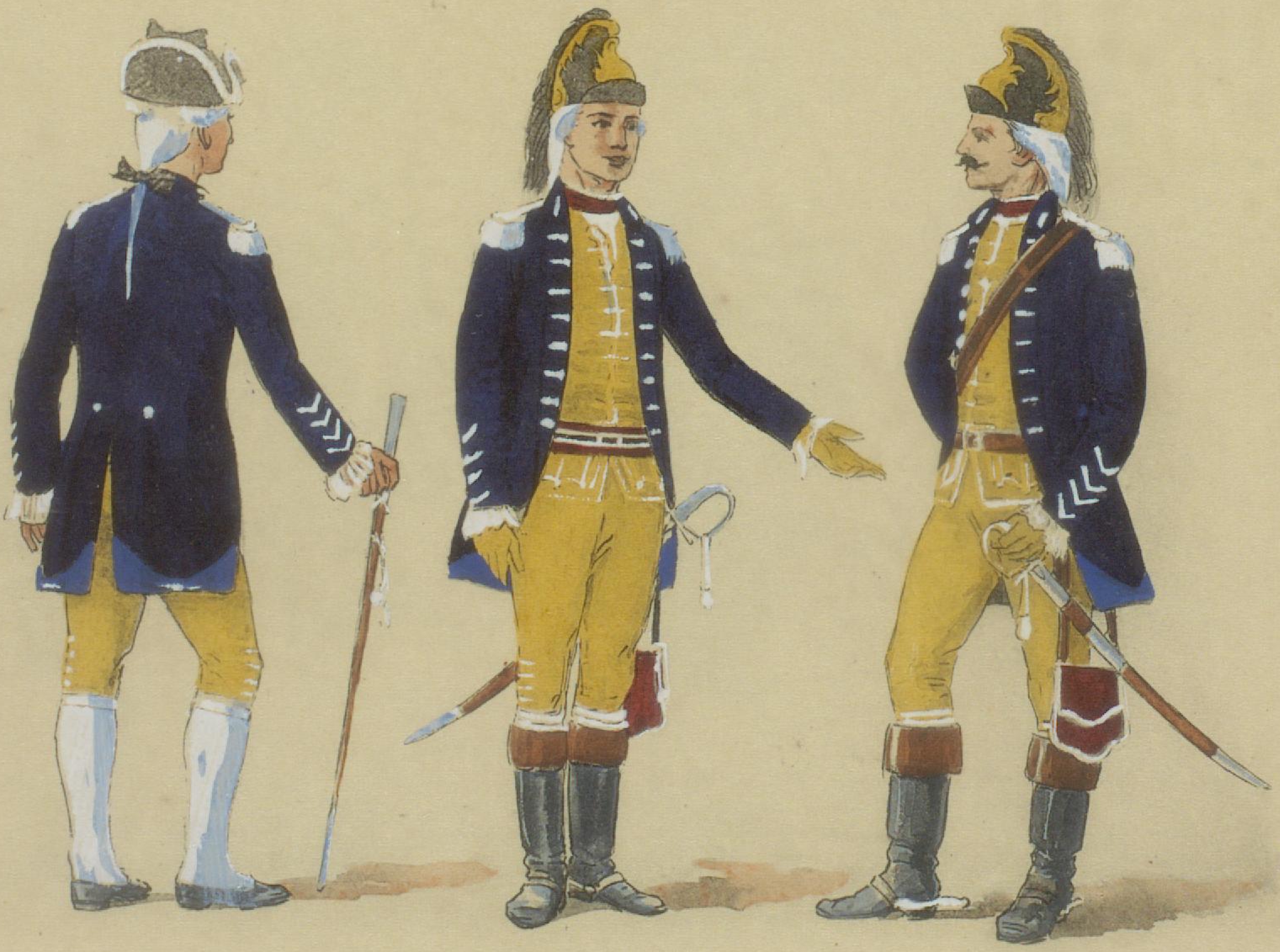
1º Reg. de Infanteria de Bragança
Rio de Janeiro
1767

5



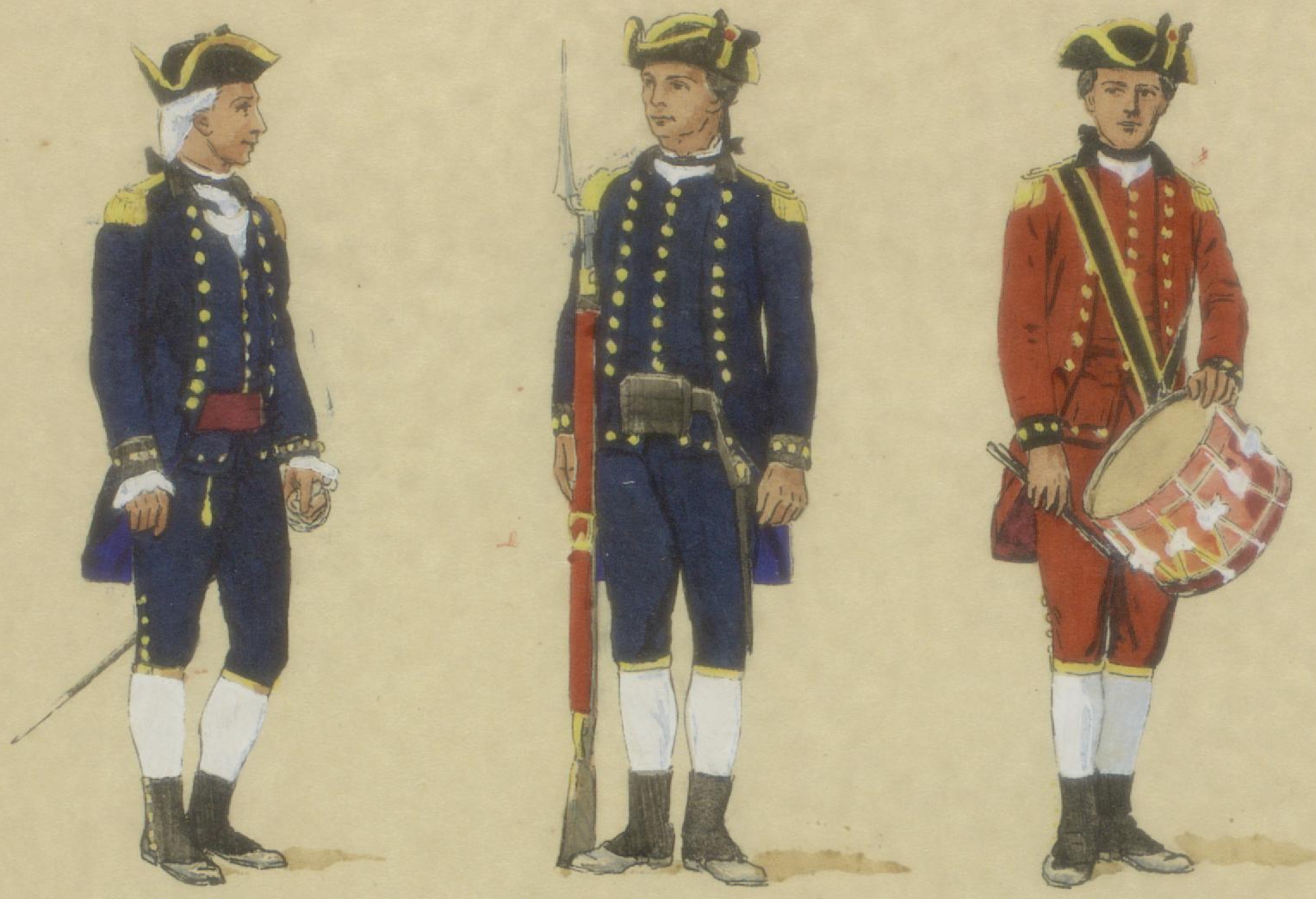
2 Comp. de Cavallaria da G. dos V. Reis
Rio de Janeiro
1767

6



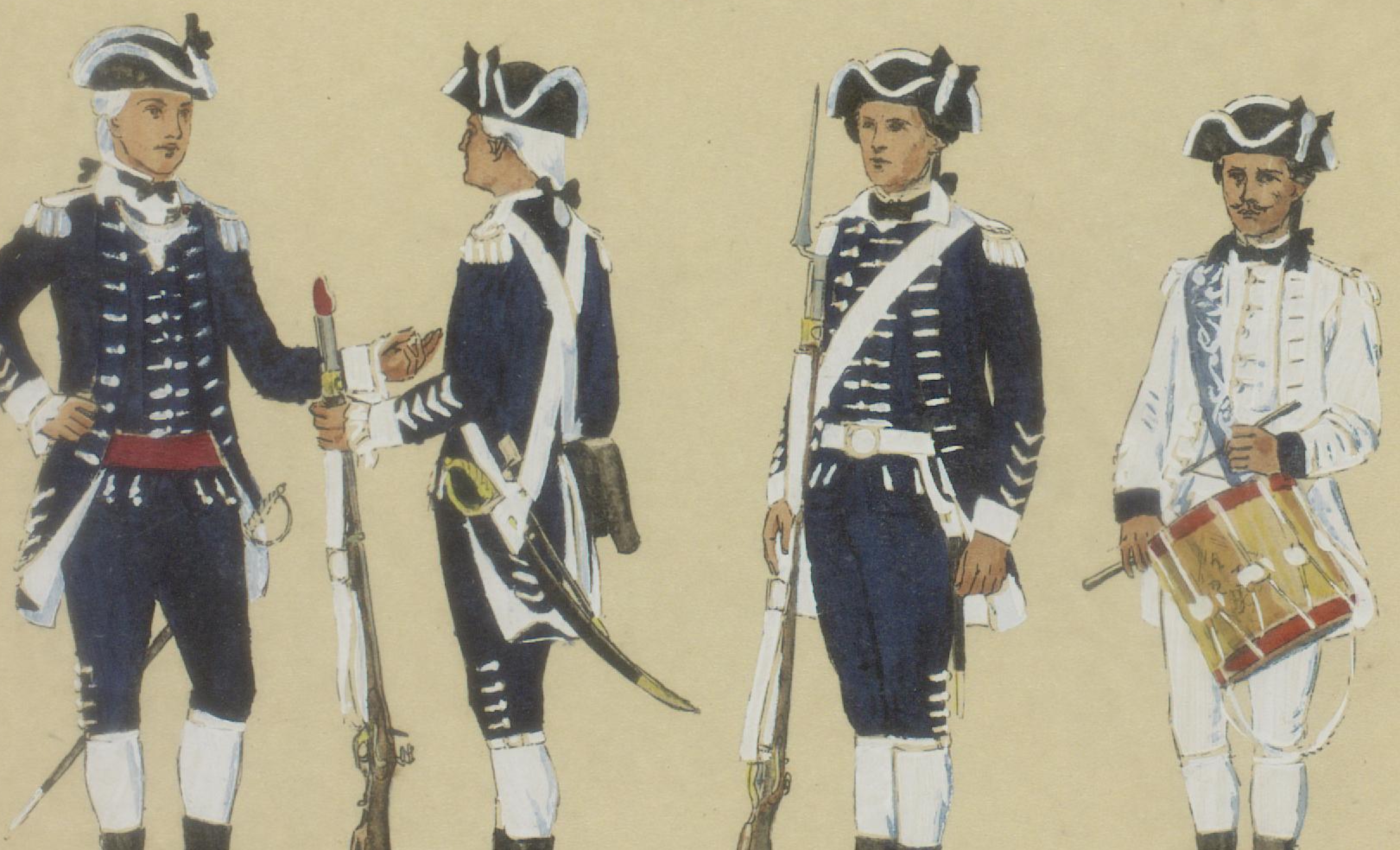
Reg. de Artilh. do Rio de Janeiro
1767

7



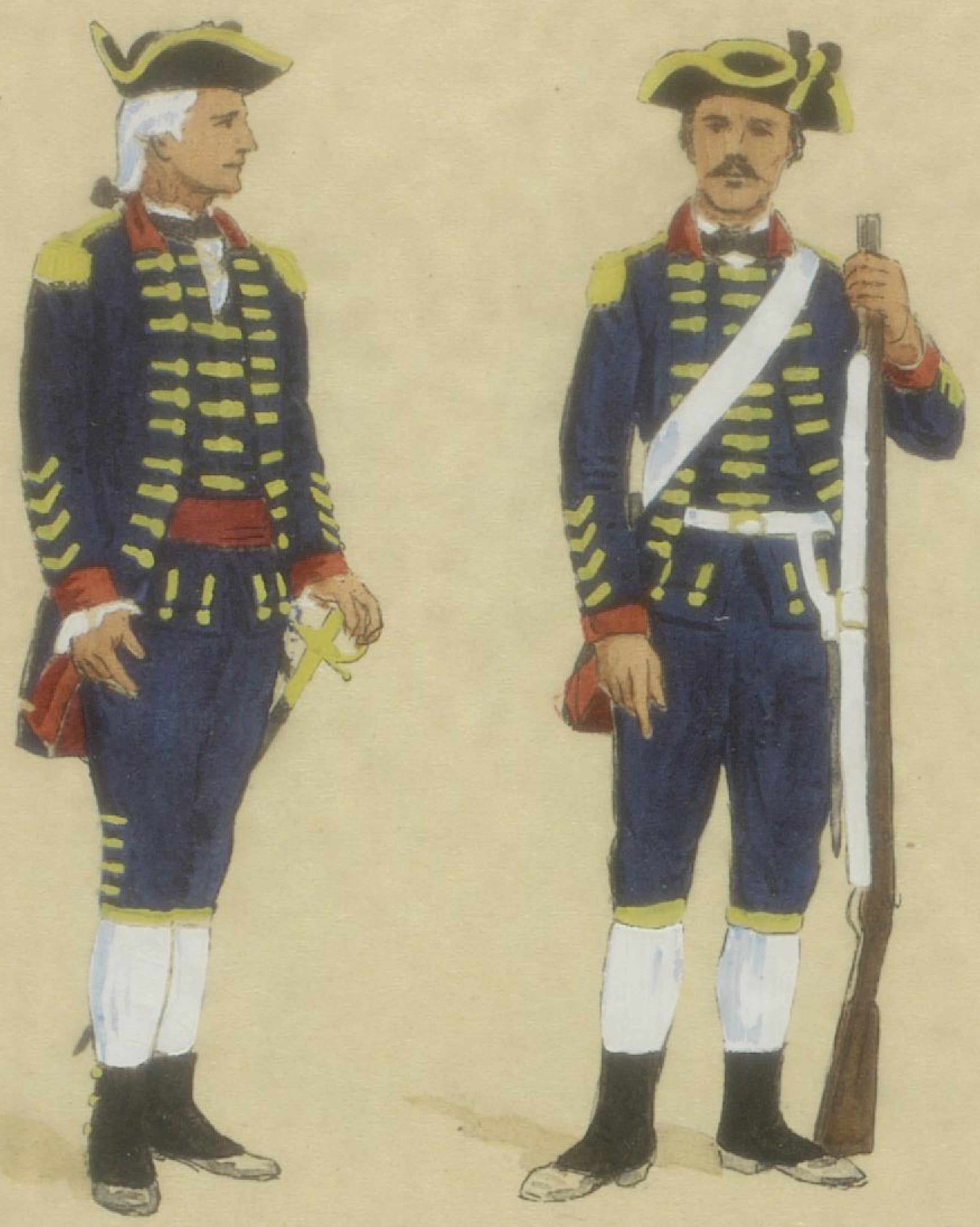
1º Reg. de Inf. do Rio de Janeiro
1767

8



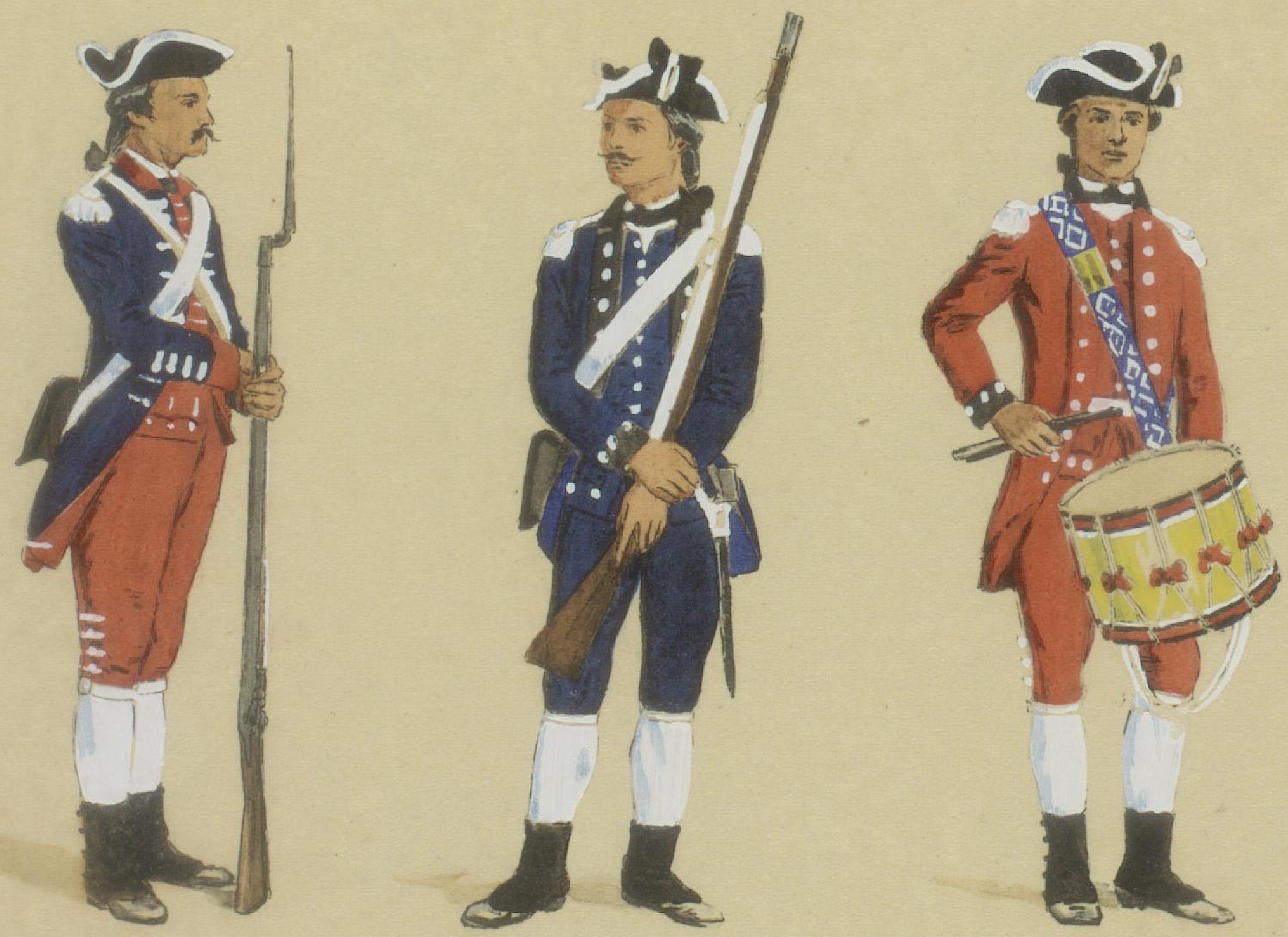
9

2ª Reg. de Infant. do R. de Janeiro
1767



10

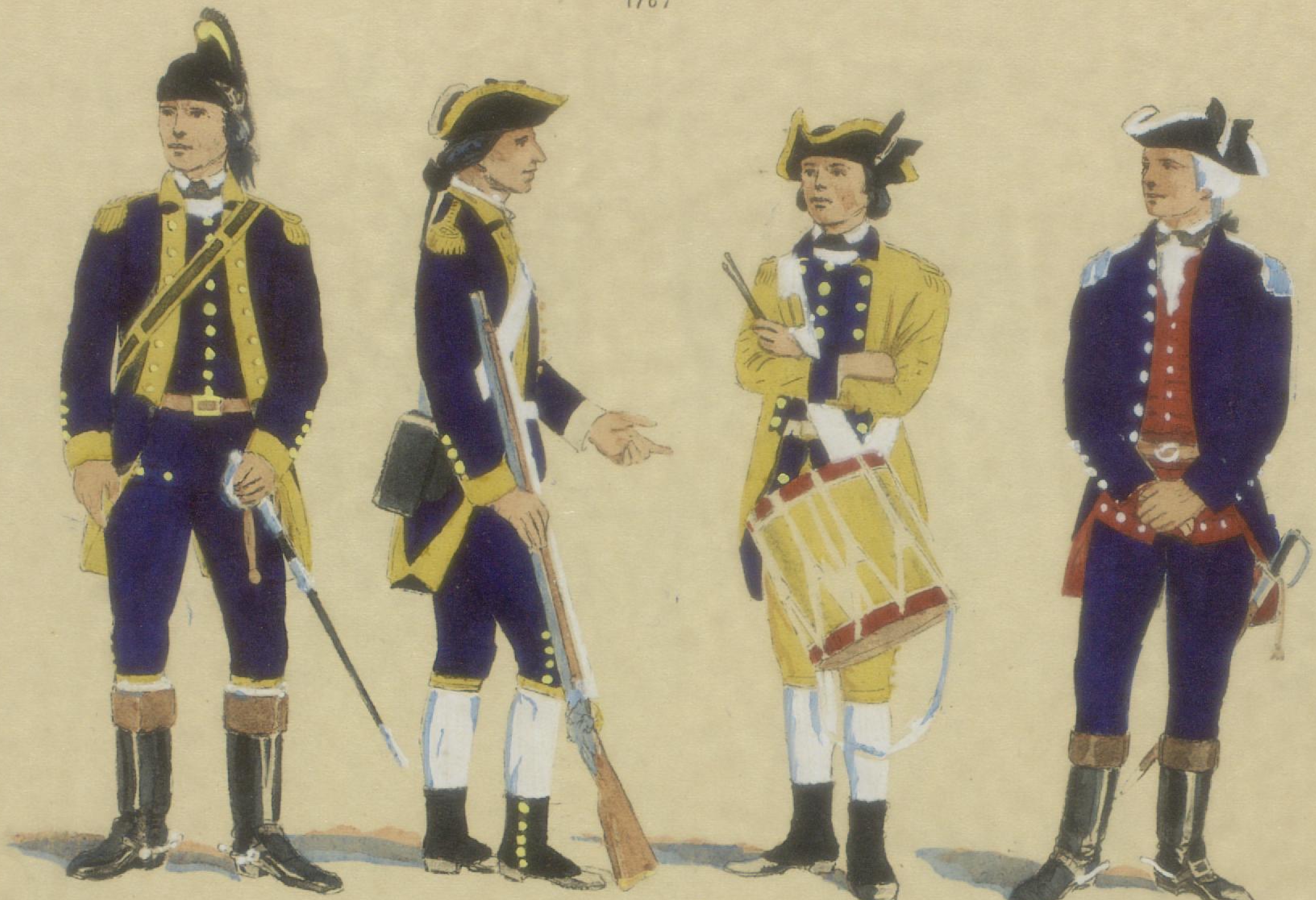
Infanteria e Artilharia do
Rio G. de S. Pedro
1767


Infant.
Artilharia

Rio Grande de S.Pedro

1767

11



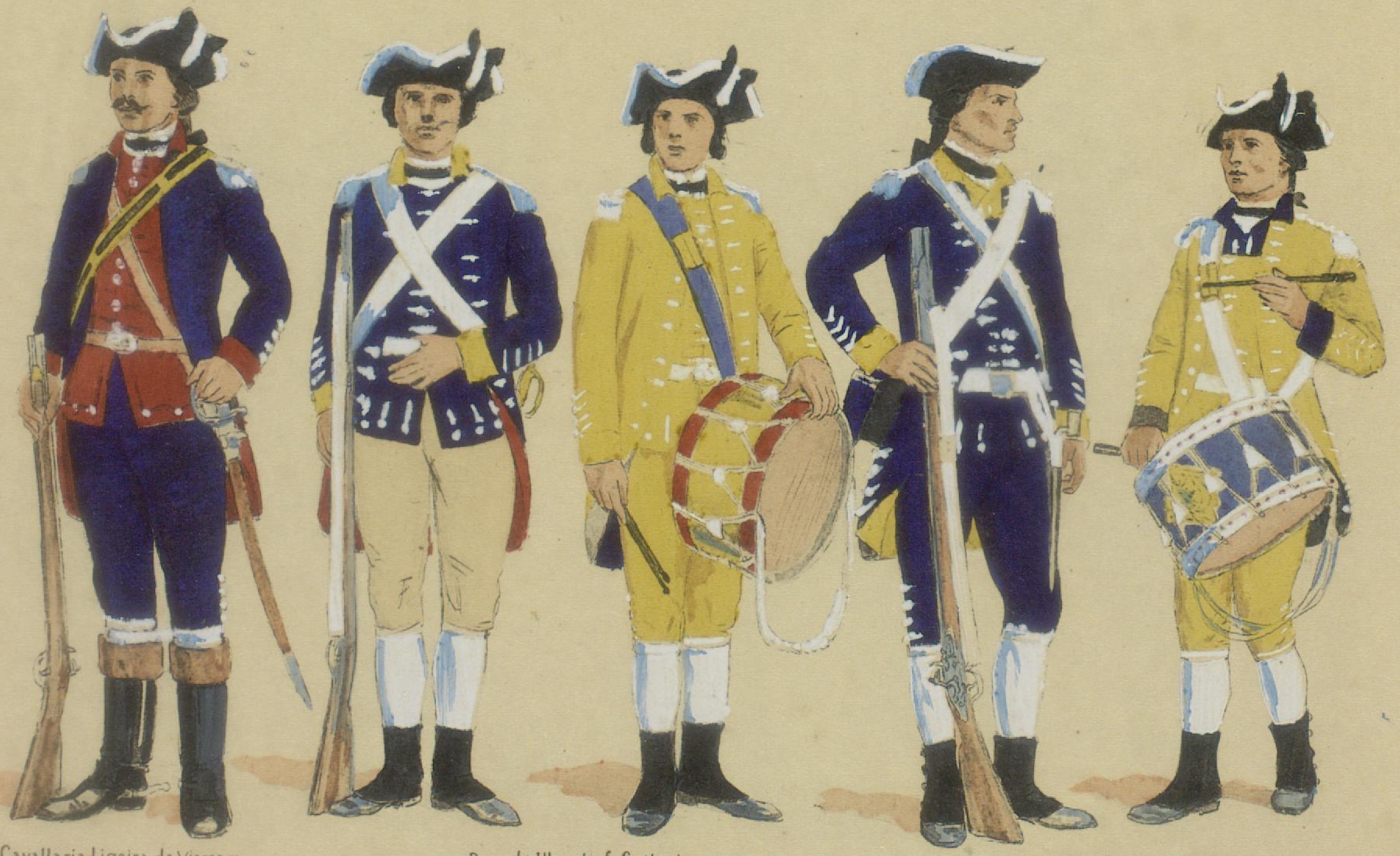
Regimento de Dragões

2 Comp. Cavallaria Ligeira Auxiliar.

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

1767

12



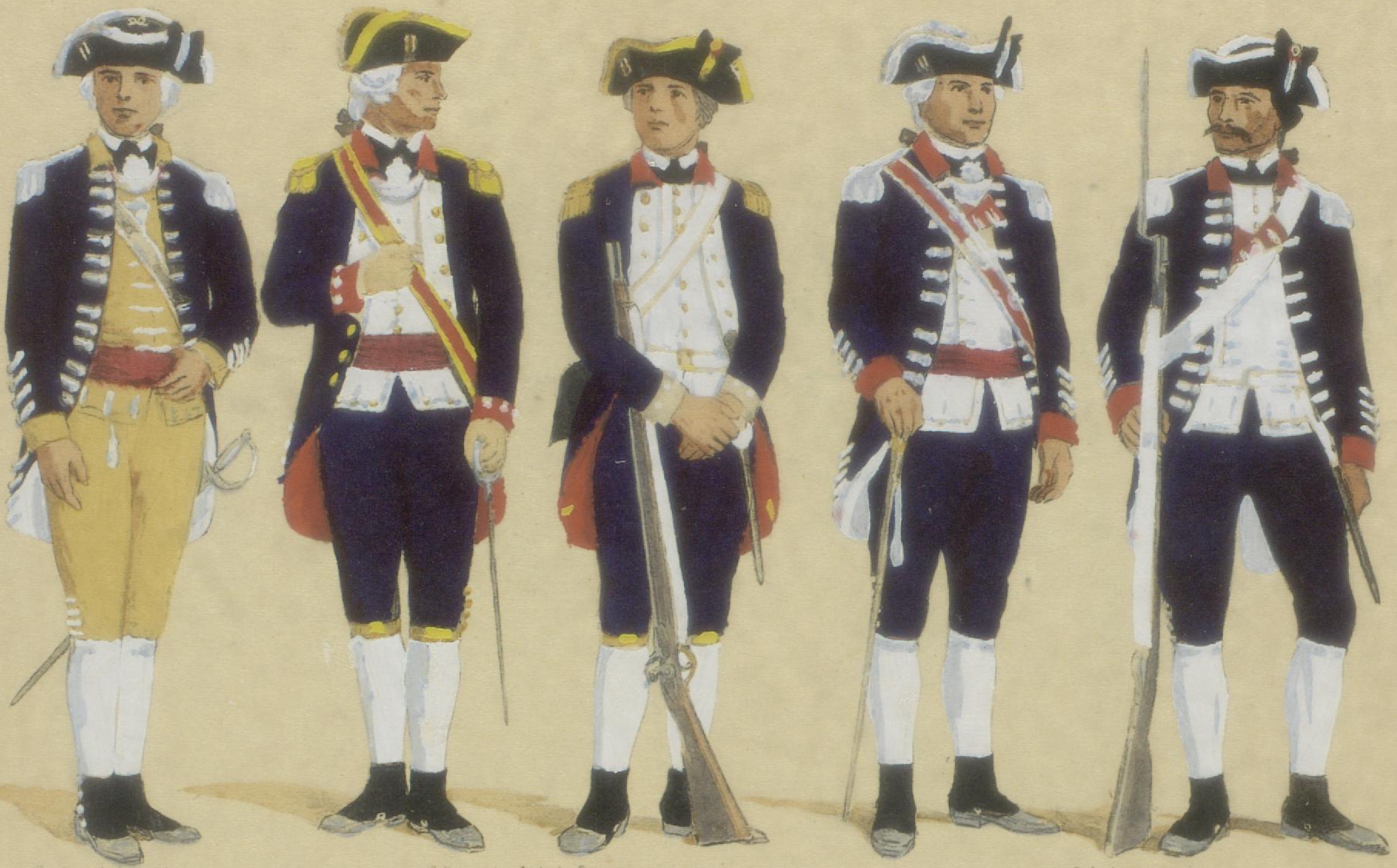
Cavallaria Ligeira de Viamam

Reg. da Ilha de S.Catharina

Reg. da Praça da Colonia

Rio de Janeiro
1786

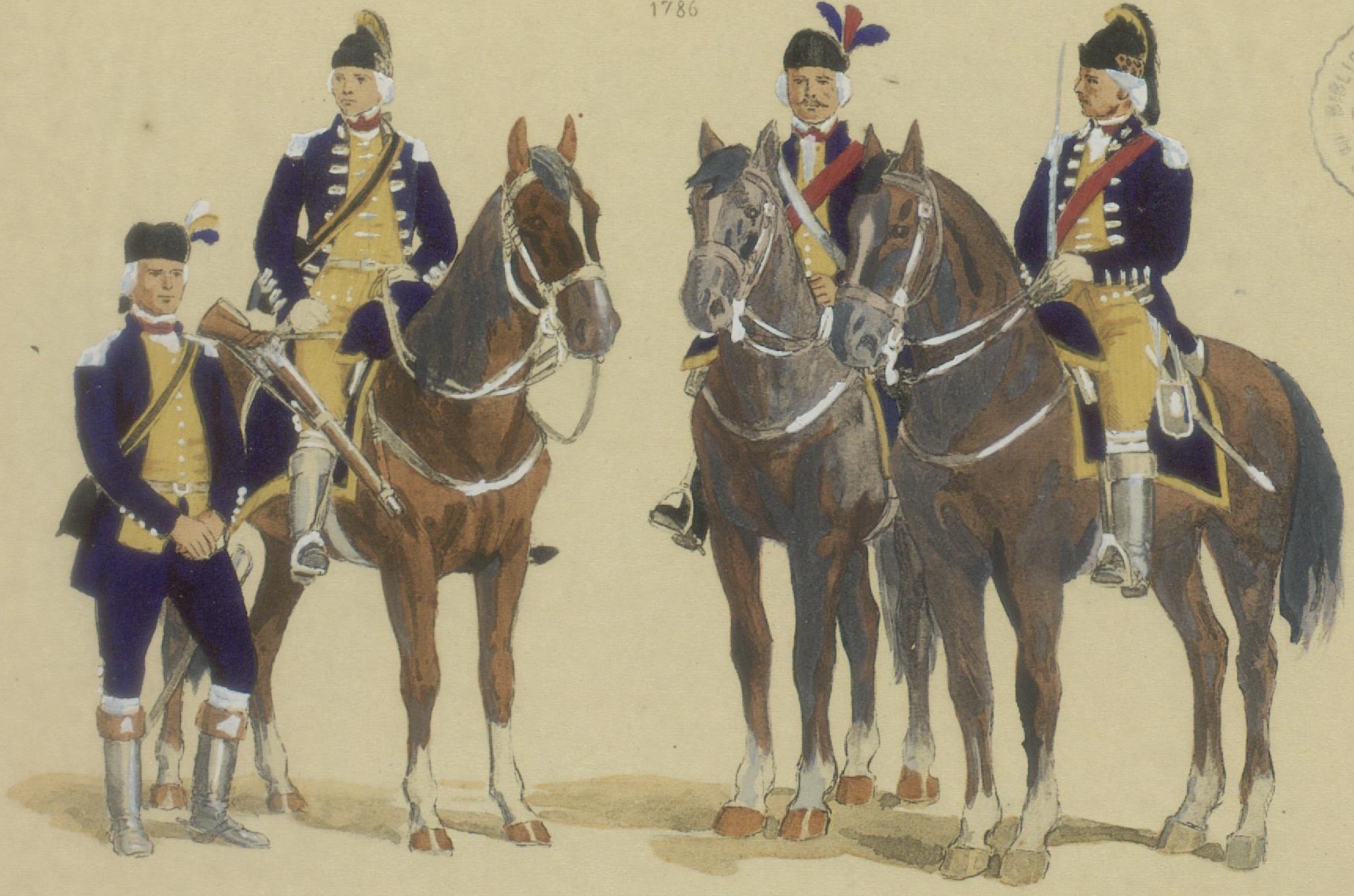
13



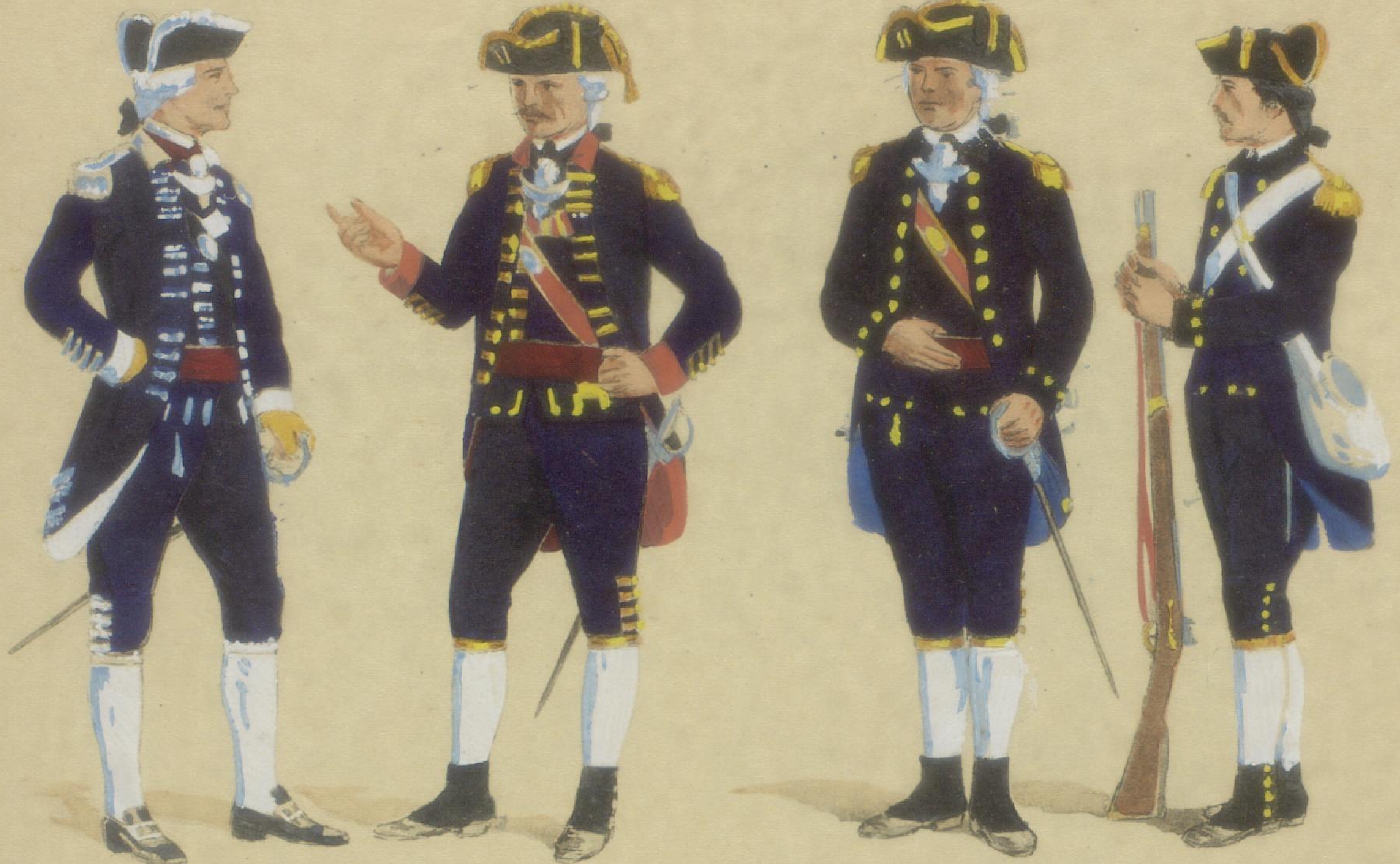
Reg. de Inf. de Moura
1º Reg. de Inf. de Bragança
Reg. de Inf. de Estremos

Esquadrão da Guarda dos V. Reis
R. de Janeiro
1786

14



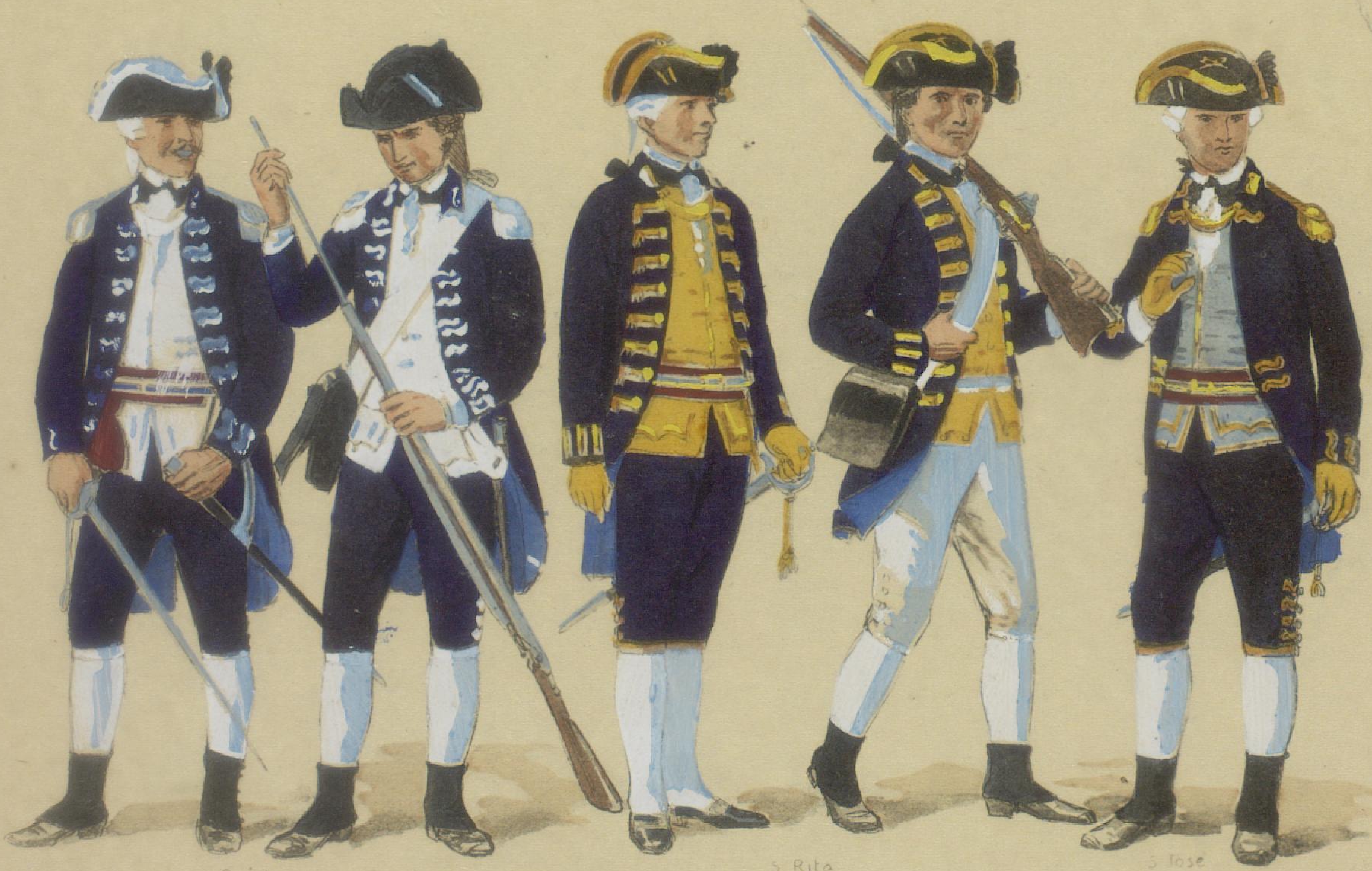
Rio de Janeiro
1786



1º Reg. de Infant. 2º Reg. de Infant. Reg. de Artilharia

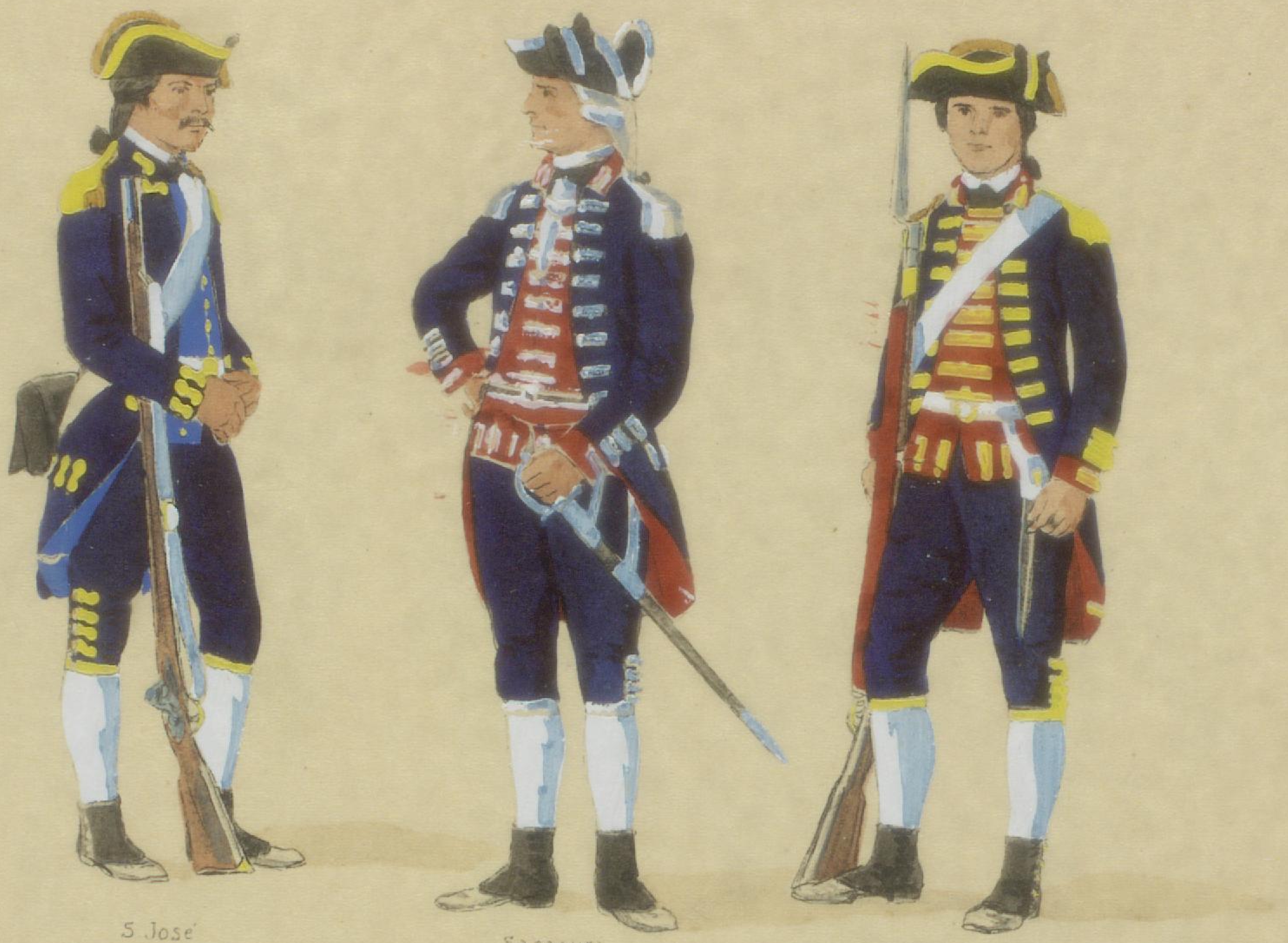
BIBLIOTHECA NACIONAL R RIO DE JANEIRO

Terços Auxiliares
1786



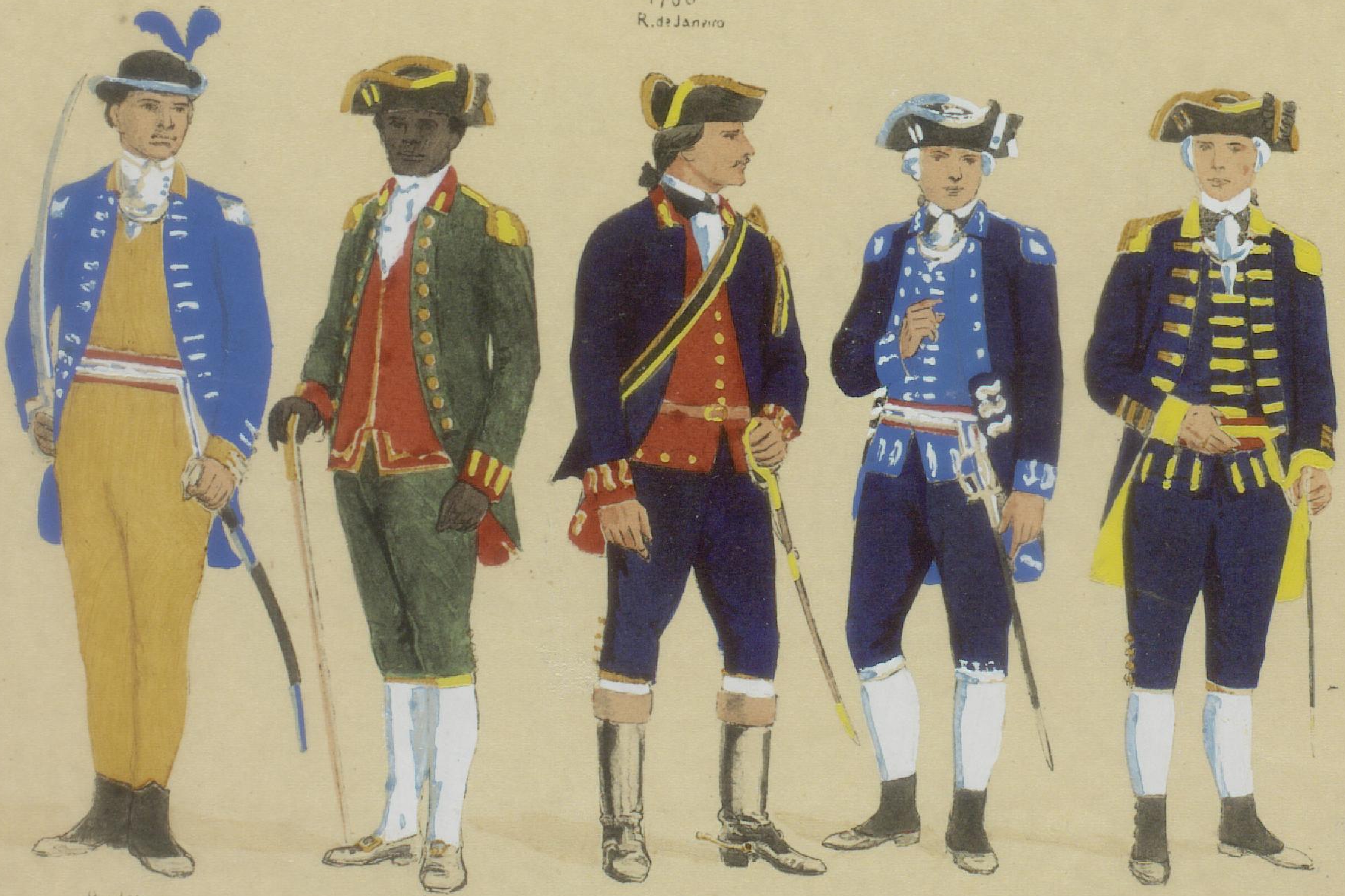
Candelaria S. Rita S. Jose

Terços Auxiliares
1786


S. José
Sapacura
S. Gonçalo

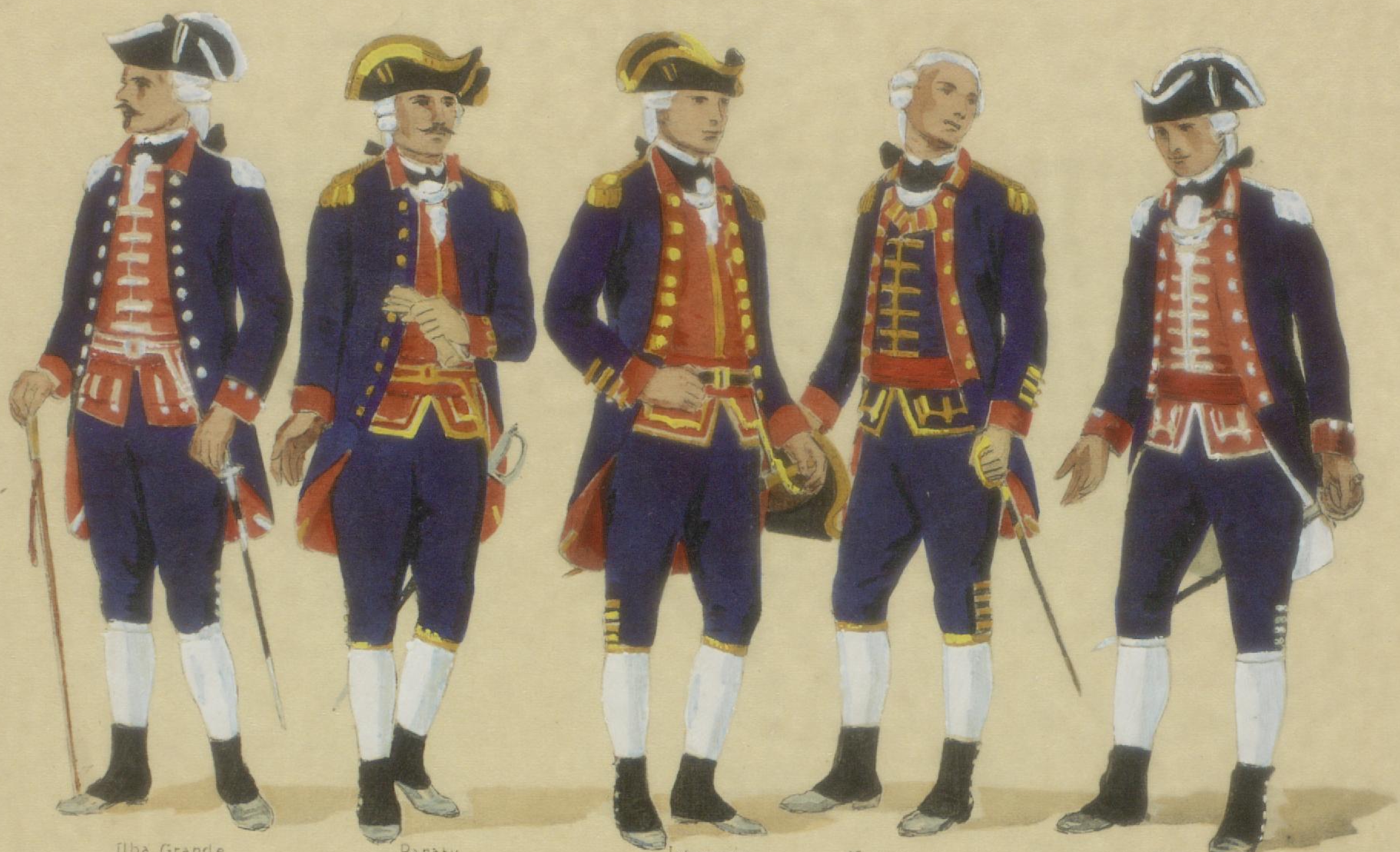
Terços Auxiliares
1786
R. de Janeiro

18
BIBLIOTHECA NACIONAL
R
do Rio de Janeiro


Pardos
Pretos-forros
Cavallaria
Irajá
Marapia

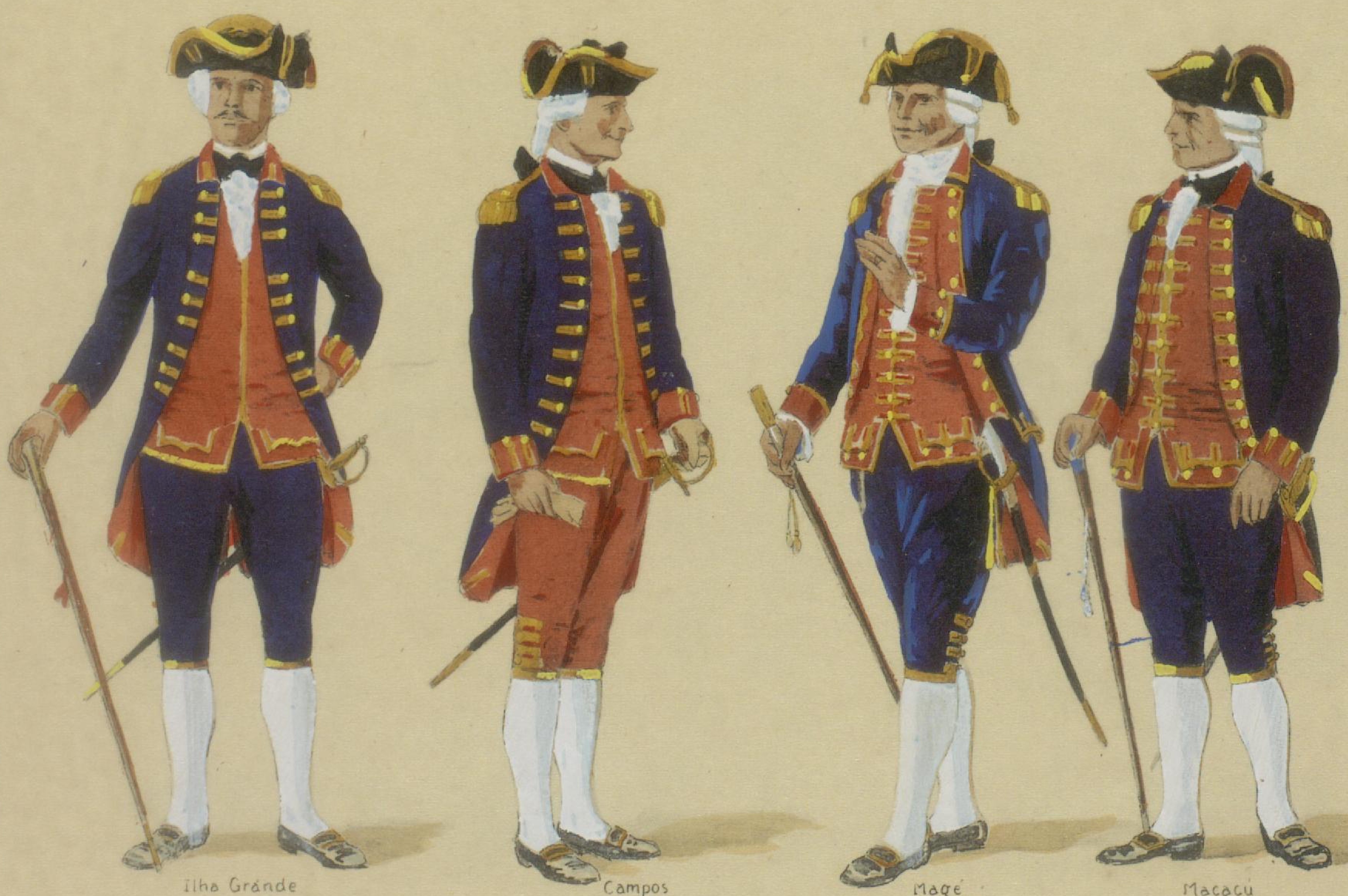
Terços Auxiliares
1786

19


Ilha Grande
Paraty
Inhomerin
Macacu
Cabo-Frio

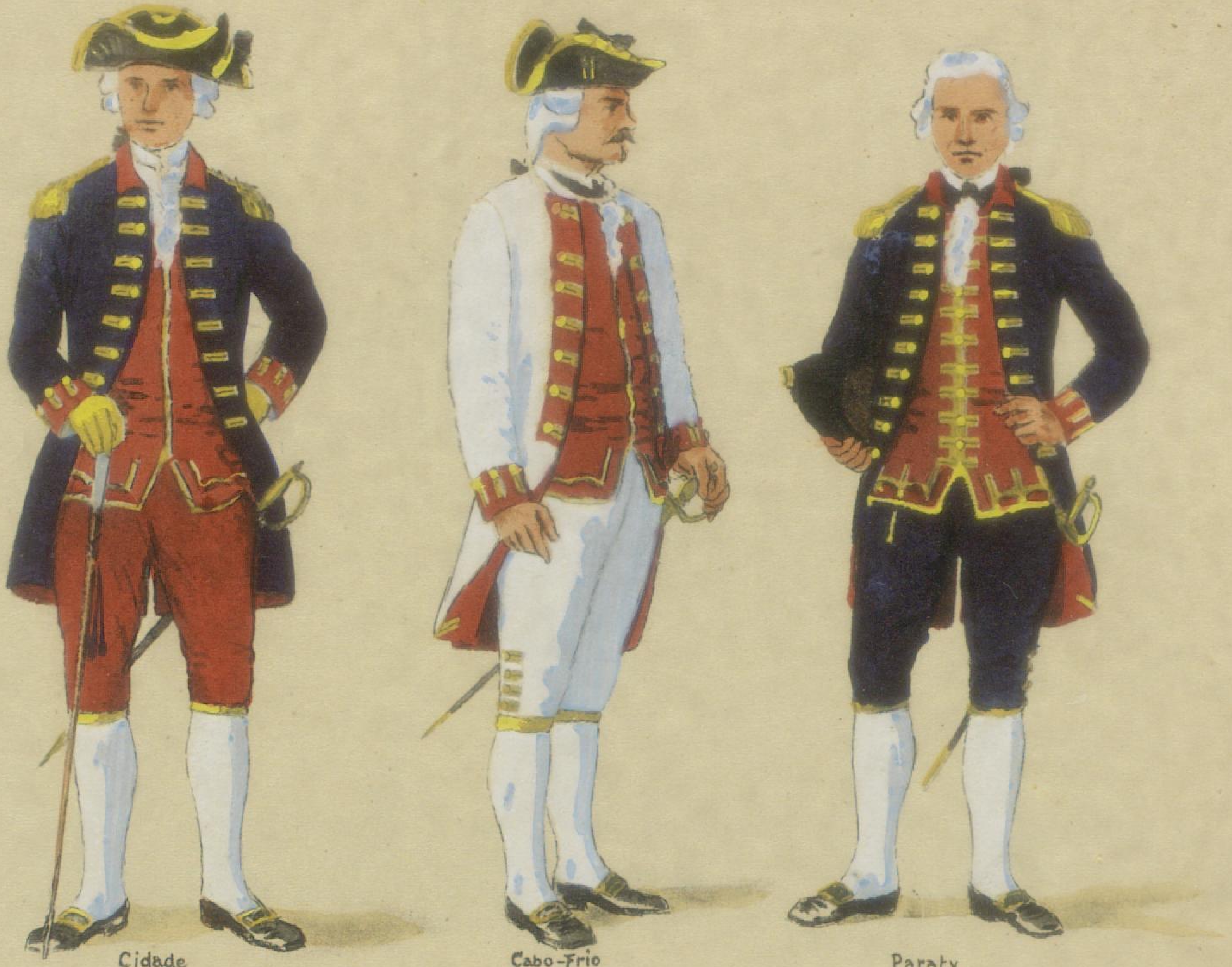
Ordennanças
1786

20


Ilha Grande
Campos
Magé
Macacú

Ordennanças
1786

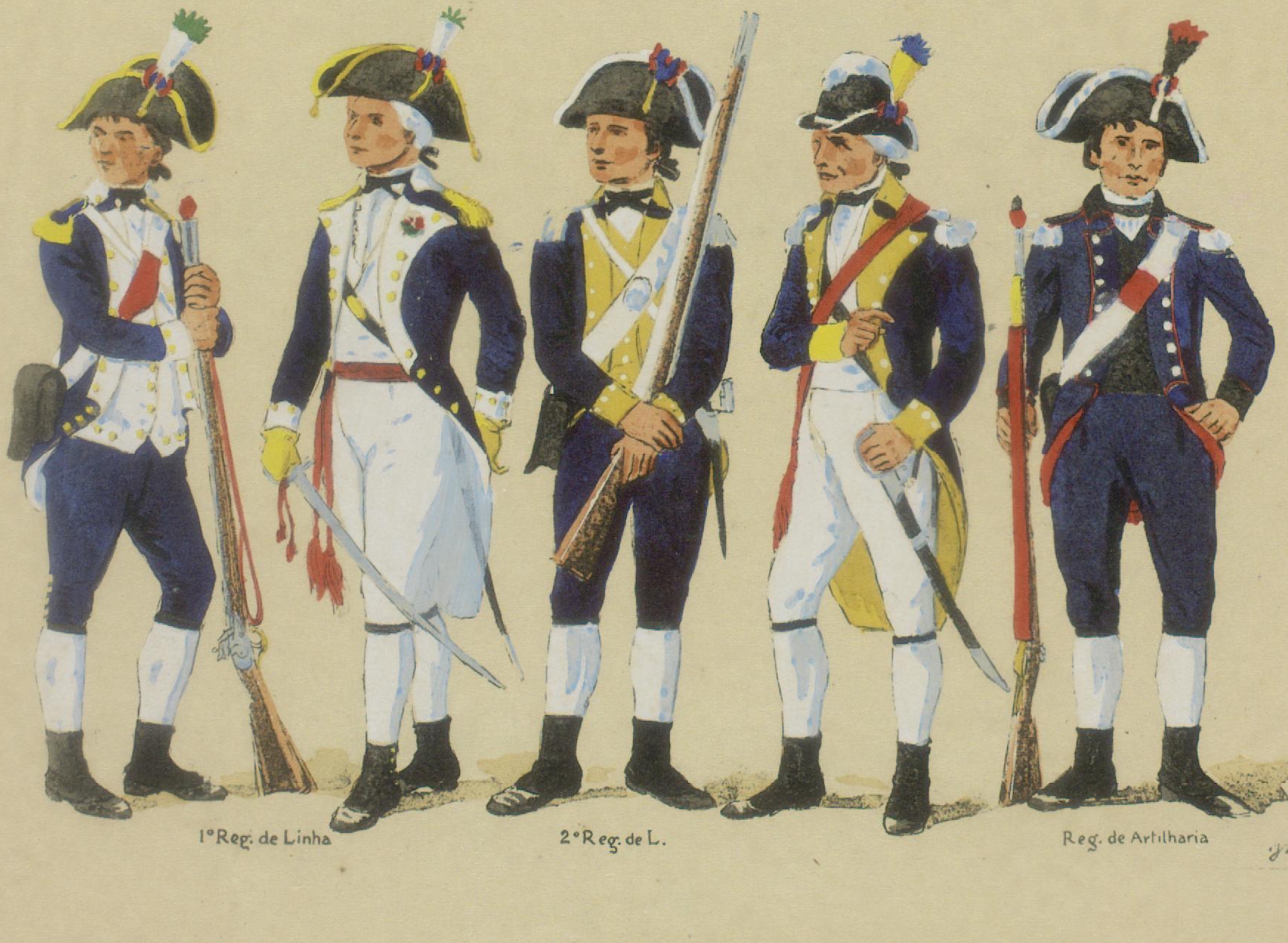
21



Cidade Cabo-Frio Paraty

1798
Bahia

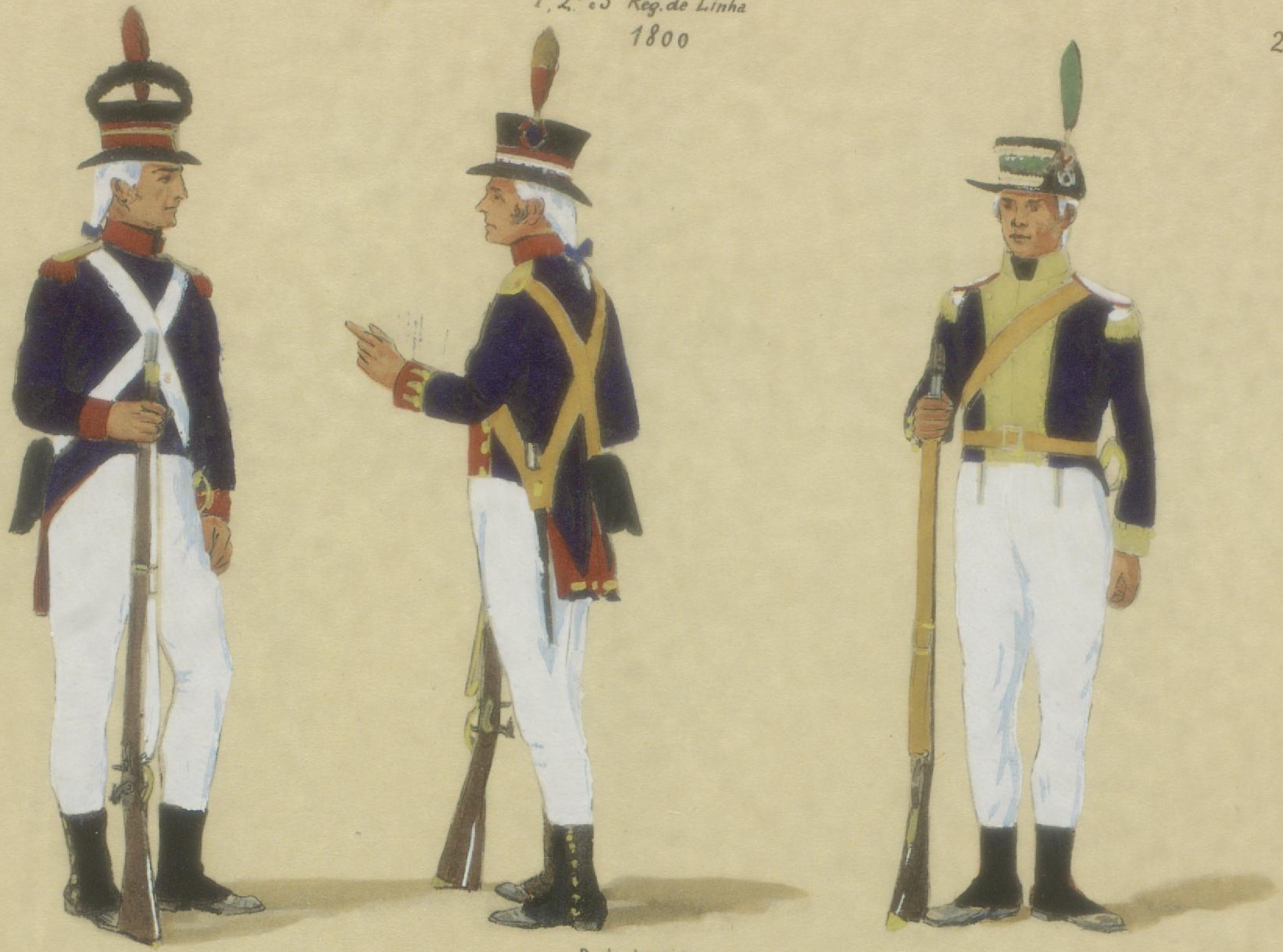
22



1º Reg. de Linha 2º Reg. de L. Reg. de Artilharia

1º, 2º e 3º Reg. de Linha
1800

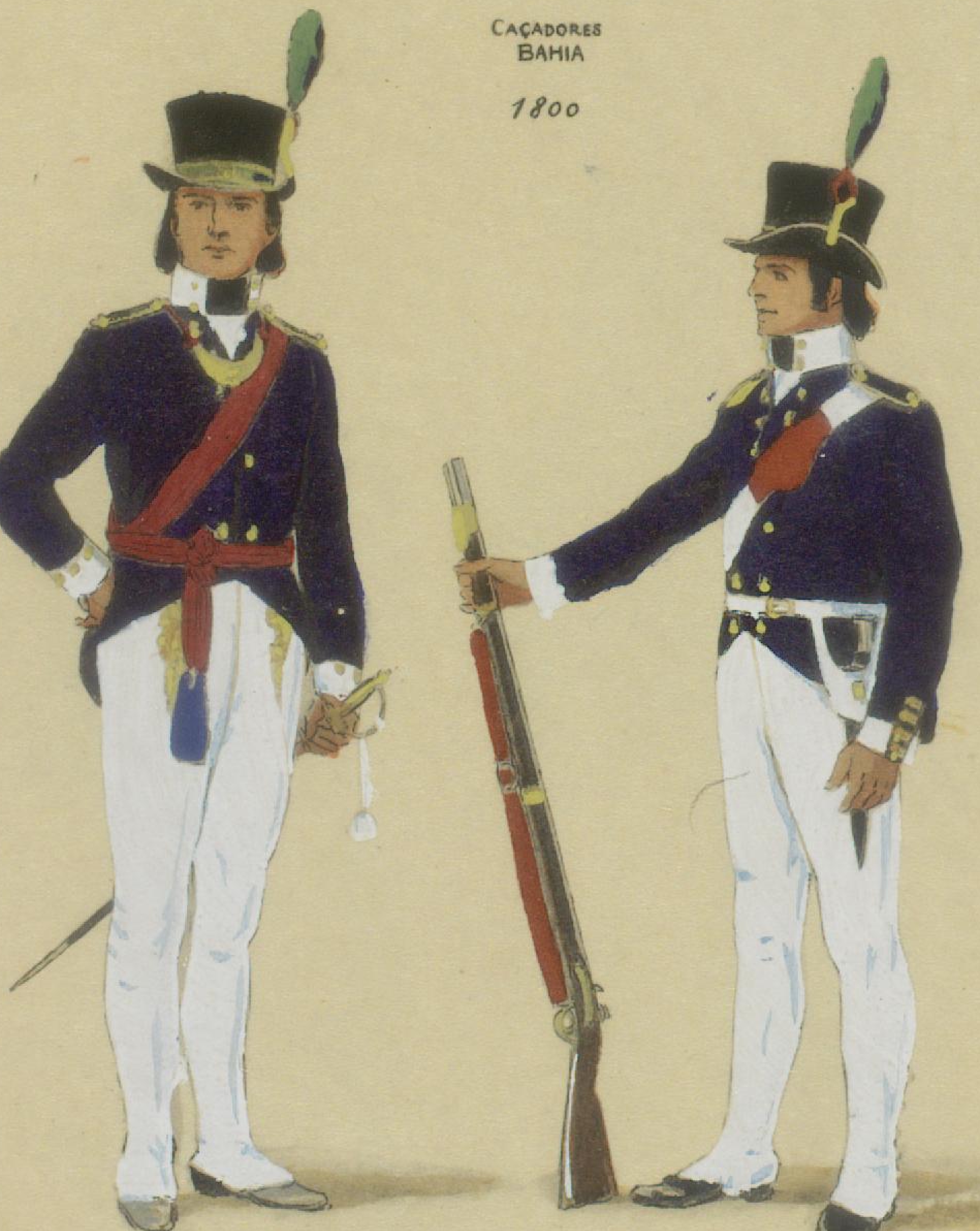
23



R. de Janeiro

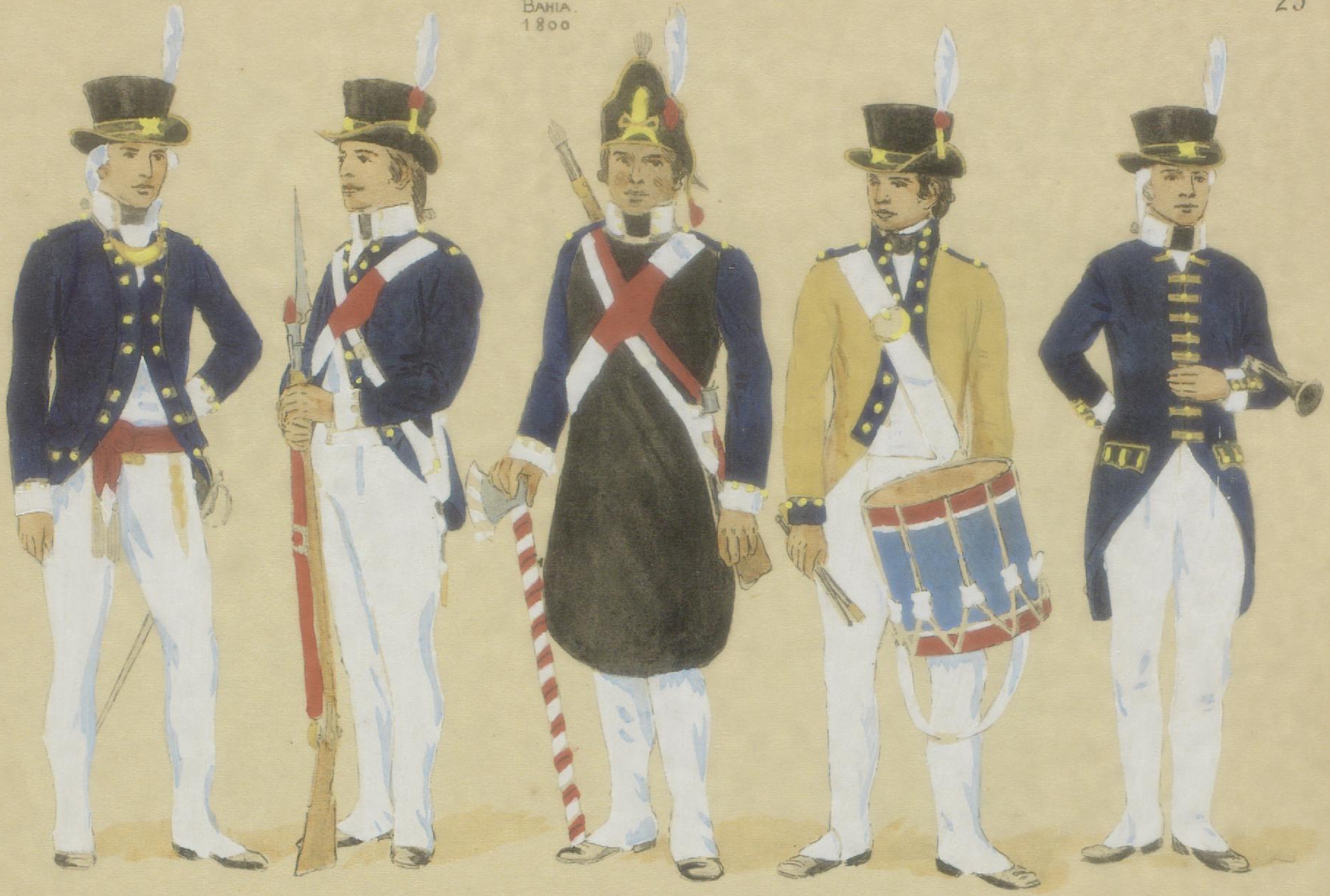
CAÇADORES
BAHIA
1800

24



1º Reg. de Linna da
BAHIA.
1800

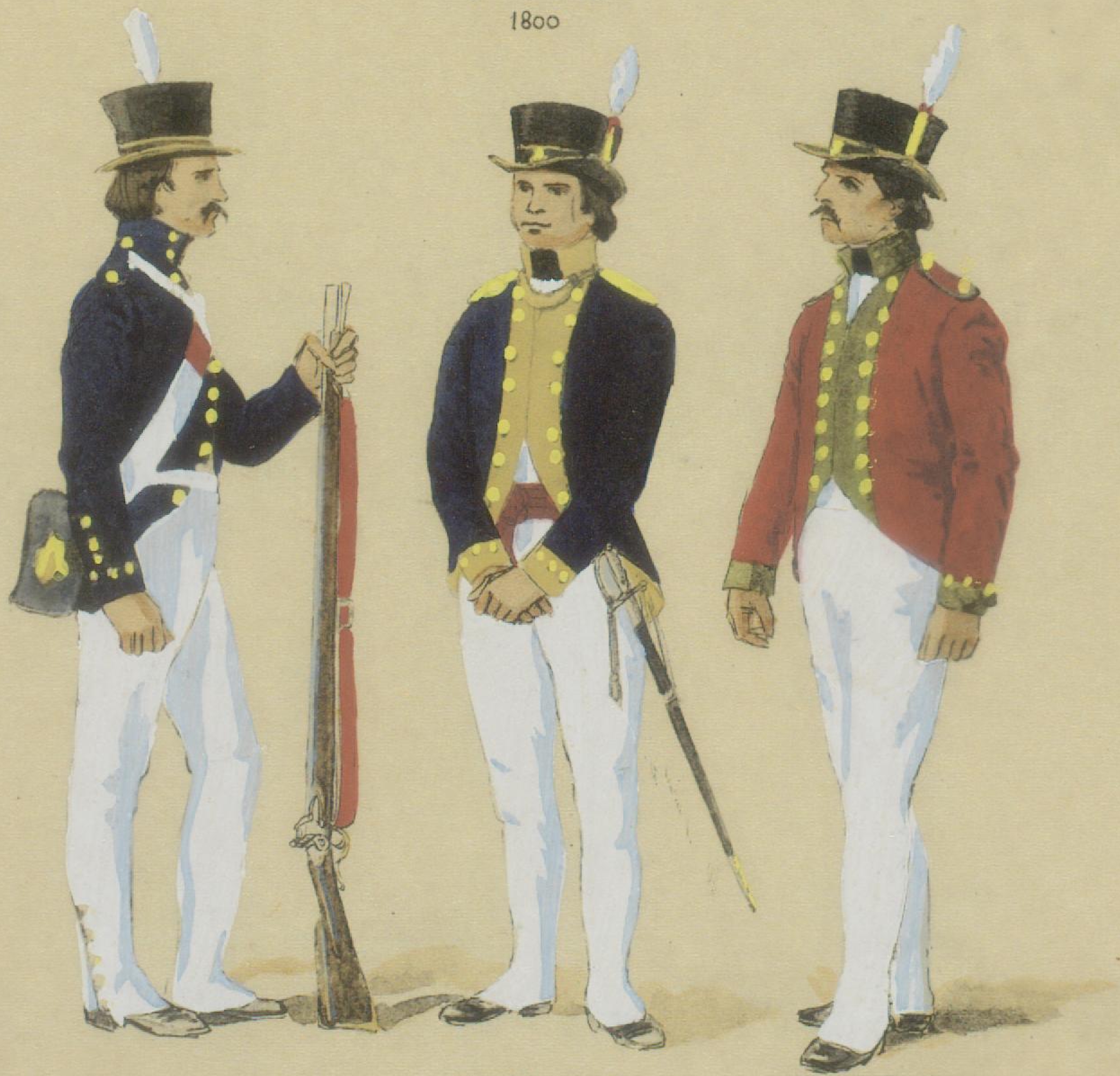
25



Official Soldado P.r machado Tambor Musico

Pernambuco
1800

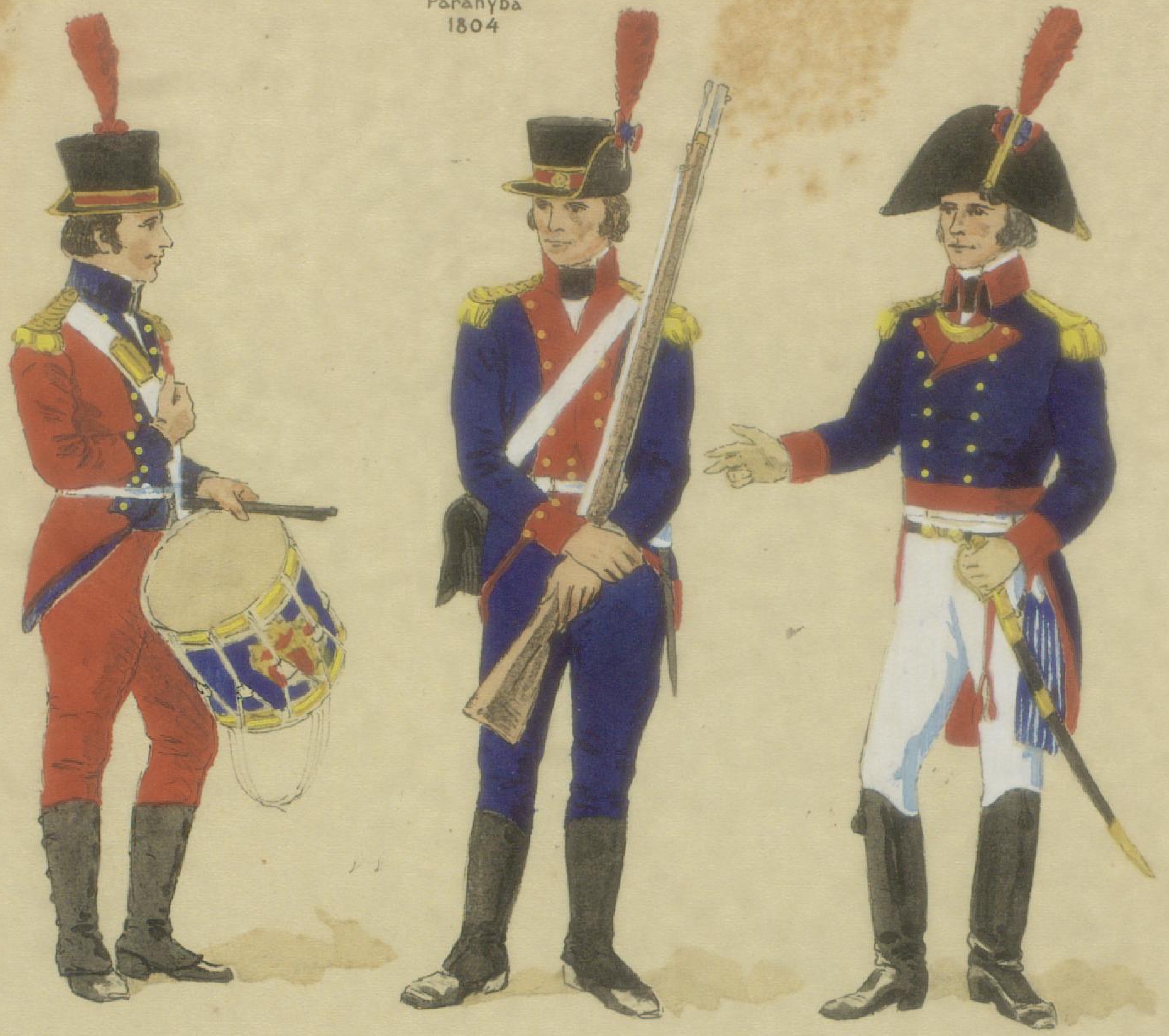
26



1º de Olinda Reg. inf. Nobres Comp. de Familiares

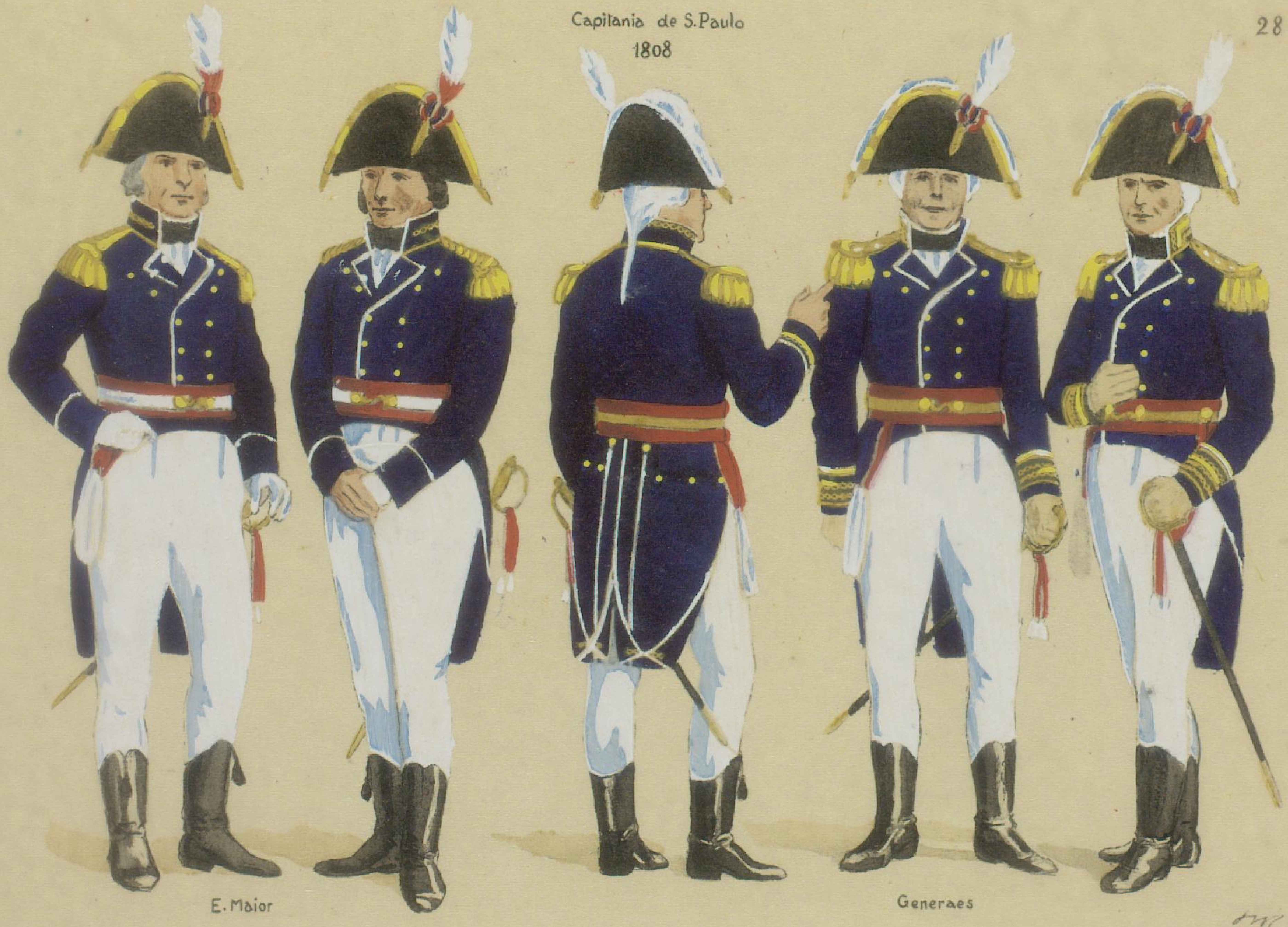
Parahyba
1804

27



Capitania de S. Paulo
1808

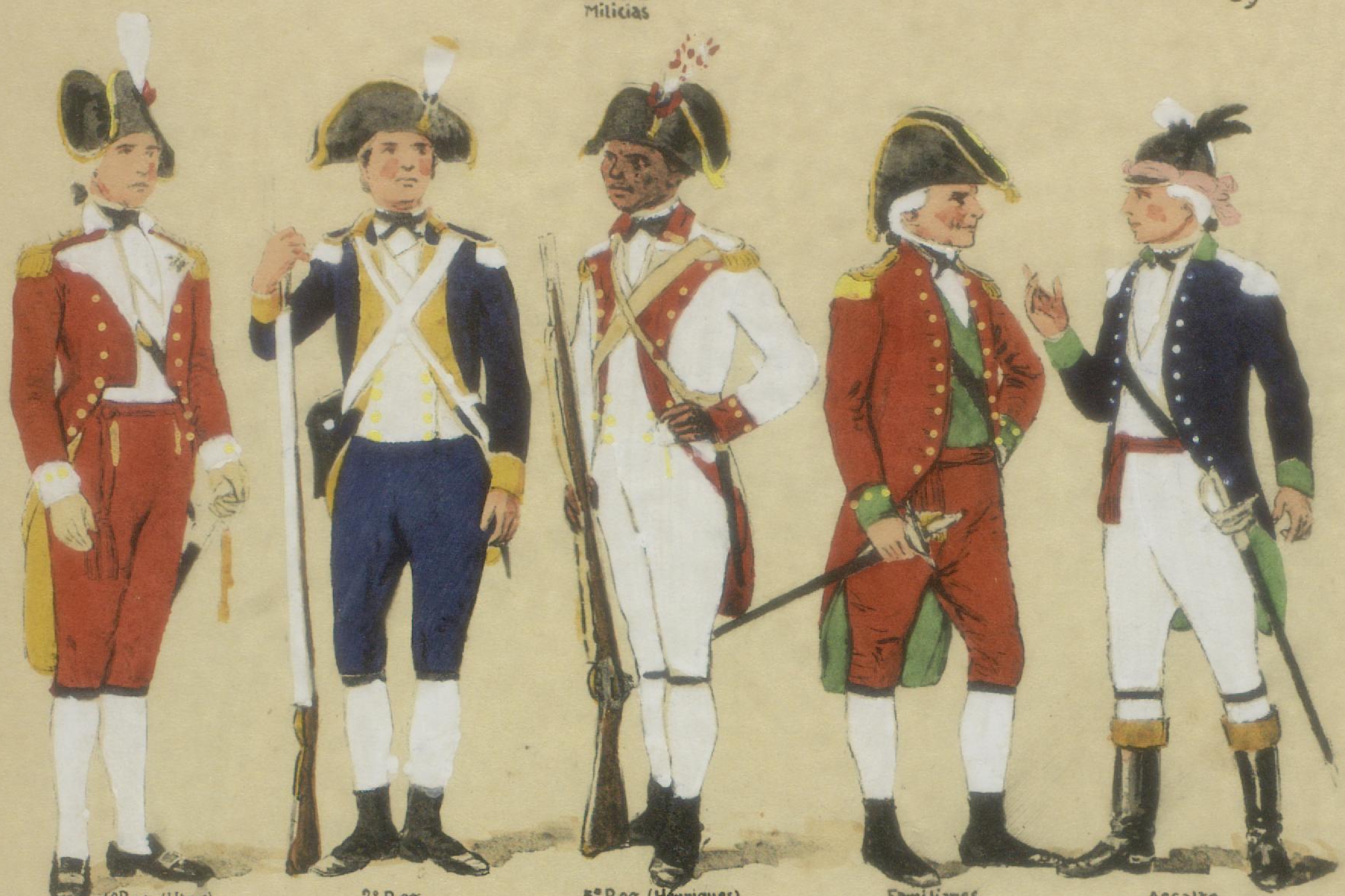
28


E. Maior
Generaes

Biblioteca Nacional
R
Rio de Janeiro

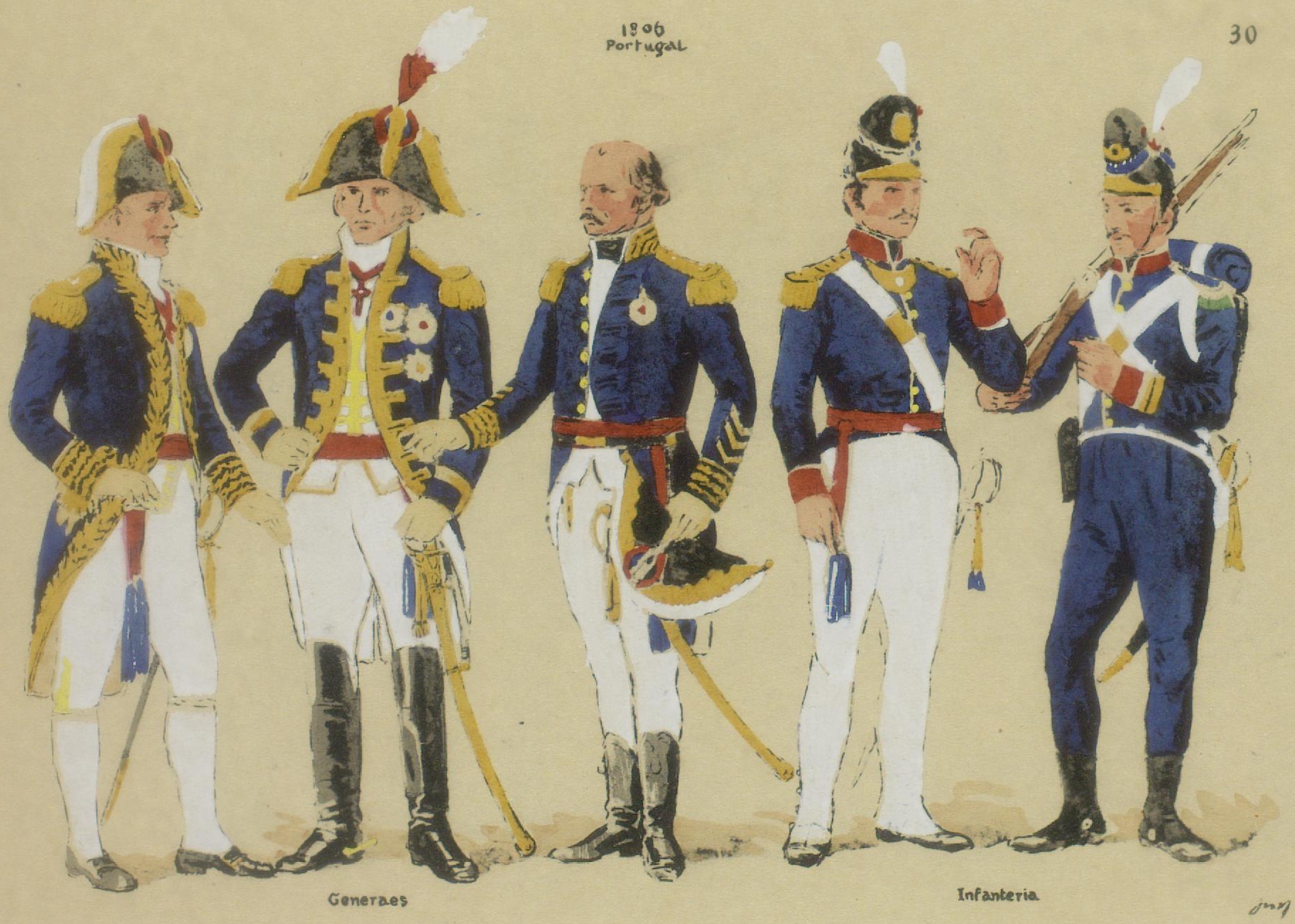
1798
Bahia
Milicias

29


1º Reg. (Uteis)
2º Reg.
5º Reg. (Henriques)
Familiares
Assalto

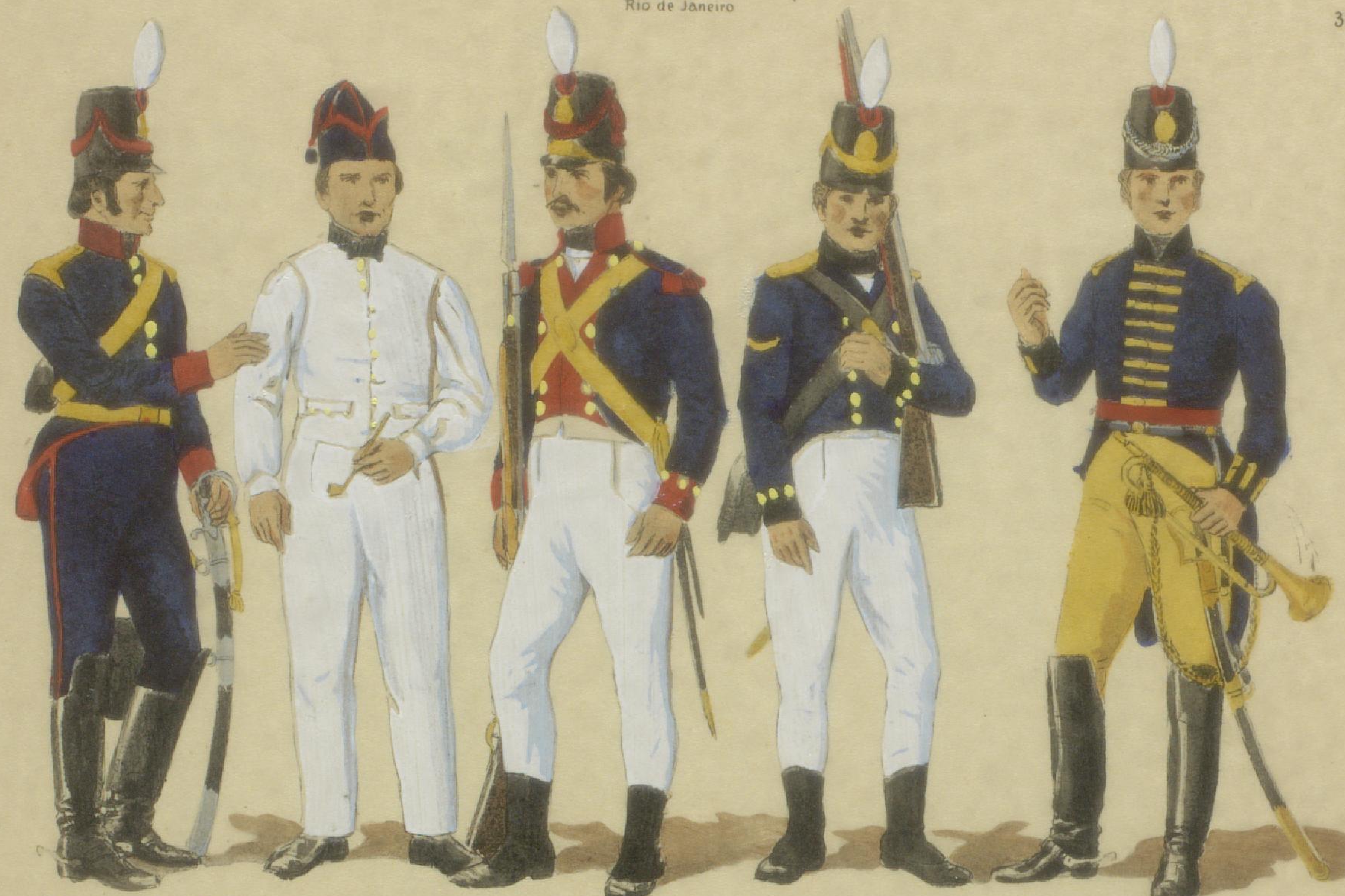
1806
Portugal

30


Generaes
Infanteria

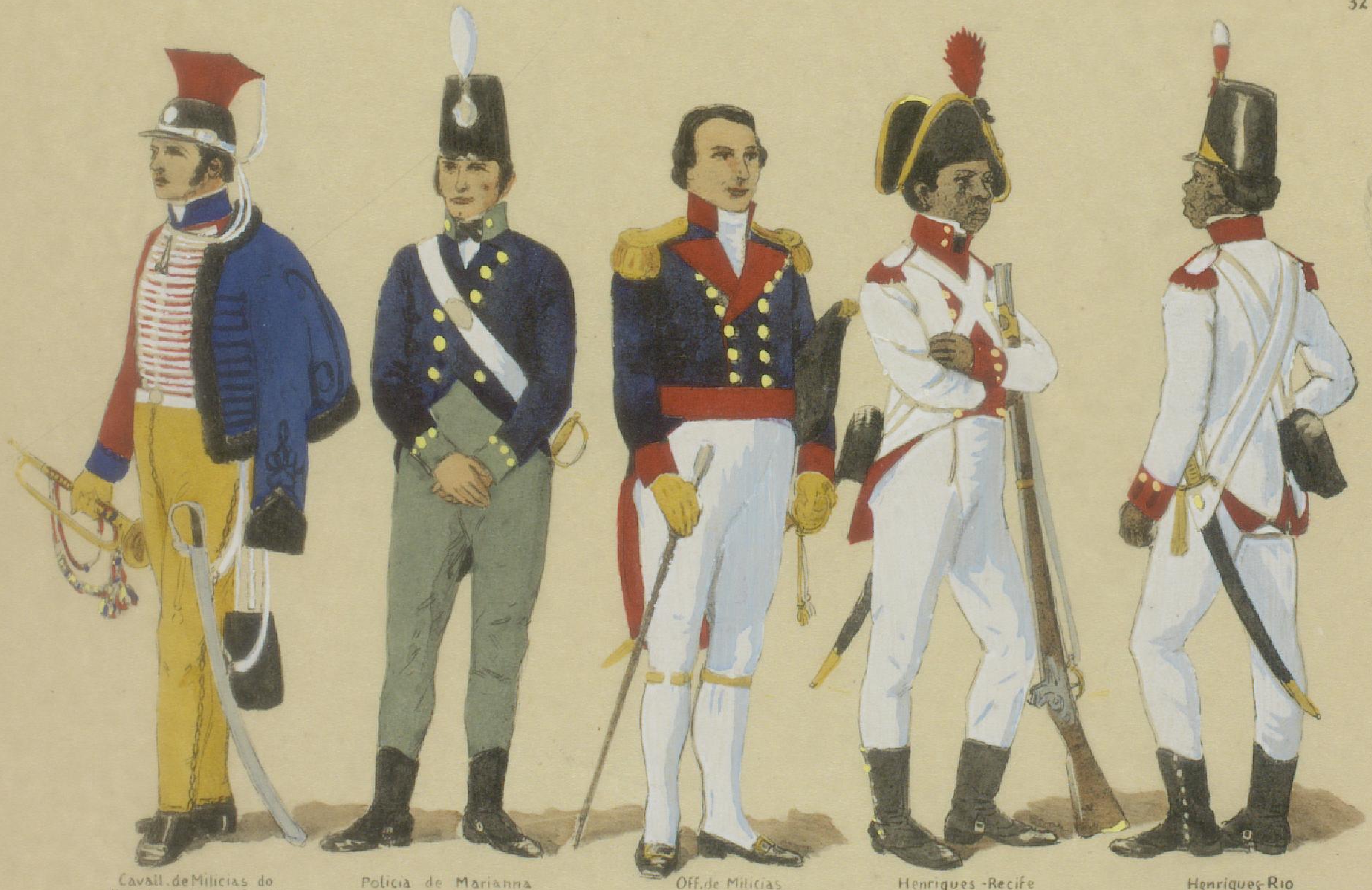
1810
Rio de Janeiro

31


Cavallaria
Infanteria
Artilh. a pé
Artilh. a Cavallo
JWR

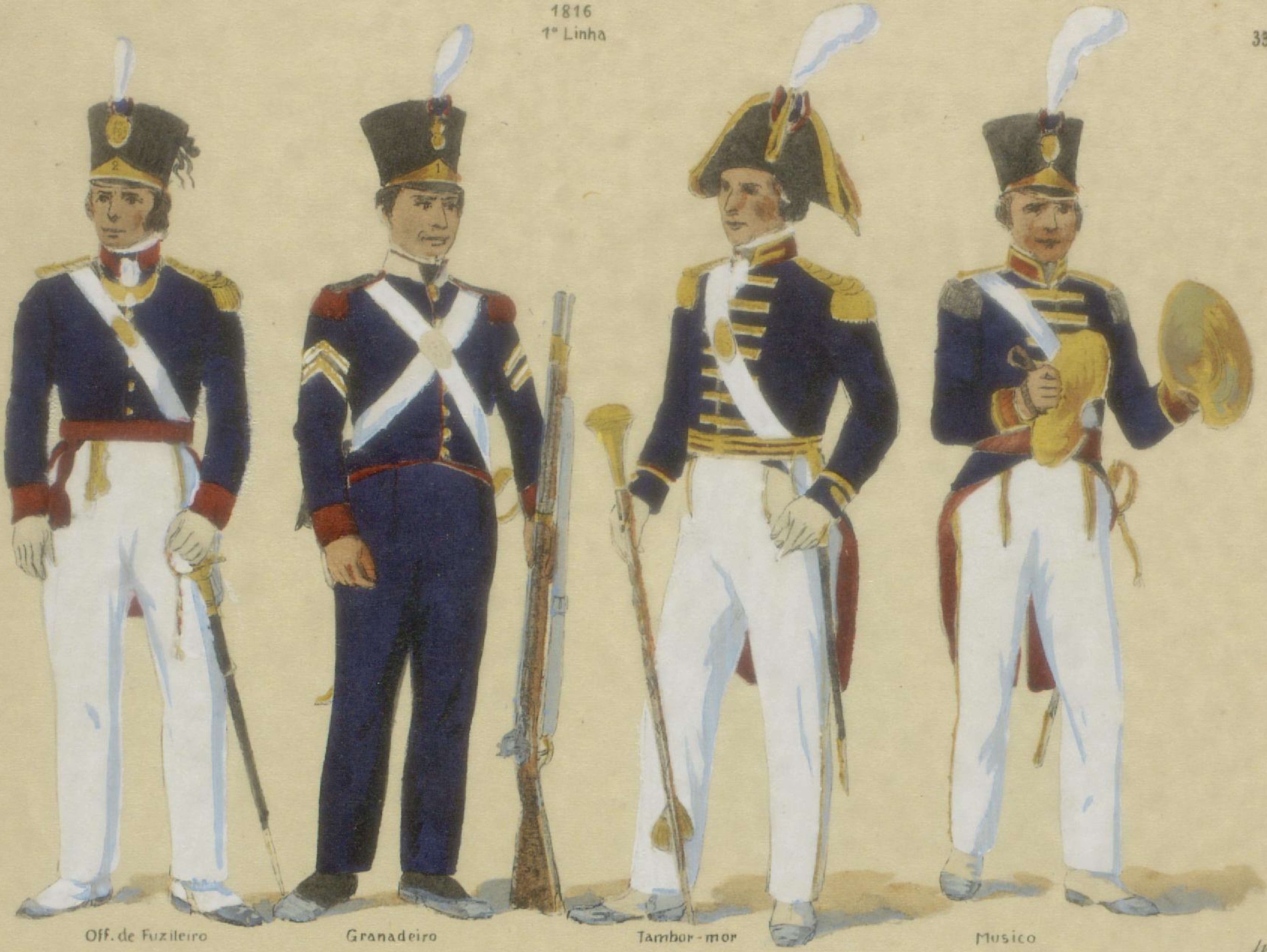
1810-1815

32


Cavall. de Milicias do districto de Sacra-Familia
Policia de Marianna
Off. de Milicias Maranhão
Henriques-Recife
Henriques-Rio
JWR

1816
1ª Linha

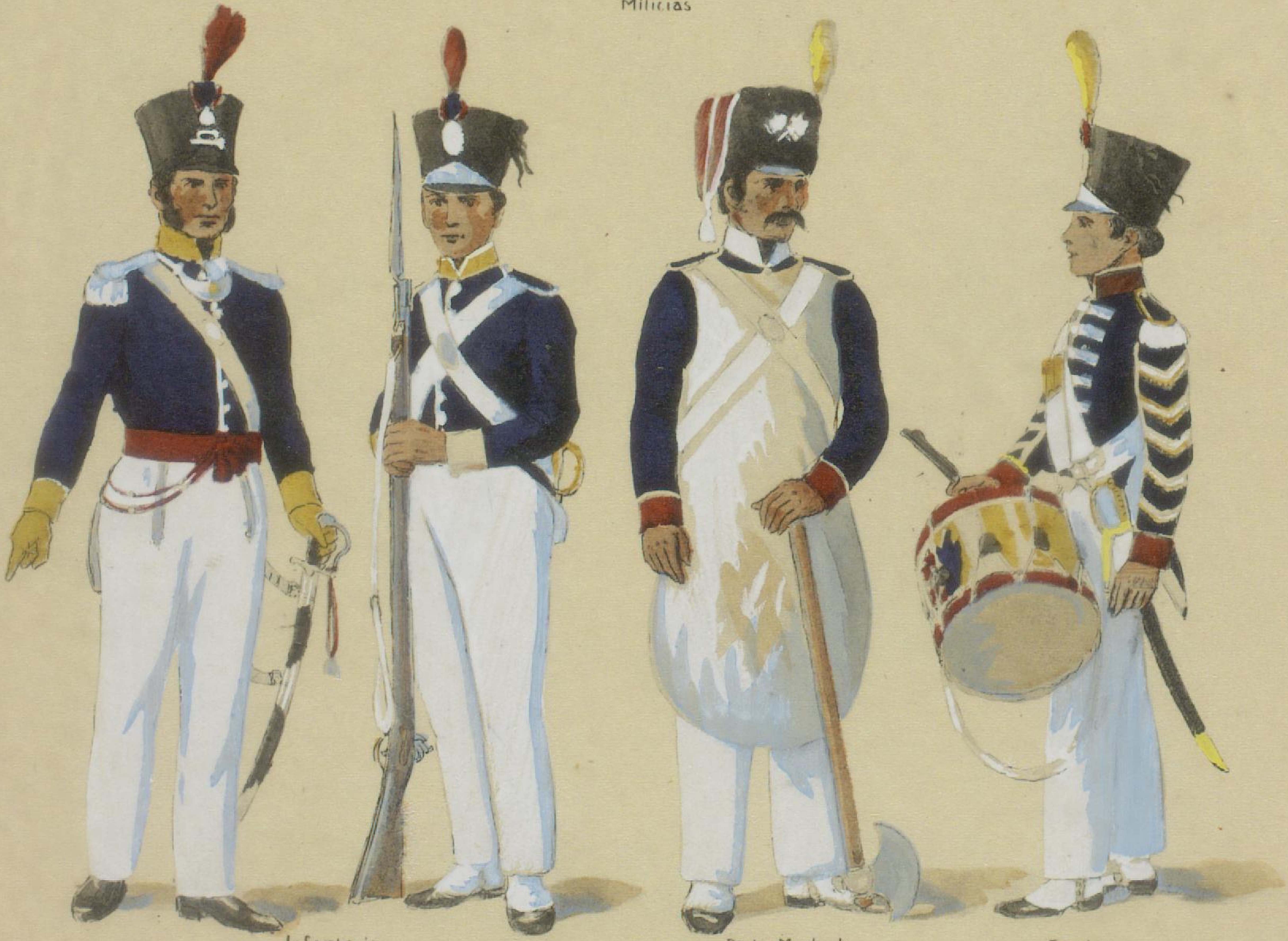
33



Off. de Fuzileiro Granadeiro Tambor-mor Musico

1816
Milicias

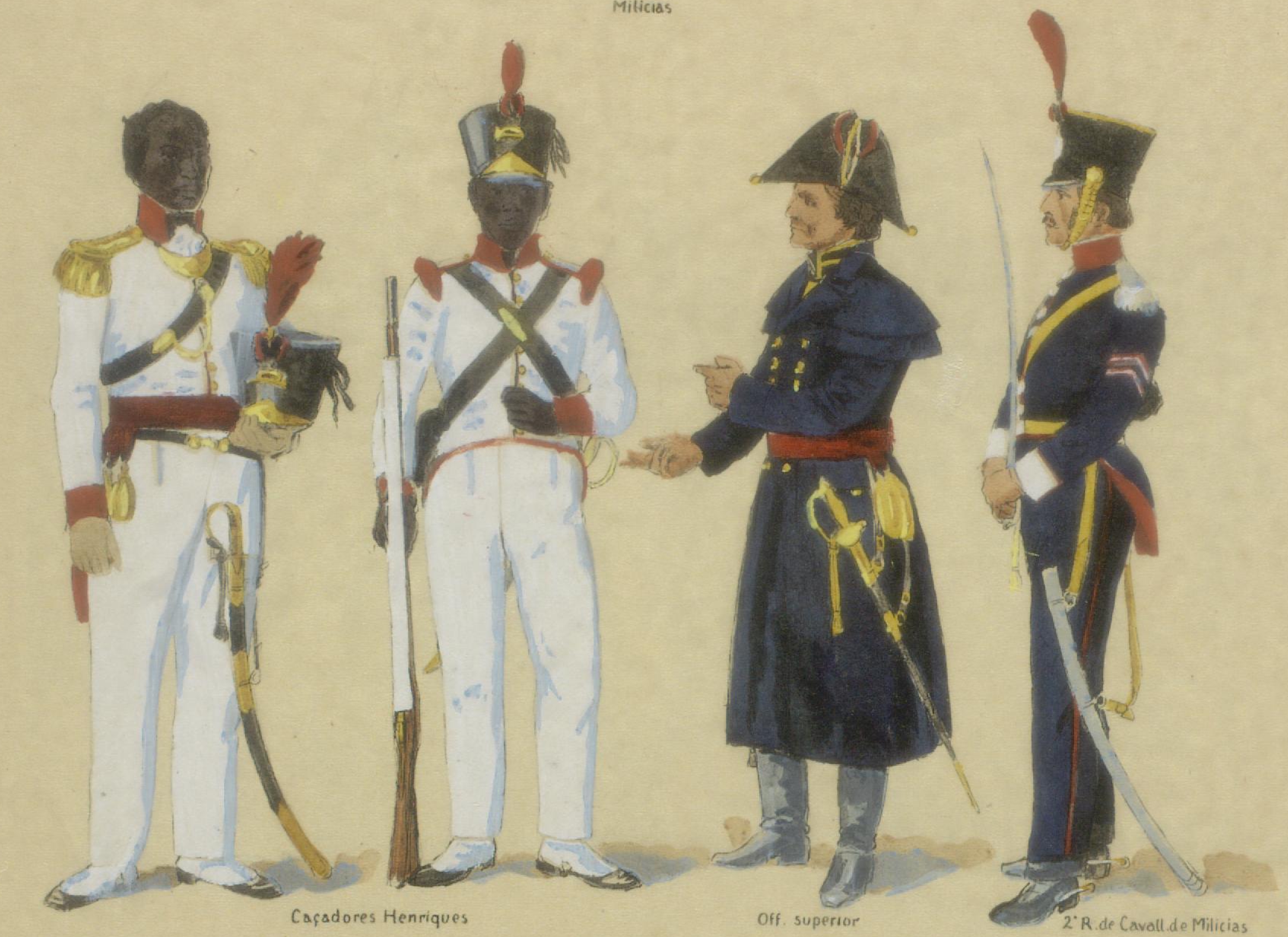
34



Infanteria Porta Machado Tambor

1816
Milicias

35



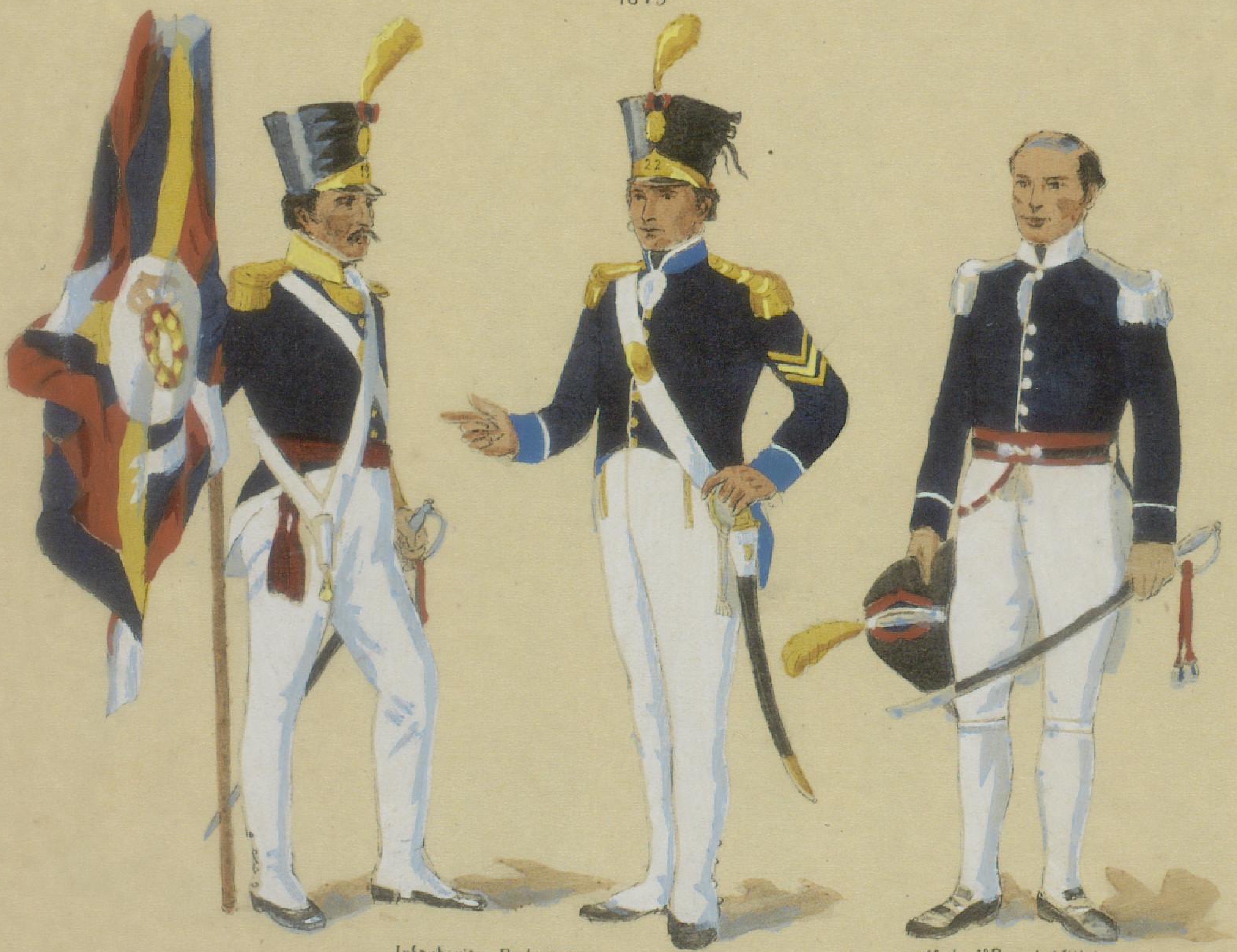
Caçadores Henriques

Off. superior

2º R. de Cavall. de Milicias

1815

36

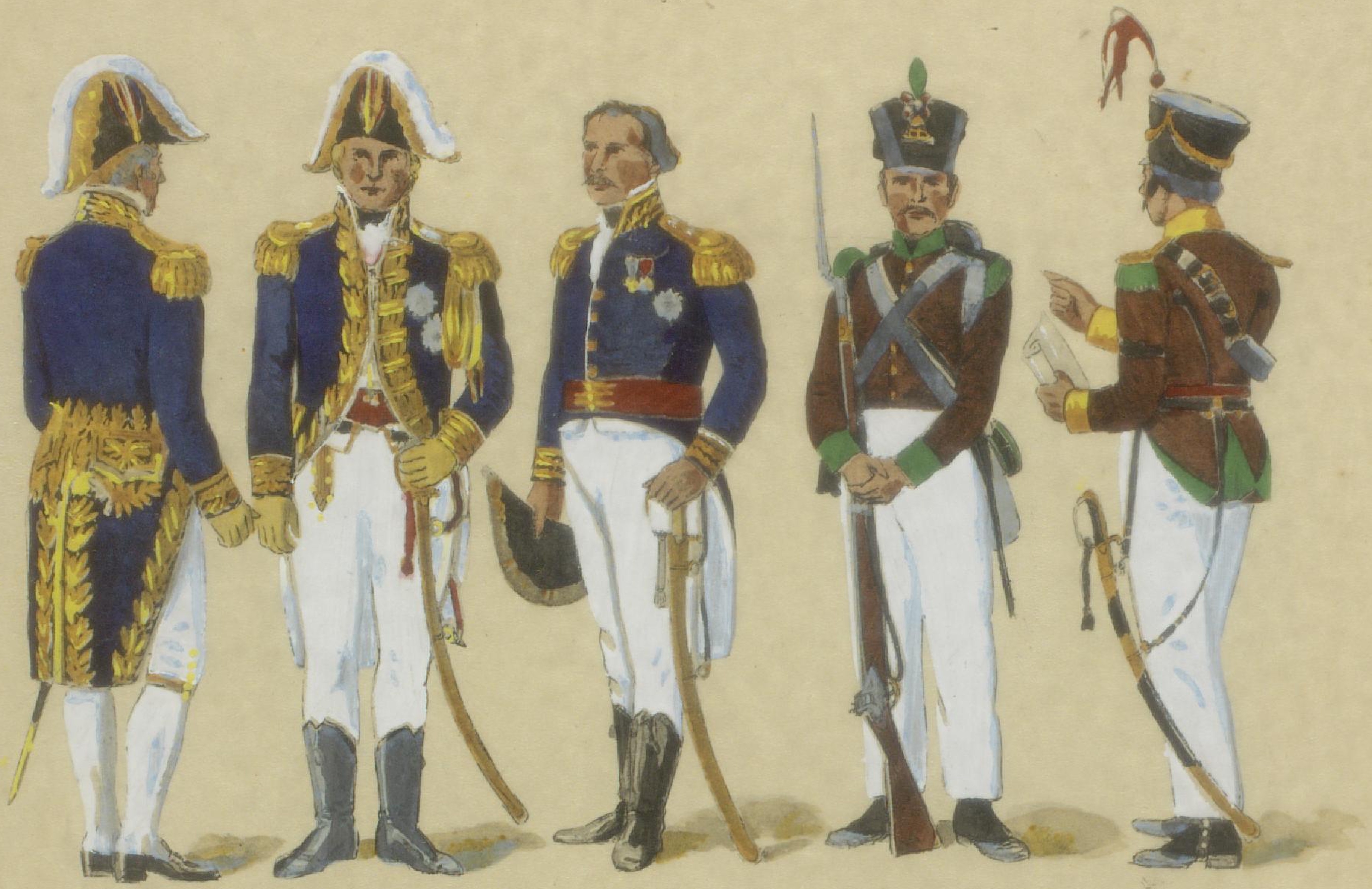


Infanteria Portugueza

Off. do 1º Reg de Milicias
da Bahia

1816
Portugal

37

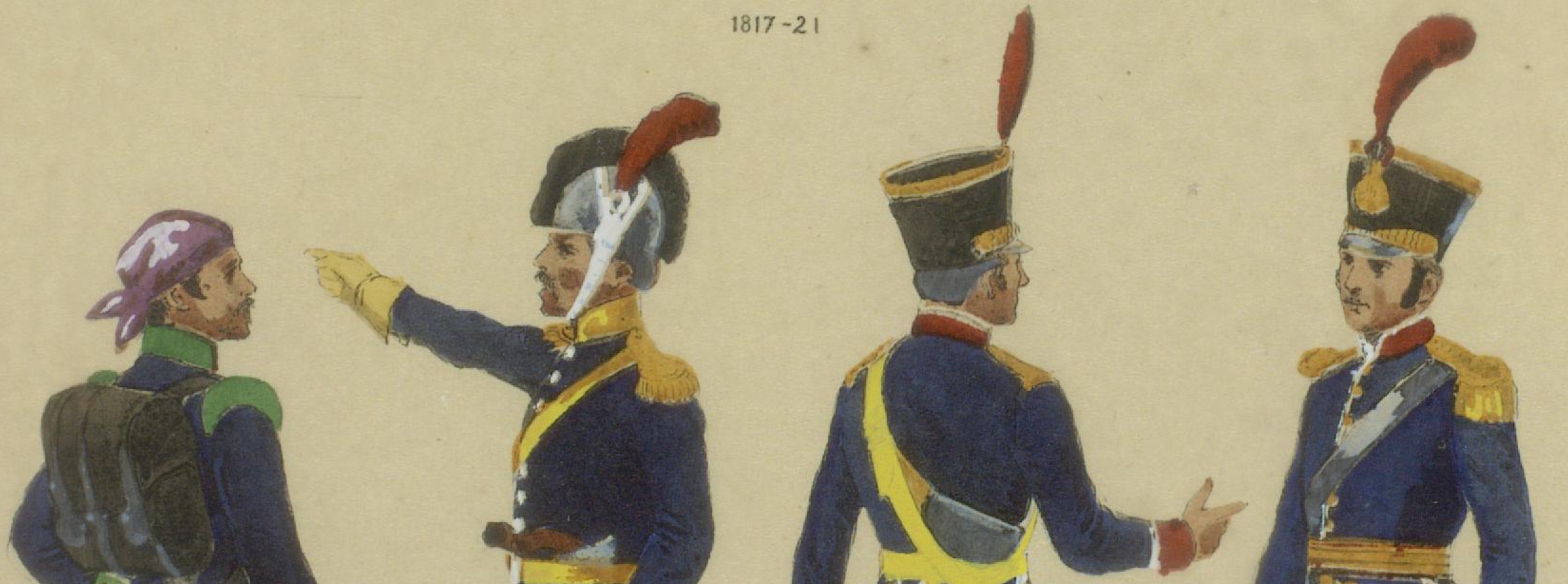


Generaes

Caçadores

1817-21

38



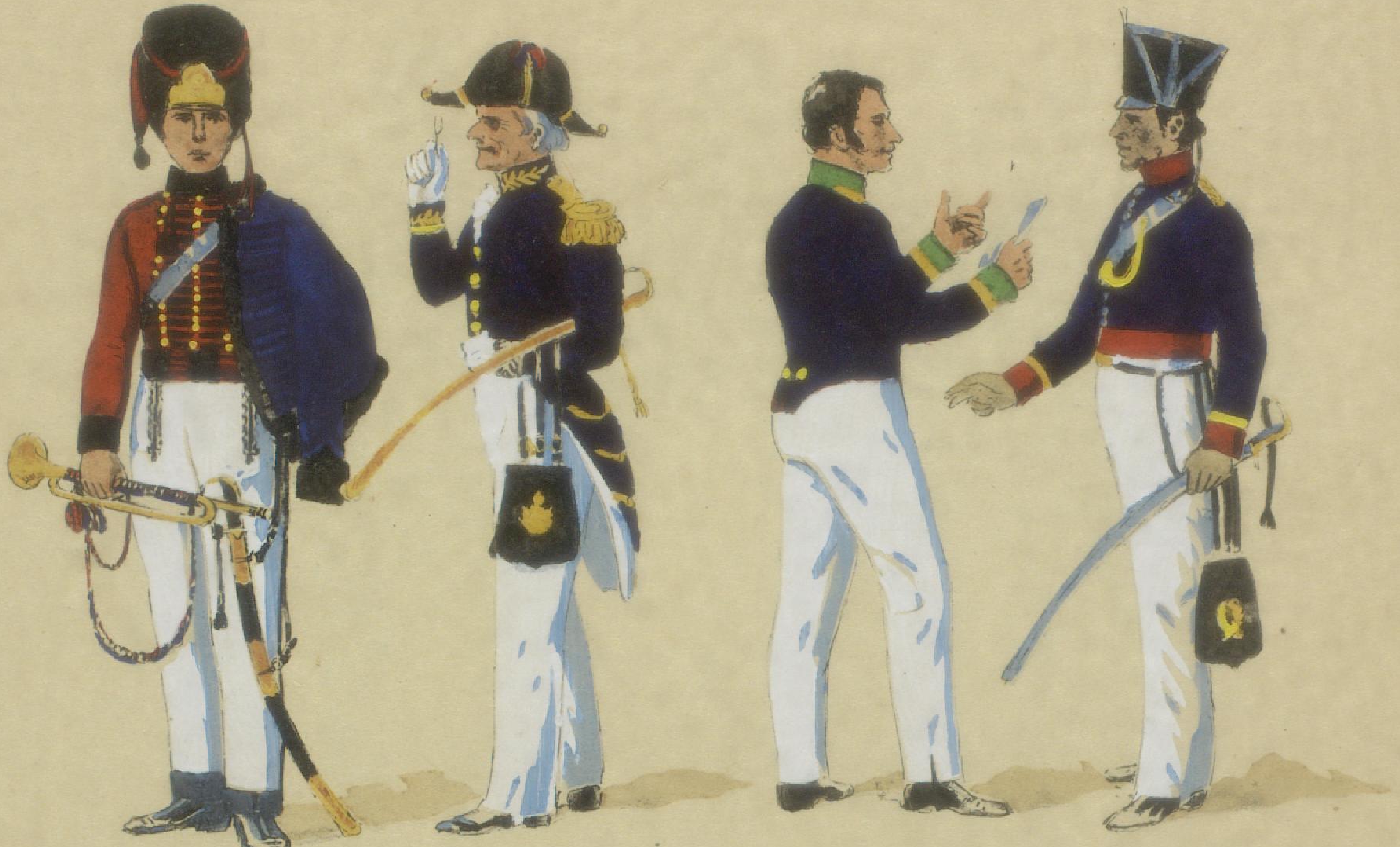
caçadores

Cavall. de Milicia
Curitiba

Cavallaria - Para

1821

39



clarim Art. à cavallo

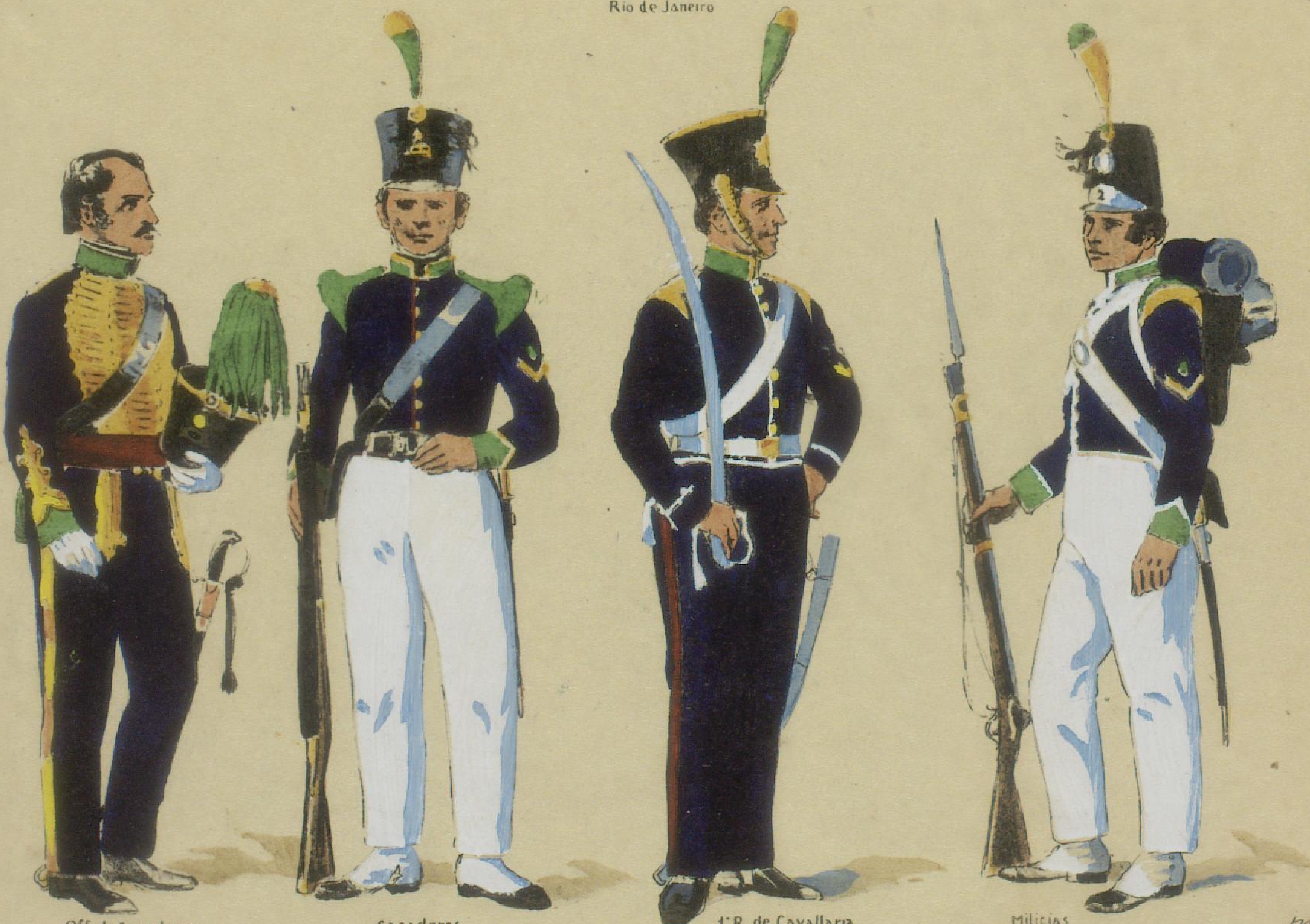
Brigadeiro

off. de caçadores

Off de Caç. Henriques

Rio de Janeiro

40



Off. de Caçadores

Caçadores

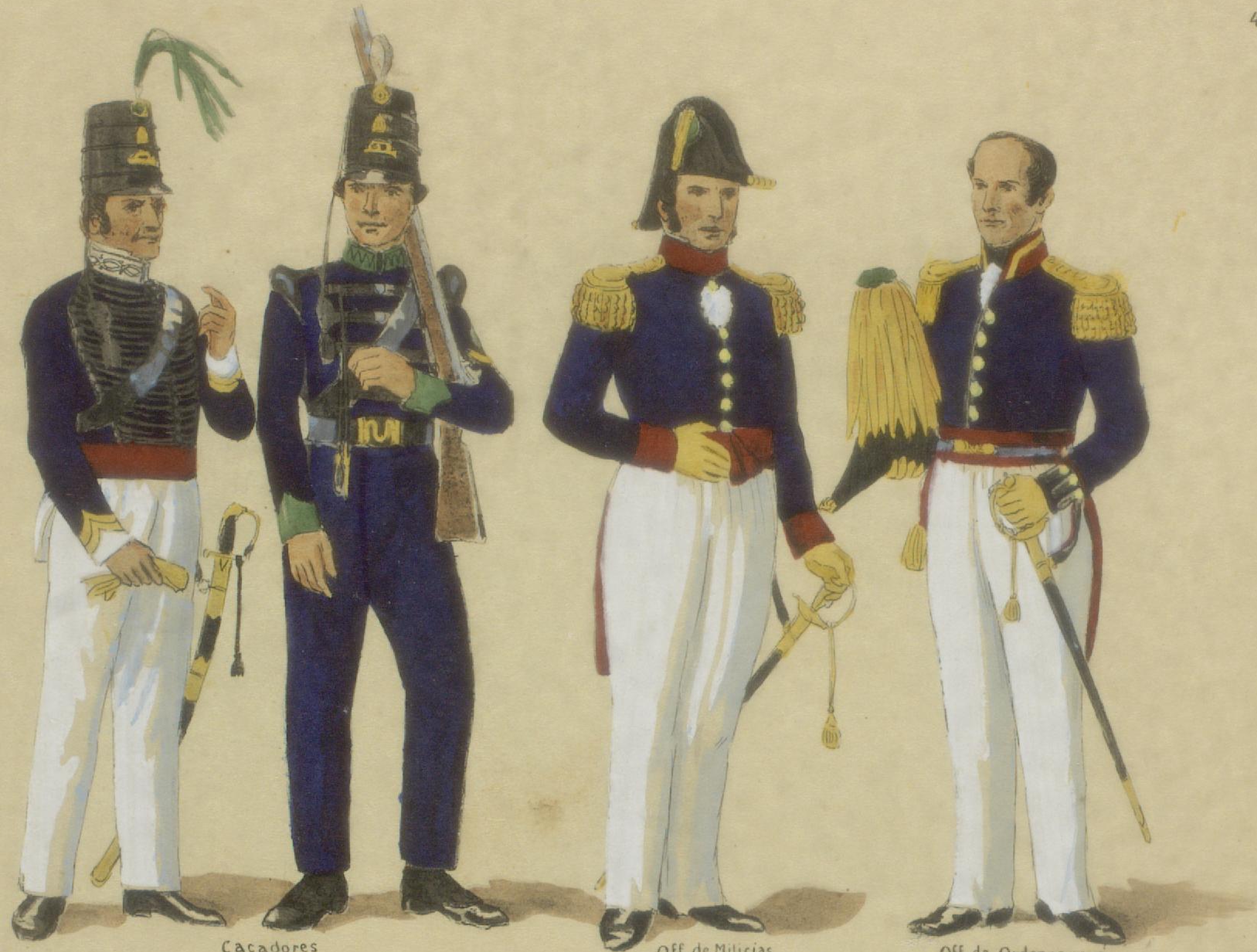
1º R. de Cavallaria

Milicias

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro R

1823

41



Caçadores

Off. de Milicias

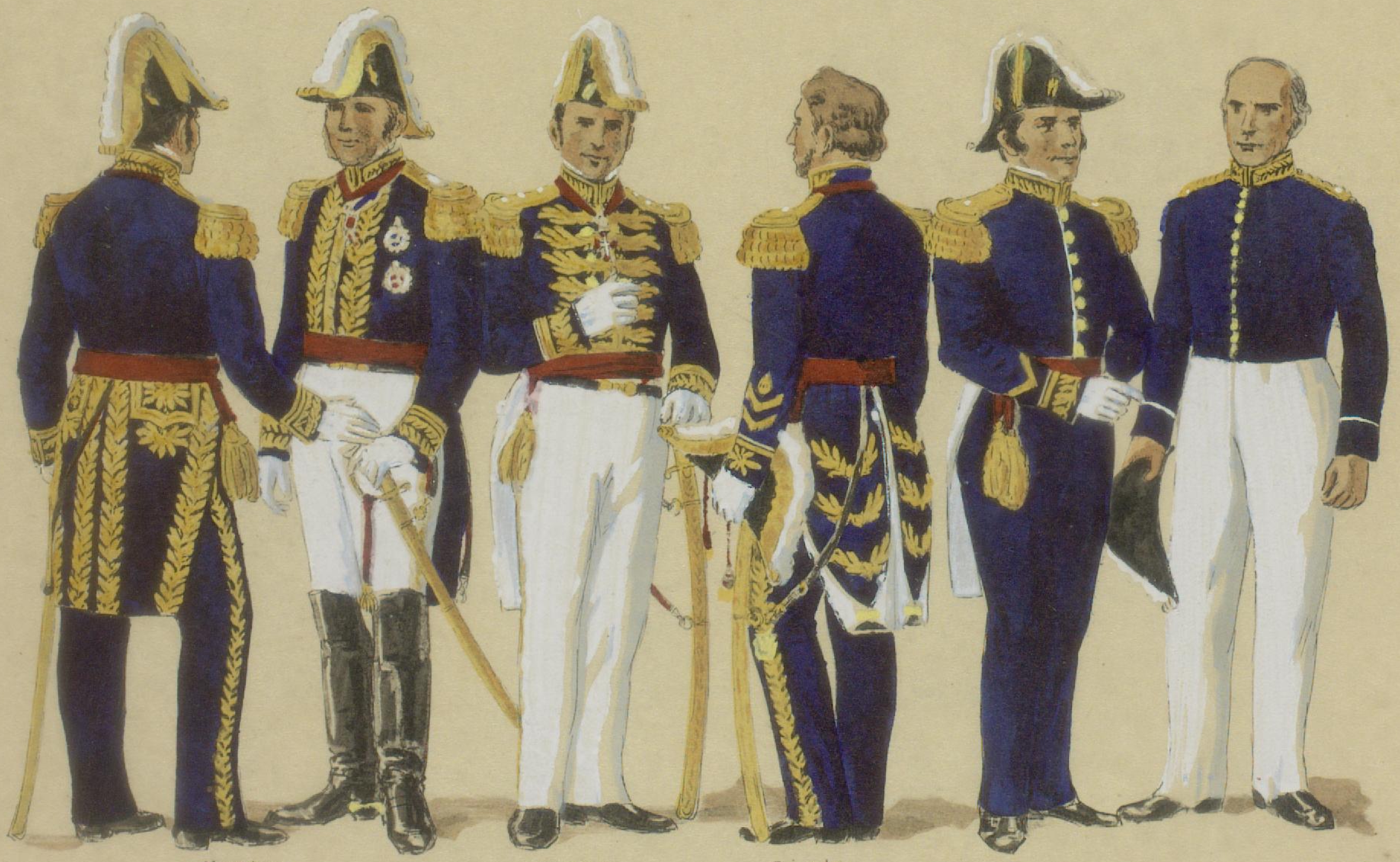
S. Paulo

Off. de Ordennancas

1823

E.M. General

42



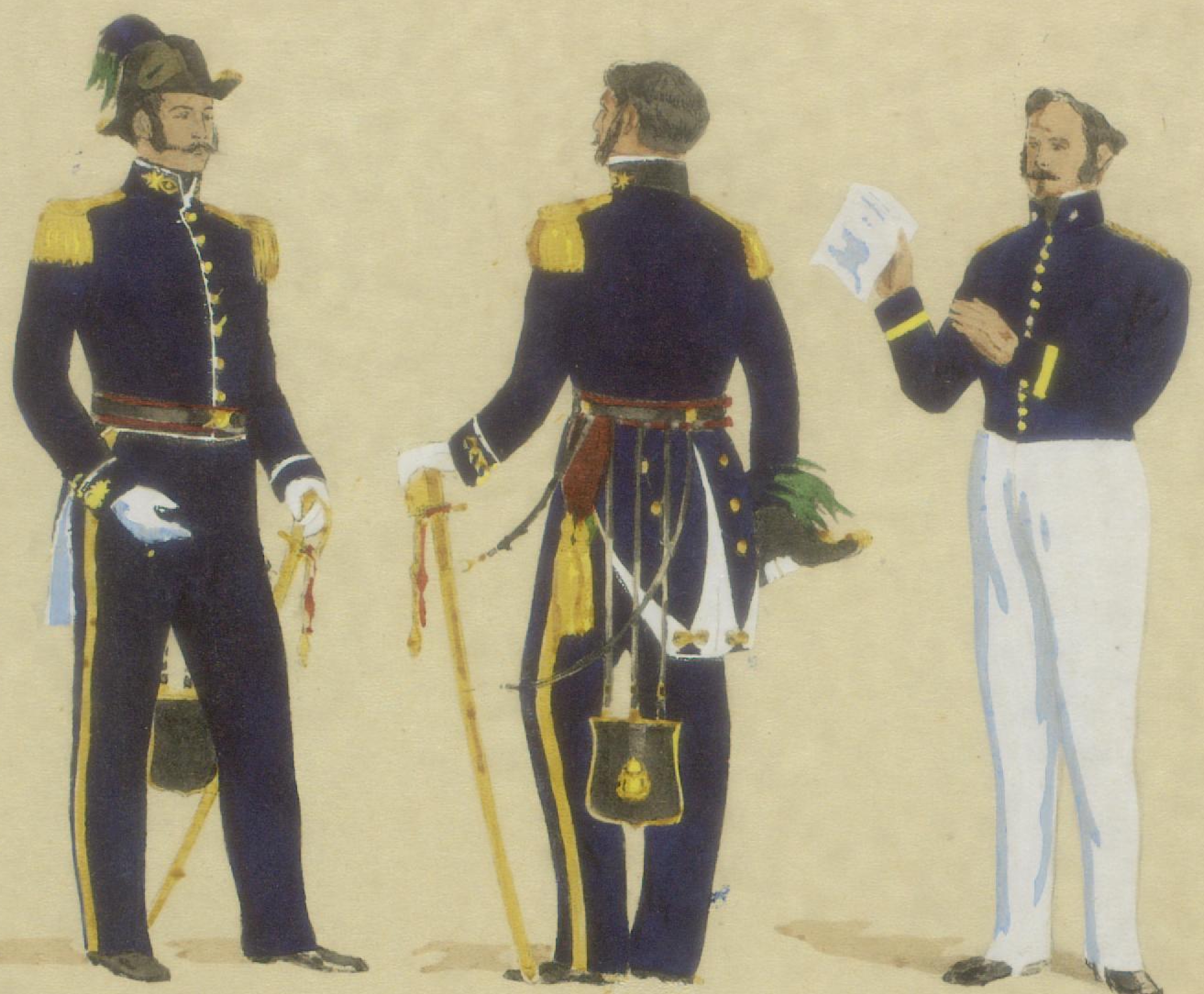
Marechaes

T. General

Brigadeiro

Est.ºs Maiores de 1ª e 2ª Classes
Engenheiros
1823

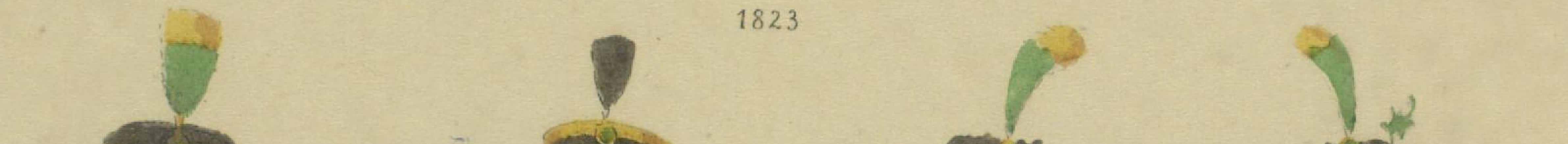
43



J.W.

1823

44



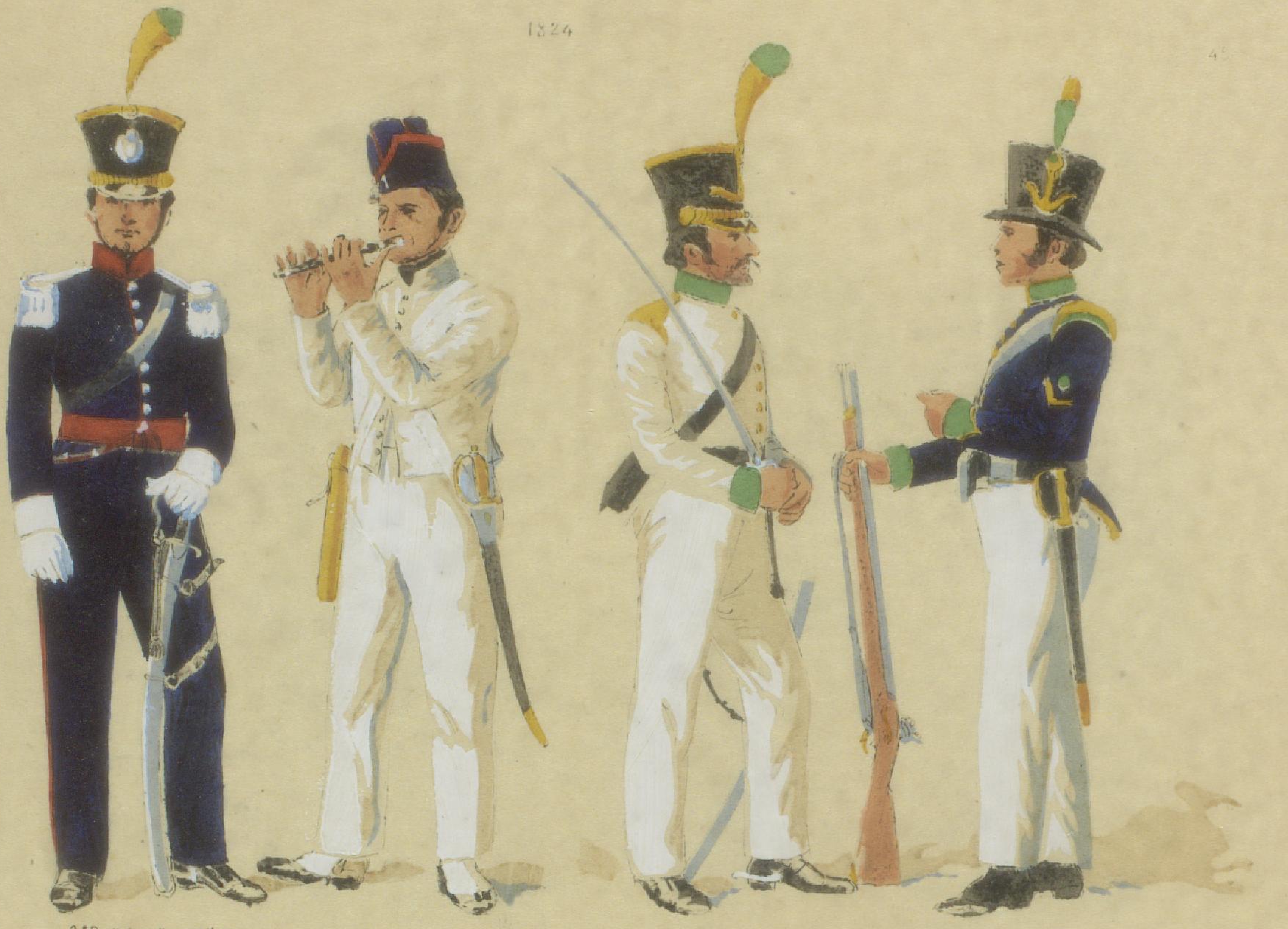
Artilharia

Granadeiros

J.W.

1824

45



2.º R. de Cavall de Milicias

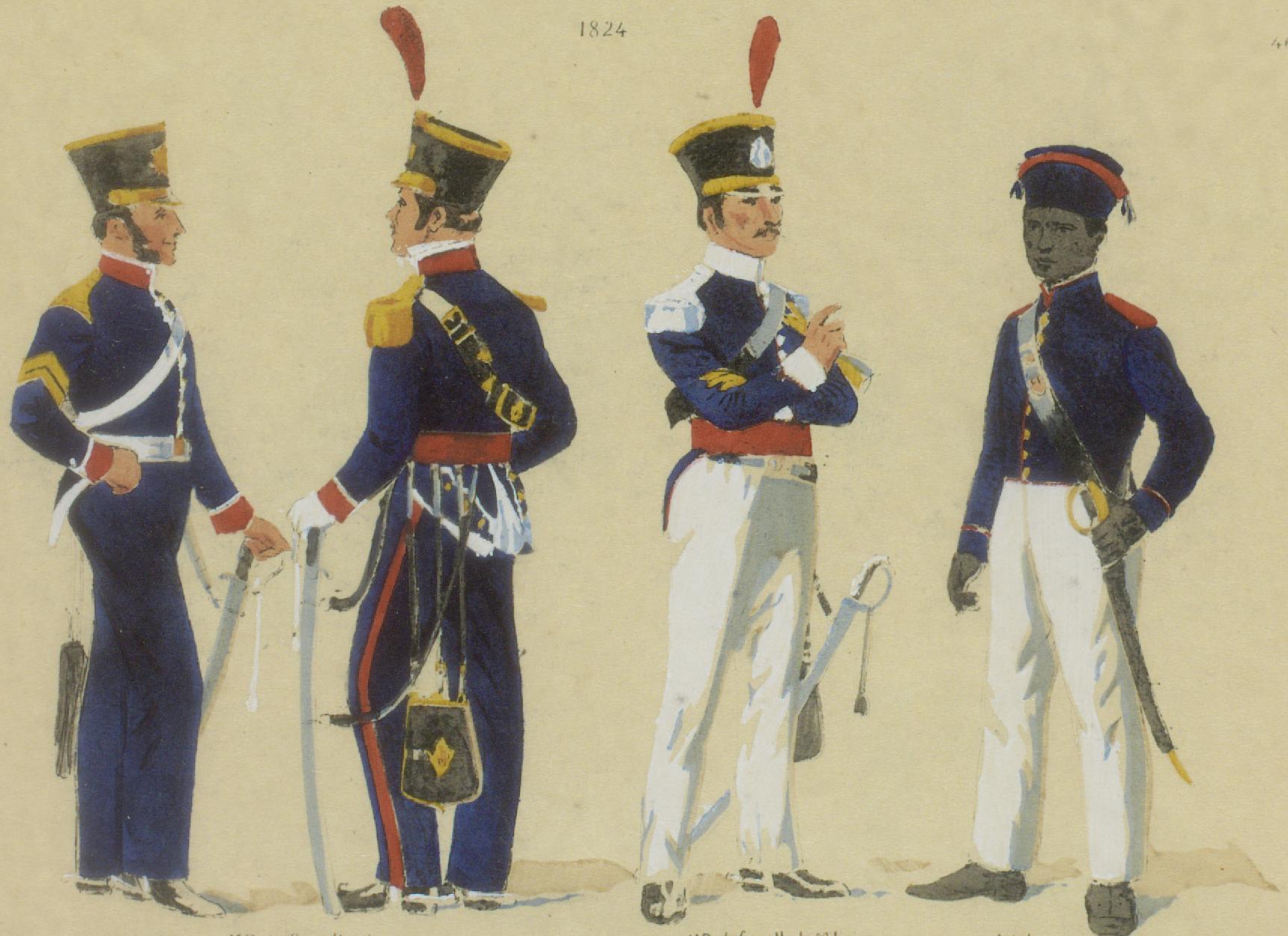
pifano

G. Civica Diamantina

Rio de Janeiro

1824

46



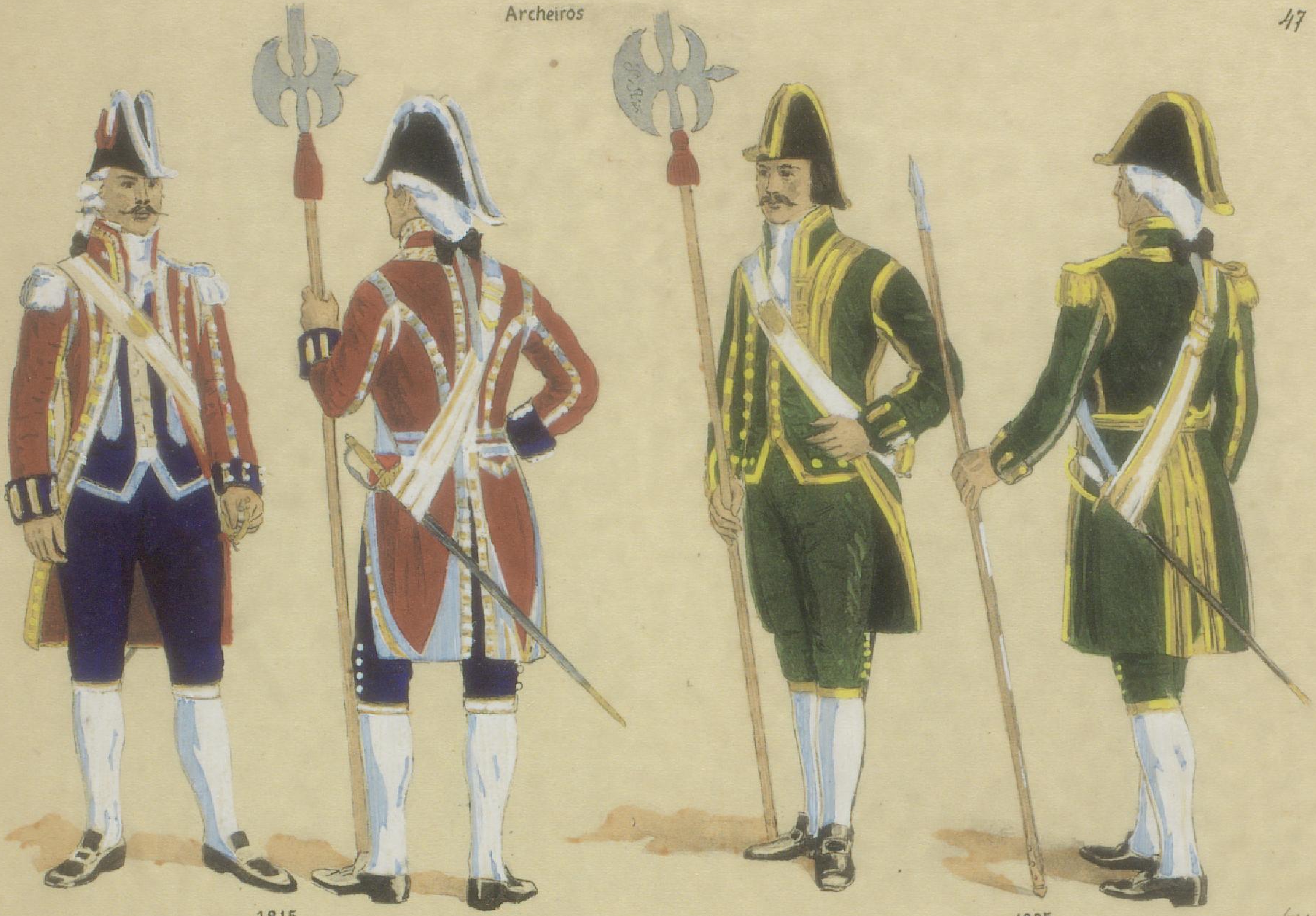
1º R de Cavallaria

1º R. de Cavall de Milicias

Art. de
Marinha

Archeiros

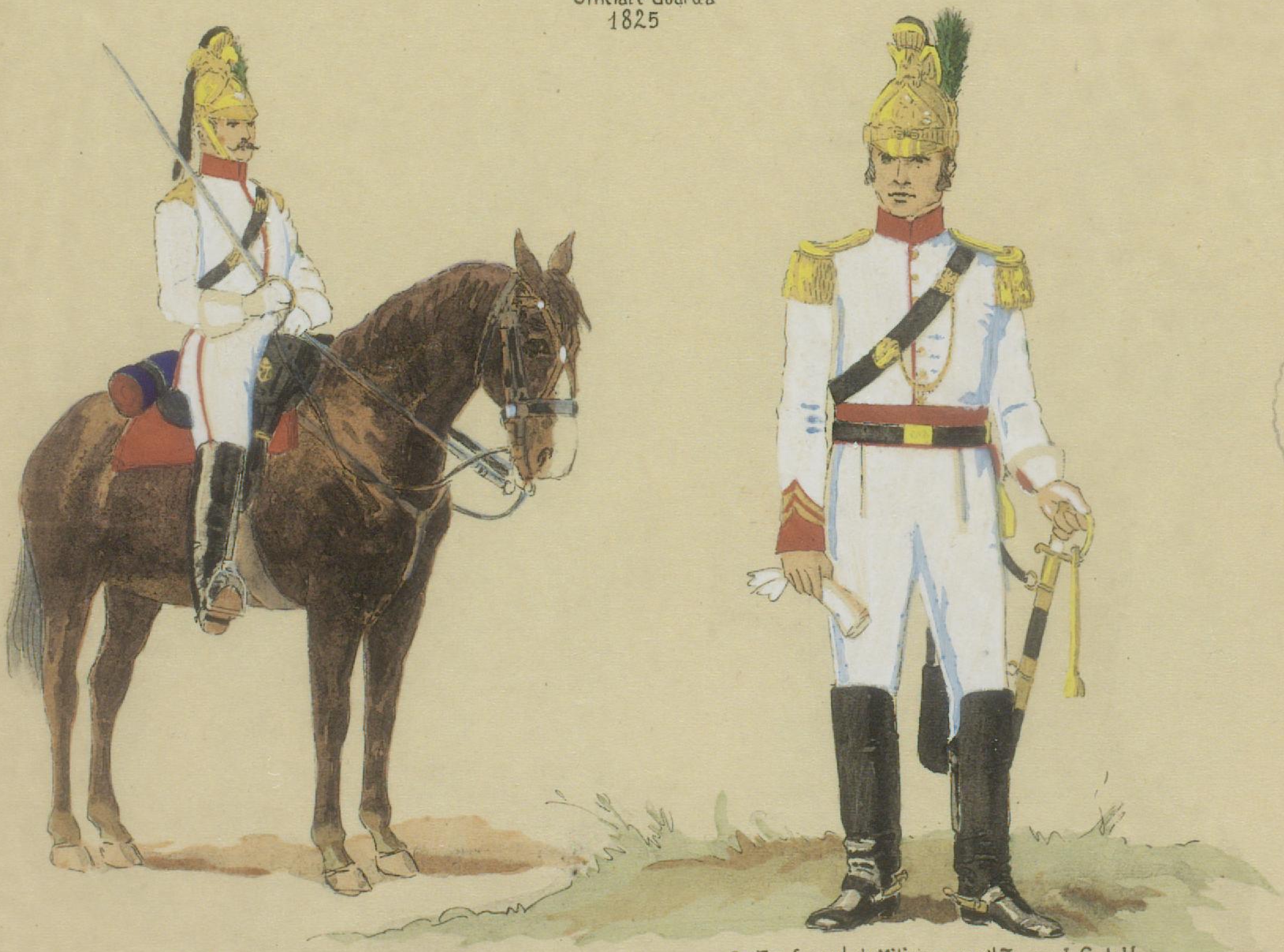
47



1815 1825

Imperial Guarda de Honra
Official e Guarda
1825

48



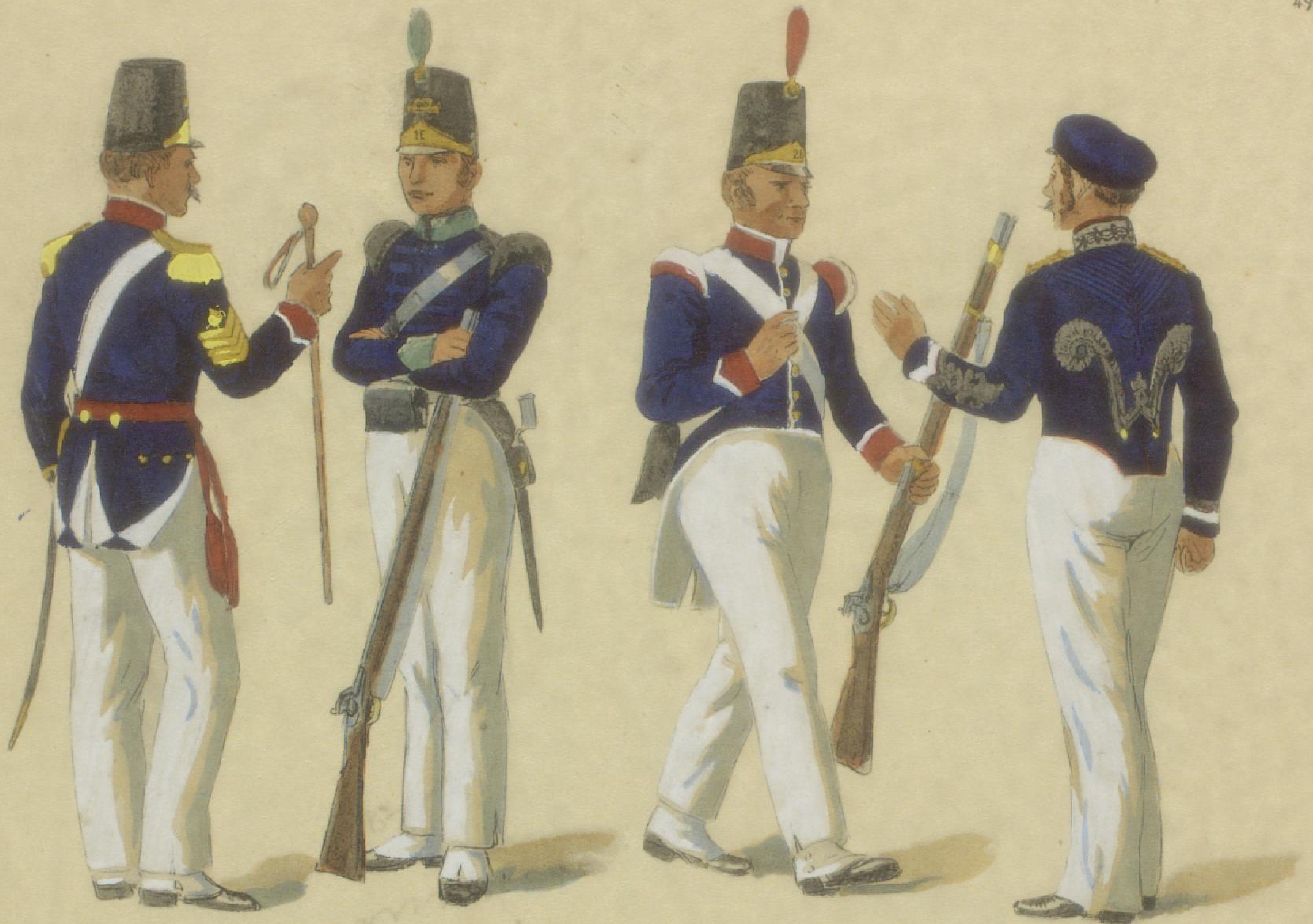
Guarda

Ex-Ten. Coronel de Milicias, capitão na I.G.de H

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

1825

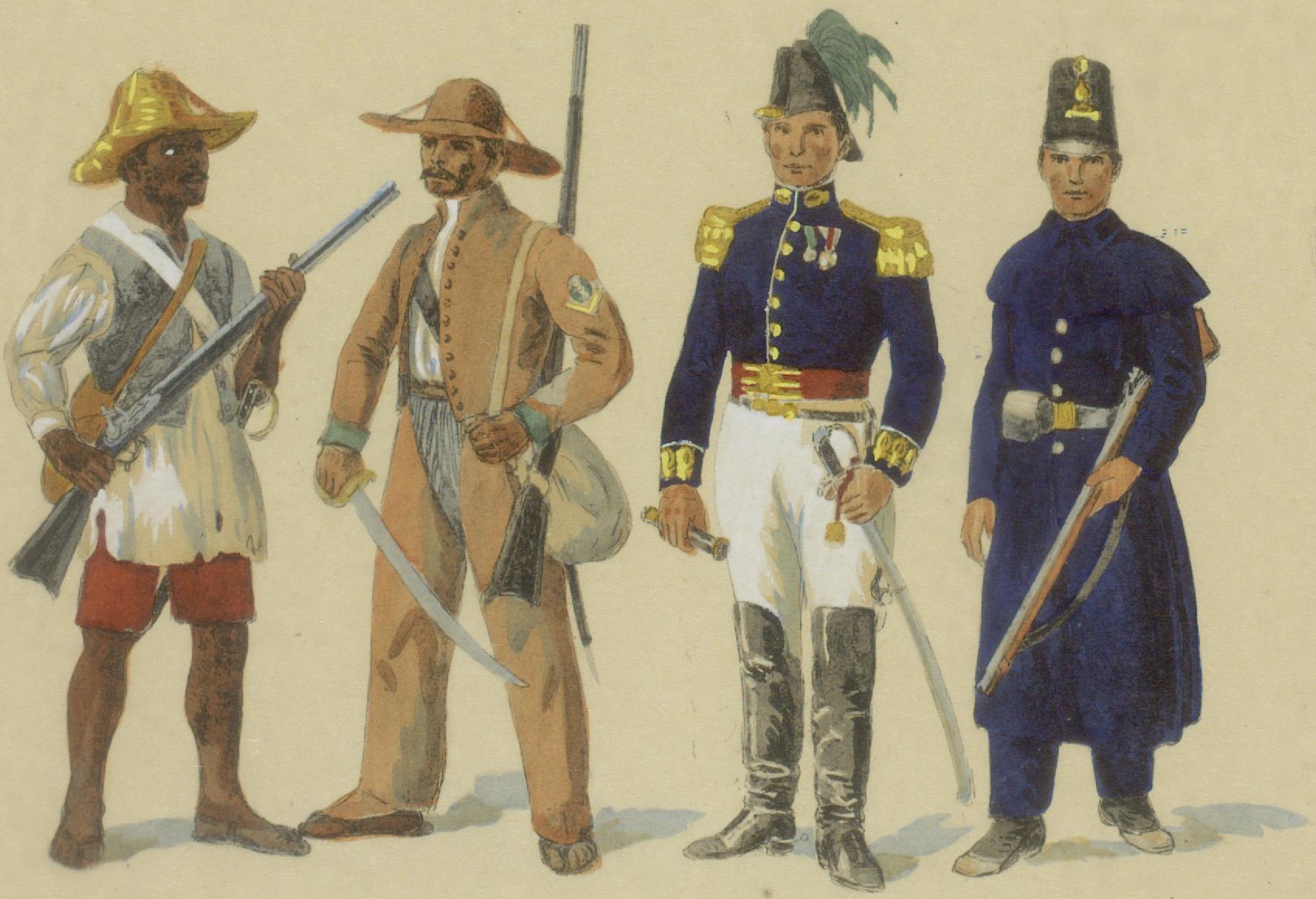
49



Sargento caçadores de estrangeiros Granadeiro de estrangeiros off. de caçadores

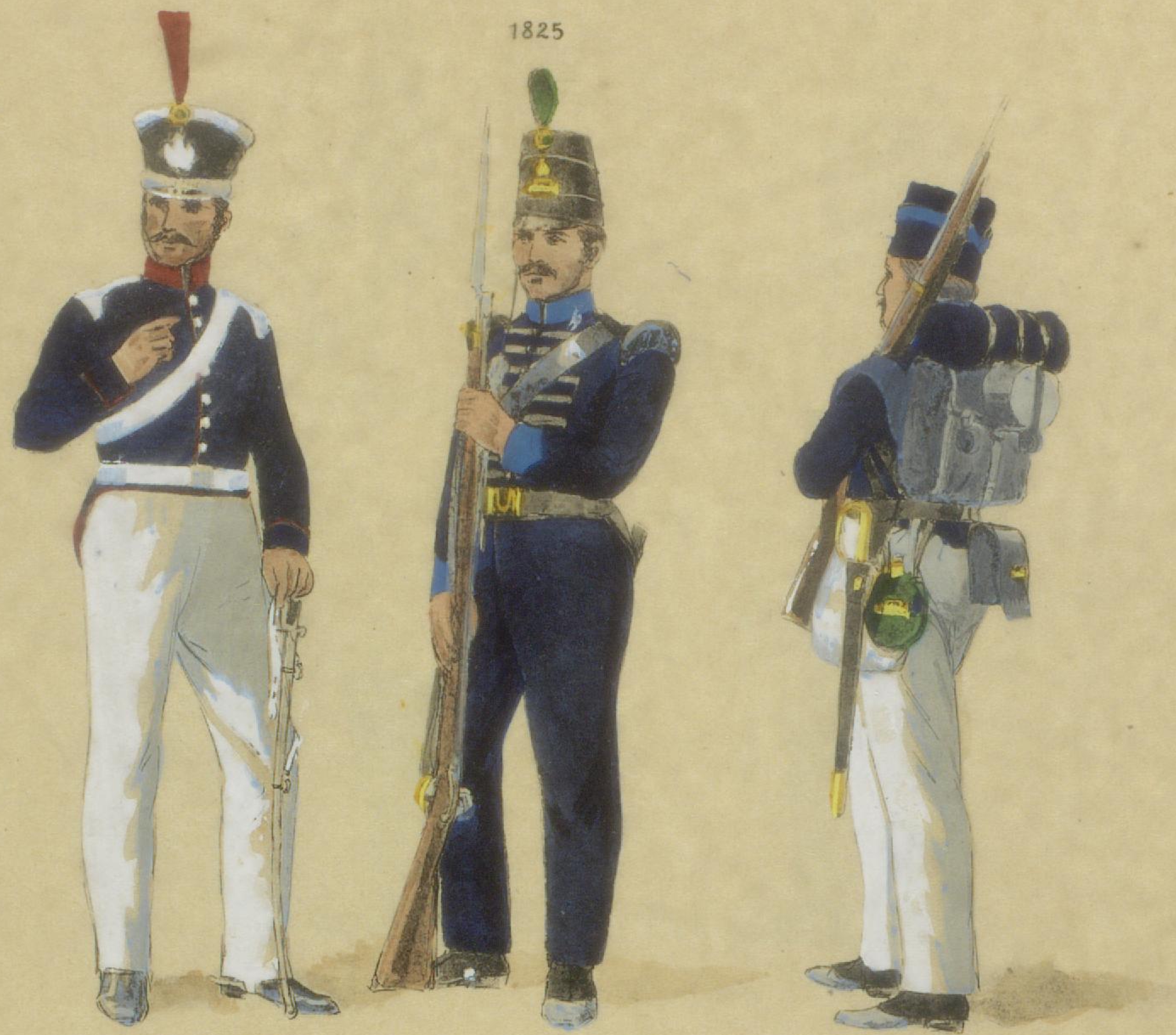
1824
Bahia

50



1825

51

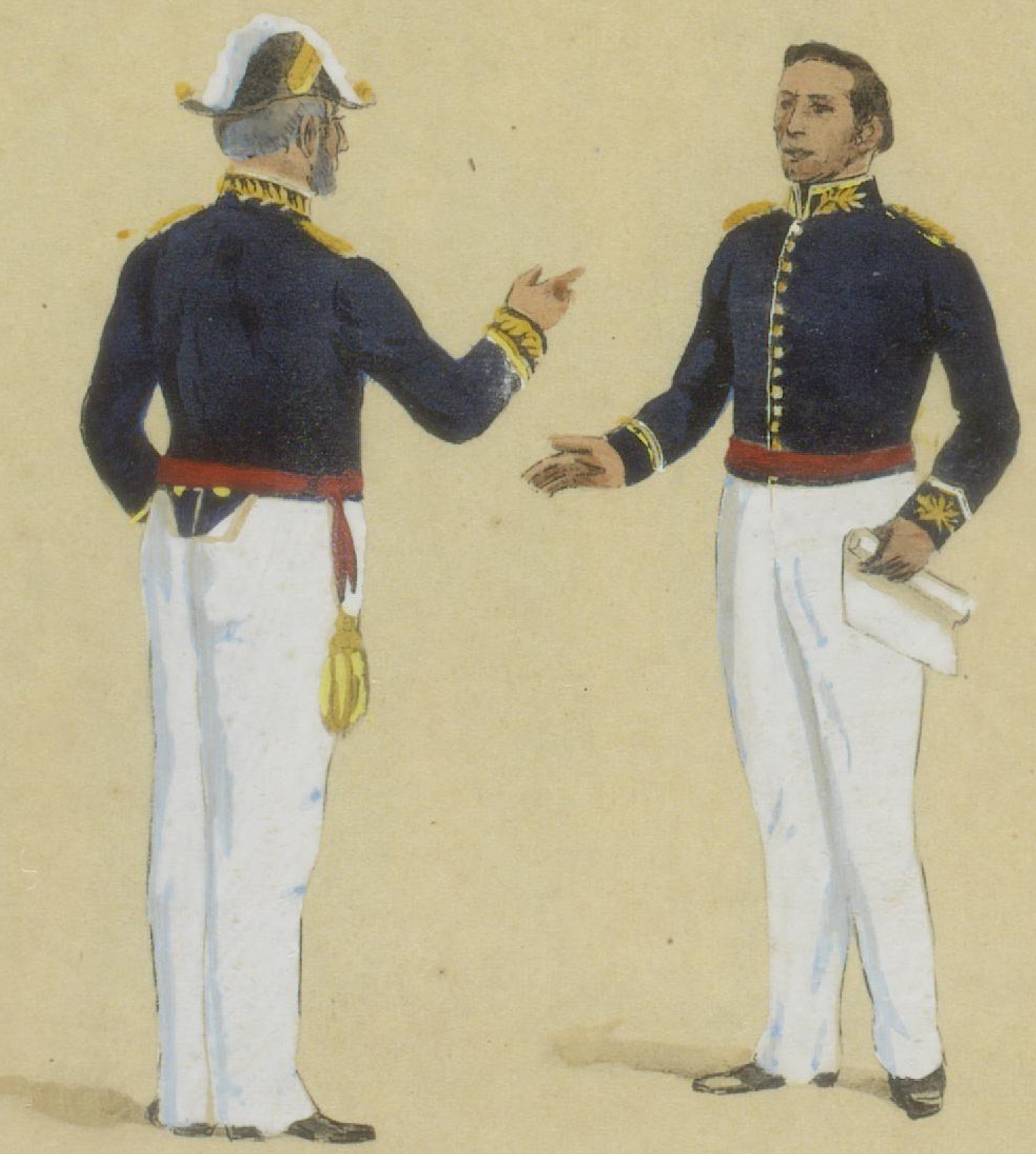


2° Reg de Cav. de Milicias

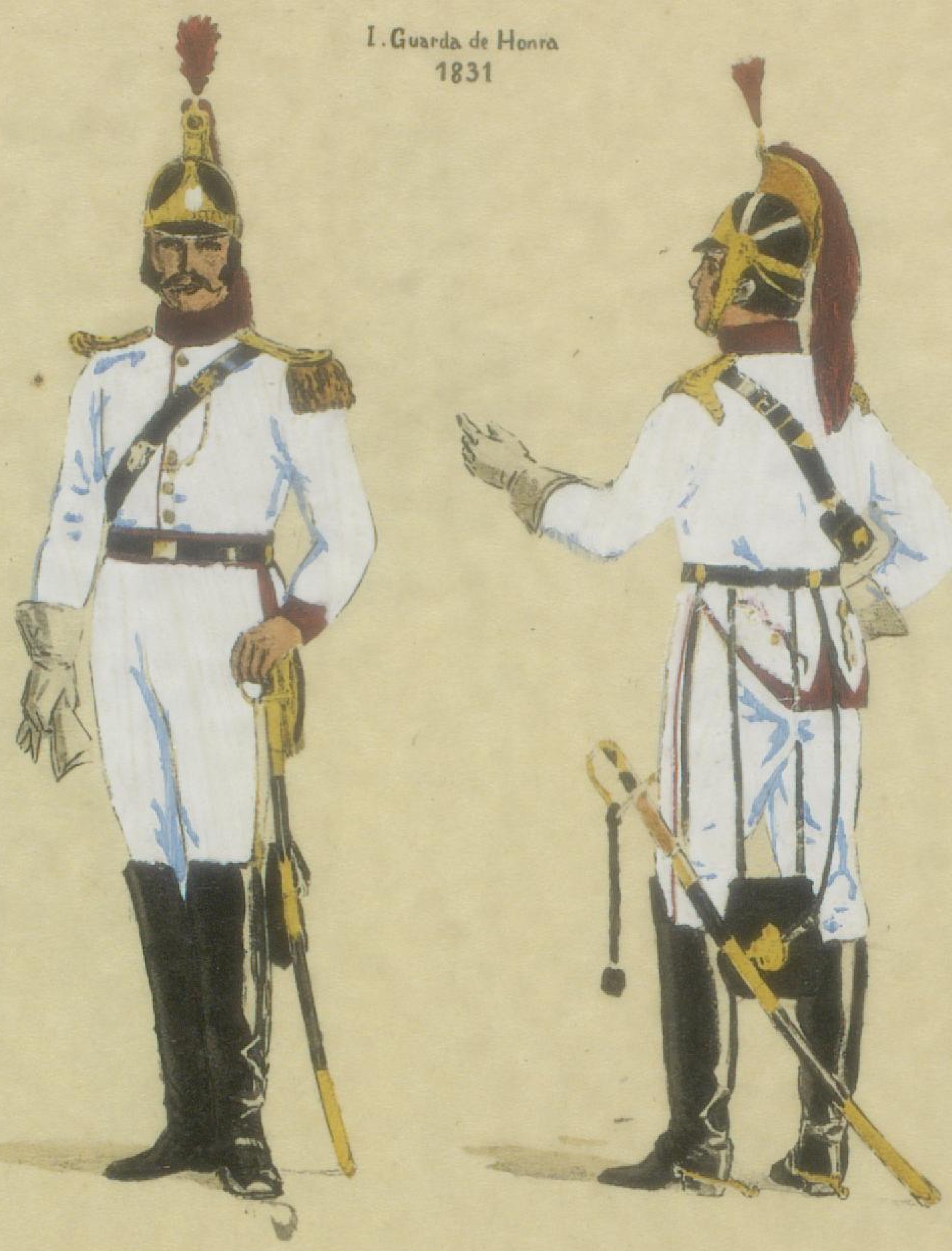
7° B. de Caçadores
S. Paulo

E.M.General
Peq Uniforme
1830

52

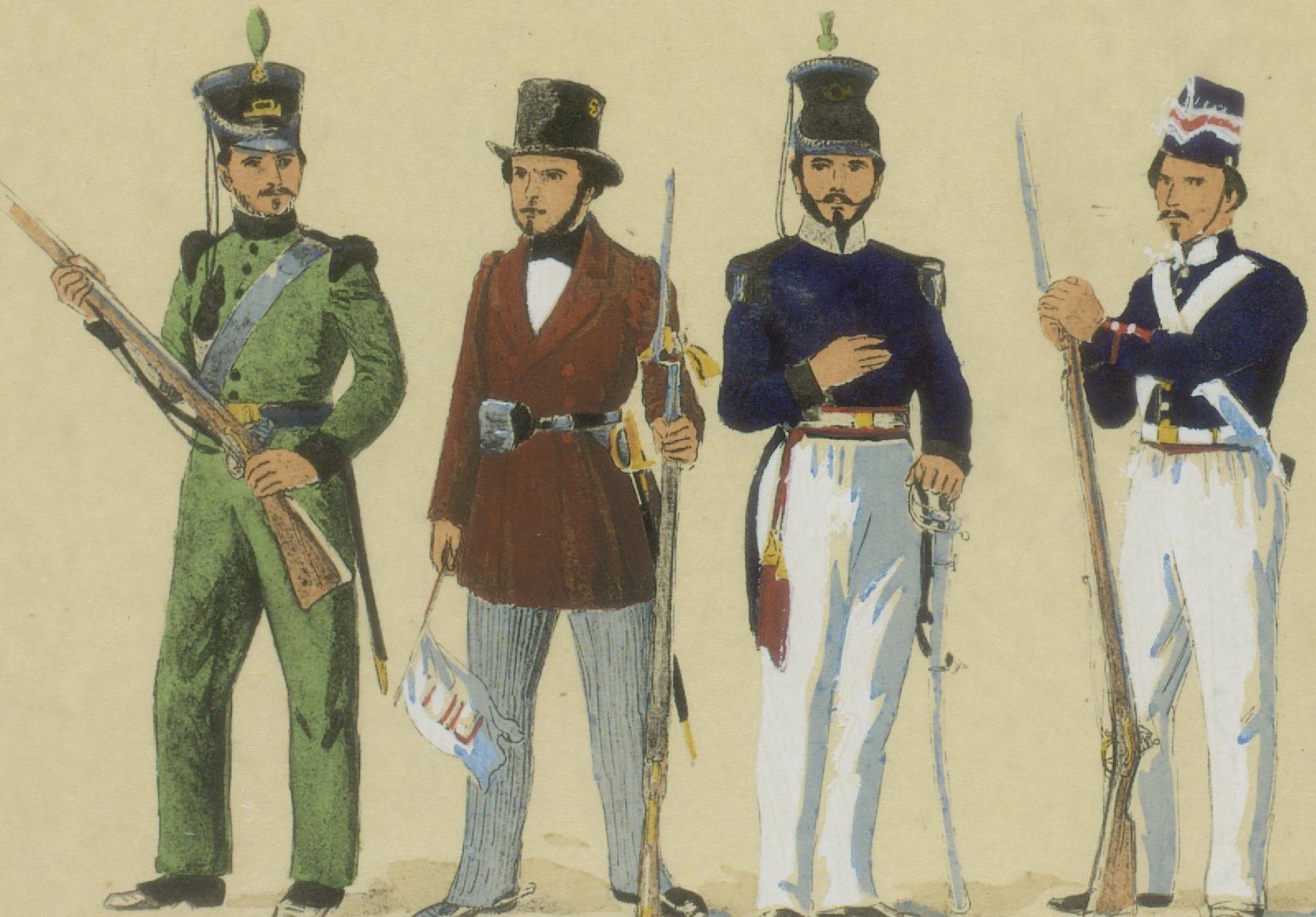


I. Guarda de Honra
1831



1831-42

54



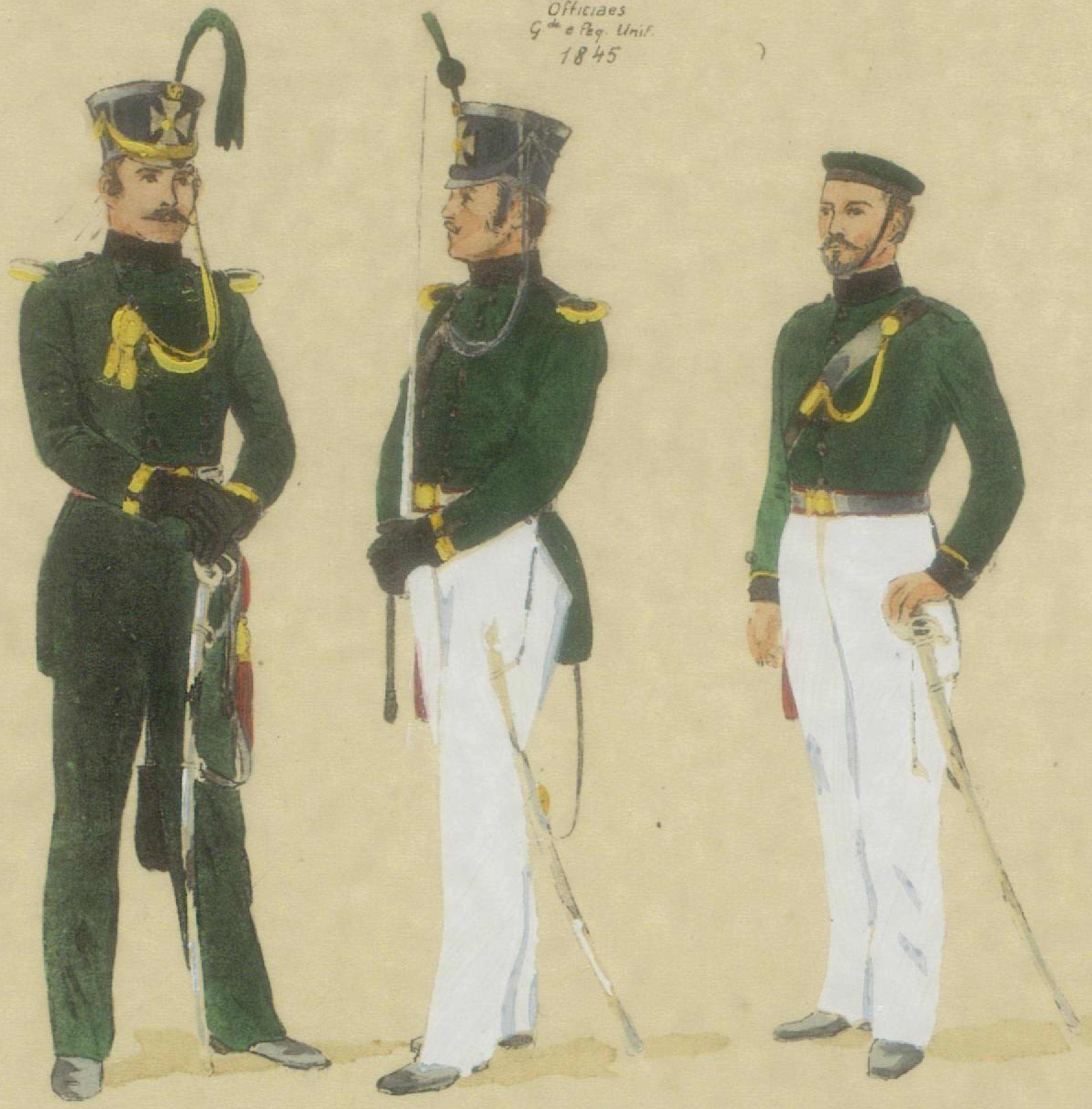
Caçadores - 1834

Official - soldado - 1831

Fuzileiros - 1842

CAÇADORES
Officiaes
G.^{de} e Peq. Unif.
1845

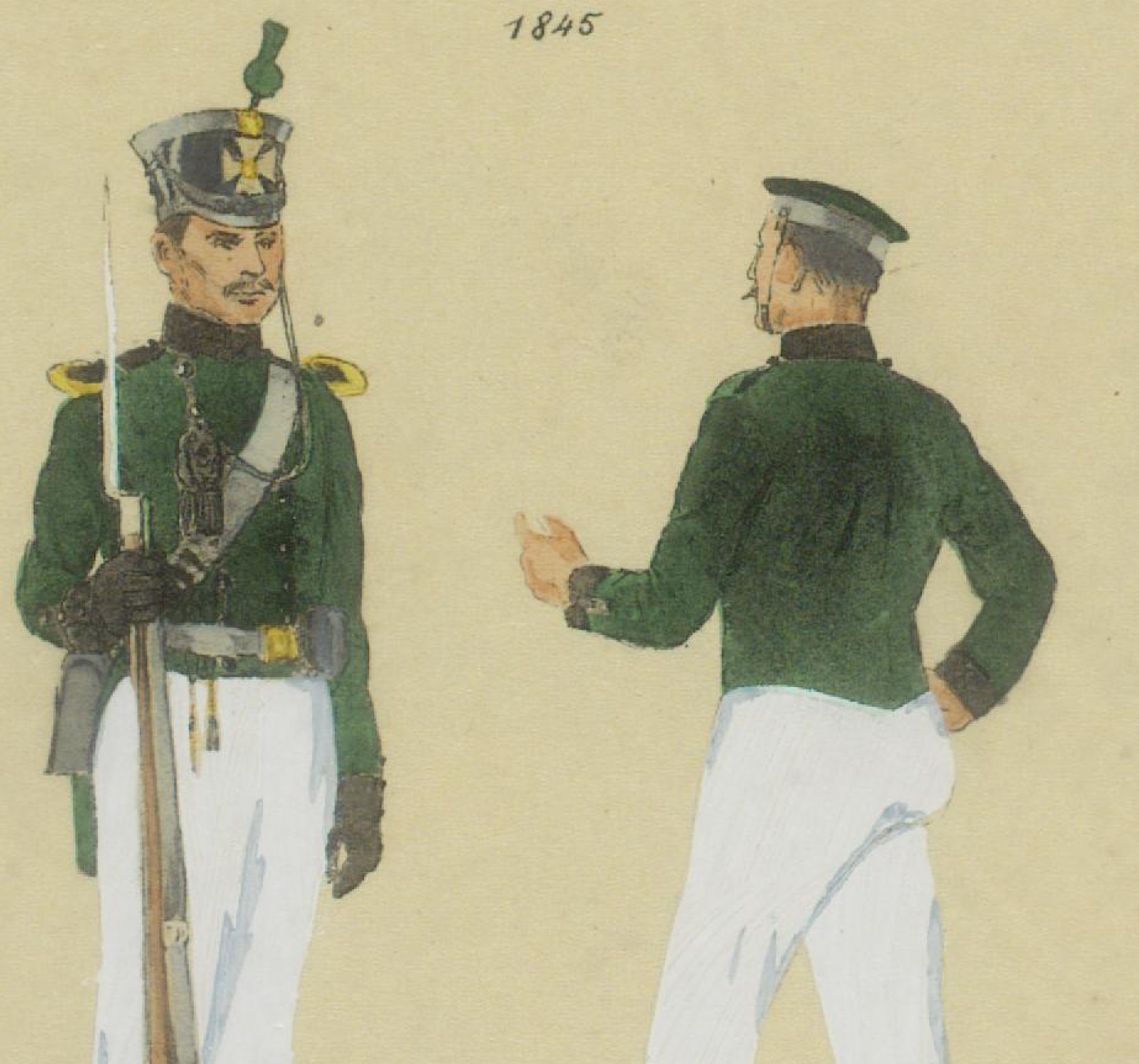
55



CAÇADORES

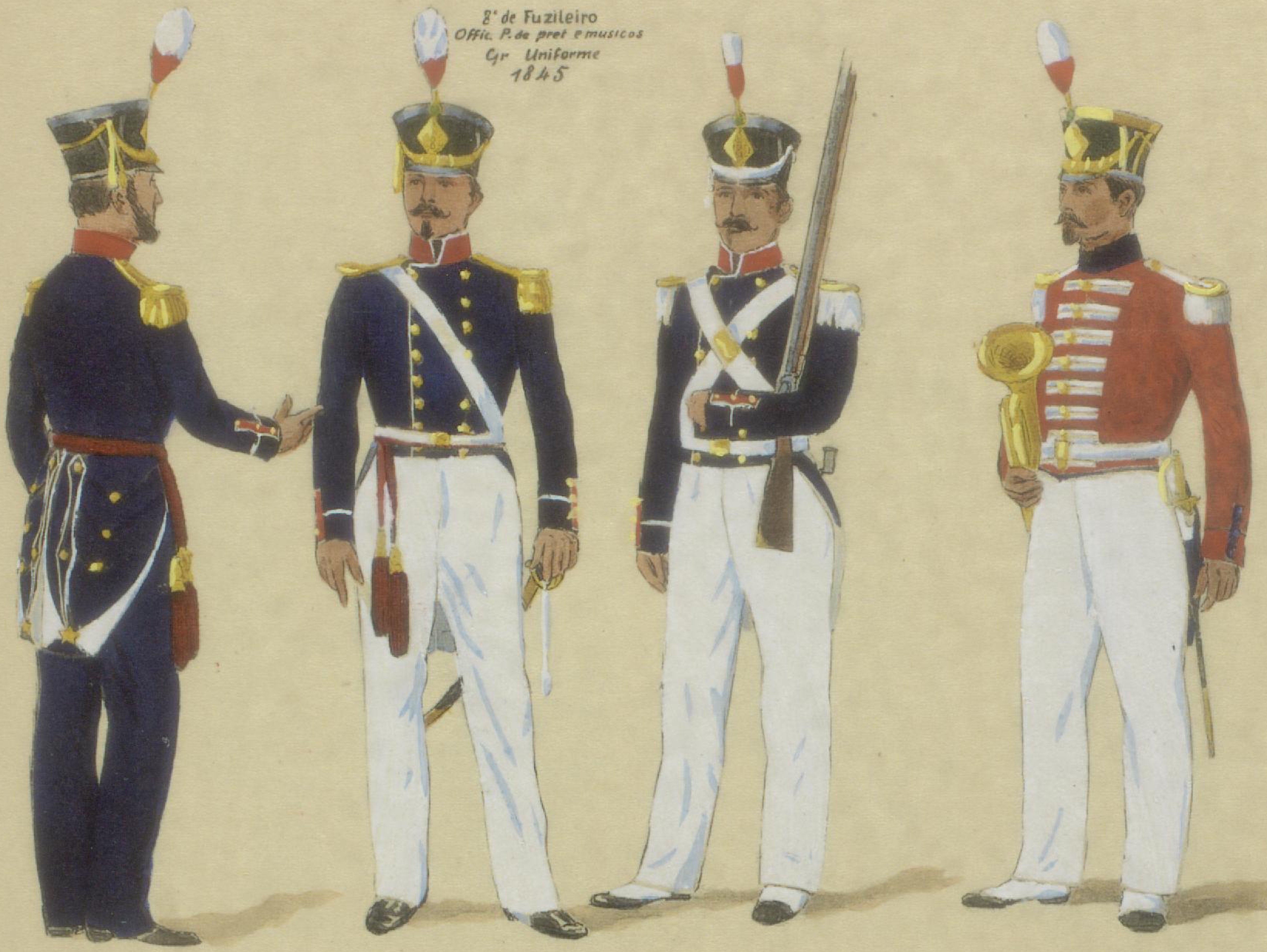
56

1845



praças de pret.

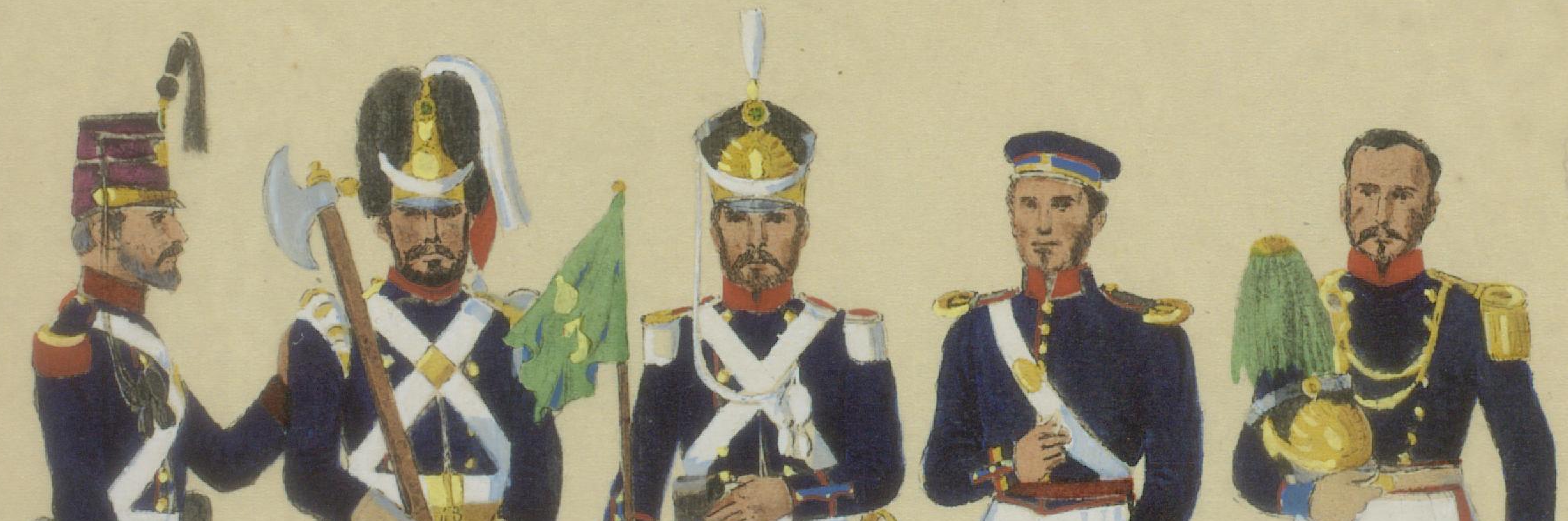
57



8º de Fuzileiro
Offic. P. de pret e musicos
Gr Uniforme
1845

1845

58



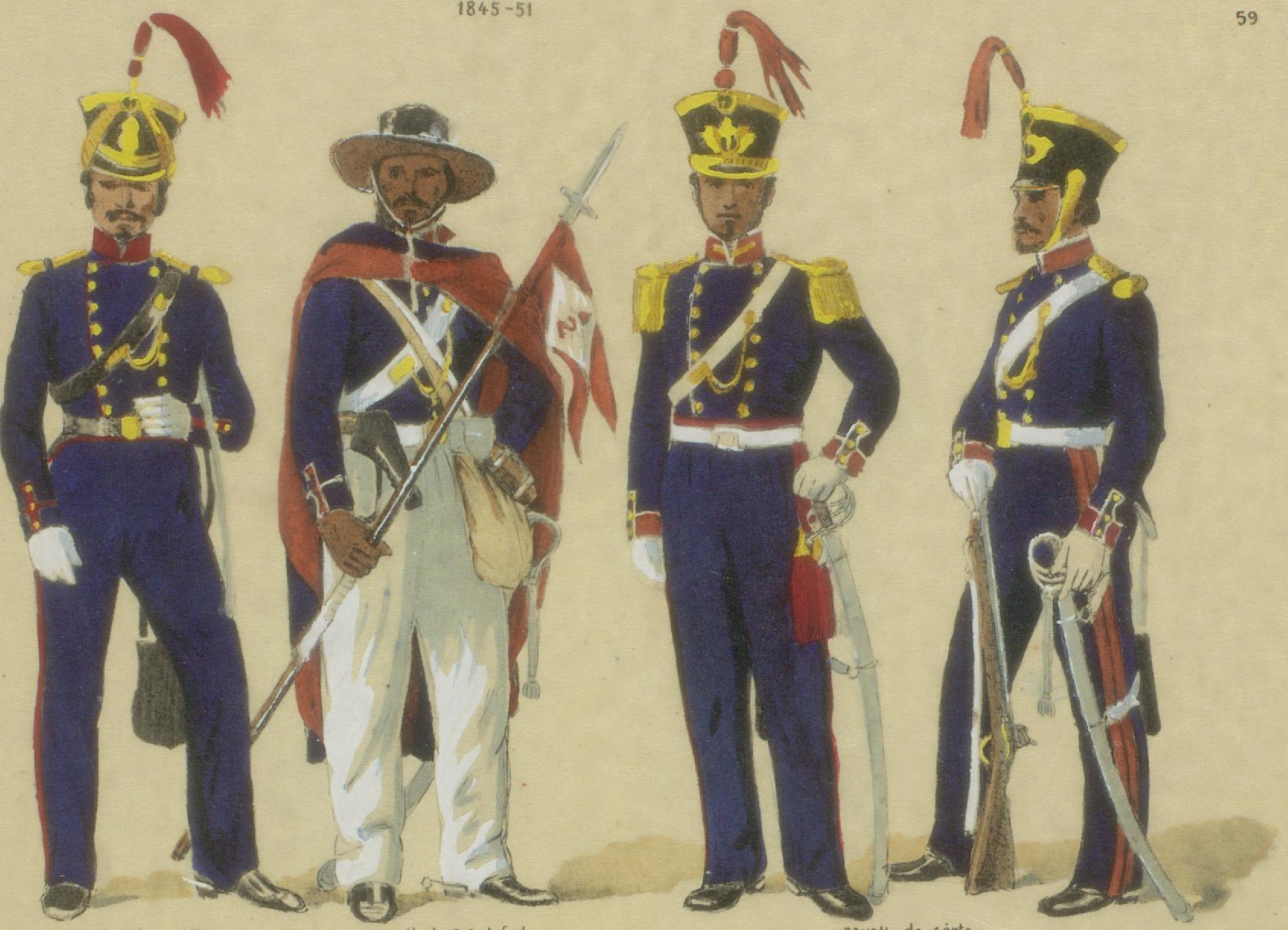
Artilharia a pé

porta-machado

Granadeiro

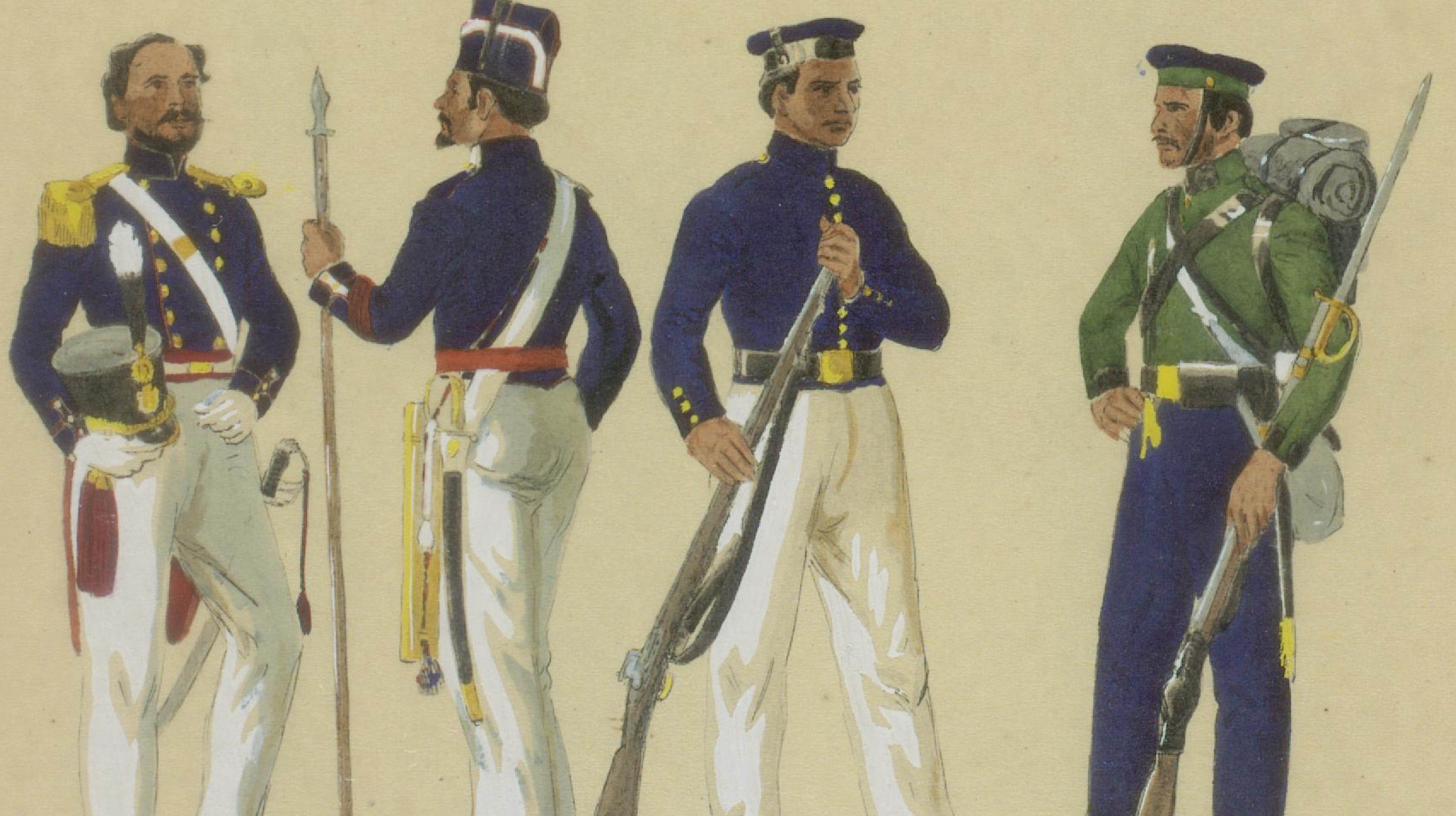
Officiaes de Fuzileiros

1845-51 59



Artilharia á cavallo Cavall. do R.G. do Sul Cavall. da côrte

1845-51 60

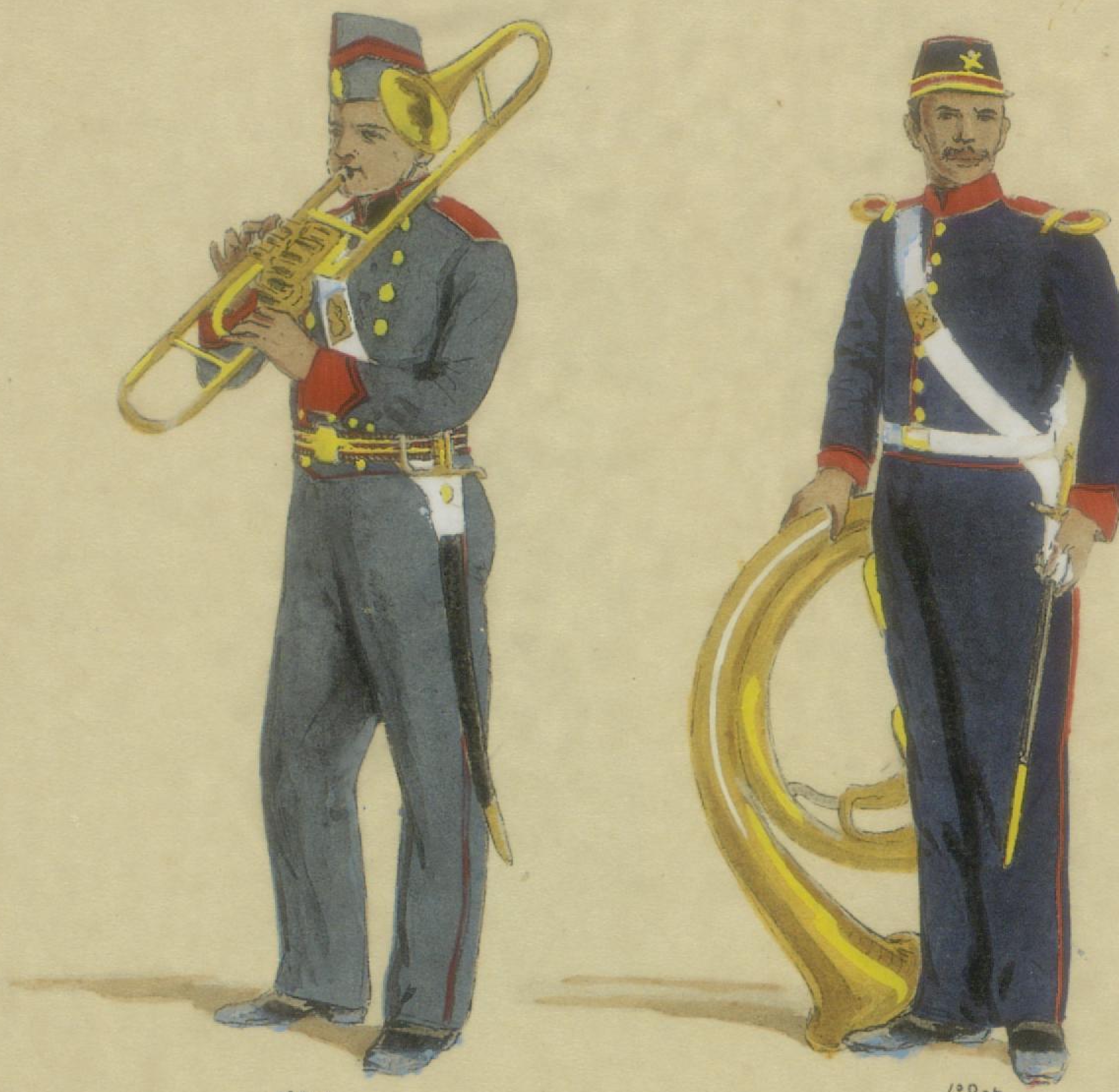


Off. de Artifices Sargento de Fuzileiros Deposito Caçadores

BIBLIOTHECA NACIONAL R Rio de Janeiro

Artilharia a pé
Musicos

61



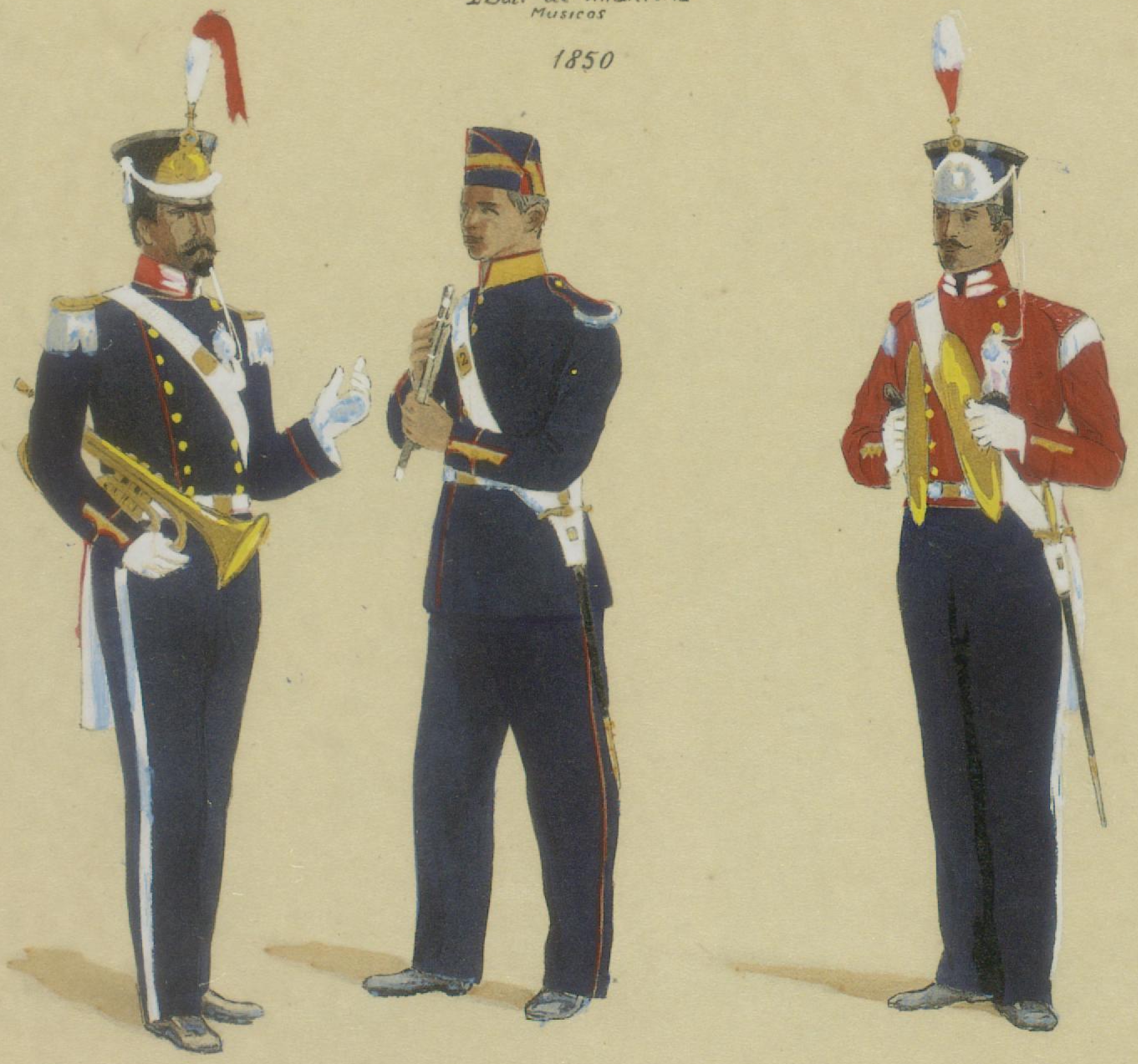
2° Bat.
1845

4° Bat.
1850

2 Bal. de Infanteria
Musicos

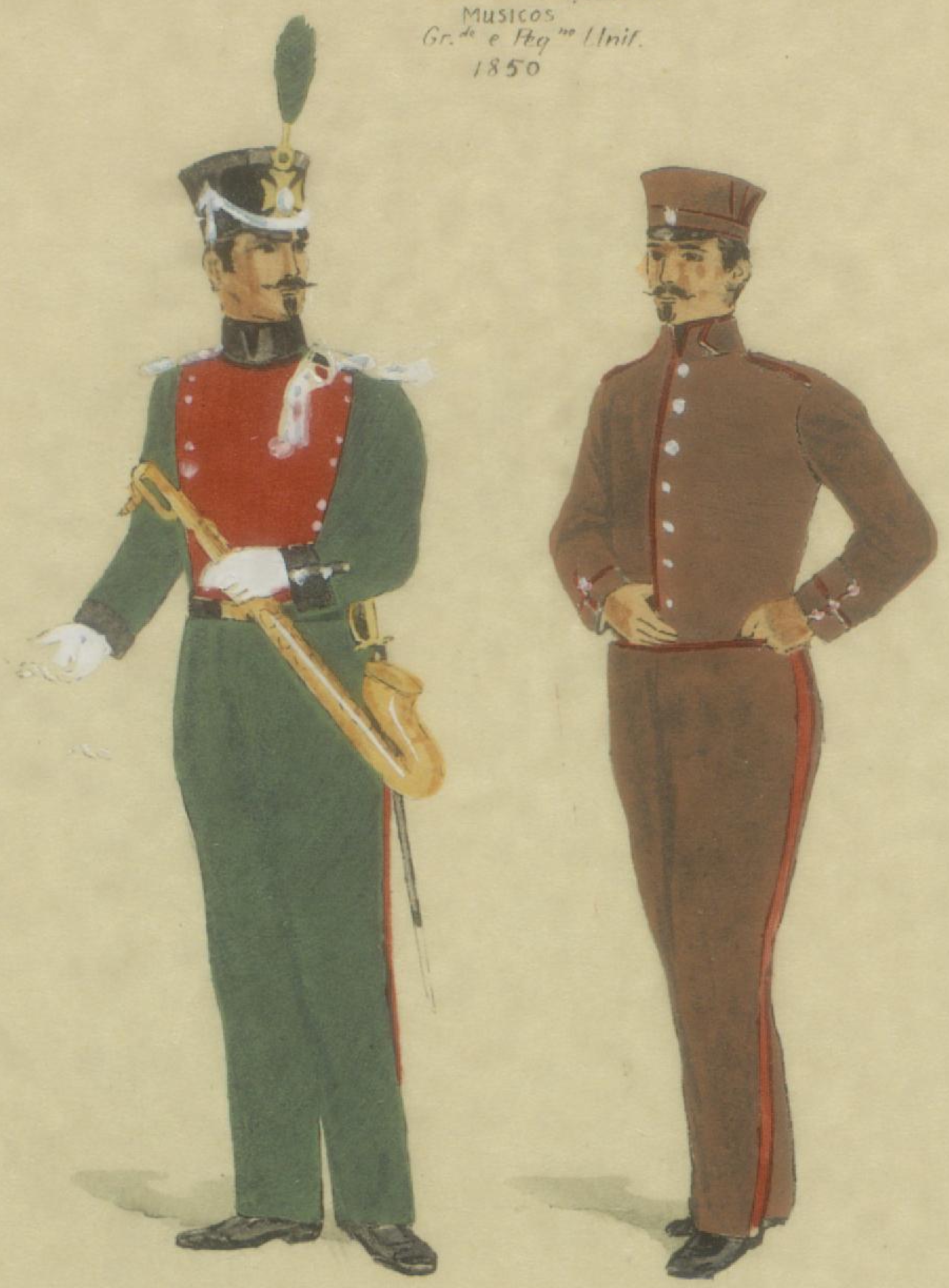
1850

62



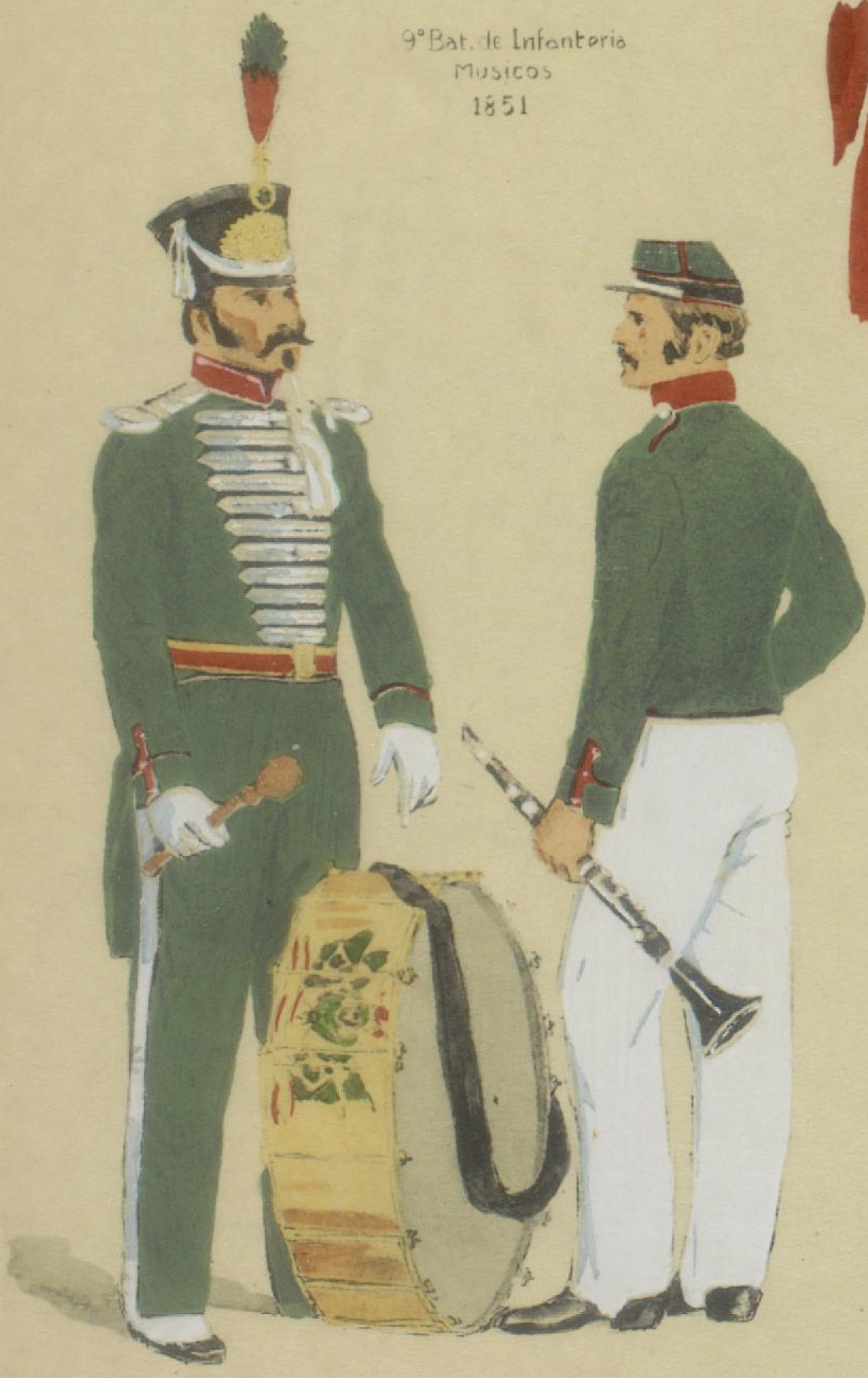
63

11 Bat.ao de Caçadores
Musicos
Gr.de e Peq.no Unif.
1850

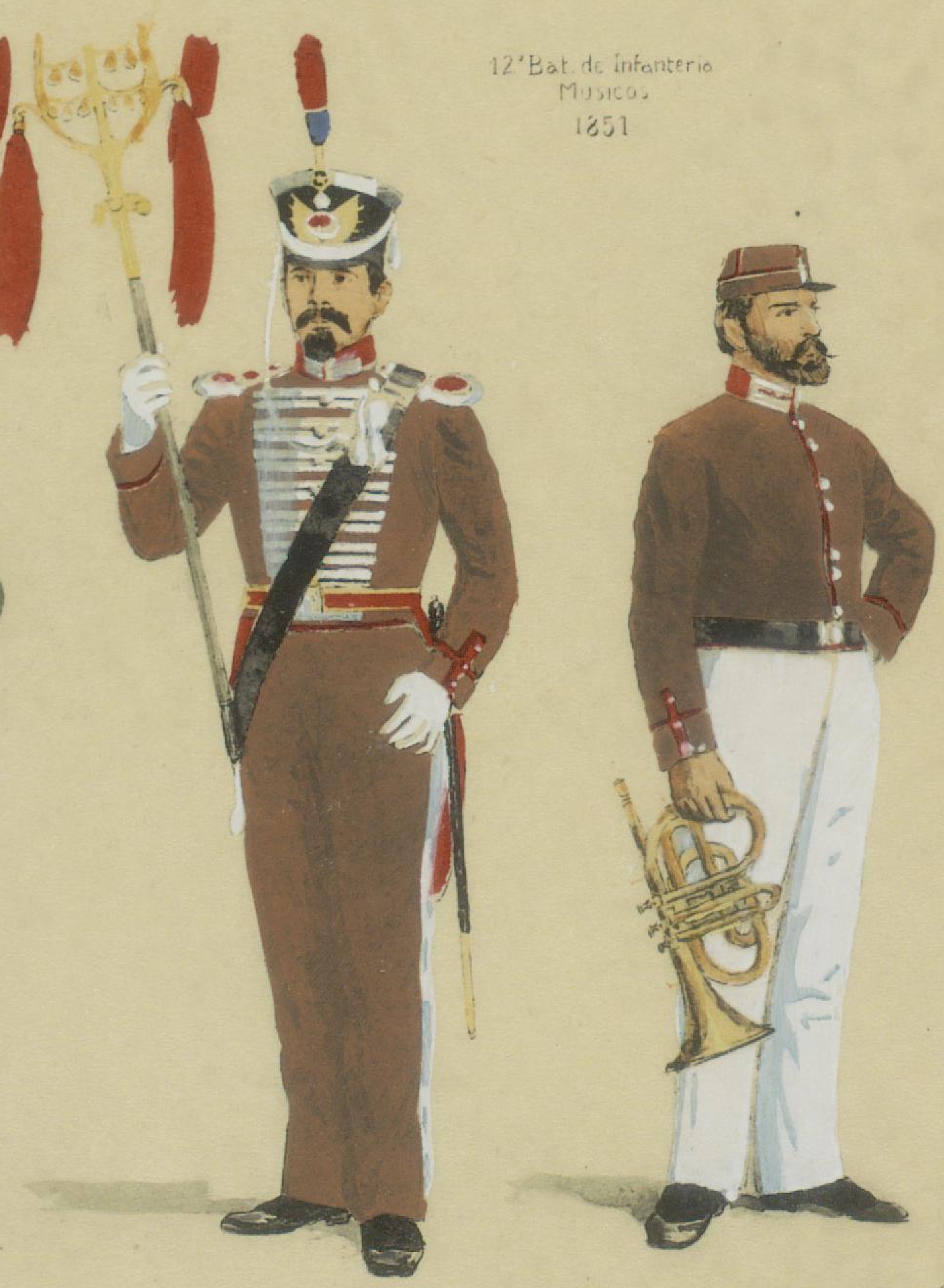


64

9° Bat. de Infanteria
Musicos
1851

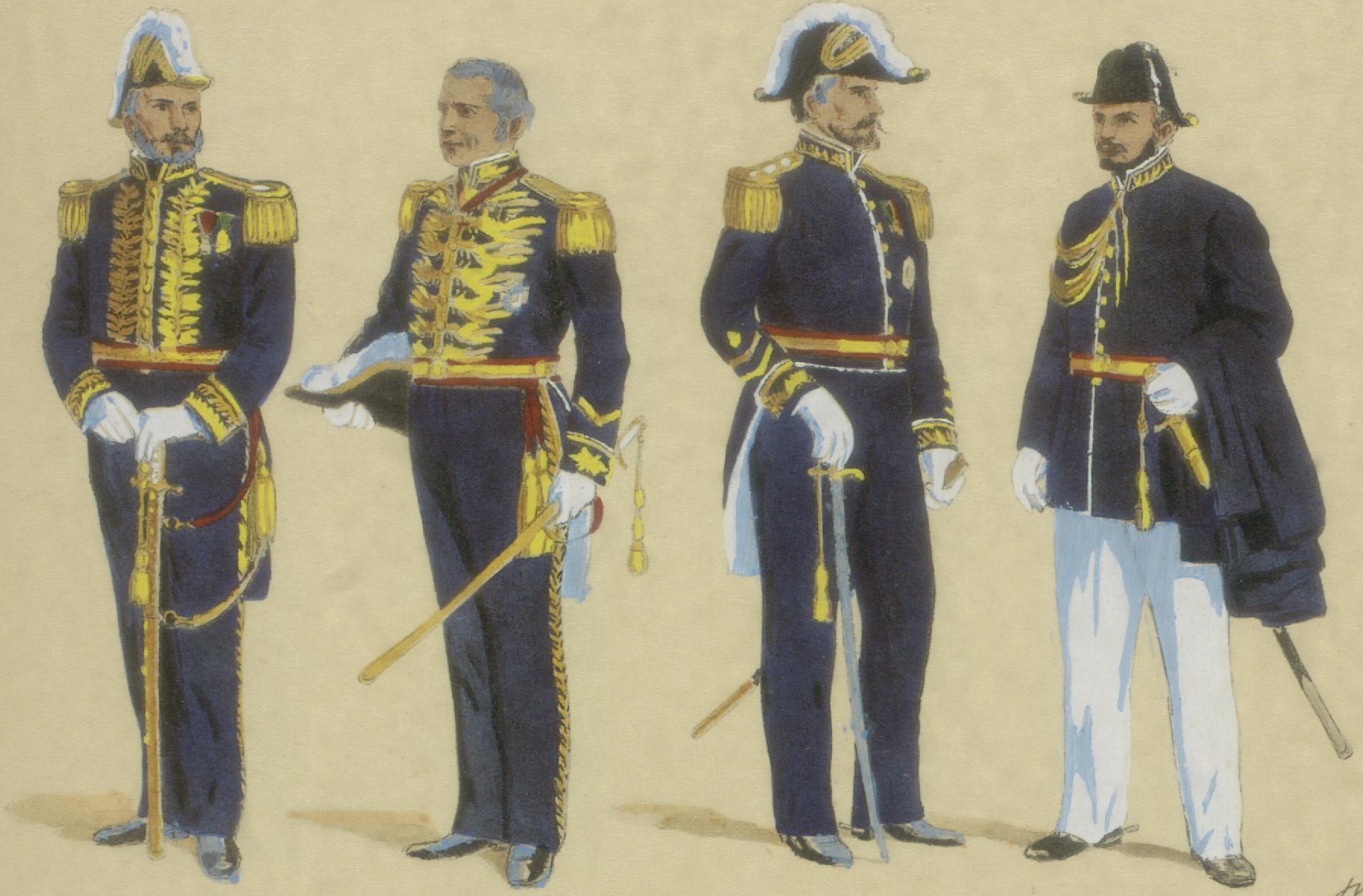


12.° Bat. de Infanteria
Musicos
1851



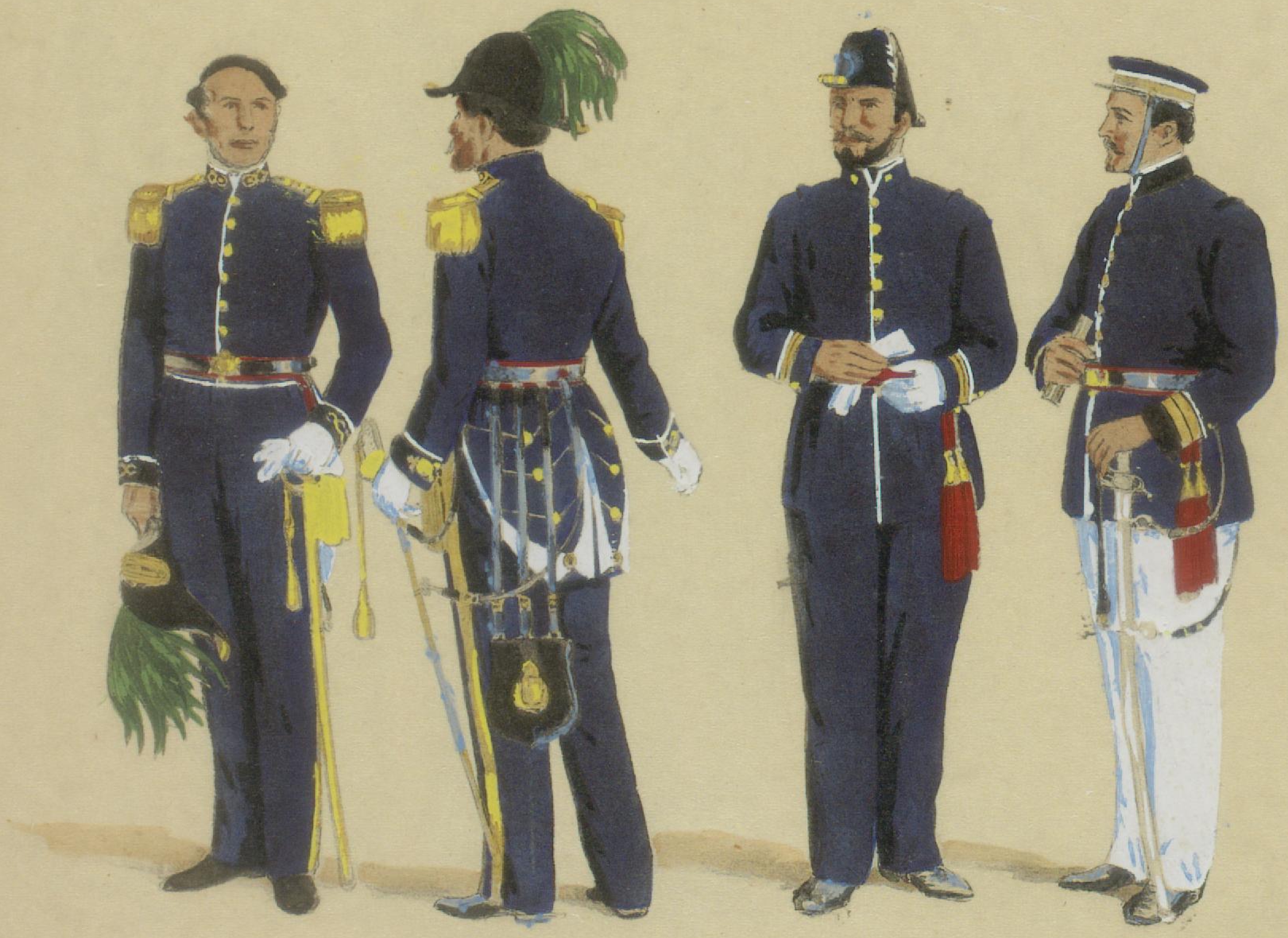
E.M. General
1852

65



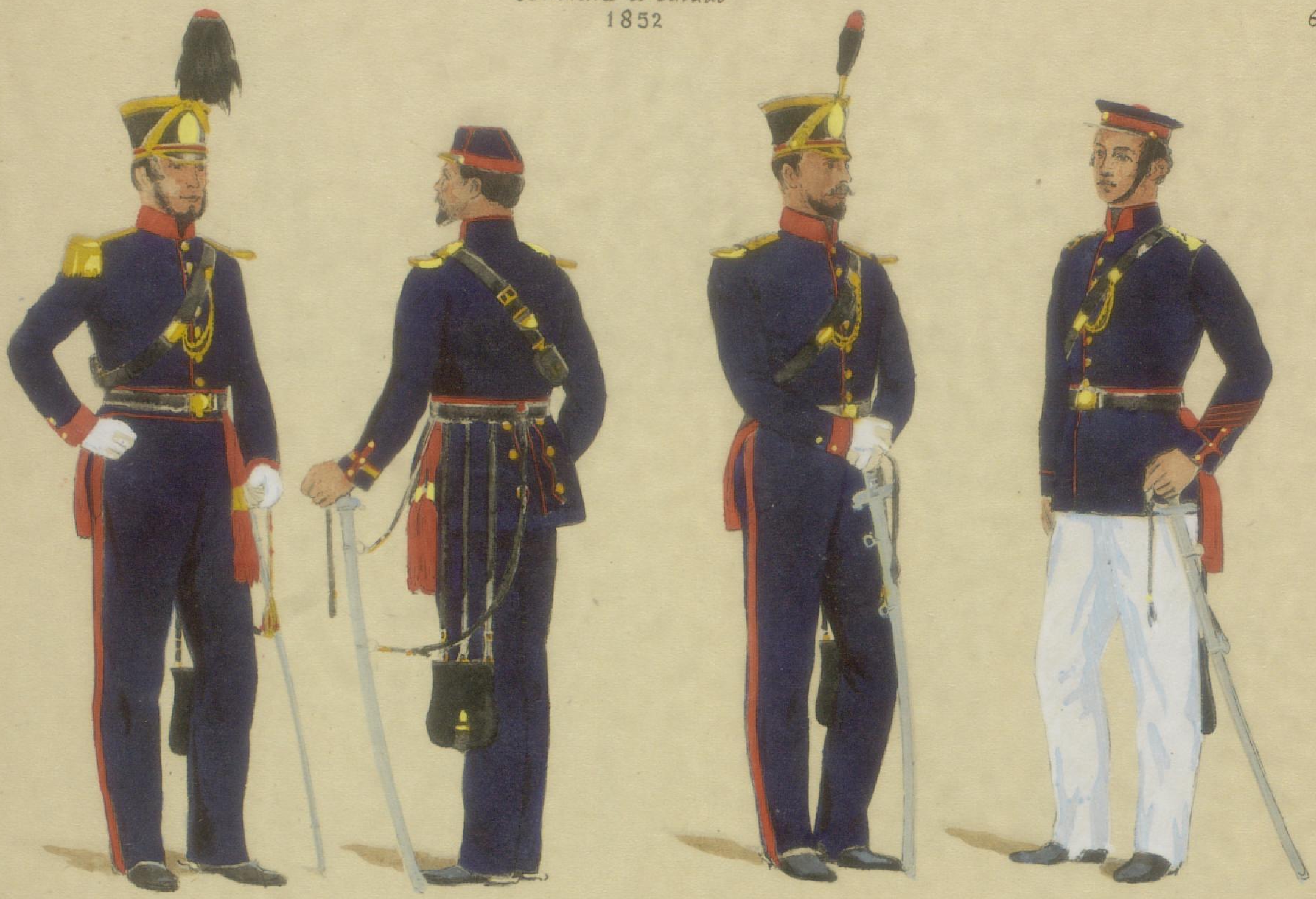
C. de Engenheiros e E.M. do Exercito
1852

66



Artilheria à Cavallo
1852

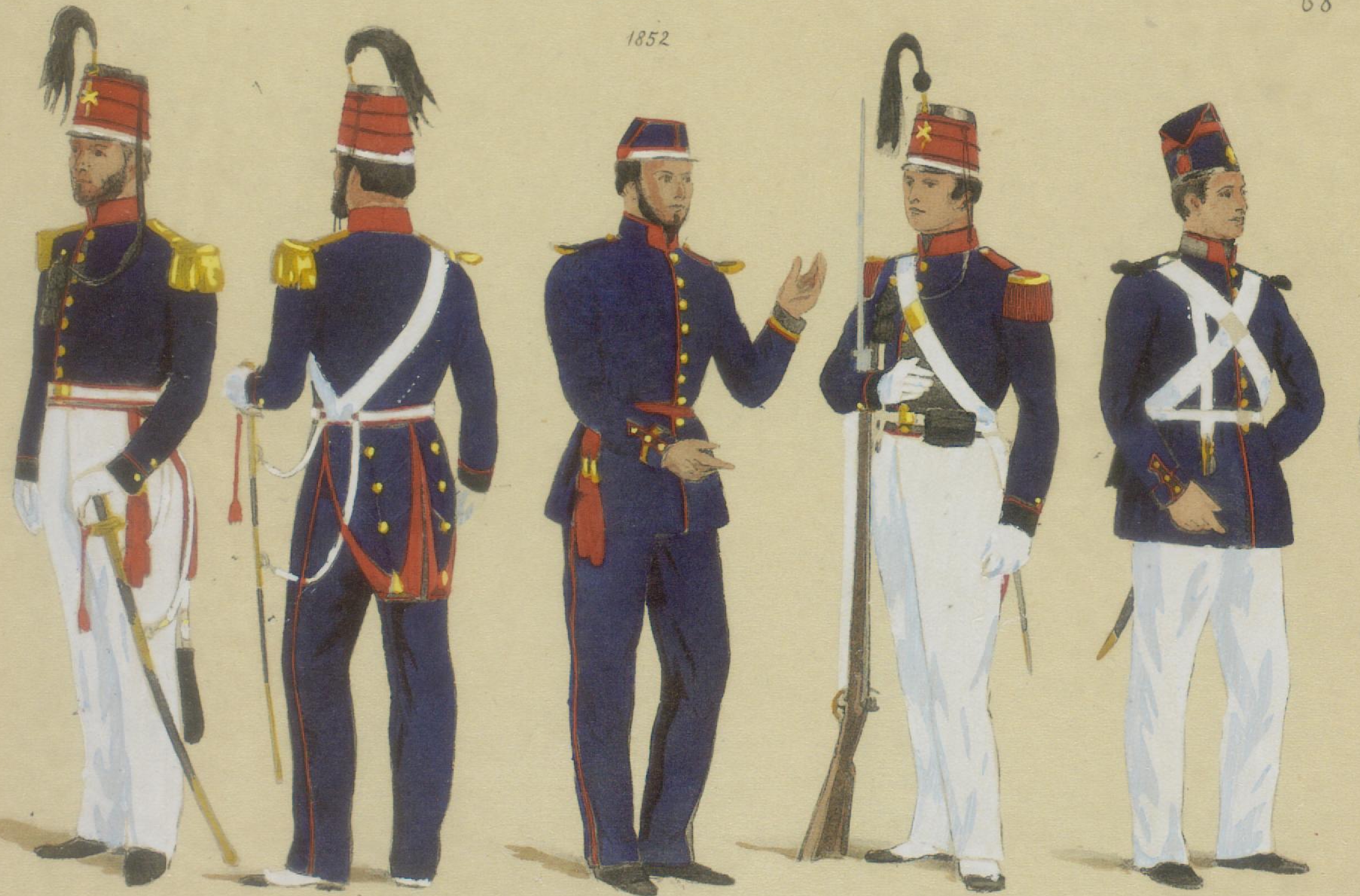
67



1º B. de Artilheria á pé

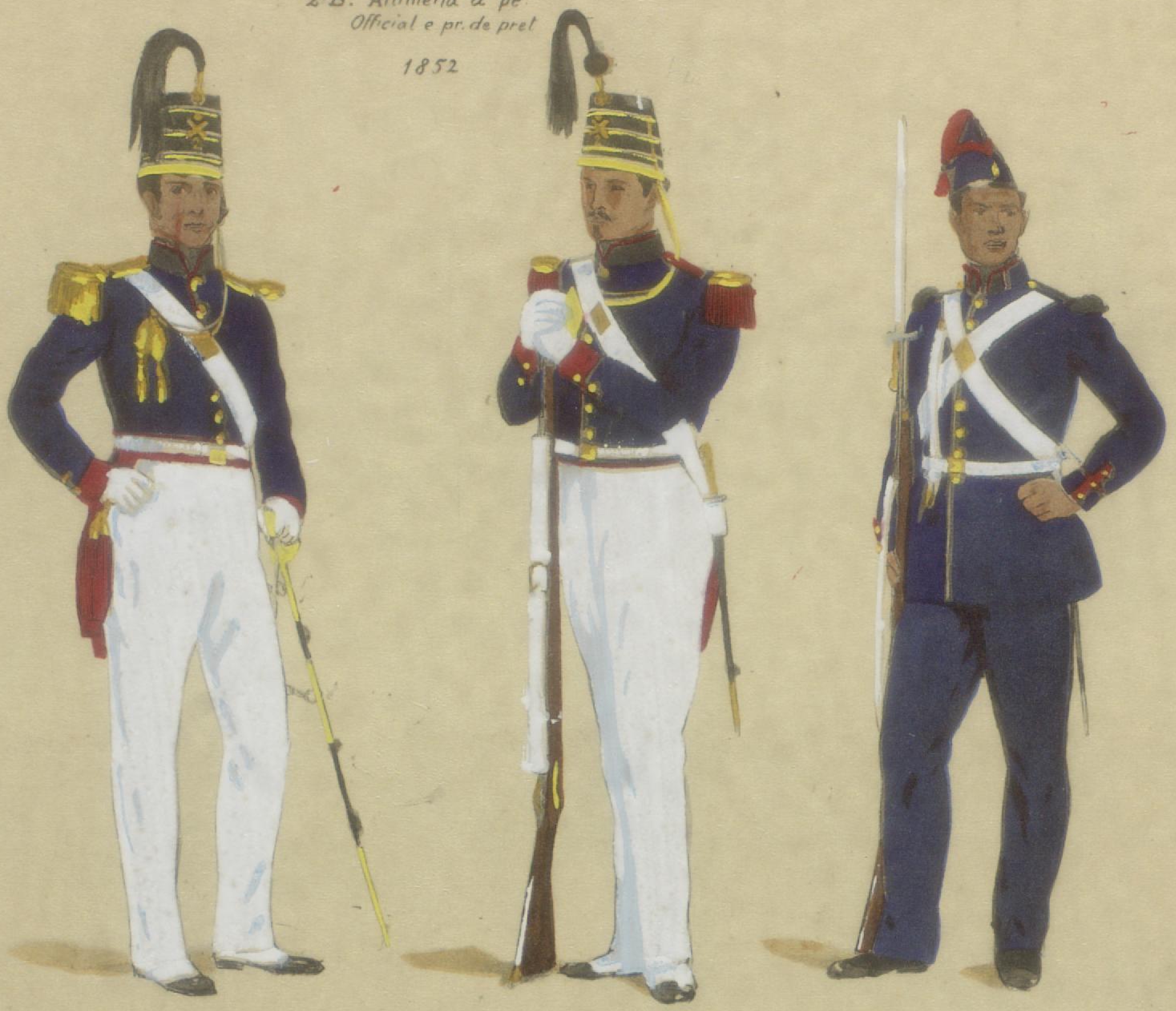
1852

68



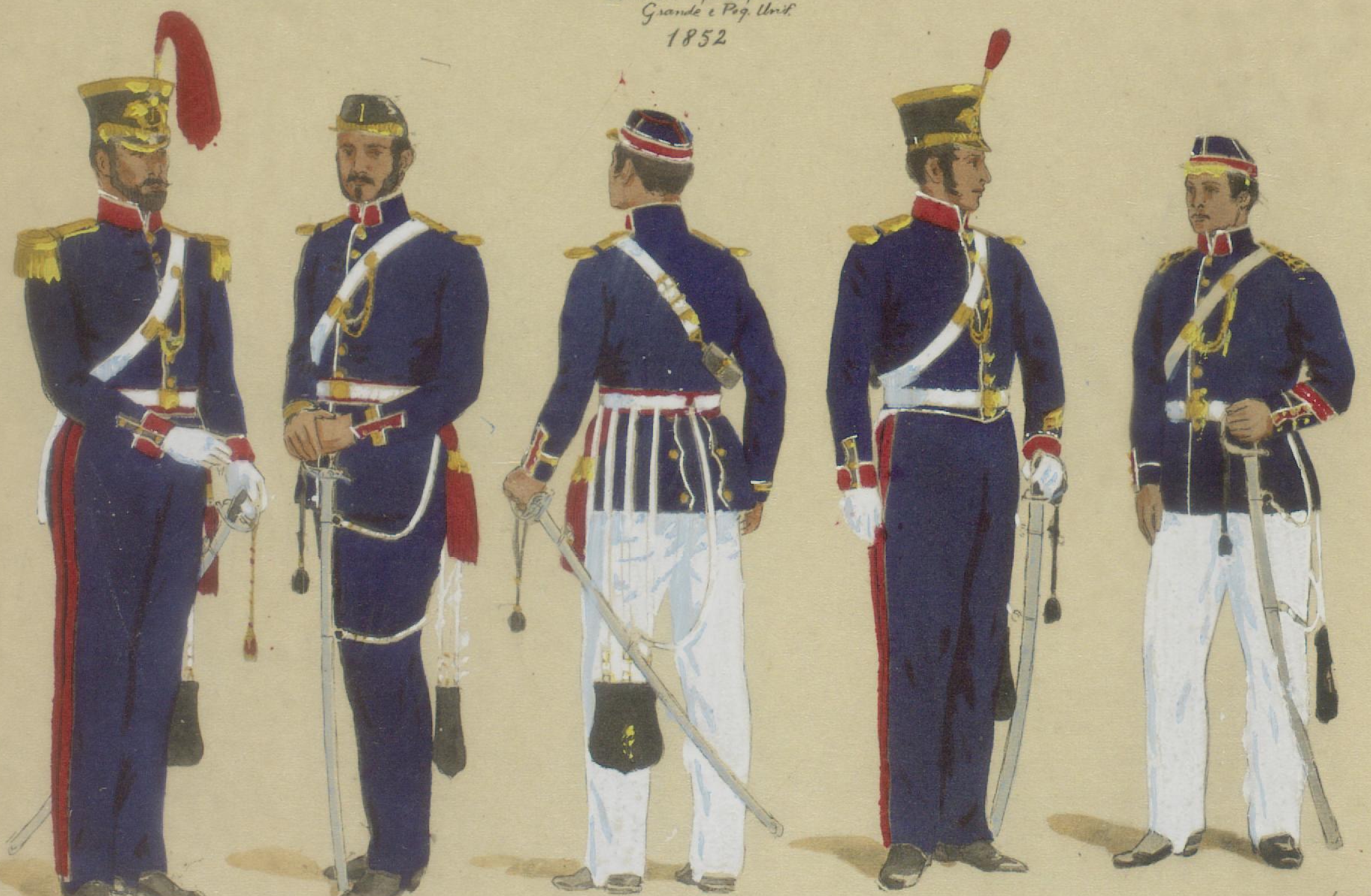
2.ª B. Artilheria a' pe
Official e pr. de pret
1852

69



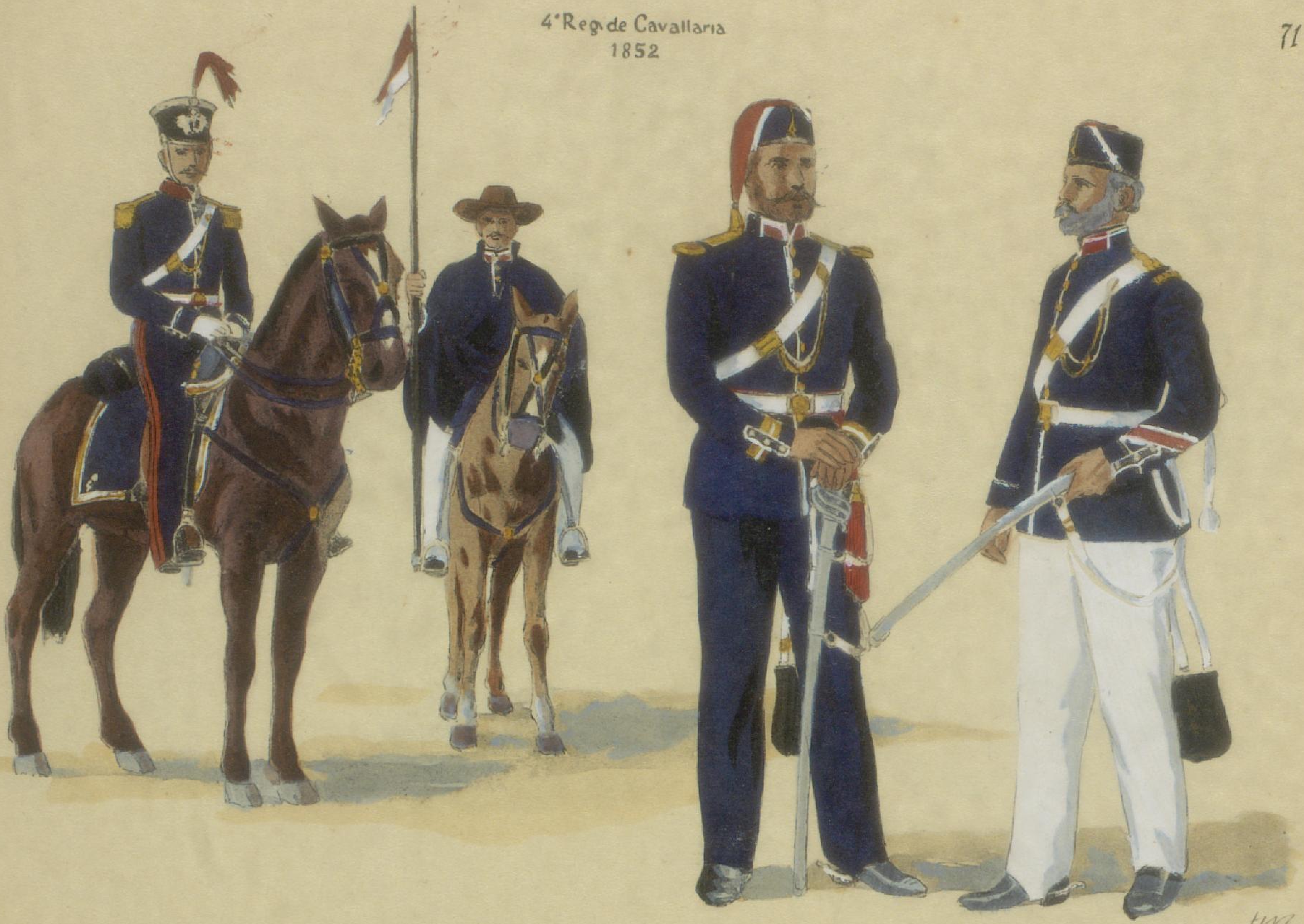
1.º Reg. de Cavallaria
Officiaes e p. de pret
Grande e Peq. Unif.
1852

70



4º Regº de Cavallaria
1852

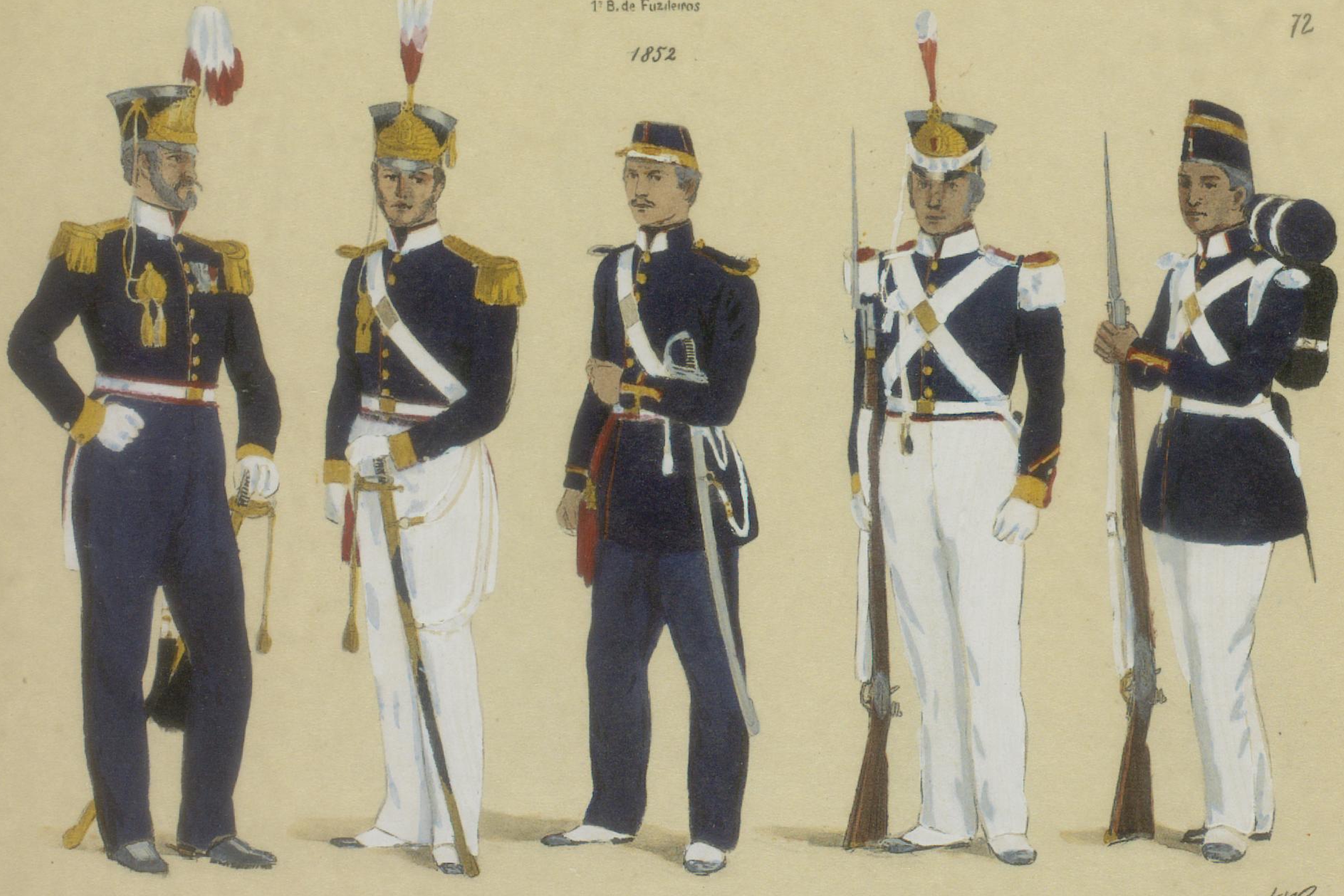
71



1º B. de Fuzileiros

1852

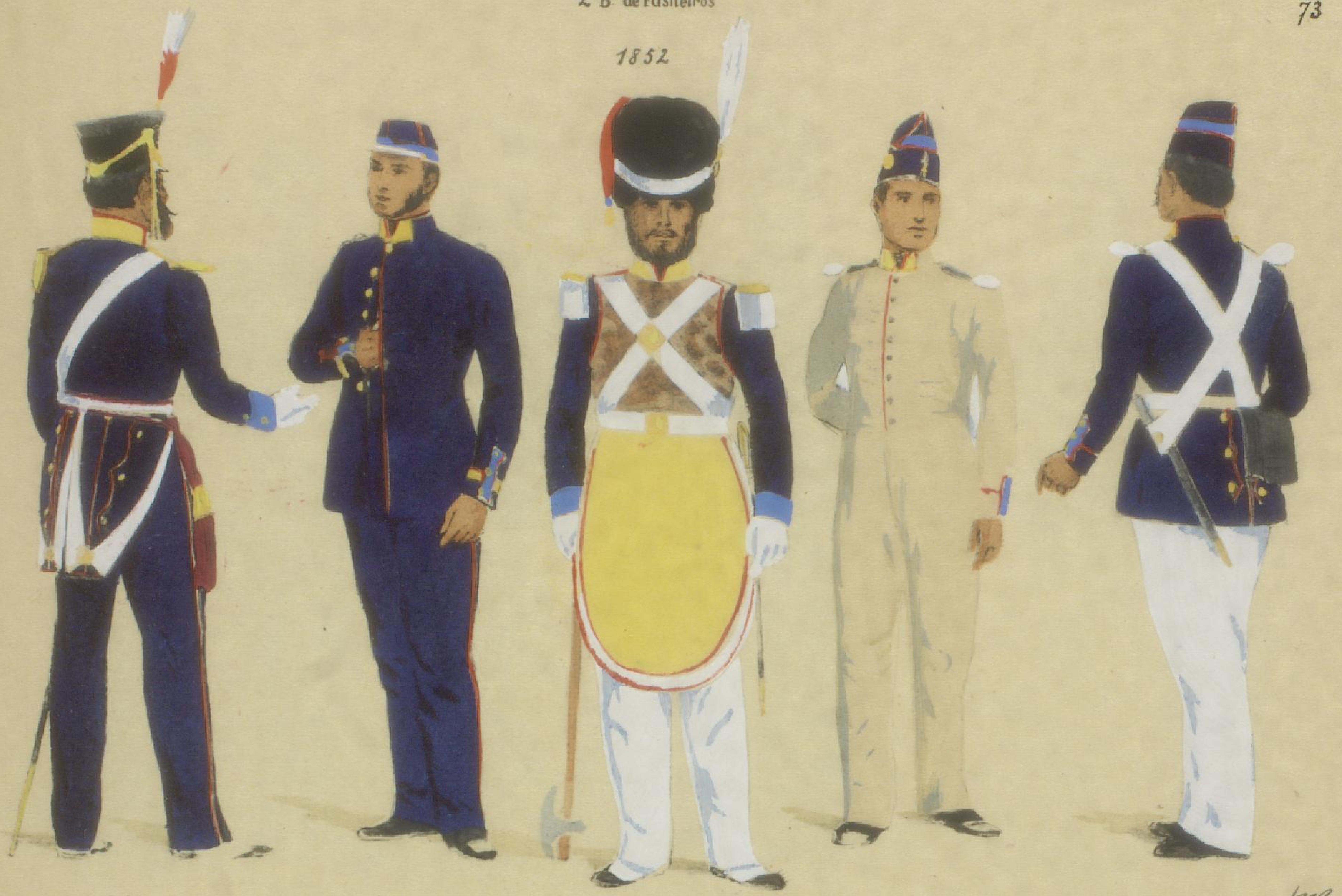
72



2º Bão de Fusileiros

1852

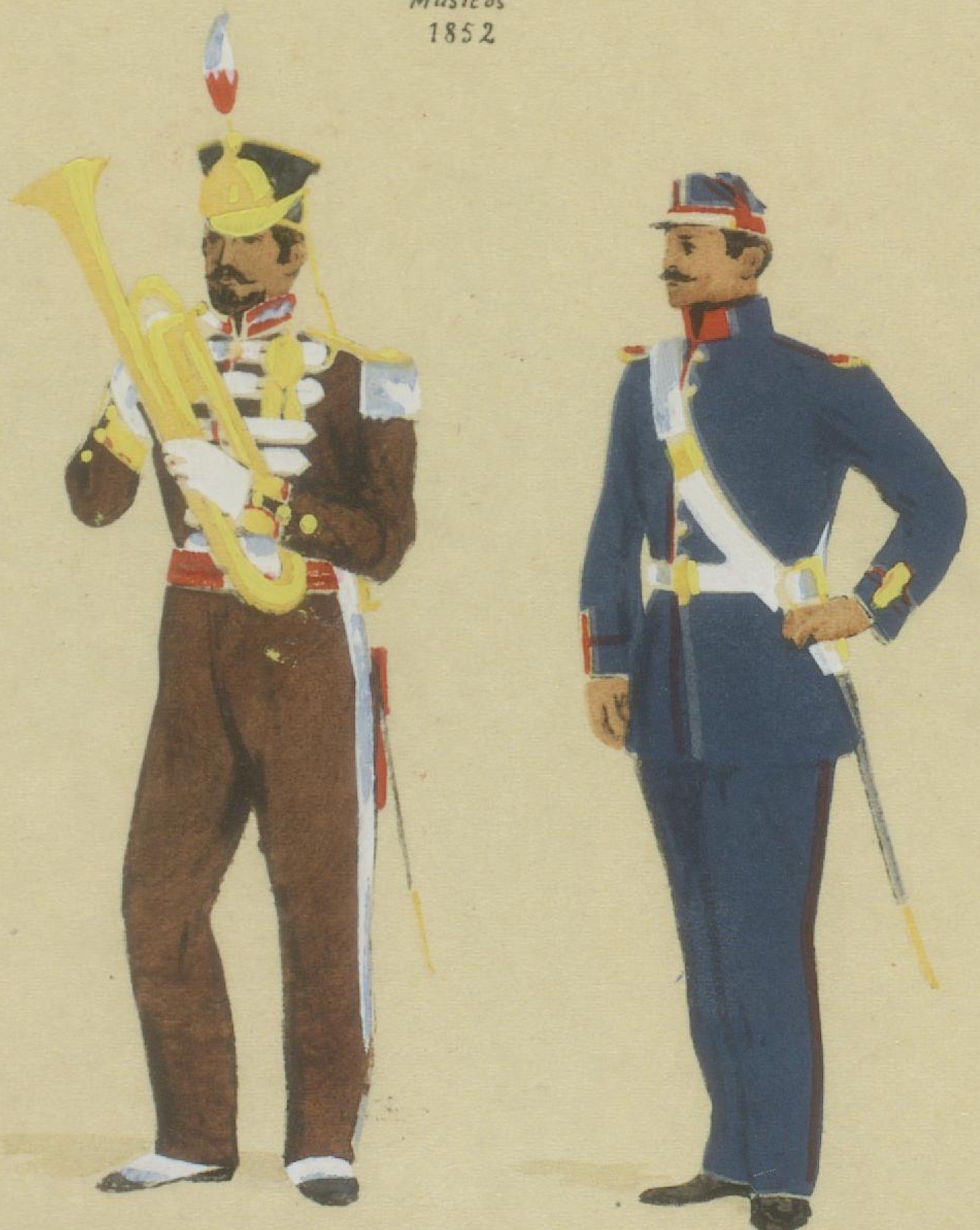
73



J.W.

3º Balão de Infanteria
Musicos
1852

74

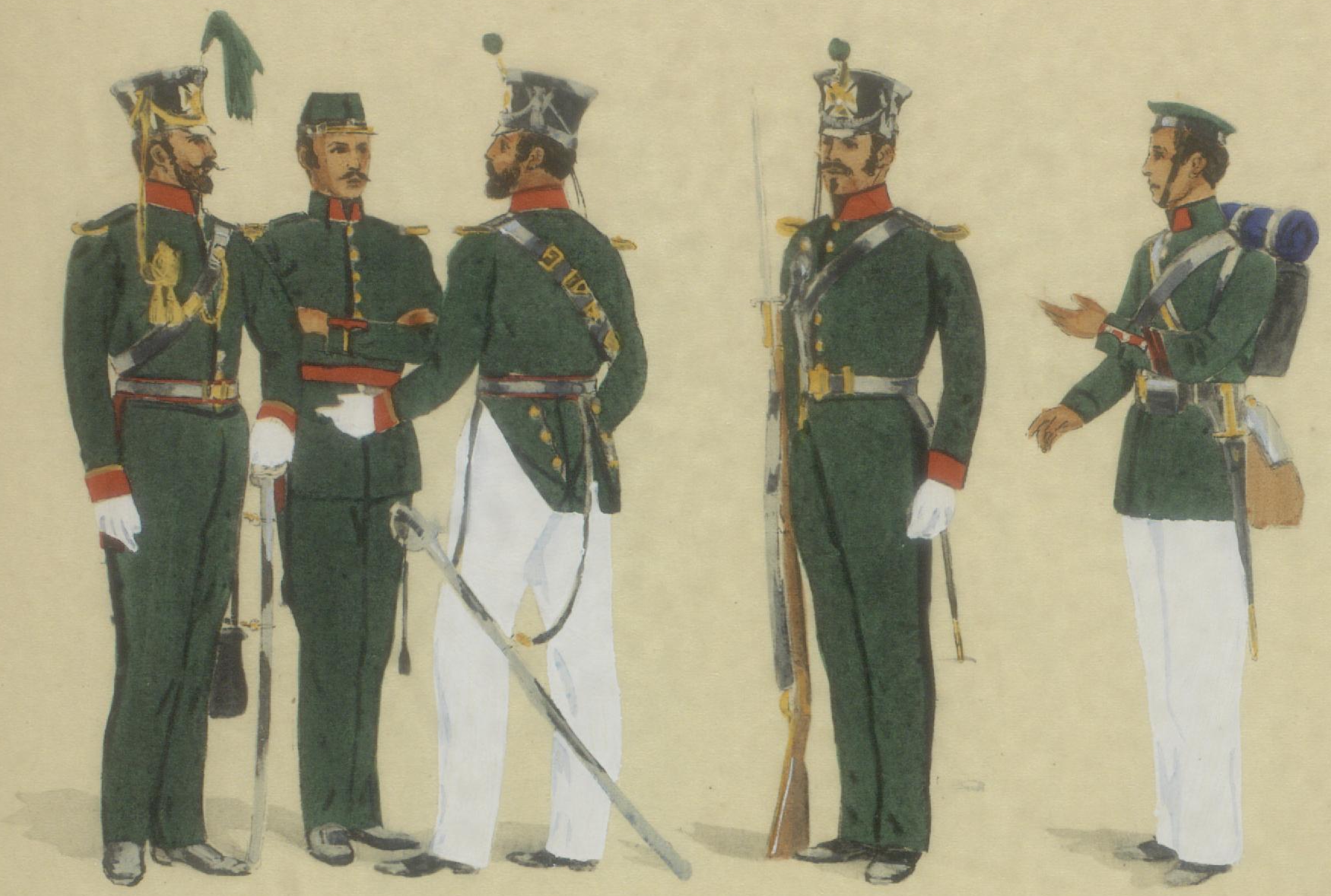


J.W.

Caçadores

1852

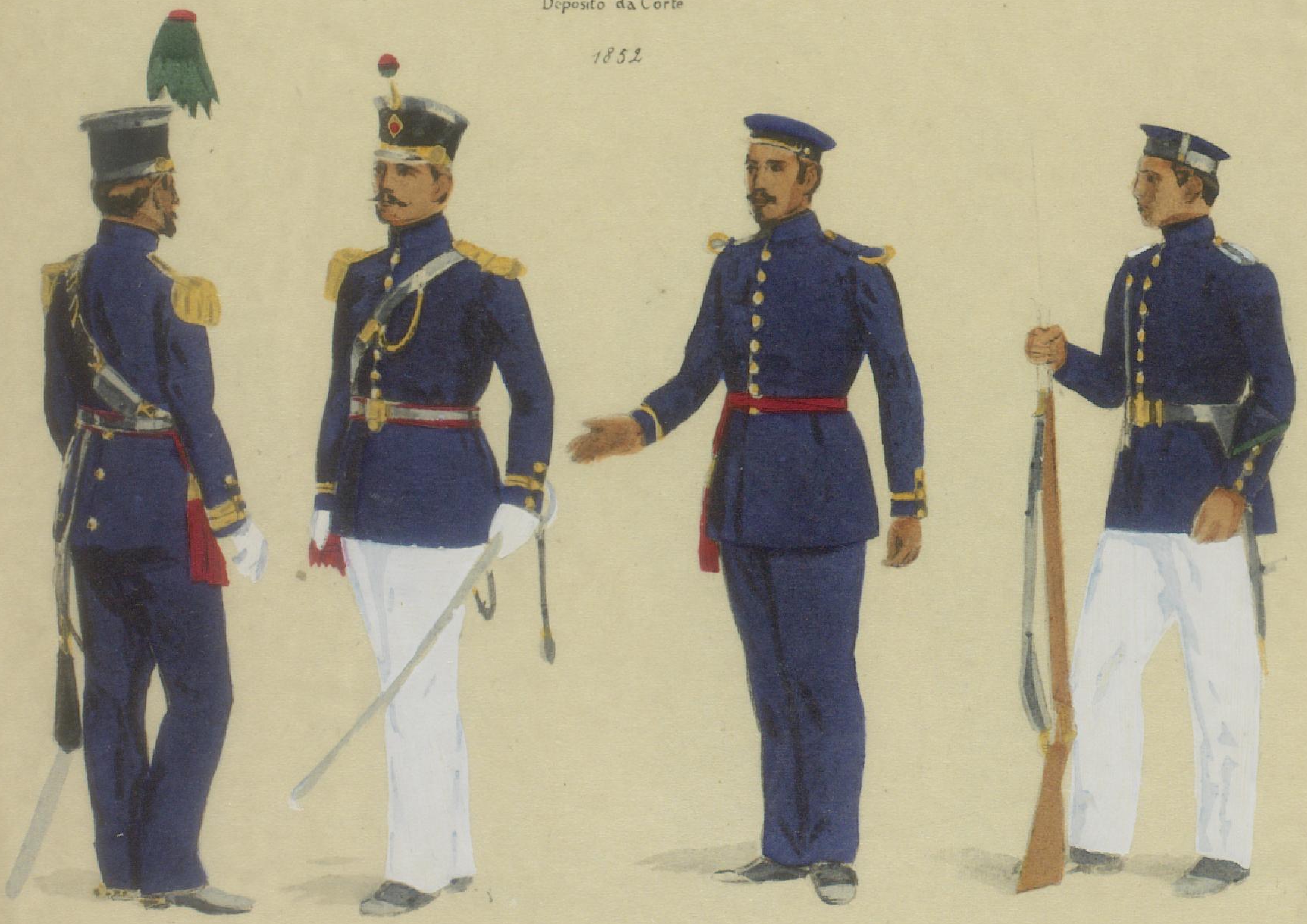
75



Deposito da Côrte

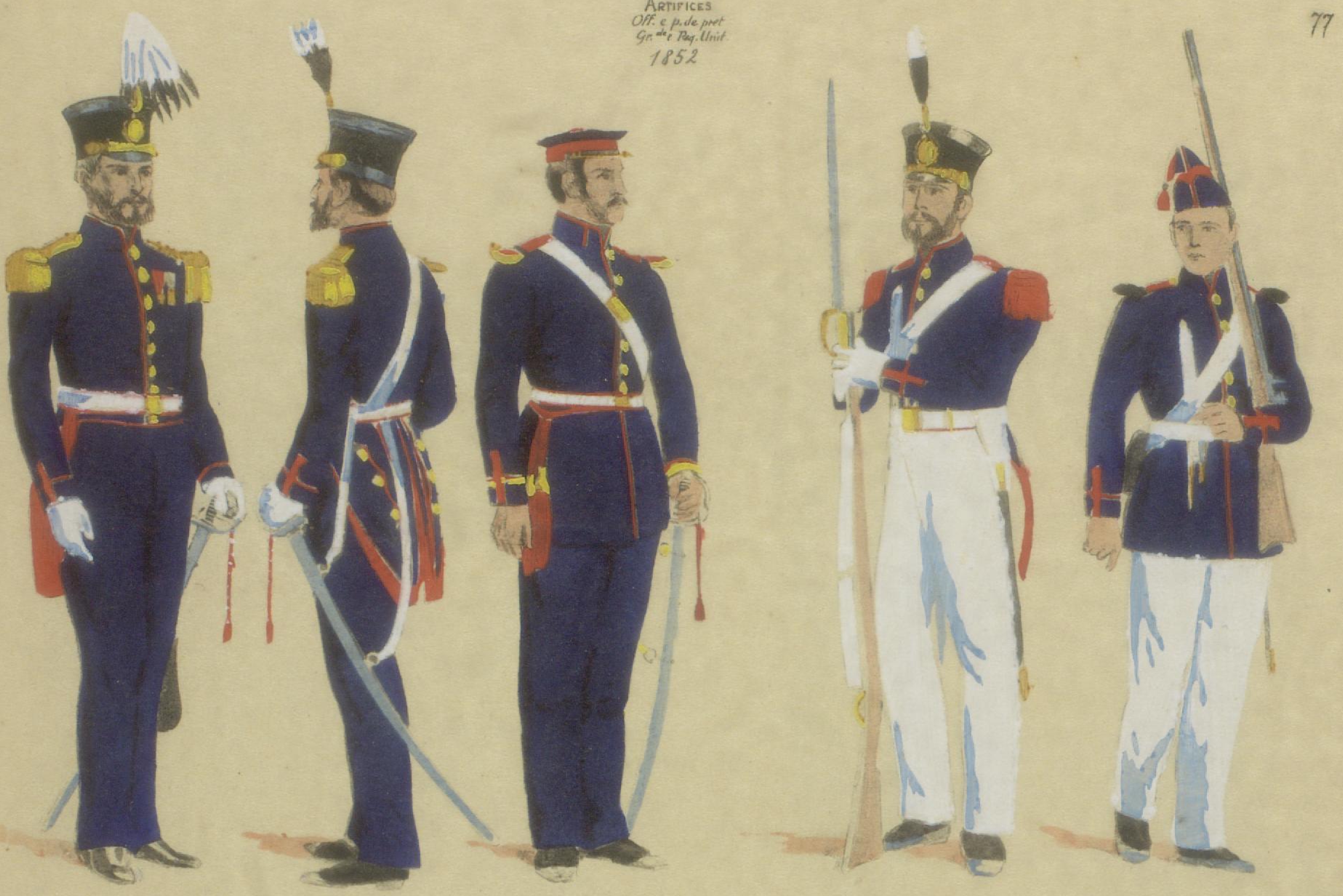
1852

76



ARTIFICES
Off. e p. de pret
Gr.^{de} e Peq. Unif.
1852

77

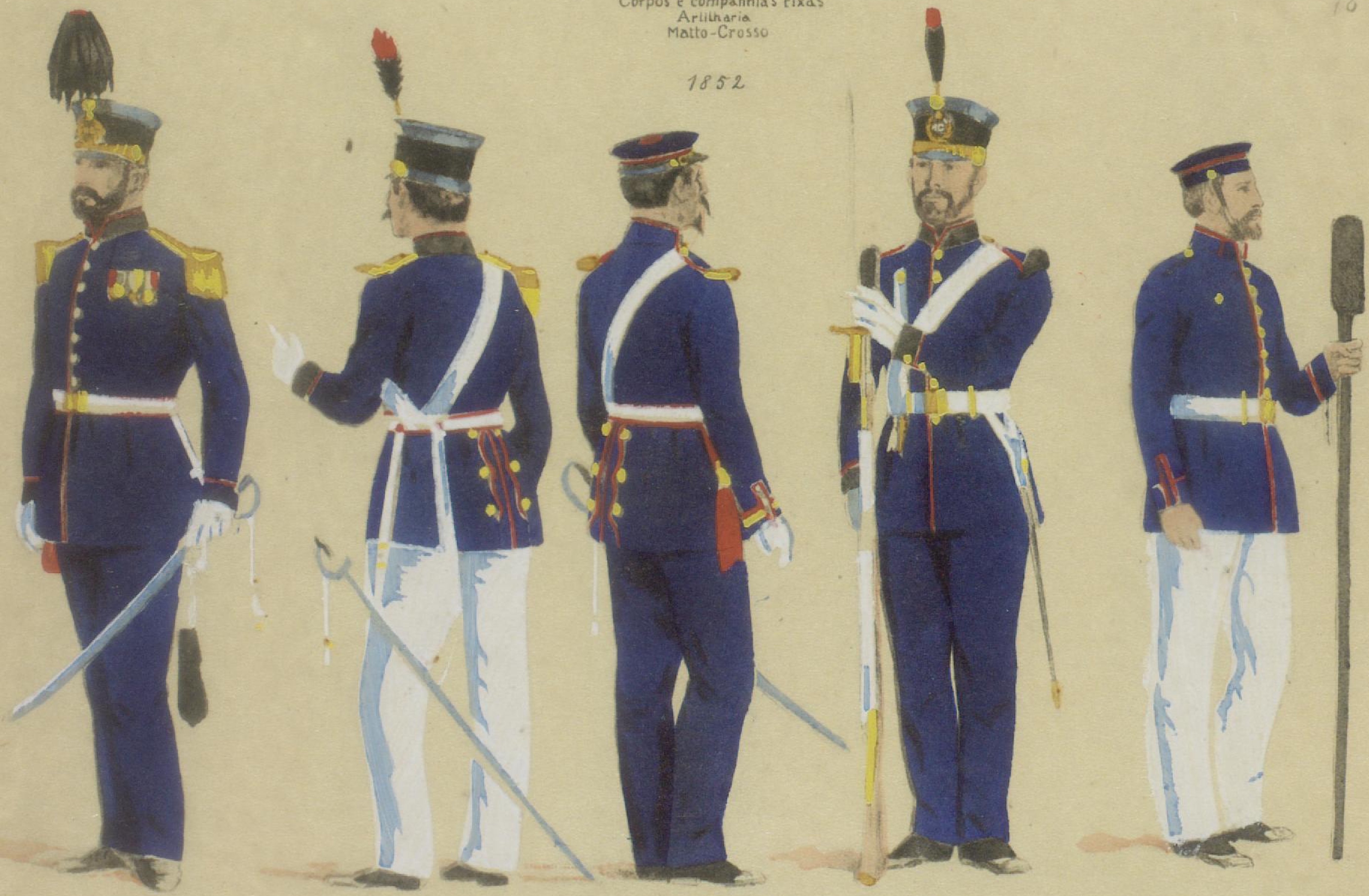


J.W.

Corpos e companhias Fixas
Artilharia
Matto-Grosso

1852

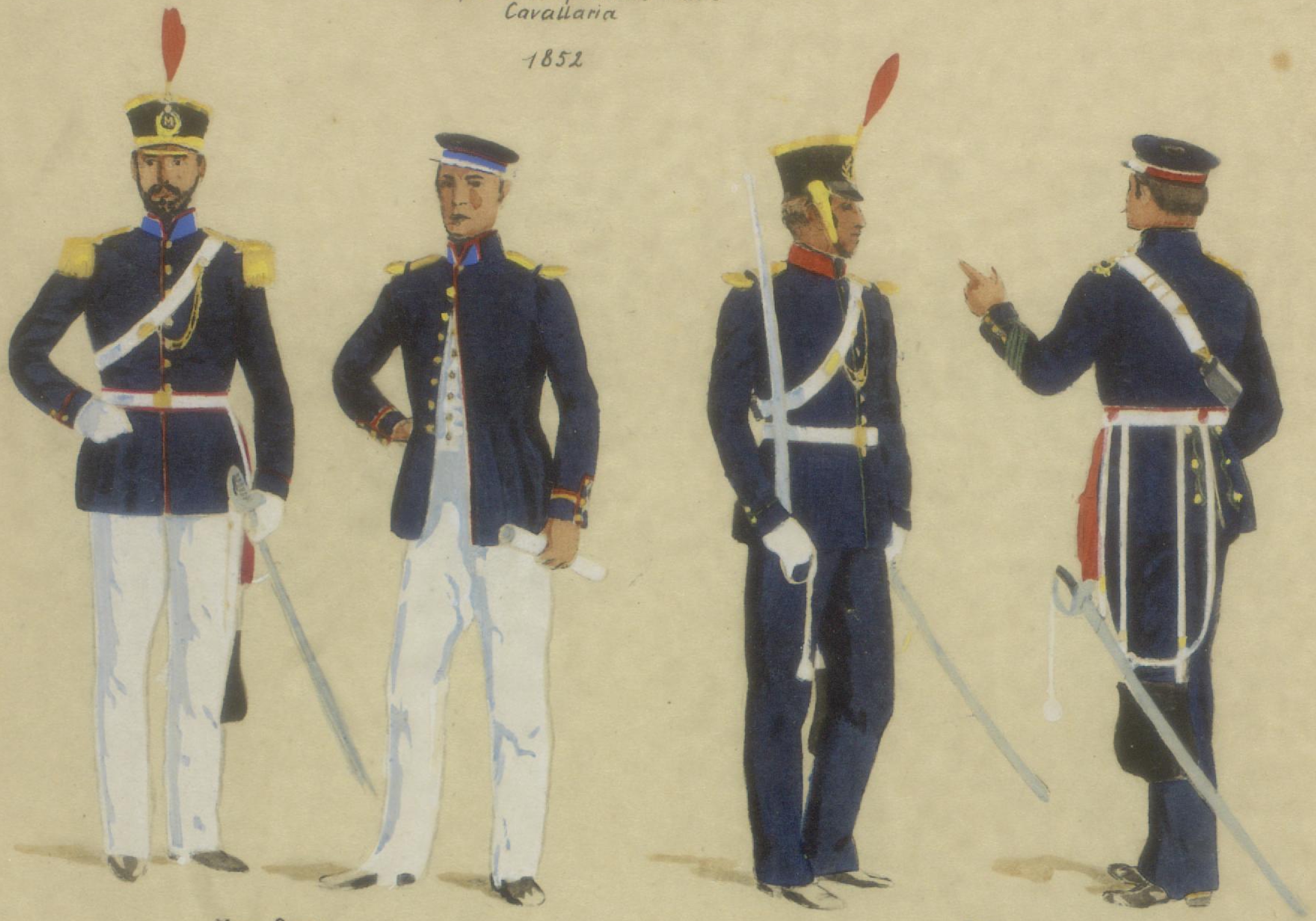
78



J.W.

Corpos e Companhias Fixas
Cavallaria
1852

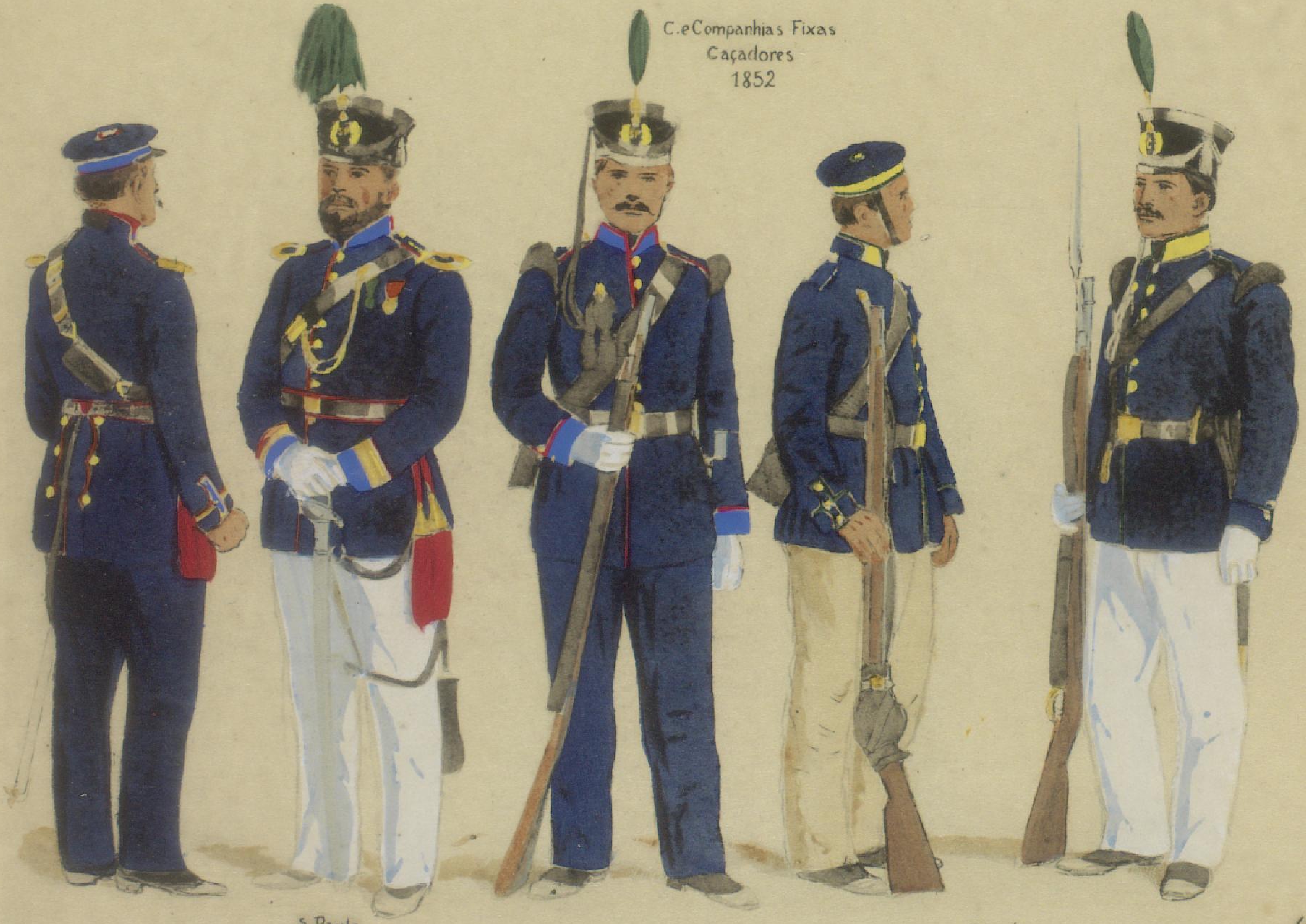
79



Minas-Geraes
Bahia

C. e Companhias Fixas
Caçadores
1852

80



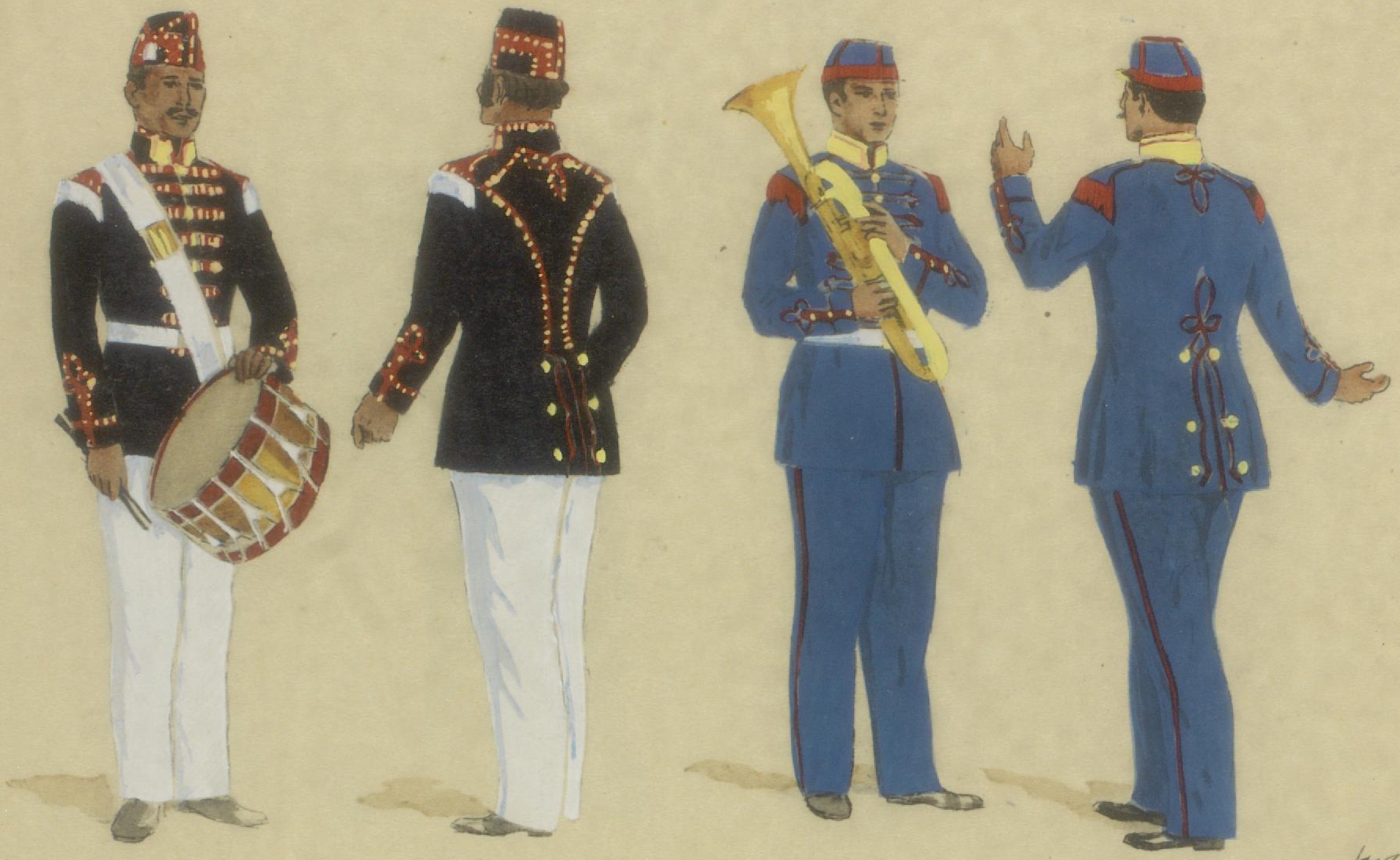
S. Paulo
Ceará

6° Batalhão de Infanteria
Pequeno Uniforme
1854

81

Tambores

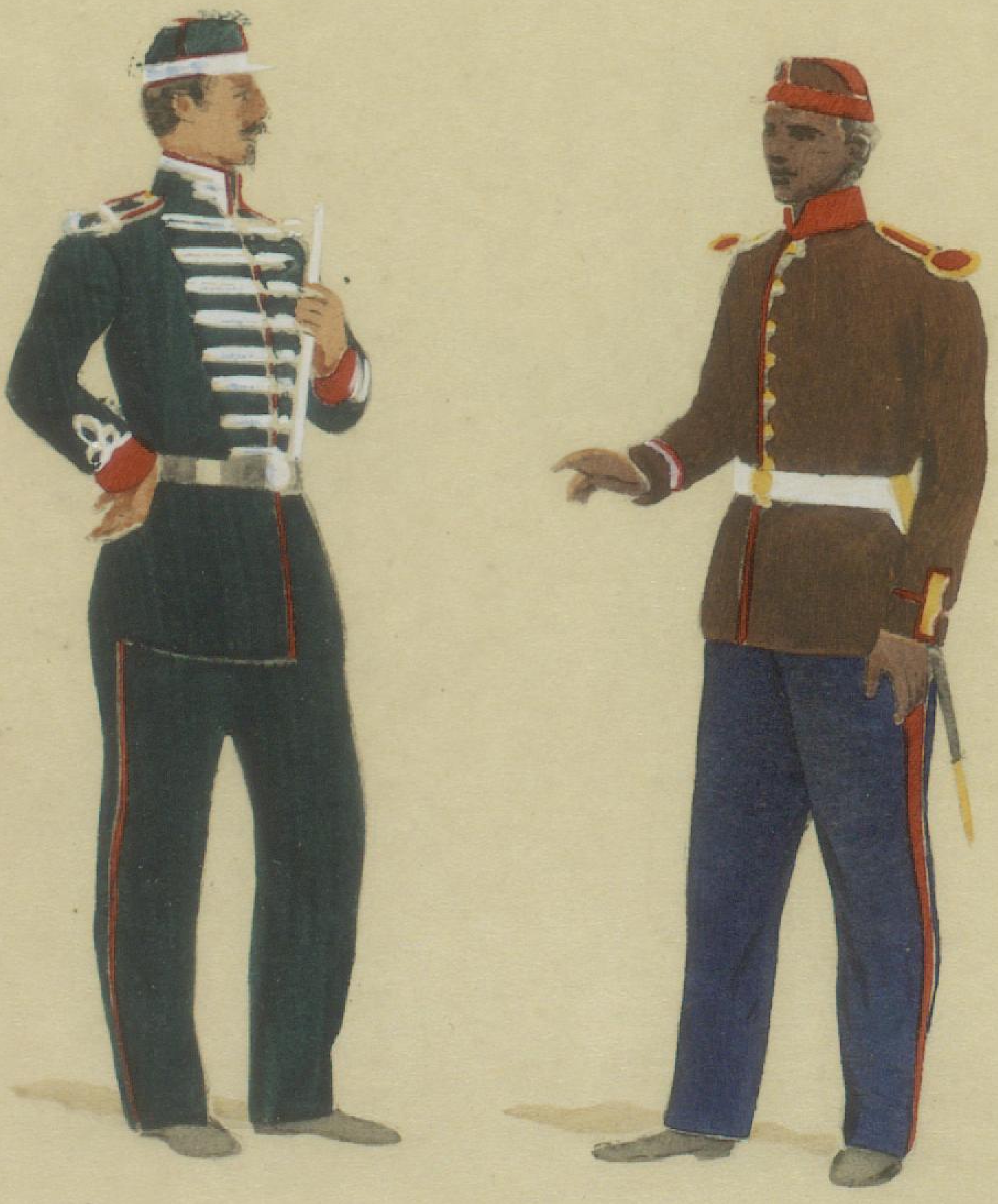
Musicos



J.W.

10° Batalhão de Infanteria
Musicos
1854

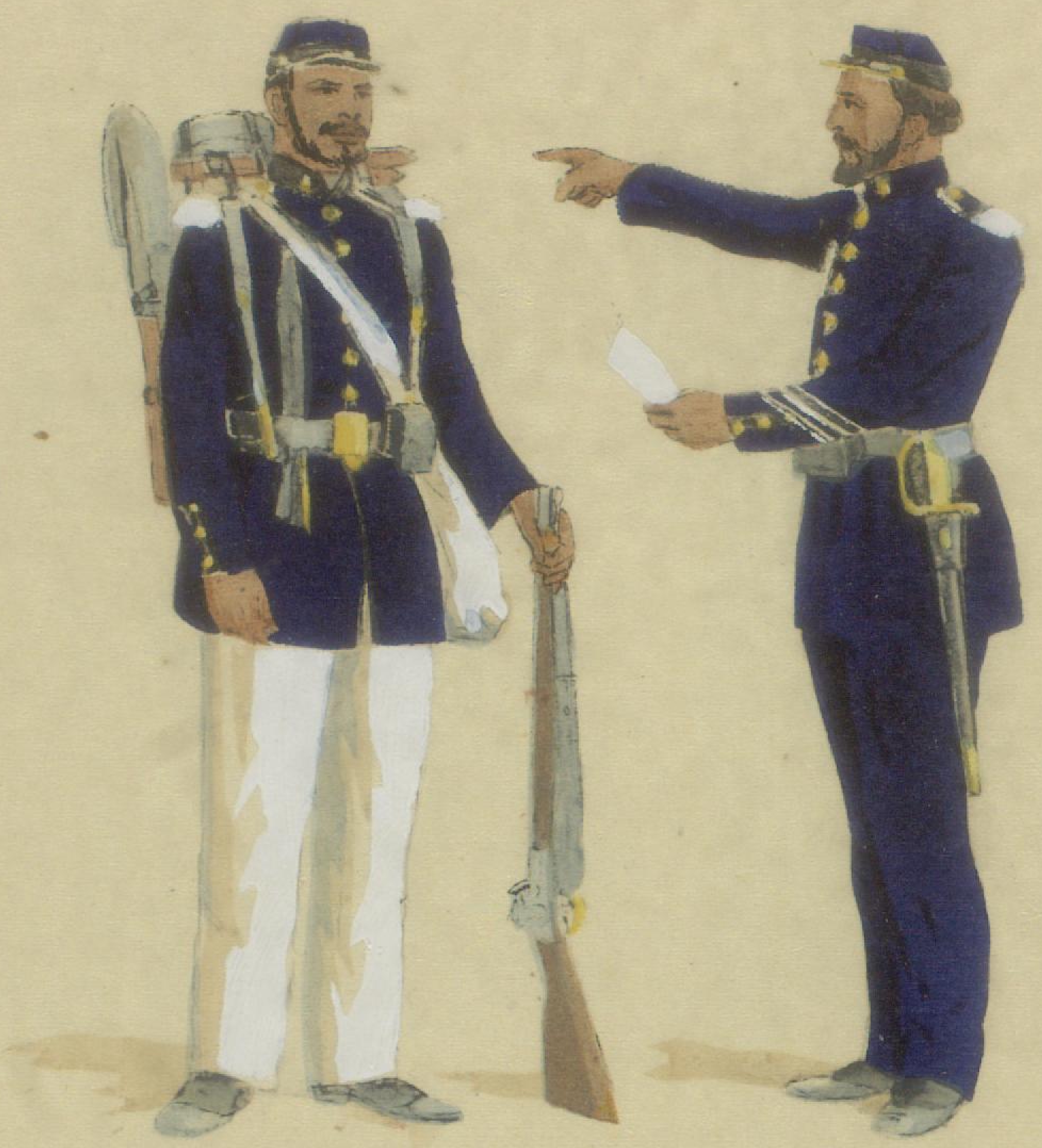
82



J.W.

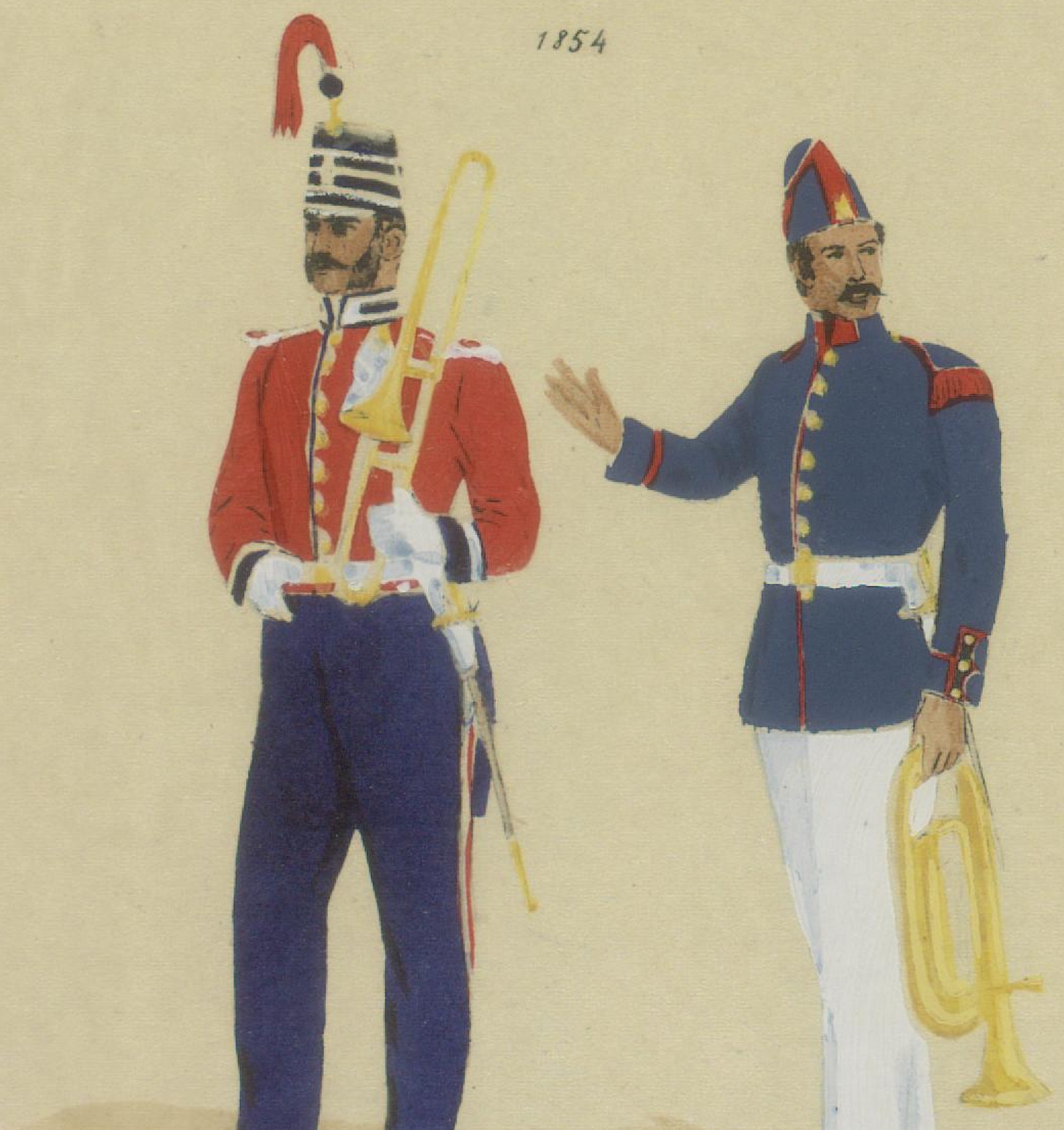
Batalhão de Engenheiros
1855

83



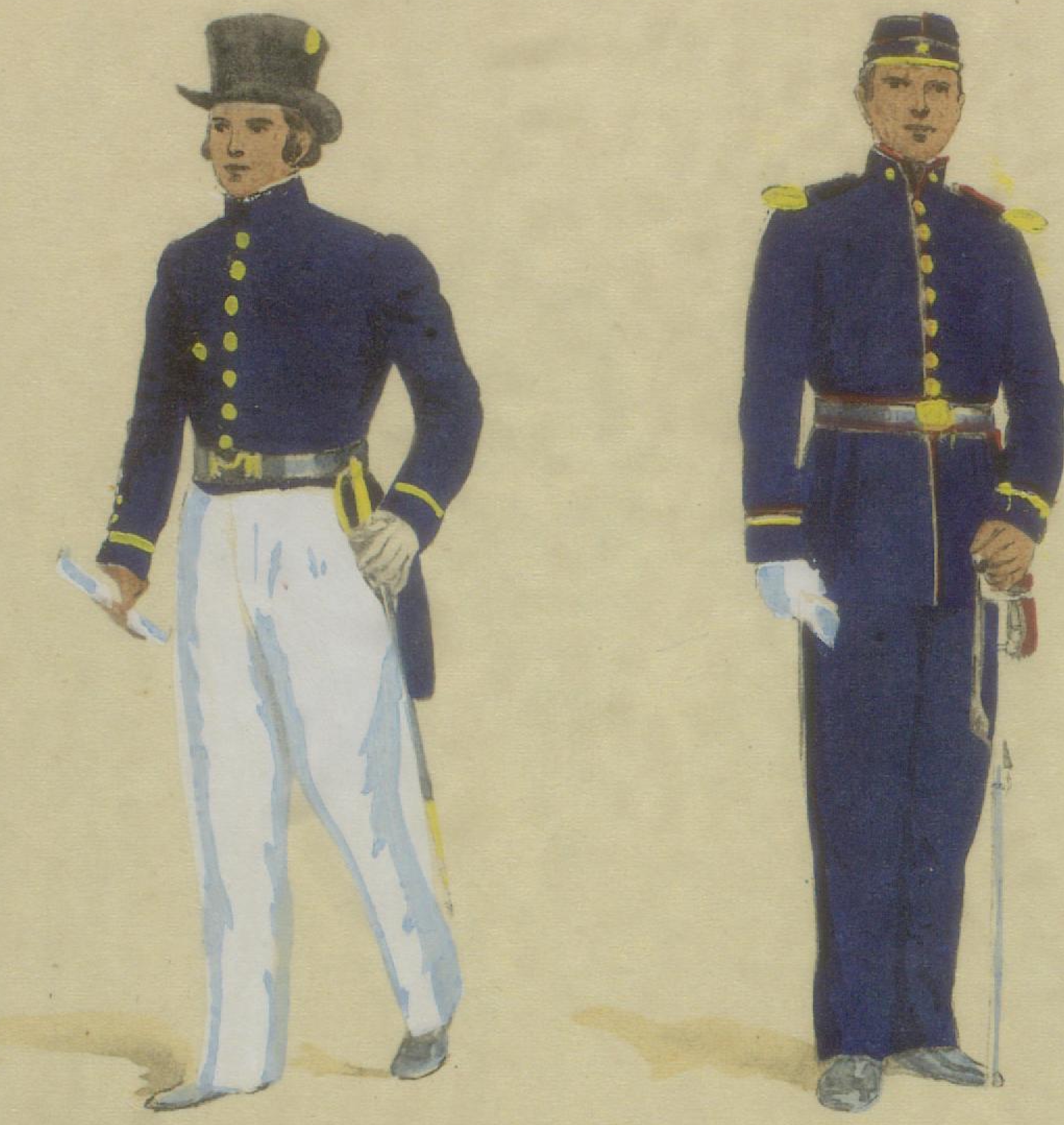
1° Artilharia a pé
Musicos
1854

84



Escola Militar
alferes-alumno

85

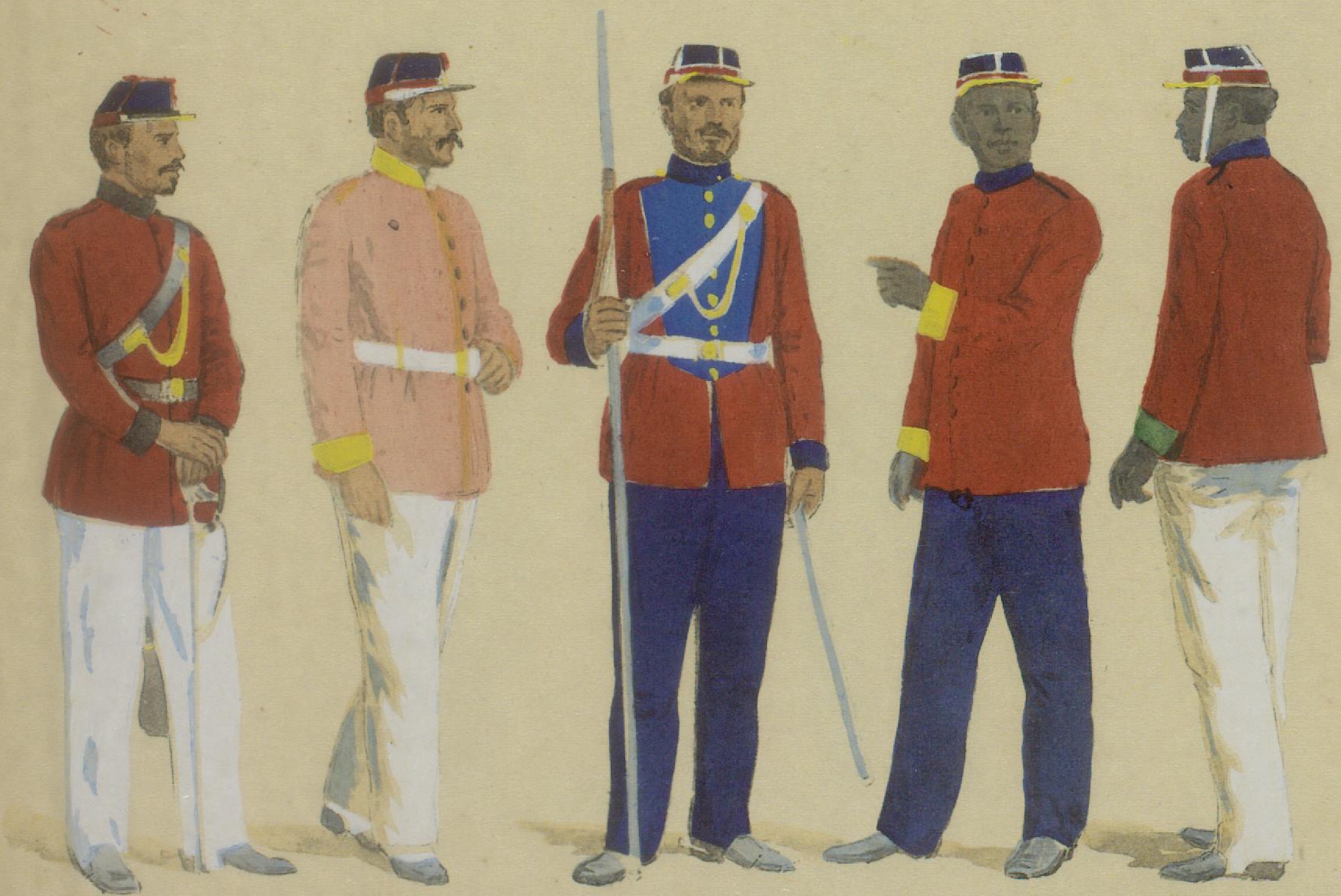


1834

1856

R. G. do Sul.
1857

86



Reg. de Artilh. à cavallo

3° Bat. de Fuzileiros

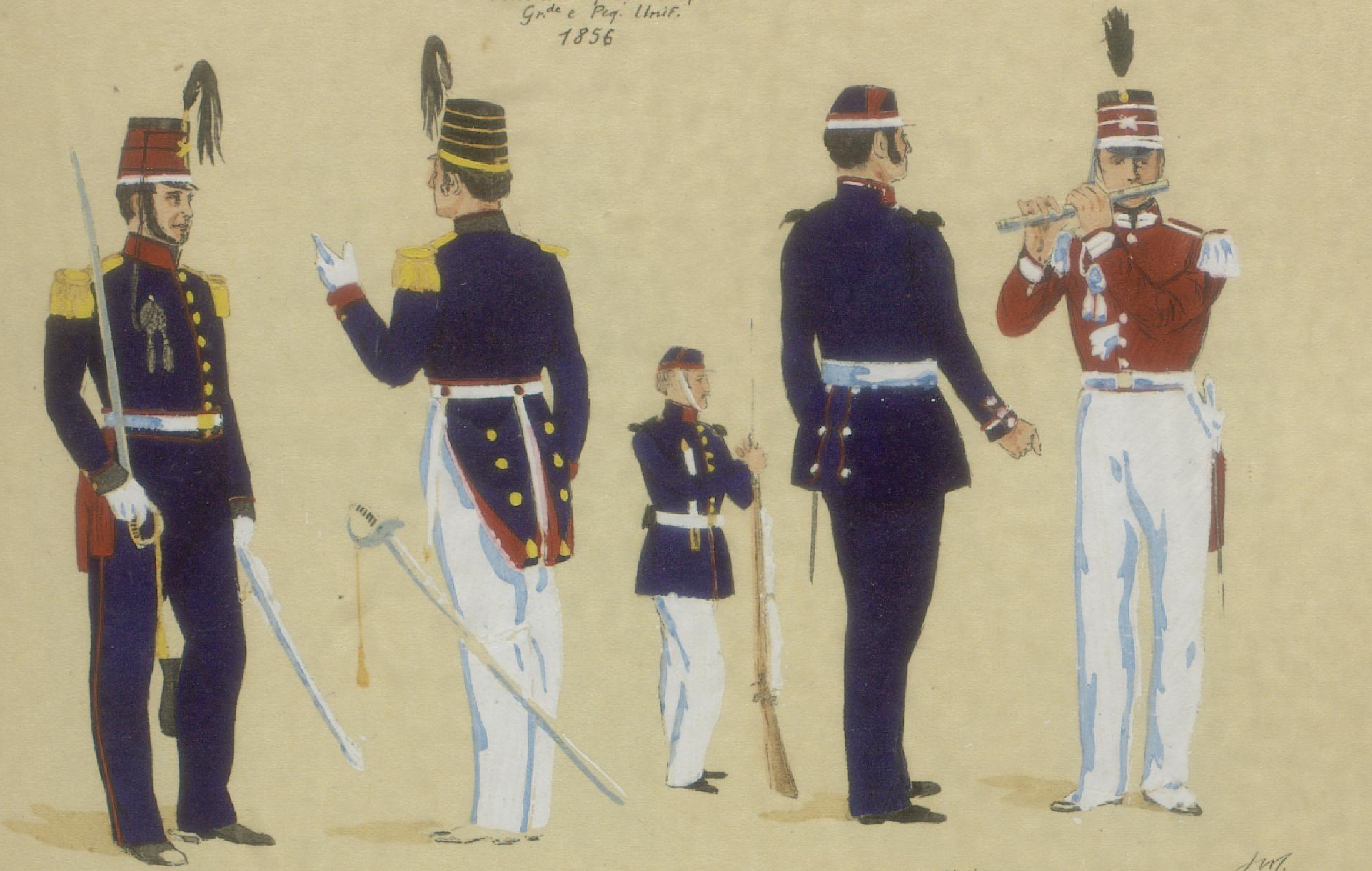
Piquete do Gen. Presidente

4° Reg. de Cavall.

5° Reg. de Cavall.

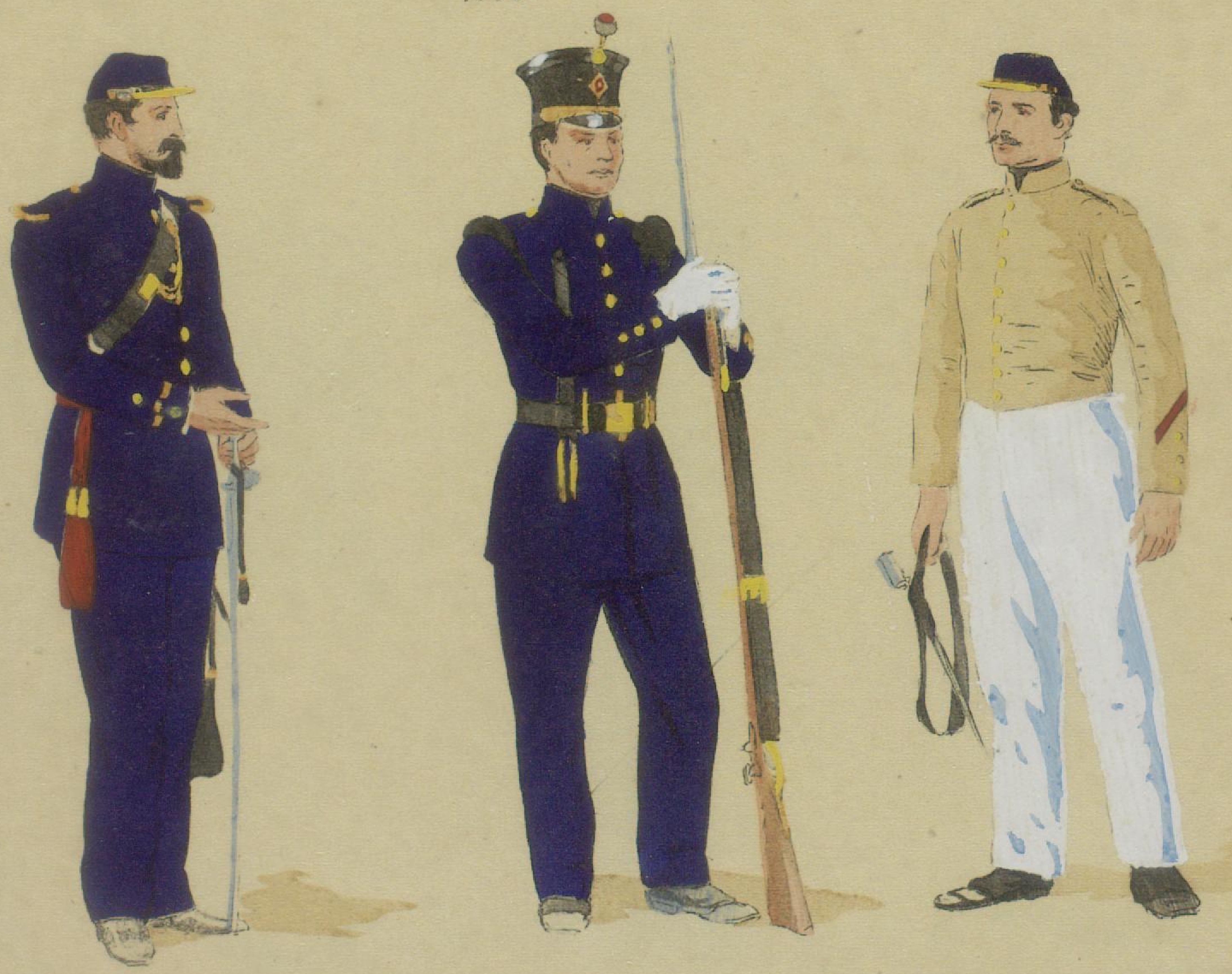
87

1º e 2º B. de Artilheria a pé
Officiaes e praças de pret
Gr.de e Peq. Unif.
1856



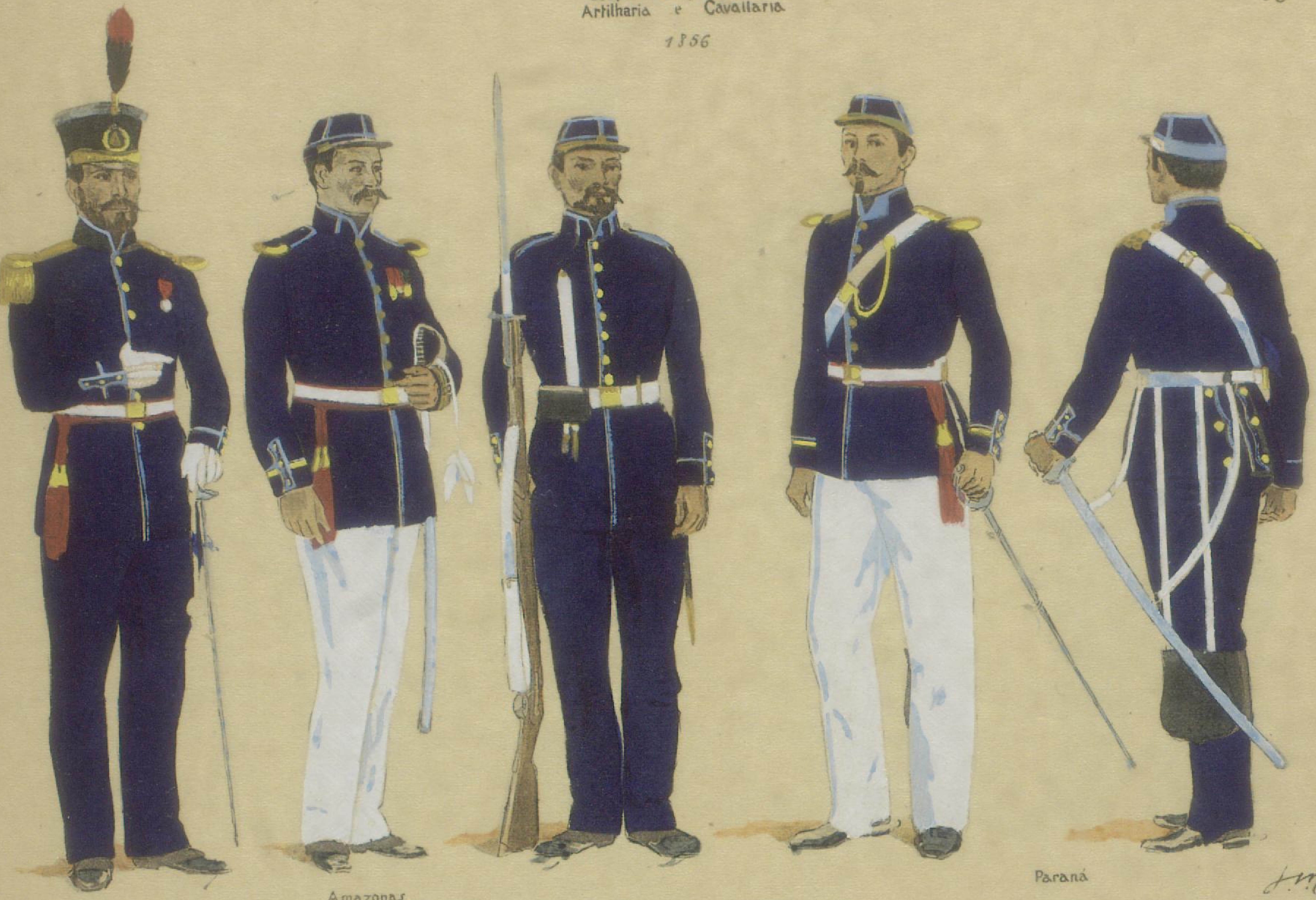
88

Deposito da Côrte
Off. e p. de pret.
Gr.de e Peq. Unif.
1856



Corpos e Companhias Fixas
Artilharia e Cavallaria
1856

89

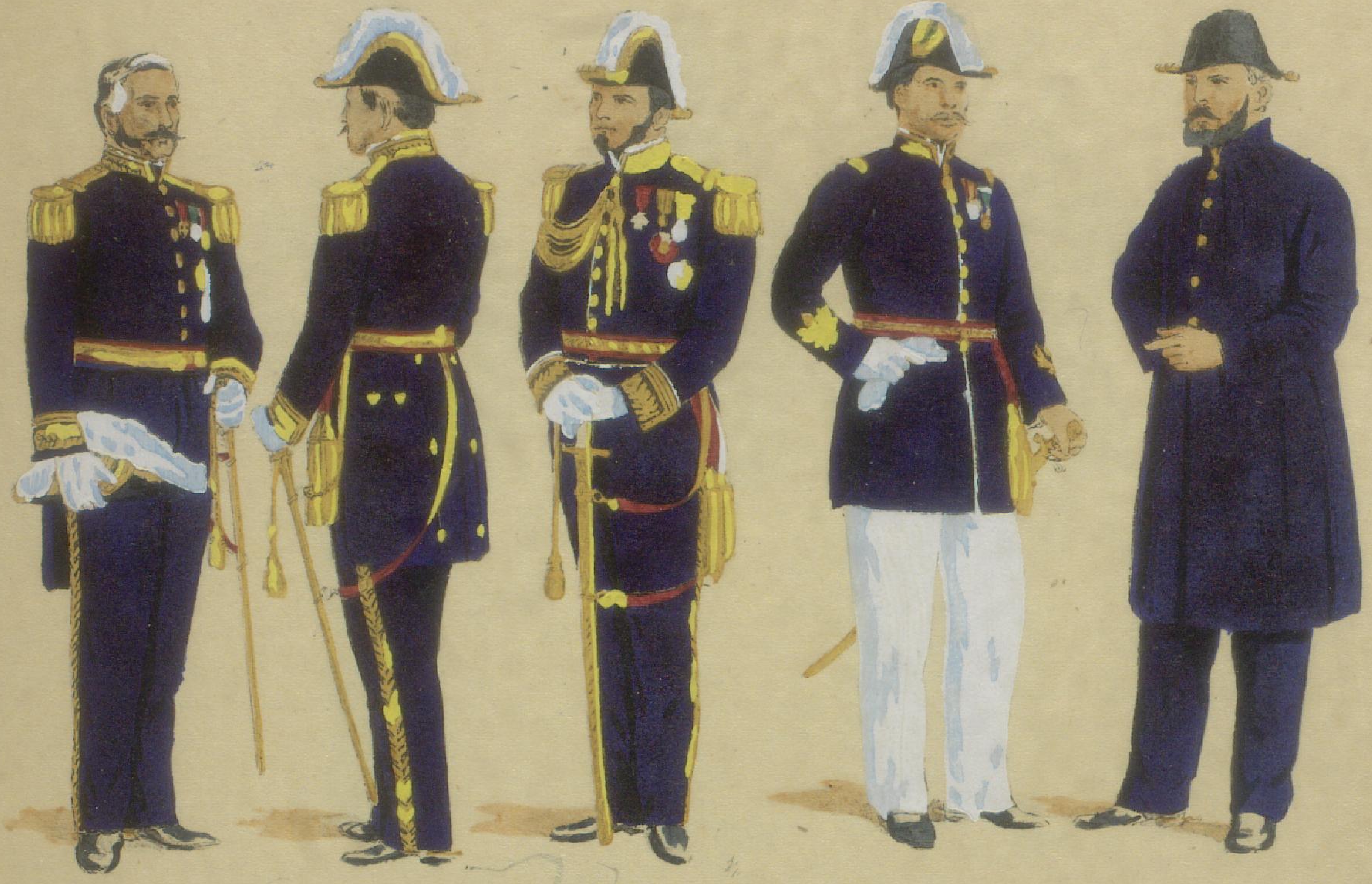

Amazonas
Paraná

8º de Cacadores
1856

90

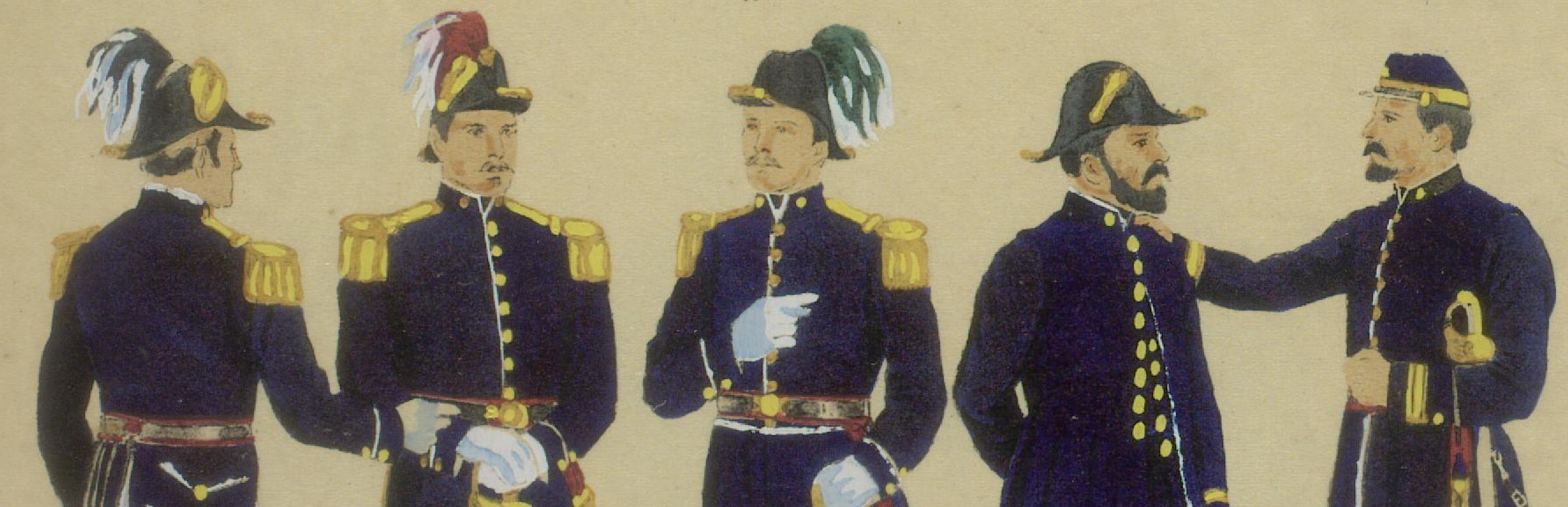
91

E.M. General
1858



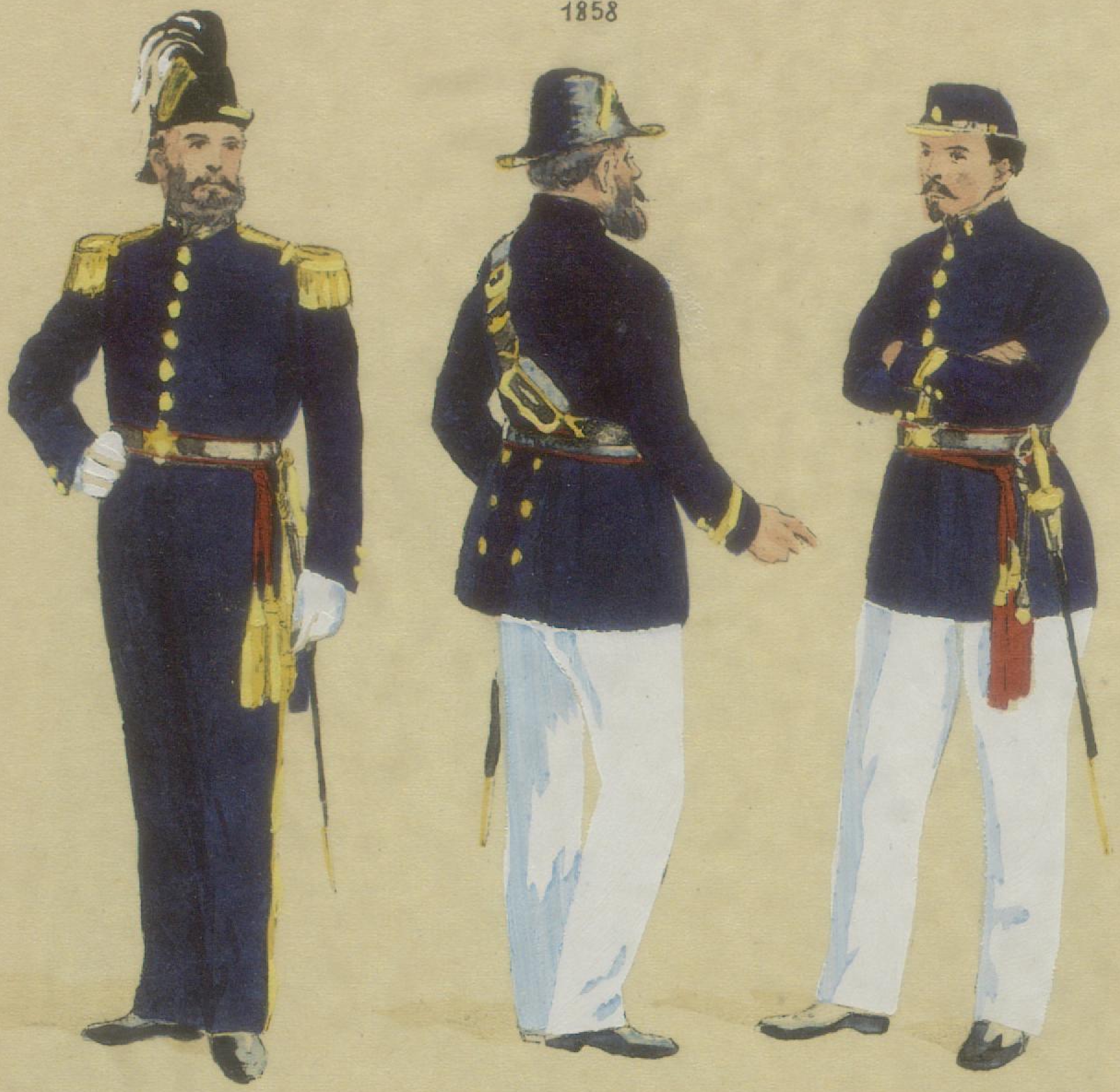
92

Corpo de Engenheiros e E. Maior do Exercito
1858



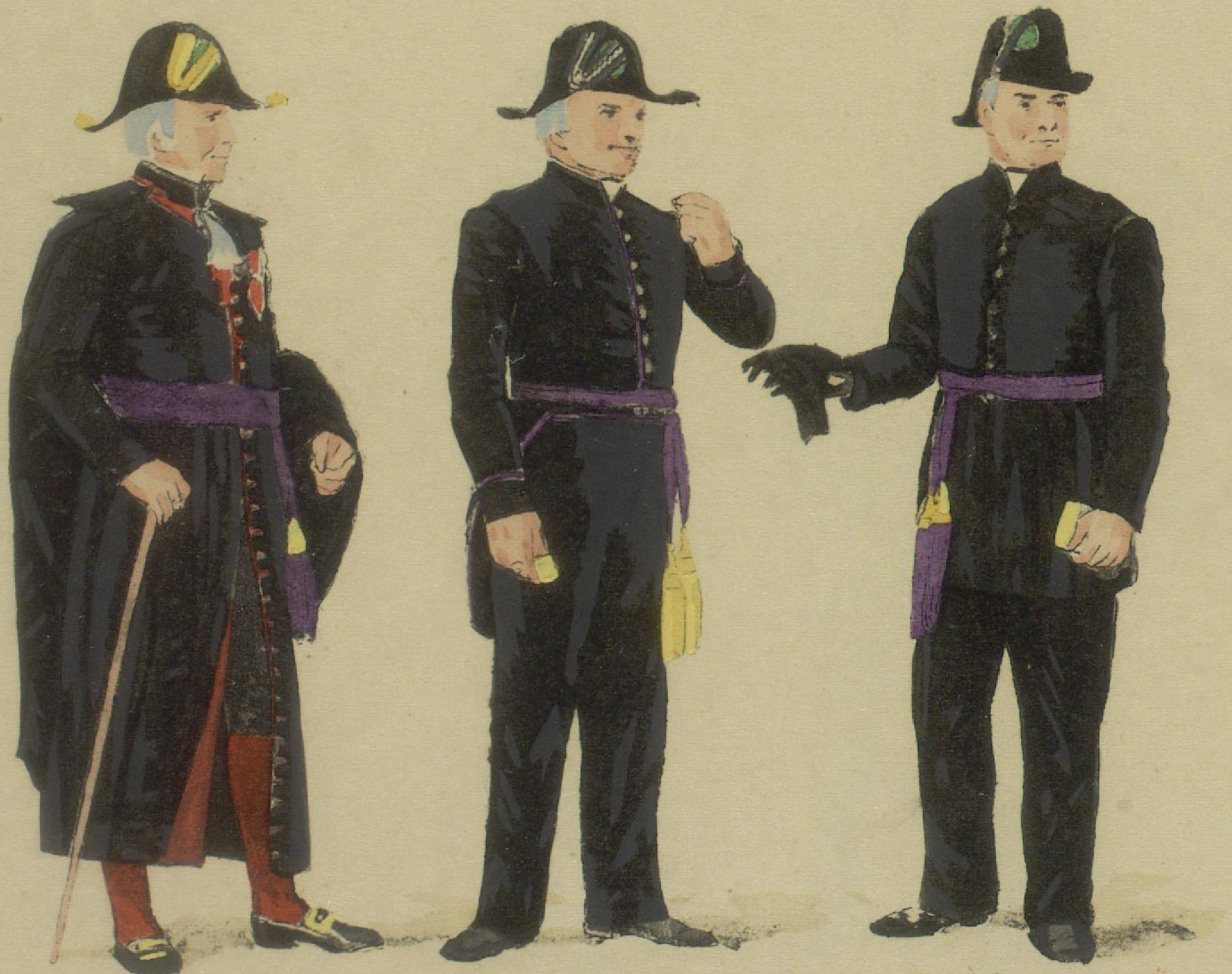
Corpo de Saúde
Medicos e Pharmaceuticos
1858

93



C. Especiaes
Capellães
1825-1858

94



Capellão-Mor do Exer.
1825

Grde Unif.

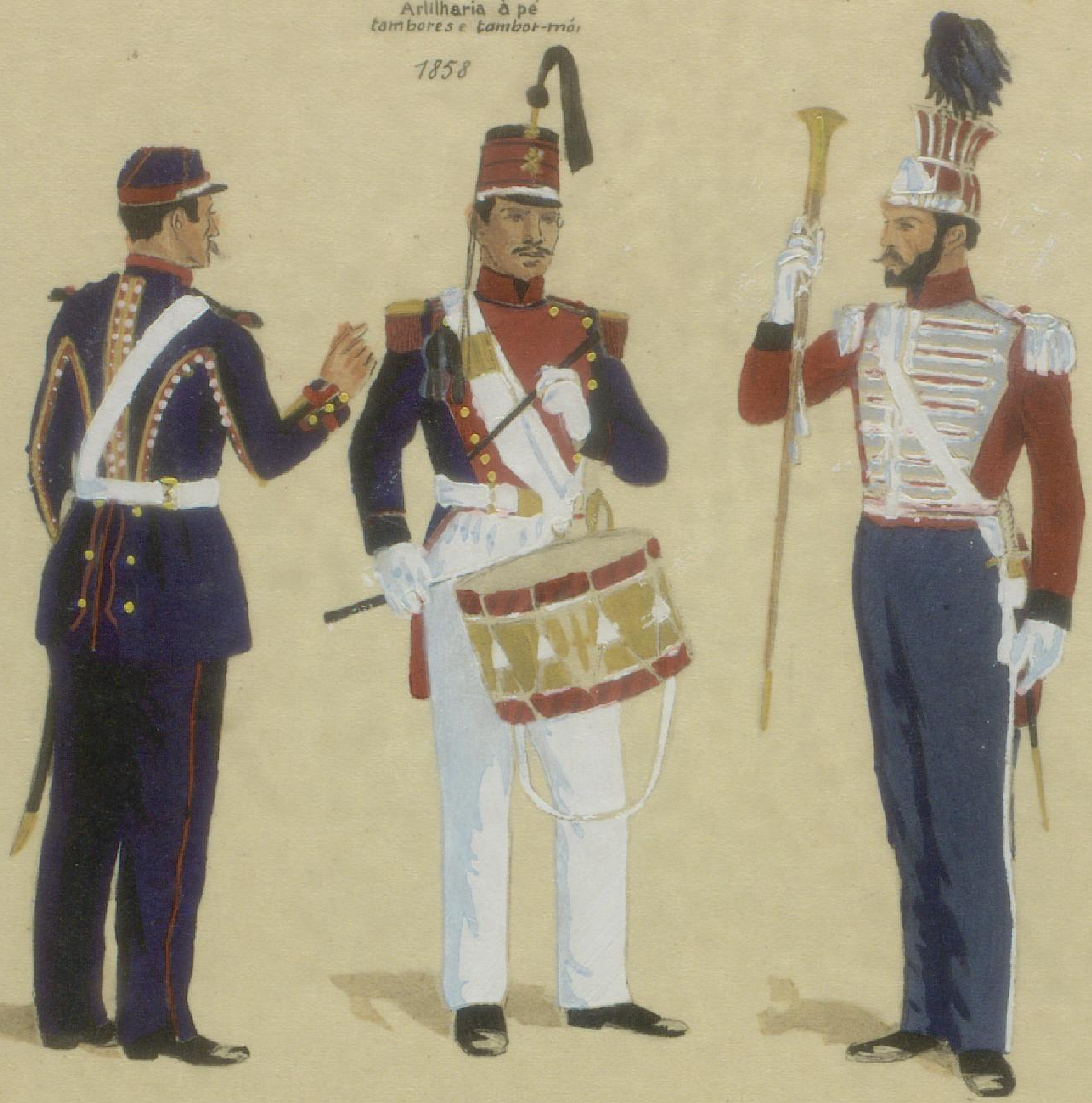
capitães
1858

Peq. Unif.

Artilharia à pé
tambores e tambor-mór

1858

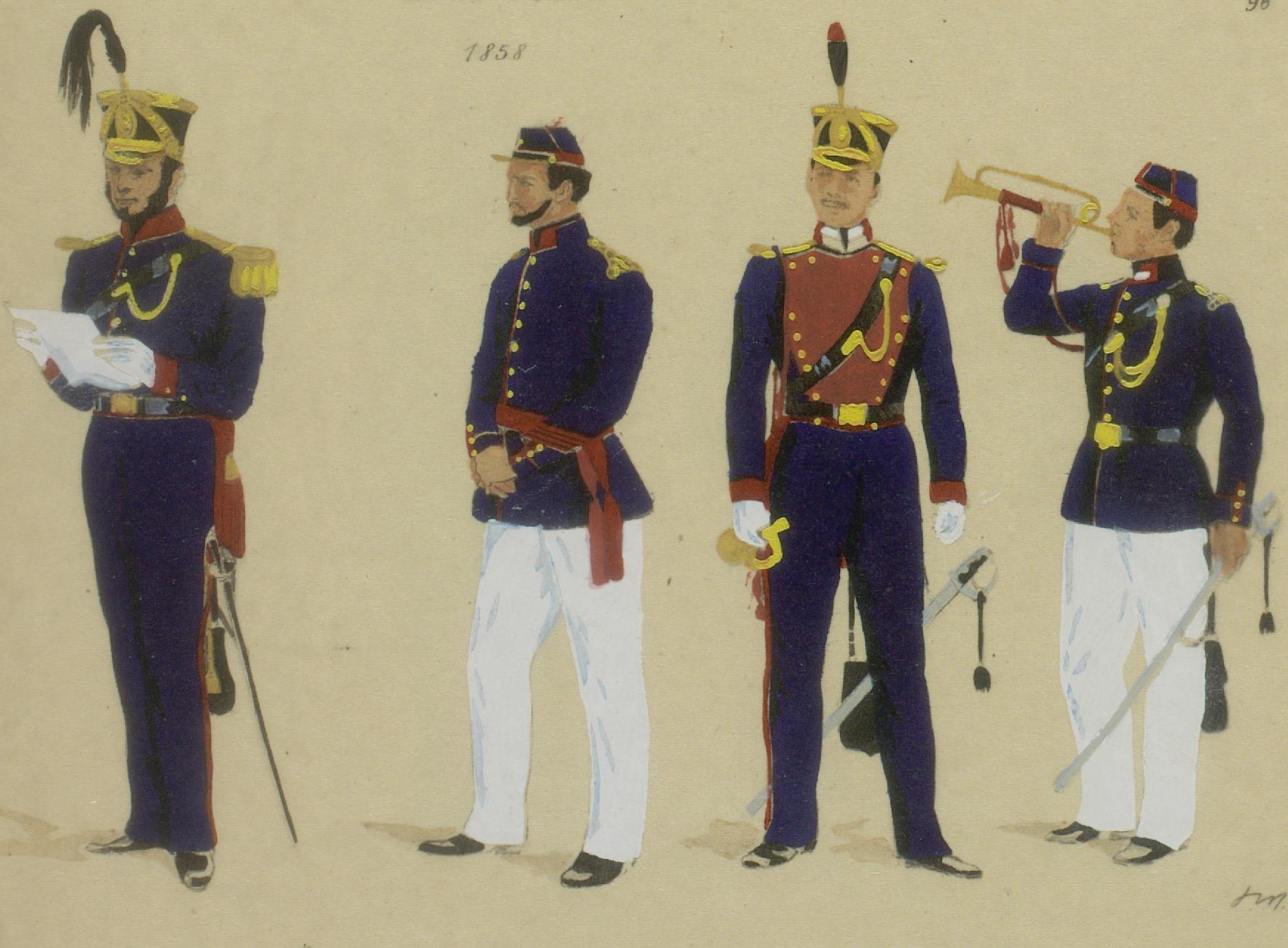
95



Artilheria á Cavallo

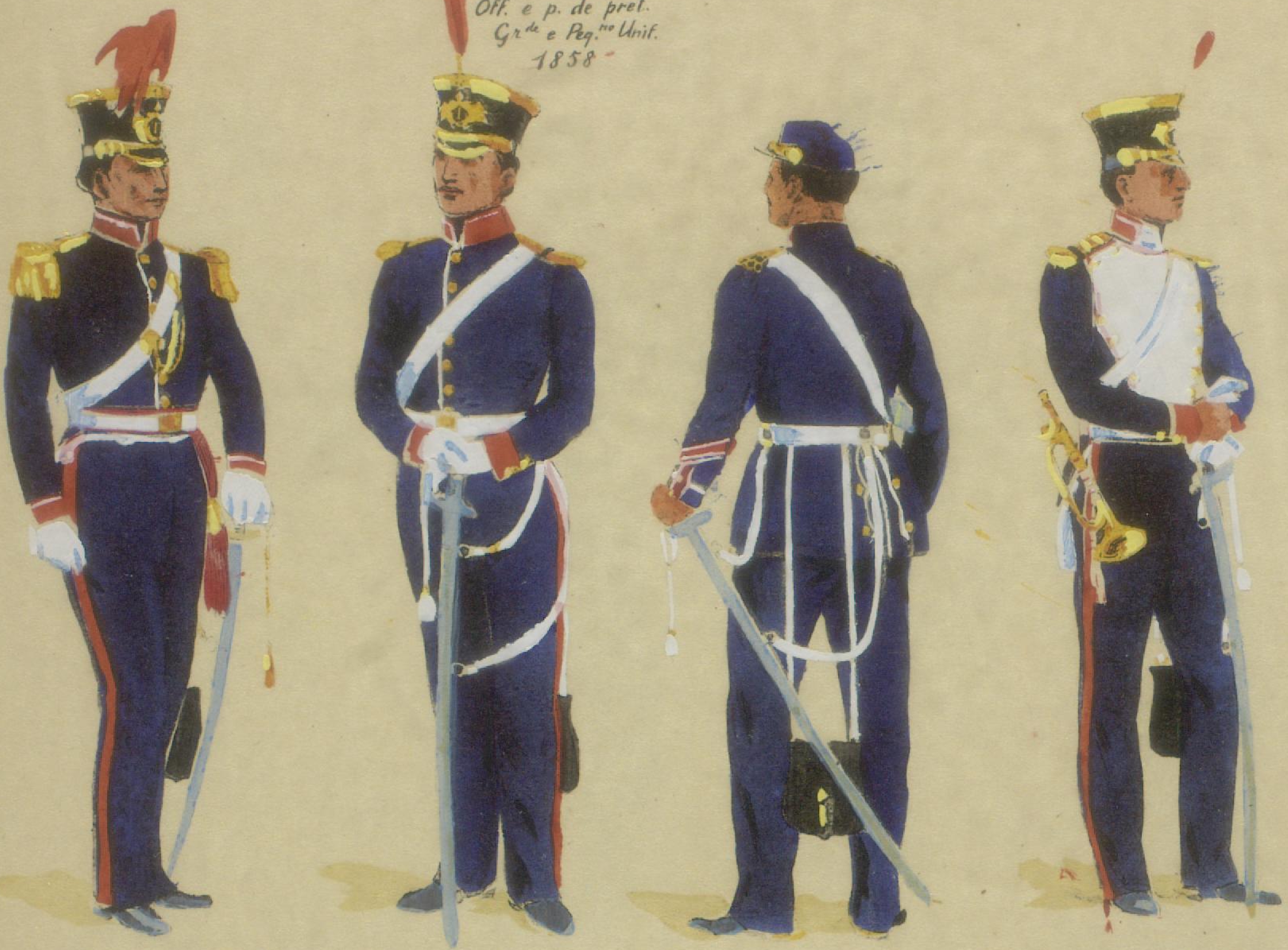
1858

96

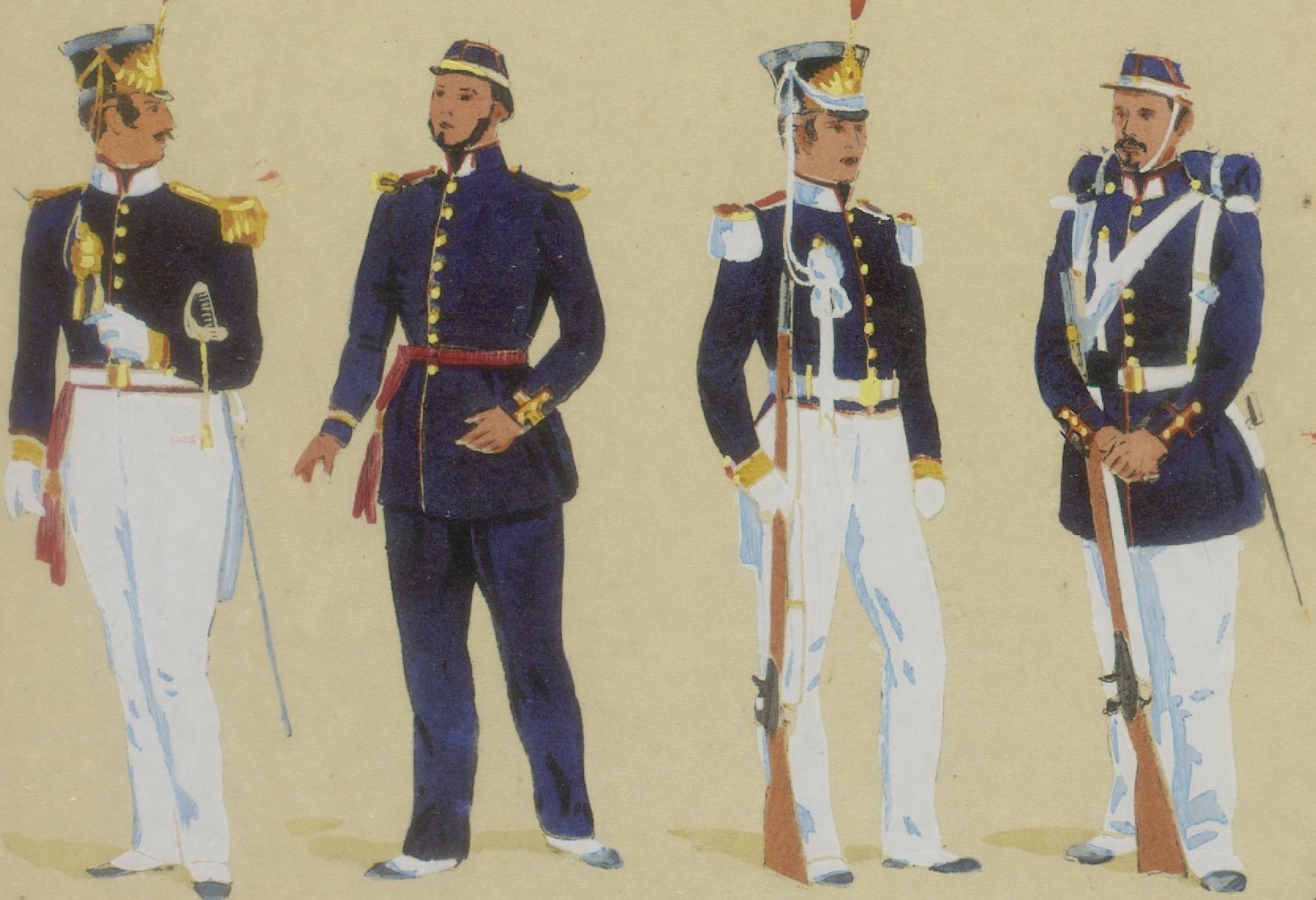


BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

1º R. Cavallaria
Off. e p. de pret.
Gr^{de} e Peq.^{no} Unif.
1858

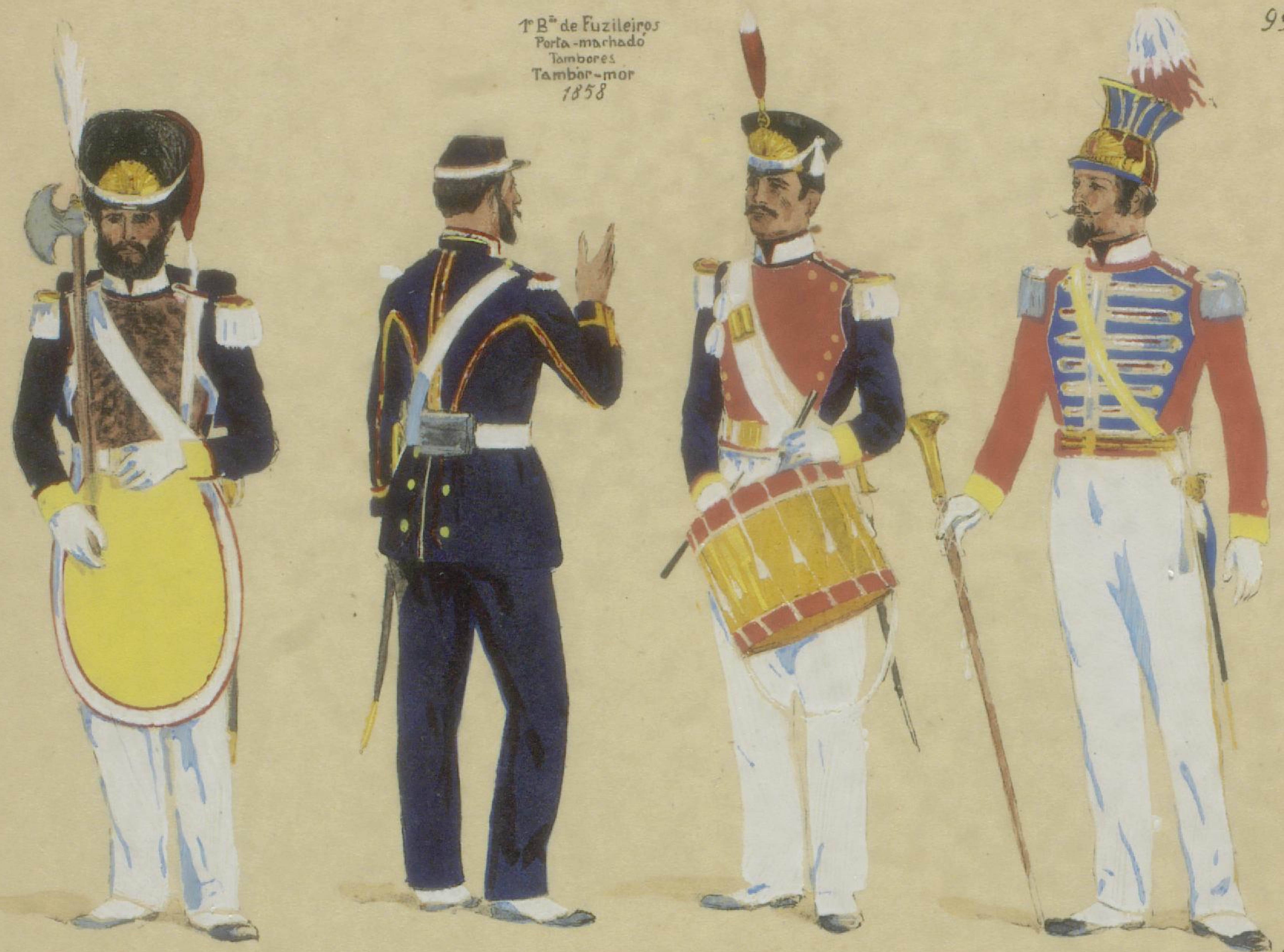


1º de Fuzileiros
Official e p. de pret
Gr^{de} e Peq Unif.
1858



1º Bᵃᵐ de Fuzileiros
Porta-machado
Tambores
Tambor-mor
1858

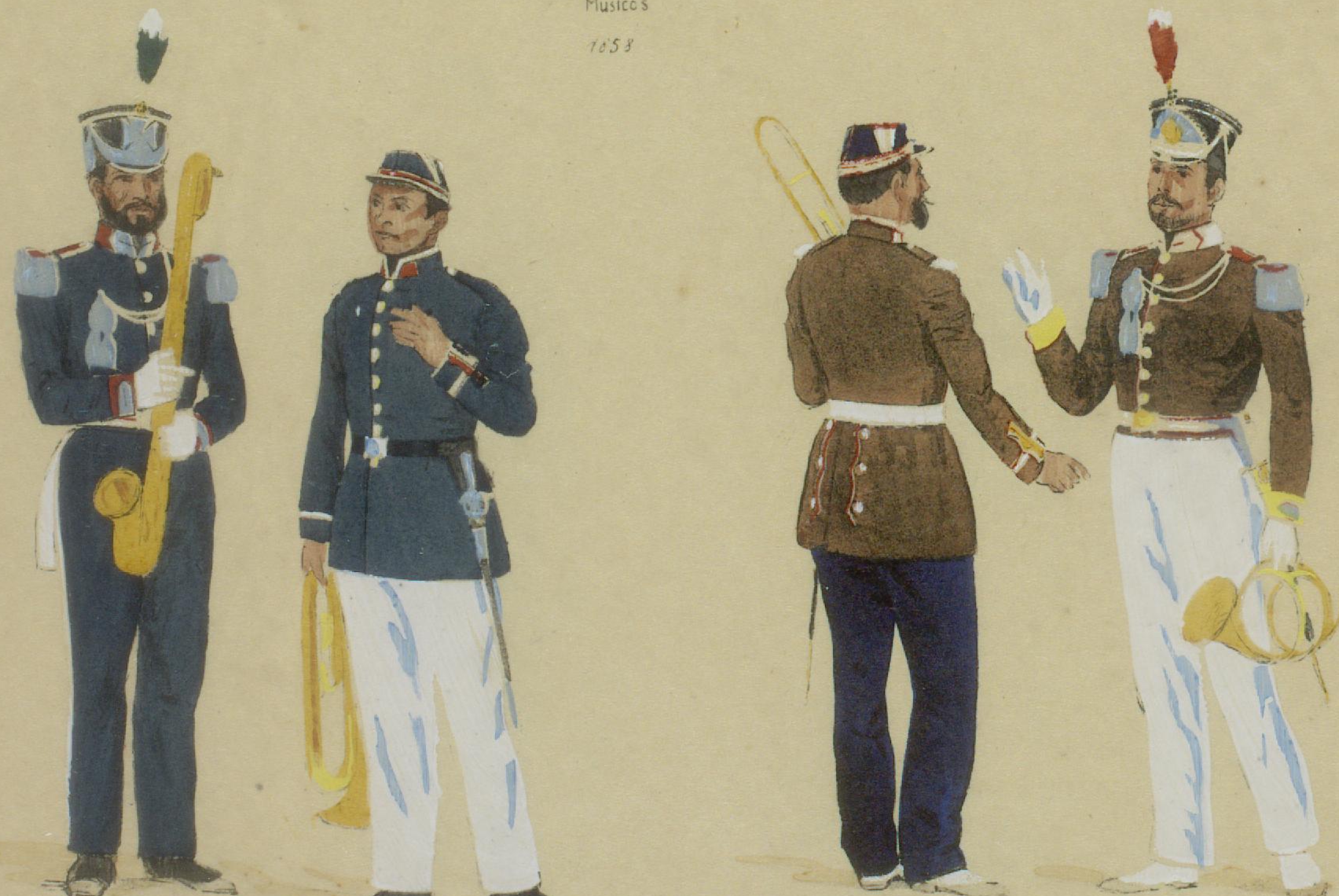
99



Caçadores e Fuzileiro
Musicos

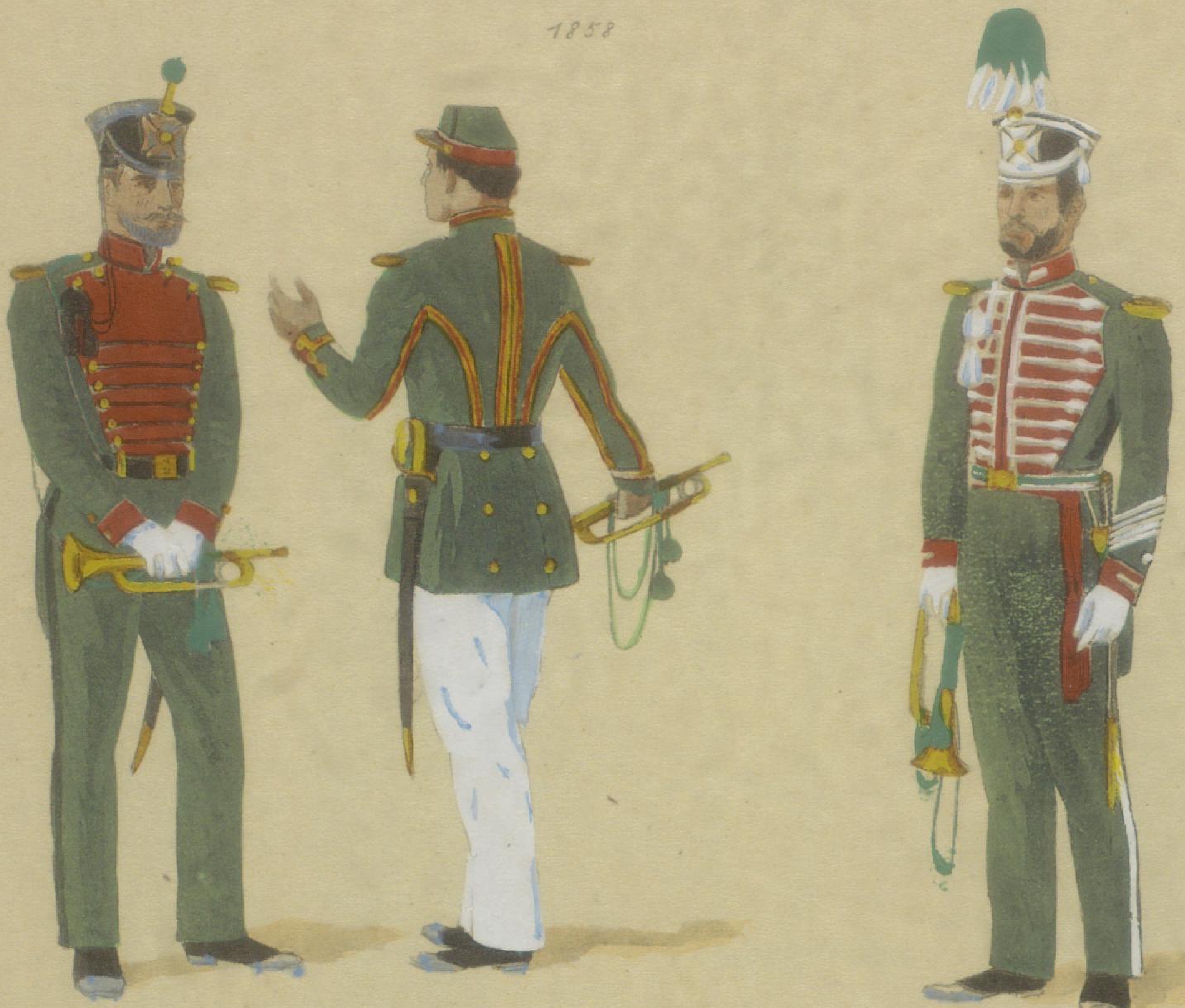
1858

100



CAÇADORES
Corneteiros e corneta-mór
1858

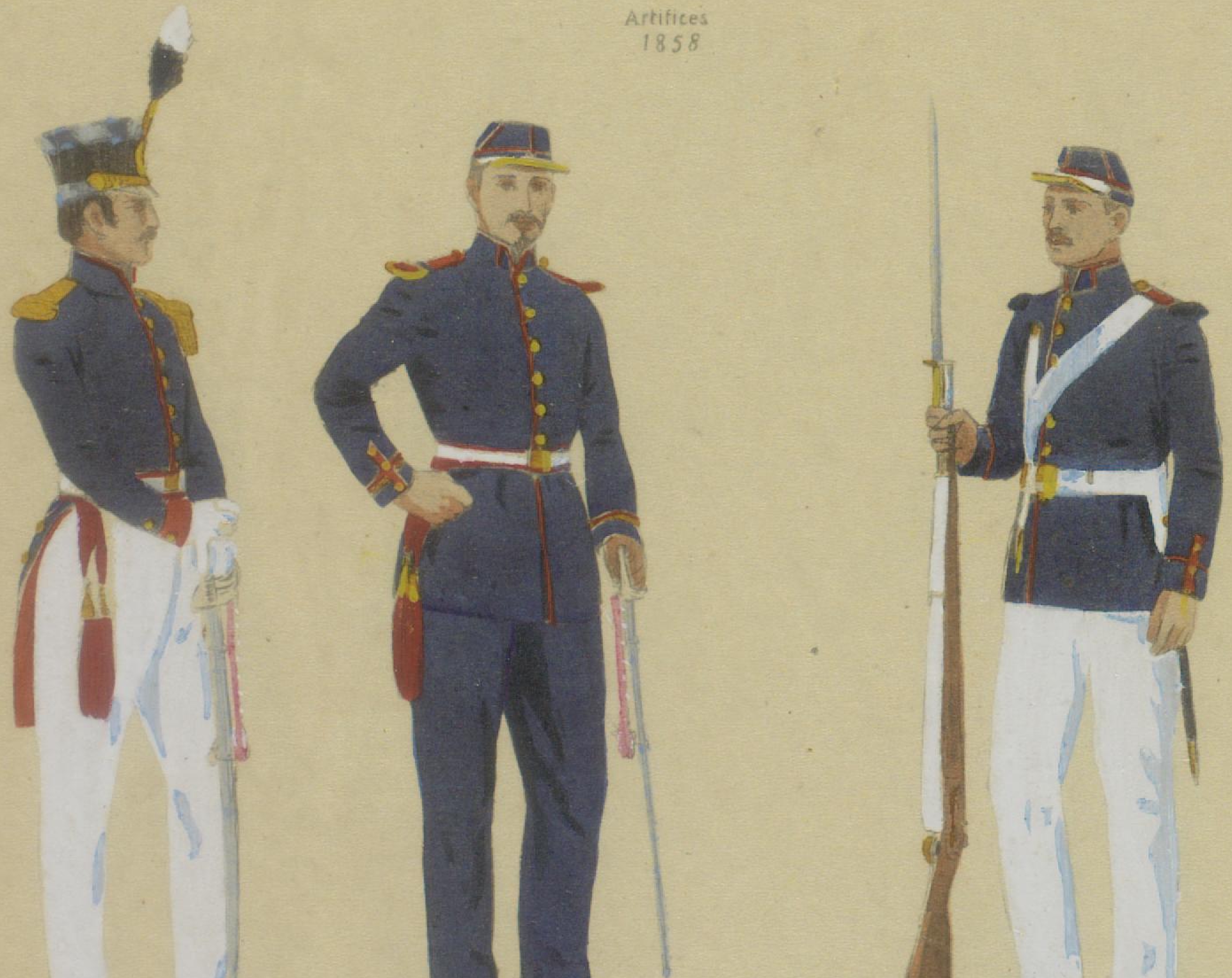
101



J.W.

Artifices
1858

102



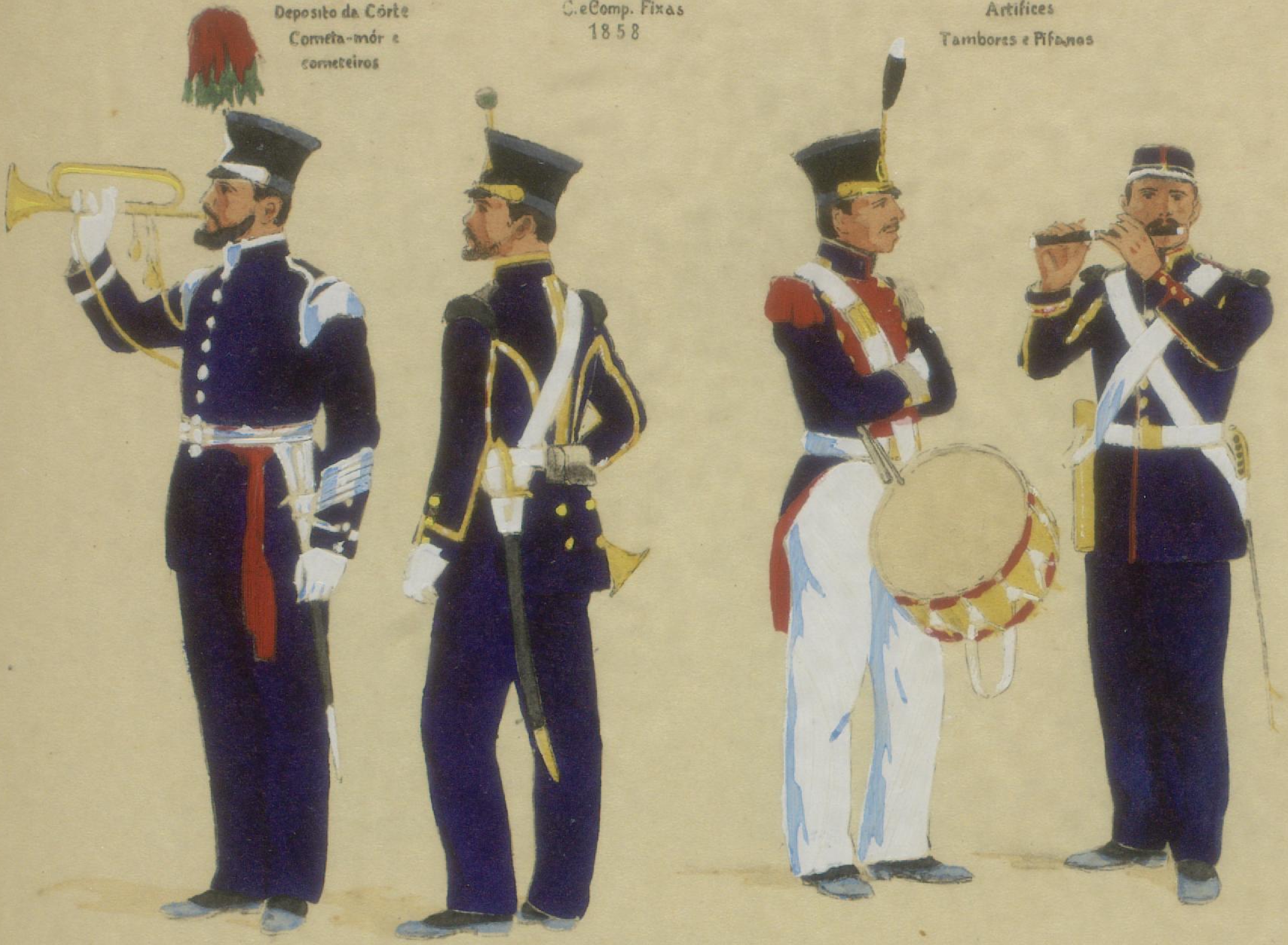
J.W.

Deposito da Côrte
Corneta-mór e
corneteiros

C. e Comp. Fixas
1858

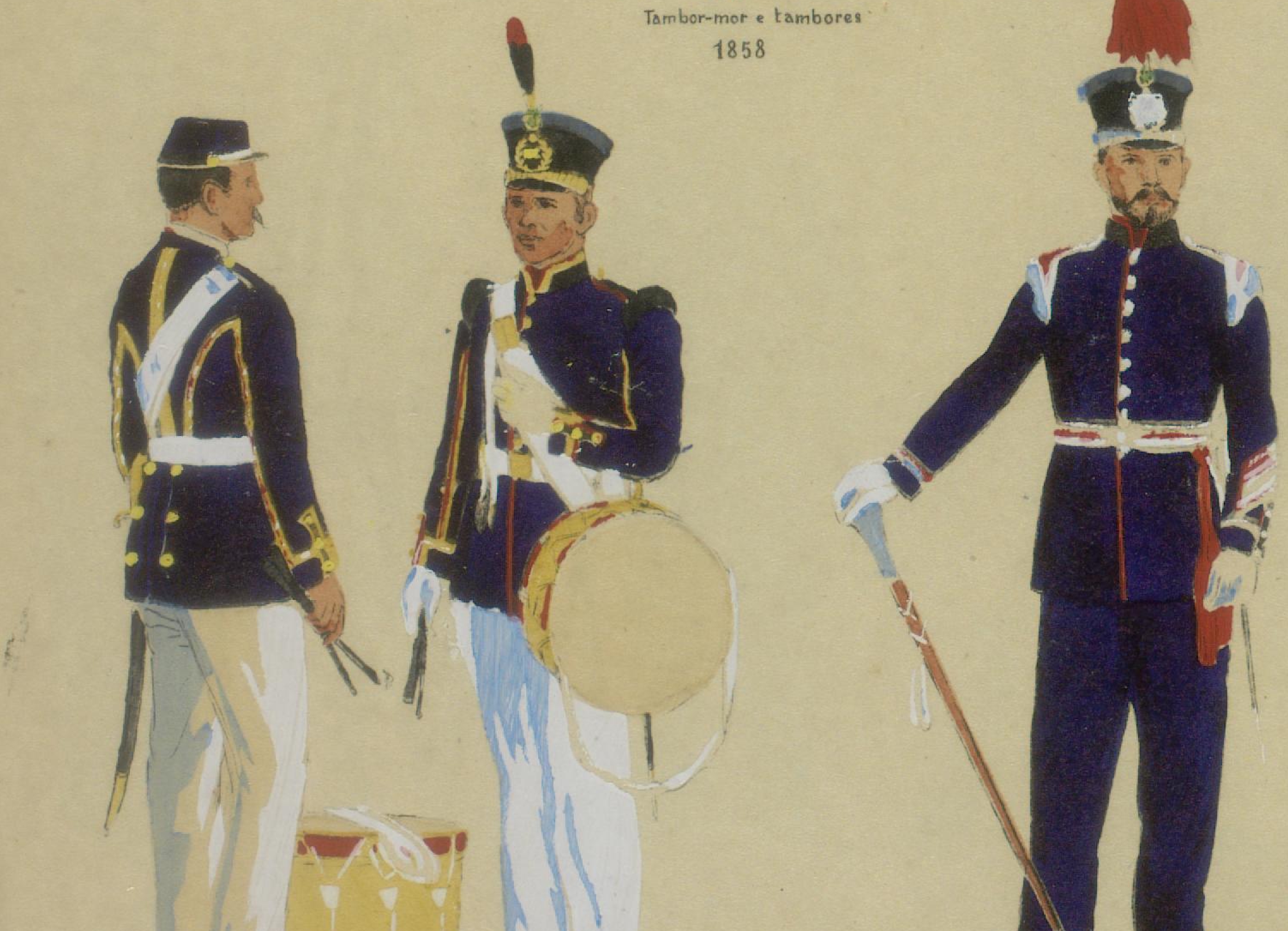
Artifices
Tambores e Pifanos

103



C. e Comp. Fixas
Artilharia
Tambor-mor e tambores
1858

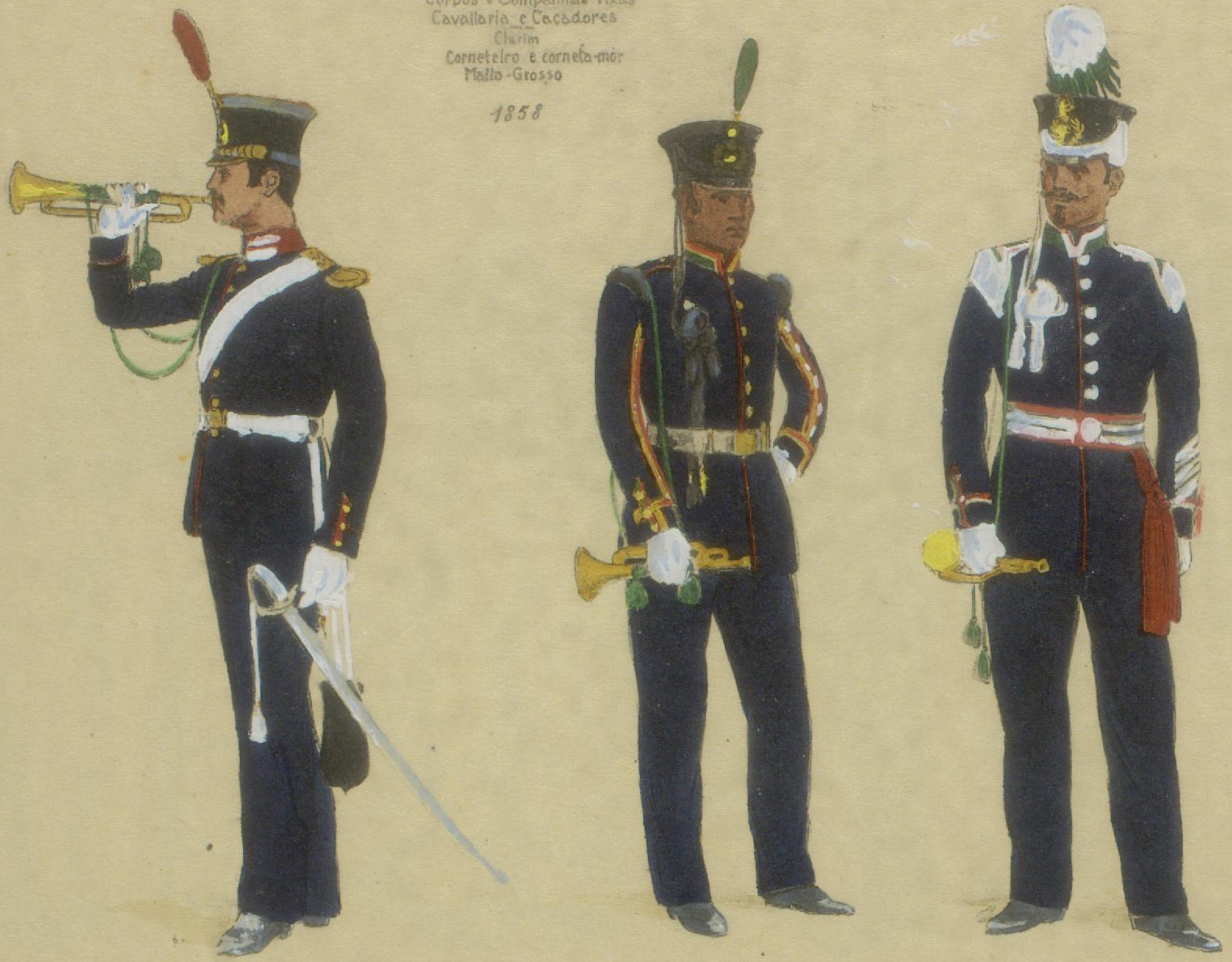
104



Corpos e Companhias Fixas
Cavallaria e Caçadores
Clarim
Corneteiro e corneta-mór
Matto-Grosso

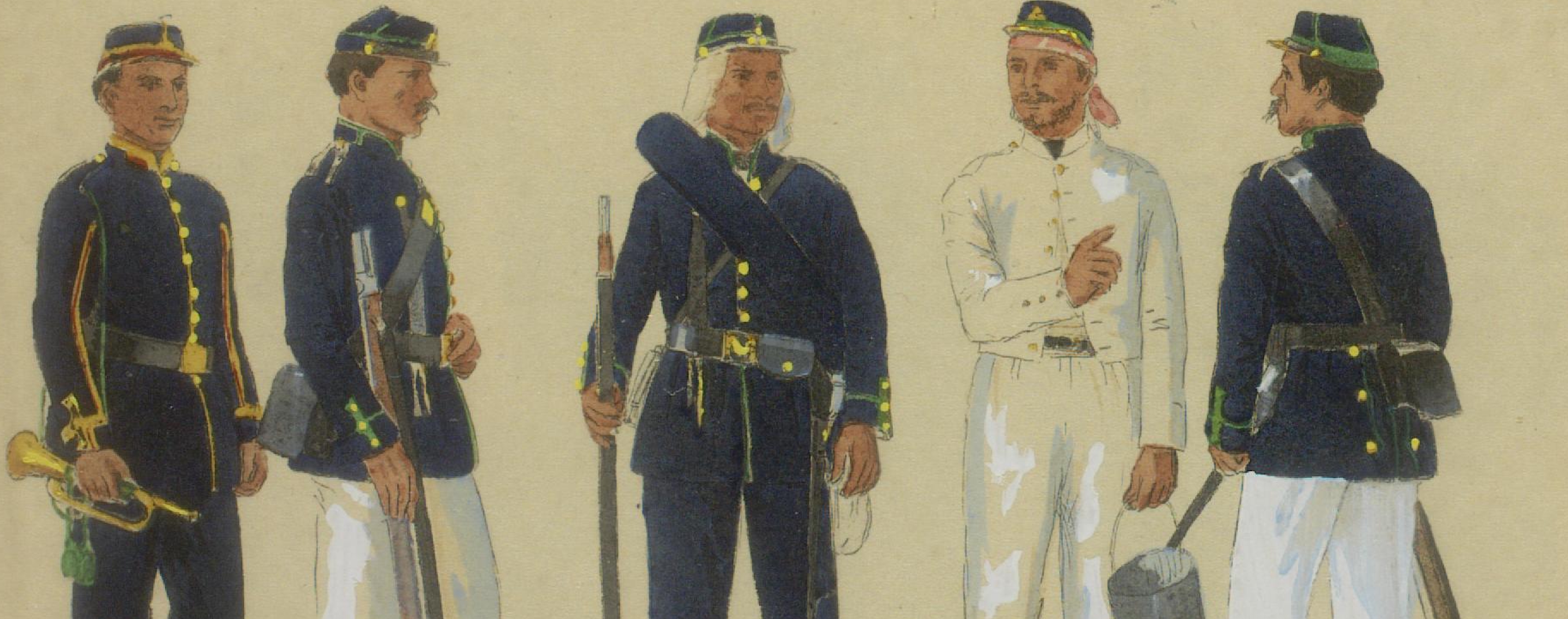
1858

105



Corpos e Compᵃˢ Fixas
Caçadores
p. de pret.
1858

106



Pernambuco
(Corneta)

Sergipe

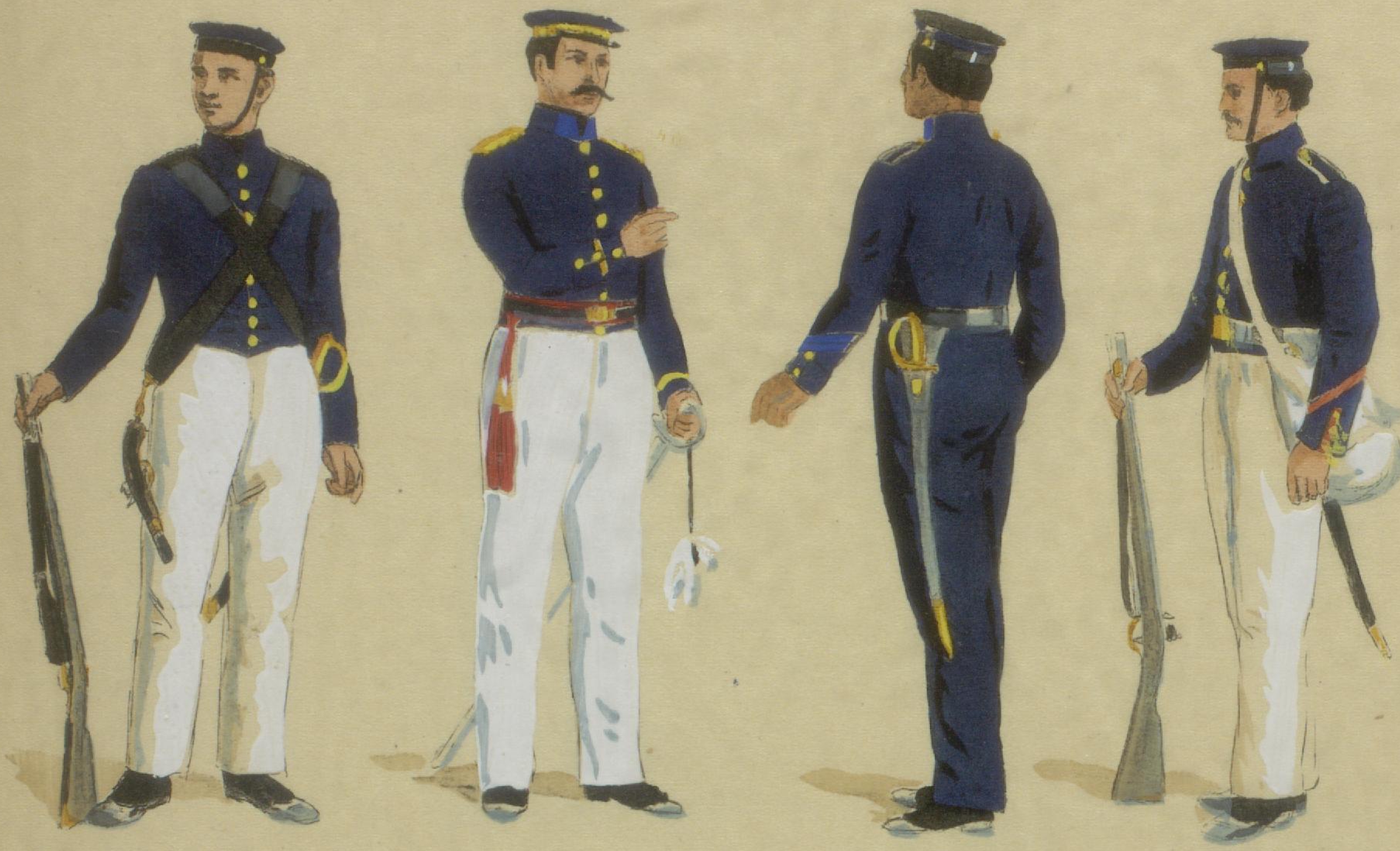
R. G. do Norte

Parahyba

E. Santo

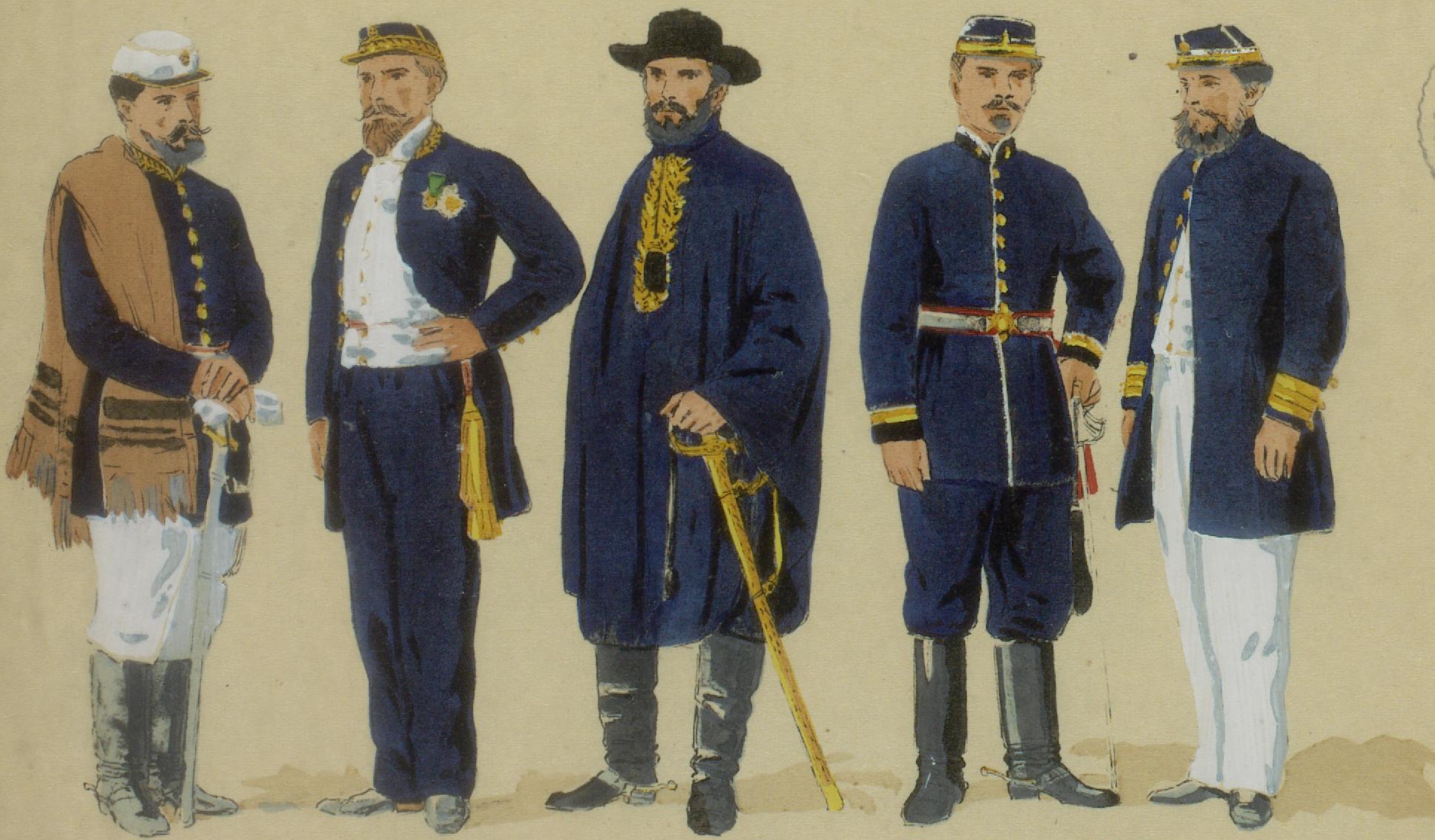
Pedestres
1842-1860

107


1842
Bahia
S.Catharina

E.M.General e Corpos Especiaes
1865-70

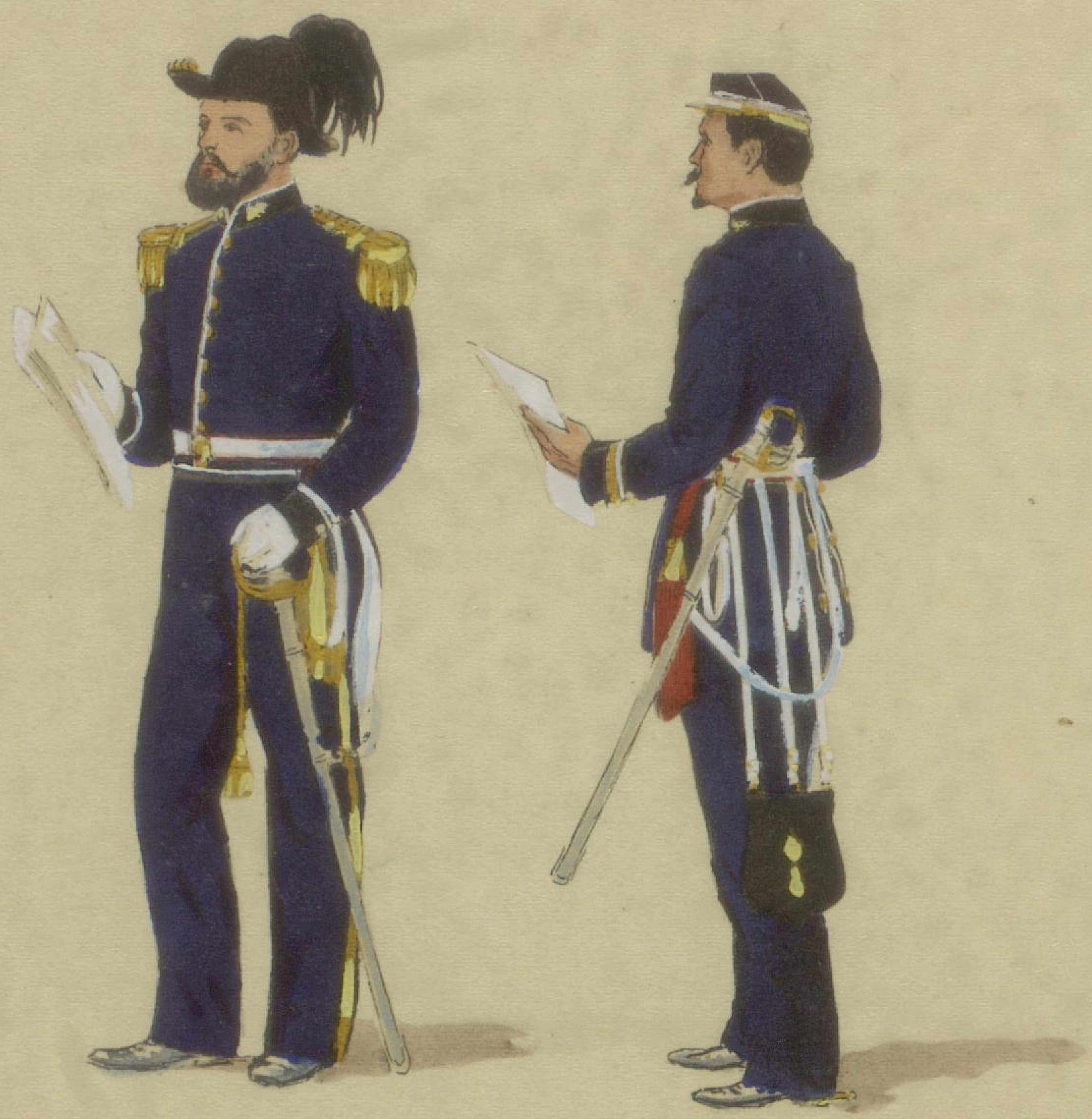
108


E.M.General
C.Especiaes

Est. Maior de Artilharia

1865

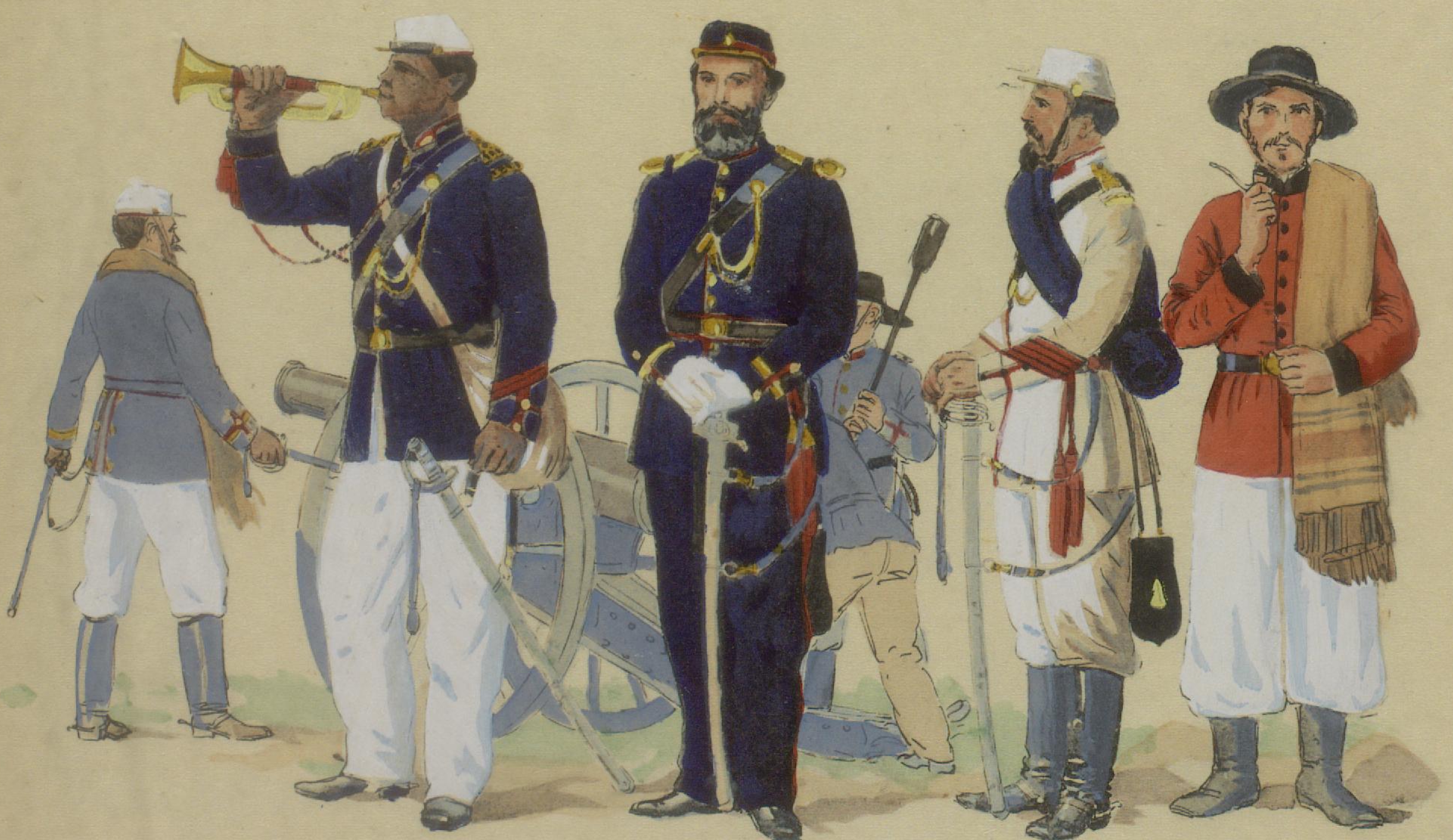
109



1º Reg. de Artilharia á Cavallo

1865 - 1872

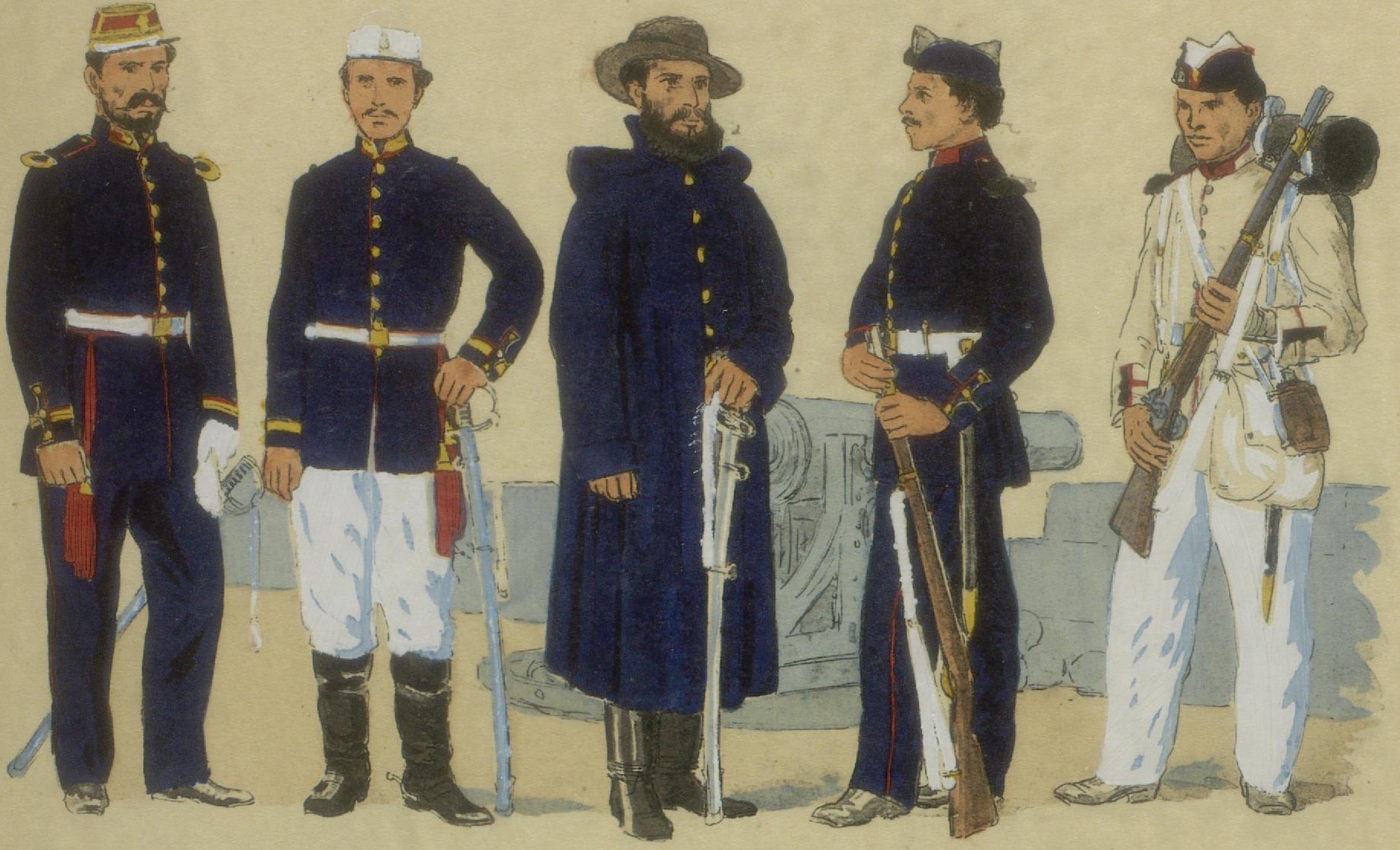
110



Official

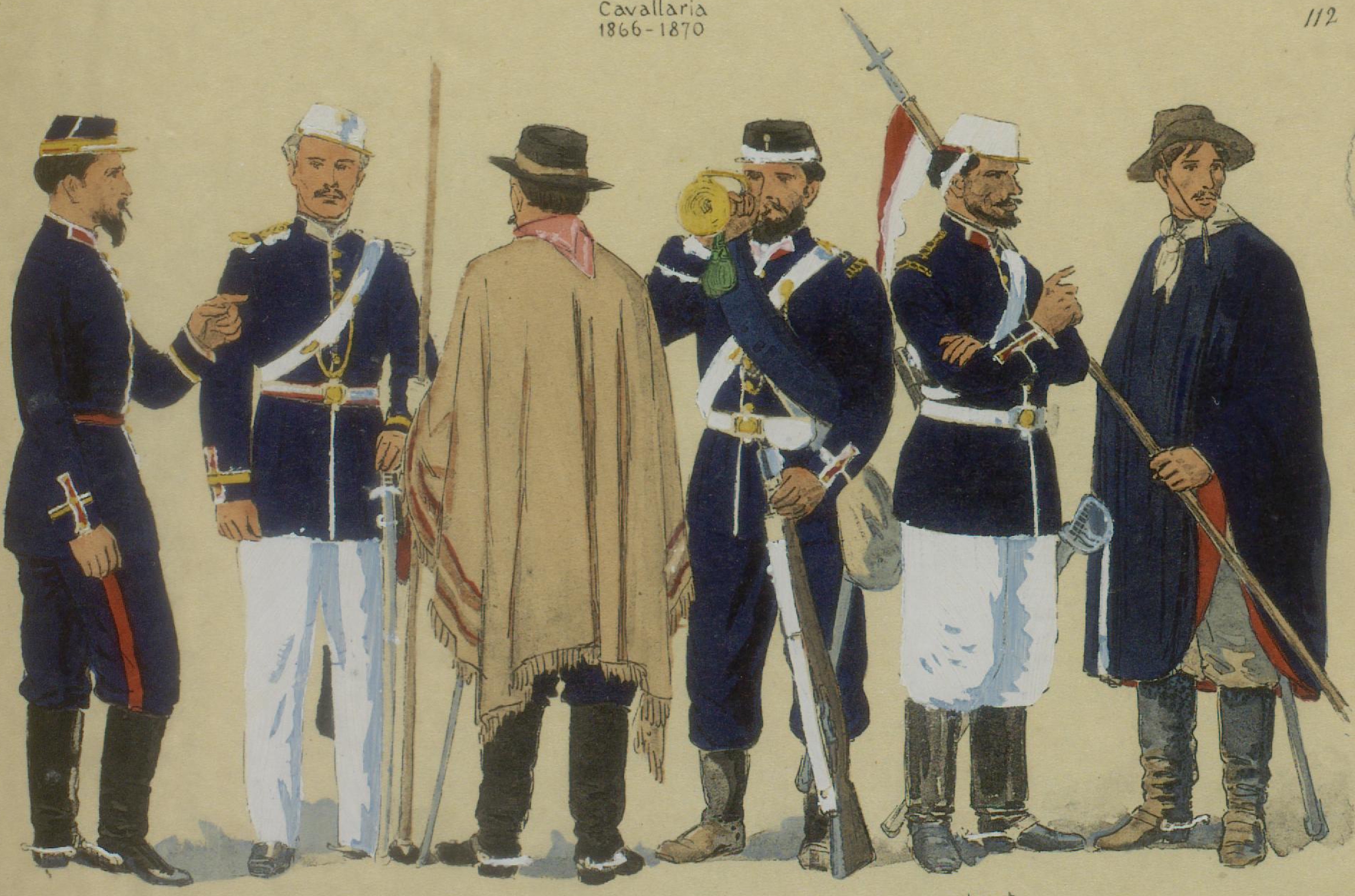
Artilharia a pé
1866-1872

111


Officiaes
pracas de pret

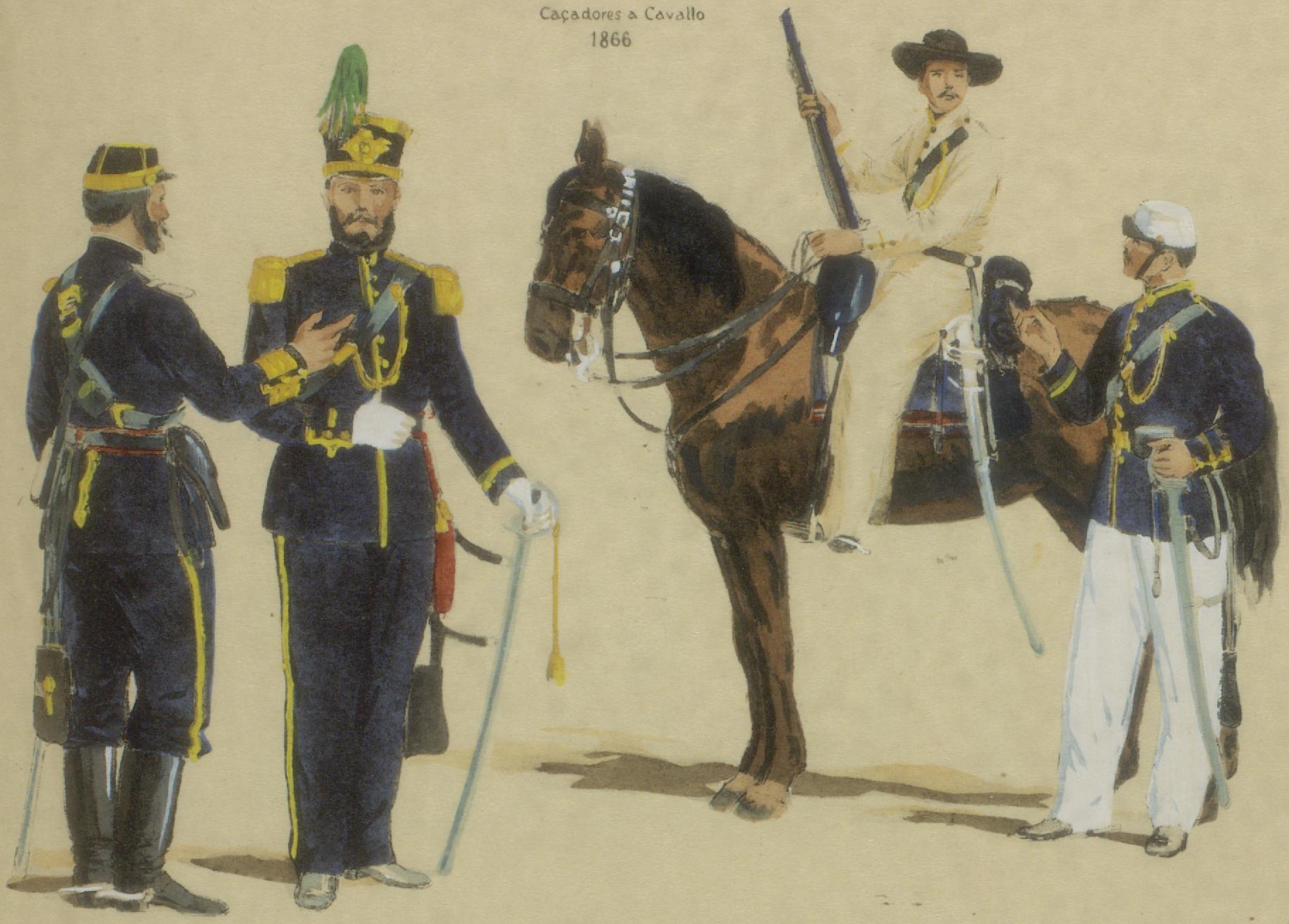
Cavallaria
1866-1870

112


Officiaes
p. de pret

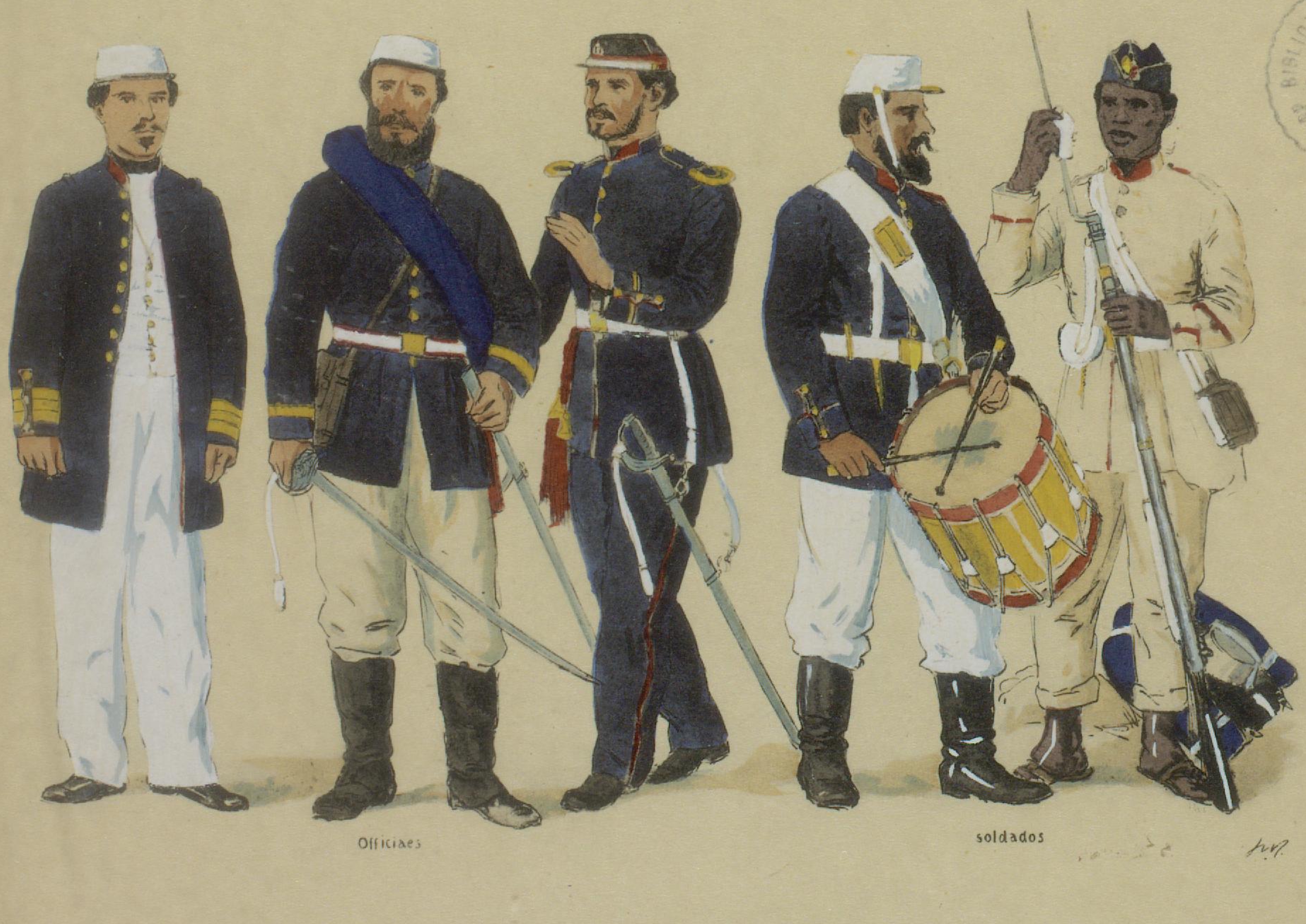
Caçadores a Cavallo
1866

113



Infanteria
1866 1870

114

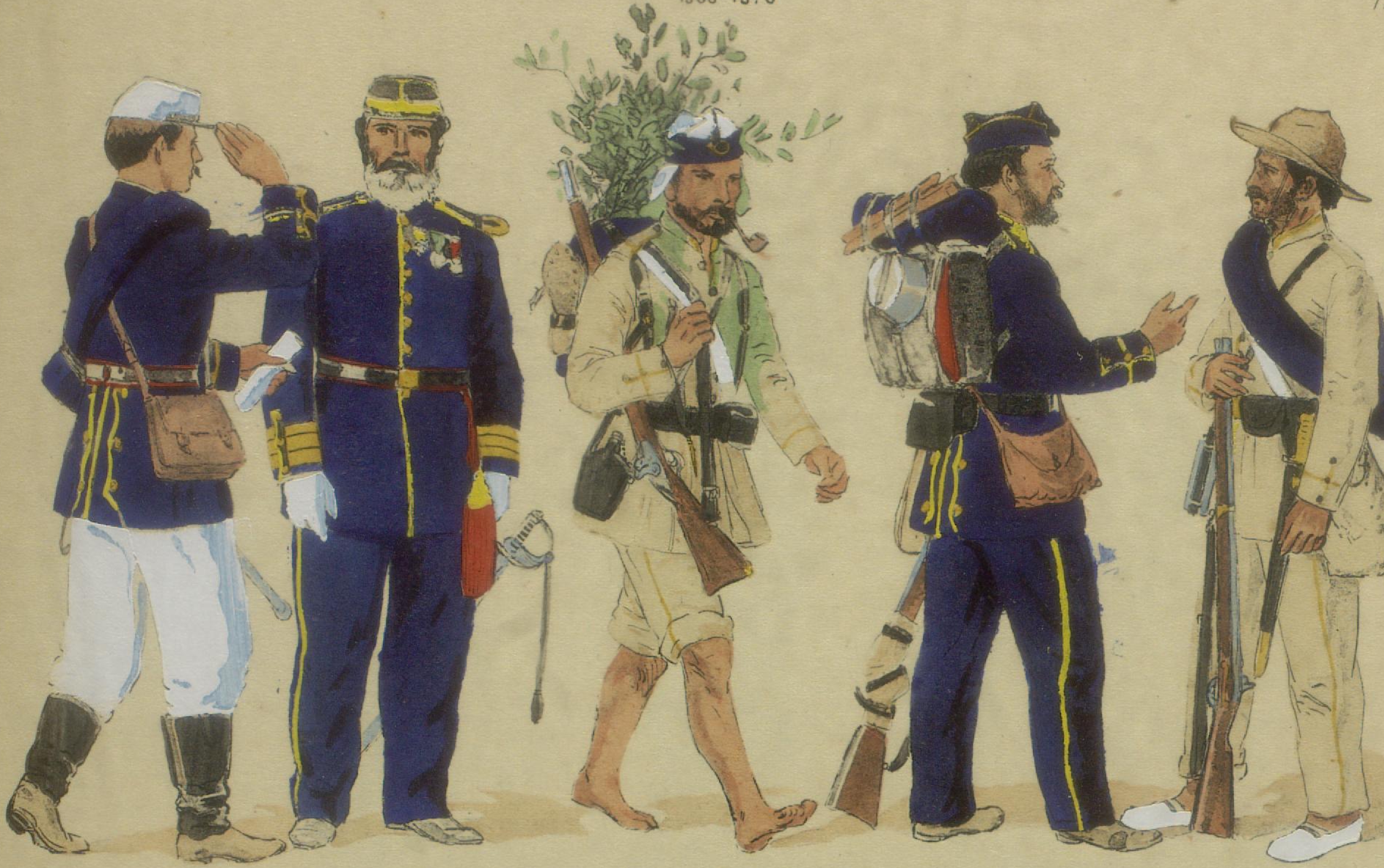


Officiaes

soldados

Caçadores
1866-1870

115

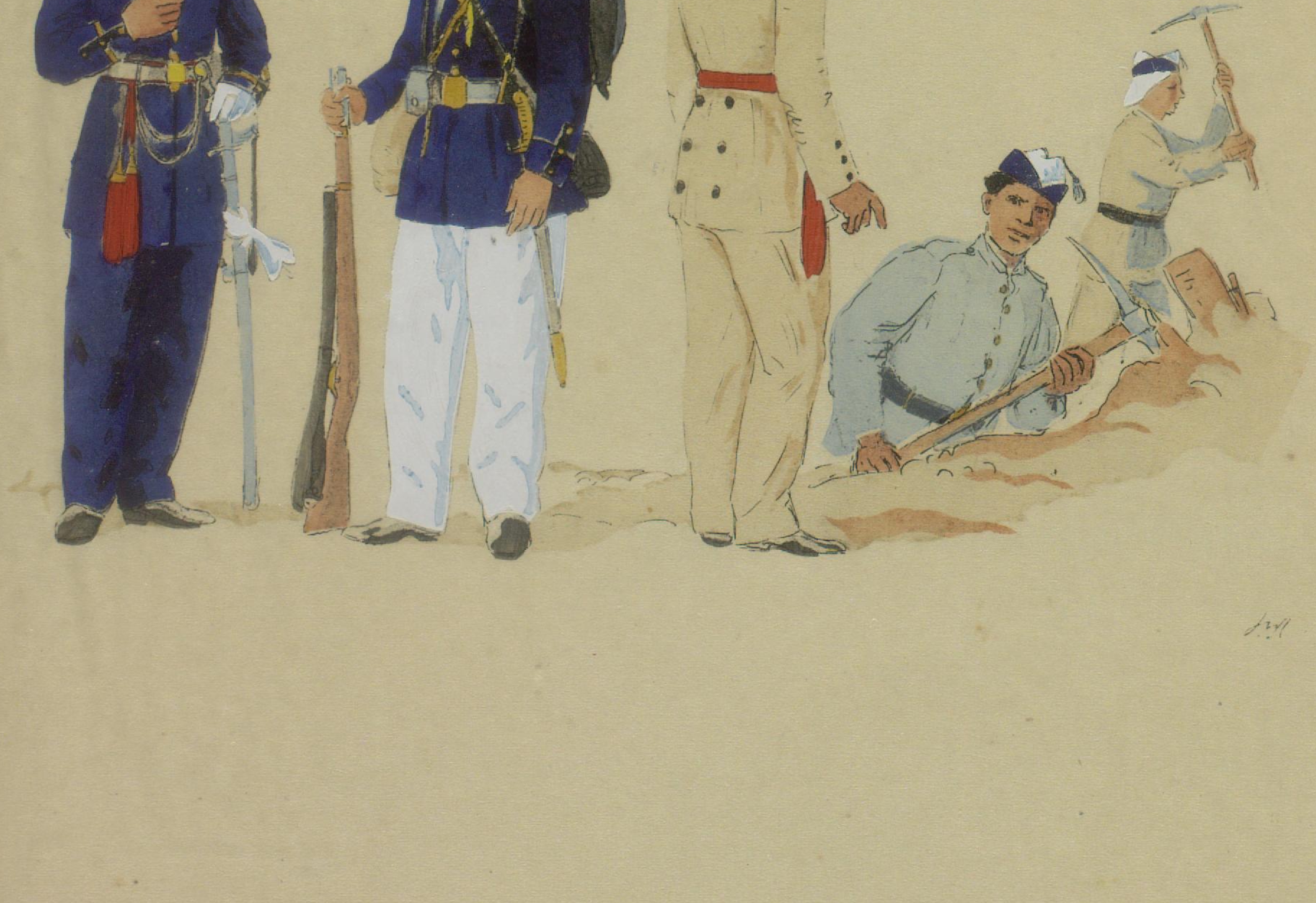


Officiaes

p de pret

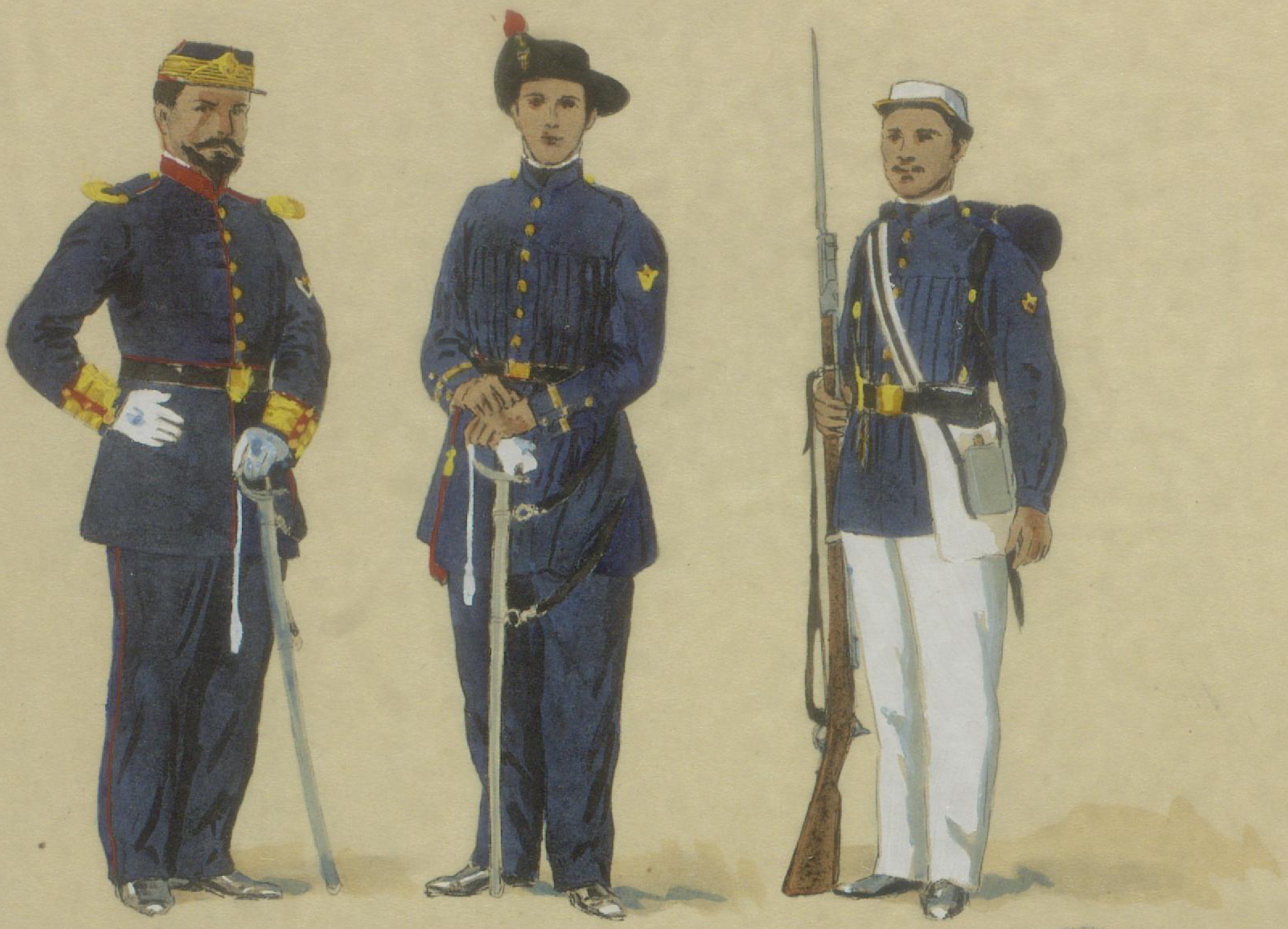
Engenharia
1865-71

116



Voluntarios da Patria
1865-70

117



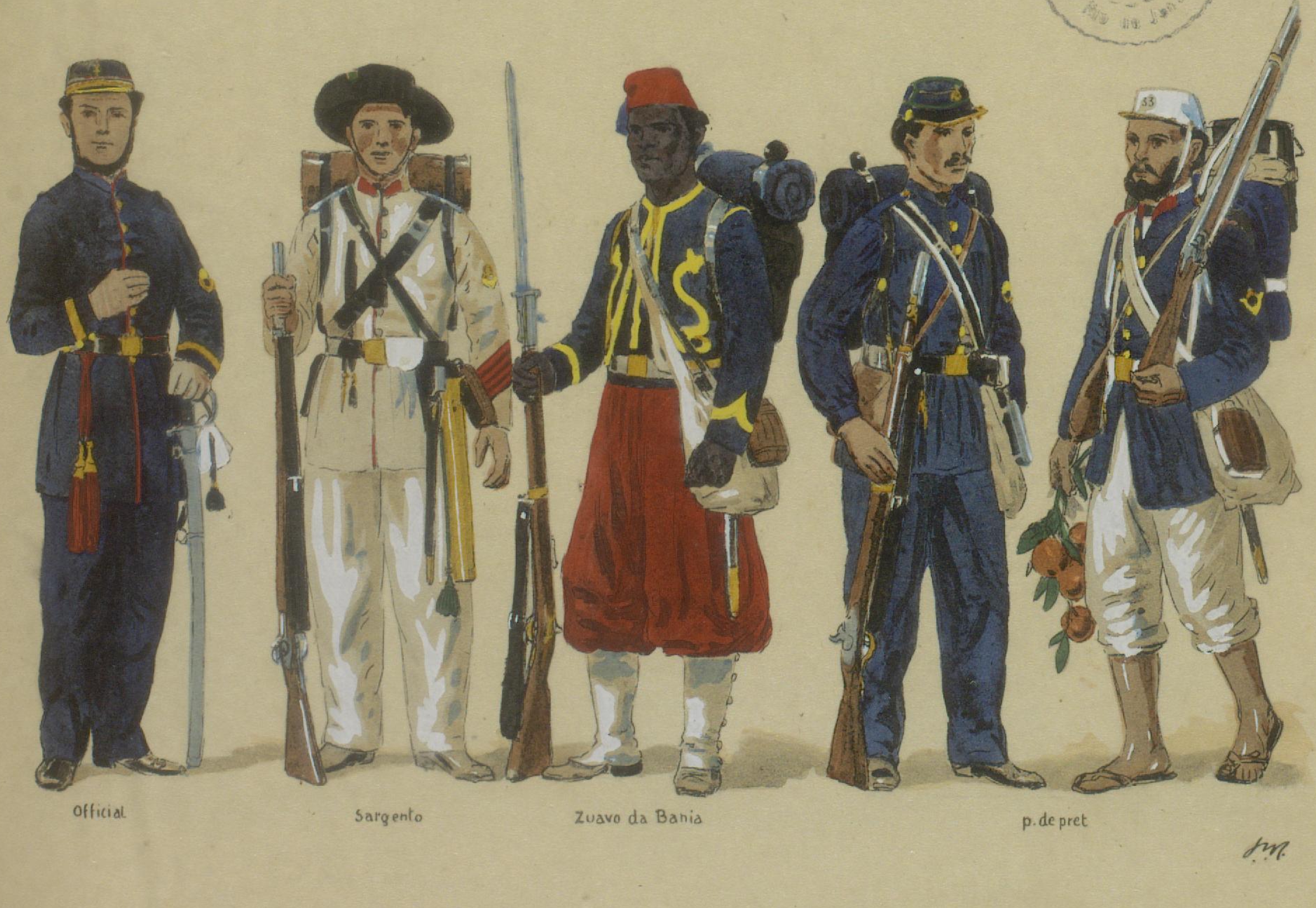
41º. Bahia

7º. S. Paulo

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

Corpos de Voluntarios da Patria
1865-1870

118



Official

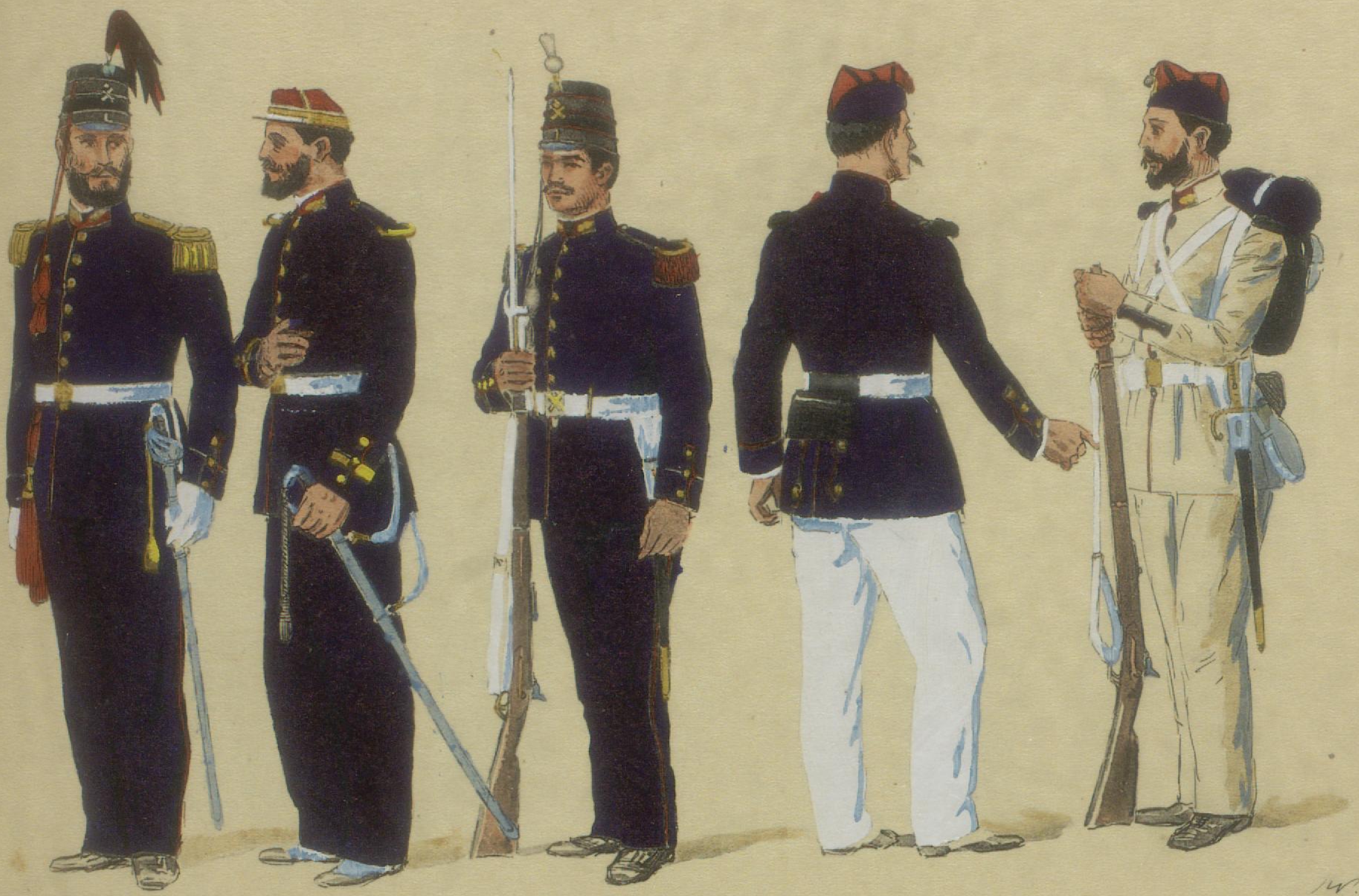
Sargento

Zuavo da Bania

p. de pret

Artilh. à pe
Off. e Pr. de pret
1866-72

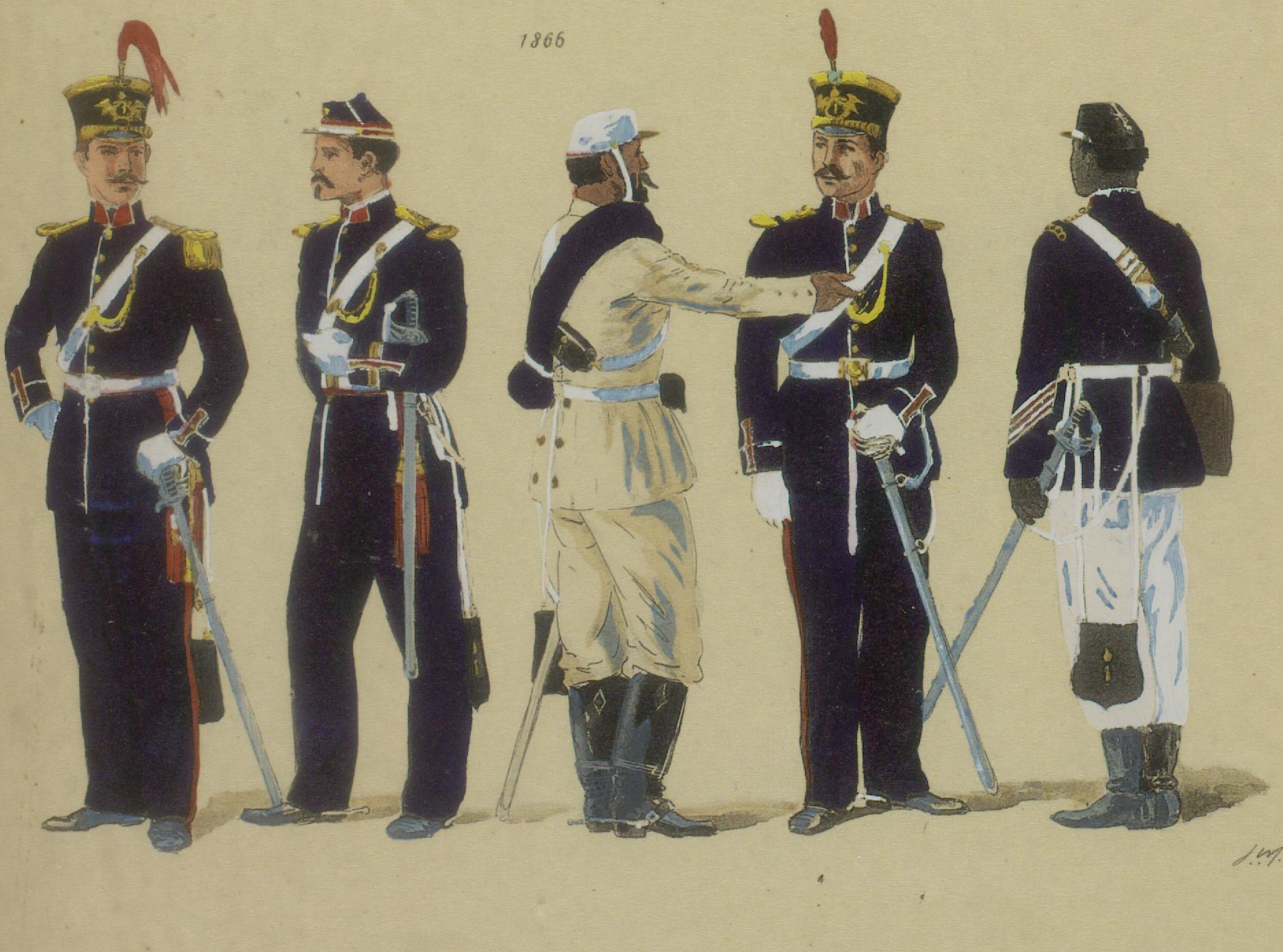
119



Cavallaria

120

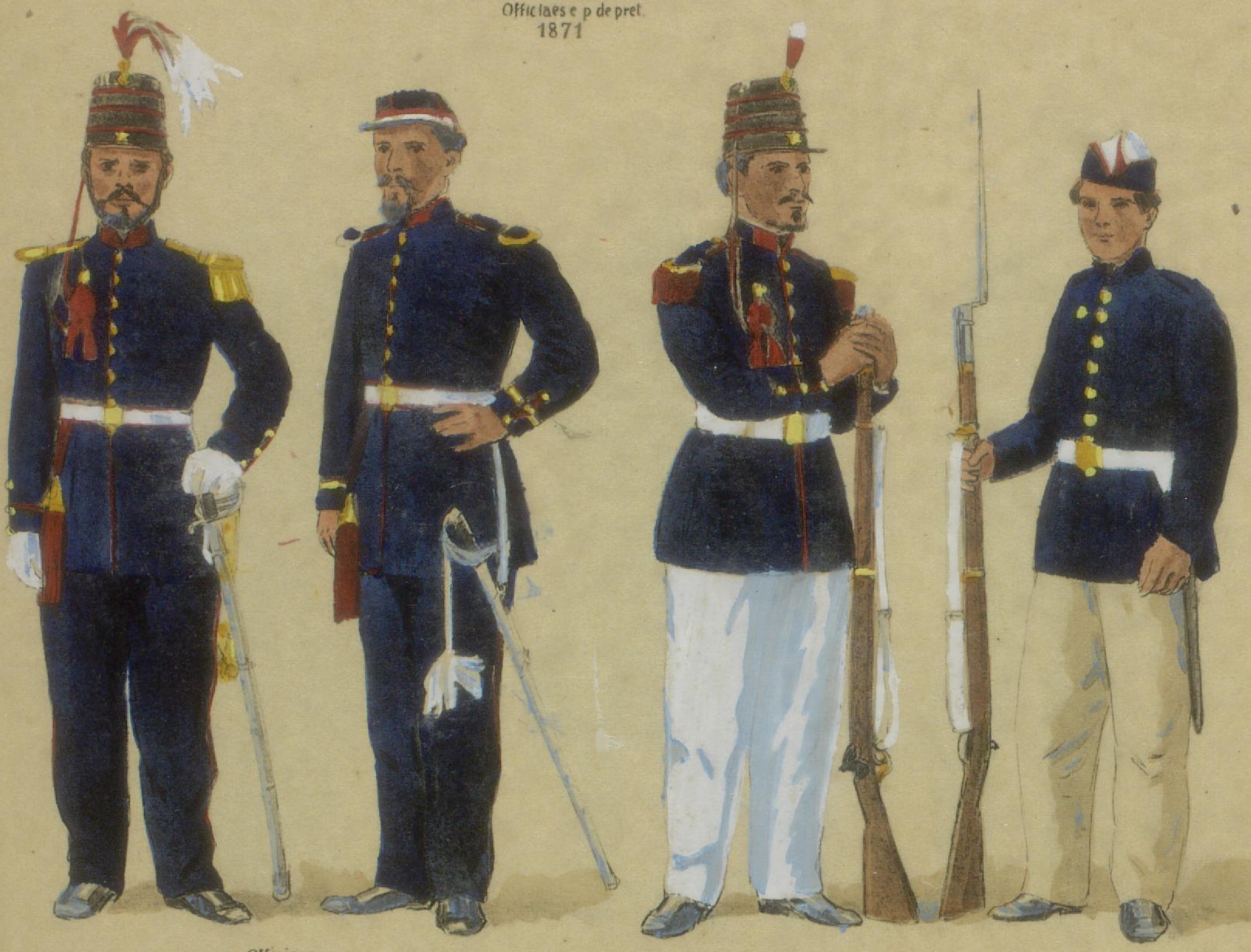
1866



BIBLIOTHECA NACIONAL R Rio de Janeiro

Infanteria Pesada (fuzileiros)
Officiaes e p de pret.
1871

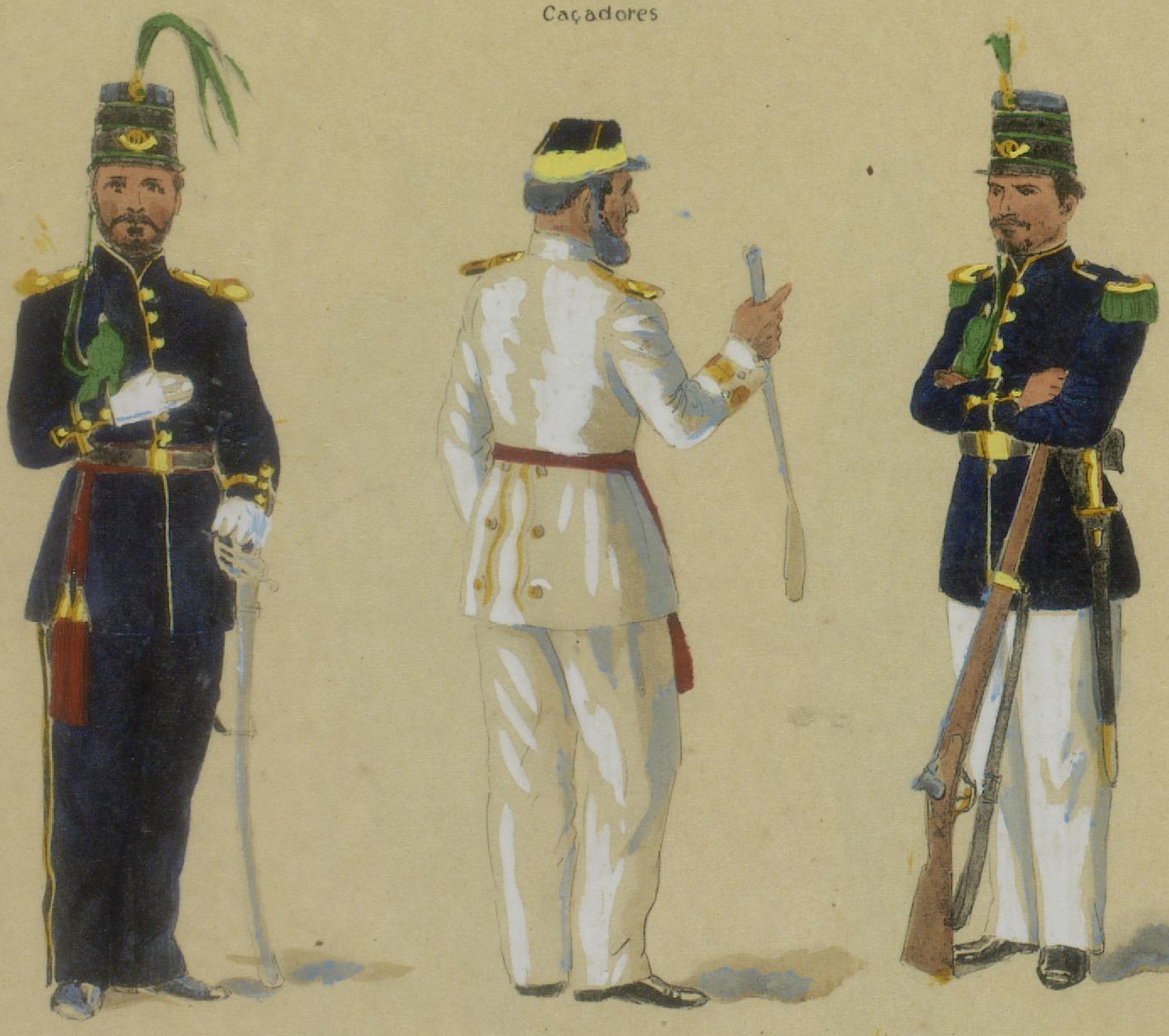
121



Officiaes

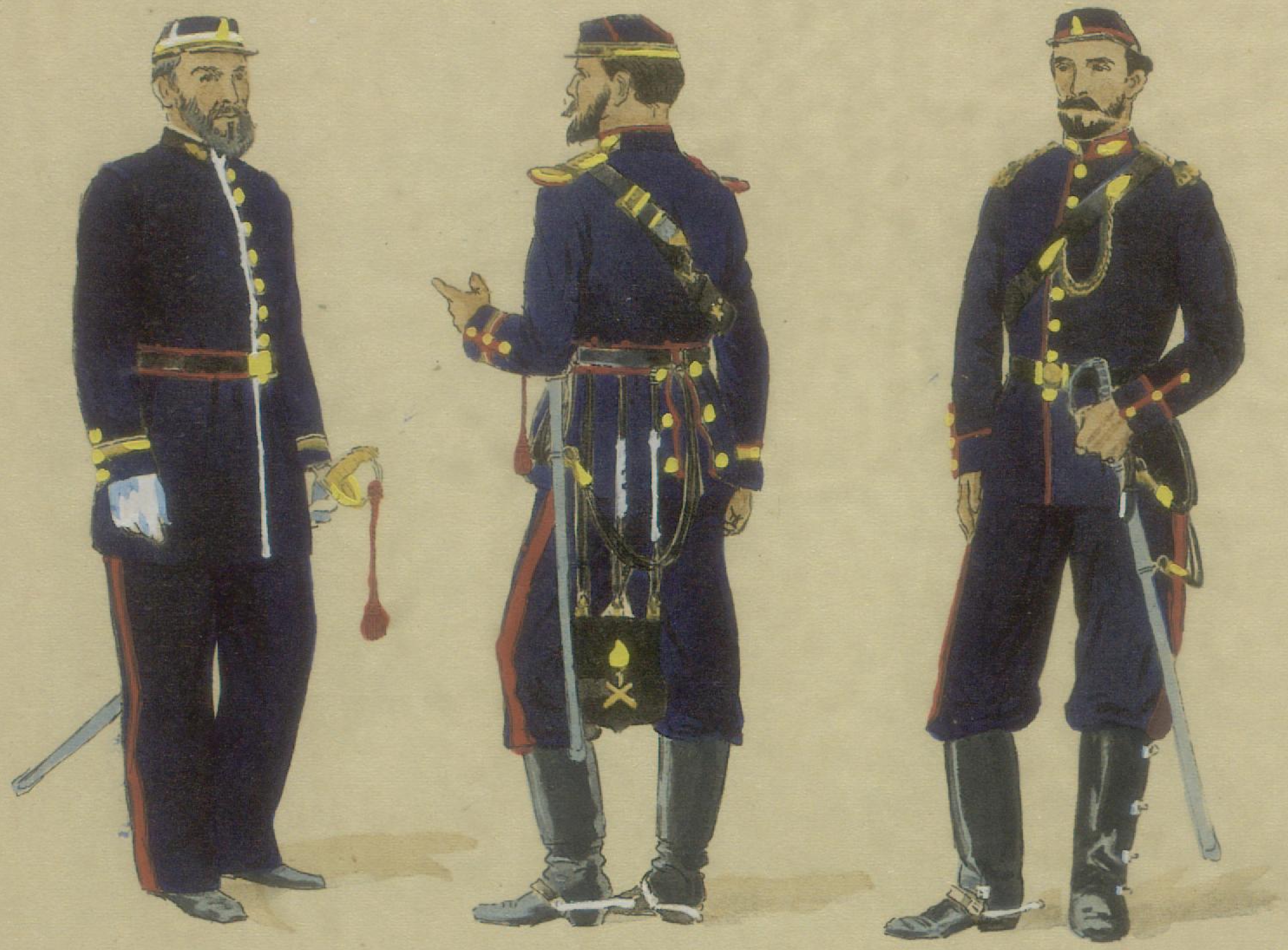
1871
Caçadores

122



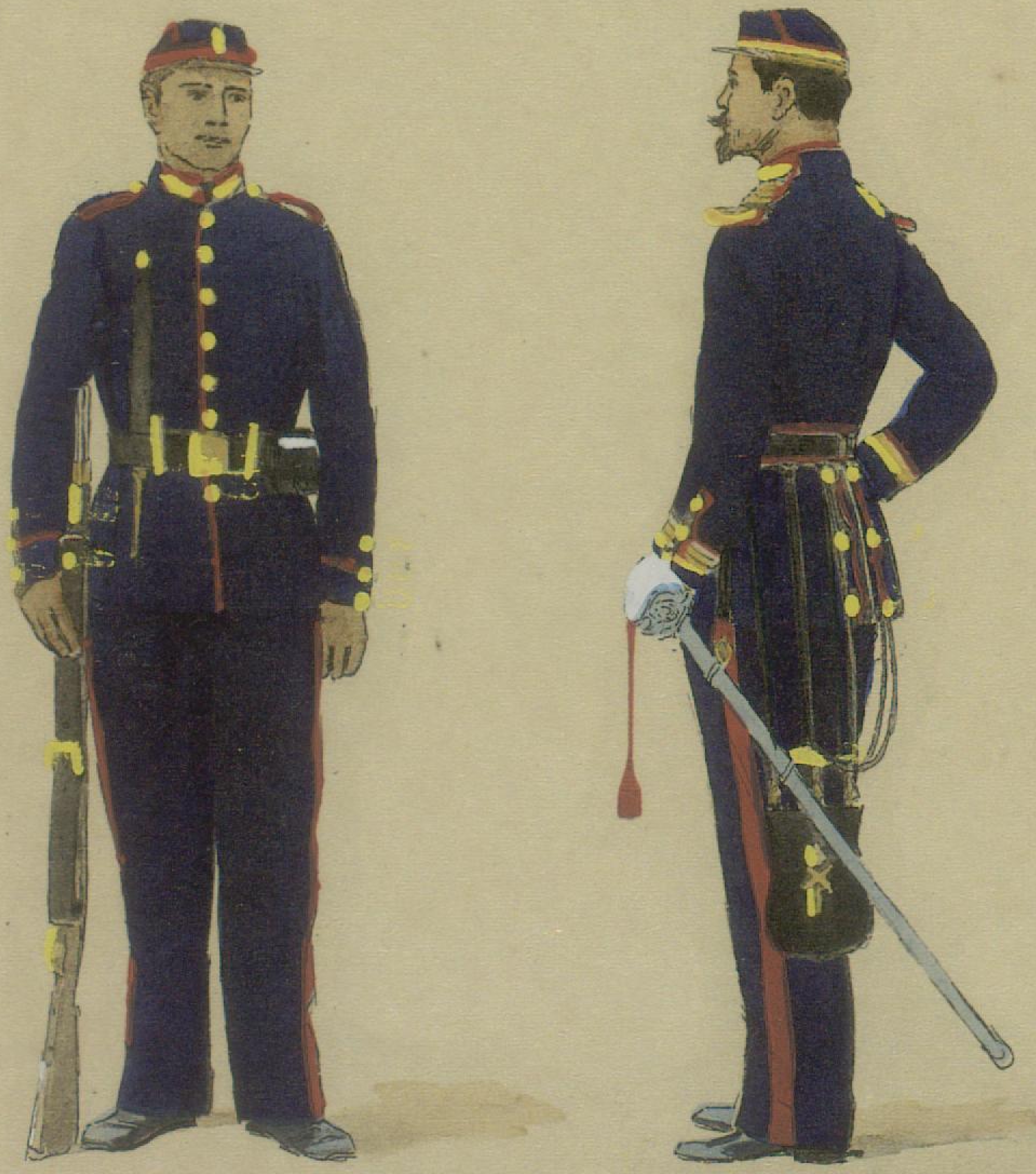
Estado Maior de Artilh.
Artilh. á Cavallo
Peq. Uniforme
1872

123



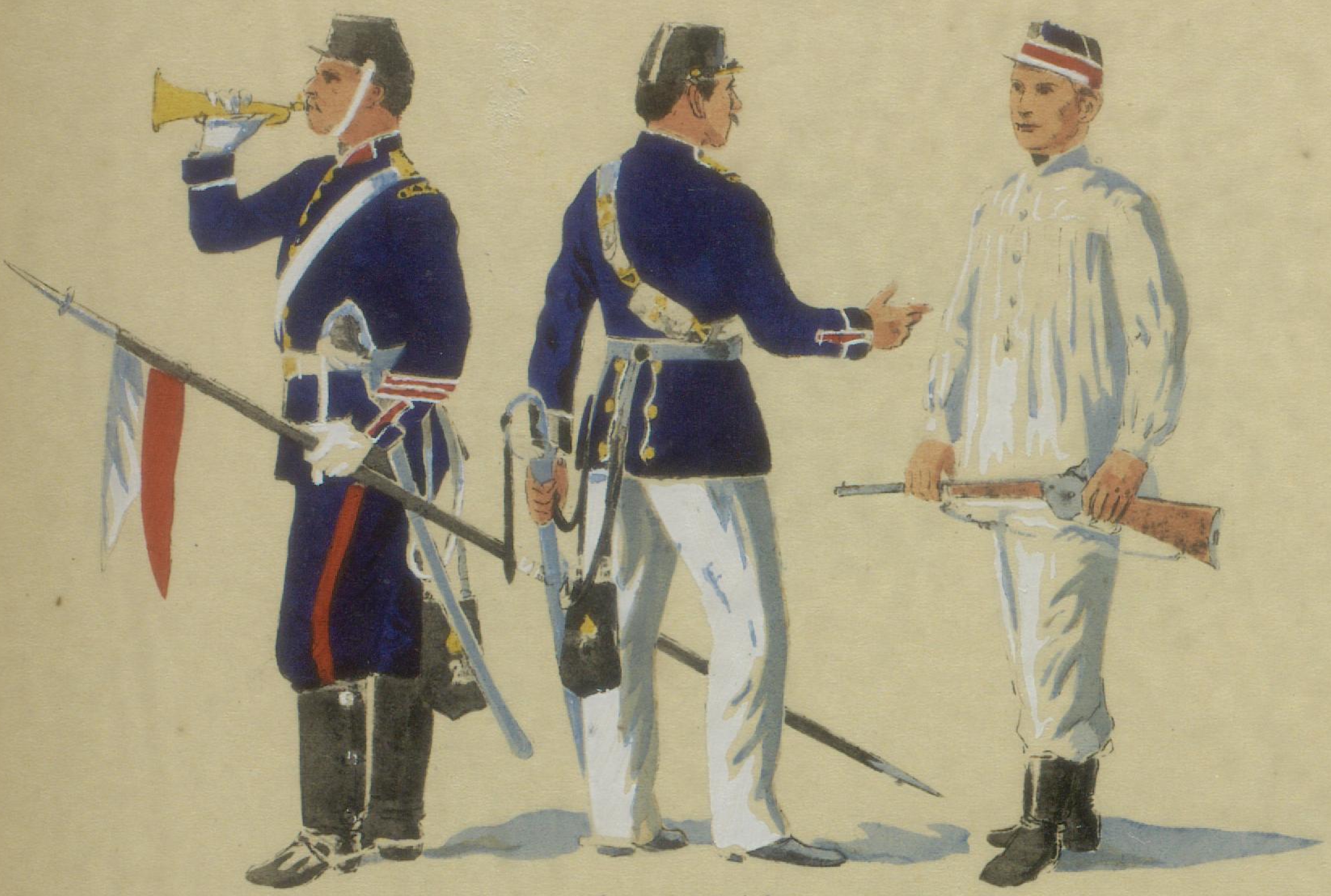
Artilharia á pé
Official e p. de pret.
Peq. Unif.
1872

124



1873-78
Cavallaria

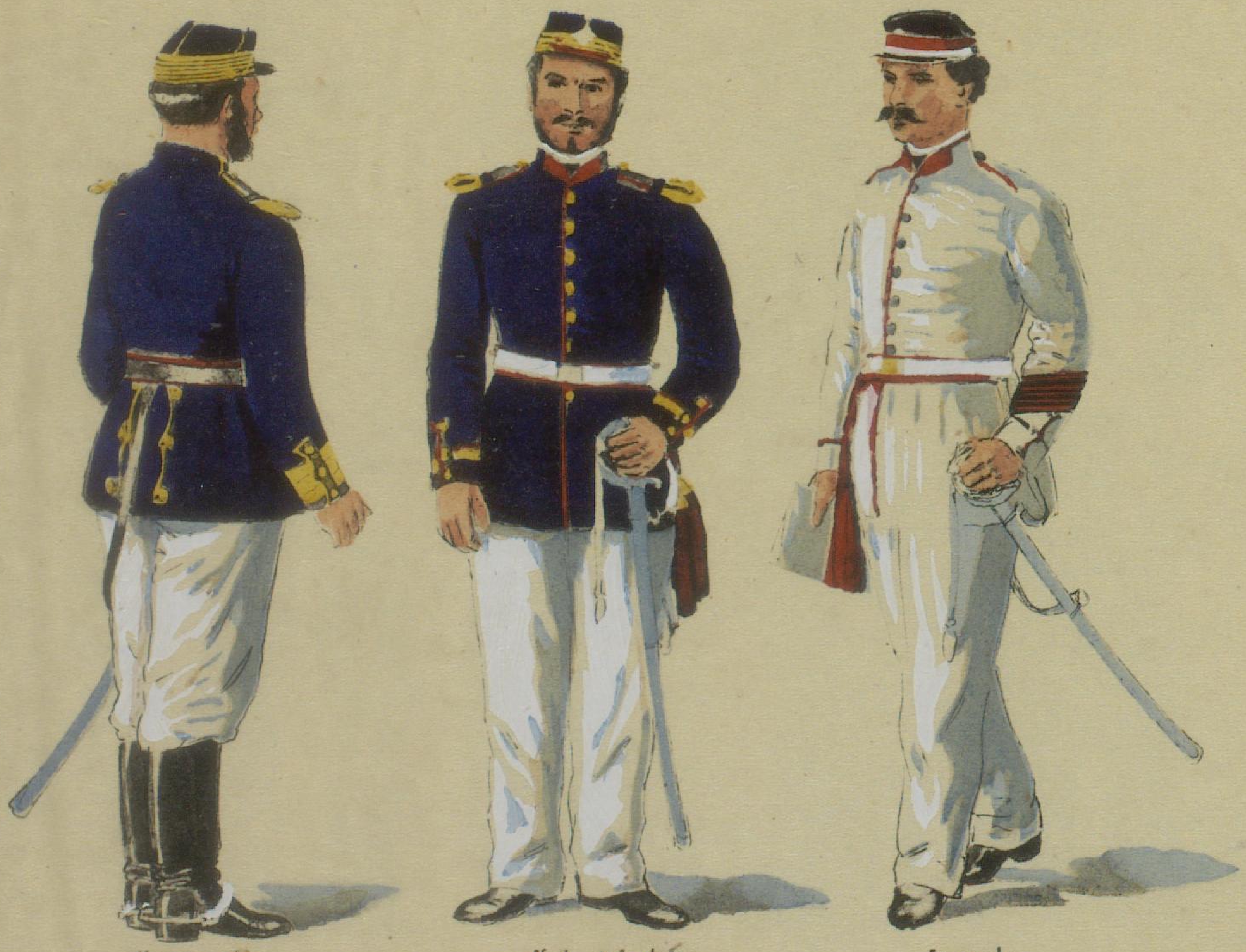
125



Cavall. de Guarnição

1873

126



Off. de Caçadores

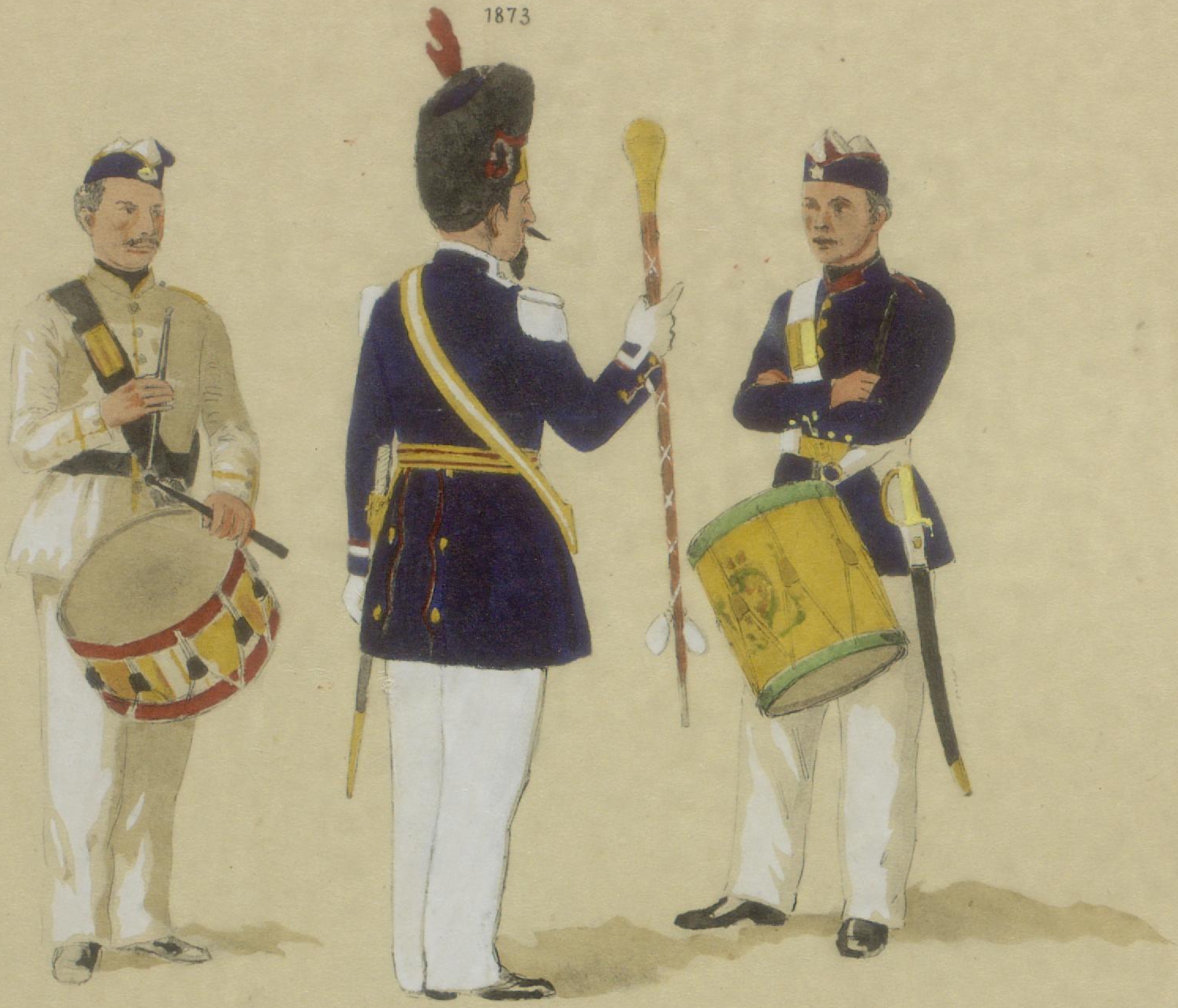
Off. de Infanteria

Sargento

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro R

1873

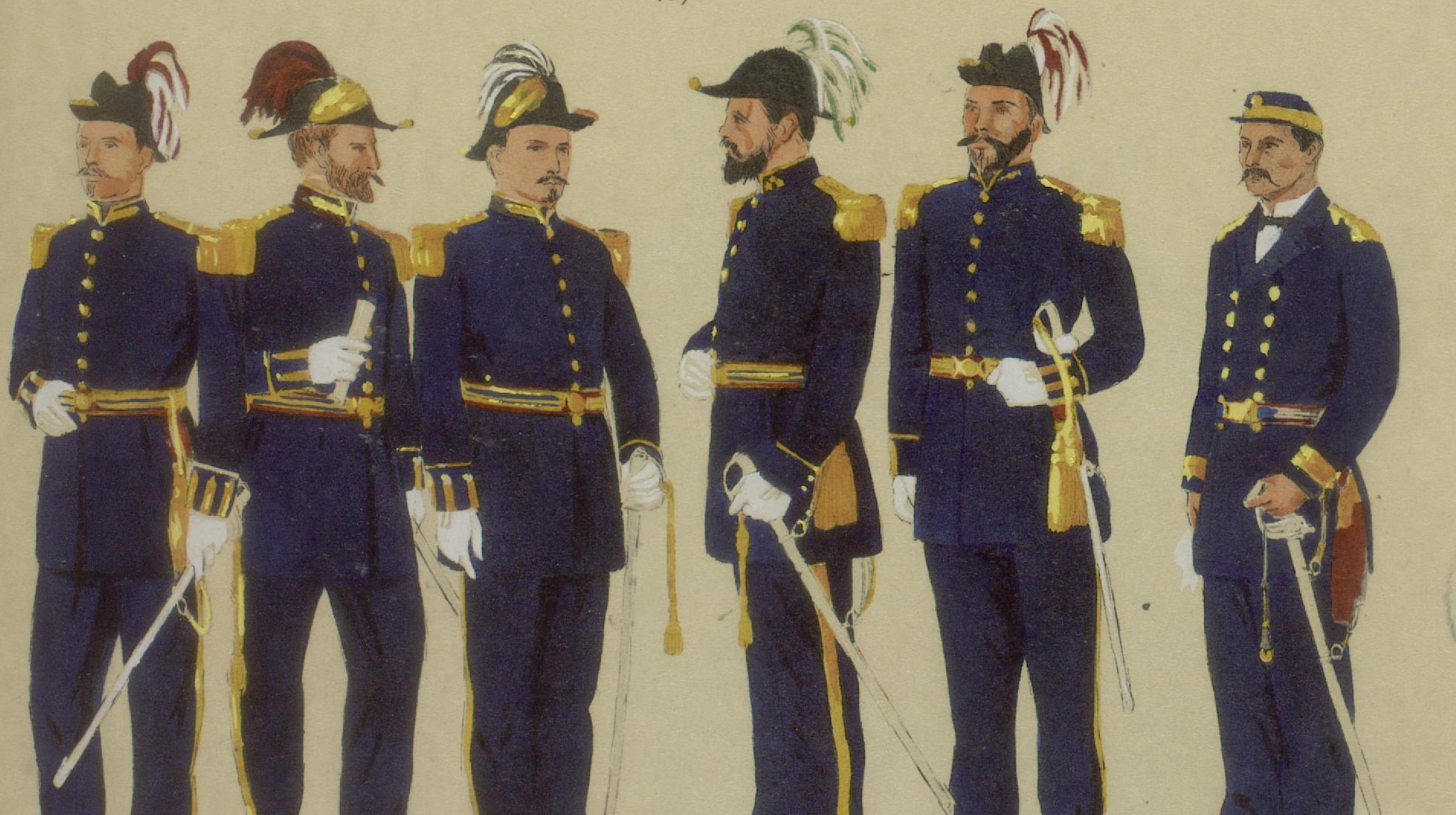
127



Corpos Especiaes

128

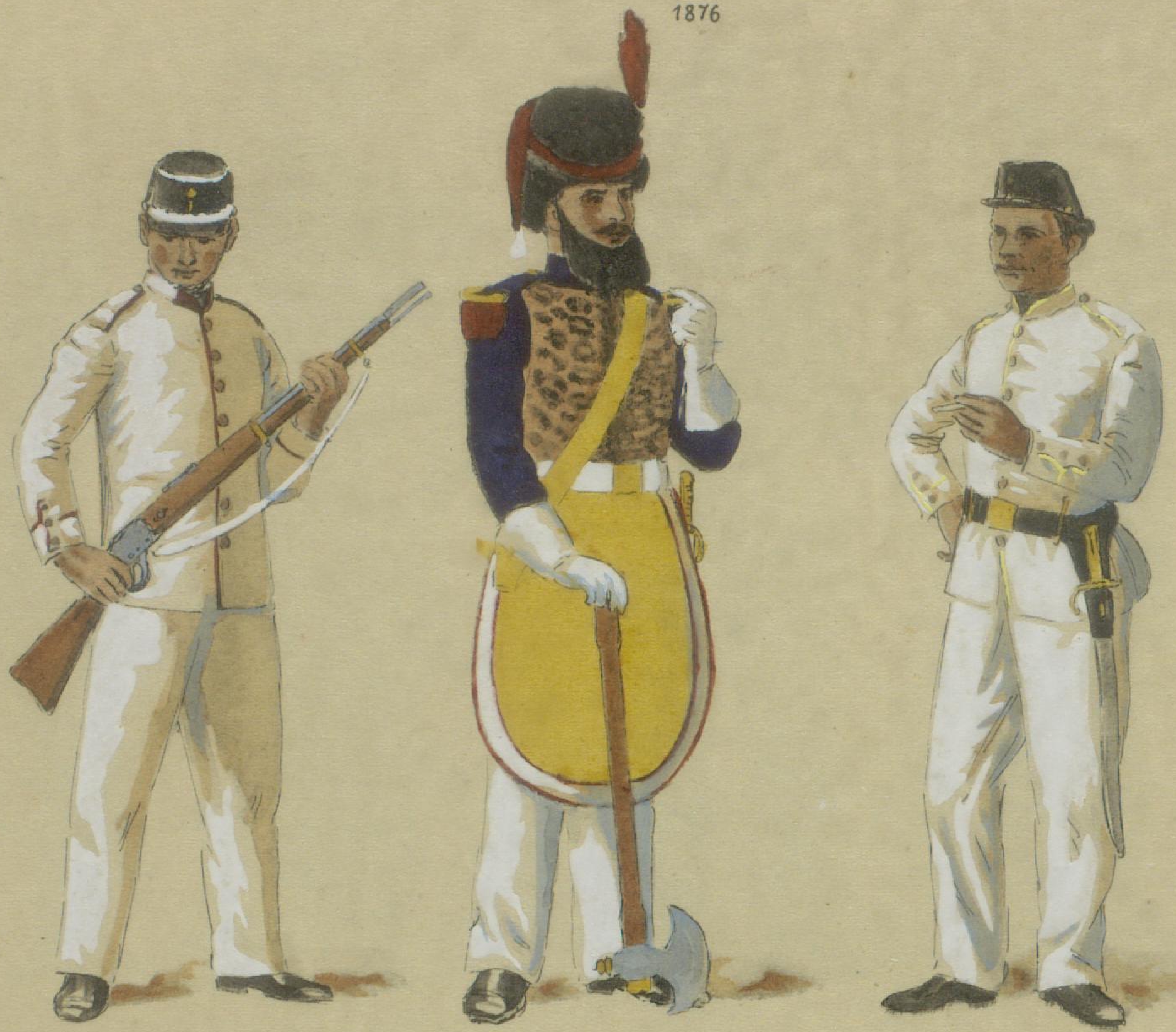
1874


Est. Maior de 1ª Classe
E. M. de Artilharia
Engenheiros
E. M. de 2ª Classe
Corpo de Saude

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

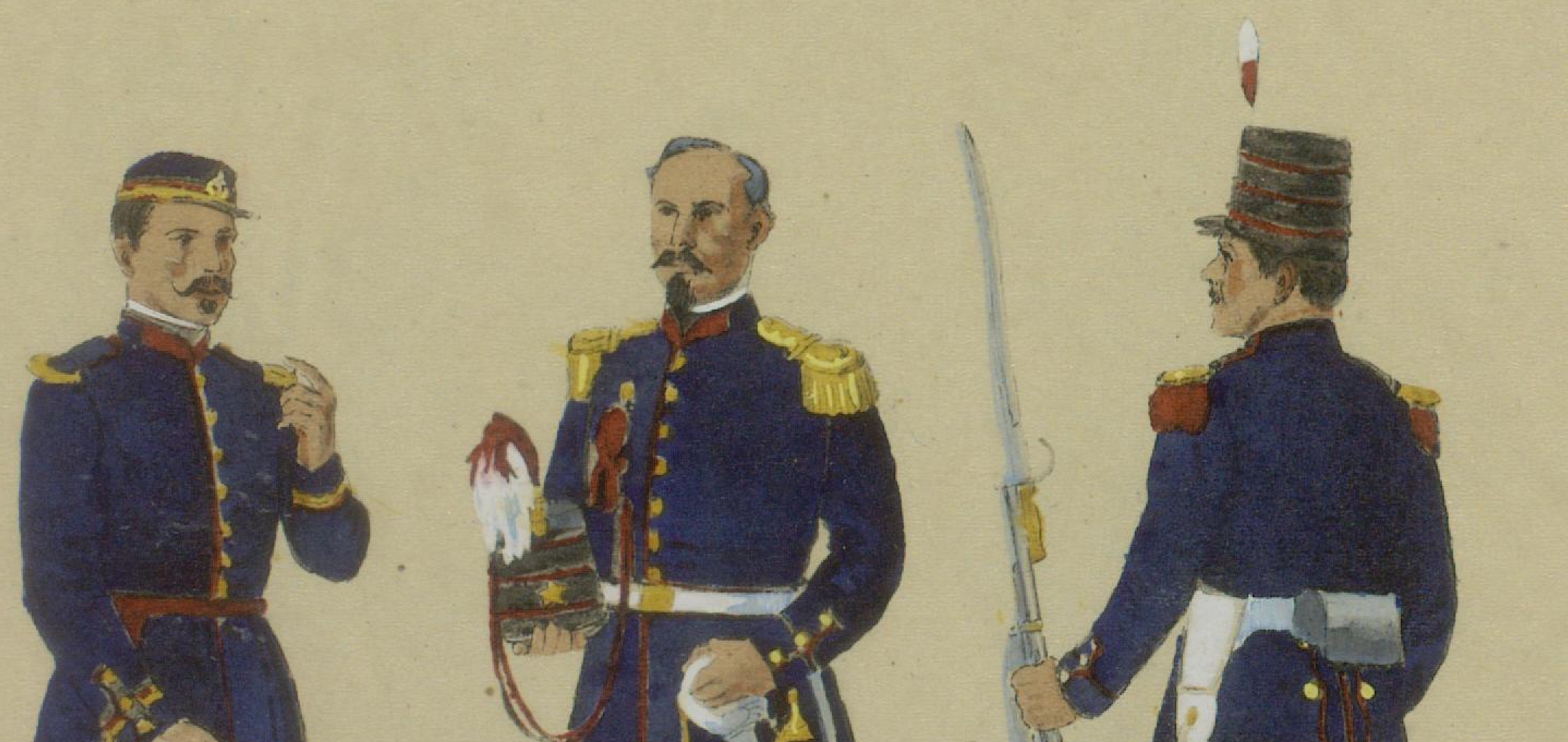
1876

129



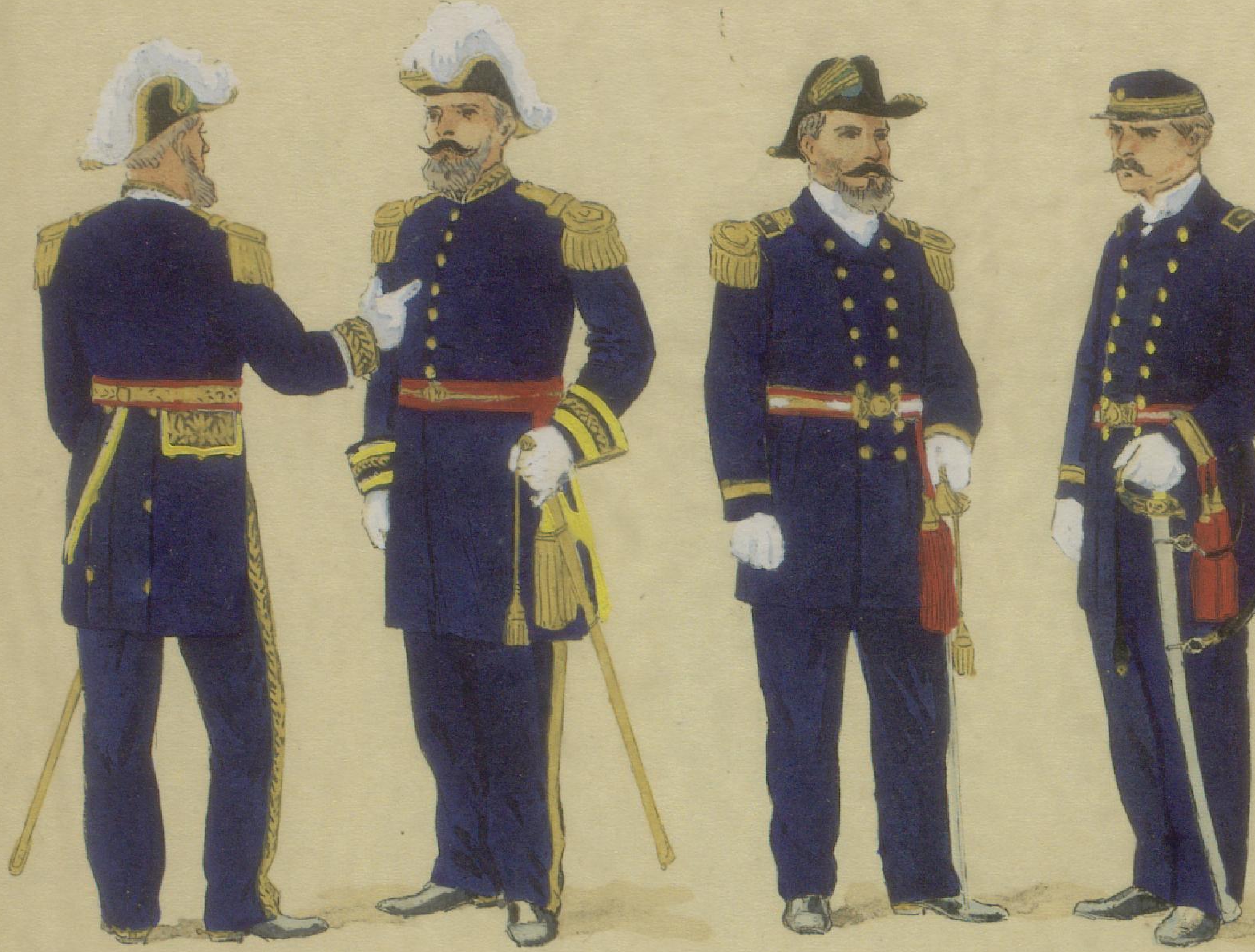
1880-81

130



E.M.General e Corpos Especiaes
1881

131

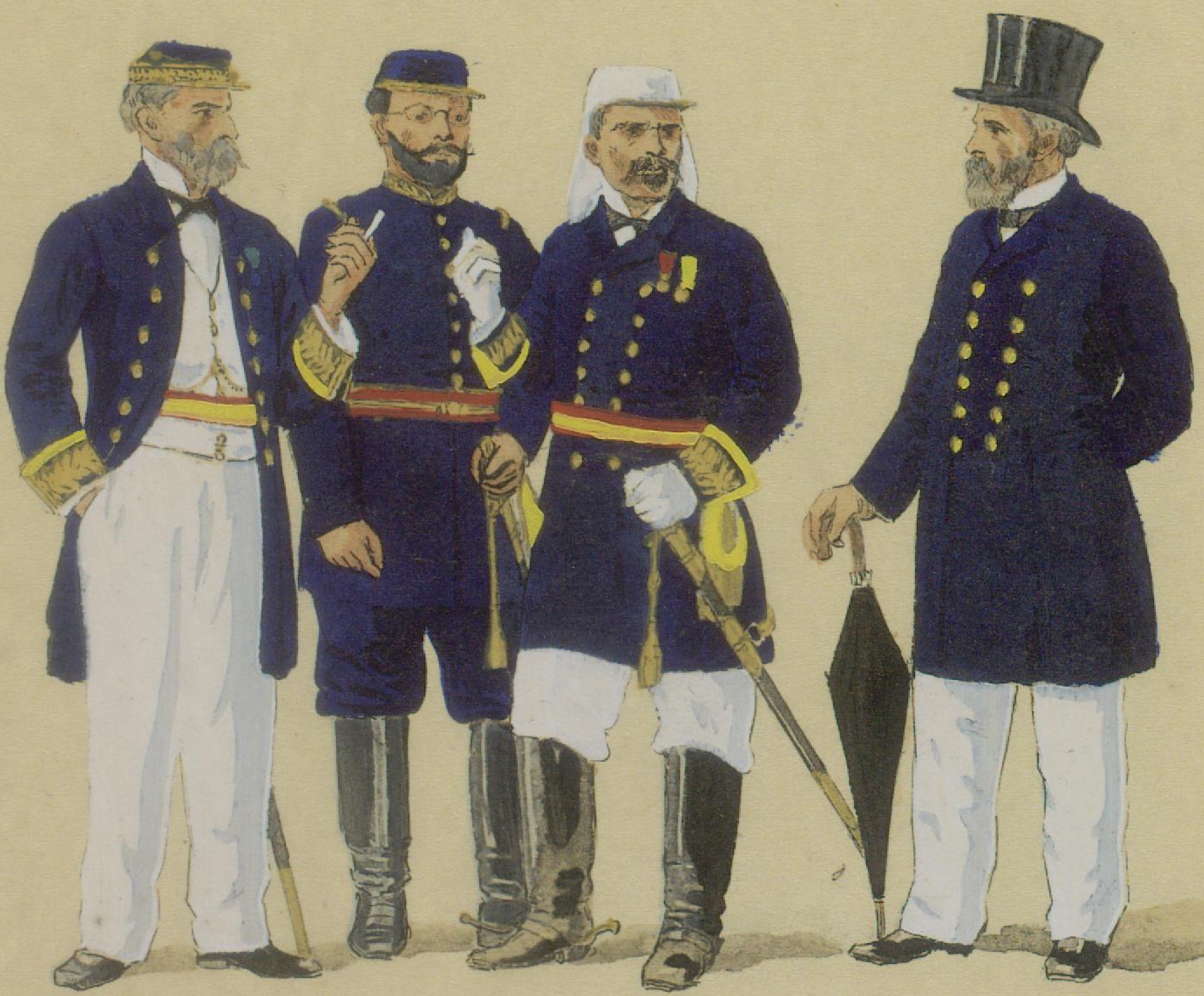


E M.General . Gr.^{de} Unif.

C.Esp.„ Gr.^{de} e peq. Unif.

E.M.General
1881

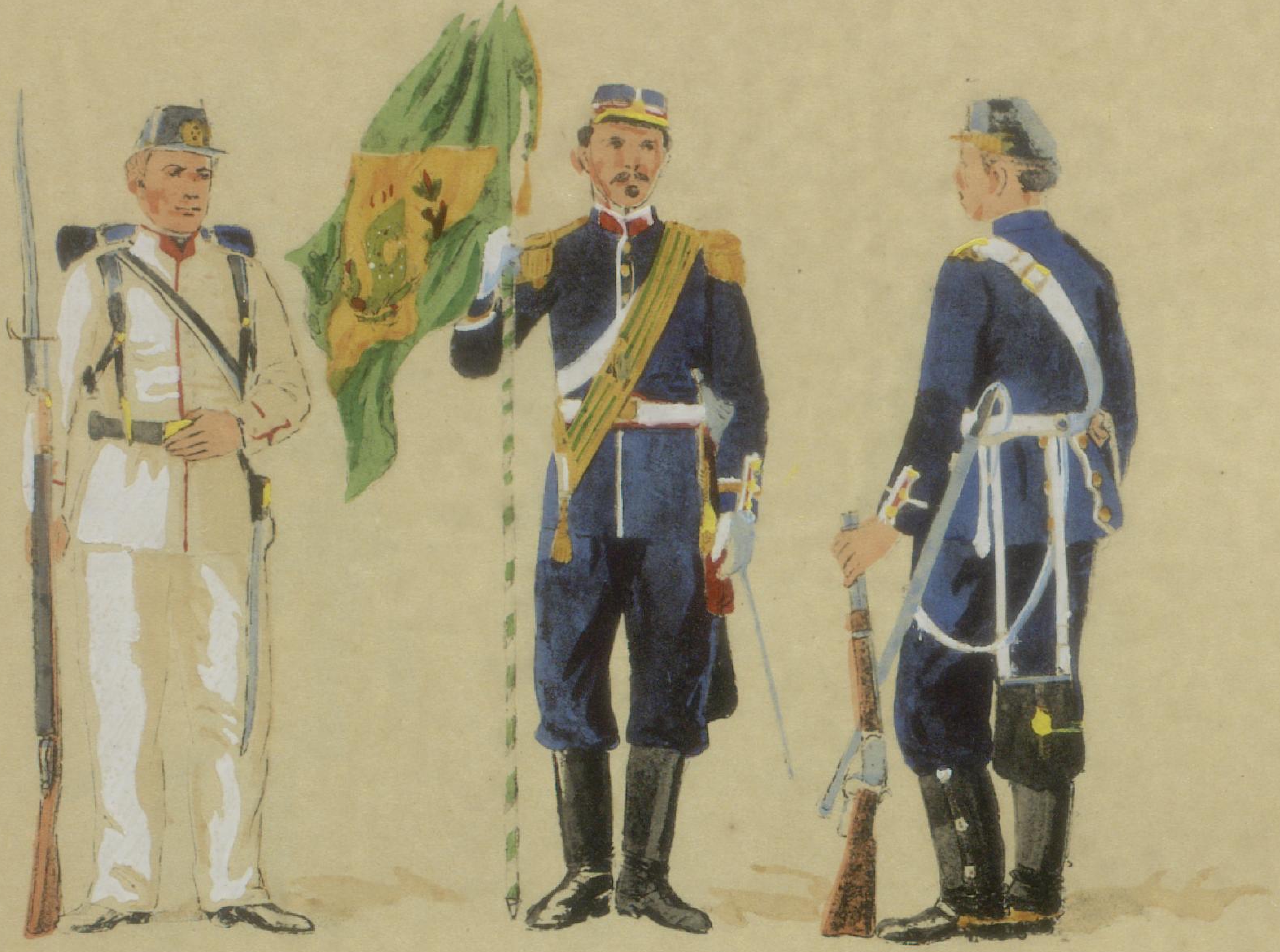
132



Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro

1881

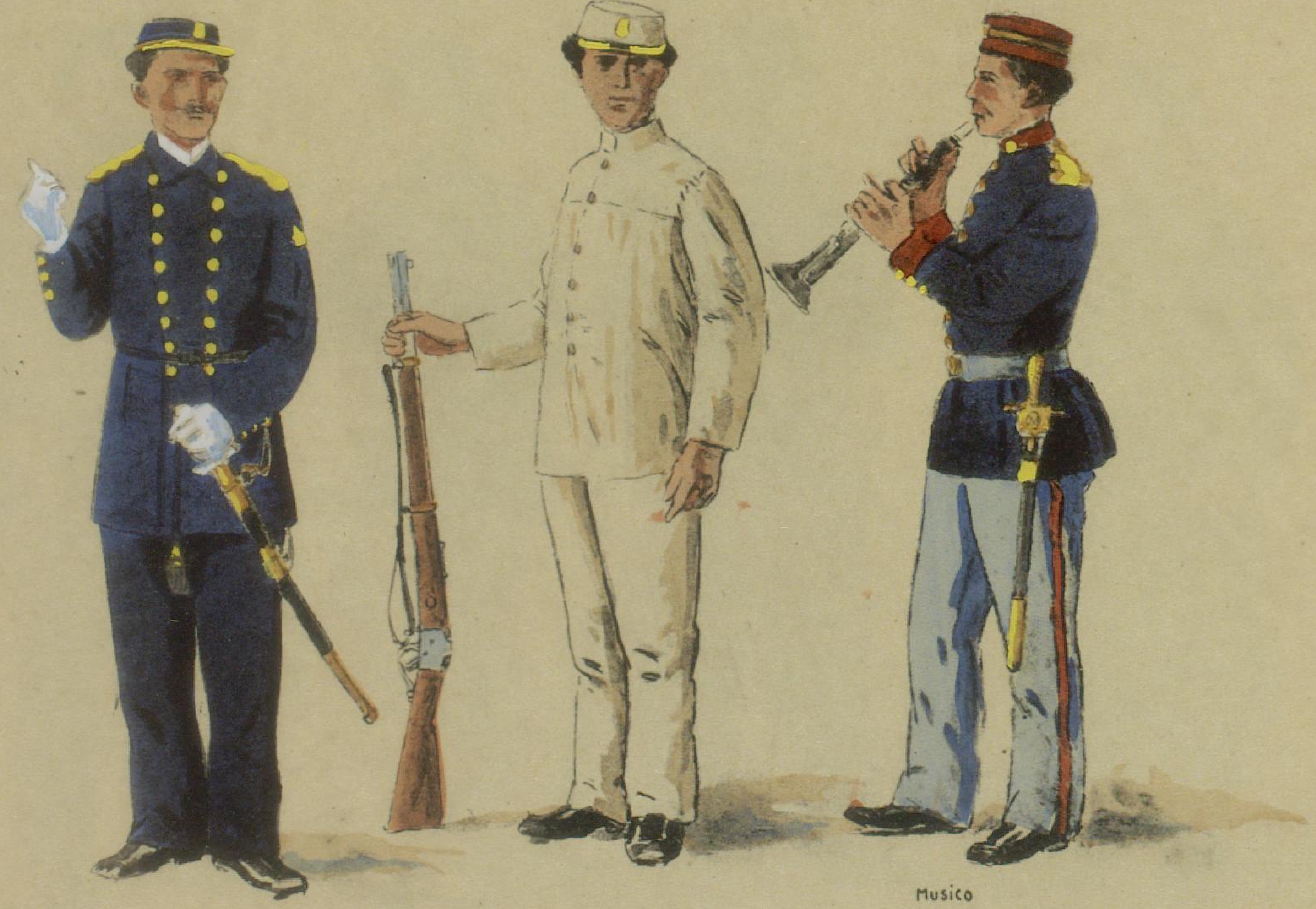
133



BIBLIOTHECA NACIONAL Rio de Janeiro

Escola Militar
1881

134

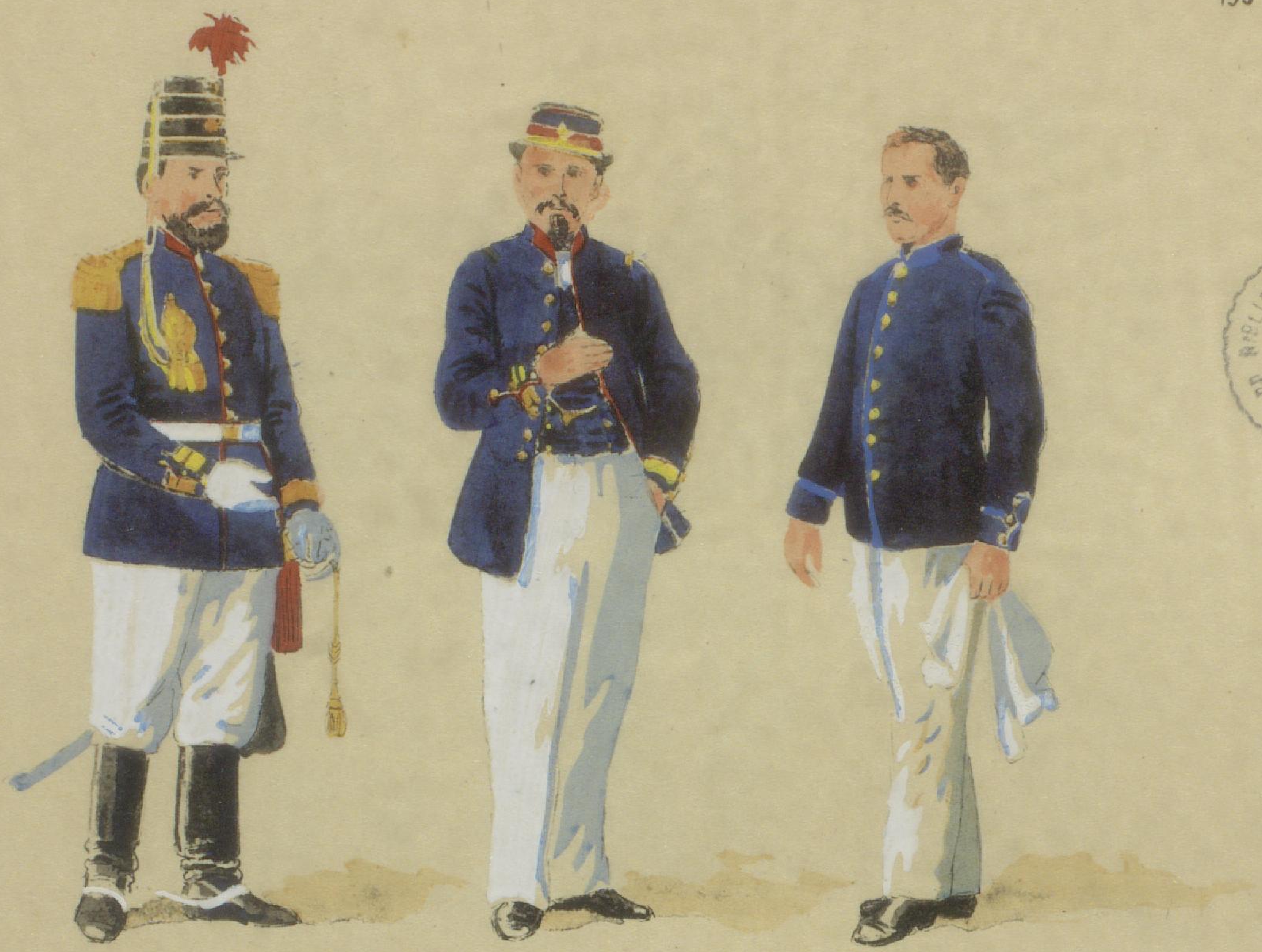


Musico

1883

135

BIBLIOTHECA R do Rio de Janeiro

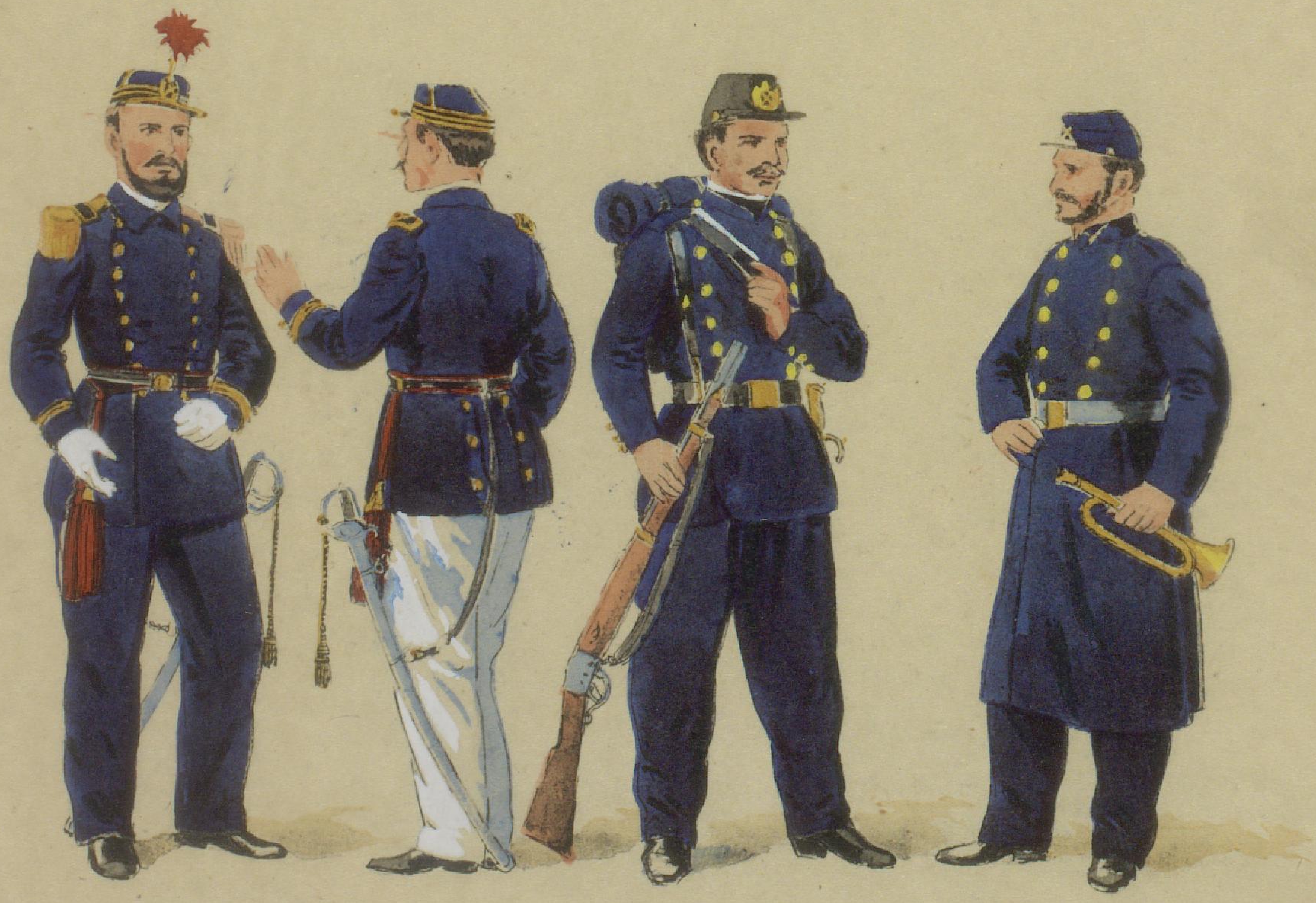


Officiaes de Infant.

Enfermeiro

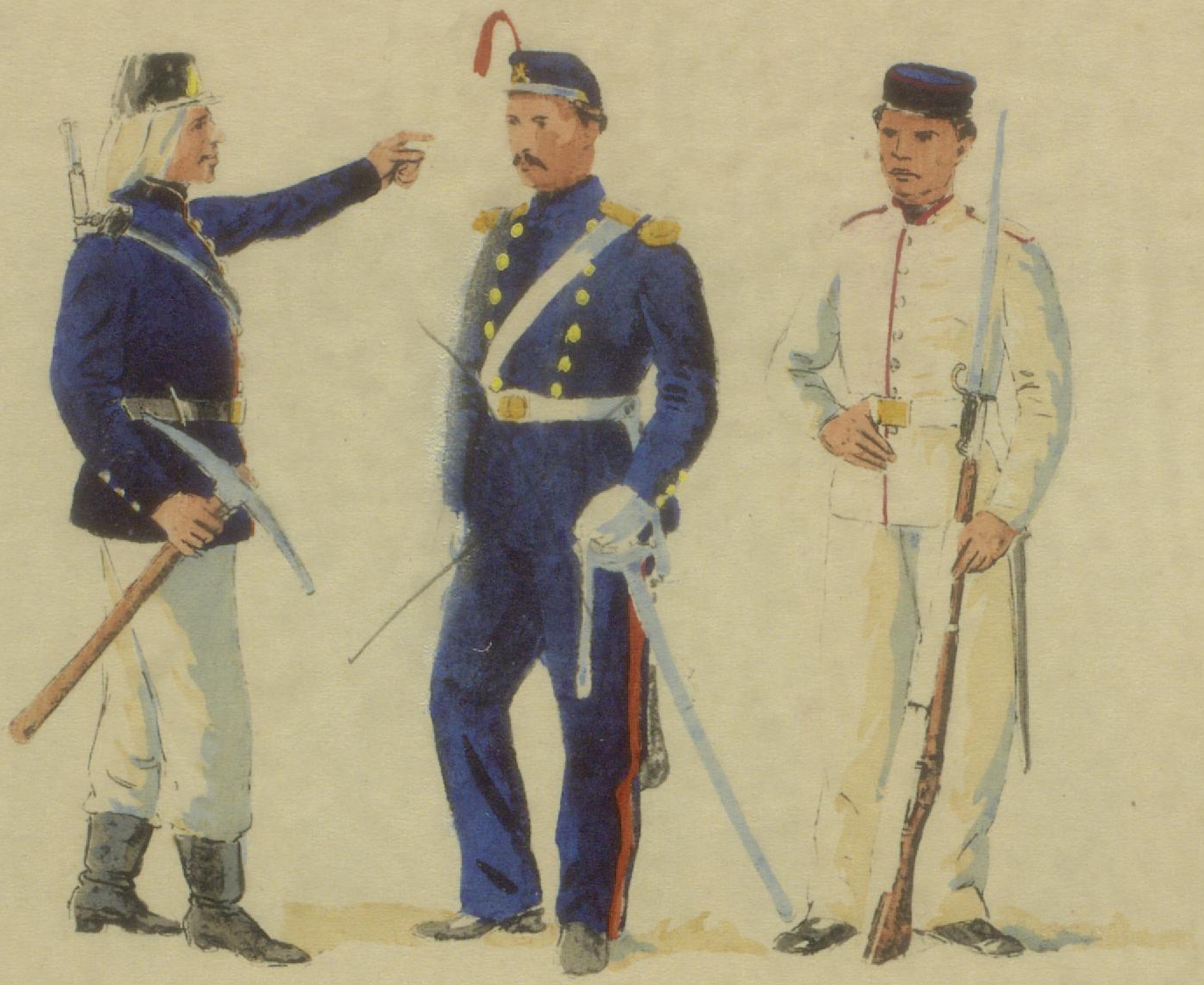
1884

136



1884

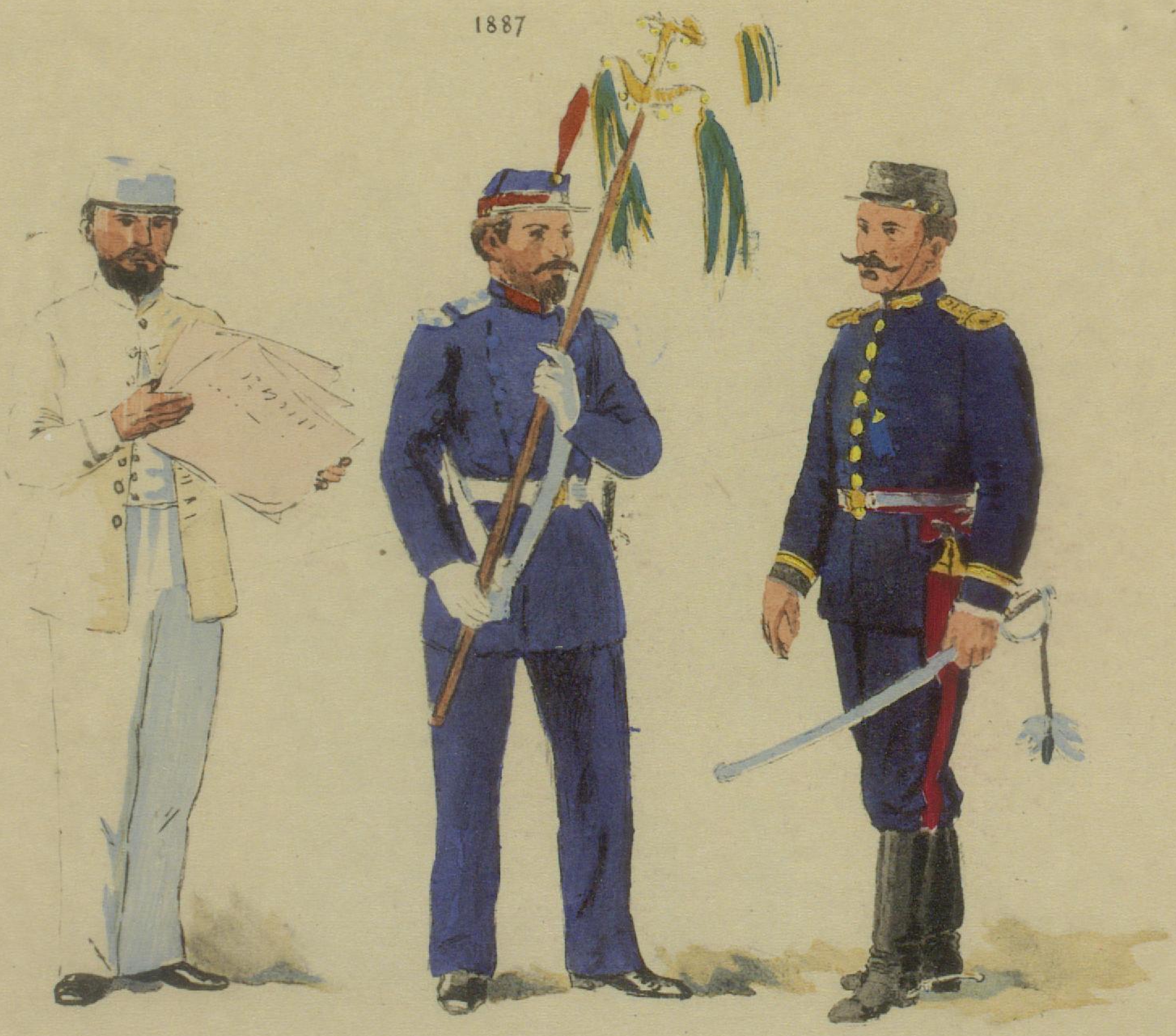
137



do BIBLIOTHECA R Rio de Janeiro

1887

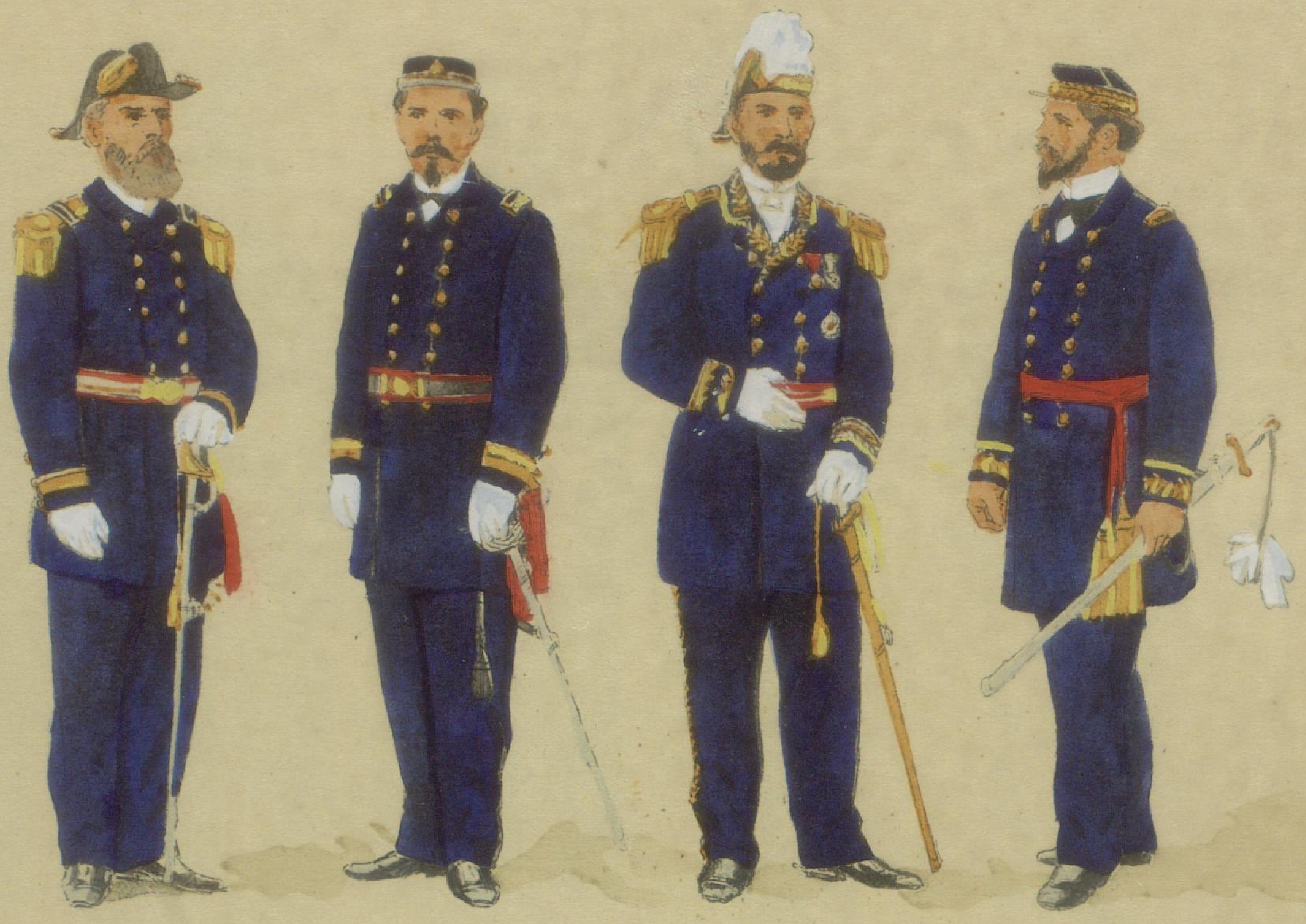
138



Officiaes Honorarios
1883

E.M.General
1888

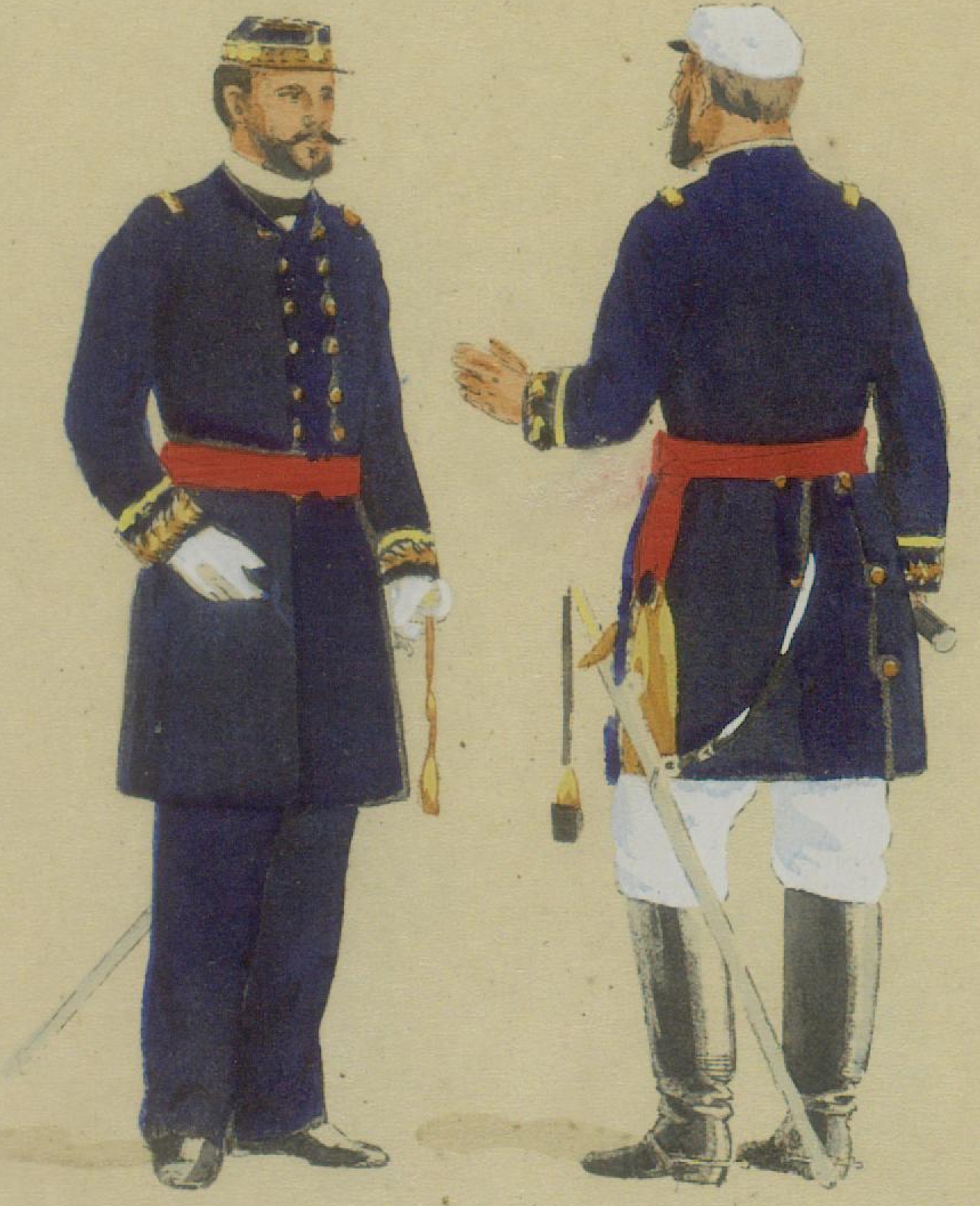
139



E. M. General

1889

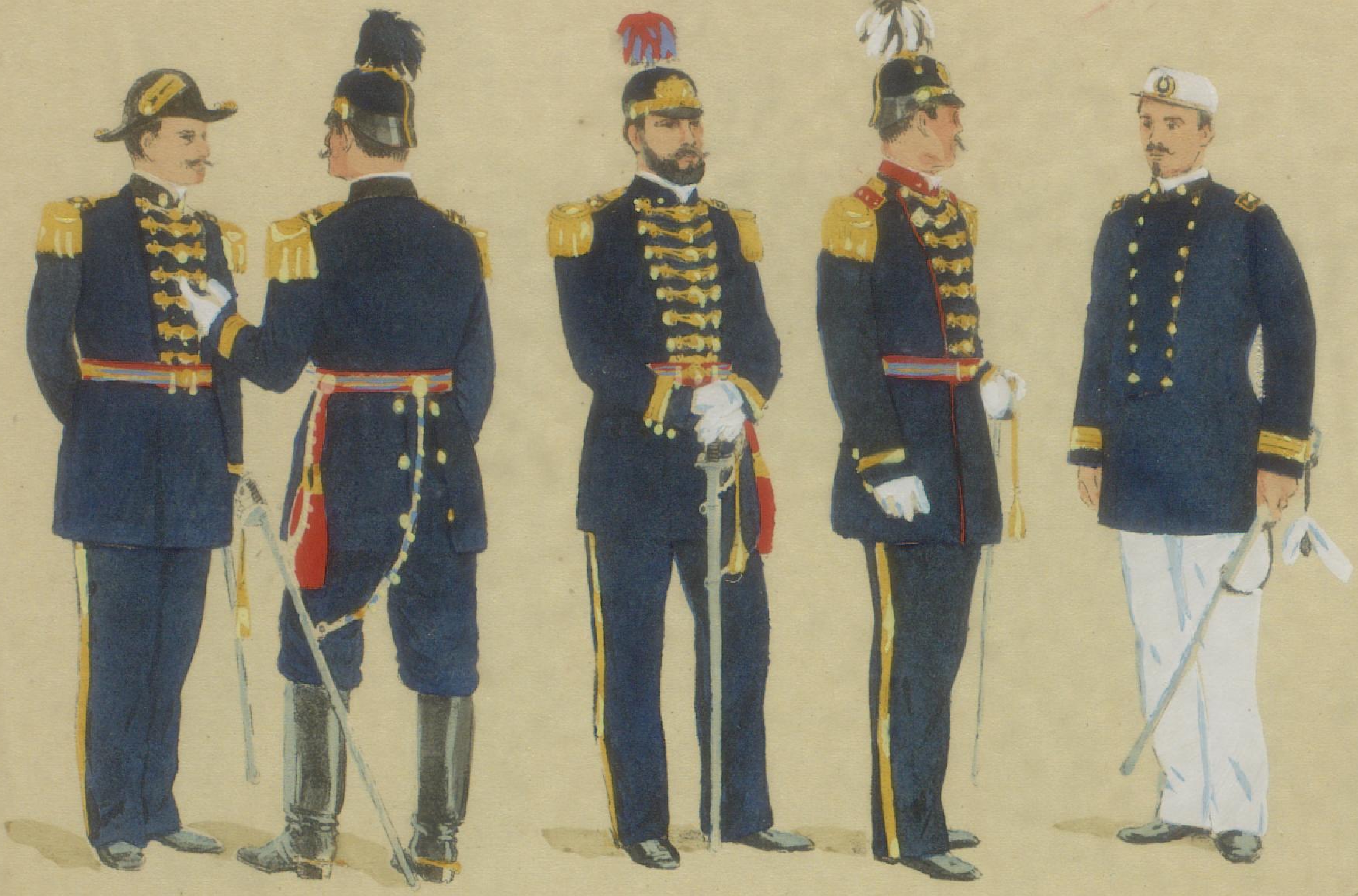
140



Corpos Especiaes

1889

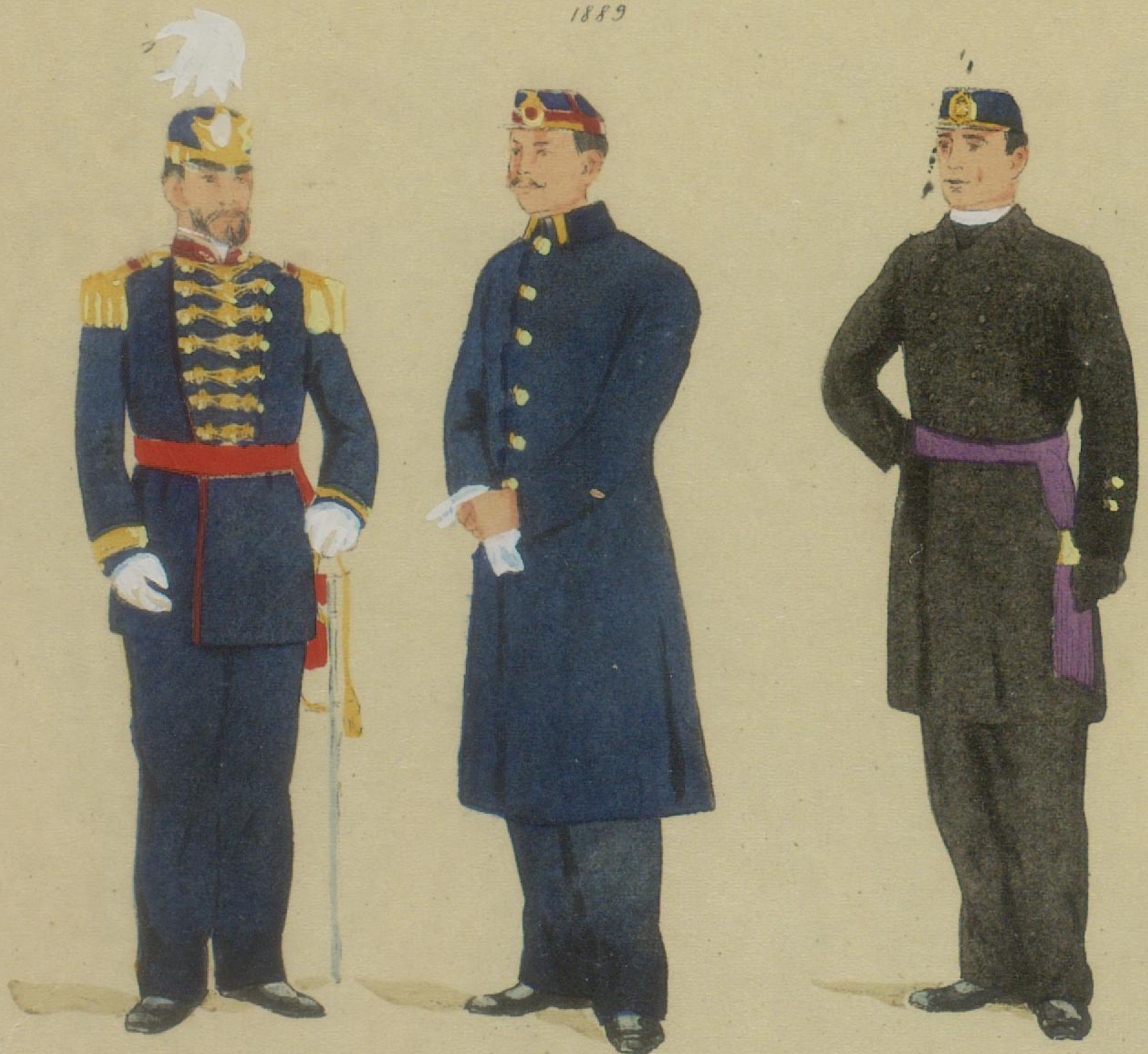
141



Corpos Especiaes
Corpo de Saúde e Capellães

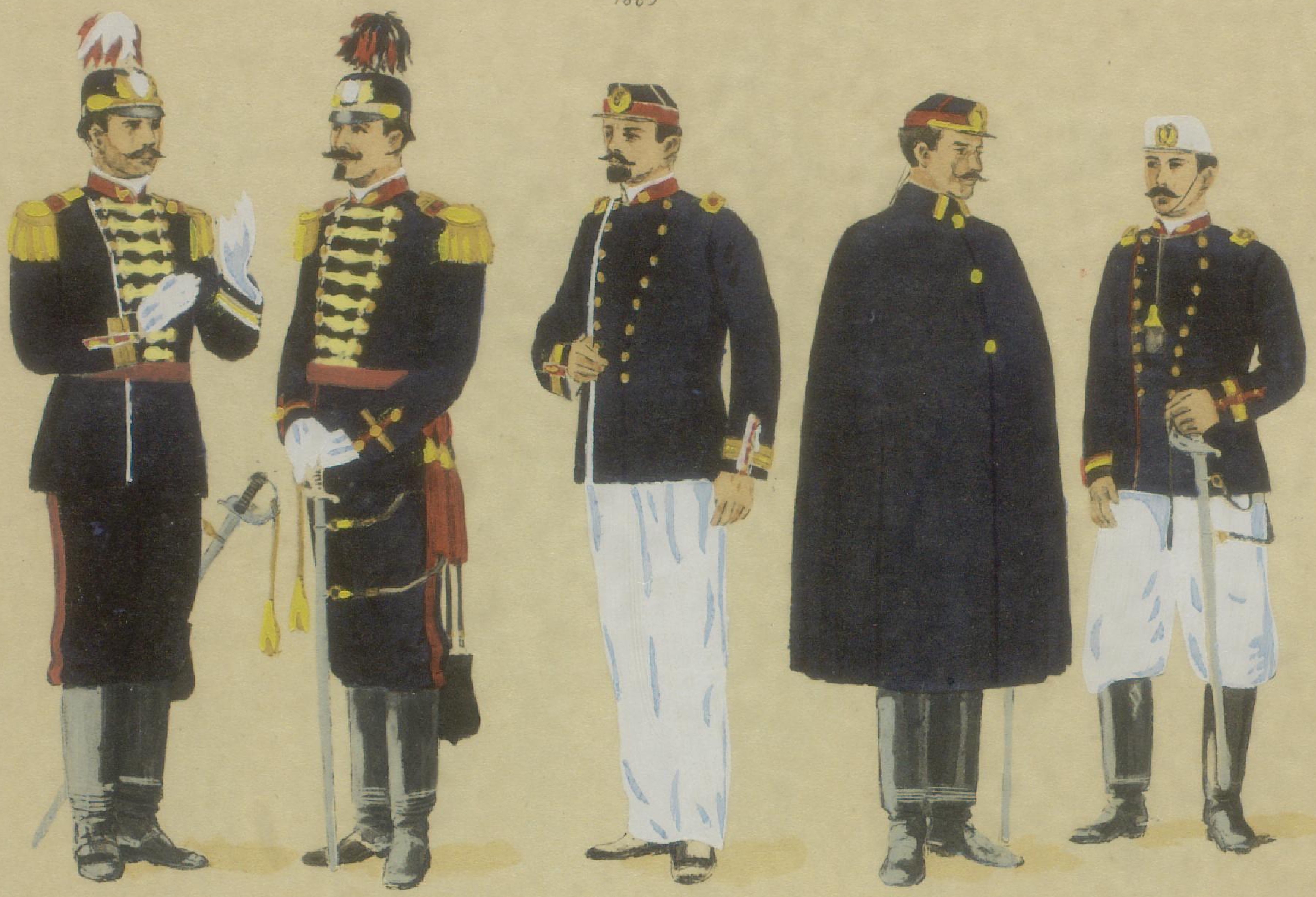
1889

142



Cavallaria e Artilharia
1889

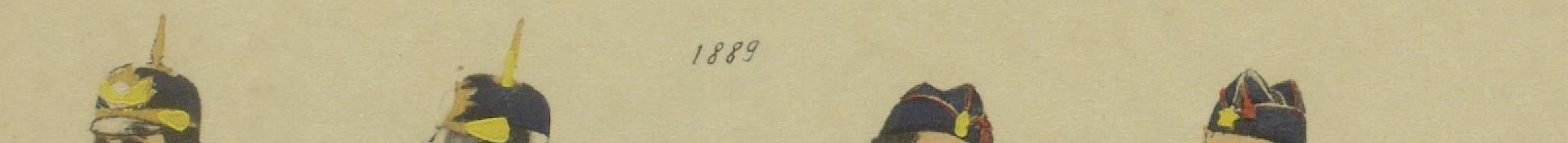
143



Cavallaria e Artilharia

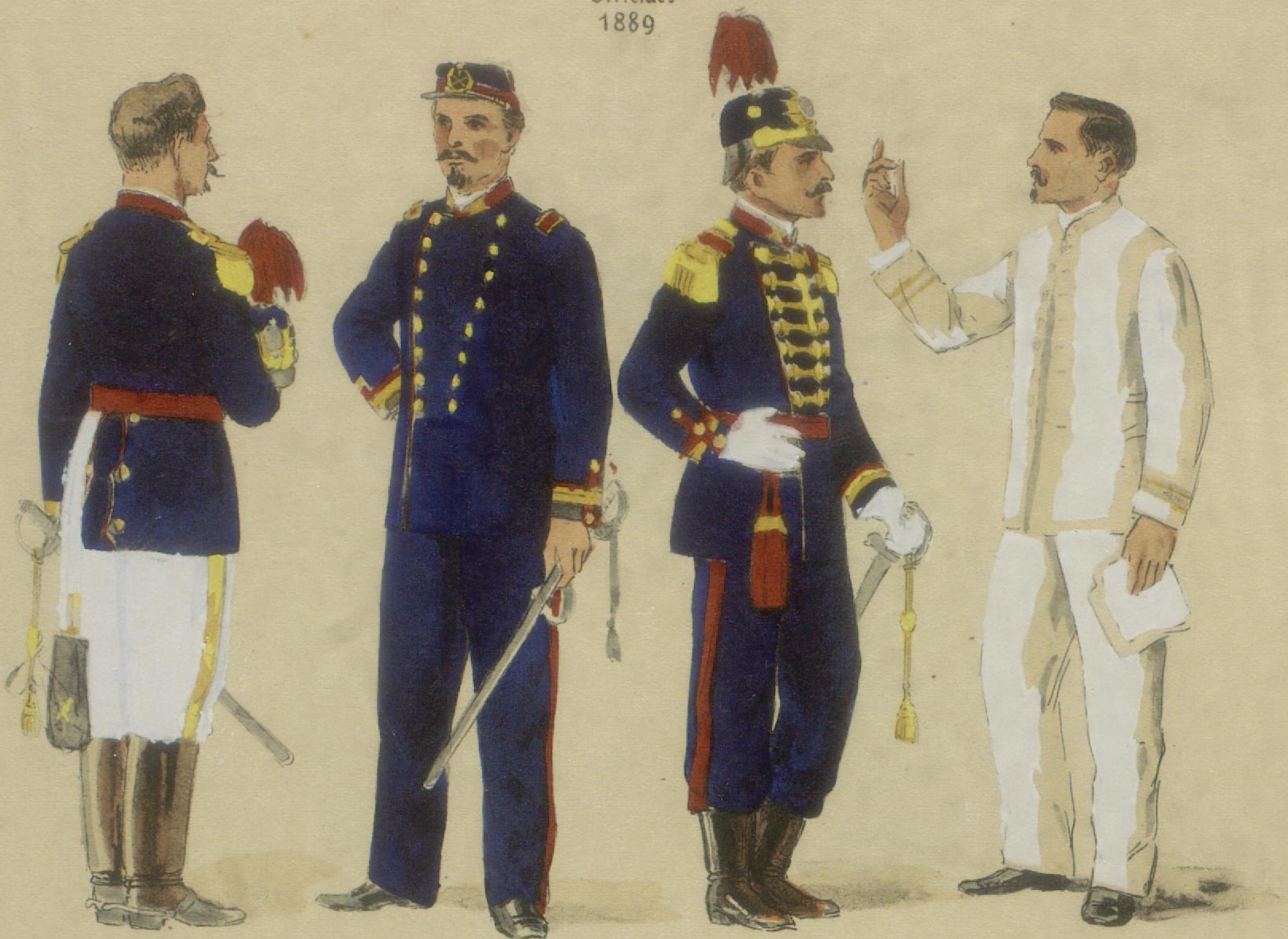
144

1889



Infanteria
Officiaes
1889

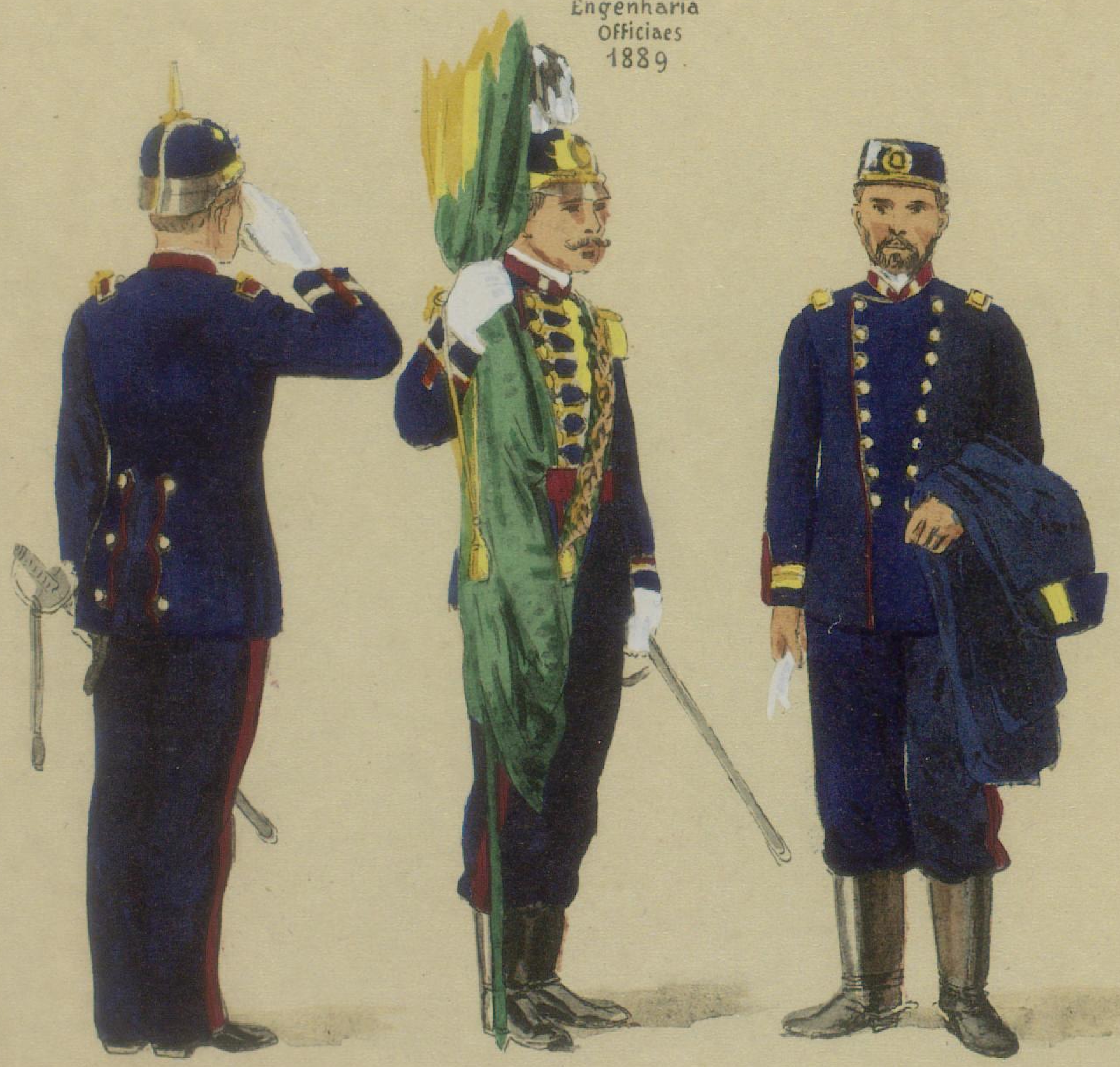
145



J.W.R.

Engenharia
Officiaes
1889

146

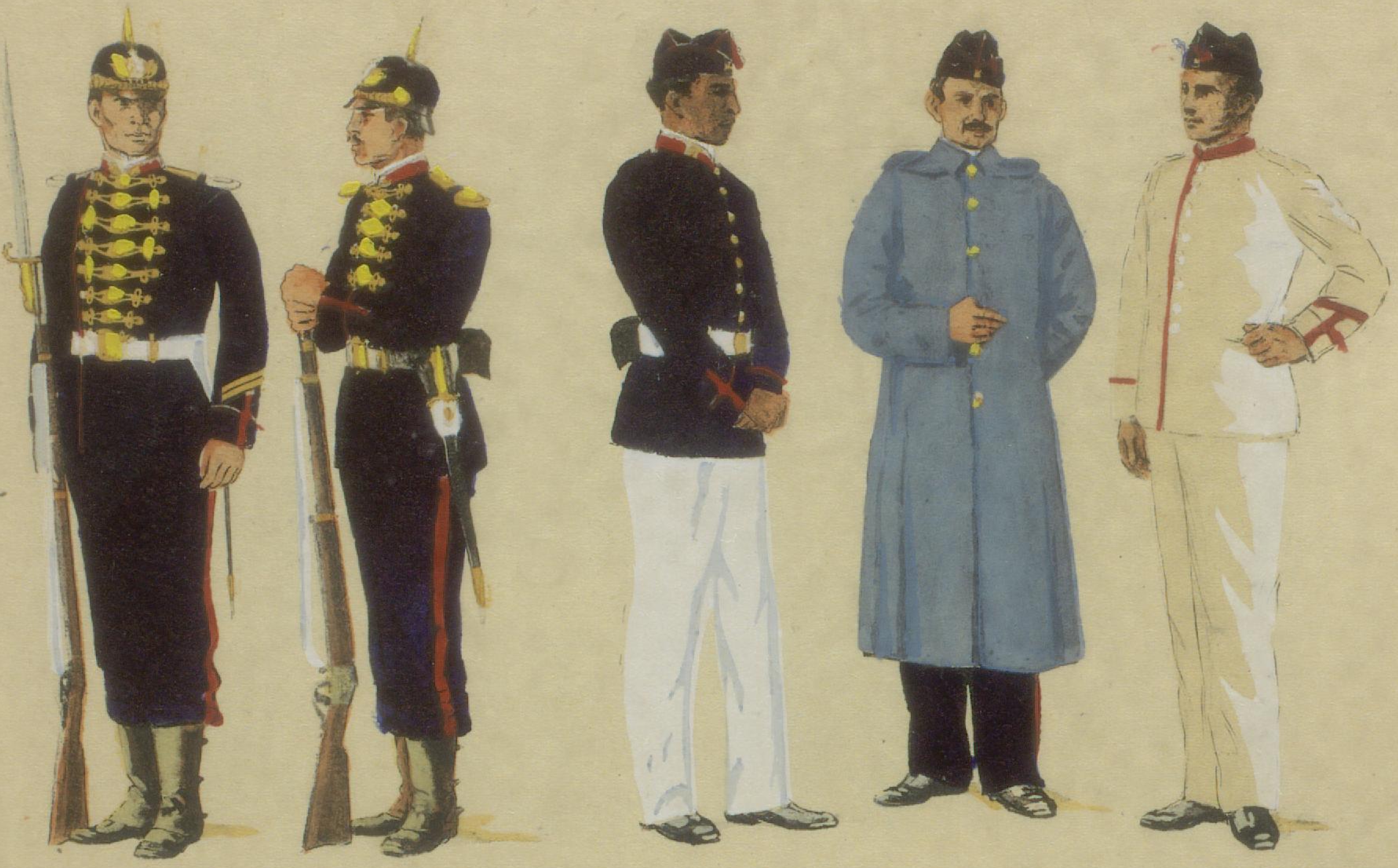


J.W.R.

Infanteria, Artilharia e Engenharia

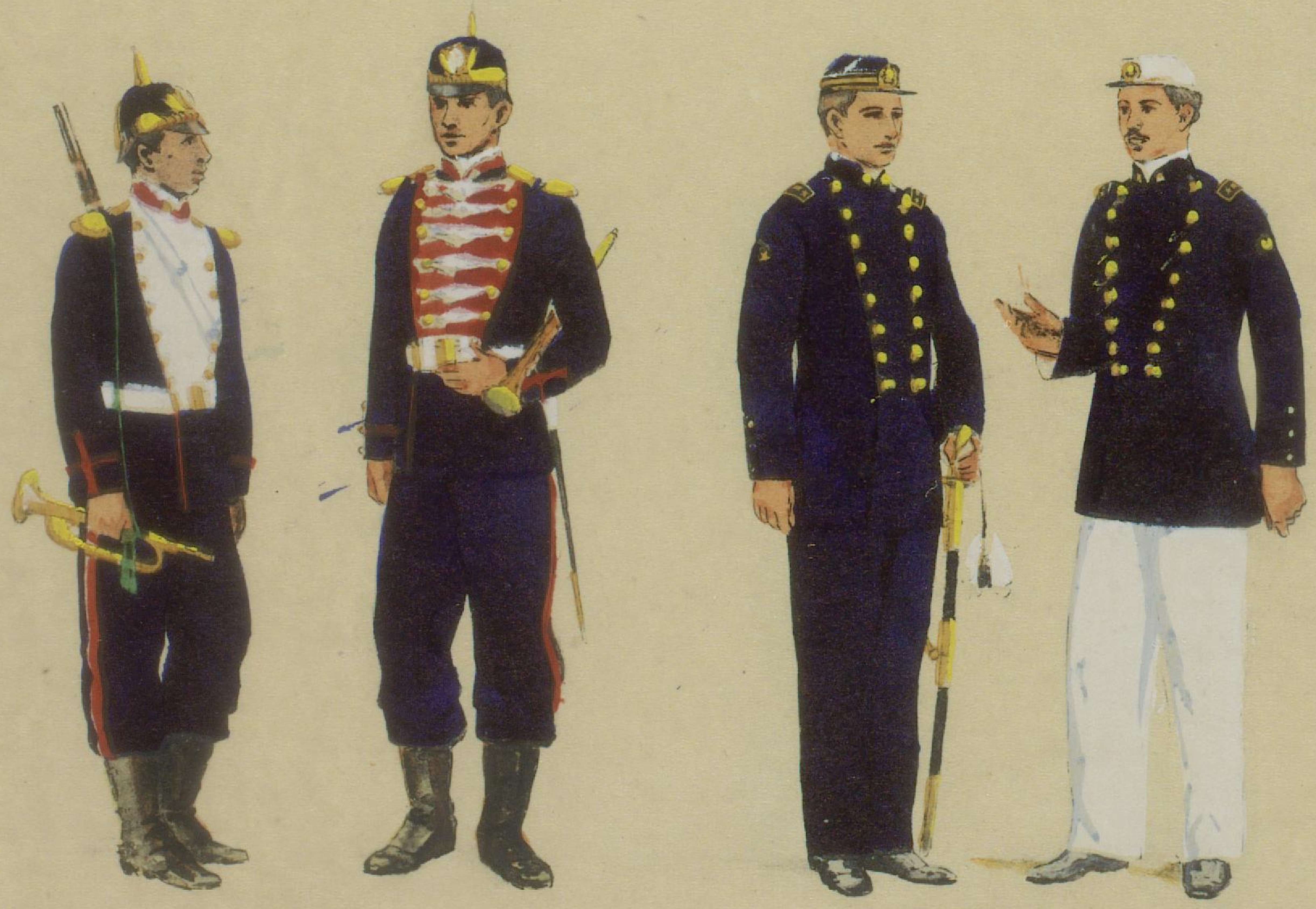
147

1889



1889

148

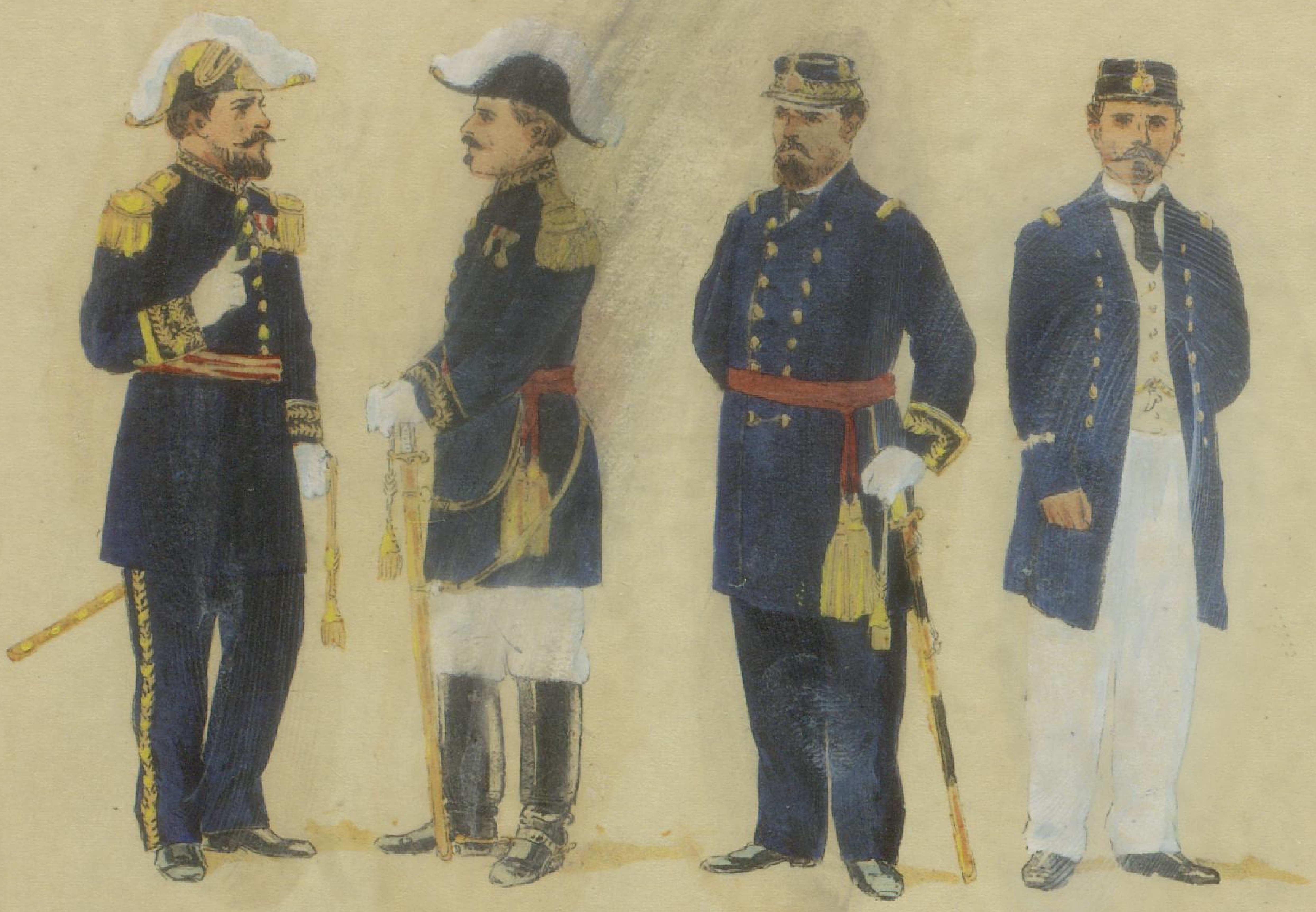


Infanteria

E. Militar

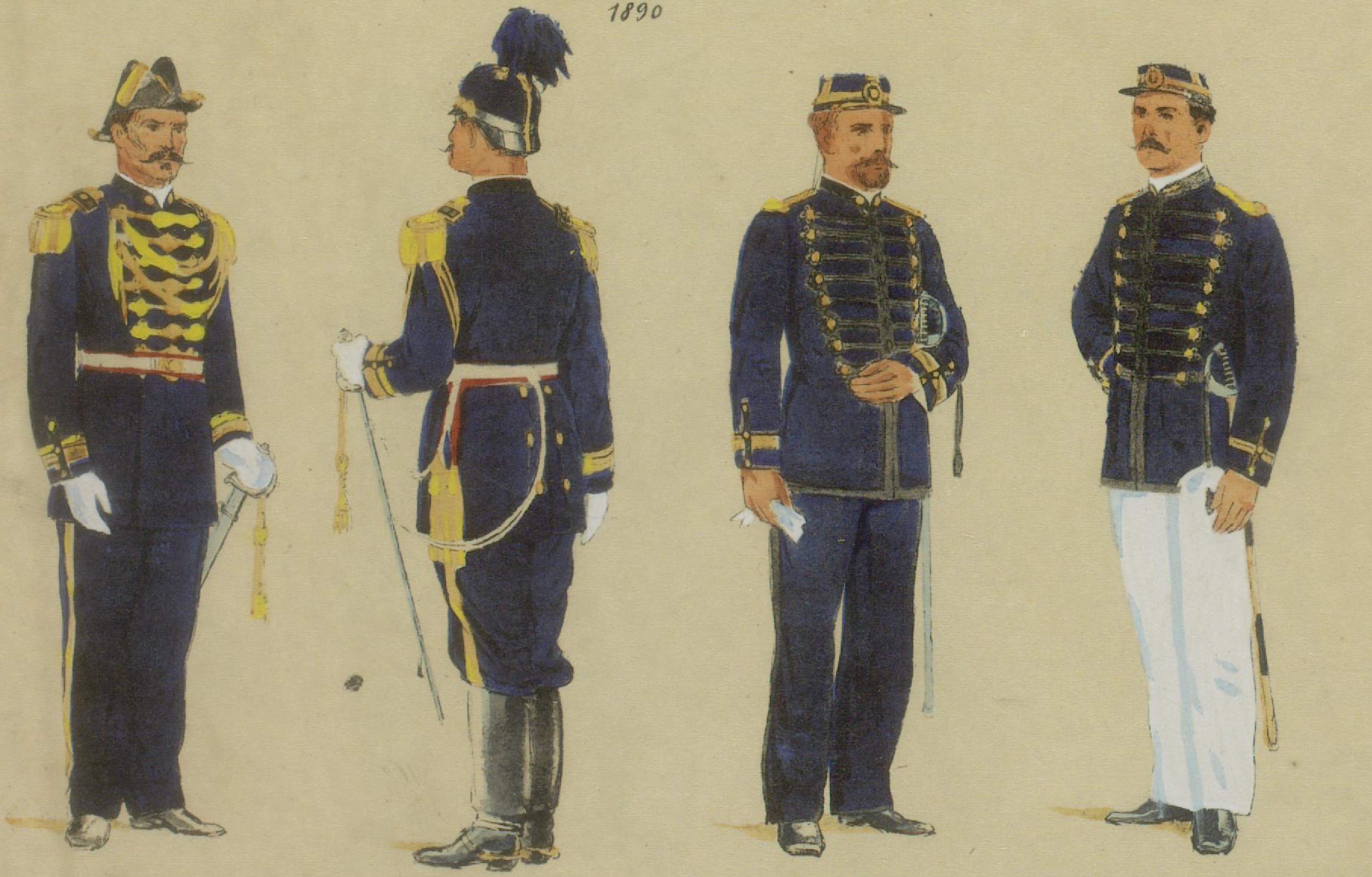
E.M. General
1890

149



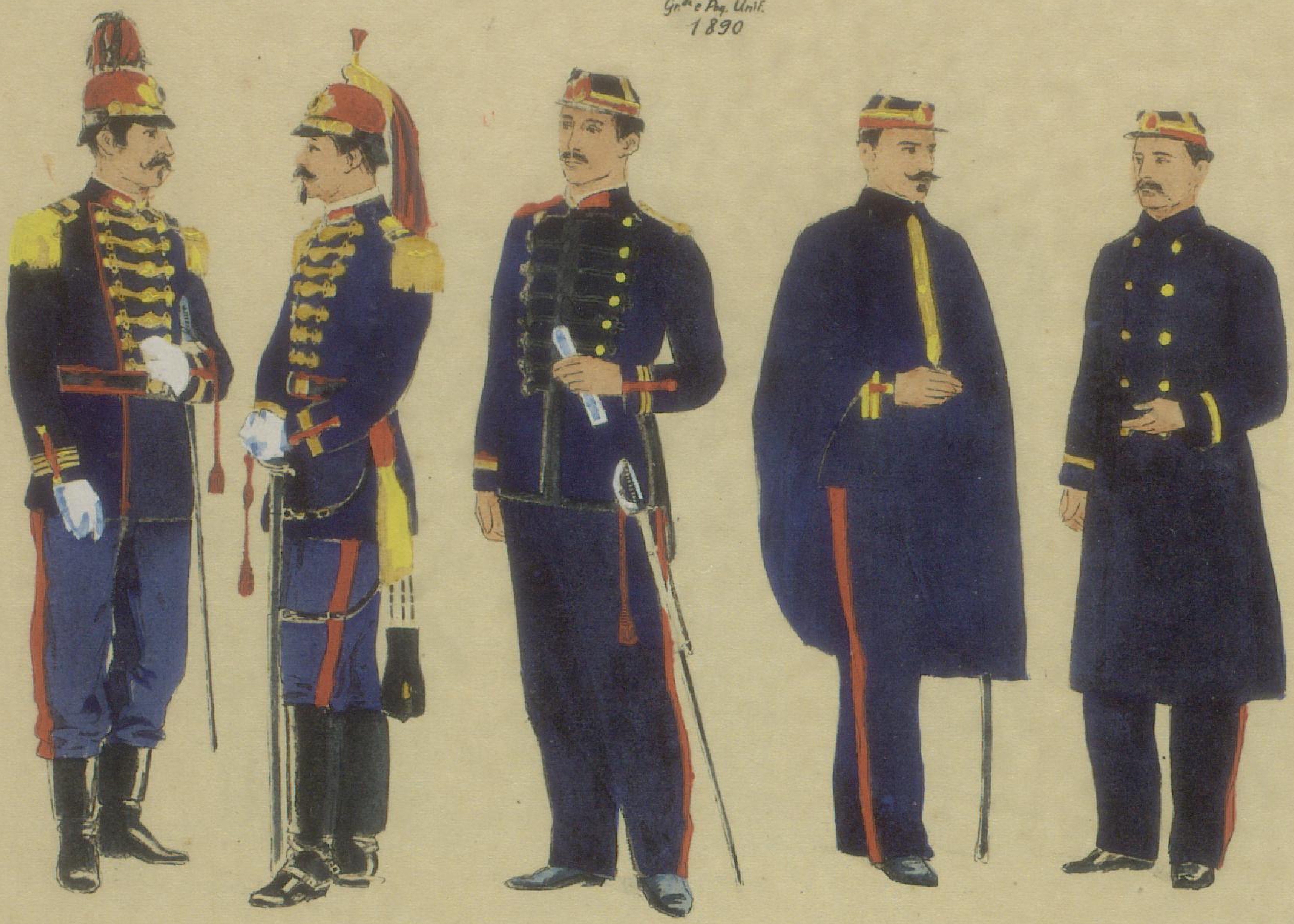
Corpos Especiaes e E. Maior
de Artilh.
Gr.^{de} e Pequeno Unif.
1890

150



Artilharia
Officiaes
Gr.^{de} e Peq. Unif.
1890

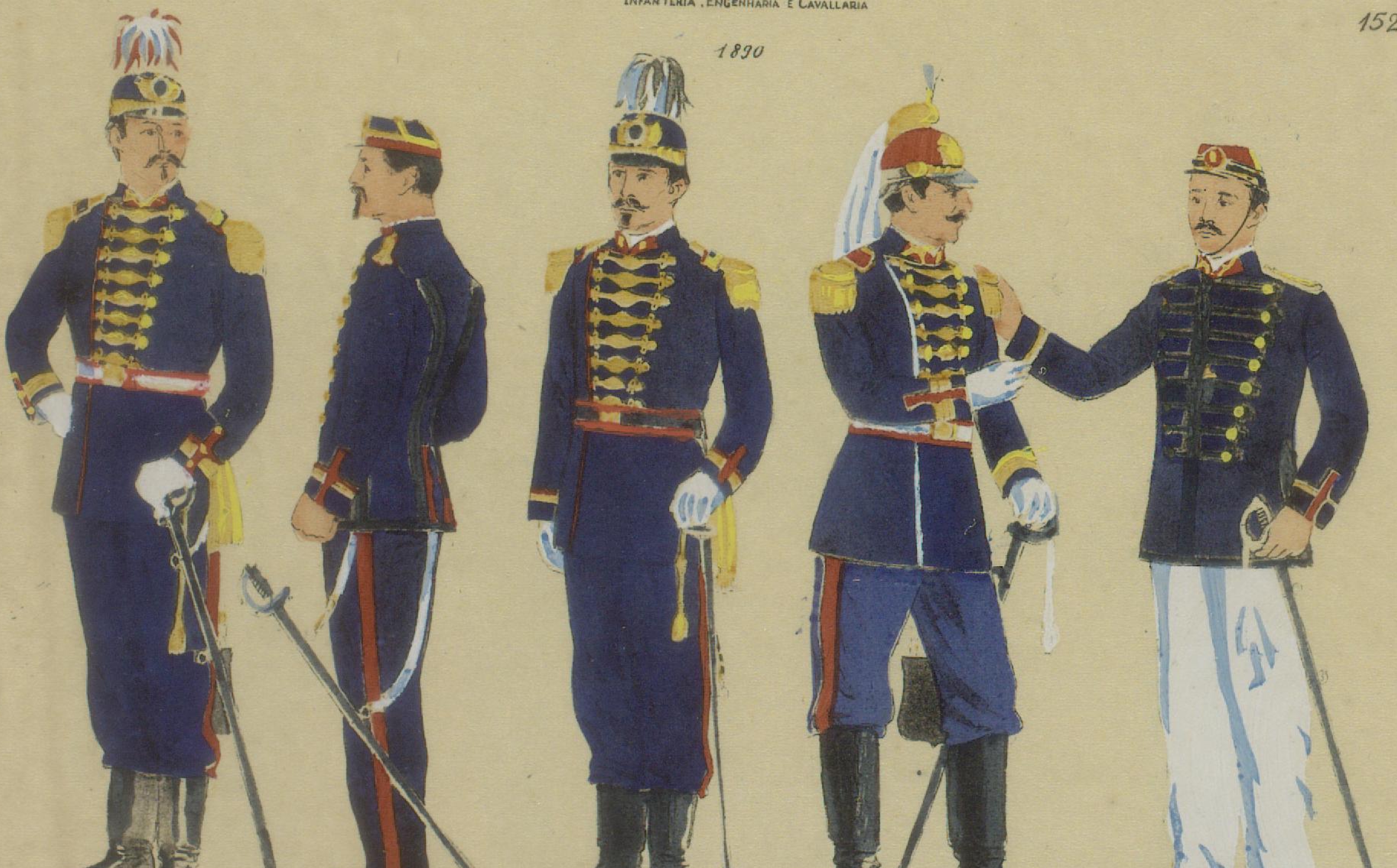
151



INFANTERIA, ENGENHARIA E CAVALLARIA

1890

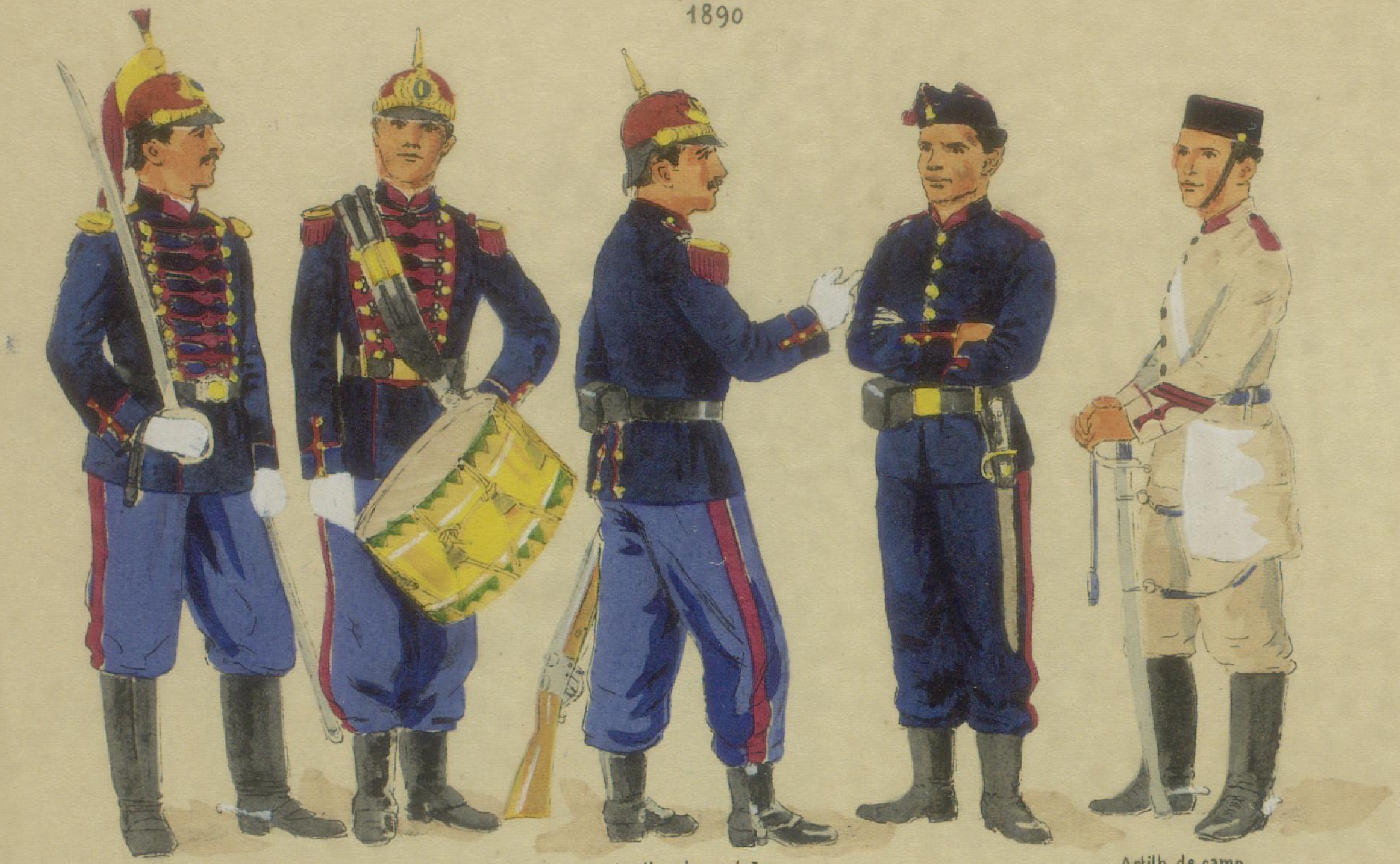
152



BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro
R

Artilharia
p. de pret.
1890

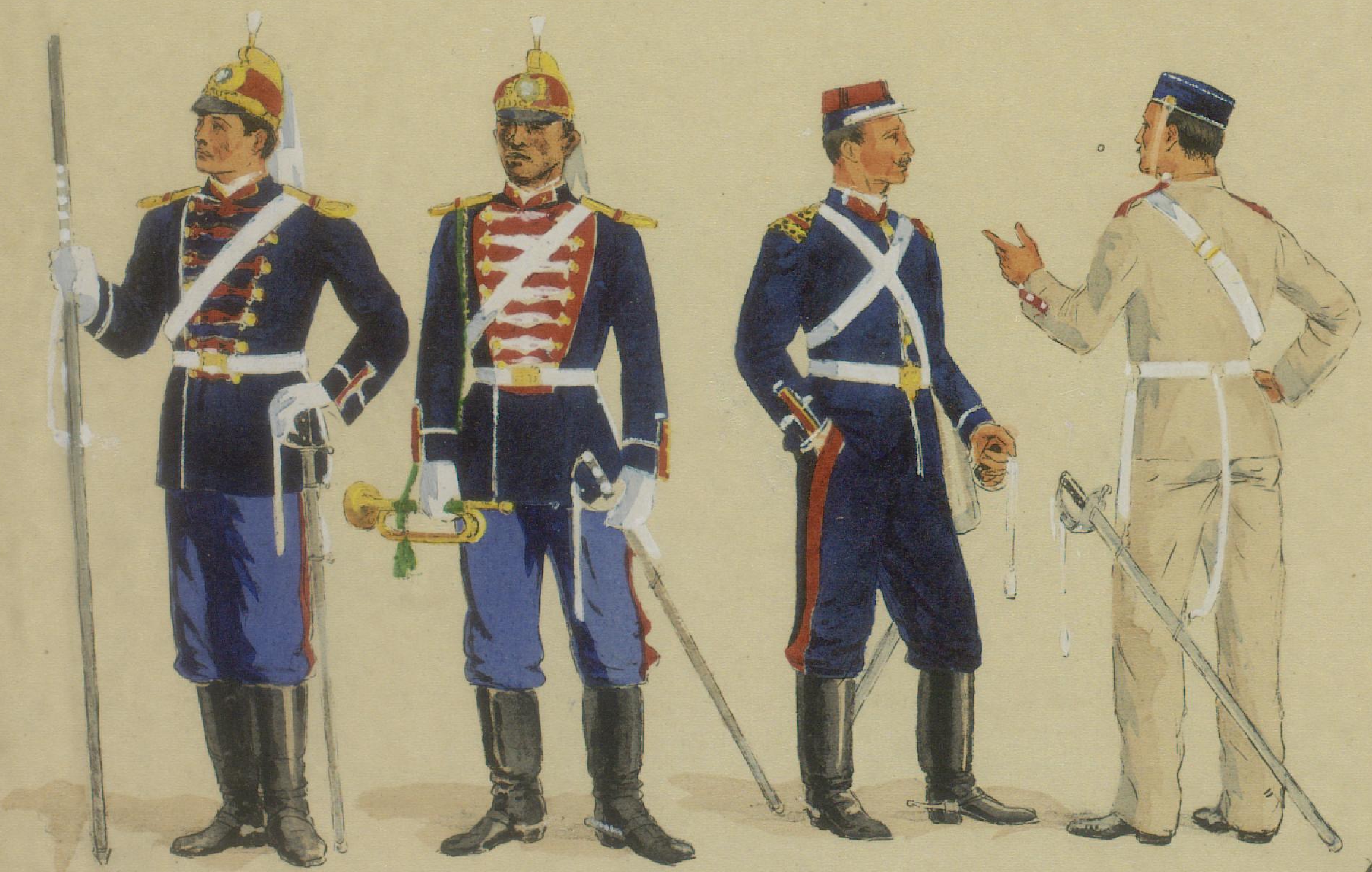
153



Art. de camp. Artilh. de posição Artilh. de camp.

CAVALLARIA
1890

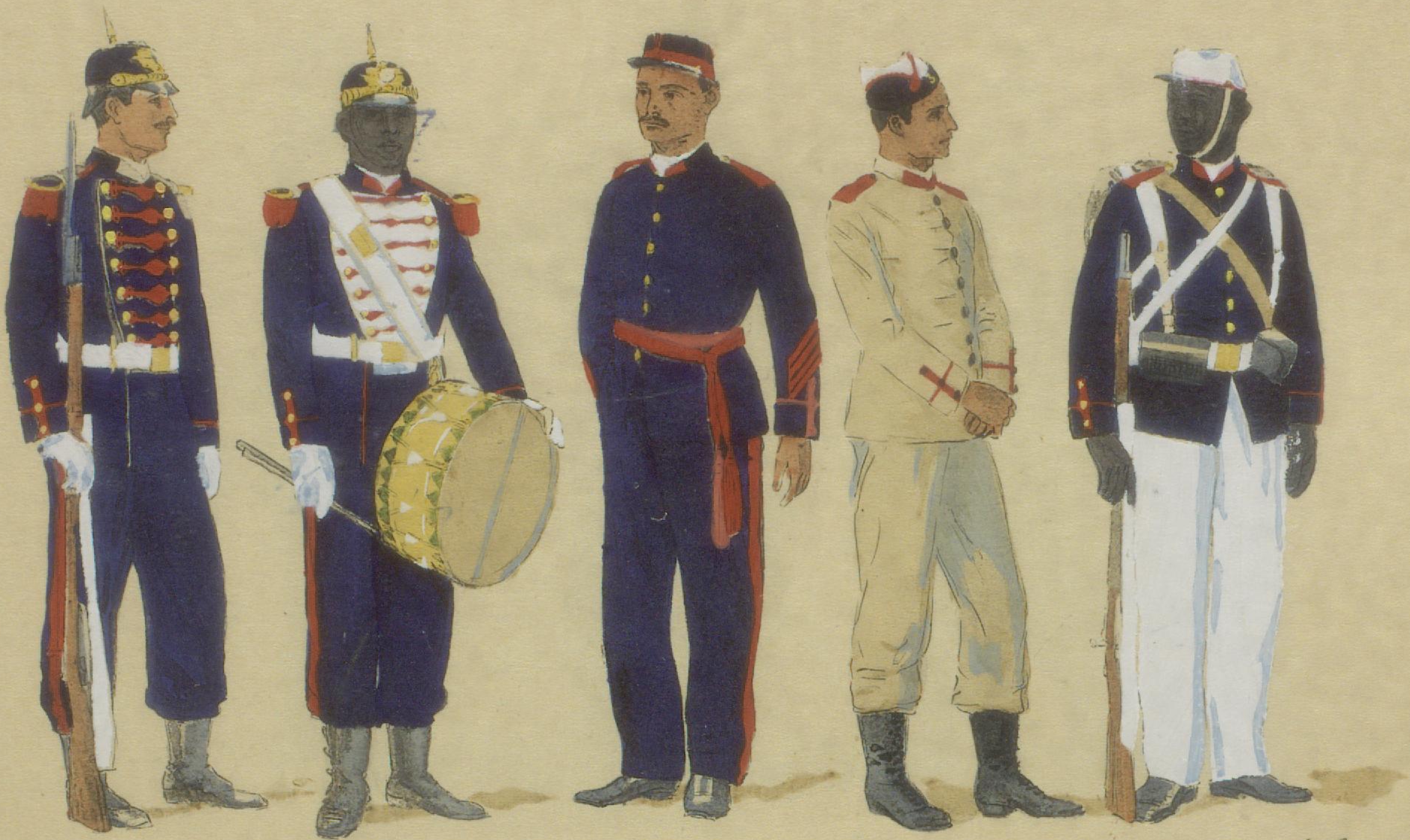
154



BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

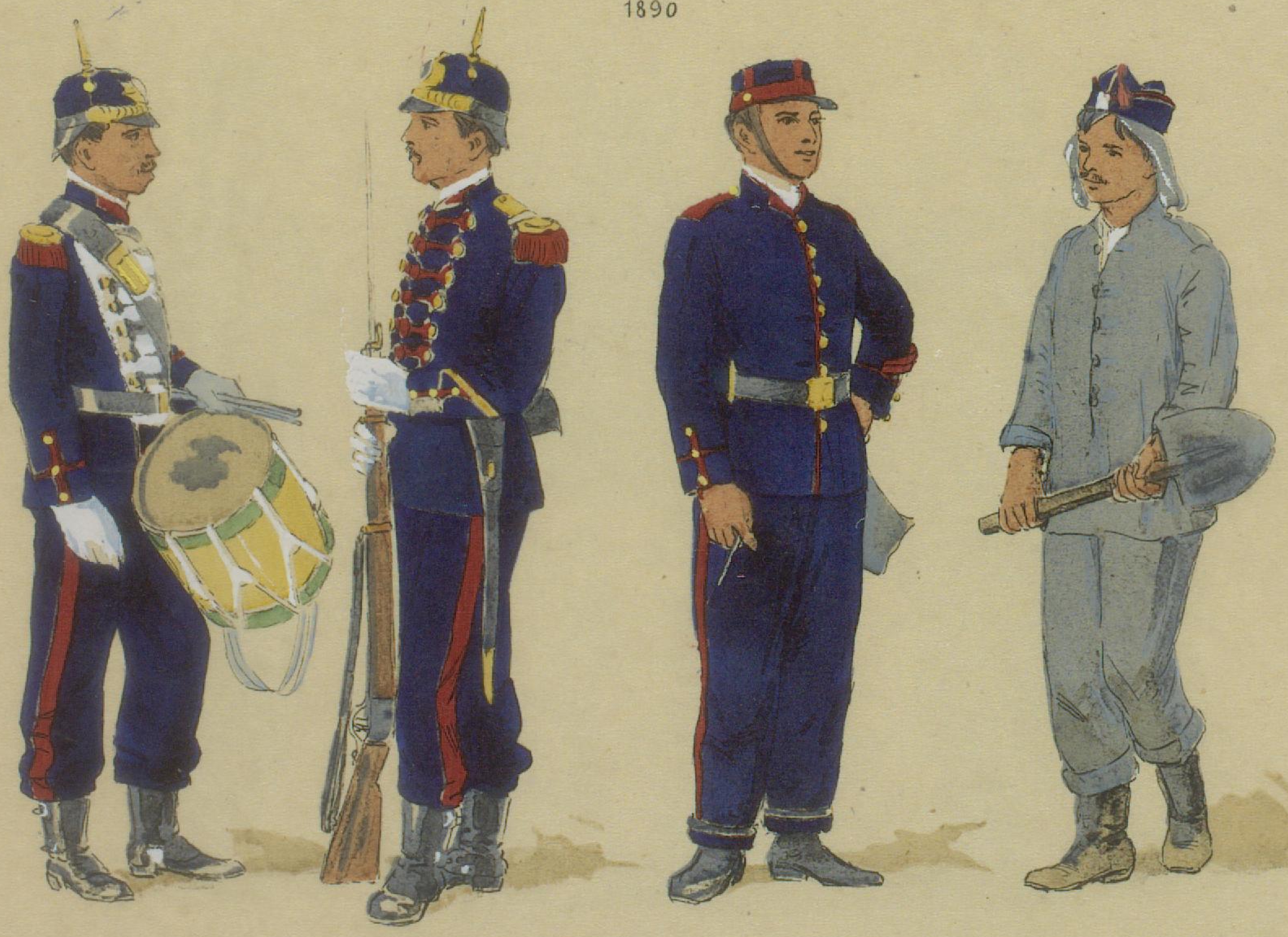
Infanteria
Inferiores e p. de pret
Gr.de e Pequ. Unif.
1890

155



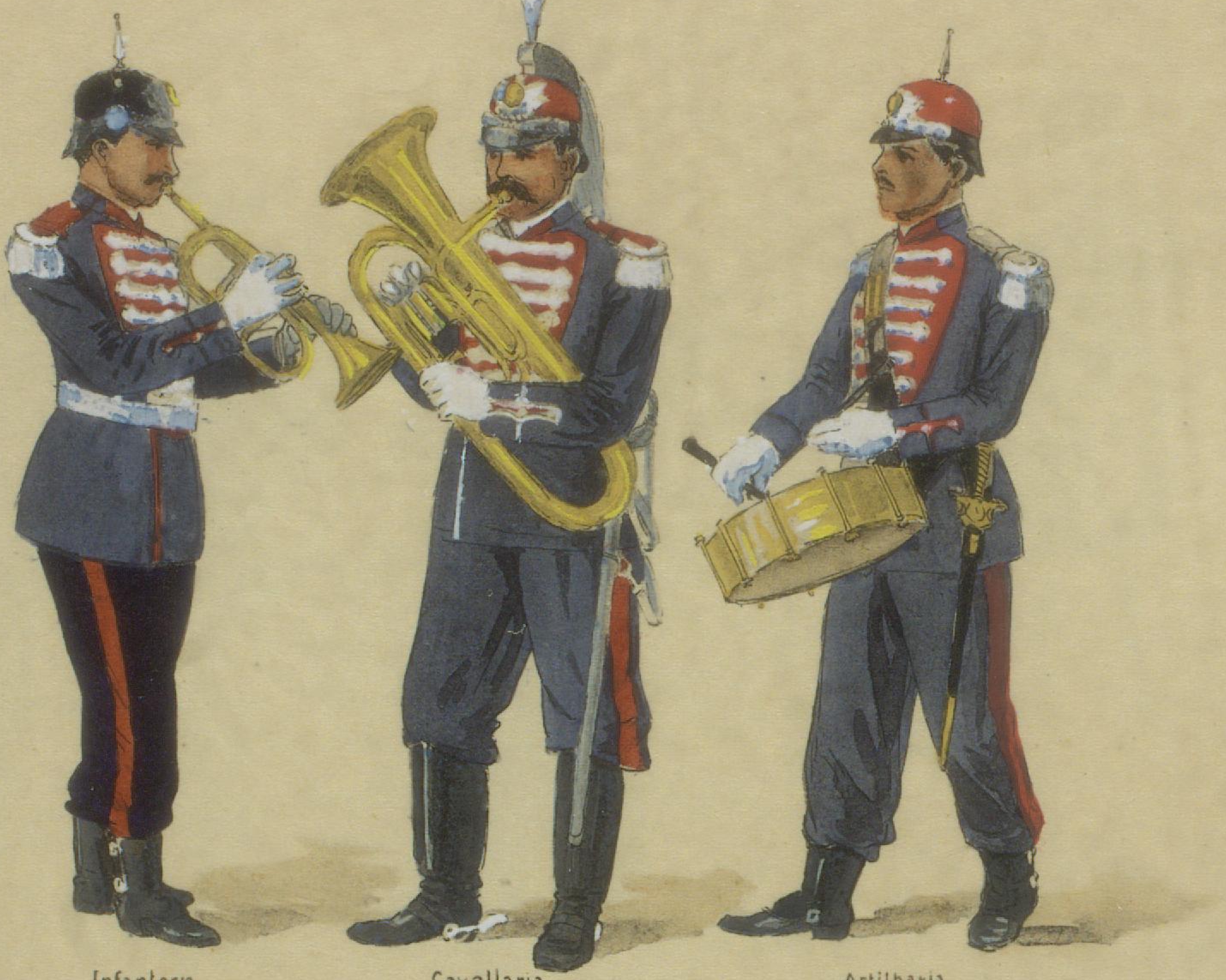
Engenharia
p. de pret
1890

156



Musicos
1890

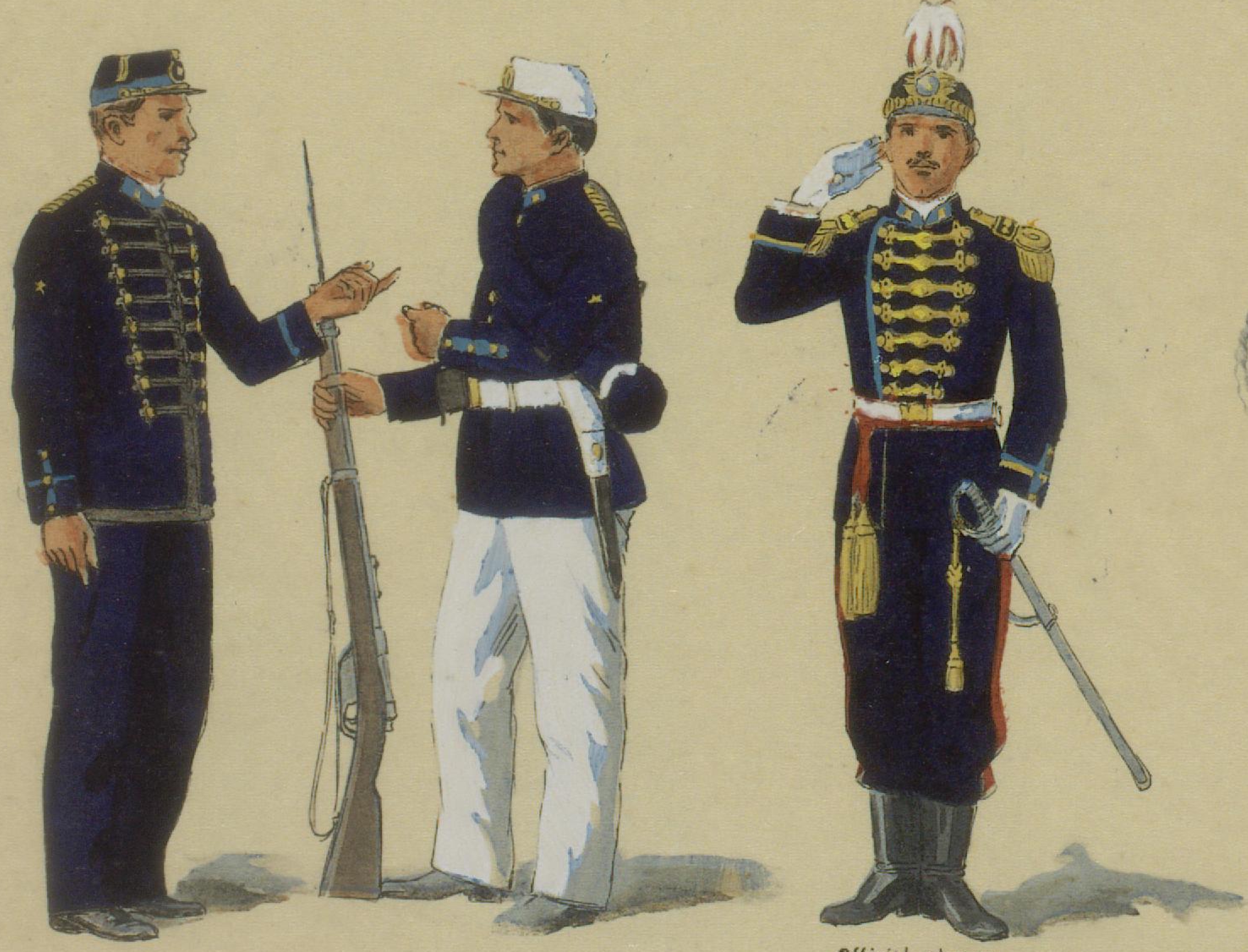
157



Infanteria Cavallaria Artilharia

Escola-Militar
1890

158

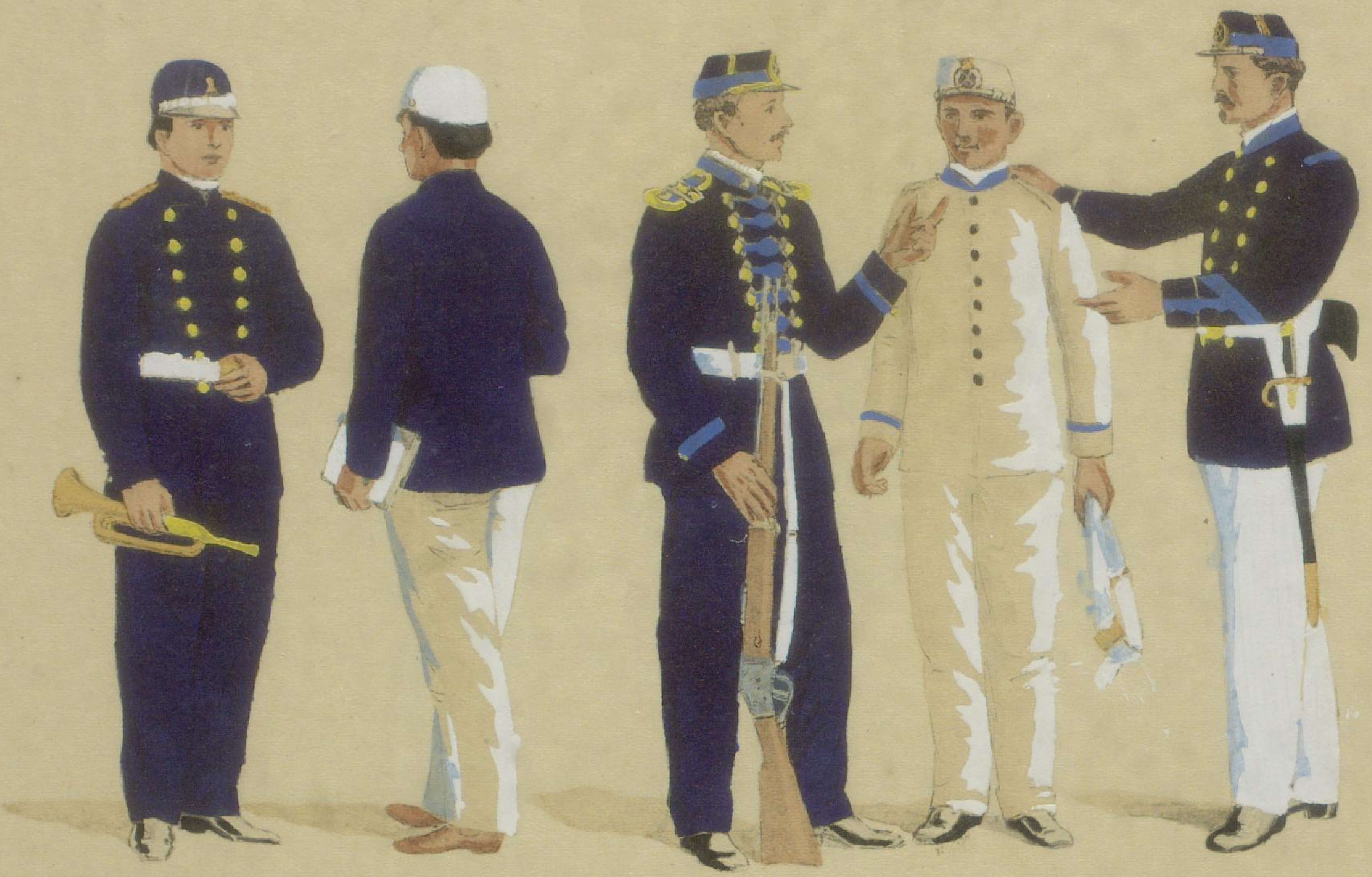


Official-alumno

Imperial Collegio Militar
1889

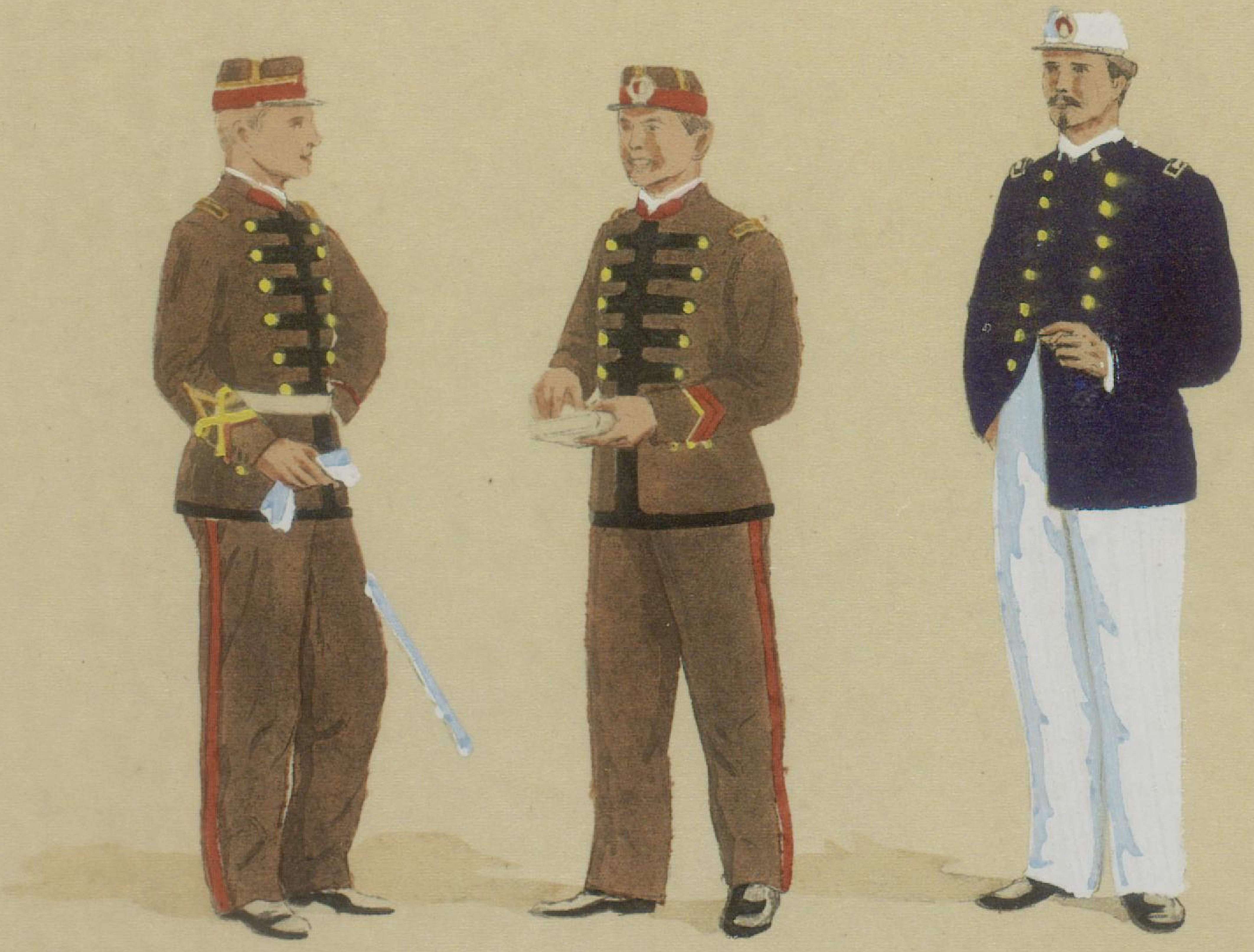
Batalhão Academico
1890 1892

159



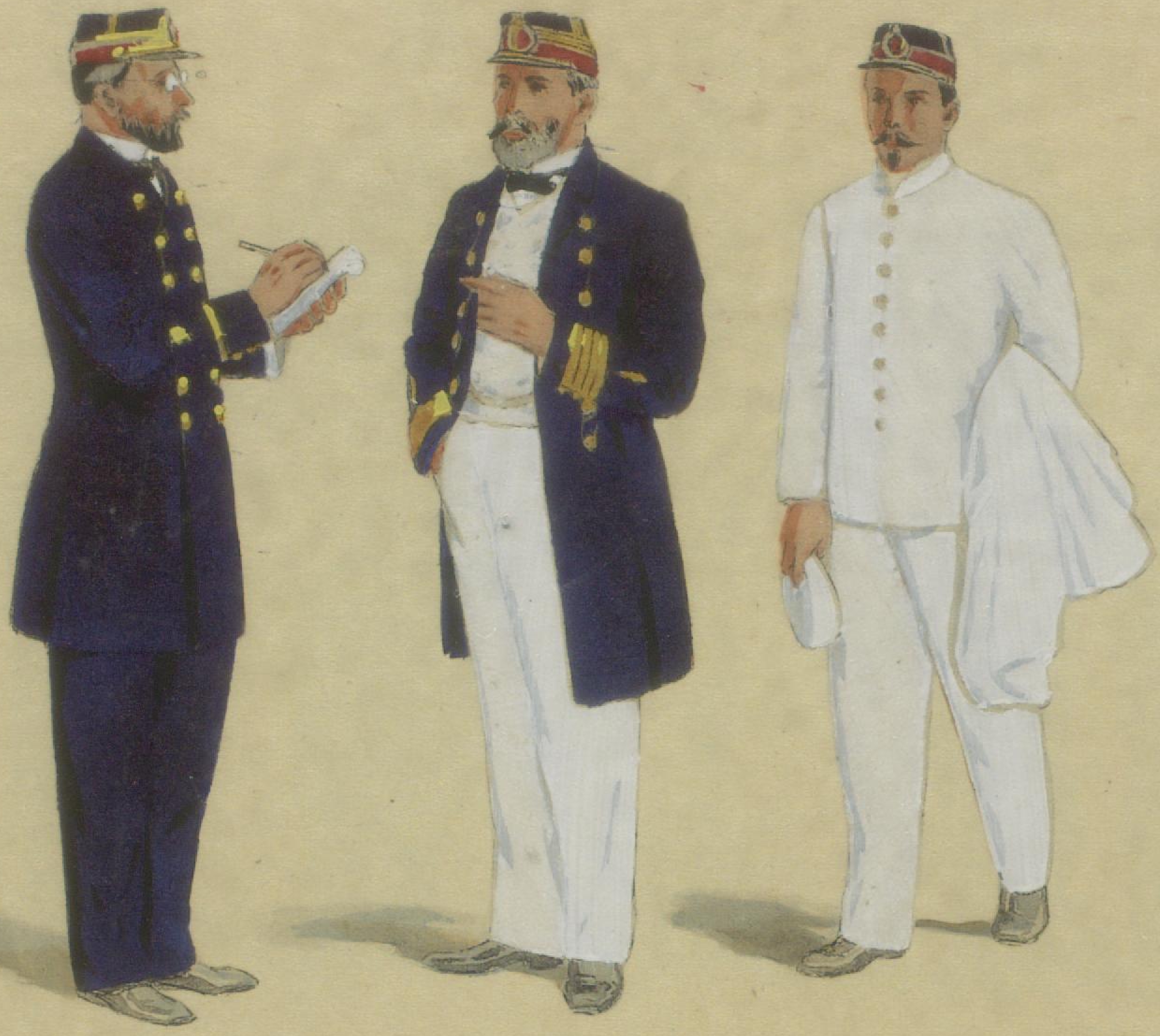
160

Collegio Militar
Alumnos e Inspectores
1893



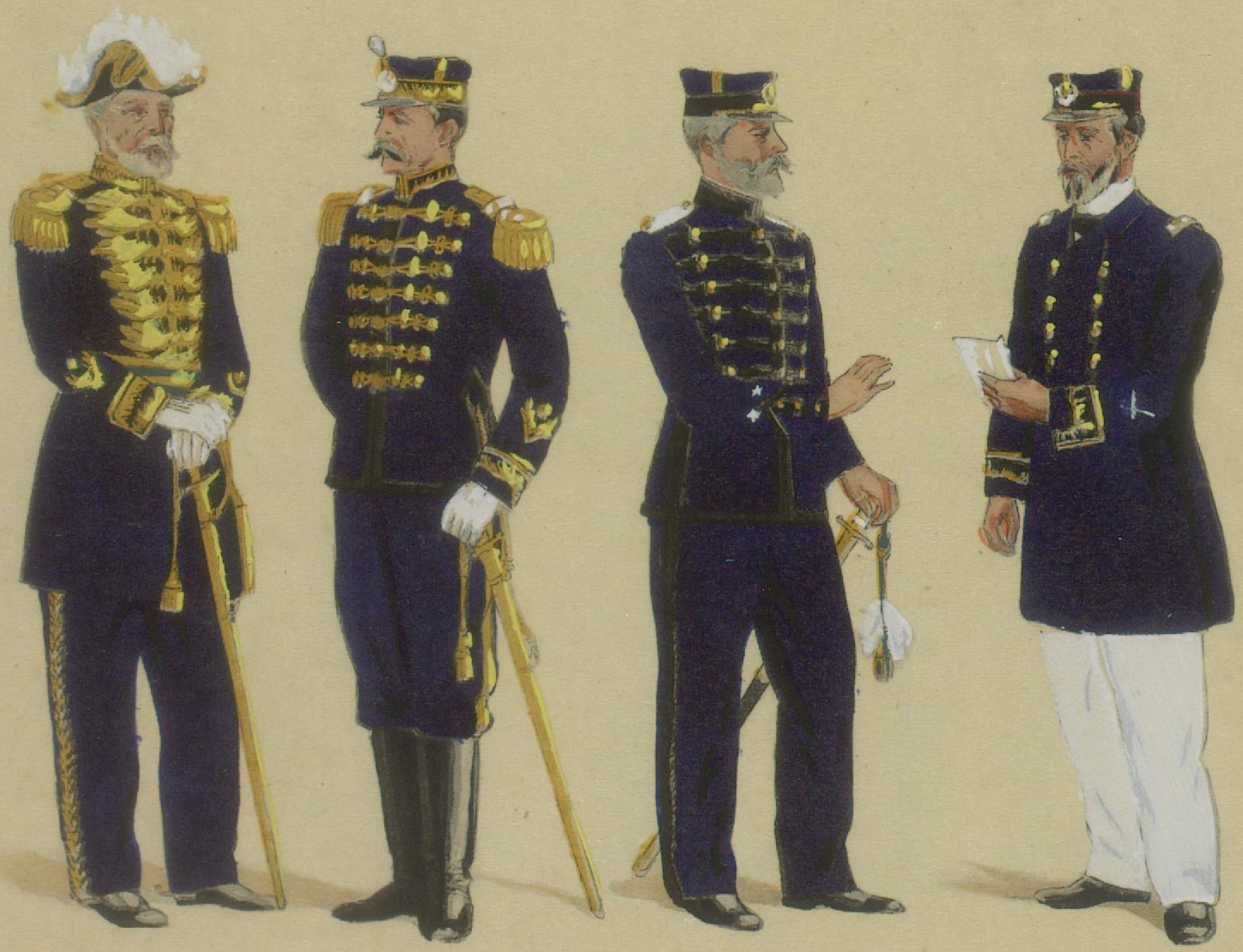
Medicos e Pharmaceuticos
1893

161



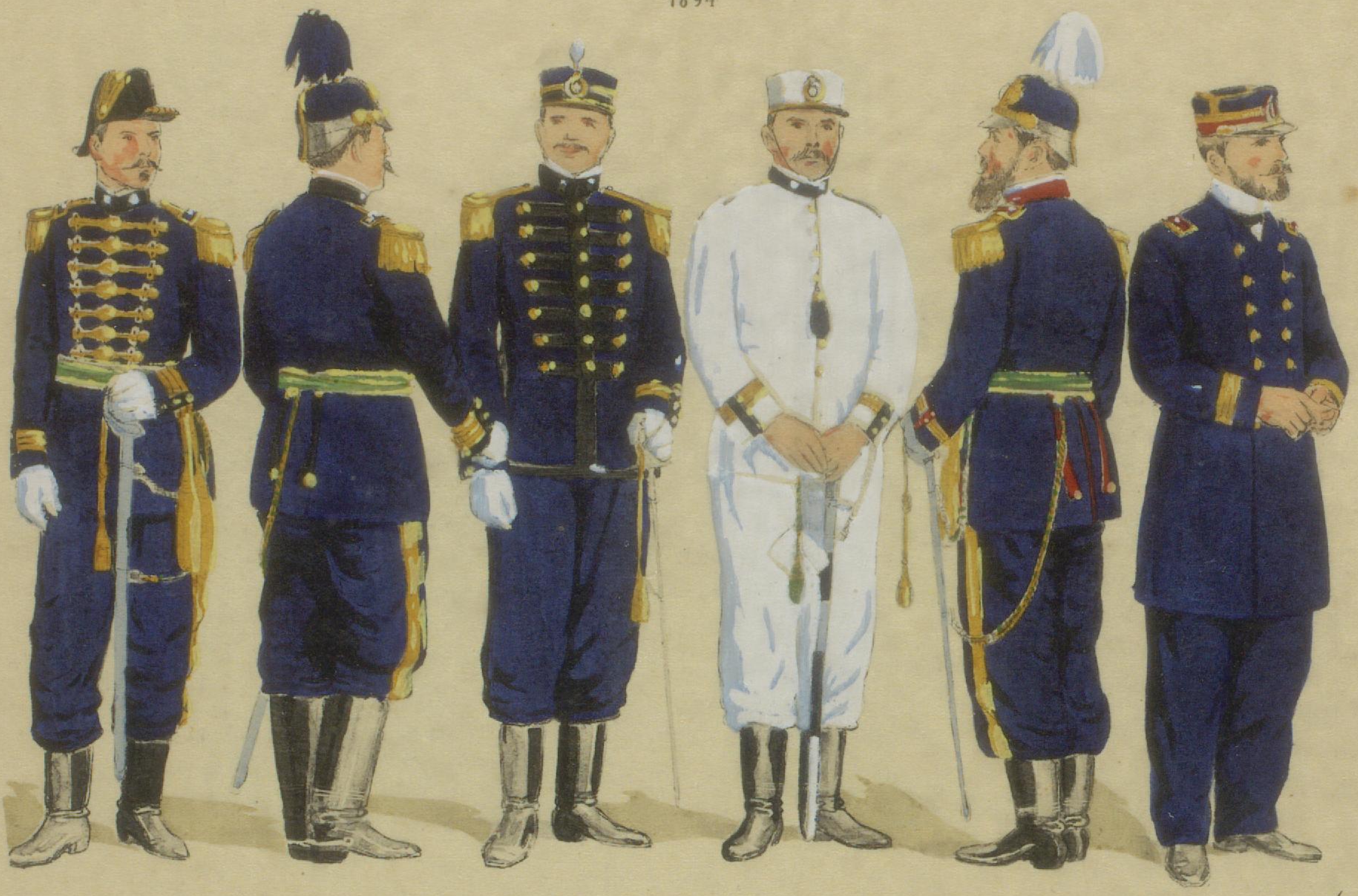
E.M. General
1894

162



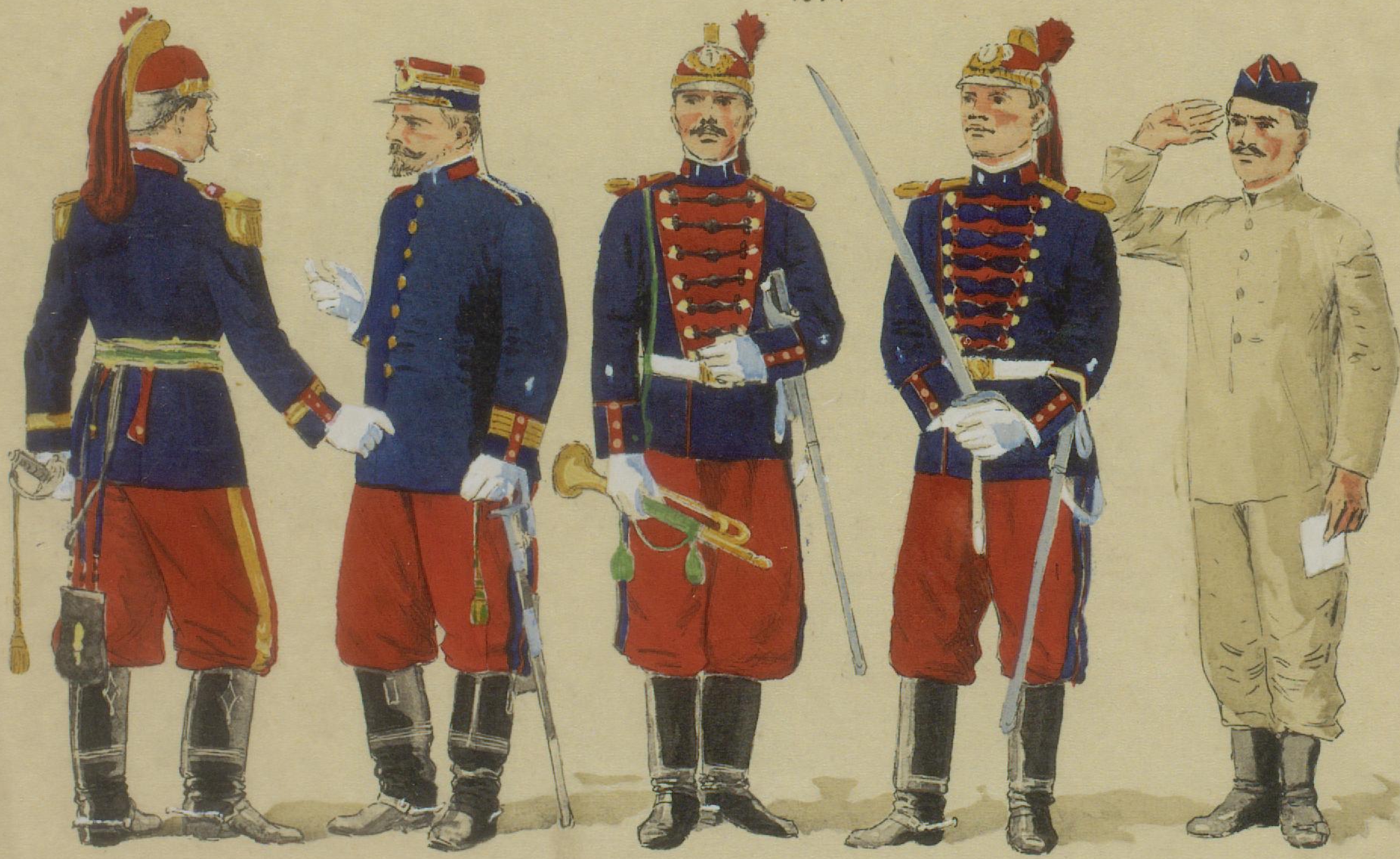
Corpos Especiaes. Corpo de Saúde
1894

163



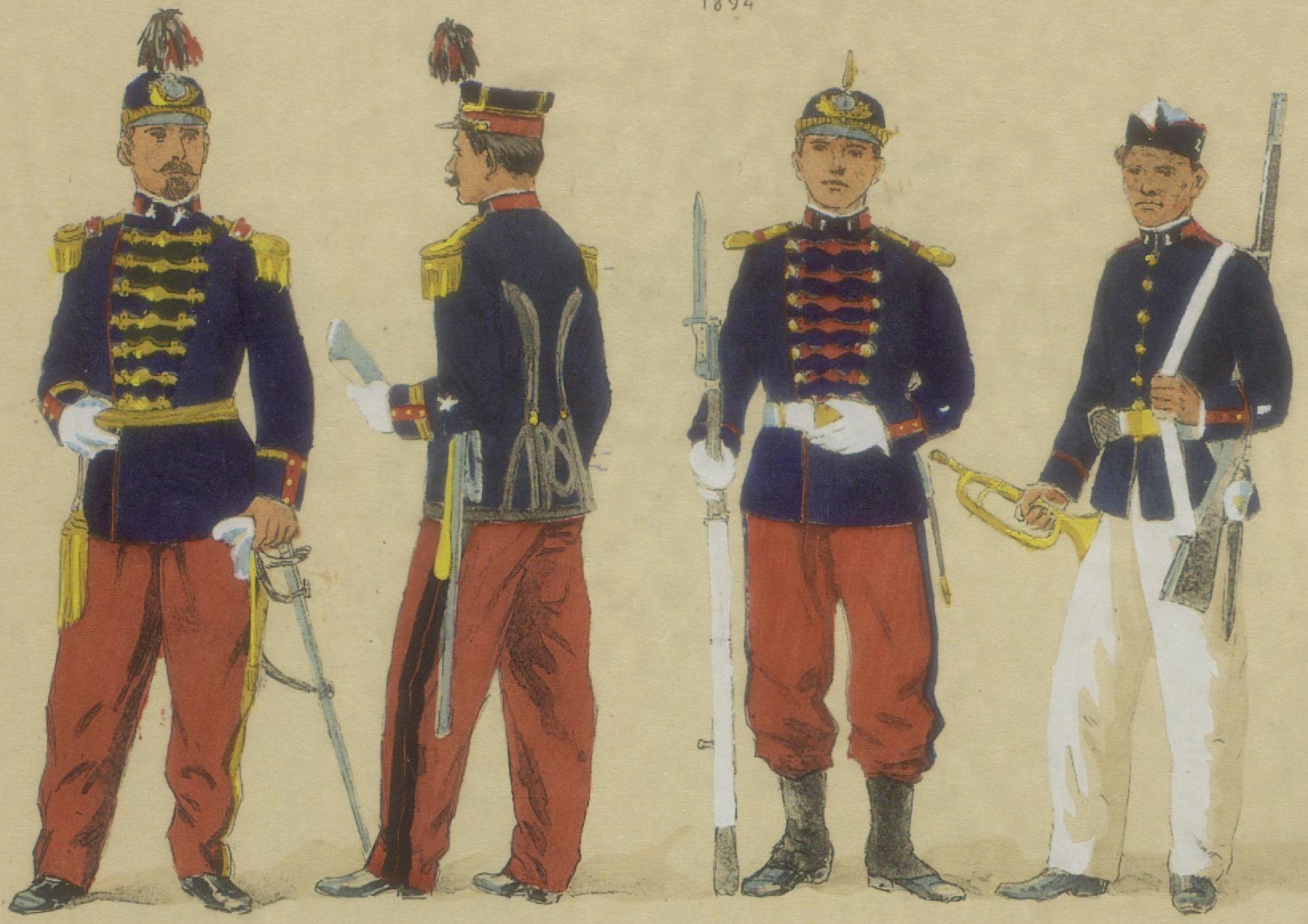
Artilharia de Campanha
Officiaes e p. de pret
1894

164



Artilharia de Posição
Officiaes e p de pret
1894

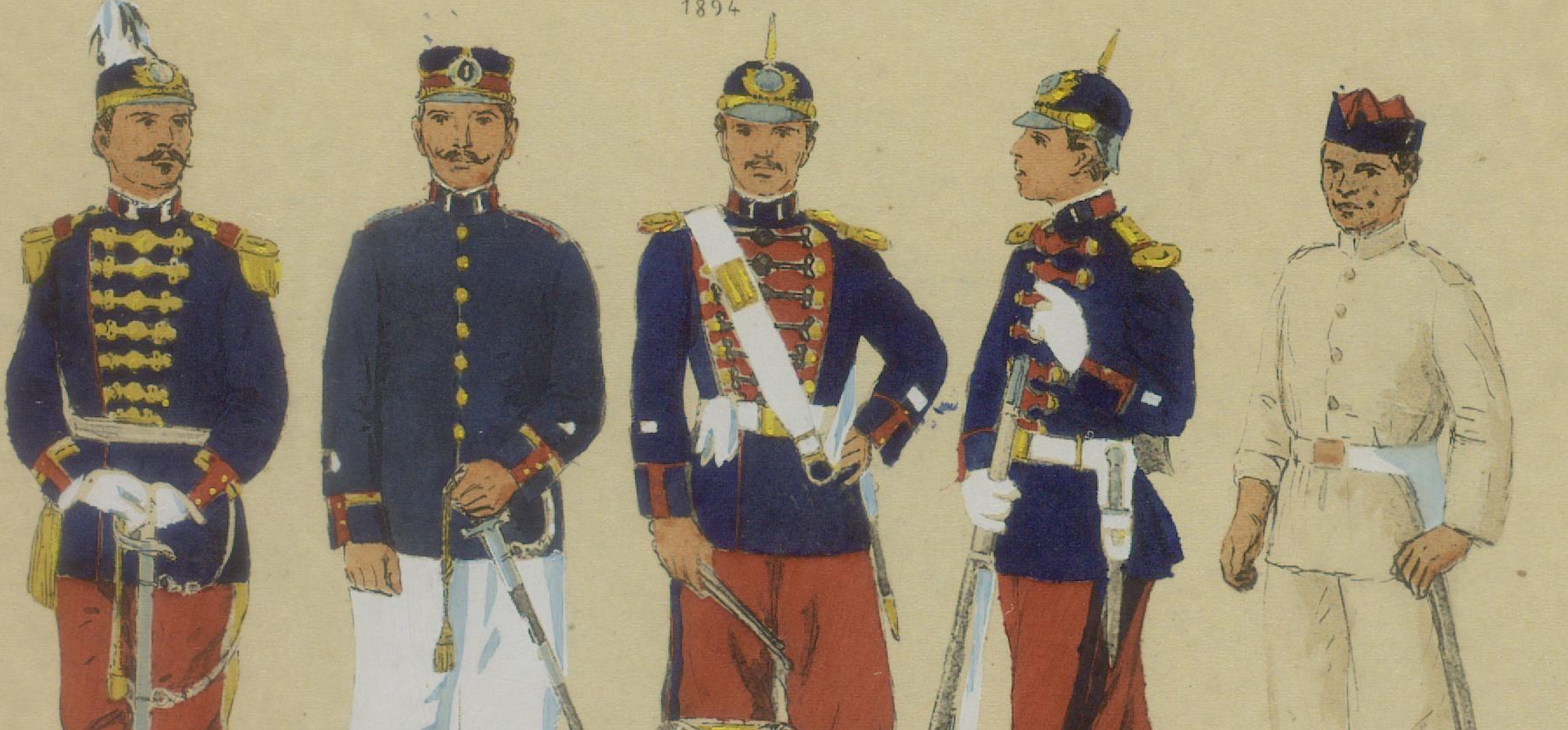
165



J.W.R.

Engenharia
Officiaes e p de pret
1894

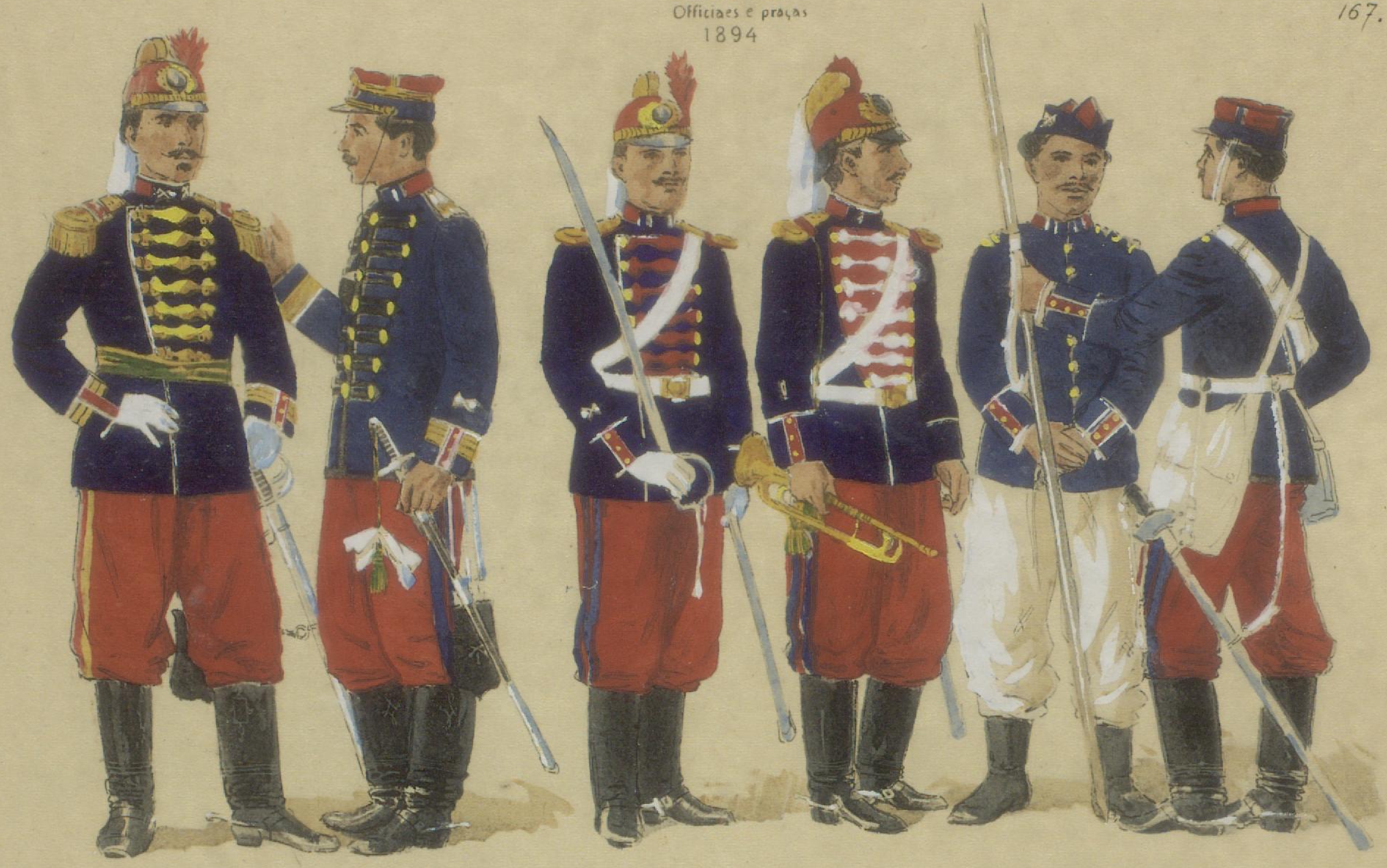
166



J.W.R.

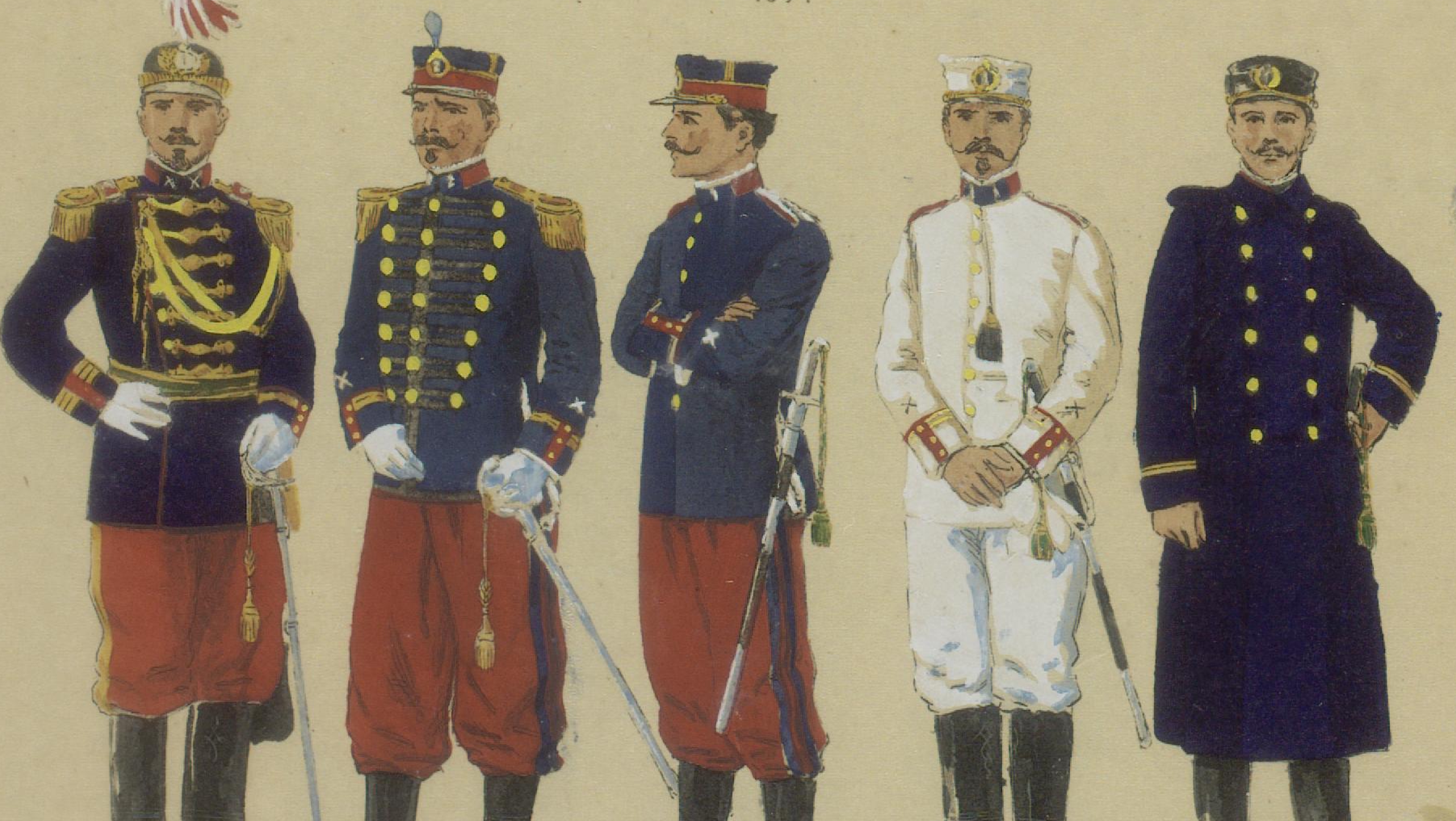
Cavallaria
Officiaes e praças
1894

167.



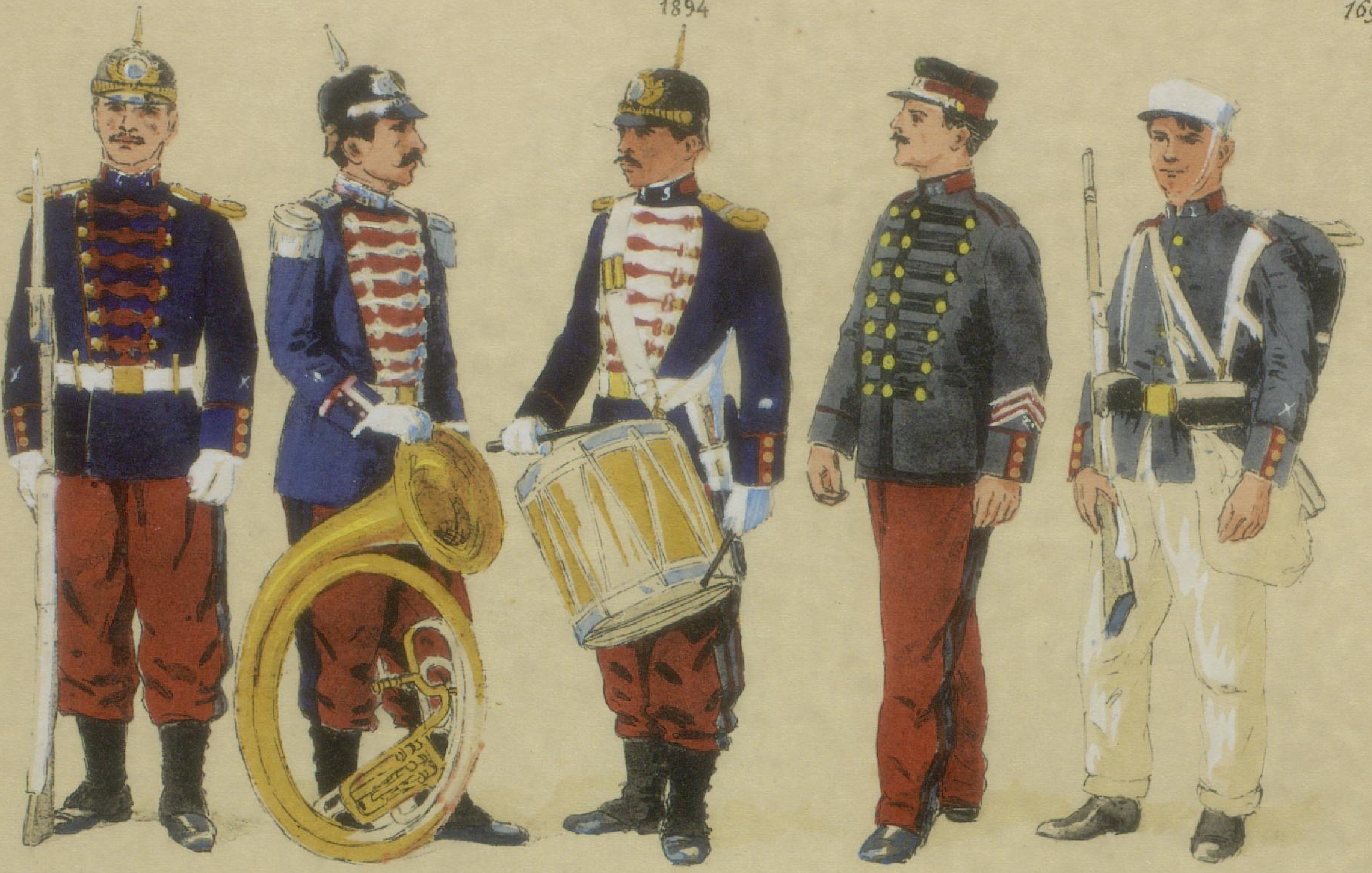
Infanteria
Officiaes
1894

168



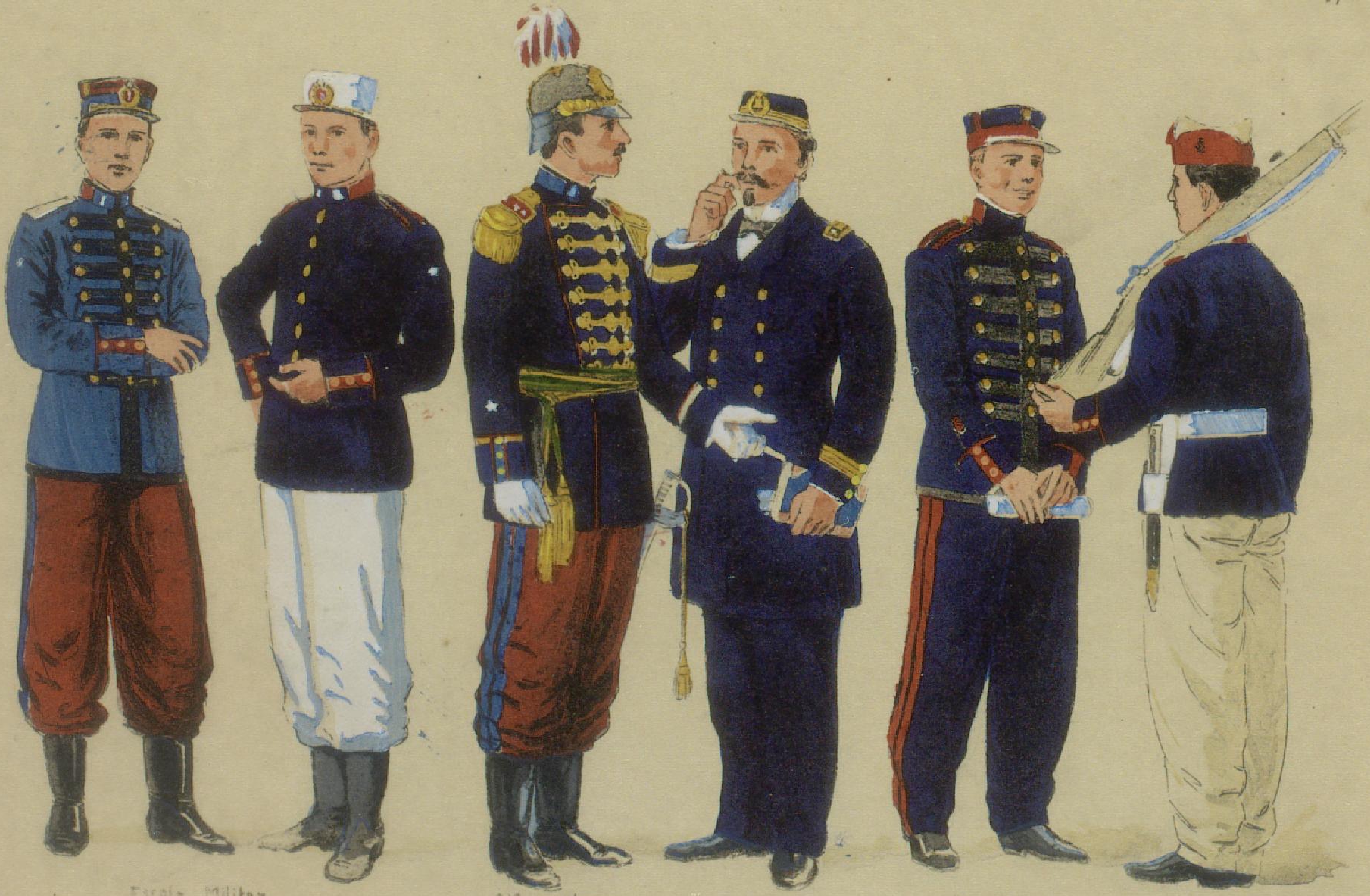
Infanteria
praça de pret
1894

169



1894

170



Escola Militar

Alferes-alumno

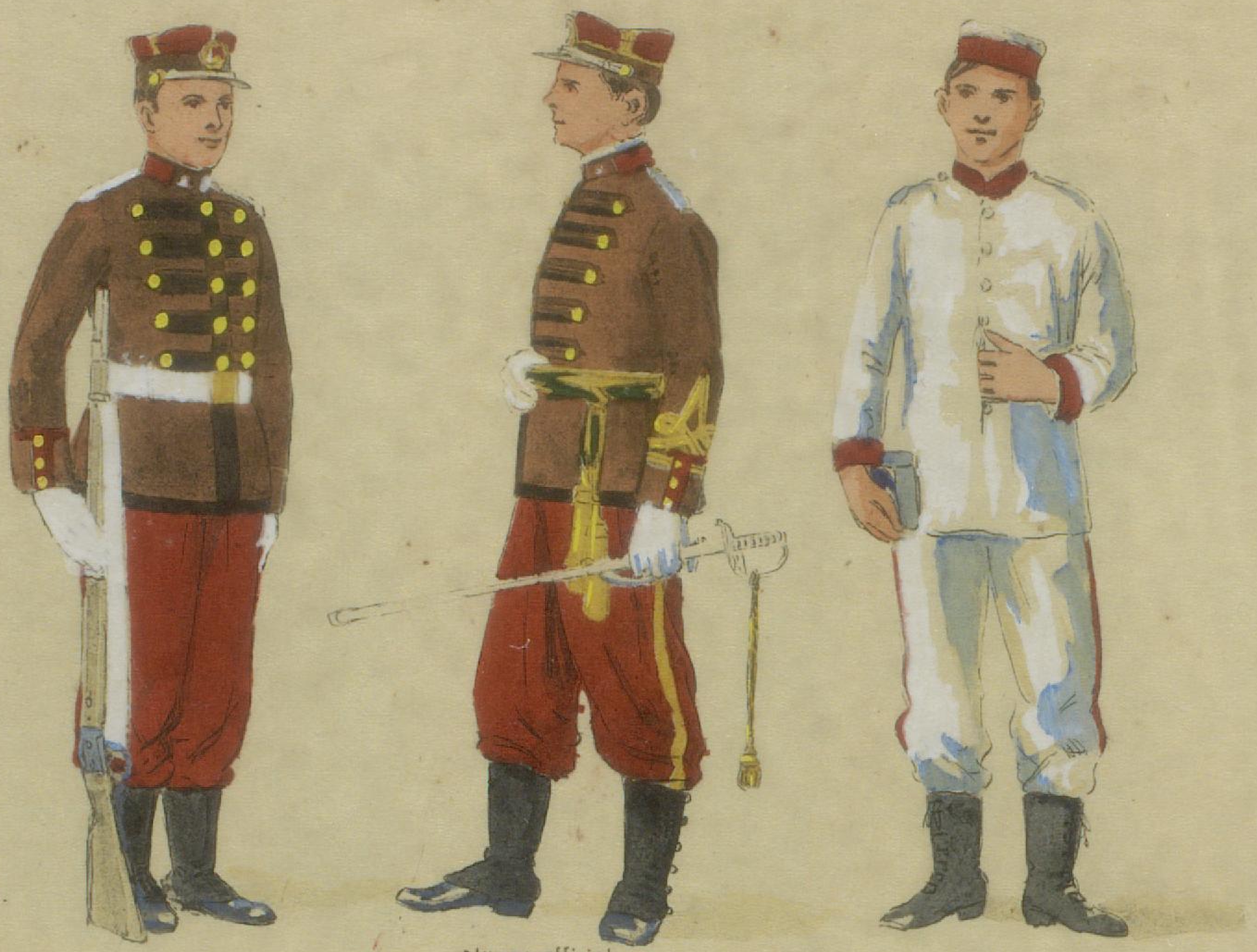
Lente

Escola de Sargentos

BIBLIOTHECA NACIONAL
R
RIO 18

Collegio Militar
1894

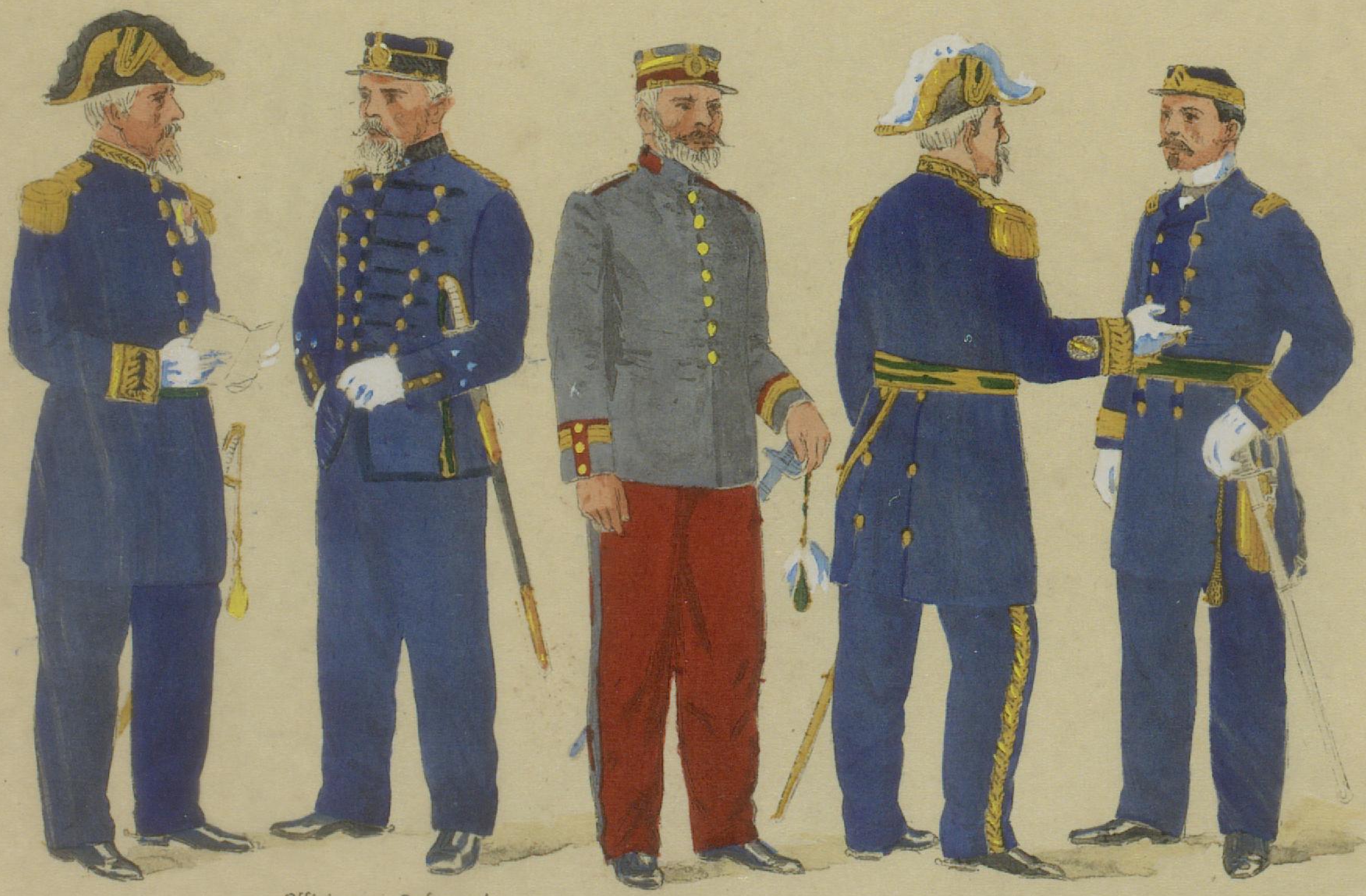
171



alumno-official

1894

172

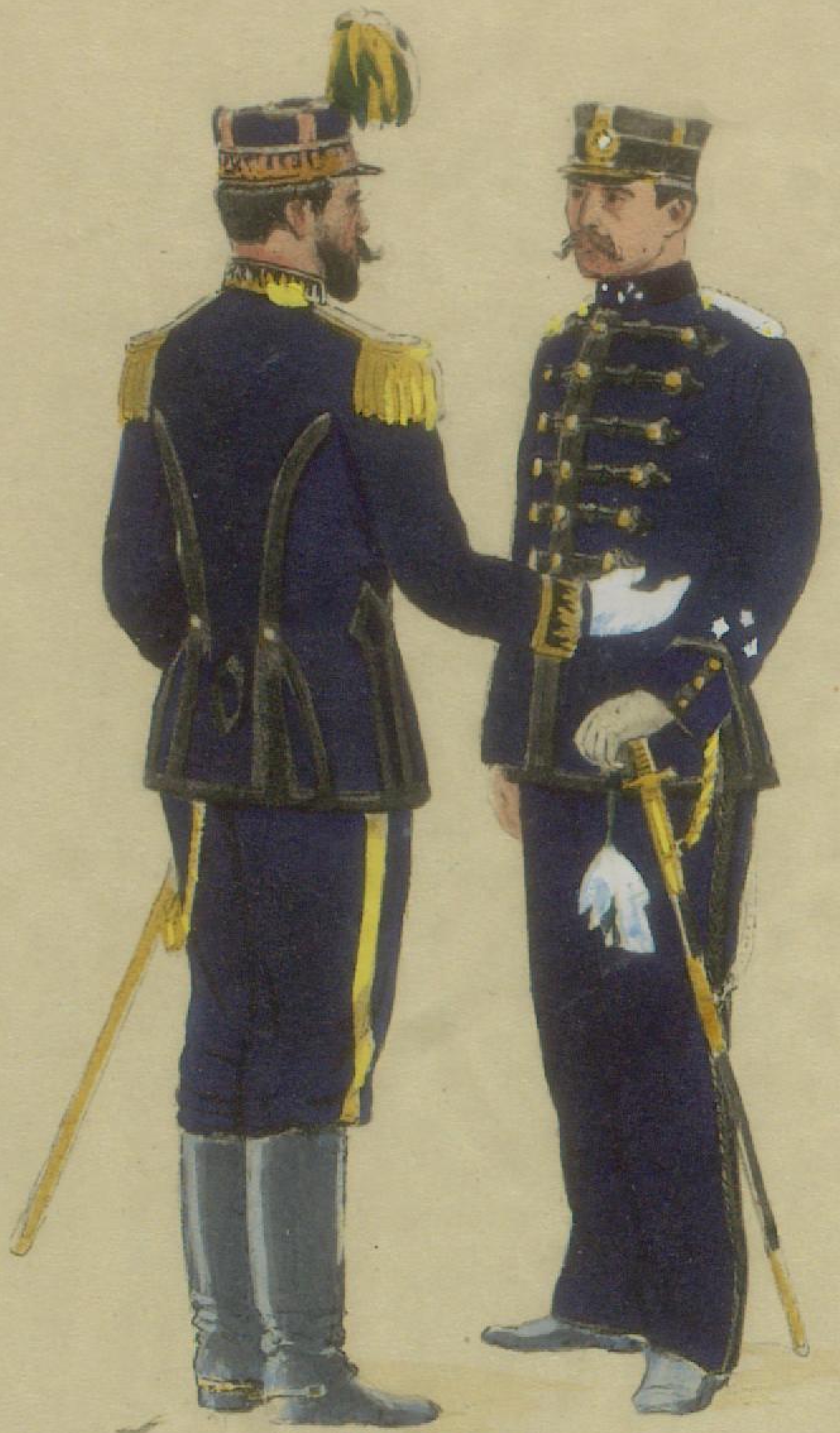


Officiaes Reformados

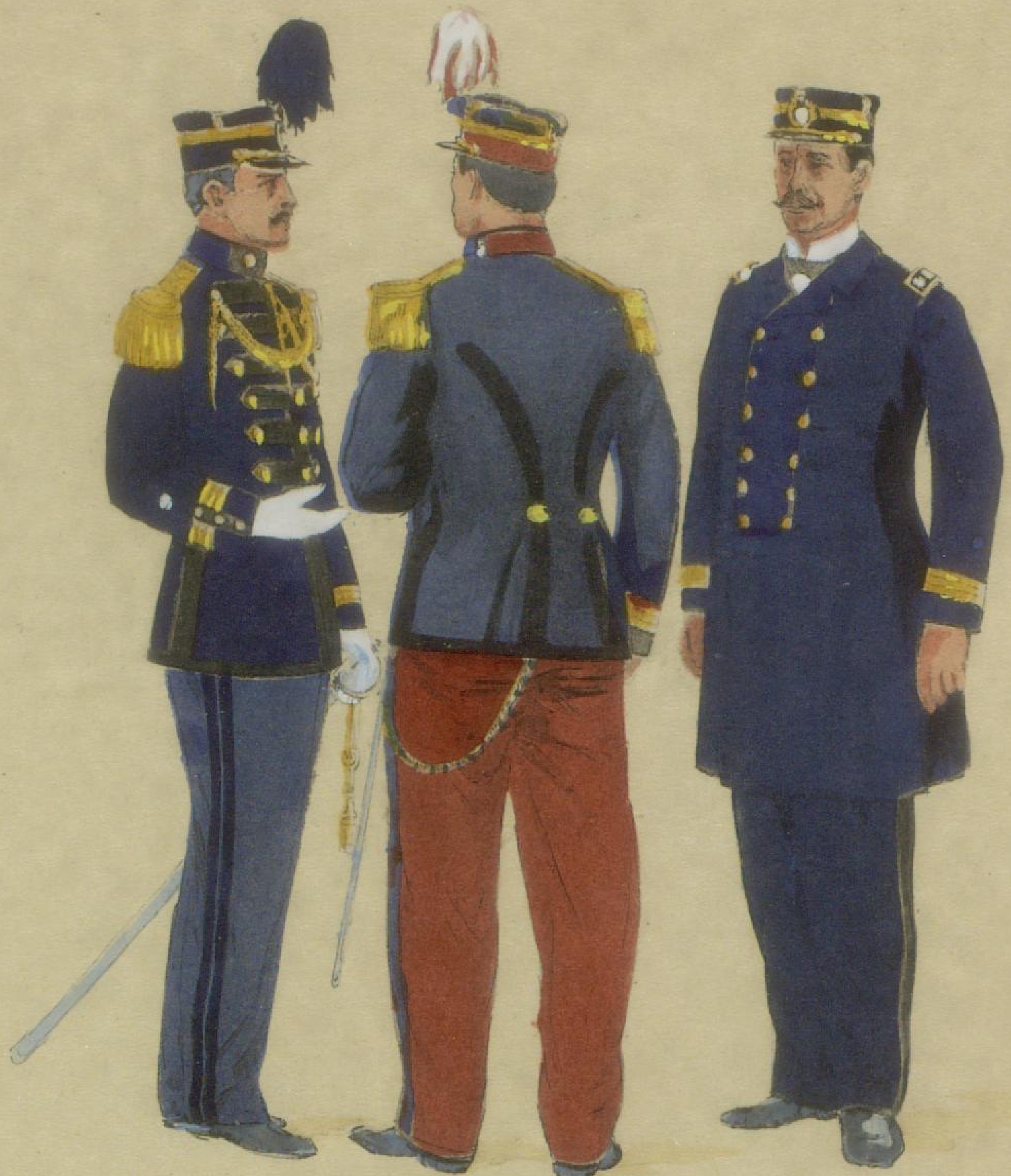
Off.es Honorarios

1894

173



E.M. General

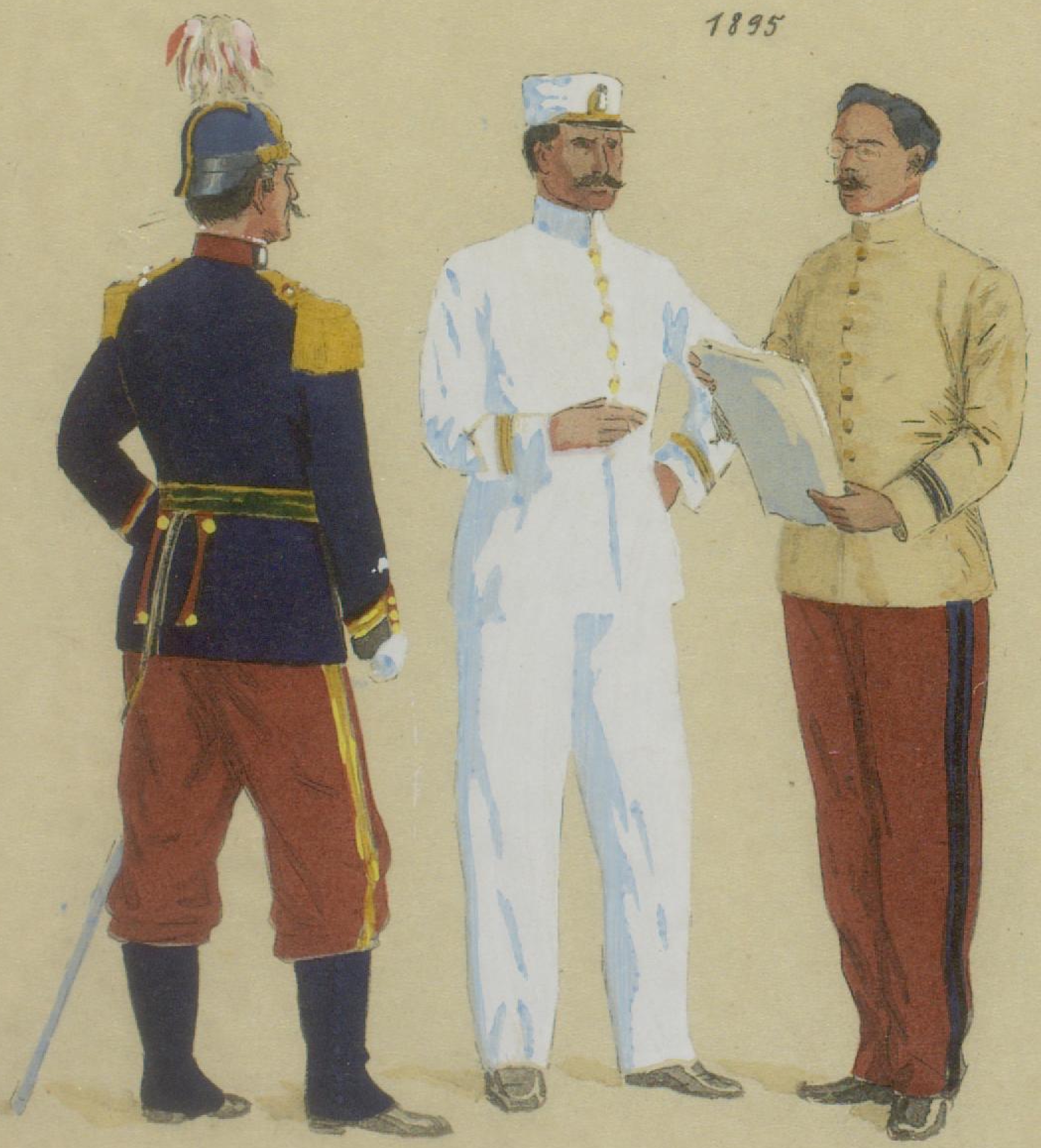


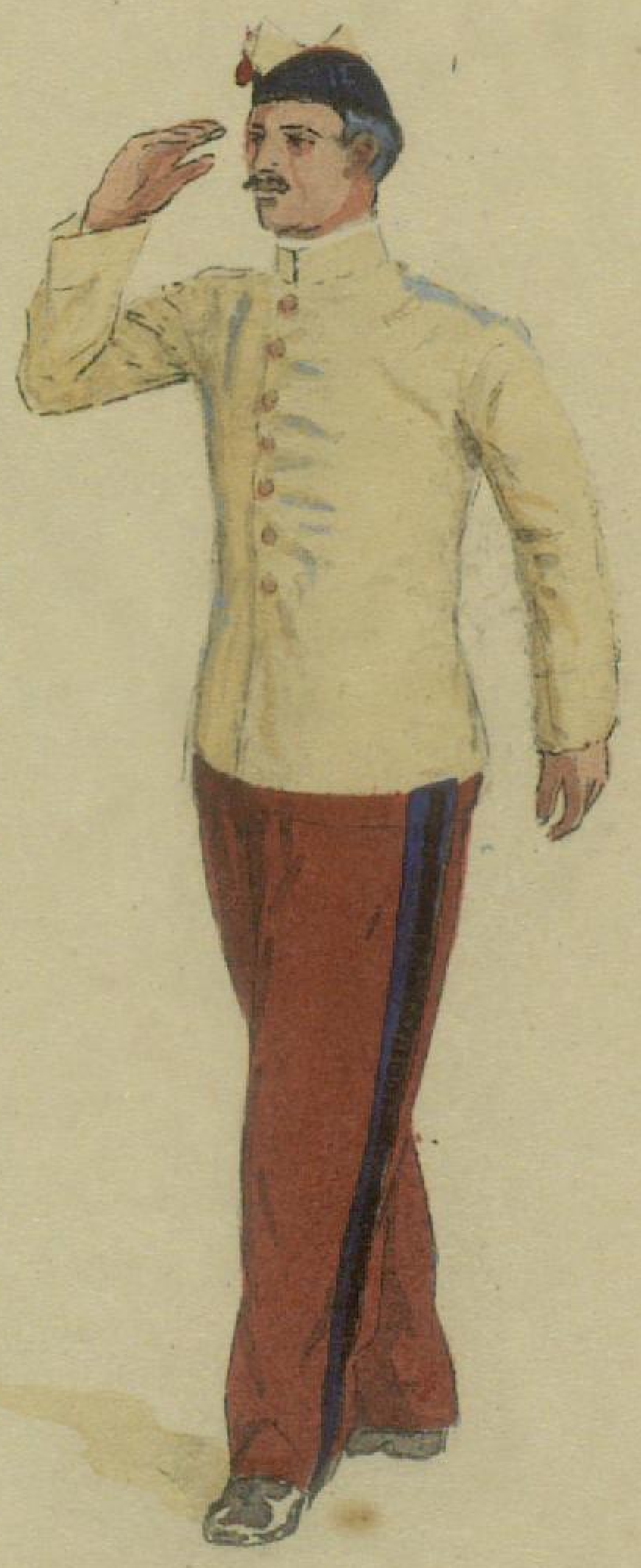
C.Especiaes e Arregimentados

Infanteria

174

1895



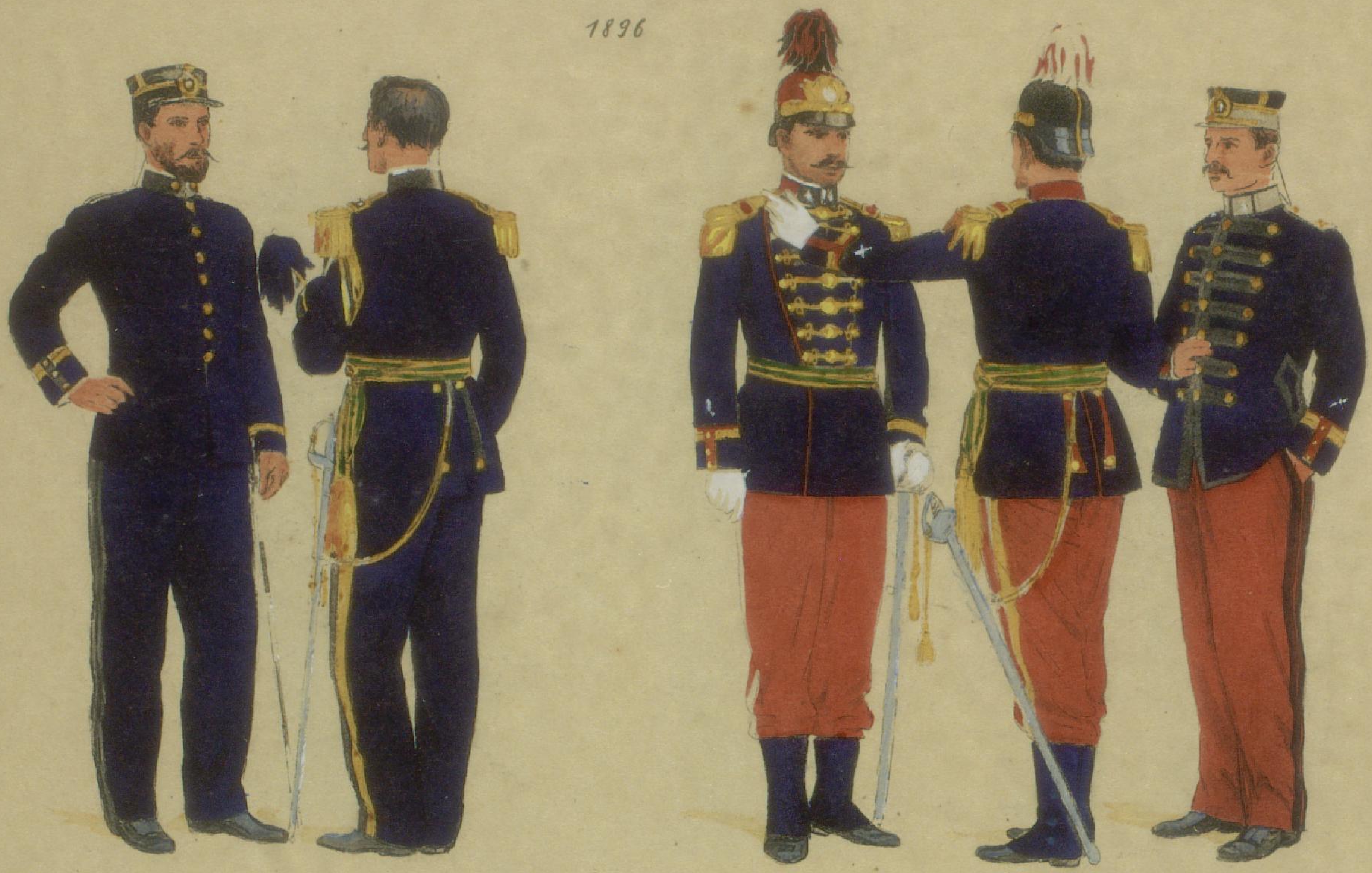


BIBLIOTHECA NACIONAL R Rio de Janeiro

Corpos Especiaes
Infanteria e Artilheria

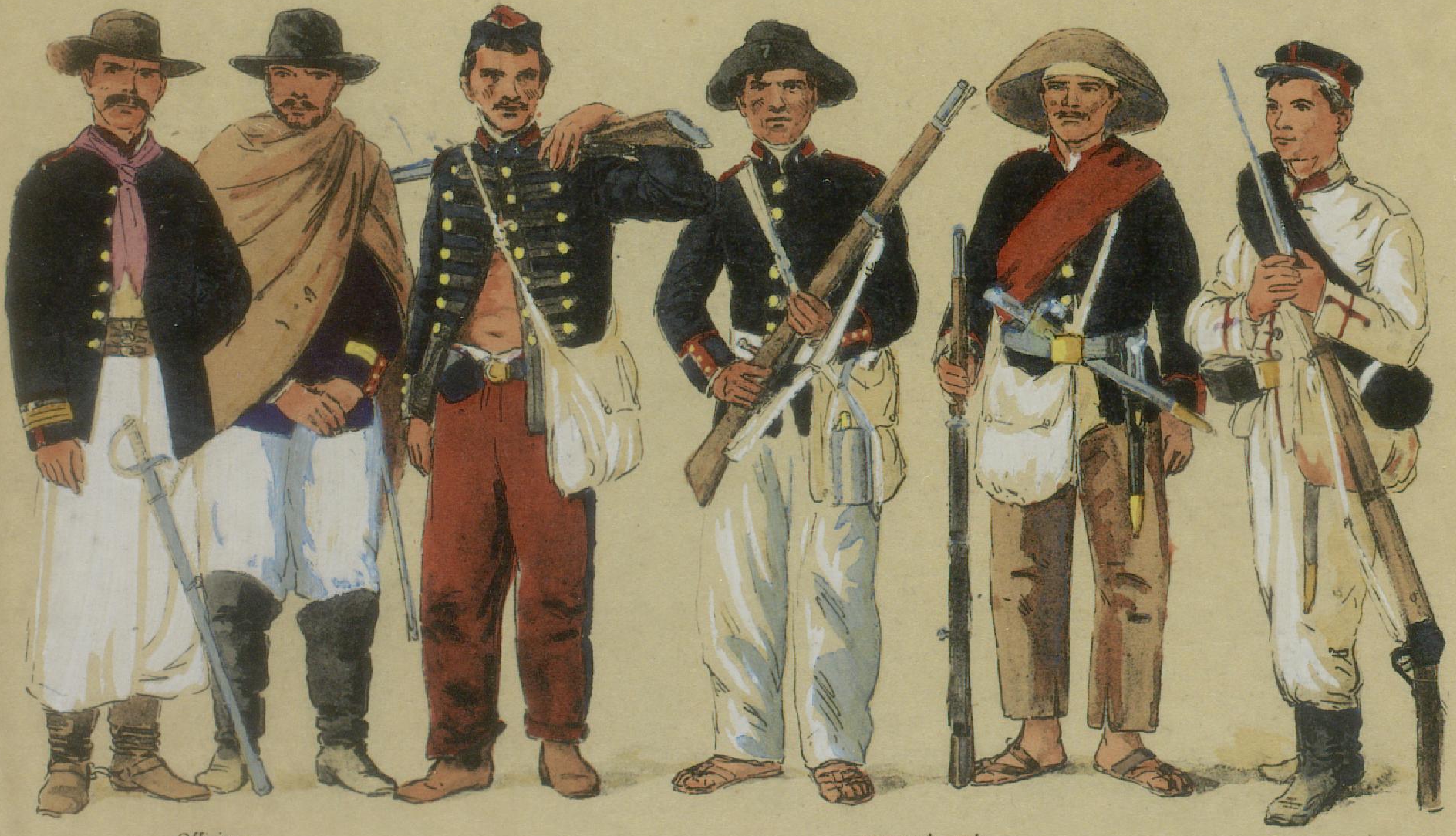
1896

175



Campanha de Canudos
1897

176

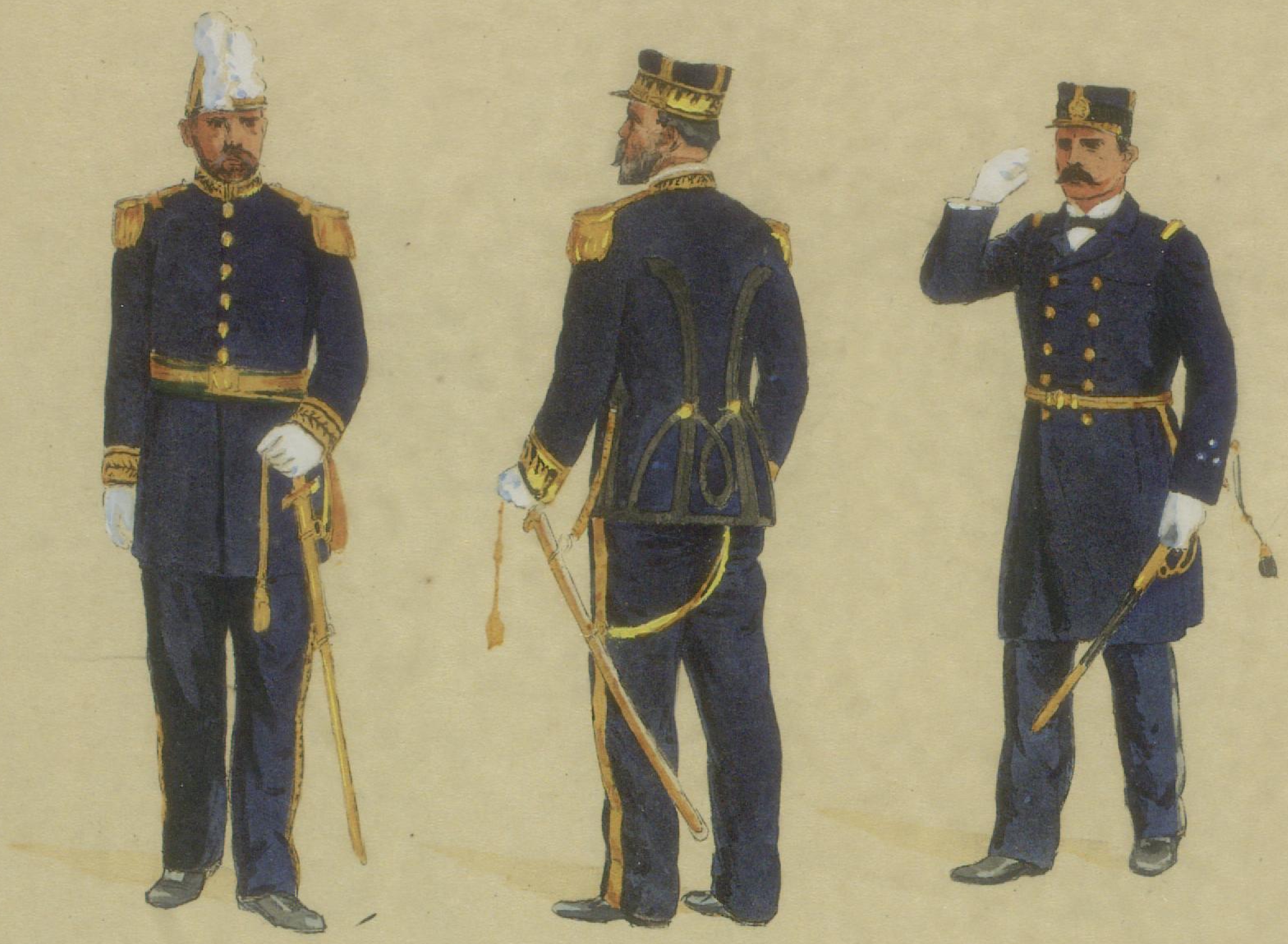


Officiaes

praças de pret

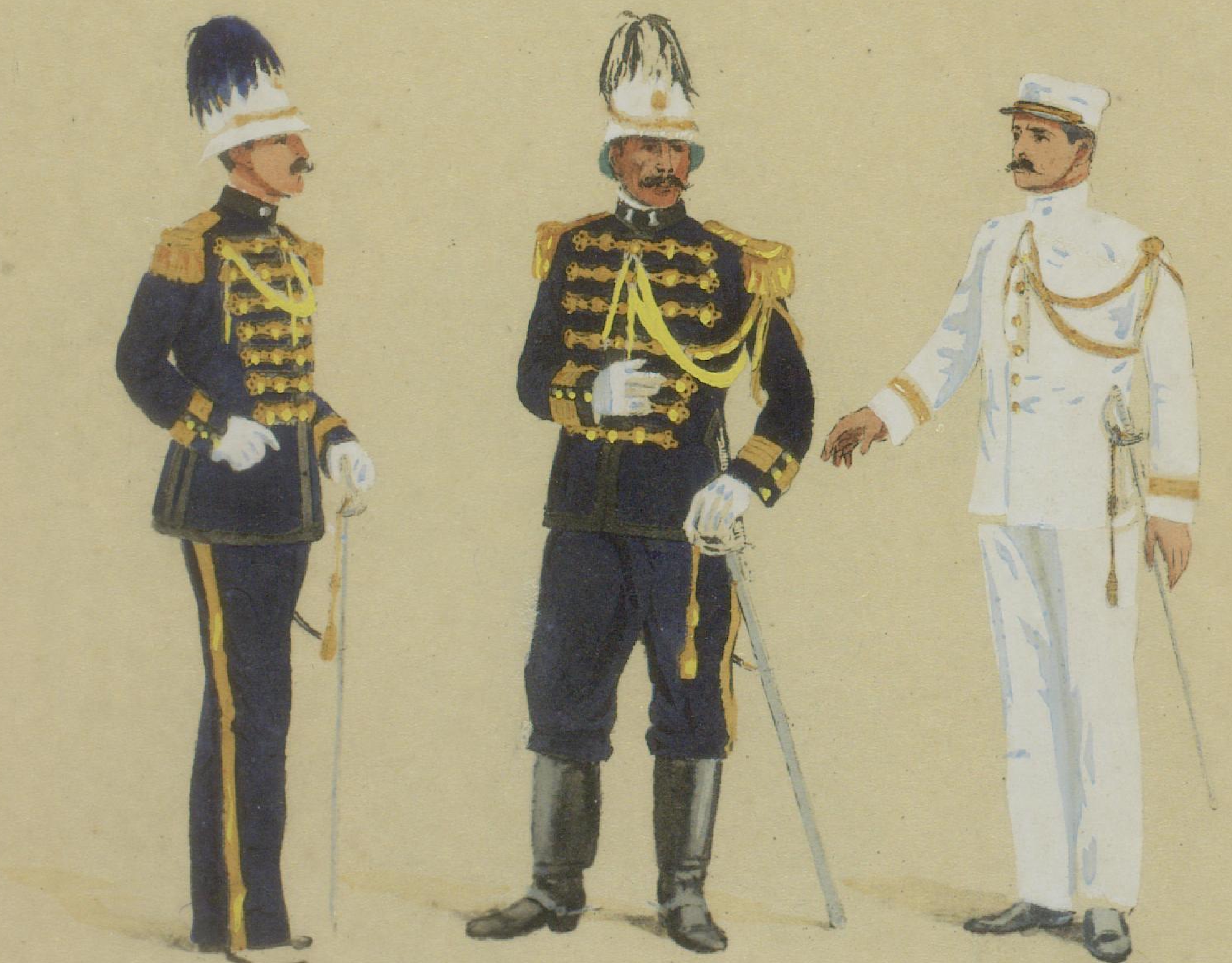
E.M.General
1903

177



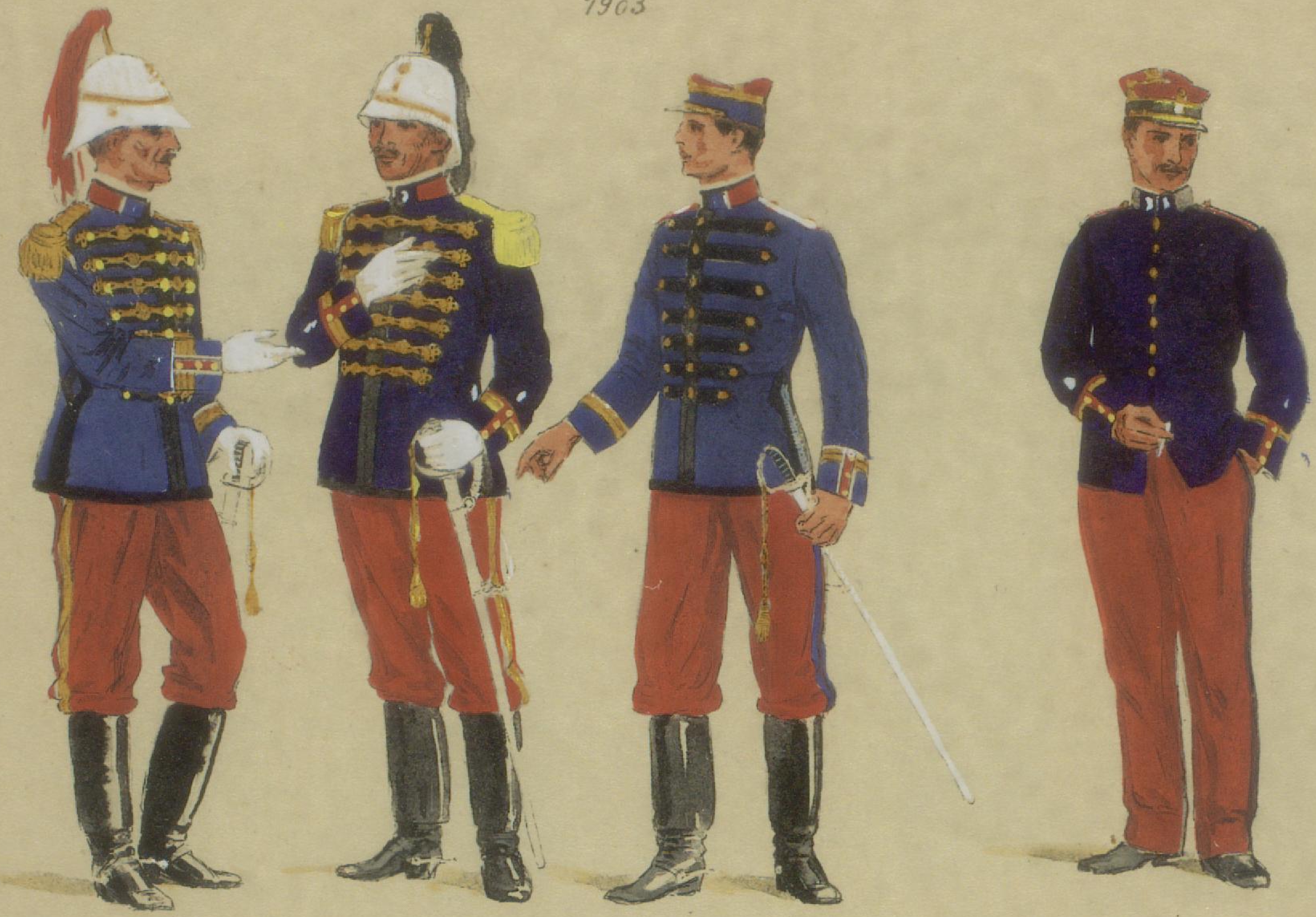
Corpos Especiaes
1903

178



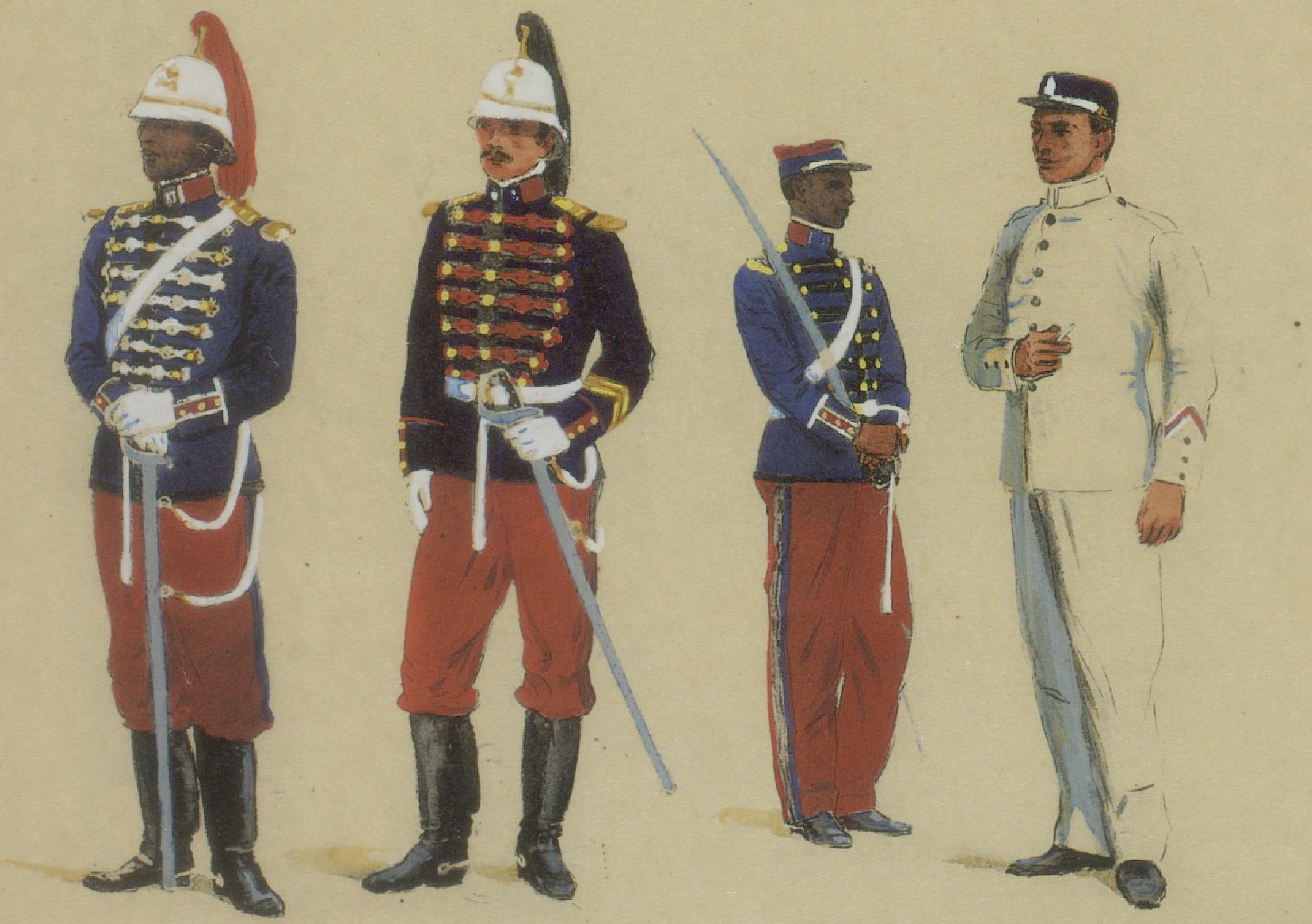
Cavallaria e Artilh. de Camp.
Officiaes
1903

179



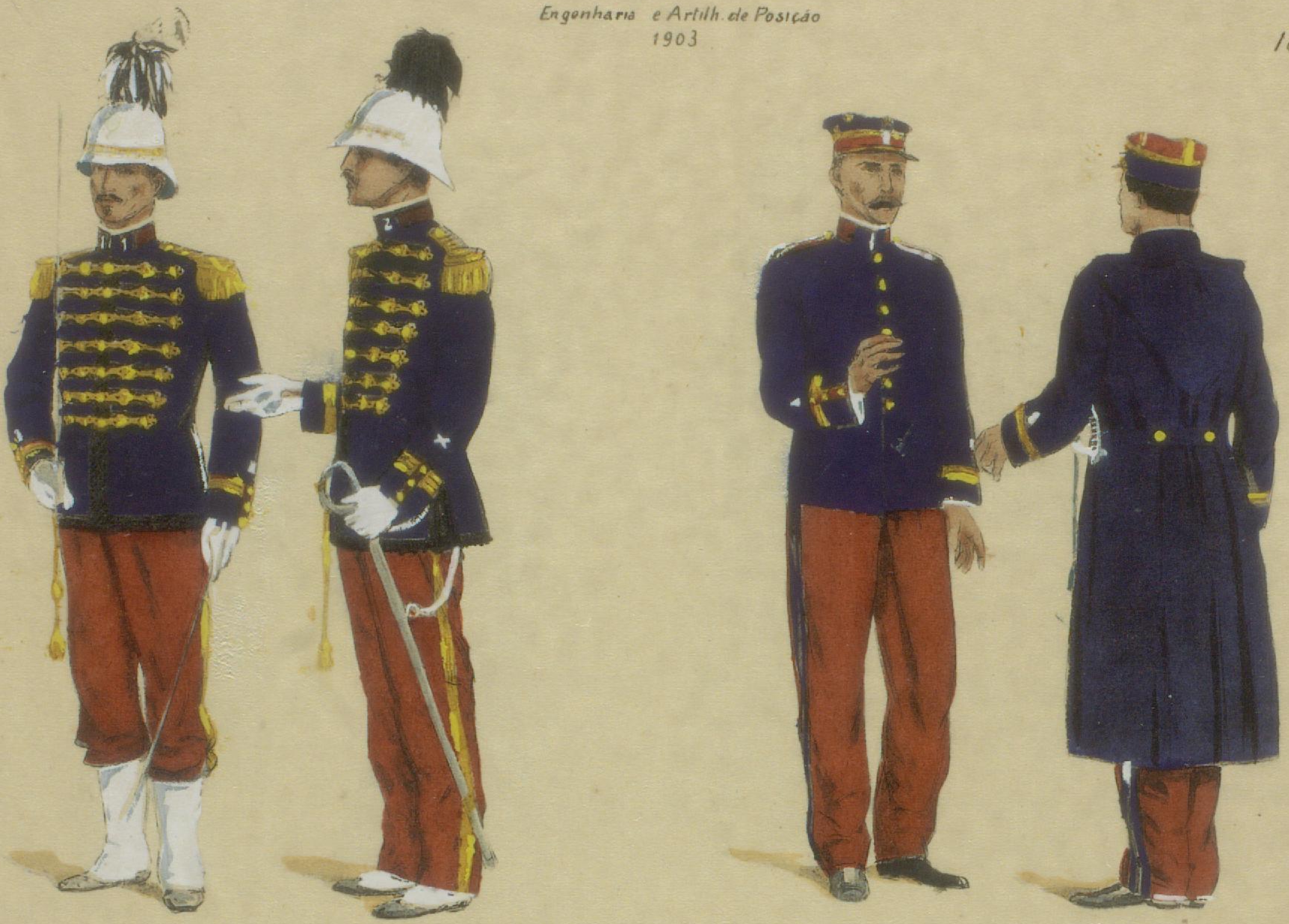
Cavallaria e Artilheria de pos. e A. de camp.
1903

180



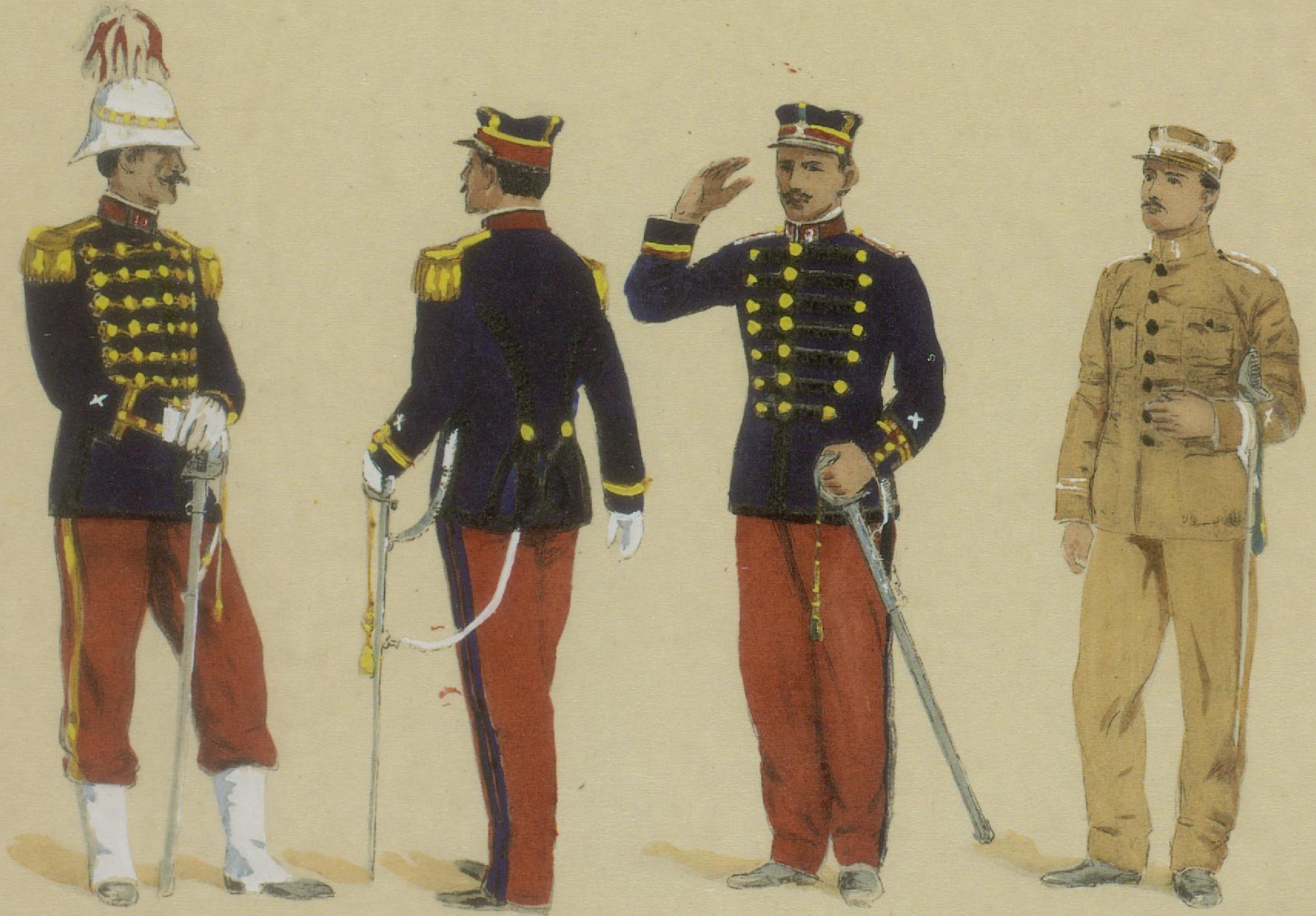
Engenharia e Artilh. de Posição
1903

181



Infanteria
1903

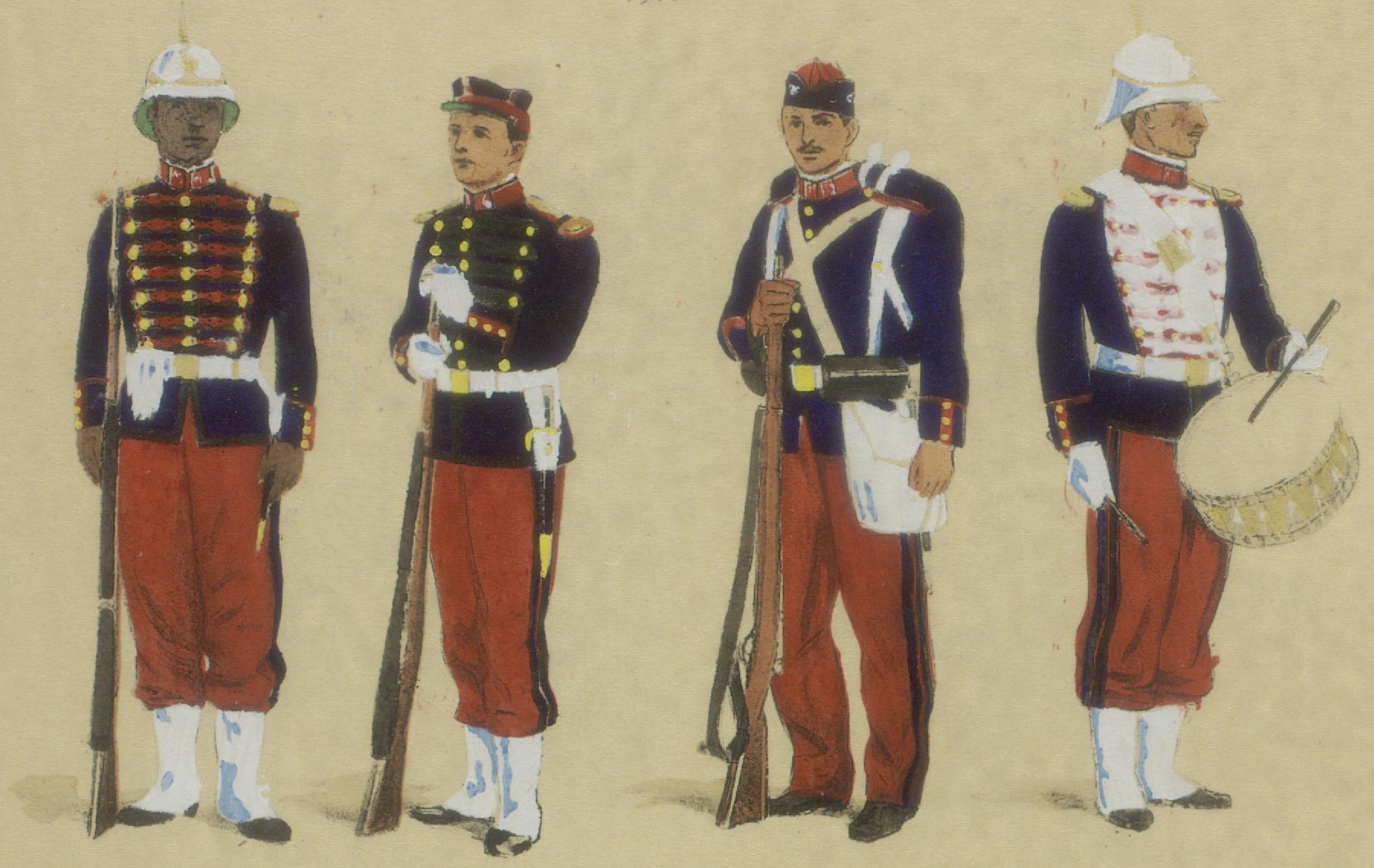
182



BIBLIOTHECA NACIONAL R Rio de Janeiro

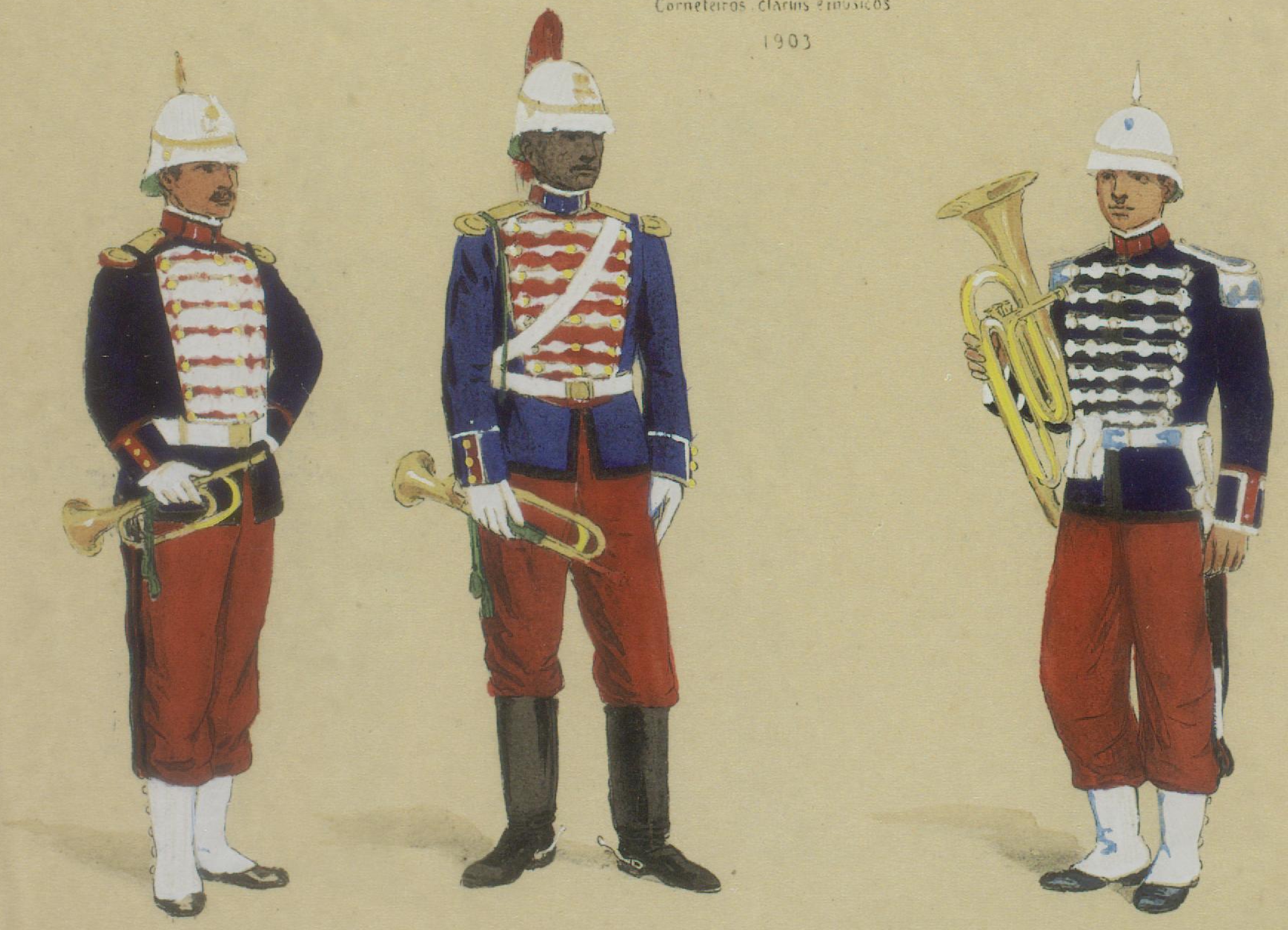
INFANTERIA
Praças de Pret
1903

183



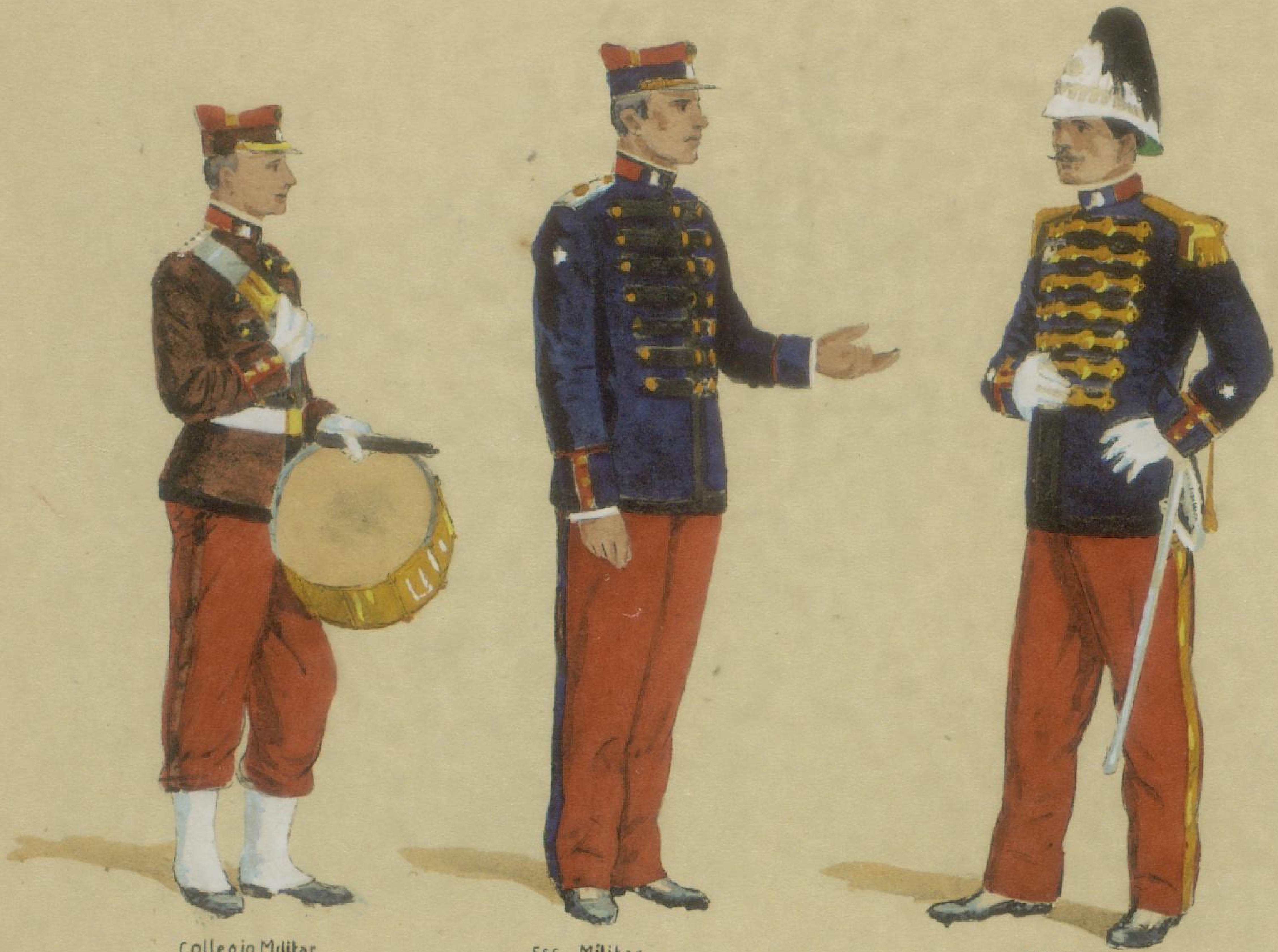
Corneteiros, clarins e musicos
1903

184



1903

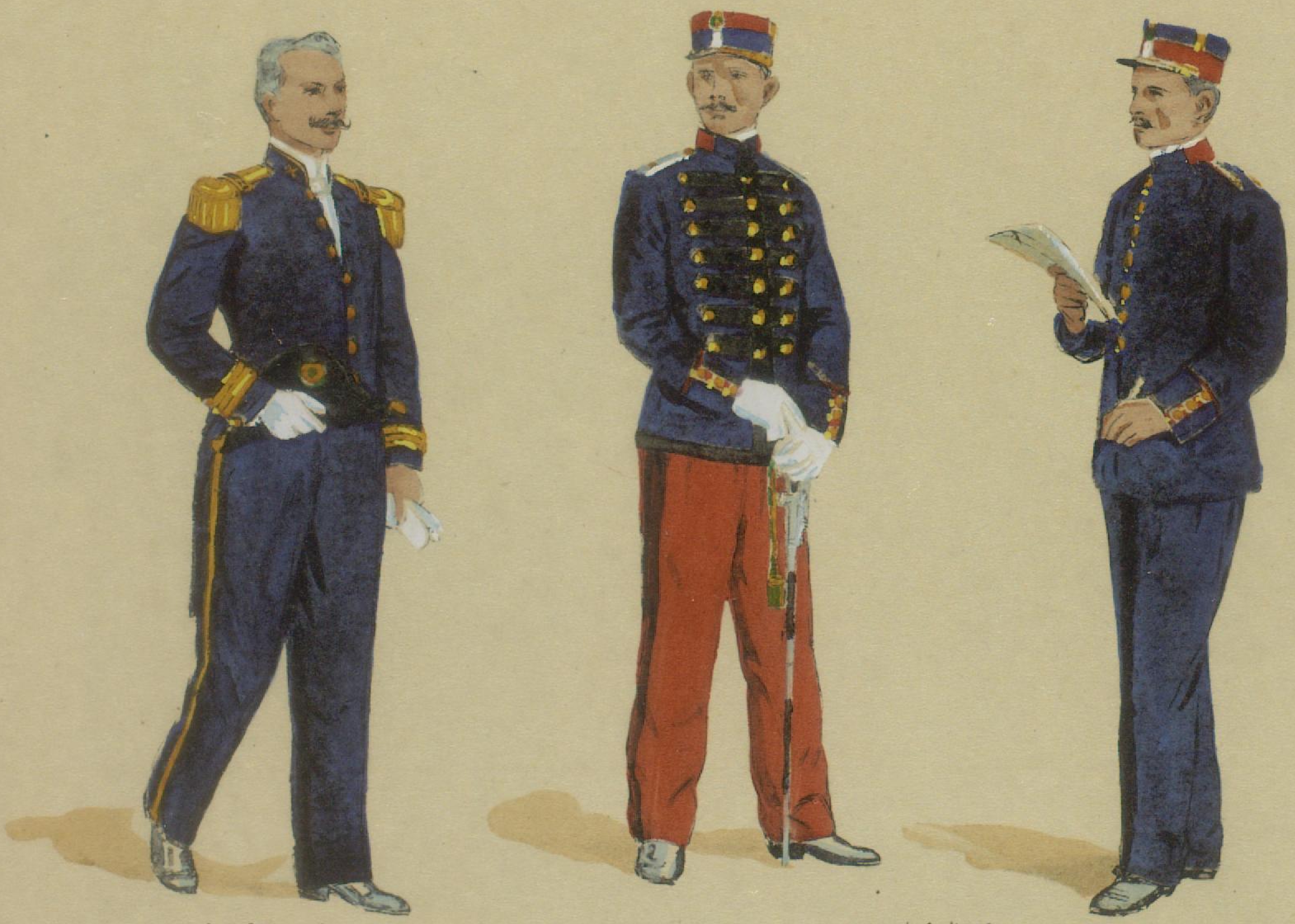
185



Collegio Militar Esc. Militar Alferes-alumno

1906

186

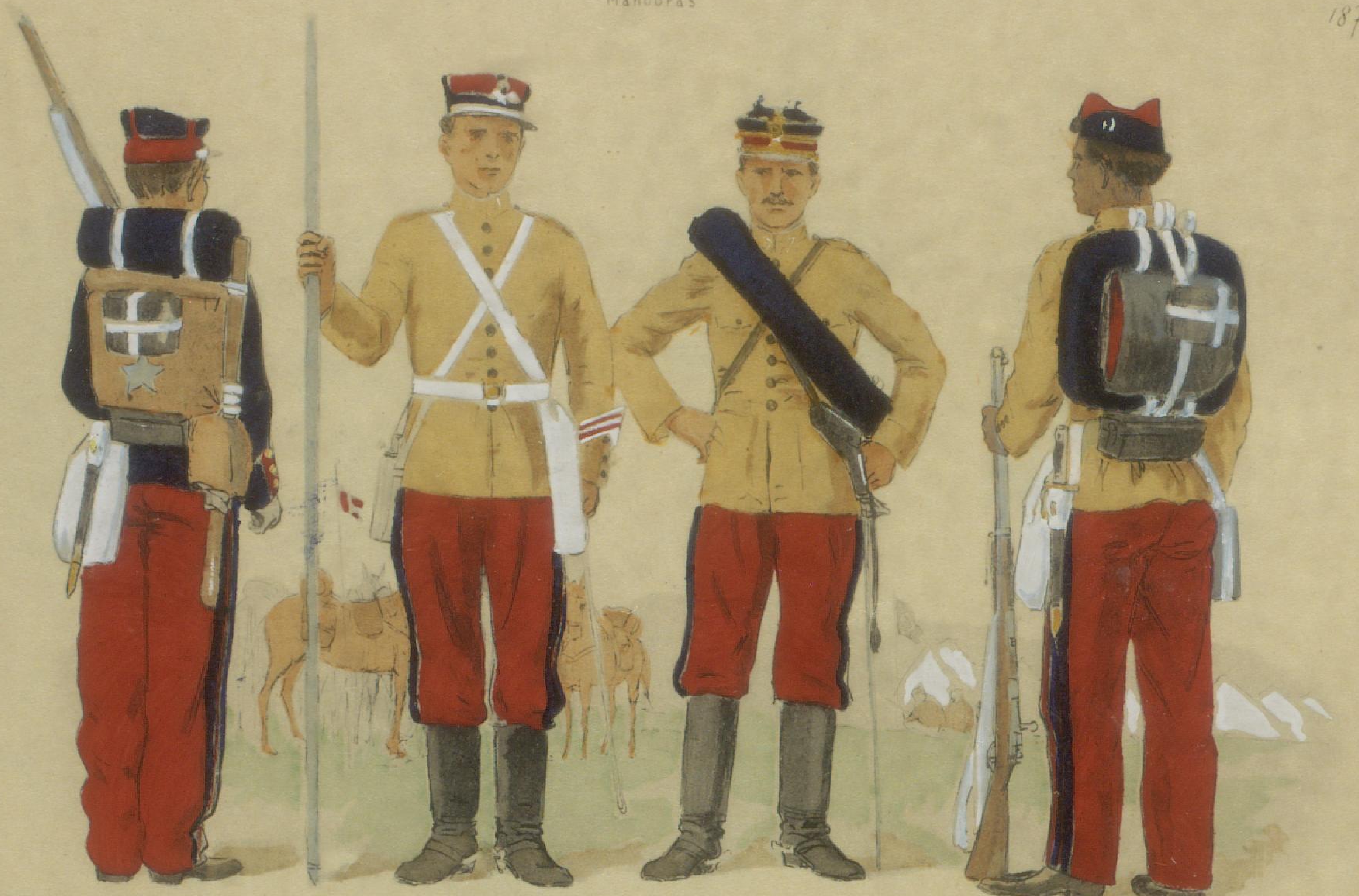


Unif. de Cerimonia Esc. de Aplicação

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

1907
Manobras

187

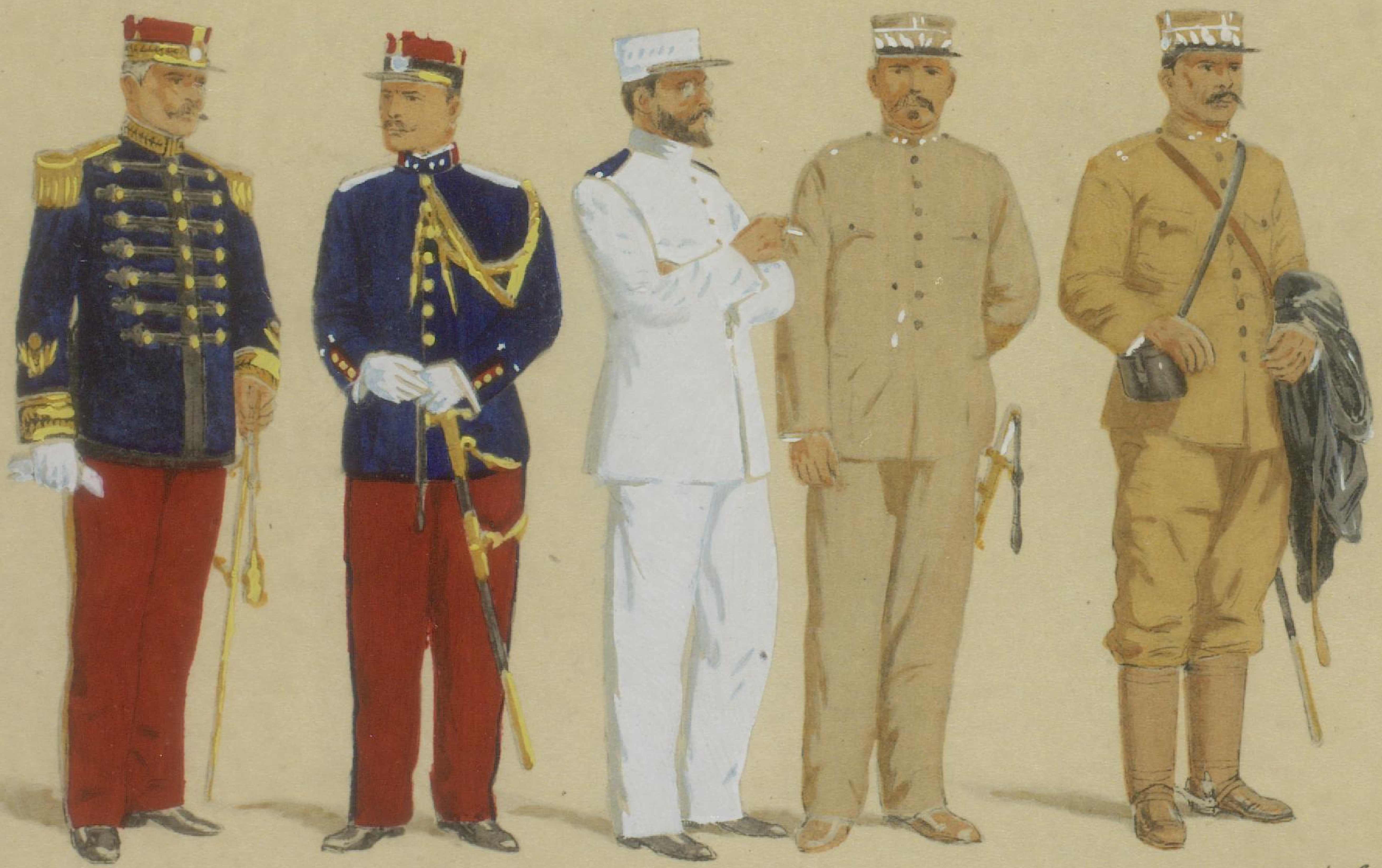


Cavallaria

Off infant.

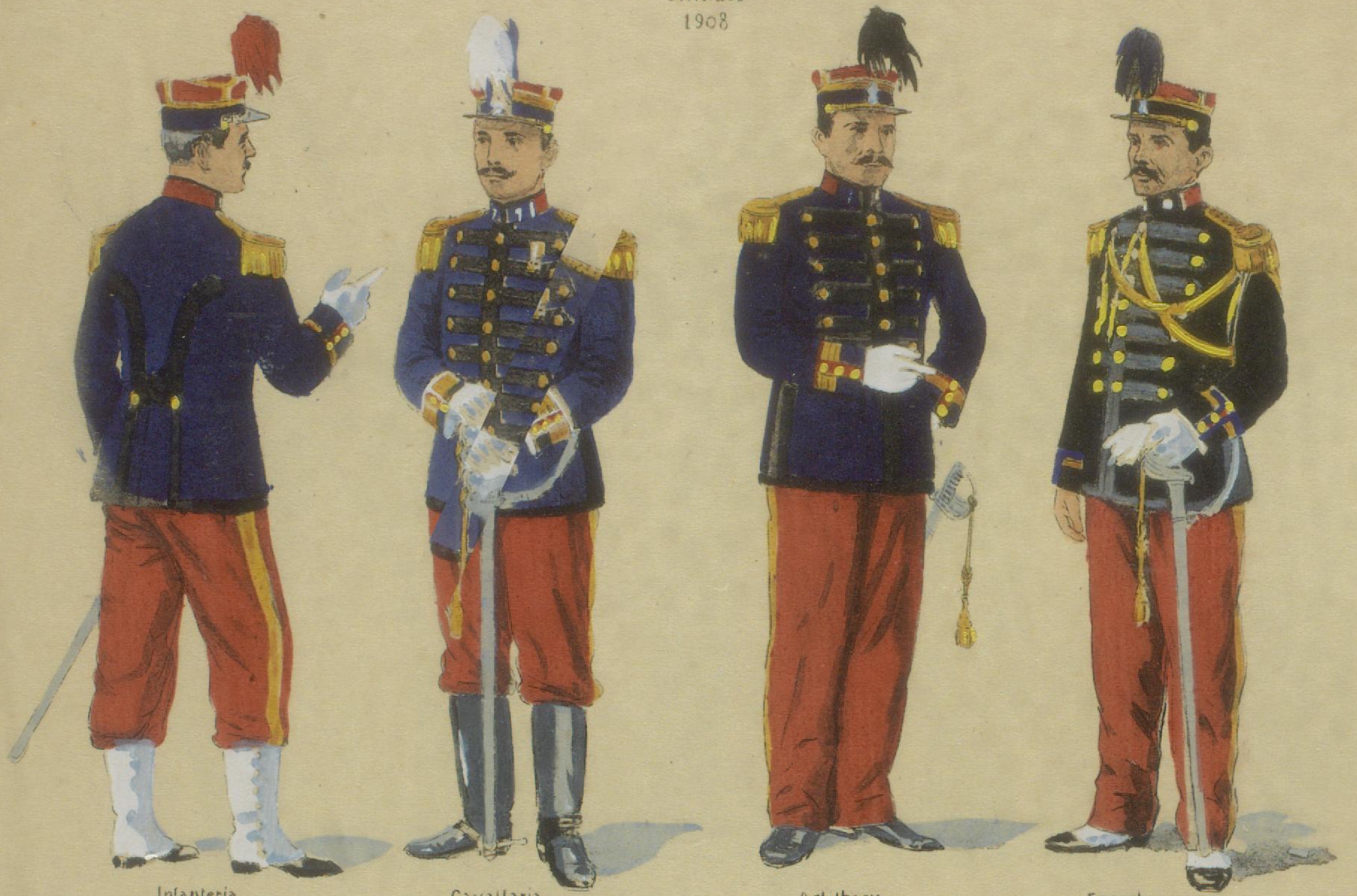
E.M. General
1908

188



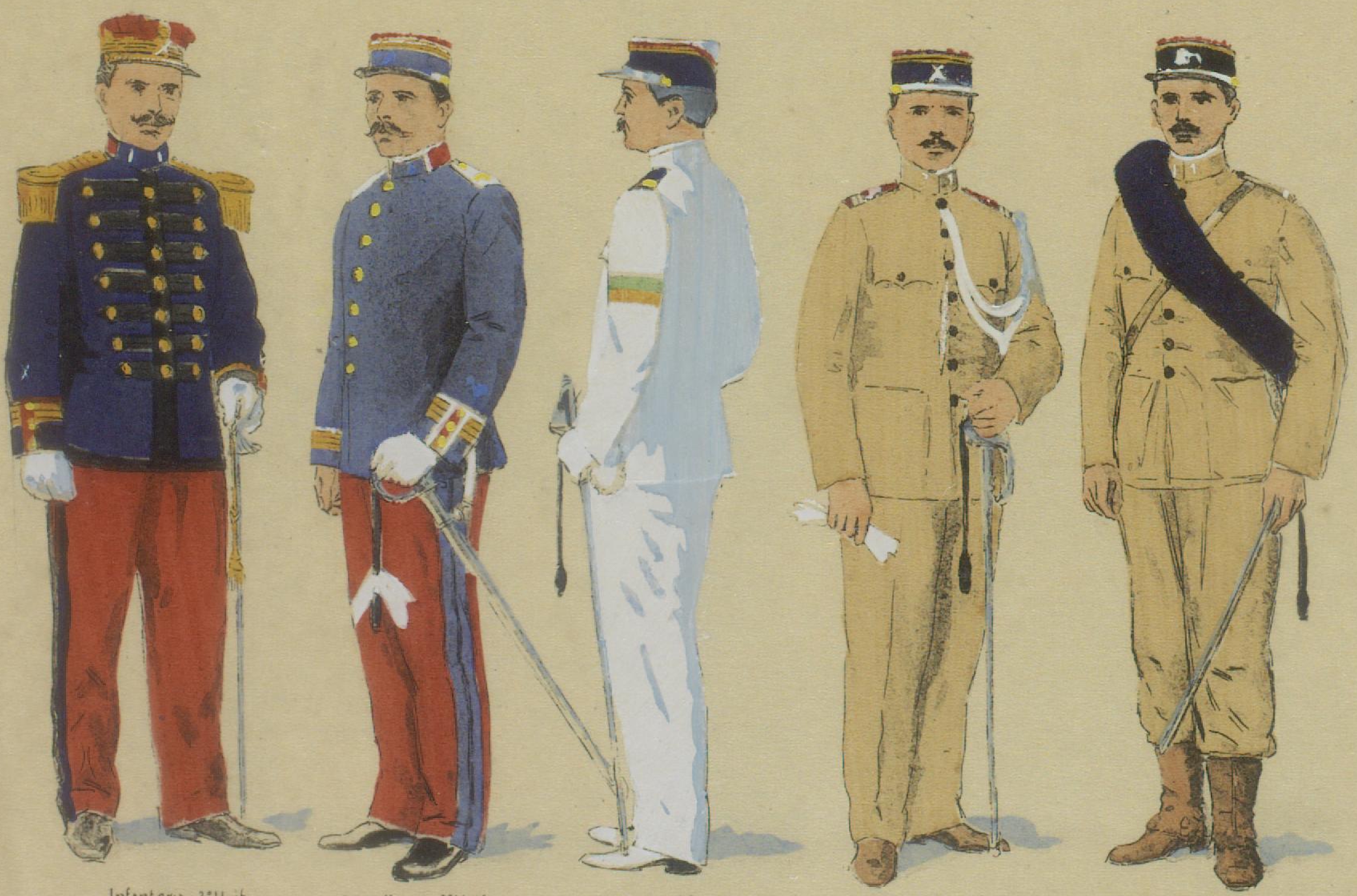
Corpos Arregimentados
Officiaes
1908

189


Infanteria
Cavallaria
Artilharia
Engenharia

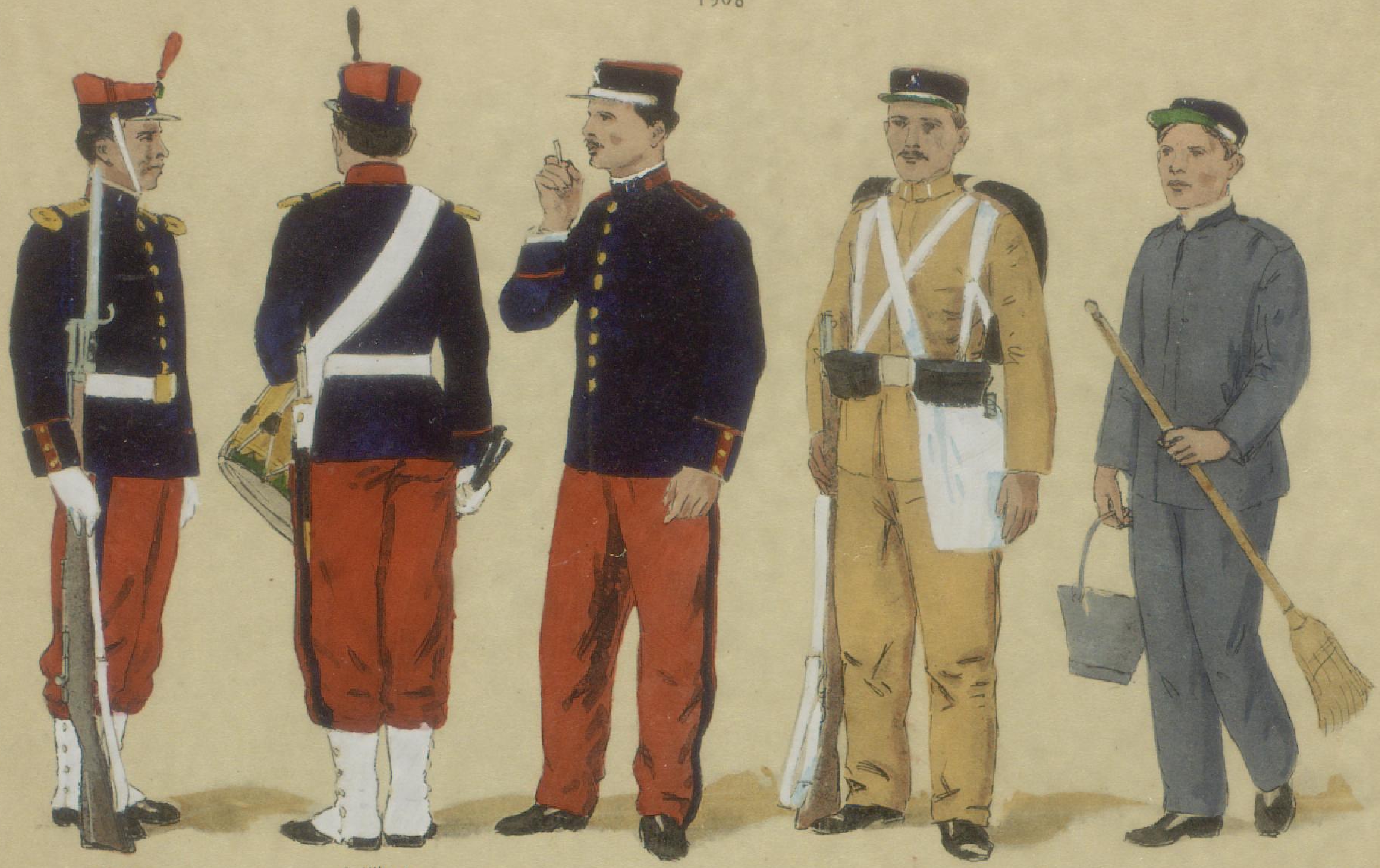
1908
Officiaes

190


Infanteria. 2º Unif.
Cavallaria. 3º Unif.
A-tilharia. 4º Unif.
Infant 5º Unif.
Engenharia. 6º U.

Infanteria e Artilharia
praças de pret
Gr^{de} e Peq. Unif
1908

191

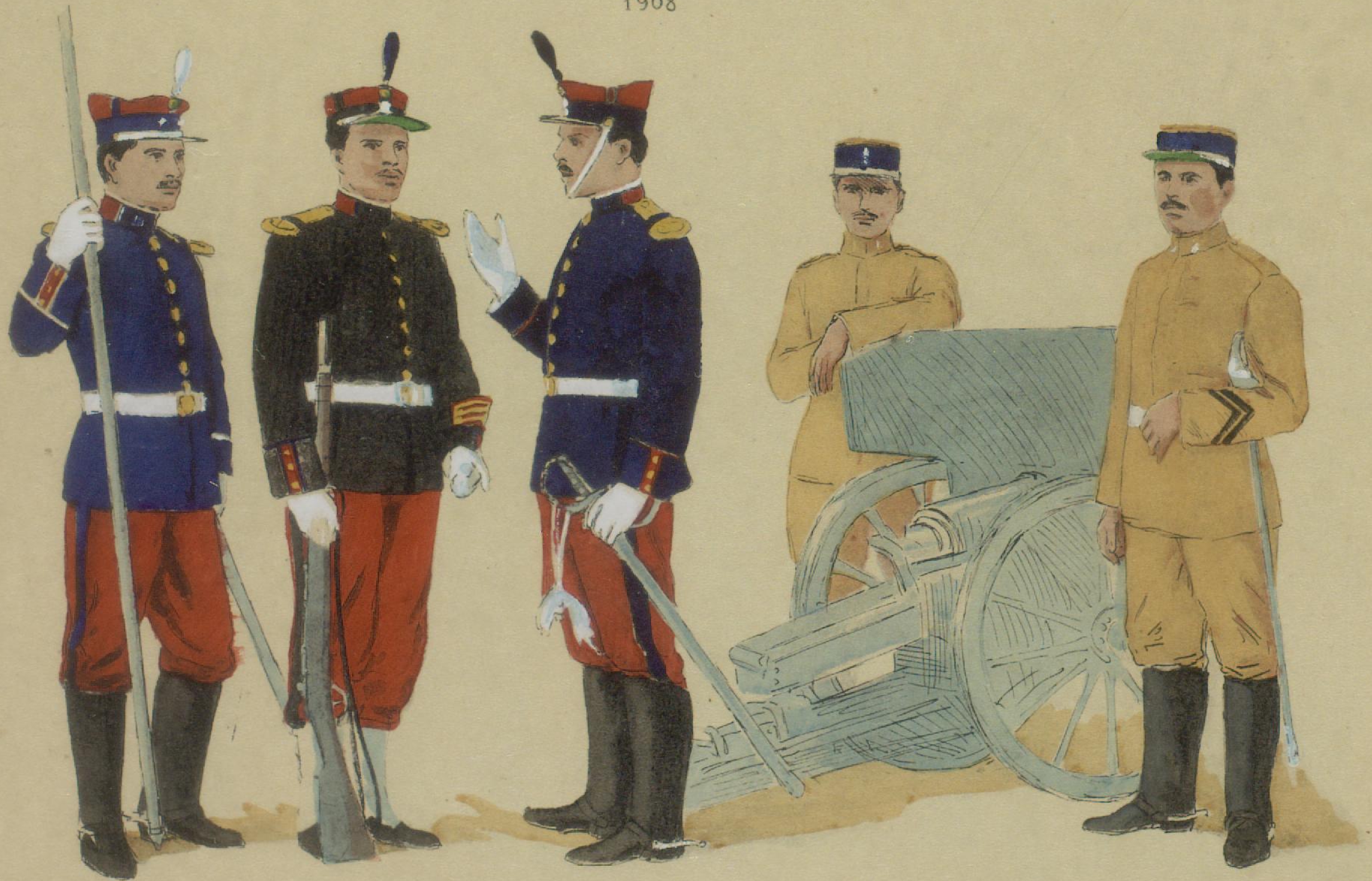


Infanteria

Artilharia

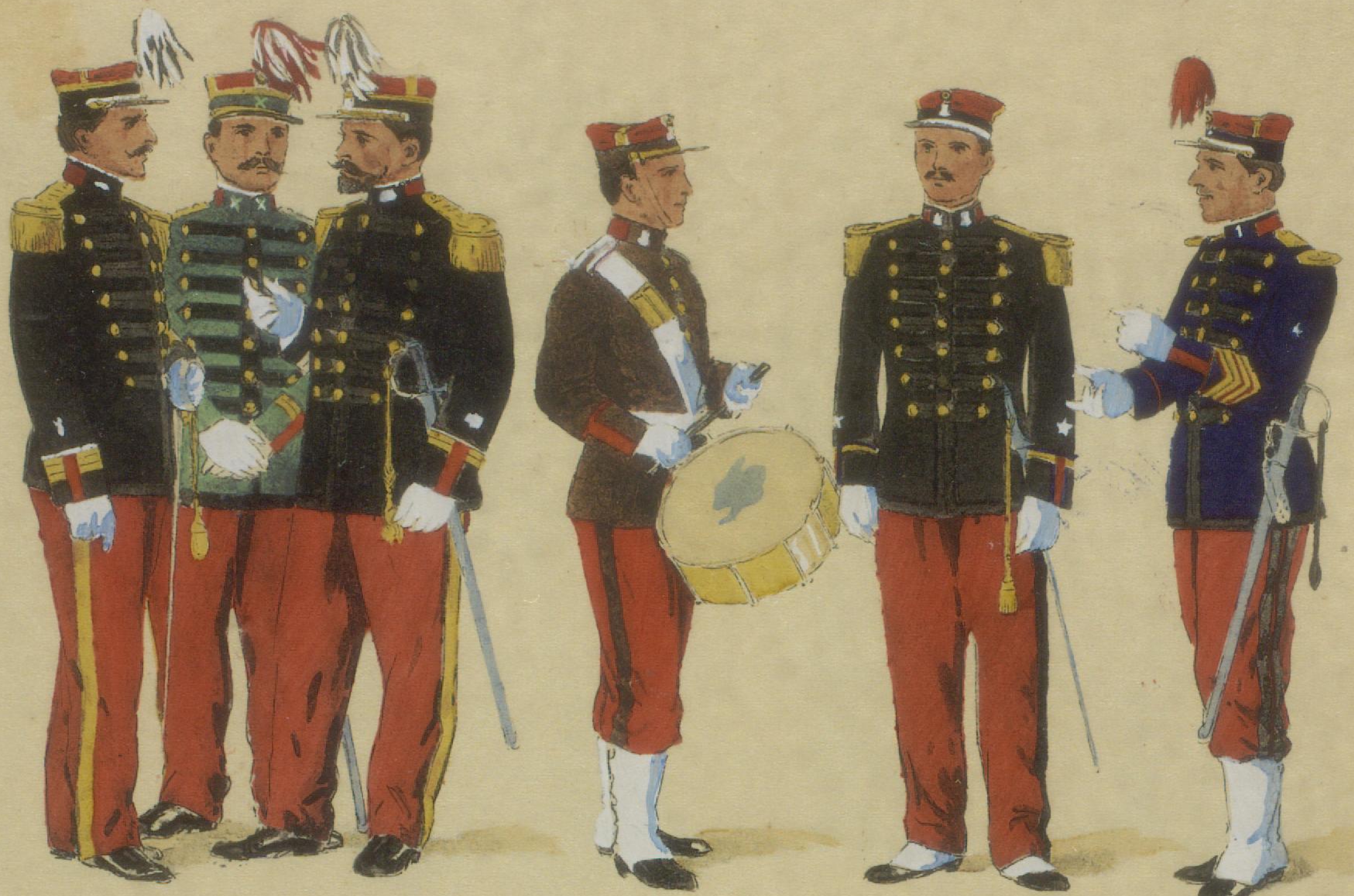
Cavallaria, Engenharia e Artilharia
p. de pret.
1908

192



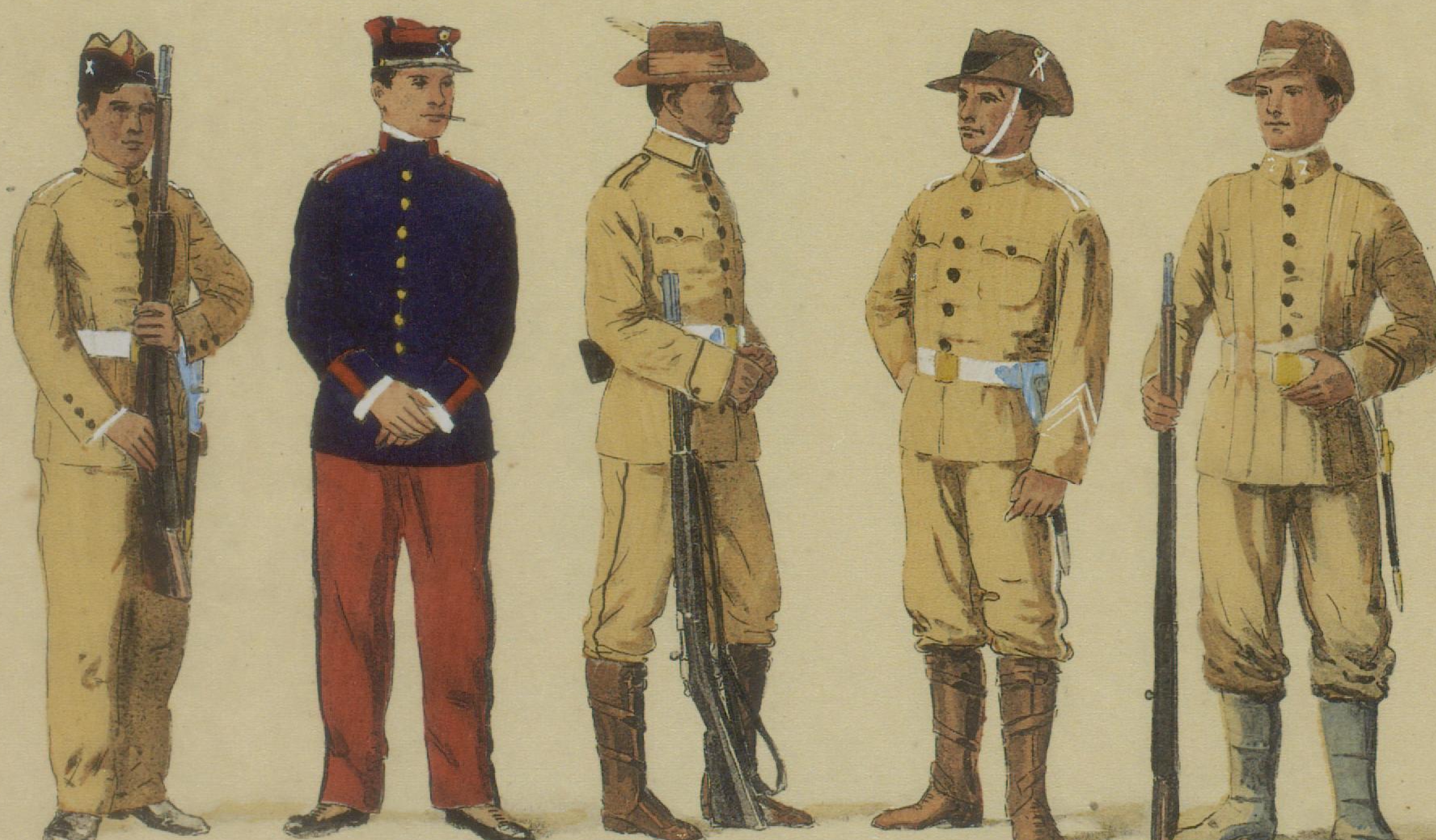
1908

193


Medico
Intendente
Auditor
Col. Militar
Esc. Militar
Sargento Inf.

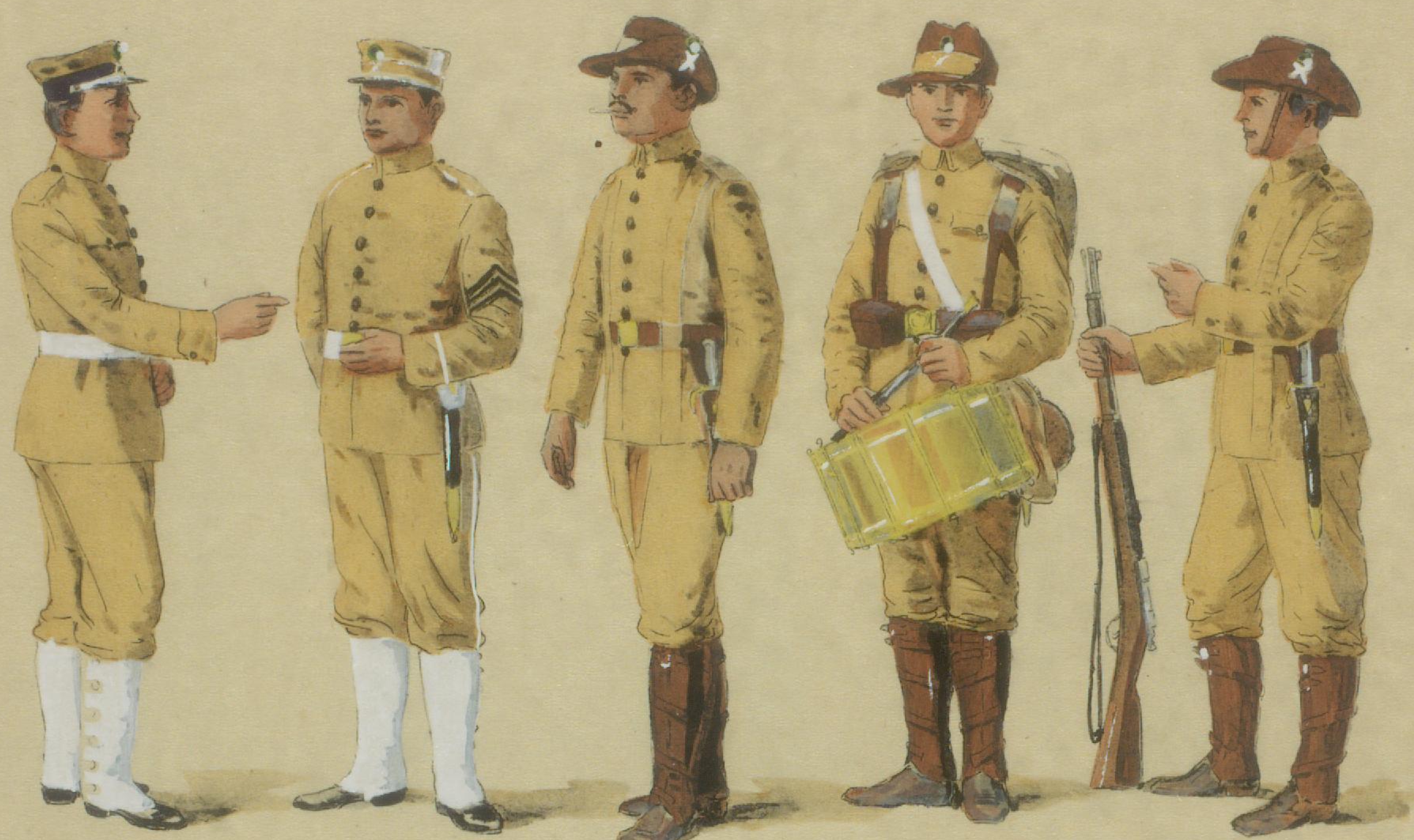
Voluntarios de manobra
e linhas de Tiro
1908

194


Volunt. de manobra
Tiro Federal nº 15
Tiro do Leme
T. Brasileiro de S. Paulo nº 2

Linhas de Tiro
1910

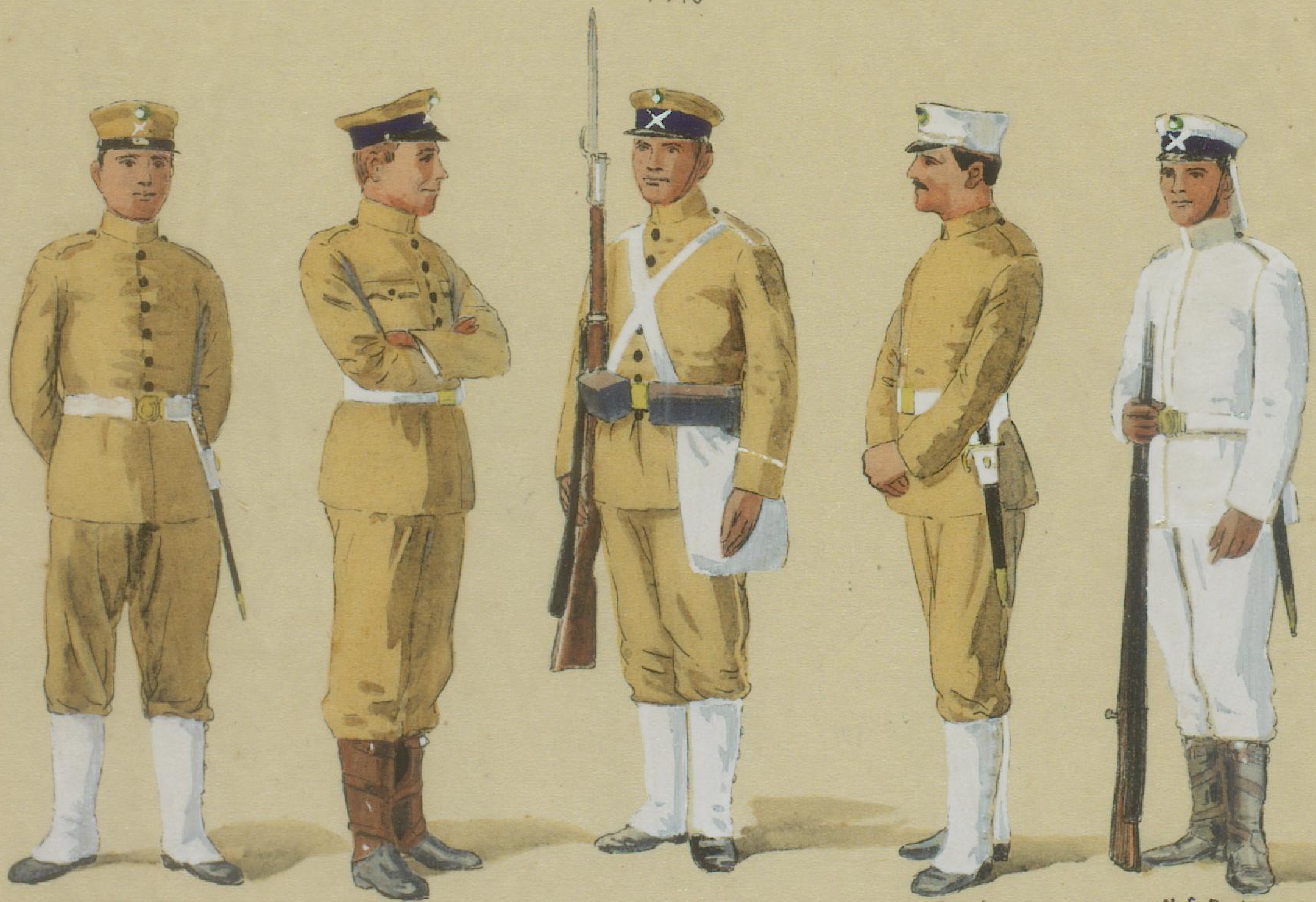
195



Tijuca Juiz de Fora Maranhão Santos Friburgo

Linhas de Tiro
1910

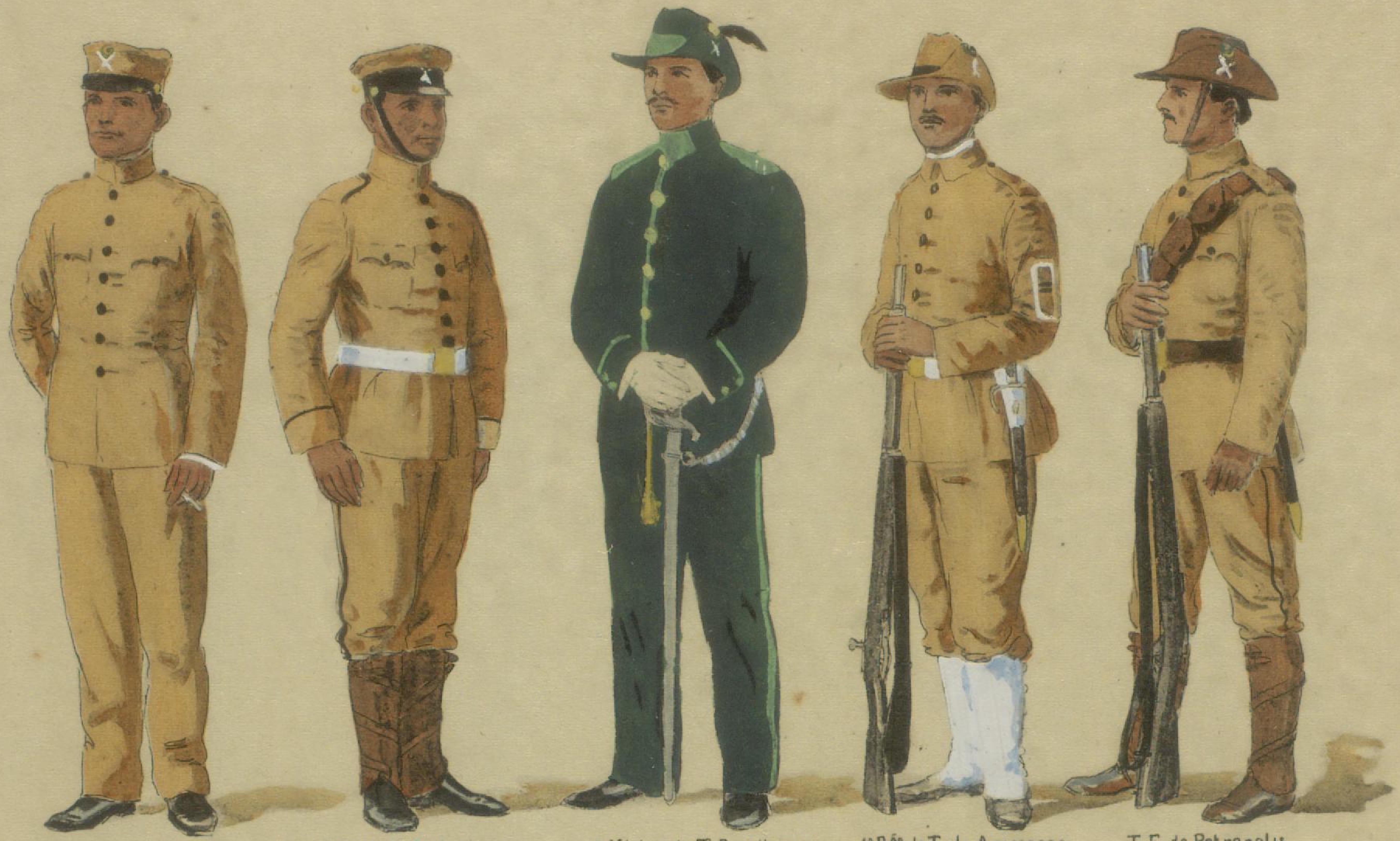
196



9 Uruguayana Campos Parahyba Bagé 3° S. Paulo

Linhas de Tiro
1910

197



T. Pernambucano

B.ão de Caçad. do Club União dos Atiradores – Rio

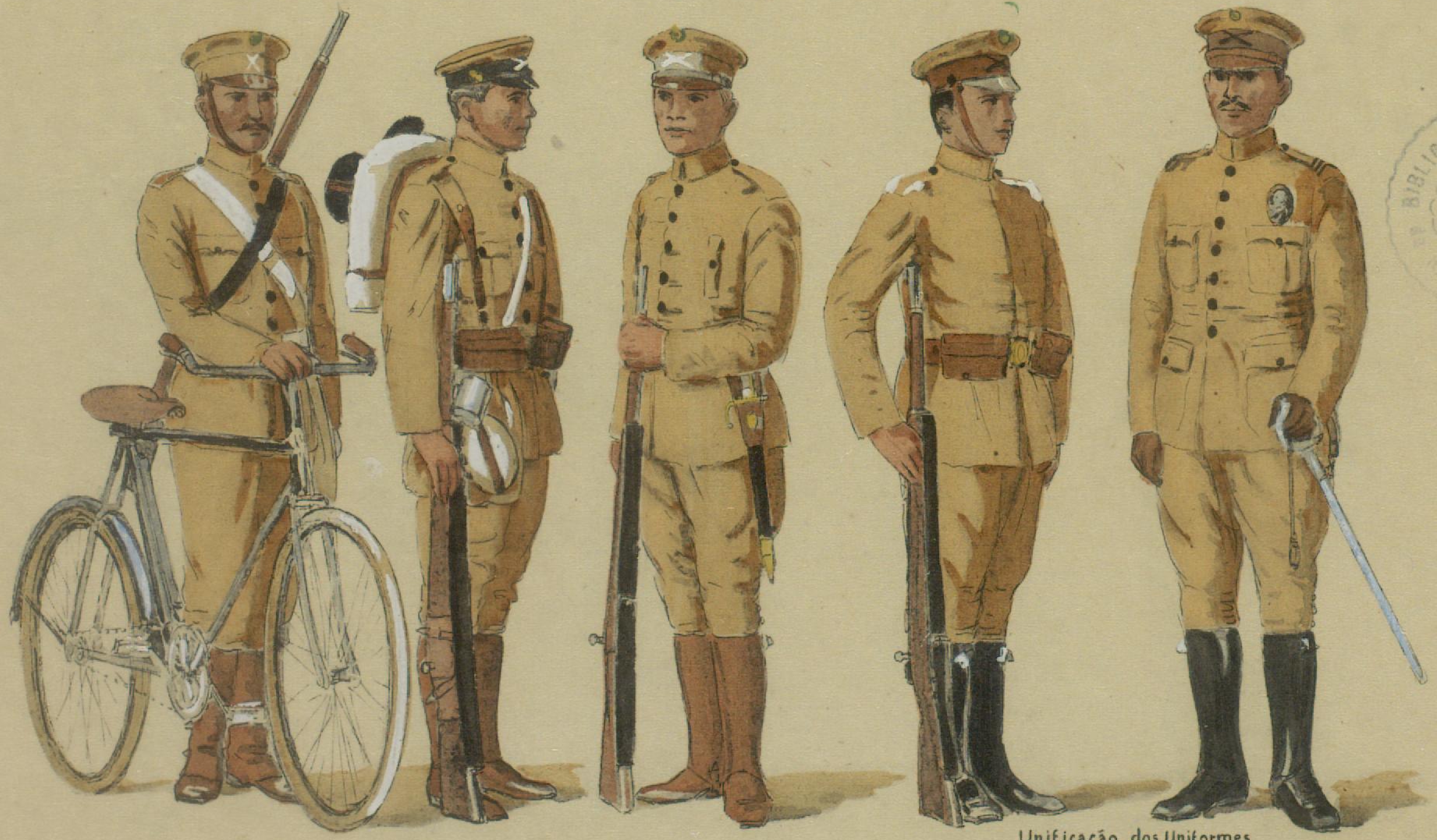
Official do T. Brasileiro

1º B.ão de T. do Amazonas

T. F. de Petropolis

Linhas de Tiro

198



7º C. Federal
1915

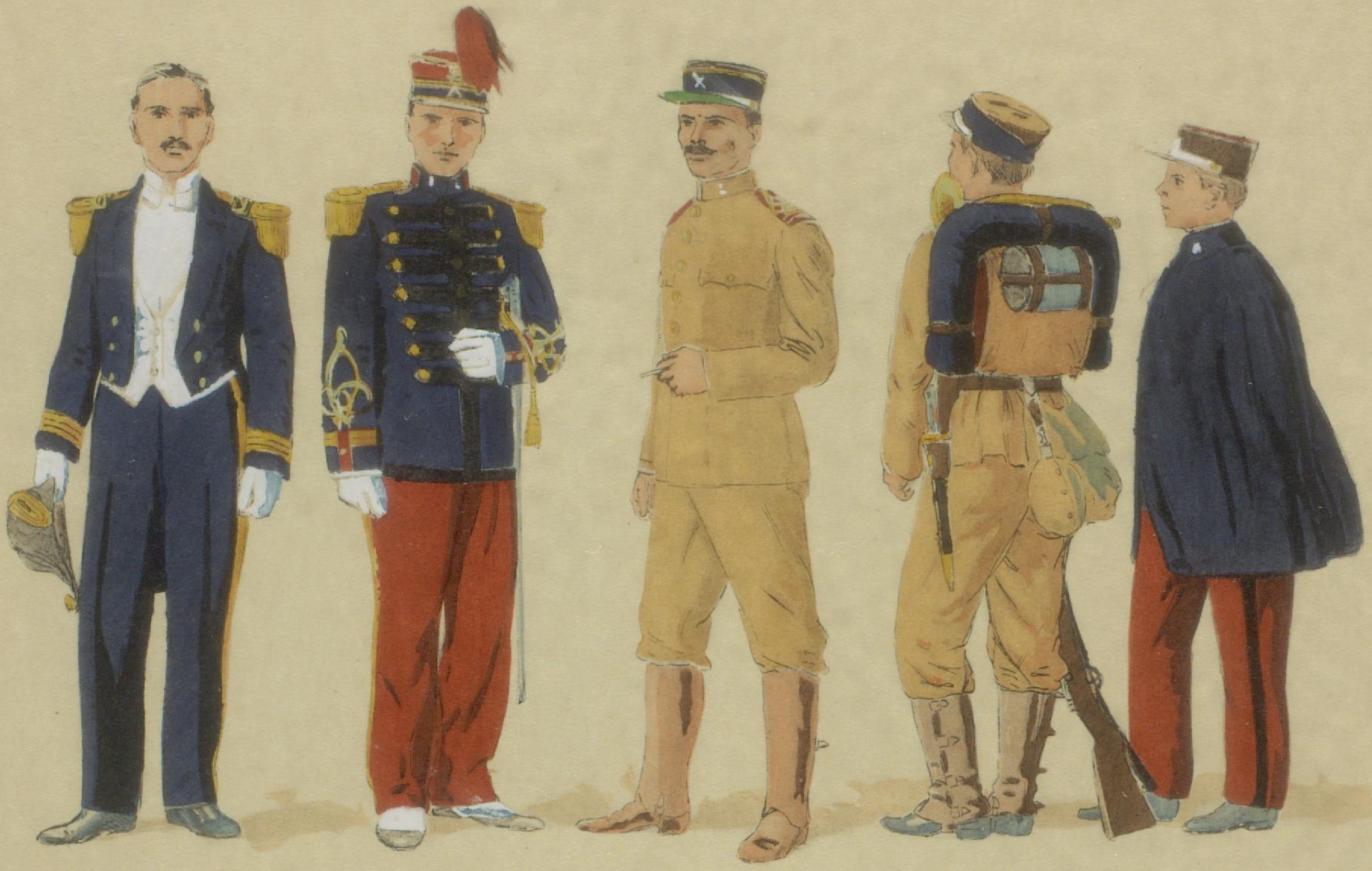
Paraná
1916

35º S. Paulo
1916

Unificação dos Uniformes
soldado
official (Tiro R. Branco)
1917

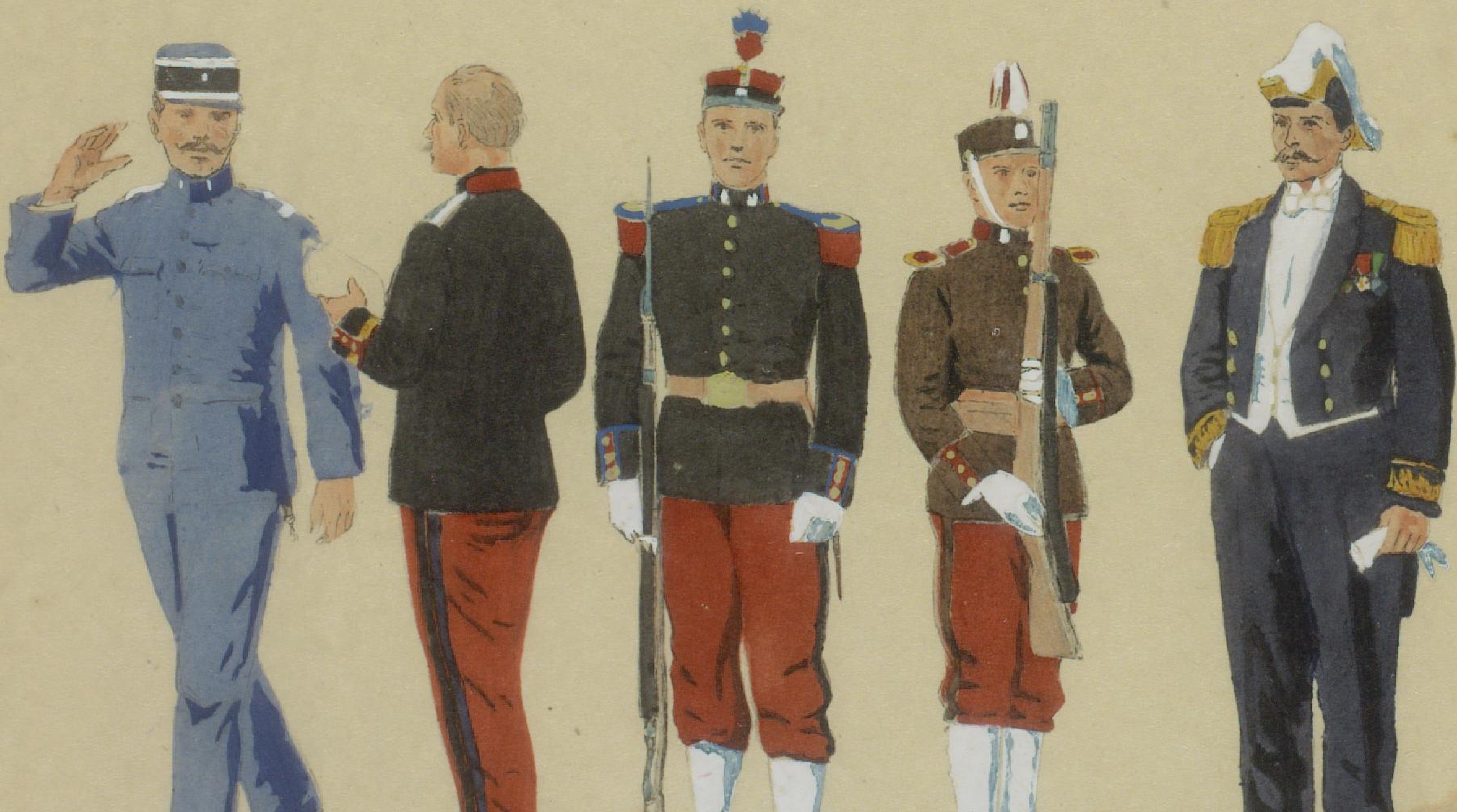
C. Arregimentados e C. Militar
1910-11

199



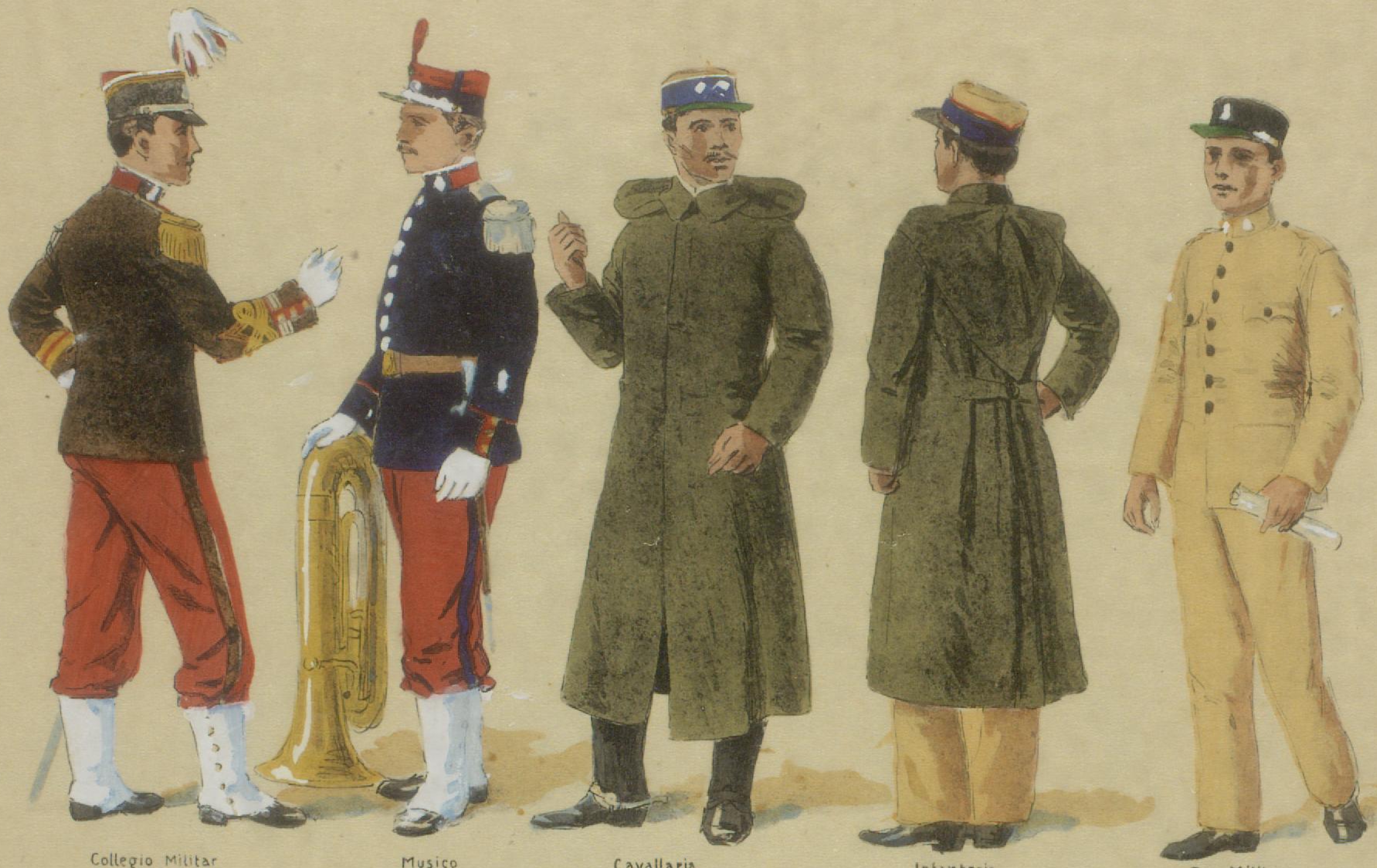
1913

200



1914

201



Collegio Militar

Musico

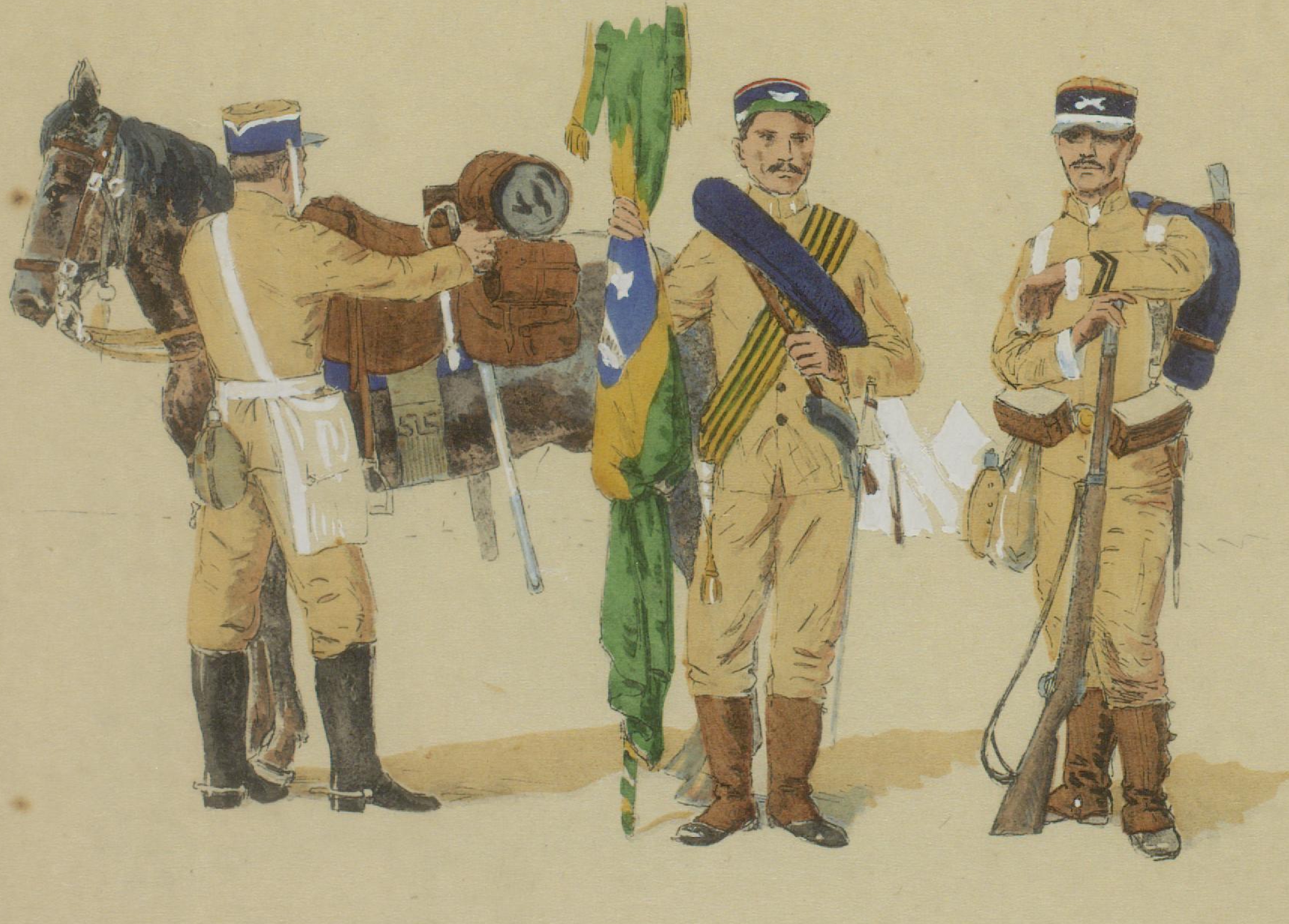
Cavallaria

Infanteria

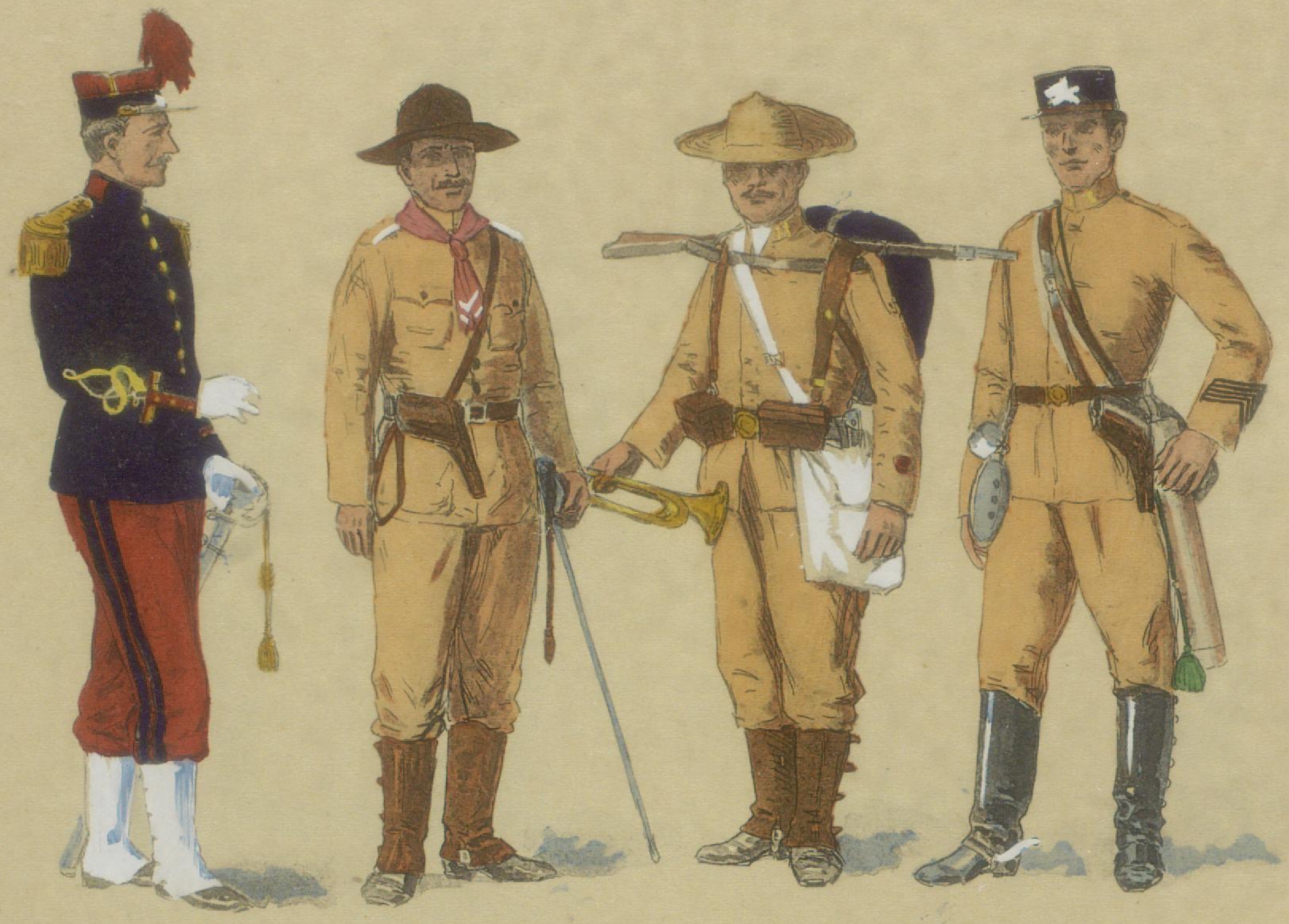
Esc. Militar

1914

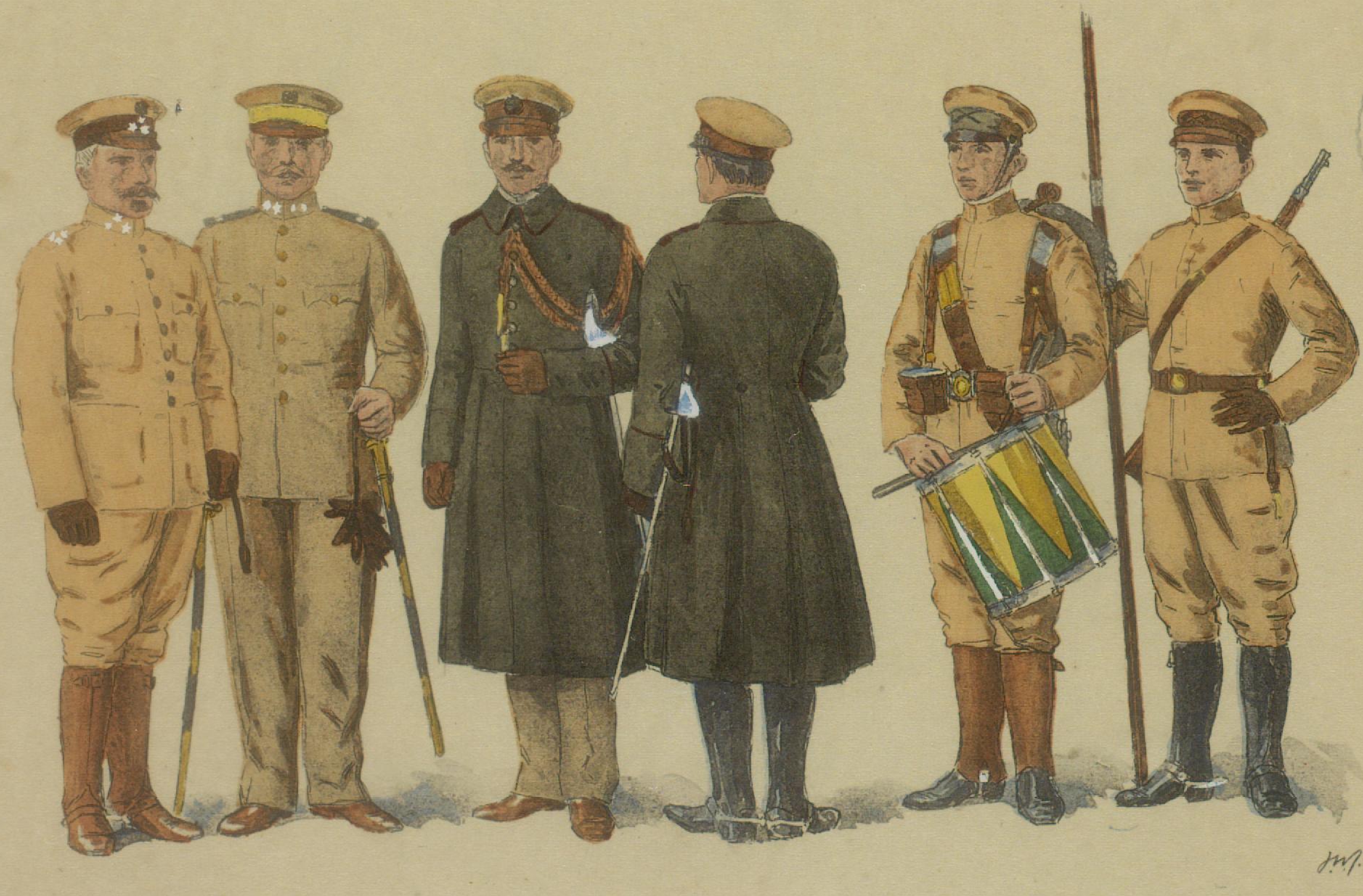
202



1915 203

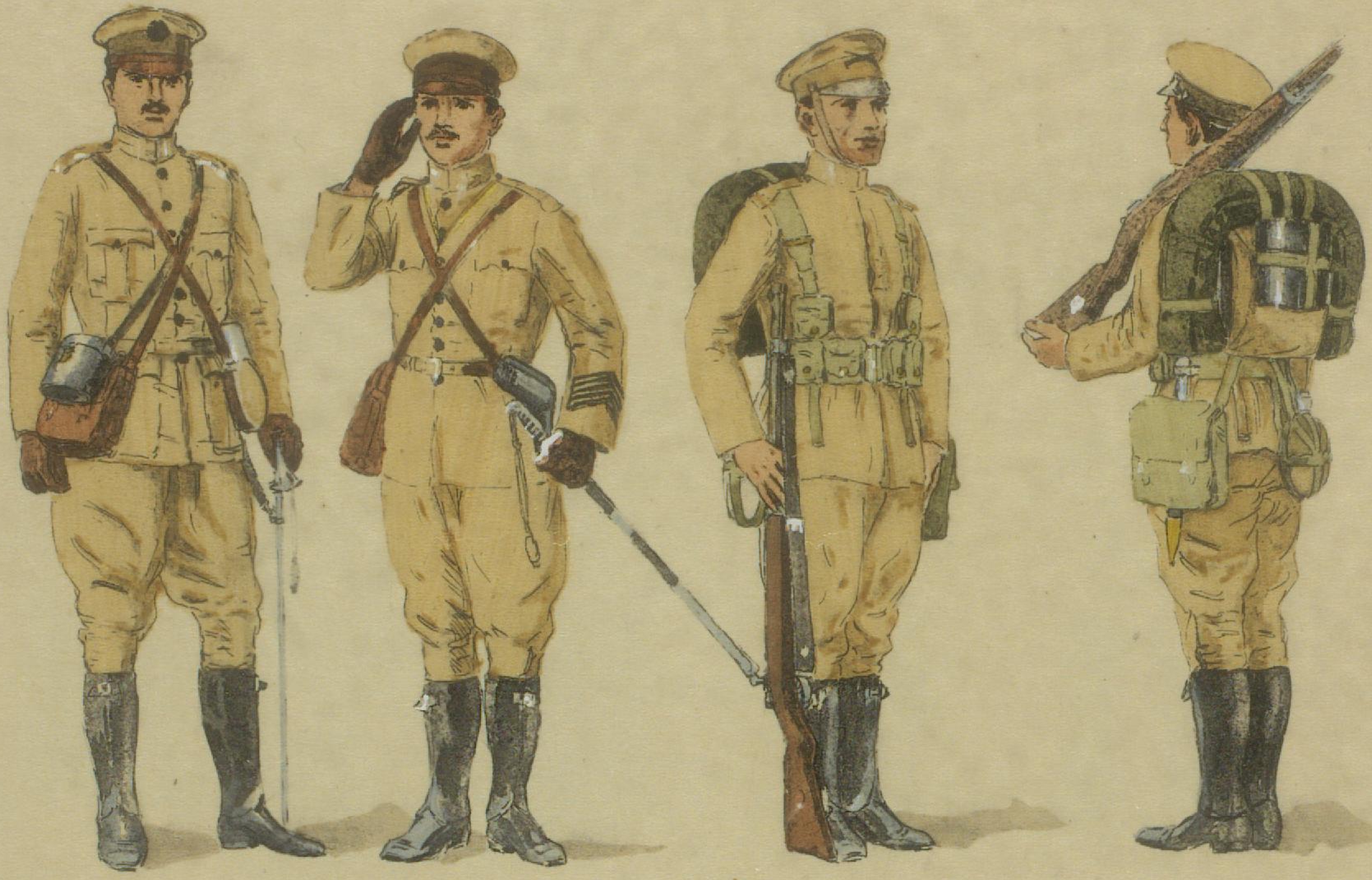


1916 204

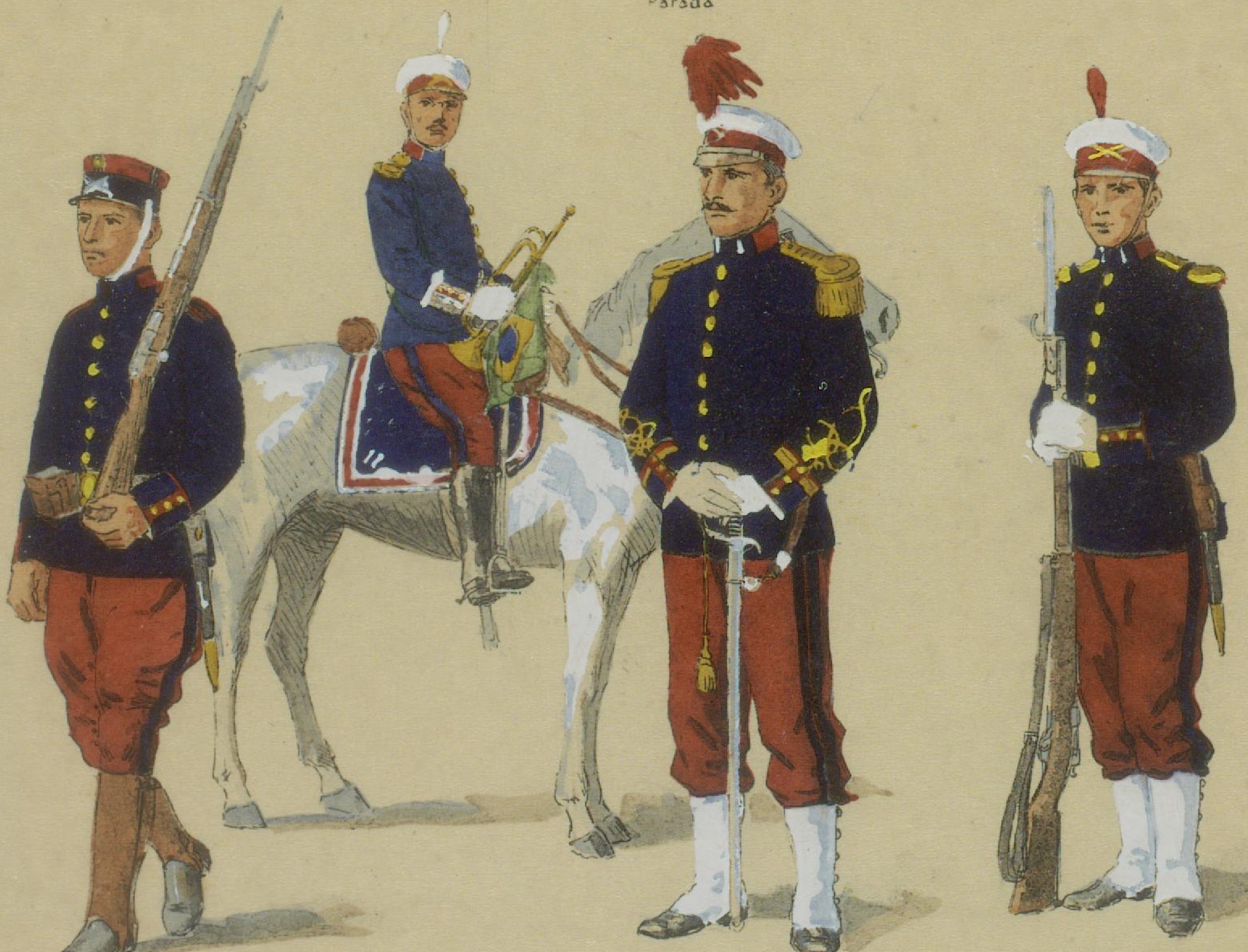


BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

1917 205



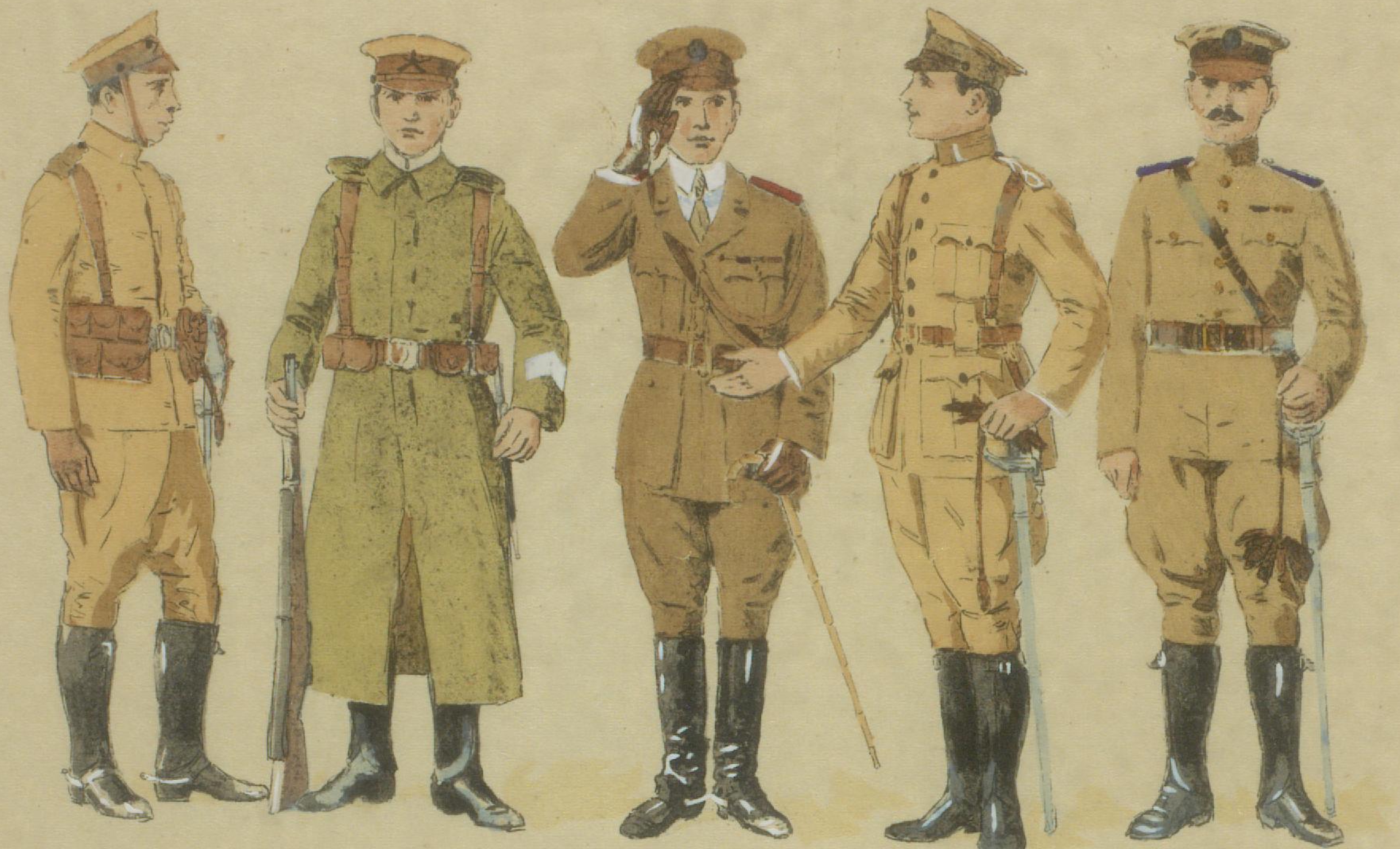
1917 206
Parada



S. Paulo

R de Janeiro

1918 207



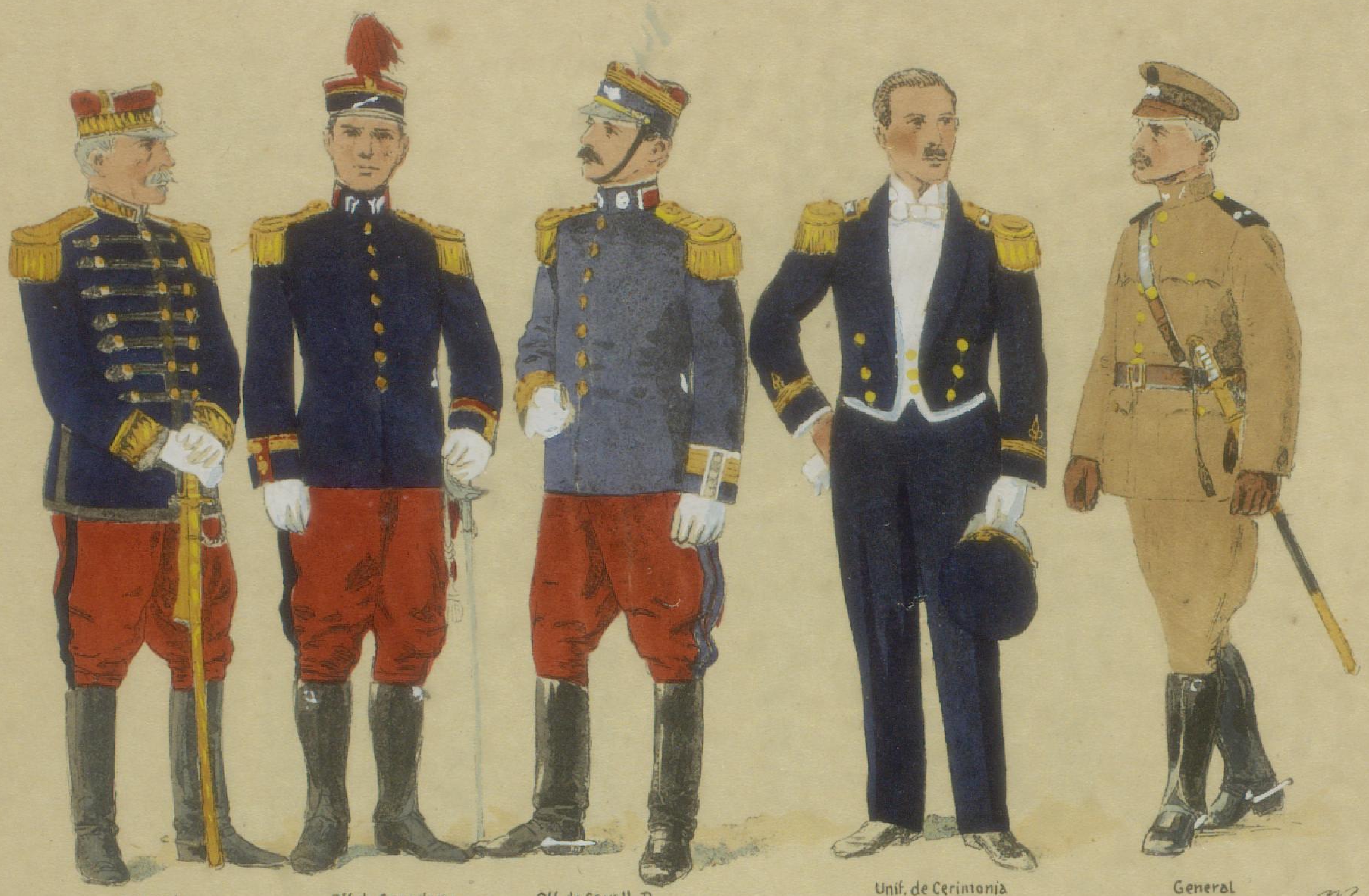
1919 208

Cavallaria   sold. de Inf.   Sarg. de Inf.   Off. de Infanteria   Artilh. de montanha

BIBLIOTHECA R Rio de Janeiro

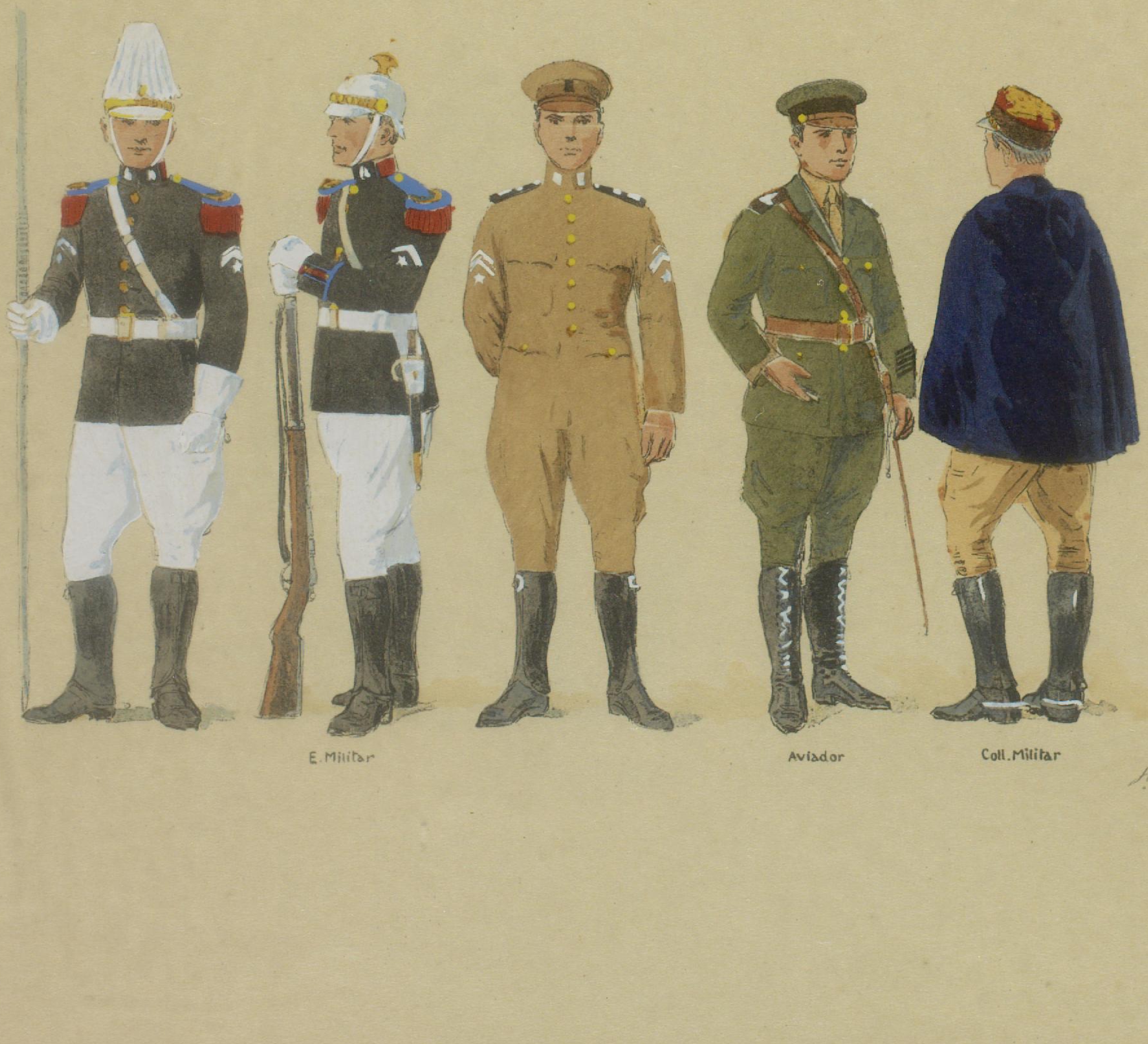
1920

209


General
Off. de Caçadores
Off. de Cavall. D.
Unif. de Cerimonia
General

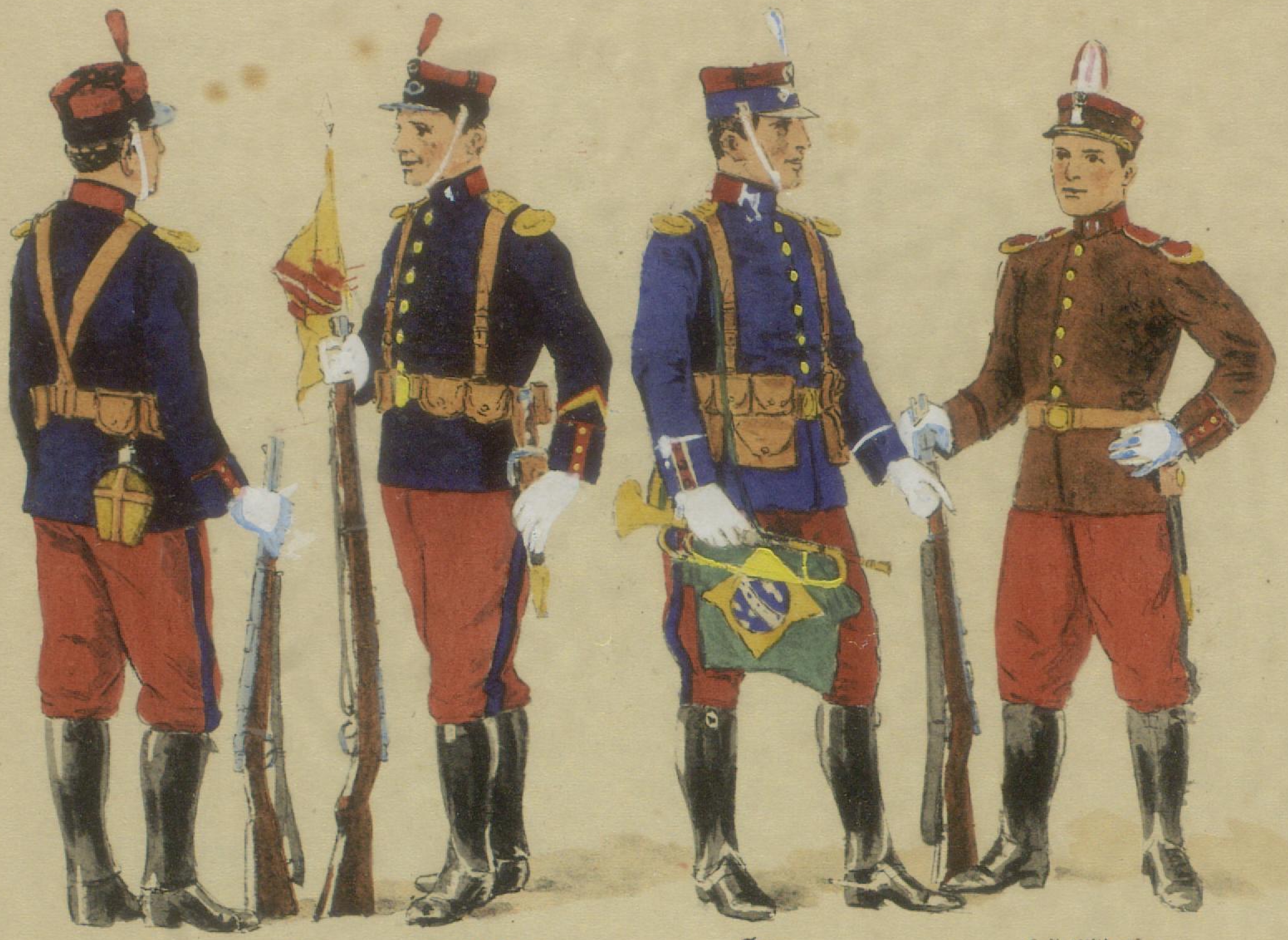
1921

210


E. Militar
Aviador
Coll. Militar

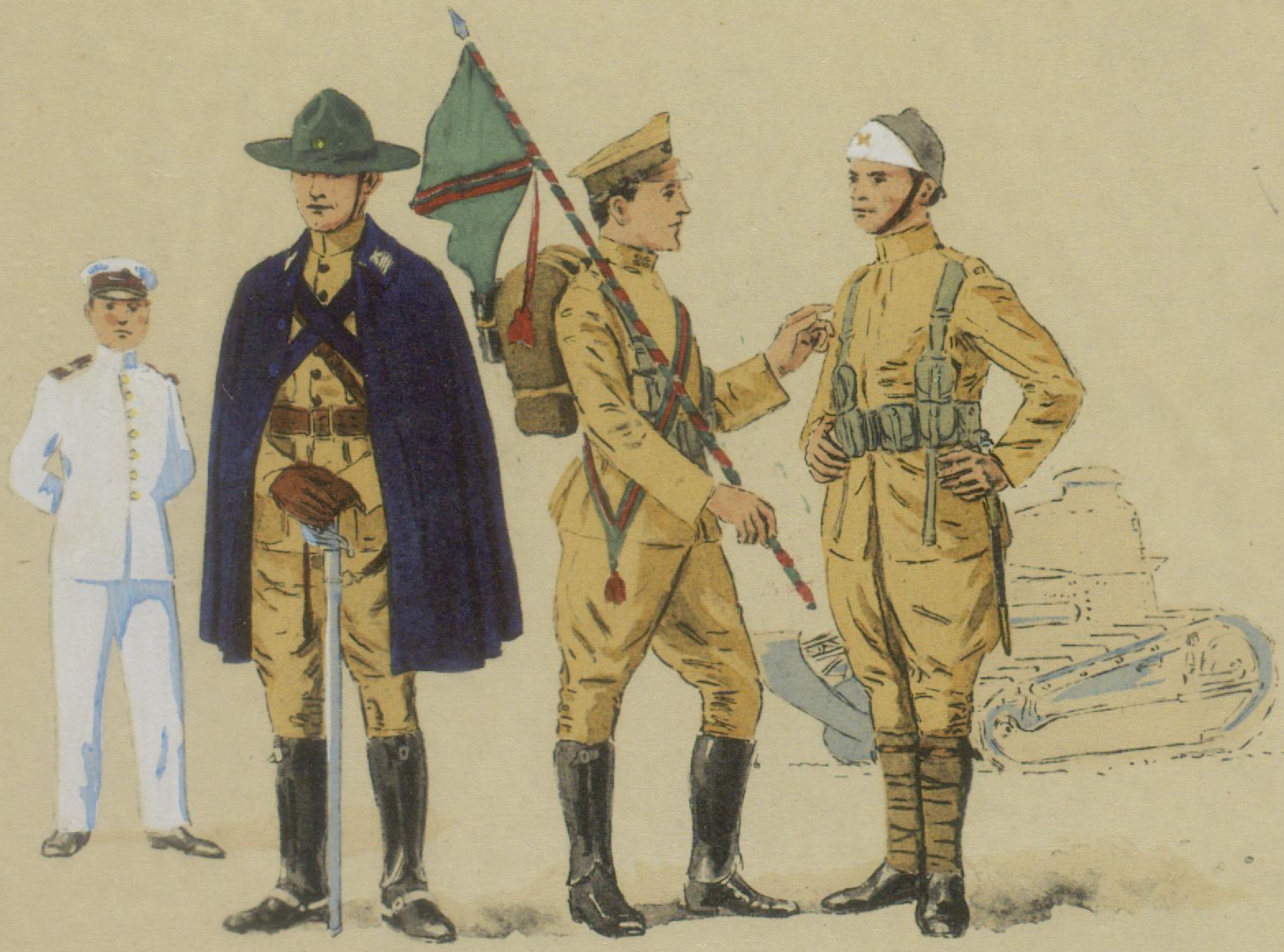
1921
Parada

211


Metralhadoras
Caçadores
Trem
Coll. Militar

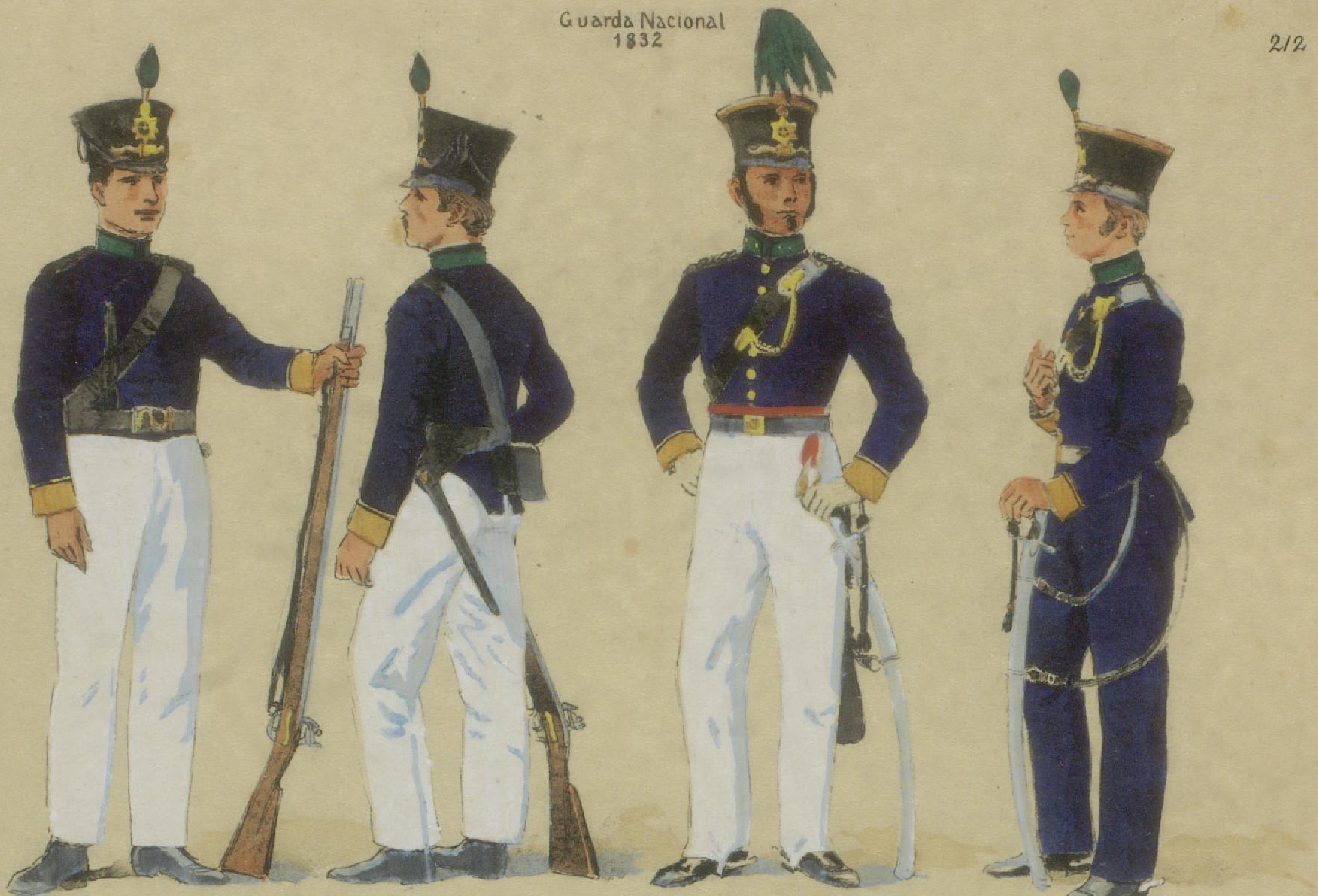
1921-1922

211-A



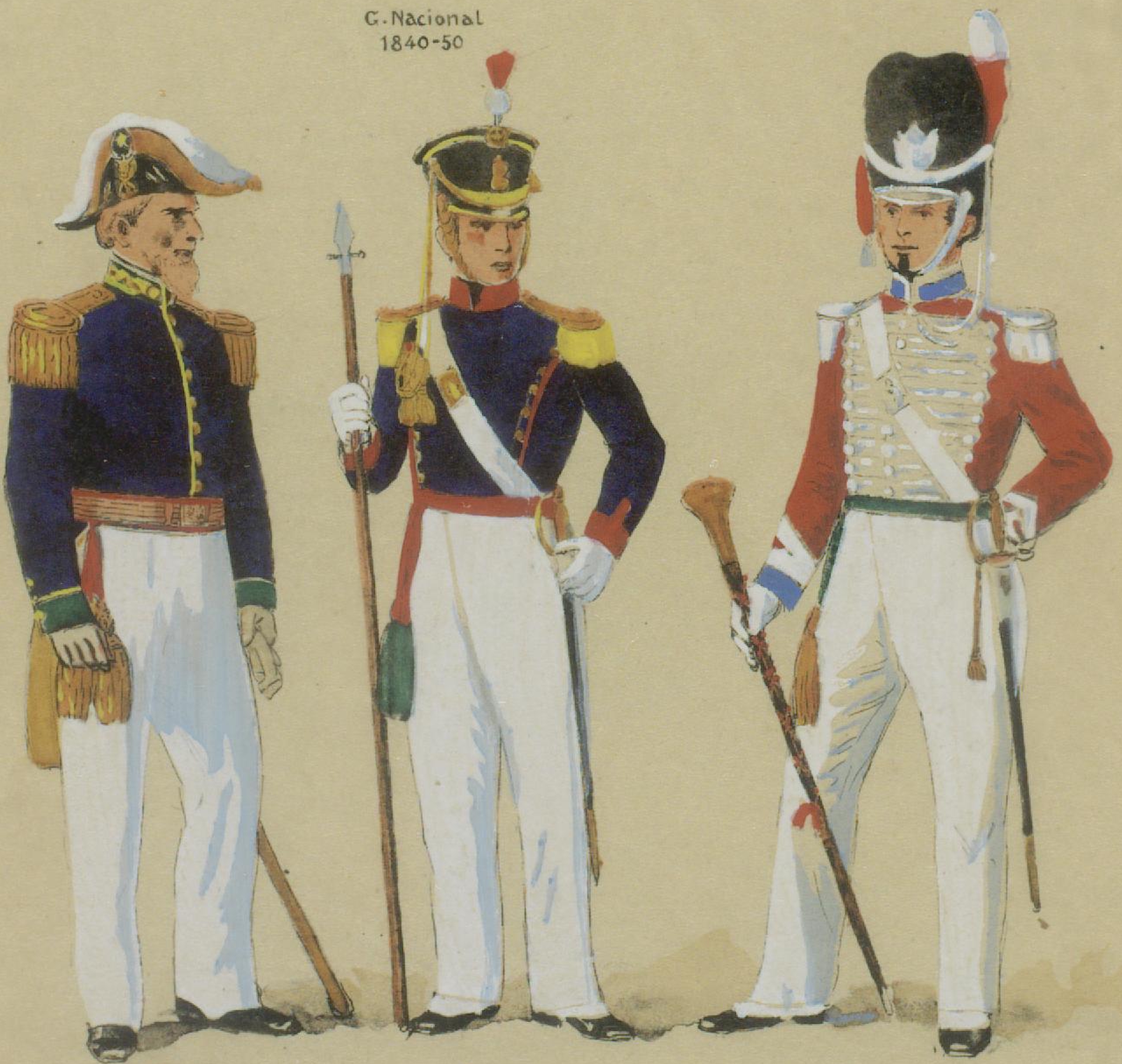
Guarda Nacional
1832

212


Infanteria
Cavallaria

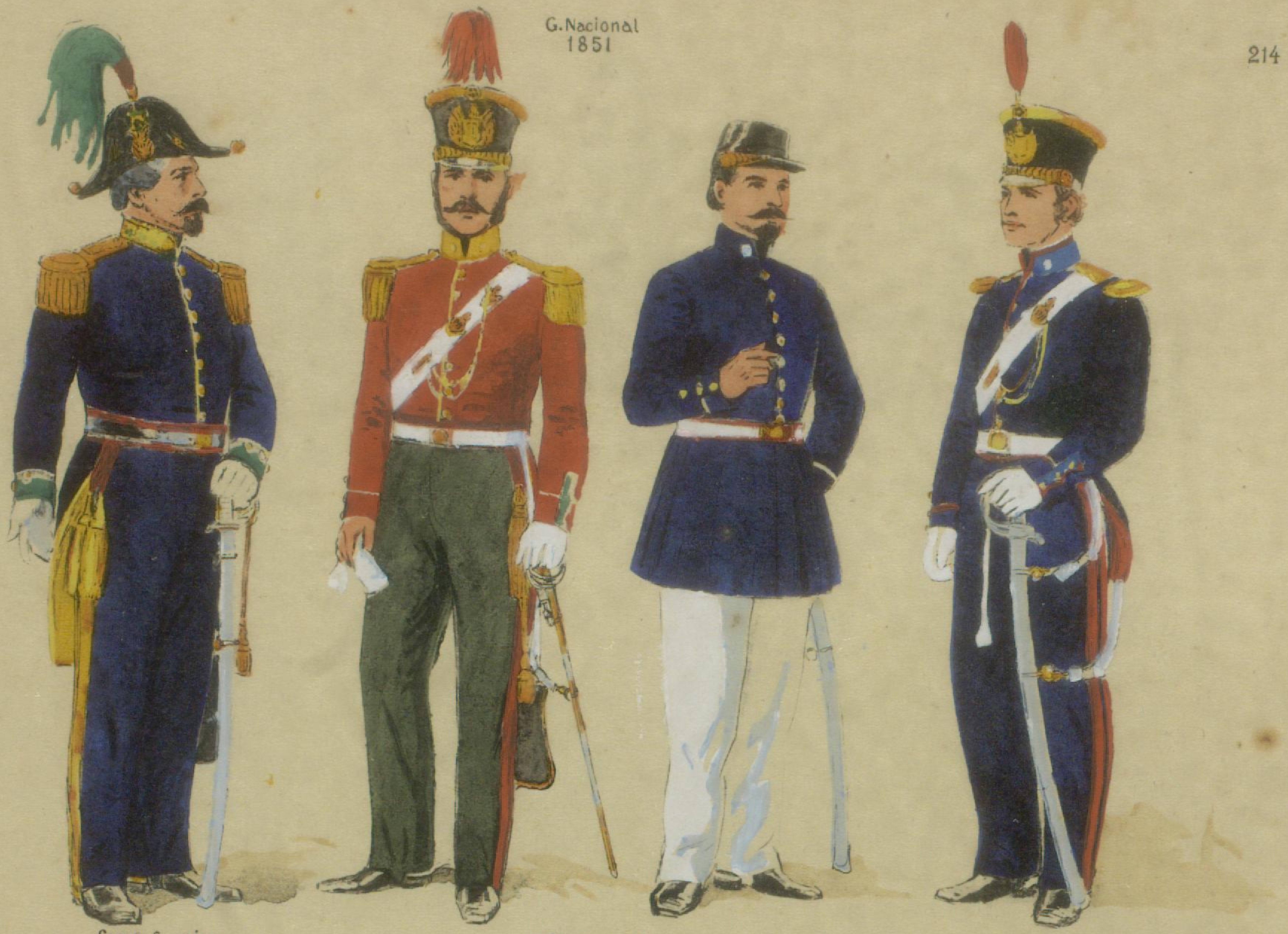
G. Nacional
1840-50

213


Coronel
Sargento
Tambor-mor

G. Nacional
1851

214



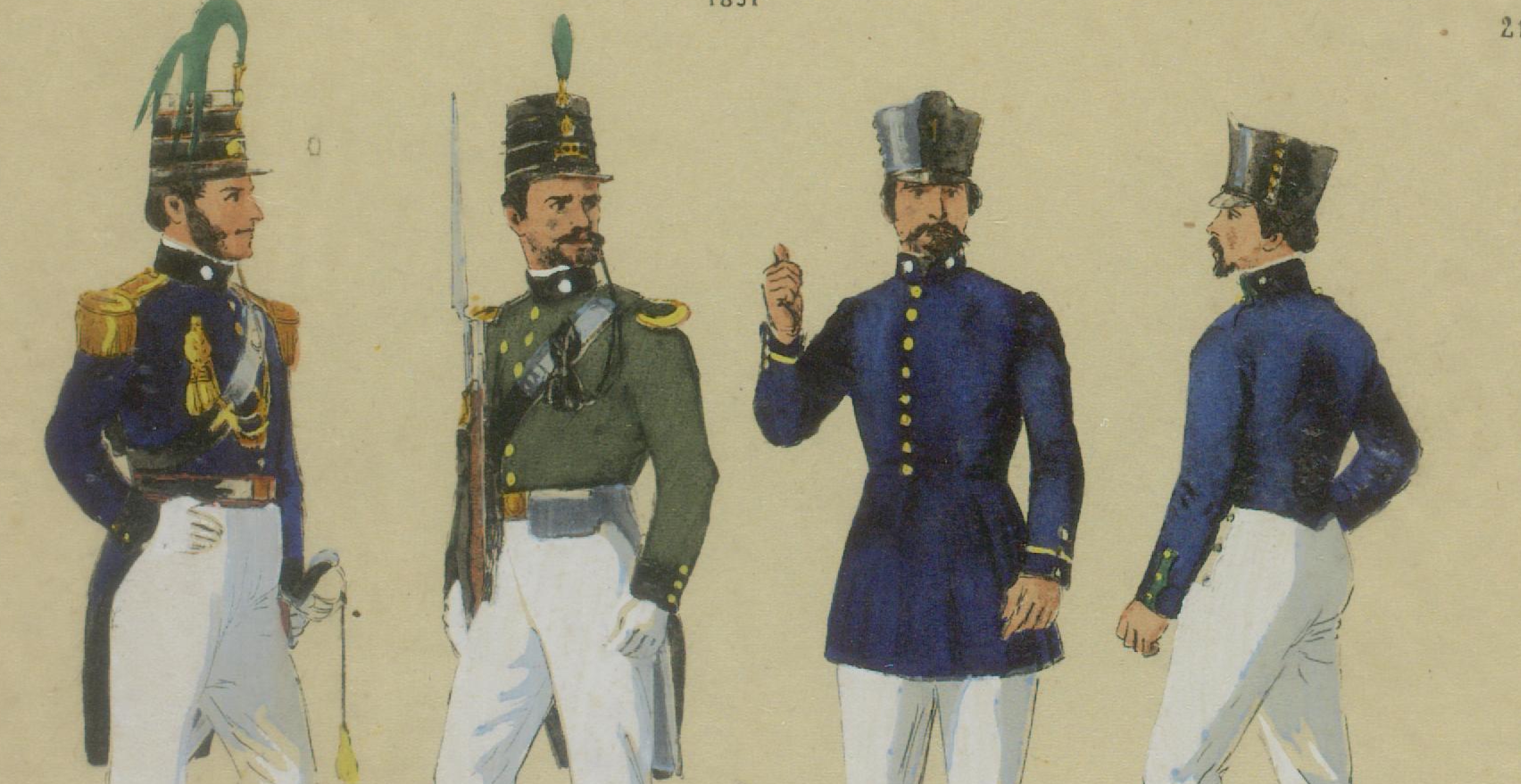
Comm. Superior

1º R. de Cavall.

2º R. de Cavall.

G. Nacional
1851

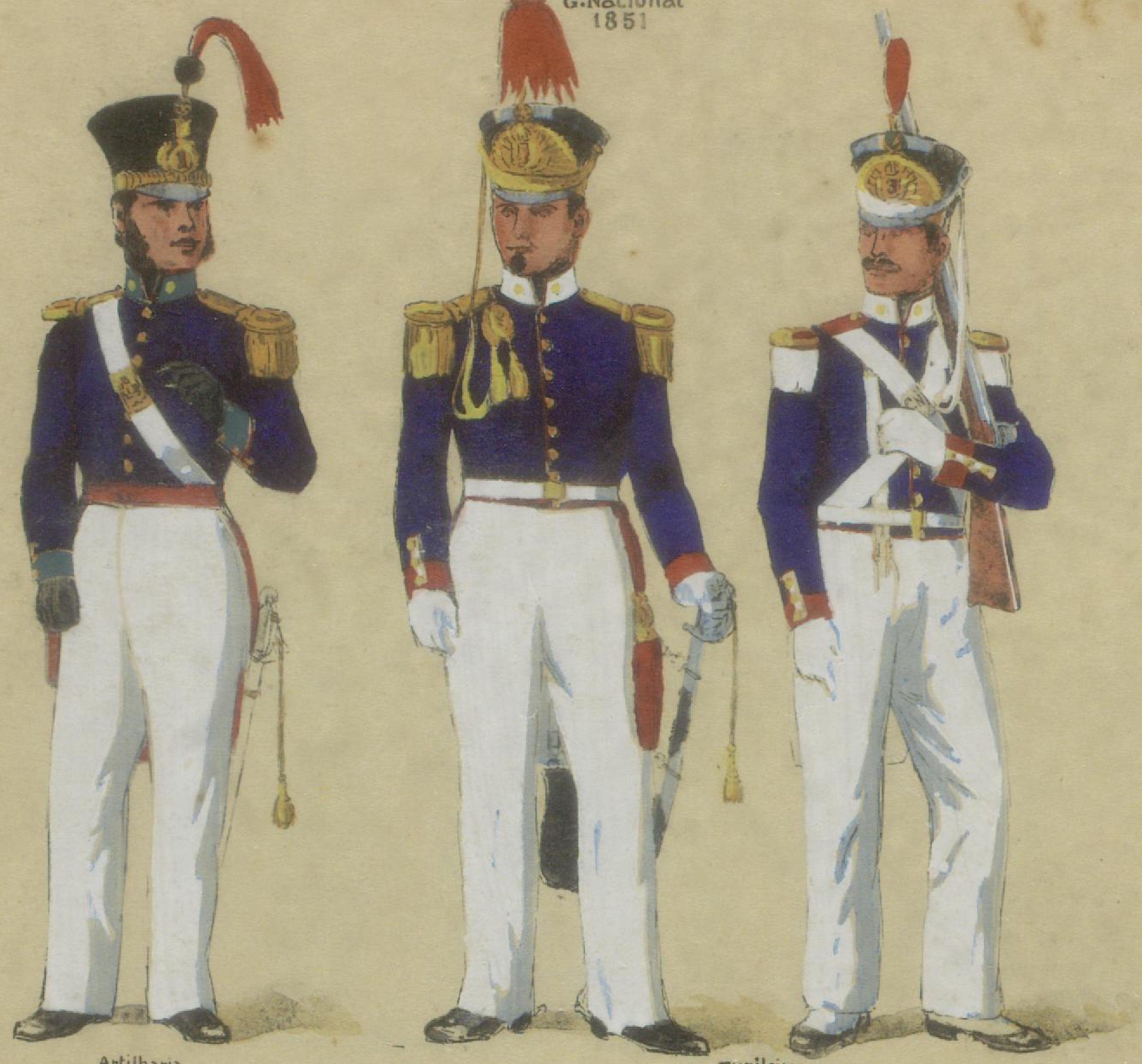
215



Caçadores

G. Nacional
1851

216

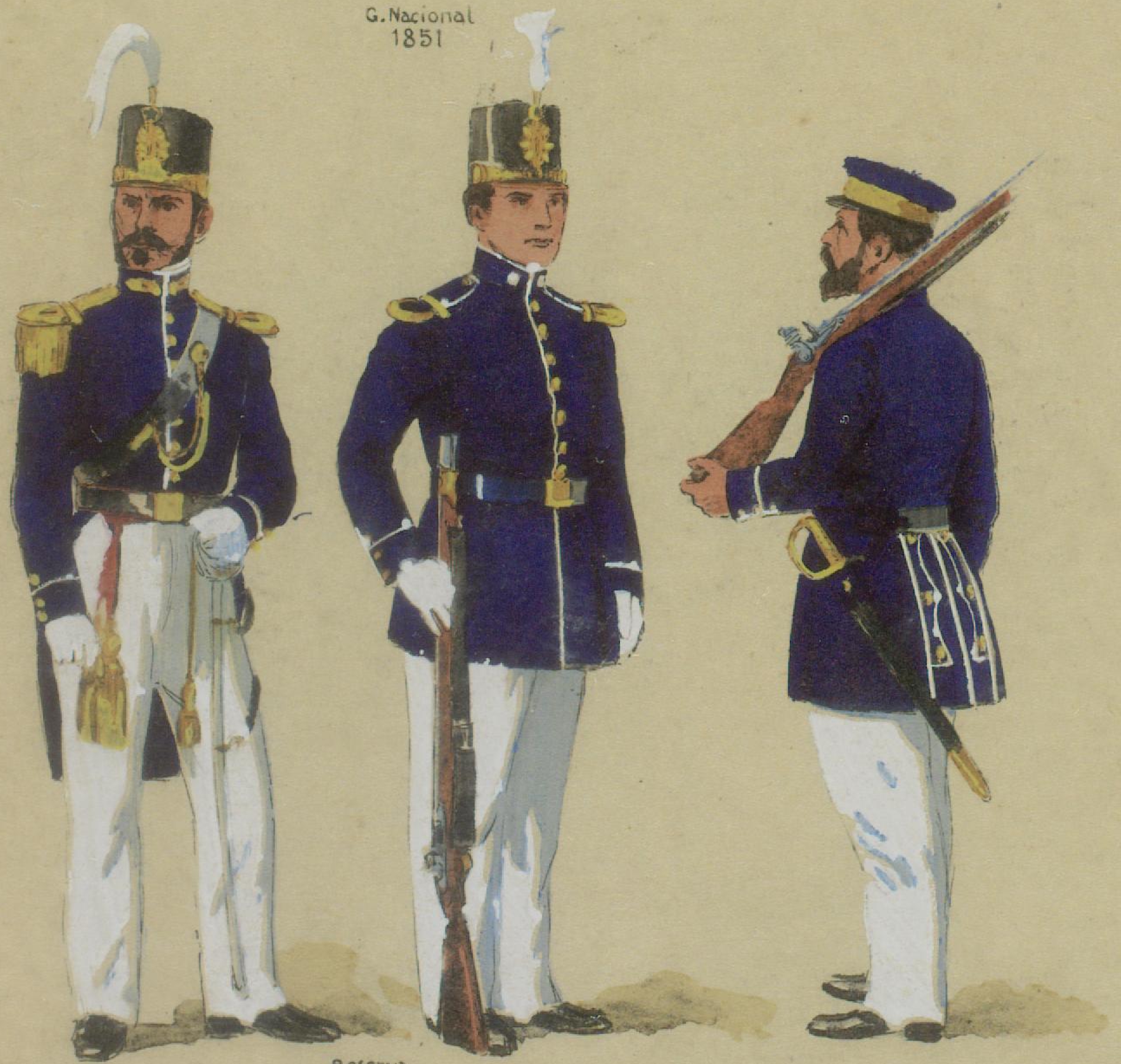


Artilharia

Fuzileiros

G. Nacional
1851

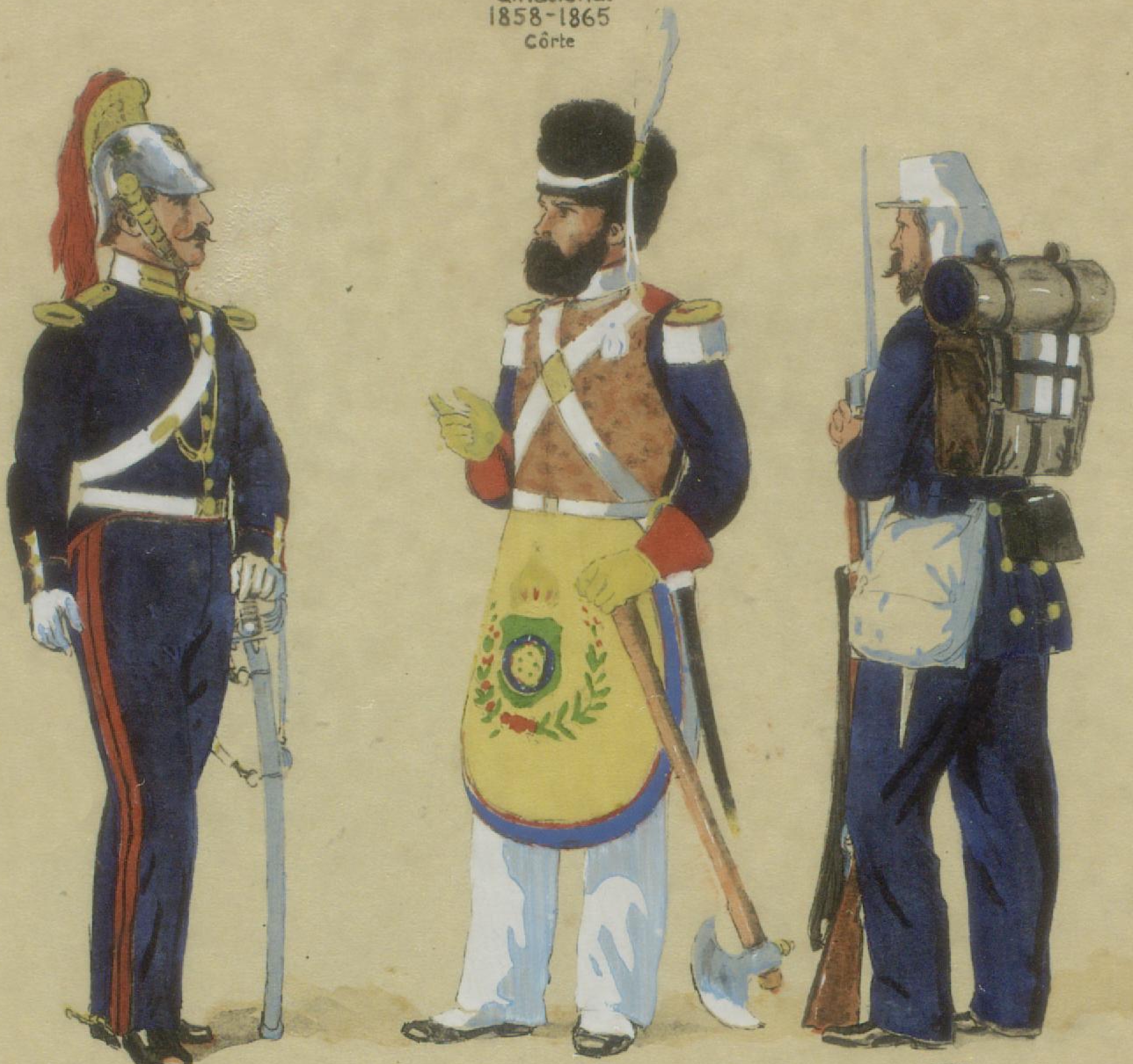
217



Reserva

218

G. Nacional
1858-1865
Côrte

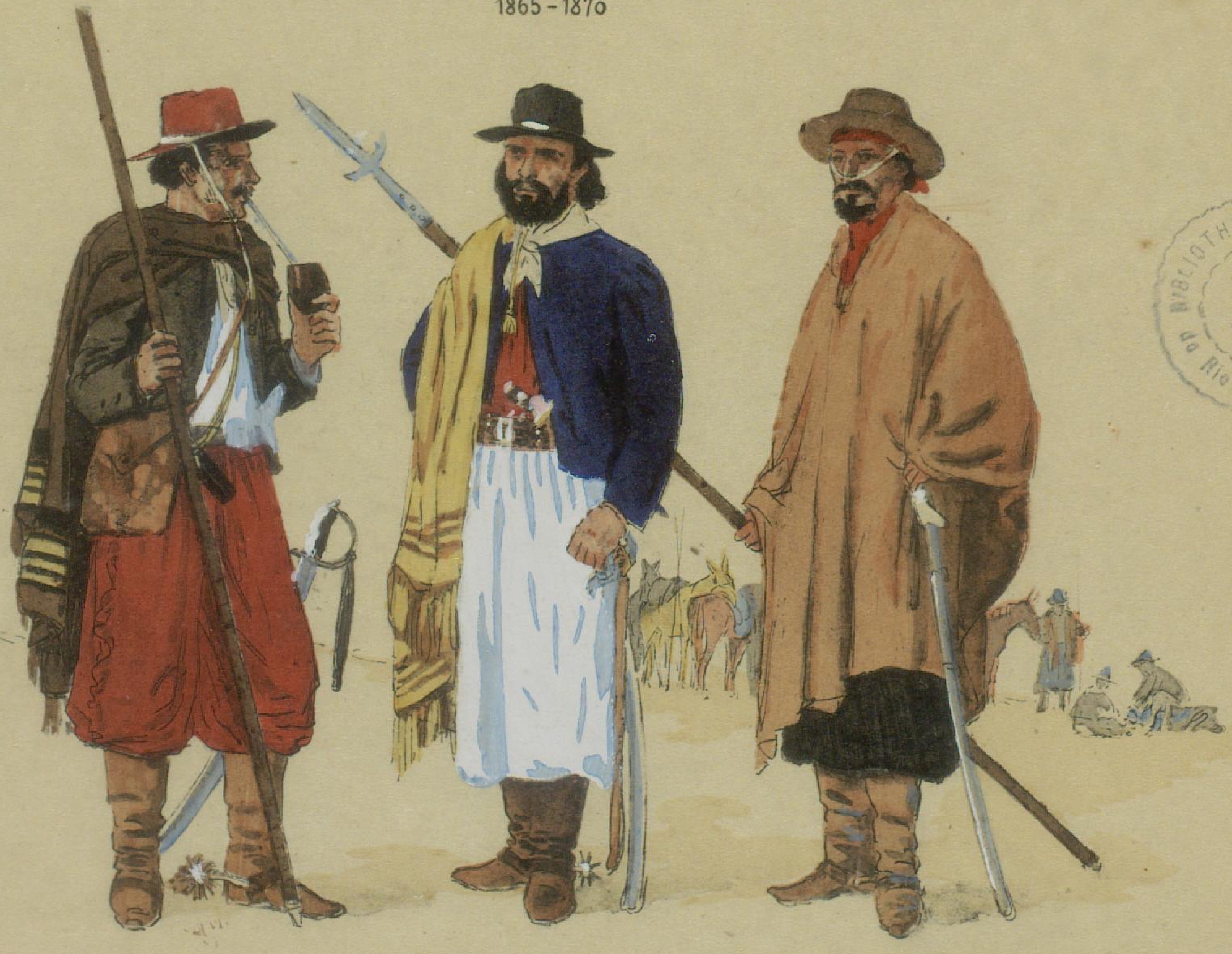


1ºR. Cavall. 1858

1865

219

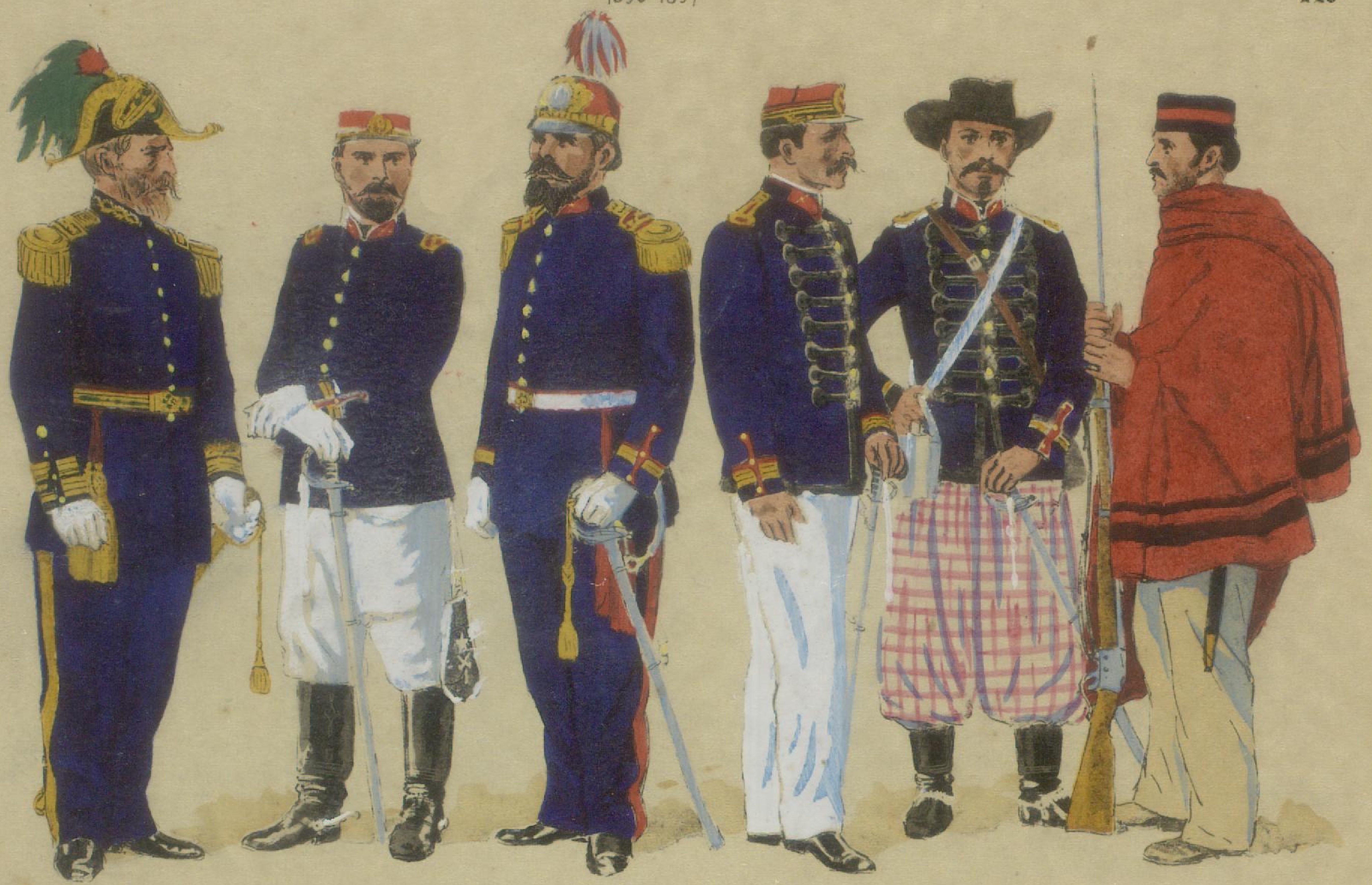
Corpos Provisorios de Cavallaria
da Guarda Nacional
1865-1870



Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro R

G. Nacional
1890-1897

220



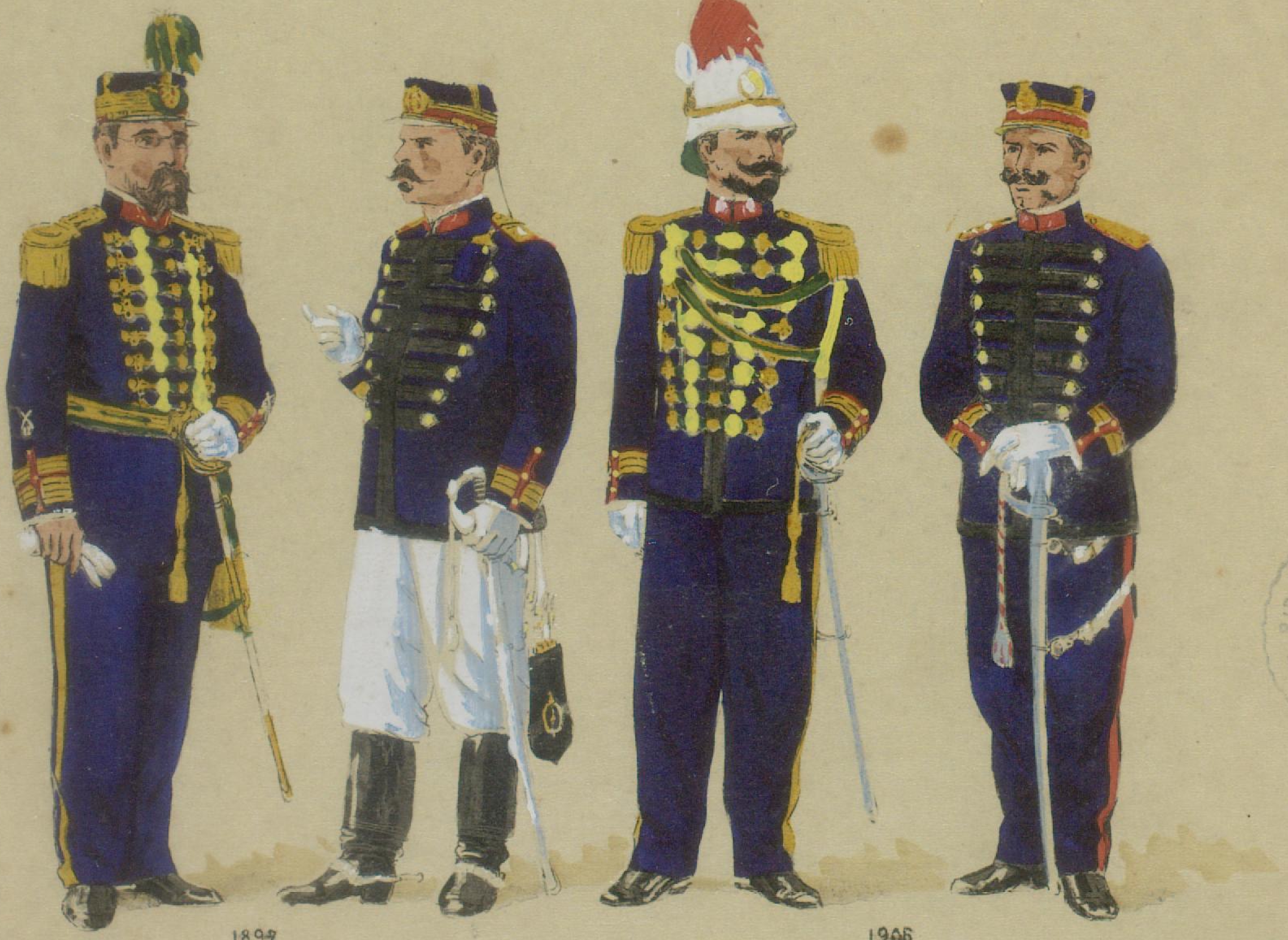
Est. Maior

Off.es de Infanteria

1893

G Nacional

221



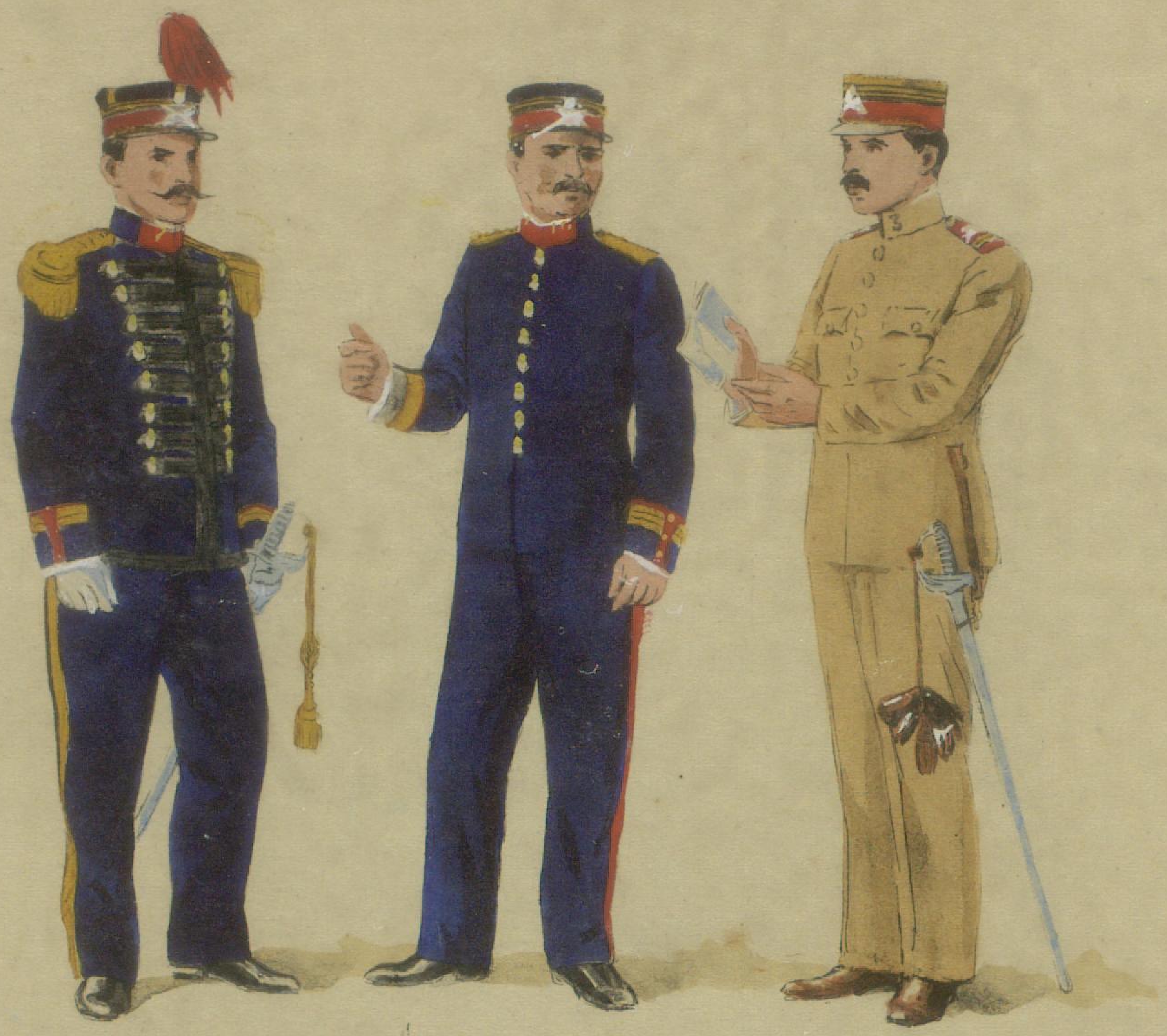
1897

1906

BIBLIOTHECA NACIONAL do Rio de Janeiro R

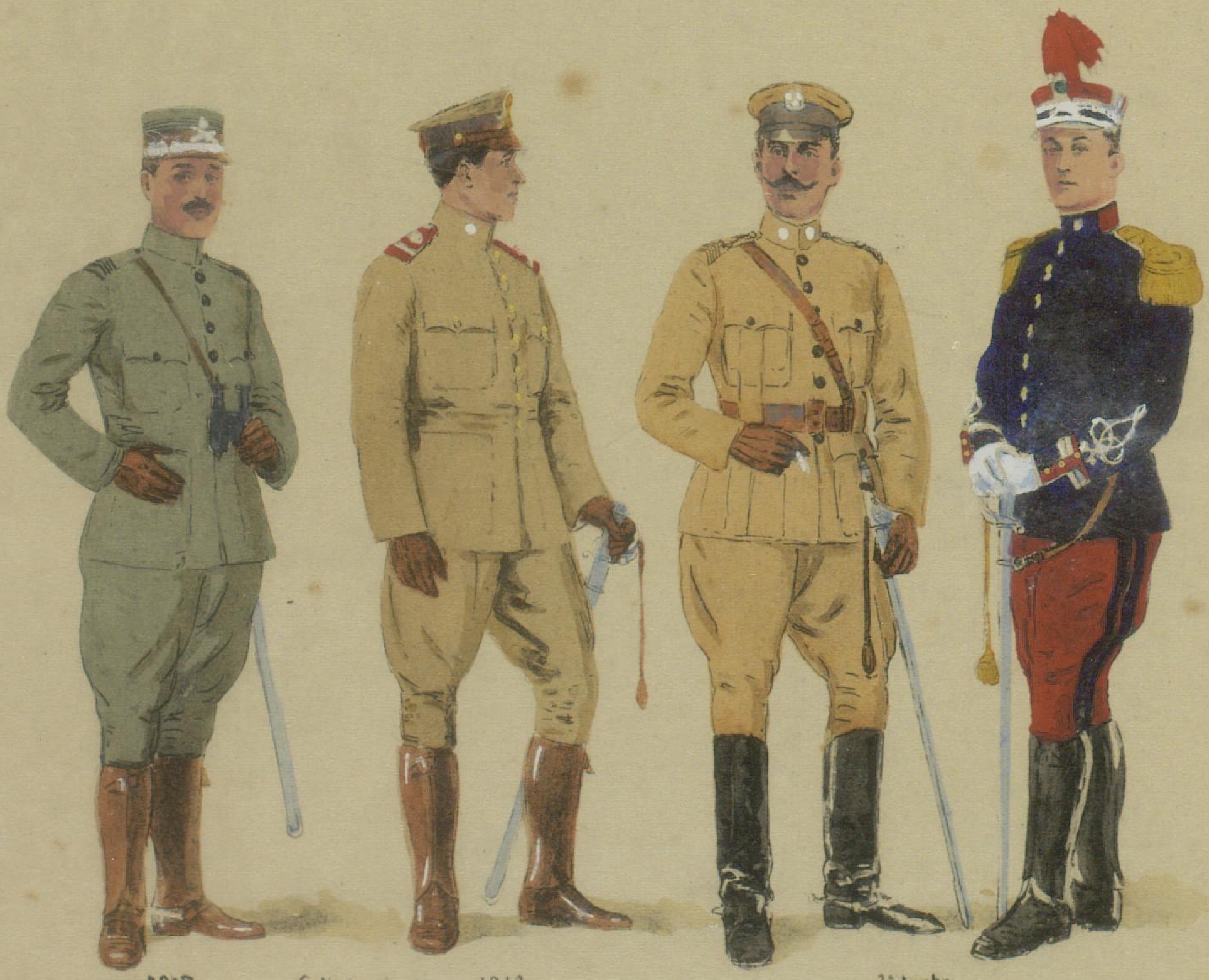
G. Nacional
1916

222



2ª Linha

223



1917 G. Nacional 1918 2ª Linha 1919